
"COM MAESTRIA, GILMAN
NOS FAZ PERDER O FÔLEGO"
THE TIMES
MESTRE
DA
GUERRA
UMA LENDA FORJADA EM BATALHA
DAVID
GILMAN
novo século

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Para Suzy, como sempre.

Mestre da Guerra
Master of War
Copyright © 2013 by David Gilman
Copyright © 2015 by Novo Século Editora Ltda.

GERENTE EDITORIAL
Lindsay Gois

EDITORIAL
João Paulo Putini
Nair Ferraz
Vitor Donofrio

GERENTE DE AQUISIÇÕES
Renata de Mello do Vale

ASSISTENTE DE AQUISIÇÕES
Acácio Alves

AUXILIAR DE PRODUÇÃO
Luís Pereira

TRADUÇÃO
Caio Pereira

PREPARAÇÃO
Gleice Couto

PRODUÇÃO EDITORIAL
SSegóvia Editorial

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Vanúcia Santos (AS Edições)

REVISÃO
Thiago Fraga e Alline Sales (AS Edições)

MONTAGEM DE CAPA
Equipe Novo Século

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gilman, David
Mestre da guerra
David Gilman; [tradução Caio Pereira].
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2015.

Título original: Master of war

1. Ficção inglesa. I. Título.

14-10120 CDD-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura inglesa 823

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.
Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323
www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

E-ISBN: 978-85-428-0538-3

Agradecimento

Devo agradecimentos especiais a Nic Cheetham e seu entusiasmo irrestrito para com *Mestre da guerra*. Criar dois romances a partir do rascunho inicial, como ele sugeriu, foi uma enorme empreitada, mas todos na editora Head of Zeus foram muito generosos ao elogiar e apoiar este livro e o restante da série. Fico extremamente feliz por fazer parte desta nova aventura. E a meu amigo e editor "não oficial", James McFarlane, grande comentarista cujas consideráveis sugestões aperfeiçoam o meu trabalho.
Como sempre, um muito obrigado à minha incansável agente literária, Isobel Dixon, e a todos da Blake Friedmann Literary Agency 3940.

David Gilman
Devonshire, Inglaterra
www.davidgilman.com
Siga-me no Twitter: davidgilmanuk

Parte Um
A iniciação

Parte Dois
Espada do Lobo

Parte Três
SUSERANO

Parte Um

A iniciação

Capítulo um

O Destino, com seus companheiros de viagem Má Sorte e Tormento, bateram à porta de Thomas Blackstone na manhã fria e enevoada do dia de São William, em 1346.

Simon Chandler, capataz da mansão de Lord Marldon e mensageiro autointitulado, não tolerava más intenções dos empregados de seu mestre. Um aviso ao jovem pedreiro do mandado expedido para a prisão de seu irmão o colocaria em boa posição com relação ao seu senhor e o faria parecer menos avarento do que era. Uma chance para o garoto escapar da forca. E à forca ele iria, sem dúvida, pelo estupro e assassinato de Sarah, filha de Malcolm Flaxley, do vilarejo vizinho.

– Thomas? – Chandler chamou, atrelando seu cavalo ao pau de arrasto. – Cadê aquele estúpido maldito do seu irmão? Thomas!

A casa, de seis metros de comprimento, possuía apenas um cômodo, as paredes precárias feitas de argila e palha misturadas a esterco de animal, o forro inclinado montado com junco da região, já velho e coberto de musgo. A fumaça escapava por uma abertura no teto. Chandler baixou a cabeça na beirada do telhado e bateu na porta presa por dobradiças de ferro. Uma figura emergiu em meio à névoa ao lado do casebre.

– Chegou cedo, Mestre Chandler – disse o rapaz, com um feixe de madeira cortada embaixo do braço. Ele fitou com prudência o capataz de Lord Marldon. Não havia uma boa justificativa para que o homem estivesse ali. Então, só podia significar problemas.

Thomas Blackstone era muito alto e, por ter trabalhado na pedreira desde os 7 anos, tinha a constituição física de um homem crescido que usara seu corpo incansavelmente no trabalho pesado. Os cabelos negros enquadravam um rosto franco, seus olhos castanhos não refletiam maldade de espírito. Magro como o resto dele, pela ação do tempo ganhara um tom que quase combinava com seu

justilho de couro. Parecia ter mais do que seus 16 anos de idade.

– Vim aqui avisar você. Tem um mandado de prisão para o seu irmão. Os homens do xerife já estão a caminho. Você não tem muito tempo.

Blackstone passou o olhar pelos arredores, cobertos pela névoa; mais uma hora e o sol da manhã a secaria. Procurou escutar barulho de cascos de cavalo. Os cavaleiros viriam pela trilha esburacada, as pedras soariam com o impacto das ferraduras de metal. Tudo estava quieto, a não ser por um galo amanhecido. O casebre situava-se distante da periferia do vilarejo; se ele quisesse fugir, poderia levar o irmão pela floresta, além dos montes, sem ser visto.

– Acusado de quê?

– Estupro e assassinato de Sarah Flaxley.

Blackstone sentiu um solavanco no estômago. O rosto não demonstrou nada.

– Ele não fez nada de errado. Não precisamos fugir. Obrigado pelo aviso – disse o rapaz, deitando os pedaços de madeira ao lado da porta da frente.

– Por Cristo, Thomas. Sei que o senhorio não gostaria que nenhum mal caísse sobre seu irmão. Você toma conta dele, e o senhor sempre os viu com bons olhos desde a morte de seu pai, mas você será considerado igualmente responsável. Será enforcado junto com ele.

– Aquele seu primo ainda está querendo montar fazenda aqui? Seria conveniente que Richard e eu fôssemos para os montes, como fugitivos. Nossos dez acres o serviriam bem.

Chandler ficou aturdido pela veracidade da acusação.

– Você é um tolo! Lord Marldon não pode protegê-lo agora.

– Meu senhor sempre disse que um homem não tem nada a temer se for inocente.

Chandler liberou as rédeas do pau de arrasto e subiu na sela.

– Lembra-se de Henry Drayman?

Era um homem detestado ao longo de doze vilarejos do condado. Um brutamonte de seus vinte e poucos anos que fazia de tudo para ganhar fácil, fosse na briga de galo, fosse no jogo de dados. O irmão de Blackstone havia ganhado dele repetidas vezes nas competições de arco e flecha, mas a humilhação de Drayman fora completa na Páscoa anterior, quando Richard derrotou o outro na luta livre. Vencido por um rapaz quase dez anos mais jovem, ele jurara vingança e, de algum modo, devia estar fazendo isso agora.

– Aquela aberração do seu irmão vai ser pendurada numa corda amanhã. Vai se cagar de medo. Aquele estúpido maldito.

Blackstone deu um passo à frente e, sem dificuldade, pegou as rédeas do cavalo. Girou-as, prendendo as mãos de Chandler, que arderam devido ao contato com o couro. O homem se retraiu.

– Respeito seu ofício, Mestre Chandler. Você serve ao senhor com diligência, mas eu imploro para que lhe assegure que nem eu nem meu irmão trouxemos vergonha alguma ao nome dele.

Ele soltou as rédeas. Chandler virou o cavalo ao lado oposto.

– Pegaram Drayman com as fitas de cabelo dela. O corpo foi encontrado na plantação de milho do pai. Era lá que você a levava, não? E seu irmão? Cristo, a vila toda fornicava com ela, mas Drayman confessou o crime antes de ser enforcado ontem.

Blackstone sabia que não havia mais como escapar do julgamento do xerife. Um homem condenado à morte podia acusar seus inimigos em apelação – envolvendo outra pessoa no próprio crime. A tortura era ilegal desde o rei Eduardo III, mas aqueles que detinham o poder e a autoridade da aplicação da lei local jamais evitariam usá-la para conseguir uma confissão. Depois de uma semana preso, nu a uma estaca, mergulhado no próprio excremento, faminto e sedento, o fato de ser espancado pelos homens do xerife enfim acabara com os miolos de Drayman e lhe afrouxara a língua. Seu destino estava selado, mas ainda havia astúcia suficiente por debaixo da dor e do sofrimento. Ele deixaria este mundo levando alguém consigo. Um inimigo. Aquele que o humilhara, cujo nome estava gravado em seu coração como se o próprio pedreiro o tivesse talhado ali.

Chandler sorriu.

– O preço da lã está subindo. Meu primo vai trazer as ovelhas dele para o seu terreno daqui a uma semana.

E atiçou o cavalo para sair dali.

A fumaça da madeira, presa pela névoa, procurava escapar. Não havia como. Blackstone sabia que o morto deflagrara sua vingança. O som das ferraduras dos cavalos chegou até ele.

Era tarde demais para fugir.

Blackstone teve tempo de aconselhar o irmão a não resistir aos homens armados que viriam prendê-lo. Richard soltou um resmungo gutural, seu jeito de confirmar que compreendera. Seu irmão e guardião era a única fonte de conforto que o menino surdo-mudo tivera na vida. Não passava de burro de carga para os outros, alvo de brincadeiras de mau gosto e aporrinhações. Não fosse Thomas, Richard Blackstone poderia ter usado sua força para lutar contra e matar seus perseguidores. O tamanho do garoto e sua grande cabeça quadrada, com nada além de uma cobertura esmaecida, confirmava para todos nos vilarejos dos

arredores que ele não passava de uma aberração. O queixo torto conferia ao rosto um permanente sorriso idiota.

Tiveram de abrir a mãe para tirar o bebê de dentro dela, e ela morreu em questão de horas, devido à perda de sangue. A criança nascera grande, mas não chorou nem mostrou sinal algum de reação à luz da tocha que lhe passavam na frente do rosto. A parteira do vilarejo que ajudara Annie Blackstone a trazer aquela criatura imensa ao mundo dissera que o infante silencioso devia ser deixado ao relento para morrer. Torturado pela perda da esposa, Henry Blackstone concordou. Já tinha um filho de 2 anos para criar. Aquele bebê monstruoso seria abandonado na natureza. Foi um vento amargo o que soprou do leste no outono de 1332. A plantação de cevada falhara mais uma vez, a seca sufocava a terra e o ar frio descia à noite numa geada fora de época capaz de causar câimbras no corpo faminto de um homem. À meia-noite, o luar clareava o solo luminoso. O pai da criança desprezada caminhou por sobre os restolhos de milho e encontrou o filho ainda vivo. Um anel em torno da lua cintilou, um sinal do casamento celestial entre céu e terra, e Henry Blackstone ergueu a criança do solo gelado. A esposa ensinara ao guerreiro que a ternura não o enfraqueceria, e que seu amor o aliviara da brutalidade da guerra. Ele ergueu o corpo frio e o trouxe para perto do peito nu, envolveu-o num cobertor e colocou mais toras no fogo.

Era filho dele. Tinha o direito de viver.

Os homens do xerife levaram os irmãos, amarrados e presos pelos pulsos, na caçamba de uma carreta, cruzando aldeias e vilas até o mercado da cidade. As rodas de aro de ferro crepitaram ao longo do mercado esburacado, em direção às celas da prisão da cidade, e passaram pelo corpo de Drayman, pendurado na forca. Os corvos já haviam removido seus olhos, e a carne cutucada mostrava os ossos em alguns pontos. A língua fora arrancada por bicos vorazes.

Os soldados jogaram os irmãos em jaulas de madeira, no canto mais gelado do pátio do xerife, onde o calor do sol não penetrava. O menino murmurou um choramingo quase animalesco, questionando o irmão.

Ao longo dos anos, Blackstone e seu pai desenvolveram um método de comunicação com o irmão deficiente, usando simples gestos para acalmá-lo e explicar os fatos. Aonde devia ir, o que devia fazer, e por que estranhos o fitavam e as crianças puxavam sua camisa. Os moradores locais pararam de mexer com ele quando passou a novidade, e a força do menino e sua habilidade

com o arco tornaram-se aparentes nas feiras do condado. Podiam considerá-lo o idiota da vila, mas era o idiota da vila *deles* e trazia vitórias. Moravam em casebres, morriam jovens de doenças, trabalho duro e guerra – mas Richard Blackstone, o menino esquisito, dava-lhes, com seu sucesso, o único *status* que tinham.

Não havia inteligência adormecida dentro do menino desajustado; seus olhos e sua mente eram afiados como ponta de flecha. O fato de ser preso ao silêncio não era indicativo algum de que sua mente era deficiente, assim como a fala e a escuta. Ele mantinha um olhar fixo sobre o irmão mais velho e se guiava por suas instruções, motivo pelo qual ele sempre andava um passo atrás de Blackstone.

O menino suportou a provocação dos guardas, que metiam as lanças por entre as barras, forçando-o ao canto da jaula, mas não pôde escapar do homem que urinou sobre ele, encolhido para evitar as pontas das lanças. Deu para ver o rosto de Thomas contorcido de raiva quando ele agarrou as barras, mostrando os dentes.

– Deixem-no em paz, seus malditos! – Blackstone gritou e levou um golpe da ponta cega de um cabo de lança.

Contudo, não era assim tão divertido atormentar a criatura, e os guardas logo voltaram a seus postos. O menino, fedendo a xixi, fitou o irmão e compreendeu o olhar de angústia no rosto dele, e sua incapacidade. O queixo torto de Richard abriu-se num sorriso ainda mais amplo. Esses eventos não eram novidade. Ele baixou as calças e mostrou as nádegas, desprezando os carcereiros.

Thomas Blackstone riu.

– Você está numa bela de uma enrascada e não há muito o que eu, ou o senhorio, possamos fazer para salvar seu pescoço da forca. O julgamento será hoje – disse o homem de armas de Lord Marldon, Sir Gilbert Killbere. – Você sabe tão bem quanto eu que seu irmão passou mais tempo afogando o ganso com Sarah Flaxley do que todo mundo nesta porcaria de condado. – Sir Gilbert estava ao lado das jaulas. – Estou aqui para exercer alguma influência no que puder, mas o senhor não vai pagar a fiança ao xerife, que é mais um suborno, para soltar vocês, e ouso dizer que vocês não têm nem dois centavos para esfregar um no outro.

Sir Gilbert pegou o cinto e o ajustou melhor na cintura, apertando a jaqueta acolchoada, o que enfatizou a largura dos ombros. Era quase tão alto quanto Blackstone, mas o soldado não tinha os traços belos do rapaz, embora não

quisesse que fosse diferente – o rosto manchado de Sir Gilbert era um adendo à sua reputação temerária. Aos 36 anos, era conhecido por sua habilidade com espadas e lanças, e não havia homem disposto a desafiá-lo por falar com os prisioneiros sem a permissão do xerife. Que ele, por sinal, não tinha.

Blackstone meneou a cabeça.

– Meu irmão é inocente. Ele não matou Sarah Flaxley, você sabe disso, Sir Gilbert.

– Henry Drayman disse à corte que seu irmão estava junto dele quando ele a matou. Pelo amor de Deus, rapaz! Não seja tão inocente. Ele virou cúmplice e ponto-final. A justiça não tem nada a ver com a inocência, resume-se a encontrar um culpado para o crime. Não importa quem. O senhor está ofendido; a parede sul precisa de acabamento, e cá está você apodrecendo na cadeia do xerife quando devia estar cortando pedra. E tem mais questões que não lhe dizem respeito, por ora. Faz uma semana que você está aqui, e eu fui arrastado das minhas atividades. Você é um grande inconveniente.

– Desculpe, Sir Gilbert. Sei que você foi coletar o aluguel para o senhor.

– Estava sentado atrás de uma mesa, e não pense você que vou agradecer por me livrar disso, ou de escutar todo tipo de desculpa esfarrapada de por que camponeses sarnentos como você não pagam aquilo que devem.

– Sou um homem livre, Sir Gilbert. Desculpe-me se isso me torna inconveniente. – Blackstone arriscou um sorriso. O cavaleiro conhecera o pai dele e, com Lord Marldon, lutaram juntos nas guerras escocesas.

– É, você vai abrir outro sorriso nessa sua cara quando aquela corda apertar o seu pescoço, antes mesmo de acabar o dia. Cristo, seu irmão deve ter metido a flecha dele mais vezes do que consigo imaginar. Quantas vezes o pai da menina pagou multa? – ele perguntou, referindo-se à multa, chamada de taxa por alguns, cobrada, pelo senhor ou abade local, de pobres mulheres consideradas culpadas de fornicação. – Treina-se um cão açoitando-o. Ele não bateu o bastante naquela cadela. O condado todo sabia que ela era uma puta, e que você e seu irmão pagavam para ela.

– Pode nos ajudar, Sir Gilbert?

Sir Gilbert fez que não.

– Não sei. Estupro e assassinato. Você viver em liberdade nos domínios do Lord Marldon dá chance aos inimigos dele de cutucá-lo nos olhos. Meu Jesus, não é por causa da perda do lucro que a piranha dava, não?

– Meu irmão derrotou Drayman na feira da Páscoa. É disso que se trata. Ele não merece morrer pelo acontecido.

– É você quem cuida dele. A responsabilidade vai recair sobre você. Talvez eu possa salvar você, mas não ele. Cristo, eles o colocariam para correr de um

touro e soltariam os cachorros atrás se pudessem. A forca é um fim misericordioso.

Meia dúzia de guardas se aproximou, não davam trégua ao menino grandalhão.

– Precisamos levá-los, Sir Gilbert – disse um dos homens à frente.

Sir Gilbert mal se moveu.

– Esperem, ainda não terminei.

O guarda estava prestes a dizer algo, mas mudou de ideia quando o cavaleiro o encarou. Sir Gilbert retornou sua atenção para Blackstone.

– Sabe ler?

– Sir Gilbert?

– Você frequentou uma droga de curso de aprendiz desde os 7 anos, seu pai pagou um bom dinheiro por ele. Devem tê-lo ensinado a ler.

De quantos livros Blackstone se lembrava? Entendia de geometria mais do que qualquer livro didático, mas não era muito de ler. Precisava apenas de bons olhos, uma linha de prumo e um par de mãos habilidosas para cortar pedra.

– Um pouco – ele respondeu.

– Os clérigos na escola não lhe ensinaram nada quando era criança?

Na escola da vila, ele aprendera a escrever o nome e algumas letras. Trabalhar era mais importante do que aprender.

Blackstone fez que não.

– Santo Deus! Que perda de tempo. – Sir Gilbert chutou as barras da jaula, frustrado. – Se sua mãe tivesse vivido, teria lhe ensinado alguma coisa. Não posso ajudá-lo. Vou falar em prol de você e seu irmão resmungão.

Blackstone rezara para que a presença de Sir Gilbert fosse sinal de esperança, mas compreendera que ele e o irmão engasgariam até morrer, chutando o ar, para divertimento da multidão, antes que o sol subisse além da torre da prisão. O cavaleiro acenou com a cabeça para os soldados e deu um passo para trás, vendo os irmãos sendo puxados grosseiramente das jaulas, depois cutucados e empurrados em direção à corte do xerife – o tribunal onde se lidava com casos sérios, com a presença dos juízes no condado, ávido por limpar todo acúmulo de criminosos e esvaziar as prisões. A clemência raramente aparecia nos registros do tribunal.

Conforme os irmãos baixaram as cabeças para passar pela porta, viram dois soldados arrastando consigo uma menina de menos de 10 anos. Um soldado riu e disse para o outro:

– Elas dançam ainda mais na ponta da corda quando são novinhas assim.

A criança parecia aturdida, mas se deixou levar em direção à praça da cidade, onde permaneciam os restos apodrecidos do homem, ainda pendurado na

forca. Blackstone sentiu uma pontada de remorso por ela – mais do que por si mesmo e pelo irmão.

– Que foi que ela fez? – ouviu-se perguntar. Enforcamentos eram eventos bastante comuns, embora ele e o irmão não os vissem muito na vila. O guarda pareceu surpreso pelo rapaz ter se interessado em questionar.

– Roubou um pedaço de fita de sua senhora – disse ele, empurrando os irmãos para dentro da sala de julgamento.

A zombaria usual contra o irmão de Blackstone ocupou os primeiros minutos do julgamento. Foi dito que a criatura resmungona e incoerente que ocupava o banco dos réus era uma afronta às pessoas de bem do condado e que permitir que tal besta andasse solta, em meio à gente decente, constituía ameaça pública. Além disso, a responsabilidade de controlar o monstro cabia exclusivamente a Thomas Blackstone. E como um homem seria punido pelo comportamento da esposa, sendo ela de propriedade dele, Thomas também era o responsável por essa criatura e deveria pagar pelo crime cometido contra Sarah Flaxley.

Não passou de um monólogo de condenação e insulto, e serviria apenas para ser anotado nos registros do tribunal como o motivo pela execução dos irmãos.

O juiz olhou ao redor da sala apinhada. Aquele seria um dia cheio, com mais de uma dúzia de casos para ouvir – e depois de dar um jeito nos criminosos daquela cidade, ele teria ainda que passar para o condado seguinte.

– Alguém responde pelos acusados?

Sir Gilbert adiantou-se.

– Sou Sir Gilbert Killbere, esses são homens livres do vilarejo de Sedley, que fica dentro da propriedade de meu senhor, Lord Ralph Marldon. Fui instruído para informar este tribunal de que esses homens contam com grande estima por parte de seu senhor e que ele não deseja vê-los punidos como cúmplices de um bosta como Drayman.

O juiz poderia ser subornado ou ameaçado, mas não cabia a Lord Marldon fazê-lo, e todos sabiam que Sir Gilbert era um pobre cavaleiro que sustentava sua posição devido à lealdade e às habilidades de luta.

– Não há evidência alguma que indique que essa criatura não estava envolvida no fato – disse o juiz, sabendo que o xerife tentara suborno e fora recusado, então não havia chance alguma de que fosse providenciado o montante maior que ele queria pedir para encerrar o caso. Suborno e extorsão eram prática comum para aqueles que exerciam a Lei Comum. Fosse juiz, meirinho ou

carcereiro, em qualquer elo da justiça o dinheiro podia salvar a sua pele. Quantas vezes um xerife não fez um condenado dedurar seus inimigos para depois extorquir dinheiro dos coitados em troca de suas vidas? A presença de Sir Gilbert servia apenas para fazer a petição de Lord Marldon soar mais tenra para os oficiais. Não oferecera proposta alguma de pagar para livrar os pescoços dos prisioneiros.

– Existe mais algum motivo justo pelo qual eles não deveriam ir à forca? – o juiz perguntou a Sir Gilbert.

– Você está a par do decreto que demanda que todo homem com um acre ou mais de terra, que ganhe mais de cinco libras por ano forneça um arqueiro para a campanha iminente do rei – disse Sir Gilbert. Ele olhou para Blackstone, cuja cabeça ergueu-se rapidamente para fitar o cavaleiro. Era a primeira vez que ouvia falar do decreto. Um arauto da cidade não visitava aldeias e vilarejos, e qualquer promulgação escrita não seria lida a não ser que um clérigo local a traduzisse, e o clérigo de Sedley estava em peregrinação para o papa, em Avinhão, e devia ter sido emboscado em Calais pelo bordel mais próximo. Estaria Sir Gilbert usando o decreto como meio de salvá-los?

– Esses dois são homens livres. Não estão ligados ao senhor, mas ele precisa de homens de armas e arqueiros para responder à ordem do rei de criar um exército. Thomas Blackstone é pedreiro formado e ganha cinco xelins por ano. Isso, somado à sua lã e às suas plantações, enquadra-o no montante requerido. Sua obrigação está clara. A vida dele é de necessidade do rei – disse Sir Gilbert.

– Existem arqueiros e cavaleiros suficientes na região para satisfazer às demandas do rei. Não vejo motivo para oferecer-lhe um idiota do vilarejo que, somente por sua presença, já seria uma afronta à Sua Majestade. Se for essa a única defesa, está negada.

Sir Gilbert não seria vencido por um juiz barrigudo, cheio de verrugas, que vivia bem à custa de suborno e autoridade.

– O menino não é nenhum idiota. Trabalhou a vida toda numa pedreira, é mais forte que muito homem crescido, e suas habilidades de arqueiro são famosas em três condados. O rei ficaria satisfeito de ver a habilidade dele bem empregada para matar os inimigos do reino.

O juiz apontou um dedinho grosseiro para Sir Gilbert. Homens de armas haviam lhe causado muito vexame em seus anos enquanto juiz. Combatentes acostumados com estupro e pilhagem durante a campanha costumavam roubar e matar quando voltavam. Ele mandava para a forca quantos cruzassem seu caminho. Aquele era perigoso. Ele conhecia a reputação violenta de Sir Gilbert e suas habilidades no combate, e desejou haver motivo para que ele também fosse acusado.

– A lei das cinco libras vale apenas para o território. O tolo não ganha nada, é apenas uma fera mantida para o trabalho na pedreira, como você mesmo admitiu. Que ele fornicava com a garota, todos sabiam. A vida dele chegou ao fim.

Sir Gilbert fitou o surdo-mudo, cujo queixo torto conferia-lhe ao rosto uma expressão caricata de tolo. O cavaleiro virou-se para o irmão mais velho e meneou a cabeça. Era visível que Blackstone estava pronto para avançar contra o tribunal. Sir Gilbert segurou-o pelo braço e, apesar da força do rapaz, deteve-o a tempo. A última coisa de que precisava era Thomas Blackstone ser condenado à morte por atacar um juiz de merda.

– Pense! – ele sussurrou com urgência. – Pense no que seu pai lhe ensinou! Ele era um soldado, pelo amor de Deus! Lord Marldon ensinou seu pai, seu pai deve ter lhe ensinado! Pense no Privilégio!

O pânico por sua falta de informação trancou a garganta de Blackstone. Sir Gilbert lhe dera chance de sobreviver.

– Determino a sentença contra esses dois homens – o juiz ordenou.

Blackstone libertou seu braço de Sir Gilbert.

– Eu reivindico o Privilégio Clerical! – gritou ele. Sir Gilbert sorriu. A vida de Blackstone estava em suas próprias mãos.

Um monge ou padre acusado de algum crime poderia salvar sua vida ao reivindicar o Privilégio, e um literato poderia invocar o mesmo direito. O risco era alto. Se o acusado fosse incapaz de ler algo da Bíblia aberta à sua frente, sua execução não poderia ser contestada. Se absolvido, ele seria colocado aos cuidados do clero e julgado nas cortes eclesiásticas. Havia rumores de que, muito frequentemente, os tribunais pediam que o acusado lesse o Salmo 51, a Prece de um Coração Contrito. Era a única chance de Blackstone. Seu pai o açoitara com um ramo de salgueiro até ele memorizar os versos, palavra por palavra. Mas isso fazia mais de três anos. Sua memória vinha falhando.

– Thomas Blackstone sabe ler. É seu direito reivindicar – disse Sir Gilbert.

O pedido não podia ser negado.

– Tragam a Bíblia. Onde está o clérigo? Onde está ele? – o juiz perguntou.

Um jovem monge tonsurado, em seu hábito preto, soltou-se das sombras dos pilares e veio adiante com uma grande Bíblia aberta, os cantos protegidos por armações de metal. Ele a mostrou para o juiz, que olhou para a passagem escolhida e assentiu. O monge deu um passo adiante, sustentou a Bíblia aberta na frente de Blackstone e esperou.

Os olhos do rapaz percorreram o pergaminho coberto de letras, e viu as curvas ornadas da primeira letra cravada num túmulo pintado para decorar. Não entendia nada. Sabia ler francês. Não latim. O número ao lado do Salmo estava

coberto pelo dedo porco do monge.

Blackstone implorou à sua mente para recordar. Seu mestre pedreiro o ensinara a ver a estrutura de um prédio dentro de sua cabeça – para interpretar os números desenhados na realidade. *Veja-o em sua mente e ele vai aparecer*, o grisalho mestre, com a mão quebrada, o ensinara.

Blackstone imaginou as palavras que seu pai lhe cravara aos açoites. Sua mente livrou-se do pânico – o dedo do monge se moveu, revelando o número do Salmo: 51.

– Tem misericórdia de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; apaga as minhas transgressões, segundo a multidão das tuas misericórdias. Lava-me completamente da minha iniquidade, e purifica-me do meu pecado. Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim…

Linha após linha, ele prosseguiu, recitando a contrição com o ritmo de um homem lendo o Bom Livro. Levou alguns minutos para que o fingimento funcionasse. Ele foi convincente o bastante para que o clérigo do tribunal virasse para o juiz antes que este anexasse a sentença de morte nos registros da corte. Blackstone não ousava olhar para o juiz, nem para o monge que fitava seu rosto. Teria ele percebido que Blackstone apenas recitara as palavras de memória? Após uma pausa, e o que Blackstone assimilou como um sorriso vago, o monge desviou seus olhos dos dele e se retirou de volta às sombras.

– Declaro o irmão mais velho inocente e o entrego aos cuidados dos monges em São Edmundo. O tolo vai à forca – disse o juiz.

Enquanto Blackstone recitava o Salmo 51 para o tribunal, Sir Gilbert se aproximara do juiz, suas ações quase não notadas devido às palavras que ecoavam pelas paredes de granito. Ele teve apenas que se inclinar para a frente. Num sussurro, proferiu uma ameaça fria e sem emoção:

– Se enforcar esse menino, vou cortar seu pinto fora e fritar. E te fazer comê-lo antes de morrer. Entregue-o aos monges, ao priorato de São Edmundo.

Ele deu um passo atrás e esperou.

O sangue fugiu das faces do juiz. A morte era moeda de troca comum para alguns homens, e Sir Gilbert não era homem de fazer ameaças vazias. Um cavaleiro pobre, sem terras, dependia da violência para conseguir alguma riqueza ou influência. O juiz não teve dúvida de que ele cumpriria com a palavra. Com um caro lenço, ele enxugou o rosto.

– Contudo… a comunidade será mais bem servida se também o entregarmos para os cuidados dos monges de São Edmundo, que farão algum uso do mudo, colocando-o a serviço de Deus. Caso encerrado.

Sir Gilbert guiou os irmãos Blackstone, deixando para trás o ar gélido do tribunal. Richard ergueu o rosto para o sol e soltou um urro diluído de prazer.

– Isso é uma droga de um burro em forma de gente. Seu pai devia tê-lo deixado morrer – disse Sir Gilbert ao subir na sela.

– Você também teve essa chance, Sir Gilbert – disse Blackstone.

– É, e teria me feito muito bem. Mandei trazer cavalos pensando que você usaria a cabeça.

O monge trouxe dois cavalos de costas tortas. Ele sorriu para Blackstone e lhe estendeu as rédeas de um deles.

– Bem recitado, Mestre Blackstone – disse, e sorriu.

Sir Gilbert virou seu animal.

– Um tem uma bela memória, o outro, um belo membro. Os dois só causam problema, mas meu senhor, Lord Marldon, os queria vivos. Cumpri com a minha função. Obrigado, Irmão Michael. Vai levá-los, conforme o combinado?

– Sim, Sir Gilbert.

– Então o dinheiro chegará a São Edmundo, como prometido.

Ele atiçou o cavalo. Blackstone e Richard o seguiram.

Sir Gilbert foi para a mansão de Lord Marldon.

A trilha fazia curvas por entre as árvores: carvalhos firmes e grandes castanheiros. Os cavaleiros seguiram o rio sinuoso sessenta metros adiante, virando tranquilamente na curva do arborizado vale. Ao longe, a campina das encostas ao sul estavam sendo roçadas por meia dúzia de homens; os gritos ocasionais de insultos jocosos entre eles chegaram até os cavaleiros. Blackstone não pôde evitar calcular a distância e o ângulo de trajetória necessário para fazer voar uma flecha. Era puro instinto, algo com que fora dotado desde muito cedo, quando seu pai lhe dera o primeiro arco. Conforme ele crescia em força e habilidade, o arco também se tornava mais pesado e difícil de dominar. O pai lhe ensinara o jeito de puxar a corda encostando o corpo no bordão, mais do que a força de um só braço era necessário para puxar os setenta quilos de tensão da corda e fazê-lo repetidas vezes. Quando o decreto real foi publicado, proibindo, sob pena de cárcere, todos os jogos que desviassem os homens de seus objetivos, Blackstone já havia herdado do pai o adorado arco de guerra. A altura ideal para a arma letal do arqueiro, a máquina de matar mais fatal da época, era dez centímetros a mais do que o arqueiro, e o arco do pai tinha um metro e noventa. Blackstone era o primogênito; era direito dele a herança. O pai falara gentil e demoradamente para explicar que as habilidades do filho mais novo eram melhores do que as de qualquer outro do condado, a não ser de Thomas. Entretanto, pediu que, sempre que os irmãos competissem, Thomas deixasse que Richard acertasse a última flecha e vencesse. Seria o único jeito de o menino surdo-mudo ter alguma aceitação na comunidade. Pai e filho mais velho não contaram sobre o pacto secreto para ninguém.

Desde que o pai morrera, sempre que amarrava a corda de cânhamo nas pontas curvadas do arco, e envolvia com a mão o centro de dez centímetros do bordão, sentia a energia do pai no arco. Era feito de teixo, camada dupla de alburno flexível por fora, o cerne escuro comprimido de frente para o arqueiro. Imaginava, às vezes, as batalhas que o pai travara. Um arrepio perpassava-lhe as vísceras, incerto se teria a mesma coragem se preciso fosse. Esse momento parecia iminente.

Um mar de flores silvestres cobria os campos distantes, guiando o olhar de quem observava para a curva final do rio, onde as torres da mansão de Lord Marldon apareciam por cima das copas das árvores.

Não estavam mais com pressa, e o panorama quase pedia que diminuíssem o passo dos cavalos para uma caminhada leve. Sir Gilbert não falara desde que deixaram a cidade, e Blackstone não via motivo para puxar assunto à toa. A beleza natural dos arredores tocava algo muito profundo nele – uma gentileza que quase sugeria amor de mãe. Apesar da dificuldade que enfrentaram na vida, o pai sempre dissera que eram filhos de Deus e que a natureza era fonte de conforto.

Sir Gilbert fitou-o, como se lesse seus pensamentos.

– Sua mãe arruinou um bom guerreiro – disse. – Sugou a vontade de lutar do homem como o tutano do osso. Ele desistiu da guerra e trabalhou o tempo todo para ficar com ela e criar você e o burro depois que ela morreu. – Ele viu o lampejo de raiva nos olhos de Blackstone, mas notou o autocontrole do rapaz. Assim que os irmãos fossem afastados do santuário que eram seu casebre e os vilarejos adjacentes, os desconhecidos provocariam, e Blackstone teria de defender o irmão, mas precisaria ter cabeça fria para tanto, porque esses homens conheciam muito bem a arte de matar.

Blackstone relevou o insulto.

– Por que meu pai fez isso?

Sir Gilbert resmungou e escarrou.

– Porque a amava mais do que um homem deveria amar uma mulher.

A estrada abriu-se à frente deles, trazendo os portões da mansão ao campo de visão. Sir Gilbert atiçou seu cavalo.

Blackstone torceu para que a má sorte tivesse ficado para trás.

Mas a tristeza ainda estaria por desembainhar suas garras infectadas.

Uma vez cruzados os imensos portões arqueados, eles desmontaram e entregaram as rédeas para um moço de estrebaria. O pátio parecia ganhar vida

própria graças aos servos que iam e vinham. Sir Gilbert foi adiante e falou com Chandler, que fez um gesto chamando-os para o grande saguão. Blackstone ajudara a consertar as paredes e as pontes de Lord Marldon, mas nunca estivera dentro da mansão.

Os irmãos fitaram as vigas de carvalho curvas que amparavam o ápice do teto. Bandeiras e tapetes adornavam as paredes, e junco recém-colhido cobria o piso de pedra cortada. Dois *wolfhound* e meia dúzia de cachorros de diversas raças ergueram-se perante a imensa lareira, onde toras de madeira queimavam, apesar do calor que fazia lá fora. Uivaram e latiram, Sir Gilbert os ignorou, e os bichos farejaram e se acalmaram. Lord Marldon estava sentado perto do fogo, a capa circundando-o, o rosto descarnado pelos vinte anos vivendo com a dor ocasionalmente abrandada pelo rico vinho tinto produzido em suas propriedades na Gasconha.

Blackstone pendeu a cabeça, em sinal de respeito, e seu irmão, um passo atrás, fez o mesmo. O senhor fitou-os por alguns momentos, e Blackstone não pôde evitar olhar a perna amputada que repousava sobre uma almofada. Tudo o que se dizia era que Lord Marldon lutara nas guerras escocesas e que um machado lhe cortara a perna na altura do joelho. Sobreviveu por milagre. O ferimento jamais o impedira de cavalgar por suas terras, com a perna cortada presa a faixas na sela para lhe garantir equilíbrio. Uma ou duas vezes ao longo dos anos, Blackstone vira Lord Marldon passar a cavalo por suas terras, parando para falar baixinho com o pai dele.

– Você os salvou da forca, então, Sir Gilbert.

– No fim das contas, foi ele mesmo quem os salvou, meu senhor.

Apesar de ser um homem livre, Blackstone sabia que Lord Marldon ainda tinha autoridade e influência para afetar sua vida. Não faria mal demonstrar mais respeito do que era obrigatório.

– Milorde, foi o senhor quem salvou nossas vidas hoje. Sir Gilbert disse-me que o senhor falara ao meu pai sobre o valor de aprender o Salmo do Coração Contrito.

Lord Marldon riu.

– Seu pai acertou ao devotar-se a seu bem-estar. Você é inteligente e perspicaz, e tem algo da beleza de sua mãe. Um menino tão belo quanto você jamais deveria pagar a uma mulher por seus prazeres. Seu pai teria batido em você. Talvez eu devesse bater, dado o trabalho que me causou.

– Peço desculpas, meu senhor. Não era intenção minha ser preso – disse Blackstone, e depois, arriscando uma censura, completou: – e nunca paguei, milorde.

Lord Marldon riu de novo.

– Sinto falta do seu pai. Talvez eu devia ter me aproximado mais do filho dele. – O sorriso deu lugar a uma expressão que Blackstone pensou ser tristeza no momento em que ele se voltou para o irmão. – Pelo menos, daquele que poderia me alegrar e responder quando falasse com ele.

Sir Gilbert afastara-se do fogo e afagava um dos cachorros sentados ao seu lado. Blackstone fitou-o rapidamente, sem saber ao certo como responder ao comentário, mas Sir Gilbert não mostrou expressão alguma indicando que o menino devia responder. Blackstone sentiu que estava sendo testado.

– Milorde, meu irmão é forte, e trabalha por longas horas. Então é uma vantagem para o senhor que ele não possa falar, por trabalhar sem reclamar.

– Uma boa resposta. Mas me incomoda o modo como seus olhos parecem sempre pesquisar algo.

Blackstone tocou o irmão no ombro. O menino virou-se e o fitou, e Blackstone ergueu o dedo, tocou abaixo do próprio olho e estendeu a mão num sinal calmante. O menino assentiu e ficou parado.

– Você vai para a guerra, Blackstone. O rei Eduardo está reunindo um exército. Comissários de convocação andam cruzando as terras, contratos têm sido feitos entre cavaleiros e homens de armas, e homens livres devem ir e servir ao rei. Sir Gilbert vai reunir os homens de minhas terras, e você usará minha farda.

A franqueza dos comentários do senhor pegou Blackstone de surpresa. Toda a sua vida estava para mudar.

– Contra quem lutaremos? – foi sua resposta atônita.

– Se tivesse prestado mais atenção às proclamações postadas pelo xerife na cidade, saberia muito bem. O Rei e o Parlamento afirmaram que os franceses estão tentando negar-lhe suas terras de direito na França. A guerra ainda não foi declarada, mas lutaremos contra os franceses. Como sempre.

Blackstone estava ciente dos rumores que circulavam há alguns meses, e que os homens do rei andavam comprando grãos e gado, mas a ideia de que ele seria pego e enviado para a guerra jamais lhe ocorrera. Seu dia a dia já era um ato de sobrevivência.

– Você devia saber, Blackstone, sobre seu pai. Prometi-lhe que protegeria sua família. Essa era a dívida que eu tinha para com ele, e isso foi tudo o que ele pediu. Quando aquele machado me tirou a perna, foi ele quem amarrou o torniquete que me salvou a vida. Ele me carregou por quilômetros até estarmos seguros. Eu estava quase inconsciente. Foi ele quem derramou piche fervente no toco, para selar o ferimento. E eu o amava por isso. Duvido que no reino houvesse homem mais leal.

Blackstone recuperou a voz.

– Ele nunca me contou.

– Você não sabia porque ele jurou silêncio. Se soubessem que eu favorecia sua família, isso causaria mais ressentimento do que já era demonstrado contra seu irmão.

O coração de Blackstone bateu mais rápido – como se entrasse em pânico – como da vez em que um pedreiro correu para lhe contar sobre o deslizamento. Pensamentos confusos e imagens aterrorizantes de seu pai deitado esmagado sob as rochas infestaram sua mente.

– Ele sempre o honrou, milorde. Sempre fizera orações por sua segurança e vida longa – respondeu Blackstone, sentindo o fardo da lealdade cada vez mais pesado.

Lord Marldon assentiu, a voz suavizada por genuína afeição.

– E eu o honrei como a nenhum outro. Fiz dele um homem livre, e sempre que o rei convocou seus veteranos para a guerra, eu paguei a indenização. Estabelecendo um bom preço para a lã de seu pai, encontrei um jeito de ele poder pagar por seu aprendizado. Quando o deslizamento o levou, na pedreira, mantive minha promessa e protegi seus filhos daqueles que teriam lhes tomado as terras.

Blackstone ficou ali parado, tão bestificado quanto o irmão calado.

– Mas agora está na hora de você enfrentar o mundo sozinho, Thomas. Seu rei precisa de você. Minha vida vai chegar ao fim logo, e cumpri minha tarefa. Agora, você deve cumprir a sua.

Blackstone olhou mais uma vez para Sir Gilbert, que assentiu. O senhor da mansão estava morrendo. Sua proteção morreria com ele.

– Eu e meu irmão o serviremos com lealdade, milorde, como meu pai teria feito – disse Blackstone.

Lord Marldon balançou a cabeça.

– Só você, Thomas. Seu irmão não é útil na guerra. Vamos mandá-lo para os monges. Eles podem colocá-lo para trabalhar e protegê-lo do ridículo.

– Os Franciscanos gostam de bichos burros – Sir Gilbert acrescentou.

O irmão mais novo parecia aturdido quando Blackstone o segurou pelo braço.

– Ele sabe lutar. É o melhor arqueiro em três condados.

– E tem 14 anos de idade, pelo amor de Deus – disse Sir Gilbert. – E é surdo e tapado!

Blackstone pousou a mão no peito de Richard, aliviando o medo que via nos olhos do menino.

– Ele ouve muito bem, Sir Gilbert. Milorde, ele sente as vibrações do tambor e a força das trombetas. O ar reverbera com gritos e vozes altas. Ele trabalhou

junto de mim e meu pai desde que aprendeu a andar. Ninguém que conheço é tão forte quanto ele. Seus olhos são afiados como estilete. Ele lança mais flechas por minuto do que já vi um homem puxar um cordão de arco.

– Quinze anos é a idade mínima para mandarmos à guerra – Sir Gilbert disse, grosseiro, exasperado com a insistência de Blackstone.

– Sou o guardião dele, milorde, assim como o senhor deu sua proteção a meu pai e seus filhos. – Ele sabia que estava ficando sem argumentos. – Olhe para ele, aparenta a idade que tem? Quando a próxima colheita chegar, ele terá idade suficiente. E é grande o bastante para parecer ter o dobro da idade. Algum homem duvidaria disso?

Lord Marldon e seu homem de armas ficaram em silêncio por um momento.

– Não tem um pelo no rosto dele – disse Sir Gilbert, finalmente.

– E tem pluma de ganso em cima da cabeça – Blackstone respondeu. – As pessoas vão aceitá-lo como ele é. Melhor que enfrente a zombaria dos soldados comigo do lado dele do que ser açoitado por monges por não cavar o buraco da cenoura do jeito que eles gostam.

Lord Marldon tossiu muito, intensamente. Sir Gilbert correu para colocar vinho numa taça e segurou a mão de seu mestre, que tremia, ajudando-o a alcançar os lábios.

– Meu santo Cristo! Queria que seu pai e eu tivéssemos terminado nossas vidas do jeito que os homens merecem. Não esmagados como uma formiga ou comidos vivos de dentro para fora – arquejou o velho guerreiro. Recuperou a respiração. – Espere lá fora. Vou tomar a decisão. Deus o abençoe, Thomas Blackstone. Sempre se lembre de quem foi seu pai e honre sua memória. Vá.

Blackstone pendeu a cabeça, o irmão fez o mesmo.

Quando as portas se fecharam atrás deles, Lord Marldon limpou do lábio o sangue diluído em vinho.

– Chandler quer a terra dele, e duvido que eu possa impedi-lo. Mando o menino com o irmão?

Sir Gilbert serviu vinho para si mesmo.

– O menino é um touro. Duvido que o deslizamento que matou o pai teria feito o mesmo com ele. E acho que tem atitude, se for provocado. – Ele deu uma golada e imaginou se o senhor precisava escutar o que ele pensava sobre Blackstone. Não havia escolha. O tempo ditava a honestidade. – O pateta é um arqueiro razoável, mas Blackstone está mentindo feio. Já o observei da floresta, vi-o praticando. Ele é o melhor. Pode lançar flechas suficientes para matar um pequeno exército.

A voz de Lord Marldon soou mais suave que um suspiro.

– Ele protege o irmão à custa da própria reputação.

– Se o bicho burro estiver com ele, então pelo menos ele vai matar sua porção de franceses malditos. Eu o deixaria ir. Por que não? – Ele hesitou. – Mas Blackstone? Atirar flechas num alvo de palha não mede sua capacidade. Ele não é uma sombra do pai. Não tem intenção de matar. Evita a violência. Duvido que consiga matar um porco. Está aí a fraqueza dele. Como a mãe corrompeu o pai. Acho que estará morto ou desertará após a primeira batalha. – Ele engoliu o vinho.

Lord Marldon concordou. Henry Blackstone não batera o bastante no menino. Sentimento e amor precisavam ser misturados à coragem inabalável na matança da guerra. Quantas vezes ele falara com seu suserano sobre a natureza gentil do rapaz? O amigo argumentara que, além das habilidades de guerra, um nobre era encorajado a apreciar poesia e as coisas mais refinadas da vida; por que, então, um homem comum não haveria de ter os mesmos interesses?

– Faça o que puder. Até mesmo o coração mais terno pode ser voltado para a guerra – disse Lord Marldon. – E se for para morrerem, que seja com raiva no sangue e amor por seu rei em seus corações.

Capítulo dois

Blackstone e seu irmão cavalgaram junto de Sir Gilbert e quarenta arqueiros usando a flâmula de Lord Marldon sobre as túnicas castanho-avermelhadas. Os sobretudos, com a imagem de um falcão negro em um fundo azul, estavam gastos e branqueados pelos muitos anos de serviço, e por serem batidos contra as pedras, nas beiras dos rios, pelas lavadeiras. Manchas leves espalhadas ainda podiam ser vistas; marcas de sangue de batalhas antigas.

Os cintos de couro dos arqueiros sustentavam os sacos de flechas, feitos de linho encerado para proteger da umidade – uma flecha com penas molhadas não voava em linha reta. O saco era fortificado com junco para manter as flechas separadas, o que ajudava a proteger as penas de ganso. Assim como a bolsa, os arqueiros carregavam uma adaga curta que custava seis *pence* na cidade – a lâmina mais barata que existia. Uma espada mais longa e o arco, trazidos juntos num estojo de couro, eram as únicas outras armas. Numa pequena algibeira havia corda extra para o arco, que Blackstone, como o pai ensinara, impregnava com cera de abelha para evitar a umidade. Fios finos eram levados para reparar empenagens danificadas, uma tira de couro para proteger os dedos da mão direita da corda do arco e uma braçadeira para cobrir o interior do antebraço esquerdo, o que segurava o arco. Como todos os arqueiros, os irmãos mantinham os arcos relaxados enquanto viajavam, para reduzir a tensão na madeira. Cada homem carregava uma pequena bolsa só para comida. Eram os soldados de armamento mais leve e os mais rápidos no campo de batalha; e com o pagamento de seis *pence* por dia, recebiam o dobro do que os arqueiros a pé.

Lord Marldon foi contratado pelo rei para providenciar quarenta arqueiros montados e uma dúzia de homens de armas, todos sob o comando de Sir Reginald Cobham, veterano cujos cinquenta anos tornavam-no bastante capaz de liderar seus homens no *front*.

A frota de invasão ancorada em Portsmouth indicava que as estradas

andavam cada vez mais congestionadas por carroças de suprimentos apinhadas em vias já lotadas de cavaleiros e infantaria. Era quase final de junho, e o calor e a poeira faziam a viagem parecer mais lenta do que era. Blackstone jamais vira na vida tanta gente nem tamanho frenesi de atividade. Havia milhares na estrada. Artesãos, carroceiros e soldados acotovelavam-se com cavaleiros nas montarias, os pajens conduziam os cavalos dos mestres, os poderosos garanhões de batalha cujo temperamento imprevisível os fazia dar coices nas multidões que os pressionavam por trás. Contendas e xingamentos leves voavam entre aqueles de igual posição, enquanto os nobres e os cavaleiros mantinham um desdém altivo para com todos de menor *status*. Flâmulas, indicando os nobres e os cavaleiros que traziam grupo sob a própria insígnia, ondulavam na brisa fresca. Blackstone sabia que um cavaleiro pobre como Sir Gilbert não podia carregar um estandarte. Pelo contrário, usava o brasão pintado no escudo, uma espada negra, como um crucifixo, reluzindo seu brilho contra um fundo azul, o mesmo desenho que levava no sobretudo. Queria ser notado tanto por amigos quanto pelo inimigo.

Sir Gilbert falara pouco desde que saíram da mansão, onde os arqueiros do condado se reuniram. Blackstone conhecia a maioria dos dias de compras no mercado e das competições de arco e flecha. Os mais jovens, convocados dos vilarejos e das aldeias, exibiam todo tipo de humor. A maioria estava pronta para servir e receber, orgulhosos por seu senhor ter-lhes concedido armas e cavalos. John Nightingale não era muito mais velho que Blackstone, e seu bom humor e suas histórias do pai alcoólatra, da mãe, que gerava um filho por ano, e das meninas com as quais se deitara divertiram os homens naquele dia de viagem até a costa.

Tinham, em geral, 18 e 19 anos, embora três ou quatro dos homens de armas tivessem vinte e poucos e houvessem lutado nos Países Baixos. O violento entusiasmo pela aventura da parte de alguns dos rapazes era liberado; os veteranos continham-se e Sir Gilbert falava mais com eles do que com outros. Blackstone sentiu-se excluído da camaradagem, mas não compartilhava da excitação visceral dos mais novos. *Como*, pensava ele, *poderei proteger meu irmão no tumulto que estamos prestes a encontrar?* A vida quieta e pacata que levavam em casa, apesar da falta de conforto, era como um santuário no qual o mundo jamais se intrometia. Junho era o mês de ceifar feno, de fazer um segundo arado e tosquiar as ovelhas. Mas a guerra cavara um sulco profundo na vida deles.

O irmão, por sua vez, cavalgava despreocupado. O sol o aquecia e o vento refrescante vindo do sul brincava com seu rosto. Aliviado do trabalho diário de entortar as costas na pedreira, para ele, a liberdade de cavalgar por entre os morros com o cheiro tentador do mar trazido pela brisa era um elixir. Sua

felicidade expressa em murmúrios incitava poucas reprimendas por parte dos homens que o conheciam do condado, mas um cavaleiro deu-lhe um tapa no ombro e mandou que ficasse quieto.

Blackstone não sabia bem o que fazer. O homem era mais velho e Blackstone não tinha o direito de desafiá-lo, mas sentiu-se compelido a oferecer algum tipo de defesa para o irmão.

– Ele não pode ouvi-lo, então quando você bate nele, ele não entende.

– Então talvez eu deva bater nele com mais força para fazê-lo entender o que precisa. Faça-o parar de fungar. É mais irritante do que um porco na coleira. Embora um porco, pelo menos, tivesse serventia.

Blackstone não podia dar-se o luxo de contrariar um veterano de guerra de posição superior, e o nervosismo no estômago impediu qualquer resposta imediata. Sir Gilbert cavalgava mais à frente, mas virou-se na sela e olhou para Blackstone. Parecia esperar para ver o que o rapaz ousaria dizer em resposta.

– Seu valor não está na surdez nem no fato de ser mudo, mas na força do braço que segura o arco. Ele será de grande valia para um cavaleiro a pé enfrentando cavalaria pesada. – Blackstone fez uma pausa e então disse, respeitosamente: – Senhor.

Sir Gilbert acenou com a cabeça e voltou-se para a frente. O pai do menino devia ter-lhe contado como, quando cavaleiros e homens de armas andavam lado a lado como infantaria comum nas guerras escocesas, perante o ataque da cavalaria inimiga, os arqueiros ingleses e galeses assassinaram os escoceses. O exército inglês aprendera as lições das derrotas; a experiência ensinara-lhes o valor do arco e das flechas de longa distância com suas cabeças pontudas capazes de furar armaduras. Foram homens como o pai de Blackstone que salvaram homens como o arrogante cavaleiro em batalhas anteriores. E homens similares fariam igualmente no futuro.

O cavaleiro atiçou o cavalo para diante.

– Seus homens beiram a insolência, Gilbert.

– Eu mesmo ensinei isso – Sir Gilbert respondeu. Desapontado, o cavaleiro seguiu adiante. Naquele momento, Sir Gilbert falara por seus homens, defendendo-os de um forasteiro. Uma lição básica da liderança. Blackstone sentiu um assomo de lealdade para com aquele empobrecido homem de armas.

Ao rarear da luz daquele longo dia, os cavaleiros chegavam ao cume da planície atrás de Portsmouth. Milhares de pequenas chamas ardiam ao longo das encostas, a fumaça dispersando-se no vento. A armada, à luz das lanternas,

descansou sob os cuidados do porto protetor. Blackstone jamais vira o mar – um largo campo de água escura estendido até o horizonte. A luminosidade restante refletida sobre a baía mostrava os cascos negros de centenas de barcos balançando ao sabor da maré. Blackstone alcançara Sir Gilbert, que acabava de parar o cavalo.

– Santo Deus, acho que vamos à Gasconha – disse Sir Gilbert.

Blackstone fitou-o, sem entender o que quis dizer.

– Está na sua fuça, Thomas. Nosso rei vai querer proteger suas terras no sudeste da França. Deve haver quinhentos barcos ali.

Blackstone já havia esquadrinhado o porto em sua mente, quebrando a cena nas medidas corretas – habilidade de pedreiro, quase um dom natural.

– Acho que são oitocentos – ele disse, sem pensar se estava contradizendo Sir Gilbert, que se virou para o rapaz e viu seu olhar vidrado. Preferiu reconhecer o cálculo de Blackstone.

– Então são oitocentos.

Ele cutucou o cavalo para que andasse, passou alguns dos milhares de homens que se ajeitavam para a noite, em direção a uma das muitas bandeiras, à de Sir Reginald Cobham, que tinha um leão preto e branco estampado com pequenas cruzes sobre fundo vermelho.

Um velho armeiro estava ao lado da barraca do cavaleiro que batia seu martelo, num ritmo constante, contra uma placa curvada sobre uma bigorna.

– Meu senhor o mantém ocupado, como sempre, Wilfred – disse Sir Gilbert ao armeiro.

– Sim, isso ele faz, Sir Gilbert. Quantas vezes já não avisei que o ferro das matas de Kent não é tão forte quanto o da floresta de Dean, mas ele diz que gosta muito dele e que não quer gastar mais dinheiro. É mais barato me pôr aqui para amassar as rebarbas.

– É mais inesperado que qualquer homem viva o bastante para enfiar uma espada na armadura dele. Ele está aí dentro?

– Está, sim – disse o armeiro, e voltou a trabalhar.

Os irmãos sentaram-se na grama pisoteada, junto dos demais arqueiros da companhia. O frio do mar lhes daria câimbras pela manhã, mas nada conseguiria enfraquecer seus espíritos. Conforme os homens de Lord Marldon cozinhavam sua sopa e comiam o peixe seco trazido por um dos capitães de Sir Reginald, Sir Gilbert acenou para Blackstone e seu irmão, para que o seguissem.

– Vou falar com os homens, garantir que ninguém vá embora durante a noite. Prometer-lhes pagamento. Avisar quem vai lutar ao lado deles.

– Avisar? – perguntou Blackstone, acompanhando Sir Gilbert.

– Isso. – Ele não explicou mais nada.

– Então o que eu e meu irmão temos que fazer?

– Nada. Quero que esses sarnentos vejam quem vocês são e saibam com quem estão. Estou fazendo o papel de Lord Marldon, Blackstone, não posso dar uma de ama de leite depois que sairmos nesses barcos.

Passaram por entre as fogueiras até chegarem perto da beira da água. Sir Gilbert virou-se e olhou para os homens que compartilhariam os perigos da batalha.

– Sou seu capitão, Sir Gilbert Killbere. Alguns me conhecem, os que não conhecem podem perguntar ao colega do lado.

Uma voz veio de um grupo de homens mais distante.

– Eu estive com você em Morlaix, Sir Gilbert! Nós demos um trato neles e abrimos suas barrigas!

– Arqueiro? – Sir Gilbert perguntou ao homem que não via.

– Will Longdon de Shropshire.

– Lembro-me de você, Will Longdon de Shropshire! Achei que a varíola tinha levado você quando foi embora com aquela puta francesa. Devo recomendar aos homens que não usem a mesma colher na panela?

Os homens riram.

– Ainda consegue puxar a corda do arco ou seu braço está exausto de tanto autoabuso? – Sir Gilbert perguntou.

Houve mais risos e zombaria.

– Isso e muito mais, Sir Gilbert. Forte o bastante para apertar as tetas de uma puta francesa.

– Então, vamos ter que cobrar de você, Will Longdon, e sabem que sou um homem de palavra.

– Sei, senhor.

– Ótimo, porque o que vou dizer agora é como se saísse dos próprios lábios do rei. A coragem será recompensada, a vitória trará mais do que honra. Seu senhor, Sir Reginald Cobham, não precisa de histórias floreadas sobre ele. Não há melhor homem que ele no campo de batalha. Ele é nosso comandante e lutaremos junto à divisão do príncipe. Nós, o Conde de Northampton, Godfrey Harcourt, marechal do exército, e o Conde de Warwick. Somos a vanguarda, rapazes! Vamos atacar os franceses malditos primeiro e nadar no sangue deles!

Todos ovacionaram, roucos.

– E no dinheiro! – um dos homens gritou.

– Isso mesmo! – Sir Gilbert gritou de volta. – Os franceses gostam das frescuras deles, e do dinheiro como um agiota. Quando voltarem para casa, viverão como reis! Embora continuem fedidos como os filhos da puta nascidos no chiqueiro!

Os homens riram e celebraram. A bebida e a barriga cheia ajudavam, embora a comida não passasse de aveia, cevada ou feijão cozido com alho selvagem e ervas. Nutritivo e leve para carregar, era uma dieta básica. Pão era para aqueles que podiam pagar, e carne, somente para os nobres.

– Há dois homens ao meu lado – disse Sir Gilbert. – São arqueiros, e eu aposto que poucos homens aqui têm a mesma força na hora de sacar o arco. Este aqui – ele virou-se e puxou Blackstone para perto – é Thomas Blackstone, que traz o arco de guerra do pai. É o guardião de uma criatura boba, seu irmão. – Ele cutucou Richard para a frente, de modo que ficaram os três homens lado a lado à luz do fogo. O tamanhão de Richard destacou-se entre os outros. – Uma criatura imperfeita que Deus, em sua sabedoria, preferiu deixar em silêncio. Que fique claro que esses são meus irmãos de sangue. Qualquer ato contra eles será um ato contra mim.

Os homens ficaram calados. Ninguém zombou nem disse nada ao menino quieto do queixo torto.

– Então está feito, e nada precisa ser dito. – Ele esperou um instante antes de continuar falando. – Há mais uma coisa. Há uns milhares de homens com lanças do outro lado deste morro. Eles vão ficar conosco. – Esperou, garantindo mais peso às palavras. – Lanceiros galeses.

Homens gritaram insultos e xingaram, desaprovando.

Ele ergueu a mão para pôr fim às provocações.

– E me disseram que eles não deixariam suas terras enquanto não fossem pagos por completo. Não nos esqueçamos de que somos ingleses. Esses ratos do pântano vão roubar suas botas sem que vocês percebam. E se vocês se curvarem para tirar sarro deles, vão montá-los como se fossem ovelhas de cara preta.

A provocação diminuiu a animosidade dos homens.

– Aonde vamos, Sir Gilbert? – um dos homens perguntou.

– Faz diferença? – Sir Gilbert respondeu. – Vocês são pagos para matar os inimigos do reino. É o que satisfaz seu rei. Não sei, rapazes, mas vejo a forragem sendo preparada; vejo centenas de sacos de grãos e todos os feixes de flechas e isso me diz que a campanha será longa. Ouvi dizer que tem um vinho bom e forte na Gasconha!

Um homem de rosto duro tirou o chapéu de couro e limpou o suor da testa.

– Tudo bem, Sir Gilbert, mas eu estive nos Países Baixos com o rei seis anos atrás e a tesouraria dele estava vazia. Ele teve que pegar dinheiro emprestado de gente local para nos pagar, os arqueiros; chegou até a mandar os cavalos de volta para casa, para serem alimentados. Acha que desta vez será diferente? – disse ele.

– Não pise com tanta força em minha afeição por meu rei – disse Sir Gilbert

com frieza, sua voz soou como um aviso, instilando medo com facilidade. Blackstone sentiu o tom de desafio.

Os homens se renderam.

– Só quero ser pago pela minha lealdade. Até cuspirei sangue, mas tenho família para alimentar.

A discussão parecia fadada a piorar. Sir Gilbert afastou-se do fogo.

– Seremos pagos – disse ele, finalmente –, apenas façam por merecer. Mostraremos o que podem fazer os ingleses quando lutam por seu rei! E quanta pilhagem conseguem carregar!

– Que Deus o abençoe, Sir Gilbert – alguém gritou, e as ovações se avultaram.

– E a vocês também, rapazes – o cavaleiro respondeu.

Afastaram-se um pouco dos homens amontoados, e Blackstone voltou-se para Sir Gilbert.

– Essa luta se resume a isso? Dinheiro?

– Esperava que se resumisse a honra? Cavalheirismo?

Na verdade, Blackstone não sabia o que achava, mas supunha que se tratasse de consertar o que estava errado.

– Algo assim. O rei está reivindicando o que é dele por direito ou impedindo que o Rei da França o tome dele.

Sir Gilbert parou e olhou para as milhares de pequenas tochas que ardiam ao longo da encosta.

– Todos estão aqui pelo dinheiro. Todos nós precisamos ser pagos. Os bancos estão em ruínas, os impostos estão altos. O rei precisa de uma guerra. Eu preciso lutar e encontrar um nobre para resgatar, e então posso ir para casa com riquezas. Se você sobreviver, pode voltar à sua pedreira, suas ovelhas e seus porcos, e vai esperar até ser chamado de novo, porque é de guerra que vivemos.

– Tem que haver um pouco de honra. Meu pai salvou Lord Marldon.

– Sim, salvou, mas isso foi diferente. Tratava-se de homens lutando uns pelos outros.

– Então é por isso que você está aqui. Para lutar por seu rei.

Blackstone tocara na honra de Sir Gilbert. O cavaleiro preferiu ignorá-lo.

– Durma um pouco. Pegaremos os barcos ao raiar do dia.

Ele virou-se, e deixou Blackstone fitando o exército. O murmúrio de quinze mil vozes espalhava-se como um enxame de abelhas num dia de verão. Subitamente, ele percebeu o quanto estava assustado. Matar seria a ordem do dia depois que desembarcassem na França. Ao pensar em sua casa, uma tristeza apertou-lhe a garganta.

– Meu bom Deus, ajude-me a ser corajoso, e me perdoe por ter metido

Richard nisso. Devia tê-lo deixado em casa, atormentado, mas em segurança – ele sussurrou para as nuvens fofas.

Fez o sinal da cruz e desejou haver ali uma capela para fazer mais orações.

Não precisa de capela quando se fala com Deus, o pai uma vez lhe dissera, mas Blackstone ansiava pelo santuário e pelo silêncio que ele ofereceria, longe dos montes de corpos, do fedor das fezes e da maré crescente de violência que estava para envolvê-lo.

O vento sibilava e chiava sem descanso pela armação, abafando os resmungos agoniados dos homens. Os navios da frota inglesa não podiam navegar com muito vento, e as correntes cada vez mais fortes do sul, vindas do Atlântico, os mantiveram no agitado Solent por quase duas semanas. Confinados a bordo das banheiras bamboleantes, os homens teriam vendido suas almas facilmente tanto para Deus quanto para o diabo se algum destes lhes desse águas mais calmas, mas o tormento prosseguiu. O vômito se espalhava pelo deque, drenava-se para o porão, escorria como meleca de esgoto sobre as pernas de homens enjoados demais para se esquivar, cansados demais para se importar.

A tristeza reinava naquele dia.

Blackstone mal podia erguer a cabeça para vomitar. A comida que tivera no estômago dali saíra havia muito para alimentar os peixes. Apenas um homem não fora afetado, e passava por entre os outros, carregando-os até a lateral do barco para pôr bílis e sangue para fora, e para segurá-los ao vento, a borrifada da água contra o rosto, ajudando a conter a ânsia seguinte. Blackstone, tão incapacitado quanto os outros, fraco como criança, viu o irmão, o surdo-mudo dos grunhidos, conquistar a camaradagem dos homens naqueles dias.

E então o vento mudou de direção. A frota seguiu a embarcação do rei, o George, para longe da costa, canal adentro. Blackstone recostou-se na amurada, as pernas sustentando-o no vai e vem do barco, os cabelos incrustados de sal, emaranhados como uma cota de malha. As bandeiras dos barcos, caudas serpenteantes de cor, foram liberadas. A visão era excitante, o procedimento de um rei guerreiro liderando seu exército para a guerra. Sir Gilbert apareceu ao lado dele. Sorria ao olhar para o céu, vendo as bandeiras. Virou-se para Blackstone.

– Não vamos à Gasconha, rapaz! Isso eu posso dizer! – Seu rosto brilhava de alegria. – Fico me perguntando como foi que fizeram de Godfrey Harcourt marechal do exército.

– Não entendo, Sir Gilbert.

– Não lhe pagam para entender. Godfrey é um barão normando que não tem amor algum pelo rei Philip. Nosso nobre suserano está batendo na cara do rei. Estamos indo para a Normandia.

Um dia depois, doze de julho, a vasta frota ocupou o horizonte quando os barcos da frente varreram a baía de Saint-Vaast-la-Hougue, seu formato raso permitiu que corressem facilmente pela terra, penetrando a costa. Sir Gilbert preparara seus homens e, com Blackstone ao lado e Richard um pouco atrás, avançou à terra firme com eles. Um rugido grandioso veio dos arqueiros e homens de armas sem cavalo de vanguarda. Blackstone ouviu-se gritar como os demais, lançando-se à frente. Por toda a costa, Blackstone viu cerca de mil arqueiros esmagarem as ondas de areia molhada em direção à escarpa adiante. Mas nenhum fogo inimigo choveu sobre eles. Ele sentiu a força retornar-lhe às pernas, os pulmões sugando a energia para elas. Tudo estava tão claro, tão evidente. Todos os barcos atrelados ao mar, e todos os sobretudos dos homens, não importava quão gastos, eram como retalhos de cores vibrantes.

Blackstone, sorrindo de tanta alegria, virou o rosto e viu o irmão trotar sem esforço logo atrás. Conforme alcançavam terreno acima, uma dúzia ou mais de pessoas corriam por suas vidas – pescadores ou moradores, Blackstone não sabia qual –, mas em questão de momentos a morte sussurrou pelo ar. Os arqueiros veteranos já haviam puxado e soltado a corda do arco antes que ele tivesse percebido a ameaça.

– Blackstone! Aqui e aqui! – gritou Sir Gilbert, apontando para locais no topo do morro. – Se parece inimigo, mate.

Ele deu o mesmo comando para mais cinquenta homens, colocando-os em posições defensivas.

Nicholas Bray, que comandava a companhia de arqueiros, xingou-o. A subida demandara muito dos pulmões do comandante, aos seus 45 anos.

– Seu bosta! Santa Mãe de Deus, Blackstone, quem é mais idiota? Você ou o burro? Sir Gilbert vai rachar seu coco!

Blackstone levou um segundo para entender que não era para ficar de frente para a baía – o inimigo vinha de trás. O sangue ruborizou-lhe as faces, porém ninguém mais havia notado o erro.

– Fique aqui até que lhe ordenem o contrário, iremos à terra firme em pouco tempo.

– Podemos ir a cavalo? – Blackstone pediu, querendo mais do que tudo se envolver.

– Os cavalos sairão como doidos depois de ficarem presos no barco por duas semanas, principalmente os corcéis. Vão galopar sem rumo por esta maldita praia. Você devia até fazer uma oração para agradecer a nosso rei por ter

enganado os franceses. Se estivessem esperando por nós, já seríamos comida de corvo.

Ele se virou e acompanhou a linha de arqueiros da defesa, xingando suas mães e glorificando seu rei ao passar. Blackstone e o irmão obedeceram ao comandante. Mantiveram posição no aguardo de um contra-ataque. Ninguém veio.

A dez metros deles, John Nightingale gritou:

– Vou matar mais do que você e Richard quando os vir!

– Se eles não o virem primeiro – Blackstone retrucou, ciente dos olhares lançados pelos veteranos na direção deles, ciente de que nenhum dos rapazes das vilas havia estado em batalha, exceto por uma briga de taverna com os empregados do meirinho. Nightingale mexia no cinto, testava o arco, checava as flechas, tentando encobrir o próprio nervosismo.

Um dos mais velhos, cujo arco não estava preparado, agachou-se ao lado dele:

– Afrouxe a corda, rapaz, vai levar só um segundo para se preparar caso os franceses enfrentem sua sorte. Duvido que vamos derramar sangue até daqui a alguns dias. Seu bordão vai lhe agradecer por isso.

Blackstone imediatamente o fez, e cutucou o irmão para seguir seu exemplo. O veterano foi até eles.

– Rapazes, escutem o seu comandante. Nicholas é soldado há mais tempo e vai mantê-los vivos o máximo possível. Só fiquem de olhos abertos, é só o que têm que fazer agora.

Blackstone fez que sim.

– Sou Elfred. Conheci seu pai – ele disse a Blackstone. Sua voz não entregava nada. Ele e o pai de Blackstone podiam ter sido amigos ou inimigos, mas antes que o rapaz pudesse perguntar, o homem seguiu pela fileira, conversando com velhos amigos, dando conselhos gentis para os novos recrutas. Nightingale sorriu, nervoso, para Blackstone, que virou sua atenção para a vila e o campo além. Por via das dúvidas.

Horas se passaram, os barcos vieram e voltaram, sendo muitos para a pequena baía receber de uma só vez. Blackstone não tinha ideia de quão grande era a França, mas certamente ameaça alguma poderia contê-los, não com aquela frota e aqueles milhares de homens.

O caos reinava na costa: cavalos galopavam, descontrolados, com cavaleiros tentando reuni-los; carroças eram remontadas, seu carregamento abastecido; gado, carrinhos de bagagem e suprimentos precisavam ser organizados, e, de modo lento, mas com muito cuidado, isso era feito. Conforme a costa se limpou, Blackstone viu nuvens de fumaça a quilômetros da costa – cidades em chamas.

– A infantaria chegou lá antes de nós. Galeses, provavelmente – disse um arqueiro se aliviando na beirada do morro. Os cabelos estavam atiçados por conta da viagem e, curtos sob o chapéu de couro, o faziam parecer ainda mais esquelético do que era. – Nada como uma boa mijada na relva da casa dos franceses. – O rapaz amarrou os cordões das calças e aproximou-se de Blackstone. – Sou Will Longdon. Então, você é filho do Henry, é? E o bobão também.

Blackstone fez que sim, sem querer ser atraído pelo estranho que se ajoelhava ao lado deles.

– Eu o conheci. Eu tinha mais ou menos a sua idade quando fomos para o norte pela primeira vez. Ele tinha feito nome na época. Era um durão, mas cuidava dos mais novos. Comigo foi muito bom, pelo menos. – Longdon examinou o que acabara de arrancar do nariz e atirou para longe. – Ele não está conosco?

– Morreu – Blackstone disse, sem querer dar mais explicações.

Longdon grunhiu e coçou o traseiro.

– Odeio barcos – disse, como que respondendo a uma pergunta. – Esse é o problema quando temos que invadir os franceses, a gente sempre tem que ir de barco. Por que os malditos carpinteiros não podem construir uma ponte, isso eu não sei. Só que, enfim, aqui estamos nós, sem nos afogar. Isso é um bom começo, sempre penso assim.

Blackstone permaneceu em silêncio. Sua desconfiança natural de estranhos, principalmente por ter de cuidar do irmão, fazia-o ter cautela com uma abordagem indesejada.

– A gente está fazendo tipo uma aposta. Eu e alguns dos rapazes. – Ele pendeu a cabeça, apontando para a fileira de arqueiros que defendiam o cume do morro. – Veja se eu consigo puxar o arco dele, o do seu pai, já que Sir Gilbert parece dar menos importância a nós do que a vocês dois.

O sorriso dele expôs dentes quebrados e manchados de marrom; as sobrancelhas questionaram Blackstone.

O homem não parecia oferecer perigo, então o rapaz levantou-se e pendeu o bordão, e prendeu a corda da ponta do arco. Estendeu a arma ao homem. Ele era uns bons centímetros mais baixo que Blackstone, e tinha ombros menores, mas o peito troncudo e os braços musculosos sugeriam que ele poderia equiparar a força do rapaz sem pensar duas vezes. Longdon examinou a madeira cor de mel.

– Este teixo veio da Itália, lembro de ele contar isso.

Ele passou as mãos com carinho pela curvatura do arco de batalha, mais ternamente do que tocara qualquer mulher. Testando, deu uma puxada gentil com os dedos na corda, e depois, num movimento fluido, macio, curvou o tronco

sobre o arco, angulou-o para o alto e puxou a corda. Com o braço tenso, trouxe-a até o queixo, hesitou e baixou o arco. A expressão era de desapontamento misturado com incerteza. Ele devolveu o arco.

– Talvez Sir Gilbert estivesse certo, afinal – disse.

Blackstone deu de ombros, sem querer ser melhor que um veterano. Os outros arqueiros assistiam a tudo.

– Ou ele está protegendo você por causa da reputação do seu pai? Você e o bobalhão aqui. – O sorriso ganhou tom de zombaria. Blackstone deu as costas ao homem. Richard entendeu que a confusão estava armada, mas, com um olhar, o irmão o mandou não se intrometer.

– Arqueiros ganham o respeito que têm, jovem Blackstone. Não é dado apenas porque um cavaleiro quer ou por quem foi o pai. Você ganha – ele repetiu, com ênfase.

O desafio não podia ser ignorado, não na frente daqueles homens. Blackstone tirou uma flecha do saco, engatou-a, virou-se sem dizer nada, puxou a corda até a orelha e soltou a flecha num arco na direção de um corvo empoleirado no galho mais alto de uma árvore cerca de cento e cinquenta metros dali. O pássaro grasnou seu coaxo de velha por alguns segundos antes de cair devido ao golpe da flecha, cuja velocidade atravessou o bicho, que tombou sem ruído sobre as cabeças de alguns homens de infantaria.

Os arqueiros escarneceram dos homens, que xingavam.

Longdon cuspiu na palma da mão e a estendeu para Blackstone, que aceitou.

– Vamos ter que achar alguns pombos de capuz preto para você derrubar do poleiro. Eles grasnam muito melhor do que aquilo. – Ele se voltou para os outros. Richard sorriu e grunhiu perante a pequena vitória.

O sabor da conquista durou menos de cinco minutos. Sir Gilbert veio andando entre as edificações que contornavam a vila. Blackstone estava prestes a contar o que acontecera, mas não teve nem chance. Sir Gilbert deu-lhe um tapa na cabeça, o golpe tão pesado, que levou o rapaz a cair de joelhos.

– Abaixe-se, bosta de cachorro!

Richard lançou-se à frente, mas Sir Gilbert subitamente ergueu uma adaga que tinha na mão. A ponta da lâmina tocou o pescoço do menino, impedindo-o de dar mais um passo adiante.

– Se erguer a mão para mim de novo, seu burro deformado, vou te pôr para dançar pendurado numa corda naquela porcaria de árvore! – Ele chutou Blackstone com força, e o menino saiu rolando. A faca nem chegou a tremer. – Conte para ele! – ordenou o cavaleiro.

Blackstone gesticulou sinais ligeiros que o menino entendeu. Ele deu um passo para trás, livrando-se da ponta da adaga.

– Levante-se – ordenou Sir Gilbert. Ele guardou a adaga. – Acha que vou protegê-lo para que você se venda como uma puta de taverna? Desperdiça uma flecha numa porcaria de carniça? Vou tirar do seu pagamento. – Sir Gilbert olhou para os outros arqueiros. – Qual de vocês fez o rapaz usar uma boa flecha, que podia matar um francês?

Blackstone limpou o traço de sangue que tinha no rosto.

– Não foram eles, Sir Gilbert. Você estava certo; eu estava mostrando a eles o arco do meu pai. A culpa é minha.

Sir Gilbert não era tolo e sabia ler a expressão de seus homens.

– Então, eu estava certo? Alguém aqui consegue usar esse arco que não o filho de Henry Blackstone?

Longdon falou, da fileira de arqueiros:

– Duvido que alguém possa, Sir Gilbert, caso tentasse.

– Isso, caso tentasse. – Sir Gilbert apontou na direção da infantaria, embaixo da árvore. – Blackstone, mande seu irmão buscar a flecha, depois venha comigo.

Ele se virou e foi para a vila. Blackstone mandou Richard fazer o que o cavaleiro queria e depois pegou as algibeiras e os sacos de flechas dos dois. Will Longdon o influenciara a cometer um erro idiota por vaidade, mas o rapaz aprendera a lição e não falara sobre o envolvimento do outro. Estava aprendendo. Longdon sorriu quando Blackstone passou por ele.

– Vai ficar tudo bem.

Blackstone torceu para que ficasse mesmo.

Capítulo três

Os irmãos caminharam morro acima em silêncio, na direção da vila de Quettehou, um quilômetro distante da costa. Sir Gilbert tocou no assunto apenas uma vez, quando se aproximaram da igreja de St. Vigor.

– Você é um homem livre, aja como um. Aquela escória pode ser de lutadores, mas eles não chegam aos pés do seu pai. Você é melhor do que todos eles. Comece a pensar e se comportar como ele.

Blackstone viu cavaleiros com armamento pesado e seu séquito, acotovelando-se numa afobação de atividades. O rei chegara ao meio-dia, Sir Gilbert contou. E, estando em solo normando, a corte real e os comandantes seniores reuniam-se para ouvi-lo declarar sua campanha contra o rei Philip VI da França.

– Aquele é o rei? – Blackstone perguntou, quando um dos membros da ordem real, cuja qualidade da armadura era inconfundível, passou por eles na multidão.

Killbere fitou o homem de relance.

– Ele? Aquele pavão? Não, ele é Rodolfo Bardi, banqueiro do rei. Está aqui para garantir que o dinheiro seja bem gasto.

Sir Gilbert levou-os pela multidão até uma portinha na lateral da igreja.

– Guarde o arco e mande seu irmão parar com os grunhidos. Ele vai ficar aqui na porta.

Blackstone obedeceu. Richard sentou-se na grama, de costas para a parede. Blackstone sentiu uma pontada de arrependimento de deixar o irmão ali sozinho, mas não queria receber outra reprimenda do cavaleiro.

Sir Gilbert encostou o ombro na placa pesada de carvalho. Ela abriu o bastante para que eles passassem. Ficaram imersos nas sombras, atrás da congregação apinhada de cavaleiros e comandantes. Imagens heráldicas ricas em cor adornavam bandeiras, escudos, flâmulas e sobretudos, espalhadas pela

pequena igreja. Blackstone jamais vira reunião como aquela, nem imaginara. O murmúrio baixo de vozes vindo do altar mal podia ser ouvido, mas o rapaz enxergava o homem em pé perante seus senhores e barões.

– Aquele é seu senhor supremo – sussurrou Sir Gilbert.

Blackstone sentiu um assomo de empolgação – um homem comum presente numa cerimônia real. O rei tinha trinta e poucos anos, quase a mesma idade de Sir Gilbert, o rapaz supôs, mas sua aparência era magnífica. Era alto; a estatura e a postura se ressaltavam, ainda mais pela armadura e pelo sobretudo dividido em quadros: três leões dourados num fundo vermelho e um buquê de lírios sobre um plano azul. Aquele era um rei pronto para a guerra. Mesmo nos fundos da igreja lotada, Blackstone captou o brilho azul dos olhos dele e a luz que tocava sua barba loira. Um belo jovem curvou a cabeça perante o rei, depois se ajoelhou, estendendo uma espada à frente, erguida em cruz. Blackstone não ouvia o que era dito, mas Sir Gilbert sussurrou mais uma vez:

– Jovens nobres serão condecorados cavaleiros. É bom para o moral. Faz com que matem mais inimigos. – Ele sorriu. – Cavalheirismo. Bom para matança. Aquele é o filho do rei. Tem a sua idade.

Blackstone ergueu-se nas pontas dos pés para ver a cerimônia. O jovem usava a mesma farda que o rei, exceto pela adição de uma linha horizontal com três linhas verticais curtas embaixo. O rei Edward deitou as mãos na cabeça do rapaz. O cavalheirismo ainda vivia – e não morreria; Blackstone tinha certeza disso. A voz do rei foi ouvida. Requisitava do filho que agisse com honra e se mantivesse leal a seu senhor soberano. Blackstone ouviu aquelas palavras e soube que Sir Gilbert era apenas um cavaleiro amargo por não acreditar na glória que o rei defendia.

O Príncipe de Gales, mais alto que o pai, deu um passo para o lado. Blackstone mal podia acreditar que um menino tão jovem pudesse liderar a vanguarda do exército inglês, ainda com seus guardiões prestes a se tornar marechais do exército. A sensação de admiração diminuiu quando ele se lembrou da própria idade. Cuidar de Richard fizera dele mais velho do que realmente era.

– Lembre-se desses nobres, Blackstone, e das insígnias que portam. Lutará junto deles cedo ou tarde, e é melhor saber por quem vai morrer, mais do que por mim ou pelo rei.

Conforme cada um dos jovens ajoelhava-se perante o soberano, Sir Gilbert foi sussurrando seus nomes: *Mortimer*, *de la Bere*, *Salisbury*, *de la Warre*. Então um nobre coxo de meia-idade mancou para a frente, o sobretudo de barras horizontais vermelhas e douradas captando os raios do sol de julho que entravam pela janela oeste da igreja. Ele se ajoelhou e homenageou Edward.

– Aquele é Godfrey Harcourt – Sir Gilbert disse, baixinho, enquanto o barão

normando jurava lealdade e reconhecia Edward como Rei da França.

Então leões e lírios desfraldaram-se conforme o estandarte do rei foi erguido.

– Agora estamos em guerra – disse Sir Gilbert, e empurrou um relutante Blackstone para a porta.

Sir Gilbert estava cumprindo a tarefa que prometera a Lord Marldon. Esperava que dar a Blackstone sua proteção e depois puni-lo de modo duro ensinaria o menino rapidamente e o ajudaria a encontrar a coragem de que precisava para enfrentar o que estava por vir.

Pegou vinte cavaleiros – dos mais leves, que pareciam capazes de atropelar lobos – acompanhados de vinte arqueiros, e foi ao sul patrulhar o território. Sir Gilbert escolhera veteranos e meia dúzia dos homens de Lord Marldon para a empreitada. Nicholas Bray cavalgava à frente. Forças normandas leais a Philip eram poucas na Península do Contentin, mas cada passo na direção do rio Sena e de Paris, a capital francesa, causaria perdas às forças de Edward. Já haviam ocorrido disputas com outras unidades e um dos marechais, o Conde de Warwick, fora vítima de uma emboscada, mas lutara e limpara o caminho. As poucas centenas de tropas francesas que recuavam dariam de encontro com os flancos do exército e seriam pegos.

Edward proclamara, então, que, por respeito a Harcourt e para mostrar que aqueles franceses eram seus vassalos, nenhuma casa ou cidade normanda seria saqueada nem queimada. Isso minou a credibilidade dele para com Nicholas Bray e outros veteranos. Como o exército iria se alimentar? Como manter homens mal pagos dispostos a lutar se não podiam pilhar? Limpar o território era prática aceita. Sir Gilbert sabia que aquela era uma promessa que o rei não poderia manter, e disse-lhes isso. O exército era uma força disciplinada contra qualquer inimigo, mas as vilas tinham de ser saqueadas e queimadas – era um aviso adequado para os inimigos do rei. A guerra não tinha nada a ver com misericórdia.

E Blackstone precisava ser iniciado. Por dias eles cavalgaram para o sul, perpassando a península. Vilas estavam desertas; algumas já haviam sido queimadas por forrageadores, e, nas que restavam, Sir Gilbert fez os homens atearem fogo. Enviaram a mensagem ao rei francês que o exército inglês estava a caminho. A cada dia que passava, a frustração de não enfrentar o inimigo

deixava Sir Gilbert ainda mais mal-humorado do que de costume. Como todos os nobres e cavaleiros, ele ansiava pelo prazer da batalha e a glória e a riqueza que ela traria. O passo lento das carruagens mantinha a divisão principal de Edward bem atrás da vanguarda. E isso, graças a Deus, Sir Gilbert deixava bem claro. Eles precisavam tirar seus traseiros dos confins daquele cenário sufocante antes que o rei francês trouxesse seu exército e os prendesse de costas para o mar. Se a vanguarda do Príncipe de Gales, de quatro mil homens, pudesse esmagar tudo pelo caminho ao passar pelas cidades de St. Lô e Caen, então estariam todos a caminho de Paris. Sir Gilbert conhecia o território. Já havia irrigado o solo francês com o sangue dos inimigos. Era por esse motivo que liderava uma equipe de reconhecimento composta por arqueiros feridos e bêbados, cortadores de gargantas, ao longo de uma terra abandonada com nada além dos corvos zombadores para provocá-lo. E era isso que ele dizia aos arqueiros. Todo dia.

Blackstone não fazia ideia de onde estava. Os nomes dos lugares não lhe significavam nada, nem para a maioria dos rapazes. O que ele sabia era que a expectativa do desconhecido o assustava. Haviam cruzado os pântanos, seguindo pela trilha estreita entre as plantas altas. Aquela floresta era o terreno mais perigoso, e os homens foram forçados a cavalgar muito perto uns dos outros. Alguns quilômetros à frente, o terreno ergueu-se a oeste e eles tiveram que se espalhar em campos mais abertos. As vilas em chamas haviam ficado muito para trás, e os lanceiros galeses vagantes e a infantaria inglesa ainda não tinham alcançado tamanha distância ao sul.

Foi Richard quem deu o alarme. O choramingo gutural alertou Sir Gilbert, que se virou na sela preparado para atirar-lhe uma reprimenda, mas então viu o menino explicando a Blackstone o que vira. Ele parou os cavaleiros.

– Ele viu um homem a meio quilômetro de distância no meio das plantas – explicou Blackstone.

– Camponês? – Sir Gilbert perguntou.

Blackstone fez que não.

– Vestia cota de malha.

Sir Gilbert fitou o irmão do rapaz.

– Diga-lhe que se estiver errado vou mandar açoitá-lo. Preciso ir mais rápido.

– Com todo respeito, Sir Gilbert, se estiver morto, não irá a lugar algum. Se ele diz que viu um homem usando cota de malha, então foi isso que ele viu.

Em questão de minutos, Sir Gilbert ordenou um plano de ataque. Blackstone e os arqueiros desmontaram, subiram num morro íngreme e entraram na vegetação. A trilha adiante virava para a esquerda, e as plantas acompanhavam a

curva na rota. As tropas francesas fariam uma emboscada naquela virada, e os arqueiros estariam protegidos ao se aproximar da posição de disparo, semiescondidos pela grama alta, na vala do pântano.

– Minha vida está em suas mãos – disse Sir Gilbert a Bray e aos arqueiros antes de eles saírem, os arcos já preparados.

Elfred foi na frente, correndo abaixado, procurando pela melhor posição: um local que lhe permitisse matar o inimigo sem receio de que as flechas acertassem Sir Gilbert e os cavaleiros. Ouviram os homens continuando a descer pela trilha enquanto preparavam a emboscada.

Ao comando silencioso de Bray, os doze arqueiros tomaram um metro de distância entre si, prepararam uma flecha e esperaram. A imobilidade dá ao caçador a vantagem sobre a presa, mas as sombras entre as folhagens, agora a duzentos metros de distância, balançavam nervosamente, preparando-se para atacar e, assim, revelar sua posição. A lembrança dos homens que trabalhavam no vale nas terras de Lord Marldon passou pela mente de Blackstone. O jogo banal tornara-se uma fatal realidade.

Blackstone viu um braço com armadura erguer-se em meio às folhas, um comando de ataque prestes a ser dado. Ele ergueu o arco e, como um, os outros seguiram seu movimento. Empenagens de pena de ganso sibilaram pelo ar e as compridas flechas voaram momentos antes do ataque. Apesar da distância, o som das pontas de aço das flechas rasgando a carne pôde ser ouvido pelos arqueiros.

Os gritos dos inimigos feridos foram abafados pelos gritos dos homens de Sir Gilbert quando atacaram. Metal contra metal, mais gritos, cavalos guinchando, meia dúzia de figuras dispararam de dentro das plantas para recuar pela clareira, correndo em busca de abrigo na floresta, a quinhentos metros dali – distância que nenhum homem em fuga poderia cobrir com um arqueiro inglês seguindo seus passos. Cordas de cânhamo soltaram outro grupo de flechas, e os homens caíram, a maioria com duas flechas que rasgaram osso, cartilagem e órgãos vitais. Os que não morreram de imediato sangrariam até morrer em questão de minutos; o choque das flechas era incapacitante e fatal. A batalha ainda estava sendo travada na trilha. Blackstone saiu do esconderijo, correndo por instinto, sem fôlego graças à excitação misturada ao medo, mas com a certeza de que precisava de uma posição melhor para atirar. Se Sir Gilbert avançasse pela trilha, então ele e seus homens correriam o risco de levar flechadas dos próprios arqueiros. Algo passou como um borrão pelo rosto dele, e um dos ingleses gritou quando uma flecha de besta fincou-lhe o peito. A jaqueta acolchoada de um arqueiro oferecia proteção insuficiente contra um ataque direto.

– De joelhos! – gritou Bray. Do meio dos arbustos, meia dúzia de flechas voaram sobre as cabeças deles; estavam a cerca de duzentos metros dali. Os besteiros alocaram-se entre os arbustos e as plantas altas, fora do campo de visão de uma força de ataque vinda de trás. Sem pensamento consciente, Blackstone e os demais ajustaram os ângulos dos arcos e soltaram um feixe concentrado de flechas nos confins dos arbustos. Os gritos de dor dos inimigos logo cessaram – a martelada forte de uma flecha atingindo o corpo nocauteava a maioria, causando uma dor de tirar o fôlego. Exceto pelos gemidos de agonia dos feridos, a luta havia acabado – o massacre levara menos de dez minutos.

Blackstone e os outros avançaram com cautela.

– Bray! Elfred! Blackstone! – veio a voz de Sir Gilbert do outro lado das plantas.

– Oi! – responderam Elfred e Bray.

– Sim, aqui, Sir Gilbert – Blackstone ouviu-se dizer. O rapaz viu um velho, o cavaleiro francês cujo punho coberto por armadura fora erguido, pronto para acionar a emboscada. A flecha de Blackstone entrara-lhe pela clavícula, passou pelo peito, e saiu pelo quadril, perfurando a cota de malha como se não passasse de roupa de baixo. Estava deitado de costas, o corpo contorcido num espasmo congelado de choque, e, então, a morte. O sangue que escorria da boca aberta já estava coberto de moscas. Sua túnica, cor de maçã verde, com uma vívida andorinha azul, fora escurecida pela mancha que se espalhava. Blackstone não conseguia desviar o olhar dos olhos sem vida do homem.

Dois dos soldados de Sir Gilbert atravessaram as plantas, e depois foi o próprio quem adentrou a trilha. Era todo sorrisos. Tinha sangue espirrado no sobretudo e nas pernas.

– Matamos uma dúzia ou mais – disse contente. – Você pegou esse? – ele perguntou, seguindo o olhar de Blackstone. O rapaz fez que sim.

– Bom, acaba de ganhar uma pluma para o seu chapéu, rapaz. Primeira vítima, um cavaleiro. Um coitado com armas que nem vale a pena pegar, pode ser, mas Deus queira que venham muito mais. A França tem os melhores cavaleiros do mundo. São guerreiros magníficos, posso dizer isso. Embora não tão magníficos com um bando de traseiros ingleses atrás deles, hein? – Ele riu e tocou Blackstone no ombro. – Bom trabalho, rapaz.

Os moribundos haviam sujado as calças, e o cheiro de esterco misturado com o do sangue copiosamente jorrado compunham um fedor de trancar a garganta.

Blackstone virou de costas e vomitou.

Os homens ao redor dele riram.

– A primeira vez é a pior, rapaz. Você se acostuma. É somente essa a glória

que verá numa batalha – disse Sir Gilbert. Ele levou um frasco aos lábios e bochechou o vinho antes de cuspi-lo. Desfez a bainha do cavaleiro morto e viu a lâmina gasta.

– Uma velha espada, mais velha do que ele, mas bem equilibrada. – Sir Gilbert a desembainhou e a estendeu para Blackstone.

– Espólios da guerra. Melhor do que aquele palito de dente que você carrega. Prenda-a à sua sela, mas livre-se da bainha quando for lutar. A maldita da bainha só atrapalha um homem no solo com uma espada na mão, vai te fazer tropeçar, e então você já era.

Os homens feridos entre as plantas foram rapidamente despachados pelos cavaleiros.

– Tem quinze ou mais aqui, eu arrisco – disse Sir Gilbert. – Perdemos alguém?

– Attewood – Bray respondeu, afrouxando o arco. – Lá atrás, na clareira.

– Bom, que troca mais pobre. Um arqueiro inglês por essa escória – disse Sir Gilbert.

– Vamos enterrá-lo, Sir Gilbert? – Elfred perguntou.

– Não há tempo. As raposas e os corvos vão dar cabo dele. Ele era cristão?

– Ele nunca disse nada – respondeu Bray.

– Então deixe que Deus resolva. Pegue as armas dele.

Elfred assentiu e foi até o arqueiro caído.

Um dos atacantes feridos, com uma flecha fincada na lombar, tentava arrastar-se pela grama da campina. O homem murmurava palavras que pareciam deploráveis a Blackstone – palavras que ele não entendia. Sir Gilbert pegou uma besta pesada e a deixou de lado.

– Besteiros genoveses. São os melhores do mundo, mas não foram bons o bastante hoje. Philip comprou uns mercenários. Se apareceu meia dúzia aqui, tão longe, então pode ter certeza de que há mais uns mil entre nós e Paris. Acabe com o sofrimento do homem, Blackstone, e pegue qualquer flecha que vocês possam usar de novo. Vamos continuar – Sir Gilbert comandou, e foi andando de volta à trilha. Os soldados o seguiram.

Bray rasgou a garganta de outro ferido, depois se virou e fitou Blackstone.

– Vamos, rapaz, não podemos deixar o pobre coitado morrer desse jeito. Use a sua faca. Rápido. É igual a matar um porco. E ele não vai guinchar tanto quanto.

Blackstone sentiu outro aperto de horror no peito. Deu alguns passos incertos para o homem rastejante e sentiu a adaga na mão, embora não se lembrasse de tê-la sacado. Hesitou. Os sussurros miseráveis do homem pareciam súplicas que ele fazia a Deus, ou à mãe. Tudo o que Blackstone tinha de fazer era

se agachar, pegar um chumaço de cabelo, puxar para trás a cabeça e passar a lâmina pela garganta.

Sua mão tremia. O braço que brandira sem cansaço um martelo de pedreiro hora após hora, que podia puxar a corda pesada de um arco, não conseguia cortar a garganta de um homem. Tremia como um virgem antes de ser amado pela primeira vez. Alguém o tirou do caminho, deu um passo adiante, agachou e, com um golpe rápido e decisivo, matou o homem ferido.

Richard limpou a lâmina da faca, passou o braço no ombro do irmão e o conduziu para a estrada.

Viajaram por mais cem quilômetros sem incidentes. Nightingale tagarelava como macaco no poleiro, convencido de que matara mais na emboscada do que qualquer um dos veteranos. Lançara doze flechas e queria saber dos outros se viram seus alvos caindo. Os veteranos o ignoravam, os rapazes locais discutiam, até que Bray gritou que era melhor fazerem silêncio antes que Sir Gilbert os fizesse cavalgar a noite toda até encontrar outro grupo de franceses para matar. A matança era um trabalho cansativo, e eles precisavam de água e feno macio. Uma hora antes de a luz diminuir no oeste, chegaram a uma vila deserta. Os moradores viram fumaça espalhada no horizonte, vinda das vilas queimadas, e ouviram de soldados franceses que deviam fugir para o sul, para St. Lô e Caen. Haviam levado o máximo que podiam, mas ainda sobraram algumas galinhas para comer.

Sir Gilbert e os homens atrelaram os cavalos, posicionaram uma sentinela e foram procurar um lugar para dormir. Não havia nada de valor em nenhum dos casebres. Os arqueiros, preferindo a companhia dos seus, ajeitaram-se num celeiro na beirada da vila, onde o feno recém-cortado fez Blackstone lembrar-se de casa. John Weston forrageou e descobriu um barril de maçãs coberto de palha. Encontrou o que os moradores deixaram para trás: jarros de pedra contendo cidra.

– Tudo bem, rapazes, essa é a fruta da região. Temos que nos manter fortes para Sir Gilbert, penso eu – disse ele ao repassar os jarros para os homens contentes. – Vamos guardar estes para nós. Não tem por que deixar os cavaleiros bundões ficarem sabendo.

Quando a escuridão acobertou o dia, os arqueiros de Bray já haviam comido

e se ajeitado no conforto do celeiro. As histórias de Nightingale faziam os arqueiros rirem e suas escapadas com as meninas da vila causaram dúvidas sobre tamanha virilidade. O rapaz atrelou-a ao leite da mãe e à habilidade do pai na caça ao veado.

Richard observou com atenção Elfred mostrando-o como consertar e limpar as flechas usadas na emboscada. O mais velho grunhiu para enfatizar cada estágio da tarefa, como se Richard fosse entender mais facilmente assim. Pelo menos, pensou Blackstone, o irmão estava sendo aceito pelos arqueiros.

Sir Gilbert pegou a melhor casa da vila para si, o que era seu direito, mas distribuiu frango e ovos cozidos aos homens antes de pegar sua parte.

Blackstone sentou-se longe dos demais para comer. O irmão limpava pontas de flecha enquanto abocanhava nacos de frango, sem notar a gordura que lhe escorria pelo queixo.

Sir Gilbert agachou-se, apertando com o dedo a ponta da espada do velho cavaleiro.

– Precisa de uma lâmina mais afiada do que esta. Faça um dos cavaleiros afiar para você.

– Eu mesmo posso fazer isso, Sir Gilbert.

– Sei que pode. E deveria. Haverá um momento em que as flechas não bastarão e você terá de colidir com o inimigo. Elfred e Nicholas me disseram que hoje você se saiu bem. Nicholas disse que foi você quem os levou adiante.

Blackstone deu de ombros, sem querer receber atenção especial, acima dos demais arqueiros.

– Dava para ouvi-lo lutando. Soube que tinha levado a luta até eles.

Sir Gilbert assentiu e meteu a espada no piso.

– Poderíamos ter ficado sob a sua linha de fogo se você não tivesse se movido. Pensou direito.

Blackstone sentiu alívio por não ouvir menção alguma sobre o homem ferido, por não ter sido questionado sobre o assunto. Mas notou que o tom de Sir Gilbert estava diferente. Que a matança melhorara a opinião do cavaleiro sobre ele.

– Sabemos quem eram os homens que matamos hoje? – perguntou o rapaz.

– Eu não era muito amigo de nenhum deles – disse Sir Gilbert, e sorriu. Levou um jarro de pedra aos lábios, e sentiu a forte bebida normanda cortando-lhe o fundo da garganta. – Espiões nos informam que há quinhentos ou mais sob o comando de Sir Robert Bertrand, o Signeur de Bricquebec. Aquele era um dos grupos de batedores dele. Ele é inimigo antigo de Harcourt. Suas forças são muito poucas para enfrentar os milhares de Edward, mas ele tentará desacelerar nosso passo com perseguições e emboscadas, e queimando as pontes que cruzam

os rios principais, até que o exército de Philip chegue até nós.

– Quando ocorrerá a batalha? – Blackstone perguntou.

– Quando nosso rei encontrar um bom lugar para matá-los – disse o outro.

Ele devolveu o jarro e foi procurar Nicholas Bray.

– Você vai ficar de guarda, Nicholas. Sairemos antes do amanhecer, então guarde essa bebida do diabo para outra noite.

– Eu iria usar para tirar a ferrugem dessa minha espada velha, Sir Gilbert.

– Isso não é ferrugem, seu cego maldito, é sangue francês seco – ele respondeu.

– Ora, nem pensei, devo ter matado mais deles do que pensava. Durma bem na sua cama, Sir Gilbert, e lembre-se de ficar com sua arma por perto – disse ele, a menção rude fazendo os homens rirem.

– Que Deus ajude as putas quando você e Will Longdon forem colocar moedas nas mãos delas – disse Sir Gilbert.

– Não será só isso que vamos colocar nas mãos delas – Will Longdon falou.

Sir Gilbert deu-lhe um chute de brincadeira.

– O problema, Will, é que as putas vão lhe dar troco para essa sua moeda.

– Só porque elas têm vergonha de cobrar de um homem que lhes dá tanto prazer.

Os homens ovacionaram, deixando Sir Gilbert retornar a seu homem de armas. Nicholas Bray apontou um dedo. Um veterano não precisava ficar sem dormir.

– Nightingale, chega de bebida. Prepare-se para ficar de guarda.

Os homens dormiram pesado. A jornada pelo mar, a cavalgada difícil e a emboscada cobrara muito deles. Assim como a cidra fermentada, que podia descascar a pele de um rato até os ossos caso ele caísse no tonel.

Nightingale sentiu-se injustiçado por ter sido escolhido, mas o massacre do dia ainda o excitava e ele sabia que, provavelmente, não teria dormido, mesmo que estivesse lá dentro, junto aos homens que roncavam. Contaria tudo sobre o ataque quando retornasse aos arqueiros não testados, que esperavam na costa. A bebida da taverna seria paga por aqueles que estavam ainda por enfrentar o perigo. Jovens rapazes precisavam dos conselhos dos arqueiros veteranos – e ele era um. Um arqueiro veterano.

Ele afrouxou seu justilho e soltou o jarro contrabandeado.

Nas horas anteriores ao amanhecer, um grupo de homens aproximou-se do celeiro de mansinho. Esses homens não eram soldados, mas moradores

ressentidos da traição por parte de alguns dos barões normandos. Não tinham armas para enfrentar os ingleses, mas não queriam sucumbir sem tentar matar pelo menos alguns membros do exército invasor. Haviam observado, escondidos nos pomares dos arredores, os cavaleiros e os arqueiros revistando e ocupando suas casas. Não poderiam ter adivinhado que os ingleses beberiam tanto, mas a ideia lhes ocorreu com o passar da noite. Uma brisa os favorecia conforme se moviam contra o vento, na direção dos cavalos. Os camponeses não ousariam aventurar-se tão para dentro da vila por receio de alertar os cavaleiros mais bem armados, que dormiam perto das montarias, no pátio de uma fazenda.

Os homens da vila perceberam que as portas do celeiro já estavam fechadas, e apenas um homem tomava conta, estando os ingleses, lá dentro, seguros pela crença de que qualquer ataque improvável de homens armados poderia ser repelido entre a cavalaria e os arqueiros, cujas posições na vila criavam uma emboscada natural para qualquer força invasora. Mas os moradores não estavam armados, exceto por seu ódio pelos ingleses e pelo traidor, Godfrey Harcourt. Hesitaram. Quem, dentre eles, seria corajoso o bastante para se aproximar furtivamente da sentinela e silenciá-la? A dúvida os impedia, ninguém ousava arriscar-se no confronto. Até que a dúvida foi resolvida por eles. A sentinela, que estava sentada, levantou-se, as costas tocando a parede de madeira do celeiro, e deu alguns passos incertos para a frente. Deixou o arco encostado na parede. Os homens se entreolharam. O arqueiro era jovem. E estava bêbado.

Após alguns metros, ele parou. Ouviu-se o som contínuo de urina caindo no chão. Um dos homens portava uma enxada como arma. Num lapso de ousadia, ele saiu das sombras e girou a cabeça de ferro da ferramenta contra a cabeça do arqueiro. O menino desabou.

Encorajados por tal atitude, os homens empurraram uma carroça de feno até as portas do celeiro, para impedir qualquer tentativa dos homens lá de dentro de escapar, e distribuíram feno fresco por toda a entrada. As plantas altas e secas e a grama ao redor do antigo edifício fariam o restante. Sem fazer barulho, espalharam sebo sobre as portas. Geraram uma fagulha, e quando haviam alcançado a segurança da floresta, a grama e a madeira seca estavam em chamas.

Blackstone encontrava-se mergulhado nas profundezas de um sonho. Havia cortado e ajustado a primeira pedra do grande salão de Lord Marldon. A cerimônia fora prestigiada pelo rei e seu filho, Edward de Woodstock. Os discursos celebravam a habilidade do pedreiro, prometendo-lhe riqueza e associação à corporação dos pedreiros. Um grande banquete e um campeonato ocorreram em seguida. Um boi girava no espeto, a carne assava, a gordura pingava. A fumaça ardeu em seus olhos.

Ele se forçou a acordar. Uma densa fumaça asfixiante preenchia o celeiro e o

fogo lambia as paredes com fome. Gritos distantes de homens e relinchos de cavalo foram ouvidos, distantes, por baixo do crepitar da madeira em chamas. Ele estava quase cego devido às lágrimas abundantes, e cada vez que respirava sentia arder a garganta e os pulmões, o que o fez cair de joelhos, com espasmos de tosse. Cobriu a cabeça com a jaqueta e saiu às cegas, tentando encontrar o irmão, mas achou somente o arco na bainha. Como um pedinte cego, usou-o para cutucar o feno ao redor, até que achou um corpo. Agachou-se e sentiu o rosto do homem. O queixo barbado informou-lhe que não era Richard, mas ele chutou e chutou o homem até que este acordou. O medo logo o despertou, e ele tropeçou em Blackstone, procurando apoio.

– Os outros! – Blackstone gritou, por baixo da capa improvisada. – Os outros!

Quem quer que fosse o homem, ele caiu de joelhos, colocou a jaqueta sobre a cabeça, como fez Blackstone, e foi tateando à frente. O fogo dominou o ambiente, e num grande assomo engatinhou para o telhado. O calor logo os mataria, se a construção não desabasse primeiro. Blackstone tenteou ao redor, sentiu o rosto torto do irmão e tentou erguê-lo. Mas a massa e o peso do menino eram demais até para a força de Blackstone. Suas mãos tocaram um jarro de pedra. Ele despejou o fluido na boca do irmão. O jato de líquido o fez engasgar, e ele se sentou, tentando respirar. Blackstone sacudiu-o, e o menino estendeu os braços, agarrando a corda salva-vidas que era seu irmão.

Três homens trombaram com eles. Acotovelaram-se por um momento, cada um empenhando-se em encontrar um jeito de escapar. Uma carroça, escondida pela fumaça, repousava no canto do celeiro. O fogo já havia se espalhado sobre ela, faminto pelo sebo que lubrificava os eixos das rodas. Blackstone apontou – falar significava inalar fumaça destruidora de pulmões. A carroça parecia ser a única chance. Se pudessem empurrá-la com força suficiente contra a parede de madeira em chamas, talvez conseguissem quebrá-la. Palha queimada espiralava pelo ar, sugada do solo pela corrente de ar, enquanto fagulhas e lascas de madeira caíam do telhado, prestes a ceder. Abriram-se as portas do inferno.

Pressionaram seus corpos contra a carroça, mas apesar da força dos arqueiros o peso não podia ser movido. Protegeram-se embaixo da ampla placa de carvalho. Blackstone cobriu a boca com a mão, tentando tragar ar para dentro dos pulmões.

– Lá! – ele gritou por cima do barulho do fogo. – Aquele canto! – Ele apontou. O fogo consumia tudo, mas um canto queimava mais devagar. – Fizeram reparos! Aquilo é madeira nova. É o local mais fraco!

Não havia tempo a perder. Ele correu até o canto, os cabelos chamuscados, o calor cozinhando seu rosto, e meteu o ombro contra a parede. A madeira recém-

cortada, que ardia mais lentamente, cedeu alguns centímetros. Ele tentou de novo, e dessa vez o irmão ajudou, enfiando toda a sua massa no local. A madeira quase se estilhaçou. Os outros dois homens começaram a chutar as placas, e quando Richard deu outro golpe, ela cedeu de vez.

Escaparam do fogo, noite adentro. Tropeçando e ofegando, apoiaram-se uns nos outros até que não conseguiram mais correr e caíram, tossindo por causa da fumaça, os olhos lacrimejando. Homens correram até eles; Sir Gilbert pegou Blackstone por um dos braços, um cavaleiro pegou o outro, soldados fizeram o mesmo com o restante dos sobreviventes e os carregaram para a segurança das árvores. Dois soldados vieram correndo de um cocho, trazendo baldes e jogaram água sobre os homens engasgados e chamuscados. O celeiro desabou, liberando uma bola de fogo, com fagulhas, que subiu alto na escuridão.

Blackstone ficou deitado de costas. Conforme seus olhos clarearam, viu as estrelas vermelhas, reluzentes no céu, sugando para si as almas dos homens mortos. Prensado contra o peito, como uma recompensa de guerra sem par, estava o arco do pai. A bainha de couro estava chamuscada, mas a arma, ilesa. Era preciso ter sorte para continuar vivo, e sua superstição era forte o bastante para saber que, contanto que o arco fosse dele, sua sorte o protegeria. Conforme nascia o dia, os homens enegrecidos pela fumaça fitaram o celeiro em brasas. Os restos dos colegas encontravam-se ali, indistinguíveis, entre a madeira carbonizada. Os sobreviventes beberam, com muita sede, tentando aliviar o ardor na garganta.

– Sir Gilbert! – um dos cavaleiros chamou.

Os homens viraram-se para ver o que ele apontava. John Nightingale veio engatinhando dos arbustos. Tinha sangue seco grudado nos cabelos e vomitara no chão e nas roupas. Sentou-se, fitando, sem expressão, a casa mortuária que havia representado, pouco antes, segurança e diversão para seus colegas.

Sir Gilbert foi correndo até o rapaz, enquanto dois de seus homens erguiam Nightingale, pondo-o em pé. O menino apertou os olhos. A boca seca e amarga soltou uma voz esganiçada.

– Água, Sir Gilbert… água. Por favor.

Sir Gilbert agarrou o menino pelo queixo. O fedor de vômito e cidra rançosa confirmou o que ele já sabia. Um dos cavaleiros pegou o jarro de pedra e virou-o de cabeça para baixo. Estava vazio.

– Dê-lhe água! – Sir Gilbert ordenou, depois se virou para os sobreviventes. – Esse homem foi colocado de guarda?

Exceto pelo irmão de Blackstone, que não podia ouvir a pergunta, os homens desviaram os olhos.

Sir Gilbert não toleraria isso. Ele agarrou Will Longdon com força.

– Bray colocou esse rapaz de guarda? – perguntou. Longdon não teve escolha. Fez que sim.

Sir Gilbert empurrou-o e voltou-se para Nightingale, que bebia desesperadamente de um odre. Sir Gilbert tomou-o dele.

– Onde estão seu arco e sua sacola de flechas? Onde está a porcaria da sua espada, seu bosta? E sua faca? – A voz ameaçadora do cavaleiro era de dar arrepios. Blackstone sentia que algo terrível estava prestes a acontecer, algo talvez mais terrível do que a destruição do celeiro.

– Pegue uma corda – Sir Gilbert ordenou a um dos homens.

O coração de Blackstone martelou, desamparado.

Nightingale murmurava, o cérebro estava confuso, fazendo força para compreender o acontecido.

– Sir Gilbert, eu não sei… fui fazer xixi… desculpe – gaguejou ele.

– Catorze arqueiros mortos, Senhor Bray entre eles. O rei valoriza seus arqueiros. São o ouro de sua coroa. E estão mortos porque você bebeu demais, como um porco na teta da porca. Homens vieram e roubaram suas armas. Vieram e mataram meus arqueiros! Pela sua negligência!

Um dos cavaleiros havia dado um nó e lançado uma corda por sobre o galho de um castanheiro. Os outros carregaram Nightingale até lá. O menino se debatia.

– Sir Gilbert! Eu imploro! – Ele quase se libertou, o medo dominando-lhe a mente, acrescentando força aos músculos de arqueiro. Um dos cavaleiros golpeou-o na nuca, e tão subitamente quanto resolvera resistir, o menino aceitou o inevitável.

– Desculpe! – gritou para os cinco arqueiros, que nem se moviam. – Desculpe, rapazes. Perdoem-me.

As mãos foram rapidamente amarradas. Não houve cerimônia. Os dois cavaleiros puxaram a corda e o menino, chutando, engasgado, foi içado ao ar.

Sir Gilbert deu-lhe as costas.

– Peguem os cavalos!

Blackstone não pôde olhar para o rosto bojudo. A língua inchada de Nightingale ficou roxa, sangue vazou pelos olhos, as pernas chutavam com violência, mas logo foram parando.

Quando os homens passaram por ele, a cavalo, alguns minutos depois, o primeiro corvo já havia pousado.

Não se fazia orações para os mortos, não era preciso. Os padres do exército

podiam rezar pelas almas que partiam porque era esse o seu papel. Soldados profissionais cuspiam e xingavam o demônio, juravam vingança contra os inimigos e faziam uma oração privada, própria, agradecendo por estarem vivos – e depois compartilhavam a pilhagem do companheiro morto entre si. Levaram toda a manhã para rastrear os moradores da vila. Corriam contra o horizonte num planalto que conectava dois cantos de uma floresta, suas silhuetas visíveis a quilômetros de distância.

Os cavaleiros os perseguiram e encurralaram. Um homem, que carregava o arco e a sacola de flechas de Nightingale, tentou usá-lo e conseguiu puxar a corda apenas até a metade; a flecha que soltou foi facilmente evitada. Medo e pânico dominaram os camponeses. Balbuciavam em francês, com lágrimas nos olhos. Sir Gilbert e dois de seus homens de armas desmontaram e desembainharam as espadas. Ninguém disse nada. Raiva e vingança ergueram as espadas dos homens, e Blackstone viu o cavaleiro e seus homens atravessarem os corpos dos franceses com suas espadas de guerra.

Restou um homem. Ele se ajoelhou, suplicando, perante Sir Gilbert. Blackstone viu o capitão indicar o brasão em sua túnica, e dizer ao homem como se chamava. Depois ordenou que ele corresse. Primeiro, hesitou, mas quando Sir Gilbert ergueu a espada, o homem obedeceu.

O aviso se espalharia como o fogo no celeiro.

Os ingleses estavam chegando, e Sir Gilbert Killbere liderava o massacre.

Capítulo quatro

Sir Gilbert e seus homens retornaram conforme a vanguarda do exército de Edward movia-se sem descanso pela Península de Contentin, cruzando sete quilômetros para o interior. Blackstone viu a maré se aproximar por sobre os montes. Como uma centopeia voraz, ela devorava tudo que via pela frente.

Assim que a vanguarda acampou para passar a noite, Sir Gilbert reportou-se a Godfrey Harcourt e Sir Reginald Cobham. O velho cavaleiro, com seus cabelos grisalhos cortados rente, era um soldado do tipo que dormiria de armadura e partilharia das provisões do homem comum. Quando começasse a batalha, Cobham lideraria o ataque, e o marechal do exército, o pugnaz William de Bohun, Conde de Northampton, gritaria encorajando o cavaleiro que lutara por anos ao seu lado. Era tamanho o prazer de enfrentar e derrotar o inimigo que motivava homens como esses e Sir Gilbert Killbere.

– Não haverá resistência – Sir Gilbert relatou. – Ataques esporádicos como a emboscada são tudo o que podemos esperar.

– Já cruzamos a península. Devíamos seguir para o oeste e atacar Caen – disse Sir Reginald. – A cidade é como uma bolha em nossos rabos. Precisa ser derrotada.

O Conde de Northampton riscou duas linhas na terra com sua adaga.

– É o maior obstáculo em nosso caminho para Paris; o rei sabe disso. A batalha tem de ocorrer lá antes que possamos seguir adiante. Precisamos cruzar o Sena e depois o Somme, e o diabo que nos ajude. Não podemos deixar os milhares de Bertrand em nossas costas. Vamos para Caen antes que ele fortifique ainda mais o lugar.

– St. Lô primeiro – disse Harcourt.

– Godfrey, não faz sentido. Todos nós sabemos da sua inimizade com Bertrand, mas ele tem consciência suficiente para saber que não tem como defender o local de nós – disse Northampton.

– Se ele estiver lá, quero a cabeça do maldito num poste. Três dos meus amigos foram mortos lá. Seus crânios, pendurados no portão. Eram cavaleiros normandos que juraram fidelidade a Edward. Ele vai querer vingança tanto quanto eu. St. Lô, eu digo, e depois Caen – insistiu Harcourt.

Sir Reginald fitou o conde.

– Bom, é uma rica cidade. Tem vinho e roupas para tomarmos.

– Mas retarda o avanço! – Northampton argumentou. – É o que Bertrand quer. Desacelerar-nos. Por Deus! Há um exército francês vindo do sudoeste e Philip está seguindo para nos encontrar em Rouen. Essa diversão vai nos custar caro demais.

– Quando o rei souber de suas riquezas, e o destino dos homens leais a ele, vai querer ver St. Lô pilhada e queimada – retrucou o barão.

Sir Gilbert mantinha-se em silêncio. Não tinha prova definitiva de que a força de ataque francesa fora, de fato, defender a rica cidade. O Conde de Northampton olhou para seu cavaleiro.

– Não há muito o que argumentar aqui, Gilbert, mas você tem uma opinião, sem dúvida. Sempre tem.

– Se eu fosse Bertrand, abandonaria St. Lô. Sir Reginald tem razão, é rica e é uma tentação difícil de resistir, mas Bertrand vai fugir como a raposa que está mostrando ser. Não deixará tropas lá; estará já fortificando Caen. St. Lô é a isca para nos manter zanzando por mais tempo.

– Mas é uma minhoca gorda – aceitou o Conde de Northampton.

Os homens foram saindo, mas Godfrey Harcourt pegou Sir Gilbert pelo braço.

– Se formos atacar St. Lô, existe outra questão com relação a você e seus homens – disse.

Exceto por Blackstone, os arqueiros reabasteceram seu armamento dos carregamentos com bordões pintados de branco. Testaram e puxaram as cordas de cânhamo, descartavam um bordão para ficar com outro, até que cada homem teve certeza de que tinha o arco que melhor lhe serviria. Eram feitos principalmente de freixo e olmo inglês, boas armas para qualquer arqueiro, mas inferiores ao arco de teixo de Blackstone.

Cada um dos homens depositou mais uma dúzia de flechas no saco, e preparou-se para cavalgar novamente com os homens escolhidos por Elfred, que fora intitulado comandante por Sir Gilbert. Havia toda uma solenidade entre os

sobreviventes do incêndio. Companheiros haviam sido perdidos no celeiro, e o amigo de Blackstone apodrecia pendurado num castanheiro de folhas largas. O combate, pelo menos, oferecia aos homens a chance de morrer lutando contra seu inimigo, mas morrer como ratos na armadilha, queimados vivos, seria um ato perverso do demônio, contrário à vontade de Deus. Então Deus não ajudaria camponês algum que se encontrasse sob o jugo dos arqueiros – nenhum deles.

Blackstone estava sentado junto ao irmão e Elfred, enquanto Will Longdon xingava os malditos covardes franceses que substituiriam os arqueiros mortos.

– Blackstone! – berrou Sir Gilbert.

O rapaz levantou-se, fez um gesto pedindo ao irmão que ficasse, e foi rapidamente até o capitão, que deu meia-volta e caminhou na direção dos estandartes de seu comandante. O manco Harcourt observou o rapaz fazendo reverência, mas os olhos de Blackstone enxergavam muito além do normando. A vinte passos dali, falando com Sir Richard Cobham e o Conde de Northampton, estava o jovem Príncipe de Gales. Seu pavilhão fora reunido, e os servos corriam de um lado para o outro, conforme os cozinheiros preparavam comida. Blackstone ficou com água na boca, não se lembrava de quando fora a última vez em que comera carne. Uma dúzia de cavaleiros mantinha distância do príncipe, por respeito, mas ficou claro que estavam lá para proteger o herdeiro do trono. Estando mais perto do que na igreja, Blackstone pôde ver os traços refinados do rapaz com mais clareza.

– Seu capitão me diz que você tem habilidade e que seu pai foi um arqueiro que se casou com uma francesa, e ela não era puta. Diz também que você fala francês e tem cabeça boa – disse Harcourt.

Blackstone não pôde deixar de pensar em que sorte de nascimento determinava o destino. Talvez Deus tivesse seus favoritos. O rapaz parecia ser forte, mas poderia brandir uma espada por horas assim como Blackstone podia com o martelo de pedreiro? Talvez fosse pedir demais de um jovem príncipe que tinha ainda que provar a si mesmo que era bom na batalha. Talvez…

Sir Gilbert deu-lhe um tabefe na nuca.

– Acorde! Meu senhor falou com você. – Sir Gilbert sorriu, abobado, para Harcourt. – Desculpe-me, milorde, vai ver escolhi mal. O irmão bobalhão talvez tivesse sido melhor escolha. Este aqui é pura insolência.

Godfrey Harcourt ignorou-o, e fitou Blackstone, que ficou de joelhos, em penitência.

– Perdoe-me, senhor.

– Homens comuns raramente chegam tão perto do filho do rei. Levante-se – ordenou Harcourt. Blackstone obedeceu, mas manteve os olhos baixos por receio de parecer impertinente.

– Você serviria ao seu príncipe? – Harcourt perguntou. – Olhe para mim, rapaz.

Blackstone fitou os profundos olhos castanhos de um homem considerado um traidor por muitos na França, exceto por outros senhores feudais da Normandia.

– Sim, senhor. Com tudo o que tenho.

– E o que você tem, segundo Sir Gilbert, é a habilidade de usar o que tem entre as orelhas. E sabe como é construído um forte.

Blackstone jamais cortara pedra para algo que não fosse a mansão de Lord Marldon, mas sabia ler uma planta e entendia de projetos geométricos. Isso o qualificava? Sir Gilbert obviamente achava que sim e negá-lo, com toda a certeza, colocaria o cavaleiro em maus lençóis.

– Sim, milorde.

– Então sabe onde se encontra o ponto fraco. E como atravessá-lo.

Blackstone não sabia se aquilo fora uma afirmação ou uma pergunta, então apenas fez que sim.

– Nesse caso, vai cavalgar com Sir Gilbert para Caen. Vamos atacar St. Lô amanhã, mas Bertrand tem quatro mil homens de armas com besteiros genoveses esperando por nós, e cidadãos prontos para lutar em Caen. Se resolverem defender a cidade, não podemos ficar presos lá. Eu não vi nada porque fui exilado para a Inglaterra. Precisamos dos seus olhos para encontrar a fraqueza nas defesas. O príncipe liderará o ataque. Temos que tomar a cidade, mas o forte é impenetrável. Você verá o que será preciso fazer para tomá-lo.

– Verei, Sir Godfrey.

Harcourt estudou-o por mais um instante e tirou uma moeda de prata da algibeira.

– Hoje é dia de São Cristóvão. Um santo que foi forte, simples, bom e dedicado a uma coisa: servir seu Senhor ao servir seus companheiros. Você salvou vidas na emboscada e no celeiro, jovem Blackstone, porque usou seus instintos. Ou foi sua inteligência? Veremos. Eis uma recompensa. – Ele lançou a moeda, que Blackstone pegou.

Ele cumprimentou Sir Gilbert e saiu.

– Meu pobre Jesus, você recebe recompensa sem nem arranhar o traseiro. Volte para Elfred, mande-lhe juntar comida e cavalos descansados. Temos trinta quilômetros à frente – disse Sir Gilbert, irritadiço, xingando baixinho que não teria chance de pilhar. St. Lô era, de fato, um prêmio robusto. Homens menos merecedores, até soldados comuns, abarrotariam as carroças com roupas e riquezas dos moradores.

– Obrigado, Sir Gilbert.

O cavaleiro resmungou.

– Pelo quê?

– Você deve ter falado sobre a emboscada ao marechal.

O irmão de Blackstone estava sentado com outros quatro homens, substitutos dos arqueiros mortos. O rapaz nunca os vira antes. Eles jogavam dados, e um deles, um homem de rosto marcado após toda uma vida de mulheres e bebida, com cicatrizes resultantes de brigas de bar e guerras, sorriu, mostrando os dentes enegrecidos, e deu um tapinha no ombro de Richard.

– Ganhou de novo, bobão – disse, jogando os dados dentro do potinho de couro e sacudindo-o na frente do rosto do menino. – Ouviu, seu boboca? Os dados estão te esperando. Vamos lá, rapaz. – Ele esfregou o indicador no dedão, querendo que Richard apostasse.

Blackstone aproximou-se do grupo e tocou o irmão na cabeça. O menino olhou para ele e sorriu, soltando um grunhido que indicava empolgação e satisfação de estar junto aos homens, e por ter duas moedas de prata à frente.

– Vamos embora – disse Blackstone baixinho, gesticulando para o irmão.

Richard fez outro barulho ininteligível, e pegou as duas moedas. Estava ganhando, por que ir embora?

Os novos homens fitaram Blackstone. O de dentes pretos não sorriu quando falou.

– Ele pegou nosso dinheiro. Queremos uma chance de recuperar.

– Sabem que ele não pode escutar nem falar. Deixou-o ganhar, ele não tem nada a mais para dar além do que ganhou.

– Deixe-o ficar. Todos andaram pilhando. Ele tem alguma coisa – o homem ralhou.

– Não, não tem. – Blackstone curvou-se, pegou as moedas e jogou-as no colo do homem. Antes que este pudesse levantar-se, Richard socou o braço do irmão e, pegando-o desprevenido, desequilibrou-o e lançou-o ao chão. Os homens, pensando que haveria briga, juntaram-se e formaram um círculo em torno dos dois arqueiros.

Blackstone fora pego de surpresa. O peso de Richard contra seu peito tirou-lhe o fôlego. O irmão raramente demonstrava petulância. Quando era bem mais novo, o pai passara horas acalmando sua raiva e frustração. Richard jamais atacara o irmão antes.

Não havia dúvida de que o irmão era o mais forte. E, pela primeira vez, Blackstone viu algo nos olhos de Richard que o meteu medo. A raiva anuviara os

pensamentos do menino. A fera enjaulada fora libertada. Blackstone não conseguia tirar o peso do peito e dos ombros. O irmão balançava a cabeça e sorria. Baba escorria pelo queixo malformado. Era o mais forte. Talvez fosse o melhor. O menino olhou ao redor de si e, de sua prisão silenciosa, viu homens gritando e murmurando, os rostos contorcidos, os punhos cerrados, incentivando-o a bater no homem embaixo dele.

Blackstone não se mexia, deliberadamente não resistindo. Os olhos do irmão mudaram quando a compreensão limpou a raiva. Ele rolou para o lado e brandiu o braço contra os zombeteiros, como um cão acorrentado lançando-se contra seus atormentadores. Os arqueiros recuaram. Blackstone levantou-se. O irmão o fitou, e ele o acalmou gentilmente.

– Fiquem com seu dinheiro. Deixem-no em paz – disse aos homens.

Conforme os irmãos foram até os cavalos amarrados às árvores, Elfred aproximou-se dos substitutos. Presenciara o confronto.

– Preparem-se. Retirem bacalhau da carroça de suprimentos. Para dois dias. Seu nome? – disse, apontando para o do rosto gasto.

– Skinner de Leicester.

– Acho bom deixar o surdo-mudo quieto. Os dois são irmãos. São irmãos de sangue de Sir Gilbert.

Skinner pegou a sacola de flechas e pôs as moedas numa algibeira, depois cuspiu.

– E daí?

Richard piscou os olhos, dispersando as lágrimas que ali se acumularam. Blackstone mantinha-se distante, alguns passos atrás, enquanto o irmão embainhava o novo arco e checava a algibeira, passando depois para a sela. Quantas vezes não quisera ouvir palavras saindo da garganta do irmão, como John Nightingale, que podia contar histórias e rir sem preocupação. Porém, nada de se preocupar. Ele foi até onde Richard esperava, à sombra da árvore. Estendeu a mão e a colocou sobre o coração do rapaz. Com alguns gestos, imitou uma mãe ninando um bebê. Abriu a palma da mão três vezes. Três vezes cinco dedos. Pegou uma moeda da algibeira e deu a ele. Era o aniversário de 15 anos de Richard. Blackstone inclinou-se à frente e beijou o irmão nos lábios. Não havia maior sinal de afeição a oferecer. O irmão alcançara a idade legal para poder ir à guerra.

Elfred cavalgava liderando os arqueiros. Roger Oakley servia como subcomandante – sargento para vinte dos homens – e Blackstone e Richard

caíram em sua companhia. O pequeno grupo de batedores eram os olhos do rei. Sir Gilbert preferiria ter sido do braço de espadas do rei. Havia muito pouco prazer em queimar os casebres abandonados e vilas que encontravam pelo caminho. Assim que a guerra passasse, as cabanas de colmo e sabugo poderiam ser facilmente substituídas e os moradores retornariam à sua miserável existência. Os camponeses haviam removido dali seu gado, para longe do exército que se aproximava, tornando mais difícil para a horda de homens alimentarem-se no local. Onde trigo e cevada haviam sido colhidos, e feno para o gado, tudo fora descartado ou queimado antes que os soldados pudessem pegar. Outra vila foi destruída. Surgiu um grupo de cavaleiros. Skinner passou ao lado de Richard, girando uma tocha em chamas, rindo, encorajando o rapaz a jogar a dele. Foi apenas por um instante, mas Blackstone ficou cara a cara com o homem, que puxou a cabeça do cavalo para o outro lado e saiu galopando por entre as casas incendiadas. Sabia que a tentativa de fazer amizade do jogador era falsa; estava tentando encorajar Richard a unir-se a ele por nenhum motivo senão entretenimento. Blackstone prometera ao pai que manteria o irmão sempre ao seu lado, que sempre seria responsável por ele. E continuava cumprindo a promessa. A guerrilha unia homens de diversos tipos e condições, e muitos dos que vieram de seu condado estavam mortos. Aqueles novos arqueiros não riam juntos. Eram diferentes – pareciam lobos.

Um porco guinchou, saindo do esconderijo. Um dos cavaleiros baixou a lança e fincou no corpinho retorcido, e, embora fosse apenas um porco pequeno, era um prêmio, e alimentaria os cavaleiros enquanto os outros comiam apenas peixe salgado.

Blackstone lançou uma tocha flamejante sobre o colmo de um casebre. Não era nada diferente da vila onde morava. A sensação de arrependimento foi trocada pela de arrebatamento. *Seria a confiança de ser arqueiro ou algo a mais?*, pensou ele. O que quer que fosse, ele sabia que se estivesse em sua vila, seu arco teria sido usado e metade dos vinte homens já estaria morta. Ele lutaria por sua casa. E pelo porco.

Nuvens de fumaça escureceram o horizonte. Cada construção do caminho era queimada pelo exército que avançava. O rei inglês queria que seus inimigos soubessem que nada seria poupado caso ficasse em seu caminho. O interior estava sendo assolado, as pessoas forçadas para dentro das cidades, dando maiores problemas para a defesa francesa resolver. A divisão de vanguarda do príncipe varrera St. Lô, e alcançaria Caen pouco após o entardecer do dia

seguinte. Sir Gilbert queria seus homens alimentados e prontos para lutar. Nenhum tiro seria permitido naquela noite para não entregar sua posição. Os cavaleiros podiam ter conseguido aquele porco, mas as flechas de ponta grossa dos arqueiros, usadas para matar cavalos nas batalhas, derrubaram uma ovelha, que Skinner limpou, já que esse era o seu trabalho. Carneiro fresco em vez de peixe salgado seria muito melhor para encher a barriga para a batalha que estava por vir.

Sir Gilbert levou Blackstone cerca de um quilômetro fora da cidade, num planalto ao sudeste, para observar onde a resistência principal dos defensores estaria.

– Não temos exército grande o bastante – disse Blackstone quando viu as paredes da cidade erguidas feito morros sobre o terreno pantanoso, cercada pelo Orne, com o Odon atravessando por dentro. Paredes escoradas e torres recheadas de homens armados; baluartes de telhado cônico permitiriam aos franceses atirar nas fileiras inglesas. Seria uma chacina. Os arqueiros que o conheciam disseram que Caen era a maior cidade da Normandia depois de Rouen; dez mil pessoas moravam lá e, com o exército de Bertrand e os besteiros genoveses, seria uma armadilha mortal para o exército inglês invasor. Bandeiras ondulavam sobre as torres e os campanários, e do forte de William, o Conquistador, que ficava na parte norte da cidade. Diversos canais dos rios e pântanos adjacentes ofereciam defesa para a cidade e seus subúrbios ao sul, que, pelo que via das casas e jardins, Blackstone considerou ser a área mais rica da cidade. Seus olhos pesquisaram as paredes em busca de fraquezas, mas onde quer que houvesse uma, os defensores haviam cavado trincheiras e levantado paliçadas. O imenso castelo no fim da cidade chamava muita atenção. Ele sabia que gerações de pedreiros haviam trabalhado nele.

– Aquele forte não pode ser tomado sem armas de cerco – disse ele a Sir Gilbert sem tirar os olhos da vastidão da cidade.

– O rei não quer fazer cerco, não há tempo, mas não pode deixar uma força francesa para trás. Temos que seguir para o norte e cruzar o Sena, para Paris. Pode ter certeza de que os franceses terão toda a ponte defendida ou destruída. É assim que querem nos desacelerar, para que o exército de Philip possa vir do sul. – Ele tirou um pedacinho de carne dos dentes. – Então, jovem Blackstone, estamos no espeto igual ao porco que assamos.

Blackstone concordou e deixou seus olhos seguirem os contornos das antigas paredes da cidade, passando pelos pântanos e pelo rio, até a estrada que levava à ponte que estava pesadamente fortificada.

– Foi um verão seco, o pântano deve estar baixo, deve estar firme para andar, e o leito dos rios não carrega muita água. Não acho que dê para usar cavalos lá

embaixo, mas os homens podem passar correndo.

Sir Gilbert seguiu o olhar de Blackstone.

– E vai ser difícil lutar também. Mas você tem razão; podíamos atacá-los por lá. É a Ilha de St. Jean. – Ele apontou para o subúrbio mercantil completamente cercado pelo rio. – É o ponto fraco da cidade, e tem riquezas para conquistar, mas aquela ponte… – Ele não concluiu a frase. A ponte que conectava o subúrbio à cidade estava muito fortificada, e barcaças haviam sido ancoradas, tripuladas por besteiros.

Por uma hora, ficaram sentados à sombra de uma árvore, observando as pessoas zanzando pela cidade. Soldados e homens de armas cruzaram a ponte e construíram barreiras com carroças tombadas, paliçadas, portas empilhadas, arrancadas das dobradiças, e móveis tirados das casas. As torres barbacãs controladas por besteiros no final da ponte de pedra e a barricada do outro lado a tornavam intransponível. Sir Gilbert resmungou.

– Tolos – foi tudo o que disse. E um momento depois: – Diga-me o que vê.

Blackstone fitou as pessoas que se acotovelavam lá embaixo. Soldados e moradores ainda ajudavam a erguer a barricada na ponte, besteiros escalavam barcaças ancoradas na margem do rio, outros haviam subido nos andares superiores das casas e aberto as janelas para poderem atirar nas ruas.

– Estão defendendo a ponte principal da cidade e as paredes ao leste.

– Quando você luta uma guerra, escolhe por onde passar. Onde você luta é tão importante quanto como você luta. Olhe de novo – disse Sir Gilbert.

O que Blackstone via era que o maior obstáculo seria passar pelas ruas densamente defendidas. Ainda que um dos rios desse a volta pela parte sul da cidade, e outro a cruzasse, as casas dos mercadores na Ilha de St. Jean, com suas tiras de terra, eram definitivamente o ponto mais fraco do sul. Se os homens pudessem passar por aquelas ruas e por sobre a ponte, para dentro da antiga cidade, em números suficientes, a cidade poderia ser tomada. Mas não naquele momento. Não com as novas defesas sendo alocadas. Sir Gilbert cutucou os dentes, os olhos fixados na fervilhante cidade.

E então Blackstone percebeu o que Sir Gilbert já tinha visto.

– Estão defendendo a Ilha de St. Jean e a cidade, em vez do forte. A maioria das defesas encontra-se naquela ponte sul. Se nossos homens entrassem na cidade e atacassem por trás, acabariam presos por culpa deles. – Ele apontou para a parede oeste. – Lá. Um portão na parede. Está vendo? É velho, a alvenaria deve estar cedendo, e os portões vão tombar. Quase não está defendida. É o ponto mais fraco na parede.

Sir Gilbert deu um passo atrás, mergulhando na sombra sob a qual descansavam os cavalos.

– Ainda vamos tirar um soldado do pedreiro.

Blackstone passou a noite acocorado na encosta observando milhares de tochas brilhantes, vagalumes na escuridão, conforme o povo lá de baixo se preparava para defender a cidade. Não sabia se estavam tão assustados quanto ele, porque chegava a hora em que ele ficaria cara a cara com o inimigo e não matando a distância. Quando Sir Gilbert disse aos homens onde pensava que ocorreria o ataque, Blackstone observou as expressões deles. Queriam matar. Caen lhes concederia riquezas e mulheres.

O exército inglês acordara e se colocara em movimento antes do amanhecer. Três divisões de quatro mil homens cada cobriram as encostas. Blackstone viu as flâmulas e os estandartes emergirem sobre o horizonte cinza, a brisa balançando o tecido como aves de rapina. A vanguarda do Príncipe de Gales seguiu em direção aos arredores do norte, e atrás deles um enxame de não combatentes avolumava as fileiras inglesas – motoristas de carroça, cozinheiros, cavalariços, ferreiros e carpinteiros. Pararam muito atrás da vanguarda, como se fossem mais uma divisão de batalha, uma ilusão para fazer os franceses pensarem que o exército que avançava era maior do que esperavam. A divisão do rei avançou diretamente, vinda do oeste. Thomas Hatfield, soldado e clérigo – era também o Bispo de Durham –, comandava a retaguarda.

Elfred manteve Richard ao seu lado quando Blackstone cavalgou junto a Sir Gilbert para reportarem-se a Godfrey Harcourt.

Blackstone sentiu um trepidar no peito. Cavalgava na direção do Príncipe de Gales e dos marechais do exército. Cavaleiros de armadura, escudos e bandeiras com seus brasões, suas túnicas com a cruz de São Jorge nas mangas, uma floresta de lanças sustentadas por escudeiros, milhares de soldados de infantaria, arqueiros e lanceiros galeses caminhando à frente. Os olhos de Blackstone viam uma confusão de dourado, escarlate e azul – imagens bordadas em sobretudos, alazões relinchando, querendo galopar, farejando a excitação dos guerreiros –, e ele imaginou como poderia alguém não temer a horda que se aproximava. Os trompetes bradaram tão alto, que parecia que iam derrubar as paredes da cidade.

– Por que eu tenho que falar com Sir Godfrey? – Blackstone perguntou ao chegarem perto da vanguarda.

– Porque não é todo dia que um homem comum das fileiras tem a chance de levar um relatório a um marechal do exército inglês. Ele queria a sua opinião; espera que você a dê. Não fará mal algum ser notado. Ele é normando, pelo amor de Deus; tão comum quanto você. A única diferença é que uma pessoa

importante fornicou com a mãe dele – Sir Gilbert respondeu.

– Mas você viu as defesas antes de mim – disse Blackstone.

– Se eu tenho escolha, prefiro não conversar com traidores, não importa de que lado estejam lutando – disse Sir Gilbert. Ele parou e esperou. Uma tropa de cavaleiros galopou trazendo as cores vermelho e dourado de Godfrey Harcourt.

– Então? – disse um tolo barão, fazendo cara feia para o arqueiro. – Encontrou um jeito para que eu possa gastar uns trocados com as putas francesas?

Capítulo cinco

Blackstone corria rápido e firme, engolindo porções grandes de ar, as bochechas cobertas por lágrimas de esforço, o arco preso com tanta força nas mãos, que os nós dos dedos ardiam. Ele e outros arqueiros esperaram pelo comando para atacar, agachados, xingando, desesperados para soltar as forças que seguraram até então – uma bruma de medo e exultação –, posto que desejavam muito lançar-se adiante e atacar.

– Esperem… esperem… – ordenara um maldito comandante lá de trás. – Esperem pelos trompetes. Esperem…

Melhor seria ter ficado junto das carroças paparicando os cavalos do que ali com os demais homens vendo sua chance de entrar na cidade sendo-lhe negada quanto mais esperavam, enquanto ela ia sendo reforçada. Era preciso ser cego para não enxergar a chance que estavam perdendo.

– Esperem…

E então os arqueiros libertaram-se do comando, não mais capazes de ignorar a oportunidade. O grupo de homens de armas de Sir Gilbert correram junto dele, cotas de malha sibilando, armaduras tilintando, pulmões arfando. Os lanceiros galeses gritaram algo incoerente em desafio e correram para o portão. Os arqueiros de Elfred lideravam o grupo, mas, após cem longas passadas, o comandante ergueu o braço e conteve o ataque, deixando os homens de armadura mais pesada tomarem a dianteira. Os arqueiros, seguindo a ordem, prepararam as flechas, puxaram as cordas e dispararam uma poderosa saraivada que pousou vinte metros à frente dos homens que avançavam, derrotando defensores, ganhando tempo para que Sir Gilbert chegasse mais perto. Correram, depois, na direção dos gritos e do primeiro colidir de metal contra escudo e lança. Mais trinta metros e dispararam mais uma vez. Arqueiros ingleses e lanceiros galeses caíram quando flechas de besta penetraram seus corpos desarmados. A defesa foi bravamente enfrentada; os grunhidos e arfados do

combate mano a mano borraram-se na visão que Blackstone tinha à sua frente. As tropas de armamento leve lutavam com selvageria contra os homens de armas franceses. A ferocidade do ataque misto, inglês e galês, empurrou a defesa para trás. Os homens pularam por cima das barricadas, os galeses enfiavam suas compridas lanças nos defensores, enquanto os homens de Sir Gilbert brandiam espada e machado. Estavam avançando. Blackstone reconheceu homens usando os mesmos sobretudos que aqueles da emboscada. Estavam encostados na parede, utilizando cada pedaço de rocha e pedra como proteção, enquanto miravam as bestas, soltando as flechas contra os homens que avançavam.

Mais uma vez, Elfred conteve o avanço. Blackstone viu-o meter um punhado de setas de ponta grossa no solo à frente. Os arqueiros seguiram o exemplo dele. Precisavam abrir caminho. A trajetória era baixa; os disparos tinham de ser rápidos.

Em meio ao rugido do sangue em seus ouvidos, Blackstone ouviu o comando de Elfred:

– Preparar! Marcar! Puxar! Disparar!

As mãos de todos os arqueiros e seus corpos acompanhavam o ritmo do comando. Richard ficava um pouco atrás, seguindo as ações de Blackstone um segundo atrasado. Meia dúzia de vezes Elfred convocou os arqueiros a disparar, e corpos caíram no caminho dos homens de armas.

Então voltaram a avançar. Elfred sacara sua faca e rasgou um homem ao passar por cima das trincheiras e barricadas. Um atirador mirou sua besta nele e soltou uma flecha que atingiu um lanceiro que vinha logo atrás de Elfred. Blackstone puxara a corda, mas a flecha do irmão foi solta antes, e o defensor italiano caiu com a seta enfiada pela garganta. Blackstone estava quase na barricada. Uma fumaça começou a erguer-se nas ruas estreitas conforme os soldados iam lutando e abrindo caminho por entre as passagens esguias, queimando as casas abarrotadas ao passar. E então começou o combate mano a mano. Blackstone entrou em pânico, esqueceu-se de que portava uma espada e atacou um defensor francês no olho com a ponta do arco. Golpeou e golpeou de novo, até que as mãos do homem tatearam em busca do bordão, gritando de agonia, mas Blackstone gritava algo também. Uma voz dentro de sua cabeça ecoava o grito de batalha que ouvia outros urrando: São Jorge! São Jorge pelo rei Edward! SÃO JORGE! A força que berrava de seus pulmões canalizou o pânico de Blackstone para o homem que se contorcia. Uma onda de corpos o carregou adiante. O irmão não estava mais por perto. Ele se virou, viu-o puxando e soltando uma flecha, matando um francês que brandia uma alabarda, e depois os homens que lutavam e se acotovelavam o tiraram de vista.

Um golpe passou de raspão na têmpora de Blackstone. Ele sentiu gosto de

sangue, vacilou. Viu o francês baixar a espada, saindo da posição de defesa, pronto para rasgar o arqueiro da clavícula ao quadril. Uma espada sangrenta passou-lhe pelo rosto. Alguém atrás dele metera uma lâmina na axila do outro homem, penetrando cota de malha e coração. Era um homem de armas inglês, com um braço ferido largado, mas com o braço ativo brandindo sua espada. Blackstone fitou o visor do homem, não enxergou nada, mas riu mesmo assim. Riu pela ferocidade, riu porque ainda estava vivo. Por estar com tanto medo.

– Continue lutando! – gritou o homem de armas, saindo dali, golpeando por todos os lados, deixando o arqueiro que acabara de salvar.

As alamedas fervilhavam com homens de armas misturados a lanceiros. Os franceses lutavam com desesperada coragem; nenhum se rendia. Blackstone ultrapassou outra barricada, vendo guerreiros franceses se defendendo dos atacantes. Elfred já estava trinta passos adiante. Skinner, Pedloe, Richard Whet, Henry Torpoleye e os demais foram separados quando os defensores os atraíram para ruas laterais, onde defenderam sua posição. A bainha de Blackstone prendeu-se a uma barreira de vime e ele caiu de cabeça assim que uma lasca de metal passou-lhe pelo rosto. Esquecer-se do conselho de Sir Gilbert o salvara. O homem de armas francês tinha meia dúzia de mortos aos seus pés. O visor do capacete estava abaixado, a armadura, coberta de sangue inglês e galês. Os golpes amplos matavam homens num ritmo constante; um combate corpo a corpo envolvente no qual o homem parecia não se cansar de matar. Brandia sua espada de guerra com eficiência implacável. O sobretudo manchado mostrava o perfil de um urso contra um fundo índigo, com uma flor de lis em cada canto. Era um cavaleiro de alta posição e não poderia se render a ninguém de ranque inferior. E era conhecido que arqueiros nunca concediam nem esperavam ter misericórdia numa luta. Blackstone recobrou o equilíbrio, passou por cima de corpos destruídos, ergueu o arco e puxou a corda. Tudo de que precisava era um disparo simples, um segundo, um breve momento entre a queda dos homens aos pés do cavaleiro e sua passagem, para lutar contra outros. A ponta da flecha atravessaria a armadura do homem. Não importava quão corajoso era seu coração, não sobreviveria a um ataque naquela distância.

Um lanceiro atrás de Blackstone arfou quando uma flecha de besta estilhaçou-lhe o rosto. Em seu terror gorgolejante, o homem espirrou sangue na nuca de Blackstone; o corpo dele trombou contra o arqueiro, derrubando-o. A flecha voou inofensivamente para a lateral de uma casa cujas paredes de ripas eram tomadas pelas chamas. Blackstone levantou-se e viu o cavaleiro francês ceder perante o ataque de soldados de infantaria inglesa, que passaram a lutar com machados, facas e maças tomadas dos inimigos mortos. Forçado contra a parede, ele não pôde mais recuar, e os ingleses começaram a dominá-lo, como

cachorros rasgando um veado. Facas e espadas fincavam e brandiam; lanças golpearam até que lhe cortaram as pernas do tronco. O homem caiu de joelhos e foi morto. Tudo se acabou em segundos. Blackstone cuspiu sangue e sentiu um desespero inexplicável pela morte do corajoso cavaleiro.

– Richard! – gritou Blackstone, desesperado para ser ouvido por cima dos ruídos de luta, sabendo que o irmão jamais ouviria seu chamado, mas esperando que outros soubessem aonde a batalha o levara.

O suor corria-lhe espinha abaixo; o justilho de couro usado por baixo da malha acolchoada para maior proteção ficou pegajoso como uma segunda pele. Ele atravessou uma porta e tropeçou em cima de um corpo. A quietude momentânea dentro da passagem mal iluminada concedeu-lhe uma breve pausa do tumulto. O fedor de urina seca ardeu em suas narinas. Blackstone ergueu-se, tentando enjaular o medo. Uma mão tocou-lhe o tornozelo. Ele deu meia-volta, batendo as costas na parede, a faca na mão, pronto para atacar.

Uma tosse intermitente veio do moribundo deitado no chão. As calças estavam manchadas com sangue escuro saído de um ferimento no estômago, os órgãos vitais, perfurados; a morte era inevitável. Um corte profundo no peito borbulhava sangue espumoso. O homem de bigodes grisalhos tinha idade para ser avô dele. A careca era permeada por tufos de cabelos grudados por suor; o capuz havia-se perdido muito antes. O arco estava quebrado, cortado por golpes de espada, a sacola de flechas, da qual brotavam empenagens de pluma de ganso cinza, estava pela metade. O homem disse algo numa linguagem que Blackstone não entendia, então ele compreendeu tratar-se de um arqueiro galês, um dos que atacaram juntos dos lanceiros. A mão do ferido o apertava com firmeza, e Blackstone cedeu. Limpou o rosto do homem, retirando sangue e suor dos olhos dele.

– Arqueiro? – o velho sussurrou em inglês.

Blackstone fez que sim.

– Os melhores homens… – Sorriu o velho, depois gaguejou. – Mate… os malditos, rapaz… – Ele empurrou a sacola de flechas na mão de Blackstone. Nesse momento, ele fixou os olhos no rosto do jovem arqueiro, leu o medo que ainda não o havia abandonado.

– Não é nada… morrer… Não tenha medo. É arqueiro… não?

– Sou – Blackstone sussurrou.

– Bom, então… eles têm mais medo… de você.

Os dentes ensanguentados do veterano mostraram-se num sorriso. Ele arrancou uma medalhinha do pescoço, pressionou-a contra os lábios e colocou-a na mão de Blackstone, envolvendo-a com a sua. Então o aperto cedeu e uma última bolha escapou pelo ferimento no peito.

Blackstone fitou o talismã, uma figura simples gravada na prata de uma mulher, dentro de uma roda de prata, cujos braços curvados estavam acima da cabeça. Ele enrolou o cordão e meteu o adereço no bolso da jaqueta, depois se forçou a voltar à rua. A infantaria e os arqueiros lutavam lado a lado com lanceiros conforme os homens de armas forçavam seu caminho contra os grupos de defensores franceses, que recuavam. Nem um metro sequer era concedido sem brava resistência. Blackstone viu Richard Whet, escondido atrás dos suportes de madeira tombados de uma casa, disparando sem descanso contra besteiros genoveses localizados nas janelas superiores. Tropas francesas haviam barricado a esquina seguinte na tentativa de afunilar os atacantes nos confins estreitos das alamedas, onde os habitantes jogavam telhas e pedras neles. Havia corpos espalhados pela rua; rios de sangue congelavam-se entre as pedras. Meia dúzia de arqueiros esconderam-se atrás do que puderam encontrar e derrubaram defensores, enquanto a infantaria e os homens de armas lutavam de perto ao longo das ruas cobertas de pedras. Um grupo que avançava empurrou Blackstone para próximo dos homens do Conde de Warwick ao colidir contra uma barricada, enquanto outro grupo de homens optou por uma rua lateral. Cada esquina era disputada.

– Meu irmão? – ele gritou quando Whet tirou a última flecha da sacola.

– Com Skinner e Pedloe. Seguiram Sir Gilbert.

O rapaz apontou para uma alameda imersa nas sombras lançadas pelas casas abarrotadas. Os habitantes se misturavam aos soldados para defender seus lares. Uma mulher soltou um palavrão ao usar a veneziana da janela como escudo, enquanto o companheiro atacava um homem ferido, largado sobre os paralelepípedos cobertos de sangue. A flecha de Whet atravessou o escudo improvisado, e a mulher caiu de costas, as mãos apertando o ferimento, os olhos escancarados de dor demonstrando o choque e o poder do impacto da seta.

– Preciso de mais flechas, Thomas!

Blackstone enfiou a sacola do galês nas mãos de Whet e correu para a alameda, com uma flecha preparada, presa entre indicador e dedão, pronta para ser puxada e disparada. De tão estreita que era a rua, ficou difícil mover-se com rapidez. Ele passou por corpos largados nos batentes das portas e espalhados pelo chão; os ferimentos eram testemunha da brutalidade da batalha que ali ocorrera. A alameda ampliou-se. Uma fumaça varria a junção seguinte, onde cavaleiros da divisão do príncipe lutavam a pé, lado a lado com sua infantaria – homens comuns e nobres matando juntos os inimigos de seu rei. Blackstone disparou contra os defensores, depois seguiu adiante, encontrando sombras ainda mais profundas nas quais se esconder, evitando tornar-se alvo dos besteiros, que continuavam a mandar suas flechas letais sobre a briga nas ruas. Sempre que

uma besta aparecia por sobre o contorno de um telhado, Blackstone mandava uma flecha sete centímetros acima da figura que se avultava, e então um mercenário italiano caía para trás. Vários genoveses tombavam na rua, fincados na cabeça ou na garganta, conforme ele trocava de posição, procurando abrigo instintivamente, negando mais um alvo aos besteiros. O desespero para encontrar o irmão lhe dava impulso para enfrentar a batalha e seu próprio medo.

Homens gemiam de dor devido aos cortes, tendões rompidos e ossos quebrados; o choque de ferimentos brutais os nocauteava para uma inconsciência da qual jamais retornariam. Ele viu um arqueiro ferido, não passava de um menino, rastejando em busca de um local seguro – o rosto era familiar, o nome perdera-se no caos do conflito. Um soldado de infantaria francês baixou a lança para mergulhá-la nas costelas do garoto. A flecha de Blackstone perfurou-lhe o peito. Ele atravessou a rua correndo e arrastou o arqueiro até uma porta. Os gritos de dor diminuíram quando Blackstone o deitou o mais gentilmente que pôde, encostando-o na parede.

– Thomas! Graças a Deus! Minha perna, amarre a minha perna – implorou o jovem arqueiro. Blackstone rasgou a camisa manchada de sangue de um morto e envolveu a perna quebrada, usando uma flecha como tala. O arqueiro gritou de novo, forçando o braço contra o rosto, mordendo o tecido da jaqueta. Blackstone não podia fazer muito por ele. O arqueiro engoliu ar.

– Tem água aí? Meu Deus, que sede! Tem um pouco?

Subitamente, Blackstone notou que também estava sedento.

– Não. Nada. Viu meu irmão? Ele está com Skinner e Pedloe. E Sir Gilbert.

O arqueiro fez que não, depois se recostou na parede.

– Santo Deus, isso dói. Arranje um vinho para mim, Thomas, arranje alguma coisa, pelo amor de Deus!

Blackstone olhou para trás e viu a praça. Os franceses recuavam. Lembrou-se do nome do garoto: Alan de Marsh. Morava no vilarejo ao lado do dele. A mãe era serva de Lord Marldon. Blackstone forçou a mente para se lembrar do nome dela, no intuito de oferecer certo conforto ao menino, mas não teve sucesso.

– Alan, vou achar algo para nós – disse, e colidiu com o ombro em uma porta semiaberta que revelou um quarto escuro. Ninguém havia revistado o local; a batalha deixara de lado as pequenas salas que compunham o andar térreo das casas. Ele chutou para longe uma cama com seu colchão de palha encardido, e fuçou no piso de junco, para o caso de haver alguma cavidade escondida sob as tábuas que pudesse conter suprimentos. Tudo o que encontrou foram cenouras e cebolas mergulhadas numa tigela de água e algumas maçãs da última colheita que haviam sobrado numa prateleira. Encontrou um pequeno tonel, com a

cortiça avermelhada pelo conteúdo, mas não havia sinal de água fresca, e o poço comunal podia ficar em qualquer lugar.

Blackstone abriu o tonel, depois se largou sobre o batente, junto ao menino ferido. O vinho poderia animá-lo, e a cebola crua estava quase tão saborosa quanto a maçã rançosa. Por alguns momentos nenhum dos arqueiros falou, exauridos pelo cansaço da batalha e pelo açoite do medo. Blackstone levantou-se, sentindo os músculos das pernas reclamarem. Descansara demais. Queria poder rastejar de volta para a sala escura e dormir no colchão infestado de pragas, deixando que a batalha terminasse quando quisesse.

– Voltarei para buscá-lo assim que terminar – disse ele, tocando o menino no ombro. Blackstone desatou a bainha e entregou a espada ao menino, para que tivesse uma arma. Seria incapaz de usar o arco para defender-se, recostado na parede. O vinho amenizara a dor e a sede do menino, embora Blackstone soubesse que, a não ser que houvesse um médico nos arredores, a chance de ele sobreviver seria pequena.

– Conte a meu pai e minha mãe, Thomas. Quando for para casa. Conte-lhes que matei mais do que os outros. E dê-lhes moeda, tem muita em todas as casas. Mande-lhes algo por mim, eu imploro.

Os pais do menino eram camponeses – ignorantes, supersticiosos e desconfiados –, capazes de roubar sua lenha e matar seu porco. Consumidos pela superstição, rezavam para os espíritos das florestas e dos campos, e a morte do filho seria creditada como maldição por ele não poder mais trazer a colheita. Mas, para o arqueiro ferido, aquela era sua casa. Blackstone hesitou. Quão desorientado deve estar um homem para que perca as esperanças?

– Voltarei para buscá-lo, então poderá contar-lhes você mesmo – disse ele. A esperança era tudo.

Milhares de homens ocupavam as ruas, defensores e seus atacantes colidiam-se. Grupos informais de guerreiros uniam-se e atacavam cada ponto de defesa que encontravam. Blackstone corria, procurando pelo irmão, rezando para não encontrar o corpo dele entre os muitos que jaziam abarrotados aos montes. Sempre que passava por um arqueiro morto, pegava as flechas não usadas, embora houvesse poucas; os arqueiros venderam suas vidas a um custo muito alto para os franceses. Blackstone viu uma dúzia de lanceiros galeses e muitos arqueiros – os do Conde de Oxford; outros ostentavam as cores de Cobham. Não havia nenhum dos homens de Blackstone. Poucos tinham mais do que duas ou três flechas sobrando.

Blackstone passou por eles correndo, procurando alguém que talvez conhecesse. Mais adiante, gritos e berros vieram do outro lado da barricada. Homens avançavam pelo pântano; lanceiros galeses invadiram o rio num ataque suicida contra as barcaças e os besteiros genoveses. Atrás deles, arqueiros ingleses e galeses davam cobertura do melhor modo possível, mas os lanceiros estavam sendo massacrados. Os do lado de cá da barricada, junto a Blackstone, não tiveram escolha – lançaram-se contra os homens de armas franceses.

Fumaça varria as torres de defesa, sentinelas dos portões e da ponte defendida. Os lanceiros reuniram-se na beirada das paredes de uma das torres. Um homem mais velho, cabelos brancos compridos amarrados com cordão, demandava respeito, e os demais concordavam com o que ele dizia. Não havia escolha, eles teriam que atacar de uma só vez a barricada fortemente defendida. Os aliados, do outro lado, estavam tombando sob as saraivadas de flechas de besta. O homem fitou Blackstone.

– Você e seus homens podem nos dar cobertura?

Blackstone percebeu que, dos arqueiros presentes, seu sobretudo era o mais ensanguentado e que o ferimento na cabeça, que sofrera na barricada, emplastara seus cabelos. Ele parecia ter passado pela pior parte. Ele fez que sim.

– O melhor que pudermos. Não mais do que duas saraivadas.

– Prepare-se – disse o galês.

Blackstone virou-se para os arqueiros sem pensar que havia veteranos no grupo. Elfred lhe mostrara o que fazer, e aqueles homens seguiriam o regime de comando.

– Preparar! – Ninguém questionou.

– Apontar! – Todos obedeceram.

– Puxar! – A disciplinada máquina de matar inglesa estava pronta. O som do cordão de cânhamo sendo esticado e dos bordões de freixo e teixo dobrados soou em uníssono.

– Atirar! – ele gritou.

Os galeses dispararam.

Os franceses ouviram o grito de guerra e se viraram. Uma dúzia caiu com a saraivada dos arqueiros, mas outros avançaram e derrubaram cinco ou seis homens. Blackstone viu o soldado de cabelos brancos atacar um homem de armas e depois desaparecer de seu campo de visão conforme os homens ao redor dele tombavam por golpes selvagens, cortantes.

Ele repetiu a ordem, e as últimas flechas arquearam e caíram sobre os homens de armadura. Os galeses mataram a mesma quantia que dos seus tombaram, mas lanças de madeira não podiam enfrentar o corte de machado e espada. O ataque fracassaria. Blackstone guardou o arco nas costas, sentindo o

bordão pressionar-lhe a espinha. Ter uma espinha dorsal de teixo não seria nada mal. Ele procurou a espada, mas não encontrou a bainha. Então se lembrou de que a deixara com o arqueiro ferido. Tudo o que tinha era a faca. Desembainhou-a e soltou um grito que lhe explodiu pelo peito – e lançou-se para o caos.

Nenhum dos arqueiros sobreviveria. A não ser pelas facas, não tinham defesa, e as jaquetas acolchoadas rasgariam como pele quando os homens de armas franceses os golpeassem com espadas e machados. Os corpos dos galeses mortos e moribundos cobriam o chão, junto com os dos franceses, fincados por lança ou flecha; e, vinte passos adiante, Blackstone viu a parede de homens de armadura erguer as espadas, preparando-se para a matança mais fácil que fariam naquele dia.

Dez passos.

Uma tormenta selvagem de urros de gelar o sangue explodiu às costas dele.

A fumaça mudou de direção, e, das fileiras dos defensores, cavaleiros ingleses chegaram atacando com uma ferocidade que desacelerou o ataque de Blackstone e dos arqueiros, conforme os outros iam aniquilando os inimigos. Metal tilintou, escudos rangeram baques surdos sendo golpeados. Um escudo recebeu o impacto de um machado, seu brasão ressaltando a reputação do cavaleiro.

– Sir Gilbert! – gritou Blackstone, mas o cavaleiro cortava caminho por entre os franceses com golpes metódicos de espada, o sangue espirrando e os ossos quebrados a furar músculos. Era um abatedouro. Um dos arqueiros de Warwick passou por Blackstone e saltou por cima de um homem de armas francês amassado no chão por um inglês munido de maça. Ele jogou seu peso por cima do homem caído e com toda a força enfiou a faca pelo visor do elmo, depois girou a lâmina, fazendo sangue brotar; o homem sacudiu as pernas, em agonia.

Os ingleses escalavam a barricada no lado oposto da ponte, e logo os franceses se renderam, ajoelhados, oferecendo suas espadas aos ingleses, seus iguais.

Cavaleiros ingleses impediram que os arqueiros matassem mais homens de armas; alguns dos homens de Oxford foram puxados para trás momentos antes de meter as facas sob os elmos dos cavaleiros, em suas gargantas.

Por um momento a fumaça envolveu tudo numa imagem onírica – os cavaleiros ingleses circularam os reféns franceses, protegendo-os de seus próprios colegas.

Foi a queda de Caen.

Lutas esporádicas continuaram ocorrendo ao longo do dia, e as casas ainda queimavam quando o sol se pôs. Restaram grupos de resistência – cidadãos e alguns dos soldados de Sir Robert Bertrand que sobreviveram aos ataques principais. Bertrand e algumas centenas de homens encontravam-se no castelo, sem representar ameaça às forças do rei. Uma companhia de soldados foi alocada para garantir que os franceses não tentassem contra-atacar durante a noite. No fim da batalha, mais de cem cavaleiros e homens de armas franceses, e o mesmo número de escudeiros, haviam se rendido para homens de igual ranque, mas as ruas estavam tomadas pelos milhares de franceses mortos. Os ingleses provaram sua coragem, principalmente arqueiros e infantaria, que lutaram mano a mano contra os franceses armados. Nenhum homem, mulher ou criança ousava contestar o estupro e a pilhagem. Com uma ferocidade que jamais os habitantes de Caen haviam imaginado, soldados ingleses e galeses evisceraram a cidade.

Sir Gilbert aceitara a rendição de um cavaleiro local que fora levado, junto a outros nobres capturados, em barcos ingleses que pegaram o curso do rio Orne, na maré alta. Seriam devolvidos à Inglaterra e presos até que o resgate fosse pago. O rei emitira outro decreto proibindo a violência contra mulheres e crianças e a pilhagem de igrejas, mas os marechais e capitães não puderam aplicá-lo. Não havia como proteger as ricas casas de comércio e os mercados dos saques. Os soldados queriam reivindicar seus espólios de guerra, e isso serviria também como uma lição para os habitantes das outras cidades, para que não resistissem no futuro.

Elfred sobrevivera à batalha, assim como Will Longdon, ambos sangrando devido aos ferimentos, mas firmes na luta ao lado de Sir Gilbert. O irmão de Blackstone estivera perto deles boa parte do tempo, mas Skinner e os outros foram vítimas de besteiros e atacaram uma barricada da rua. Foi uma luta intensa, mas a batalha se desenrolava e os homens foram separados. Arqueiros estavam sumidos, então Sir Gilbert enviou seus homens às ruas para encontrar os mortos e chamar os que estavam pilhando ou envolvidos nas últimas brigas.

Blackstone andou pelas ruas à procura do irmão, ignorando os grupos de resistência que ainda defendiam uma alameda ou praça. A sujeira grudava à pele dele com sangue e suor, e o fedor de seu corpo o fazia ansiar por água para raspar fora a nojeira daquele dia. Cada músculo doía, e o braço que sustentava o arco parecia ter sido batido com uma maça. Soldados dormiam nas beiradas das portas, outros traziam corpos para a rua e retiravam-lhe moedas e joias. Pequenos grupos de homens estavam sentados, bebendo vinho saqueado ou comendo pão, ovos e queijo, famintos após os esforços do dia. Qualquer carne

encontrada em despensas ou defumadouros era ignorada. Era quarta-feira, dia de jejum em que não se podia consumir carne, mesmo sendo permitido matar homens e mulheres.

Blackstone refez seus passos, tentando encontrar os becos e ruas que os levassem de volta à barricada onde vira o irmão pela última vez. Ele cruzou com Alan de Marsh, que ainda estava deitado no batente da porta, mas cujo corpo fora mutilado, muito provavelmente por habitantes locais. A espada se fora, mas não era grande perda; era, afinal, a espada de um cavaleiro pobre. Uma vala comum seria o destino do menino, mas, pelo menos, ele seria deitado junto de outros arqueiros. O custo cruel da luta assentou como leite coalhado no estômago de Blackstone. Não fazia diferença onde um homem era enterrado. A morte era a morte, e a carne pútrida seria infestada por larvas assim que as moscas pousassem.

Os prédios queimados alteraram o visual das ruas, e sua memória vacilou. Fizera uma curva errada em algum momento e cruzara com um homem de armas comandando um grupo de soldados de infantaria que empilhavam corpos de franceses mortos na rua, preparando-os para o enterro. Ele ordenou que Blackstone ajudasse, e o rapaz teve de passar duas horas arrastando corpos e tirando suas roupas para depois deitá-los numa fileira ao longo da rua. Quando os soldados diminuíram o ritmo, cedendo à exaustão, Blackstone escorregou por uma passagem escura e chegou às ruas nas quais lutara. Perguntou a cada inglês que encontrou se viram seu irmão durante a luta. Um grupo de lanceiros galeses cansados disseram ter visto um rapaz forte abrindo caminho às porradas logo atrás de seu capitão. O arqueiro usava um martelo como se fosse uma gadanha. Depois outro lanceiro acrescentou que vira o cavaleiro que sabia ser Sir Gilbert Killbere atacar uma barricada e jurava que este tinha morrido na luta. Blackstone vira-o, sabia que estava vivo. O homem grisalho que pedira ajuda a Blackstone na barricada da ponte juntou-se ao grupo. Estava abatido de tanto combater. Os outros deram lugar para ele. O homem lançou um olhar penetrante para Blackstone e então lhe estendeu a mão.

– Sou Gruffydd ap Madoc.

– Thomas Blackstone.

Conversaram sobre a luta, e Blackstone aceitou de bom grado o pão e o queijo que lhe ofereceram. Contou sobre o arqueiro galês que lhe emprestara coragem. Não sabia o nome, nem o sabiam os lanceiros. Mas pelo que Blackstone descrevera sobre os ferimentos do homem, concordaram que ele lutara bem. O rapaz mostrou aos demais o medalhão que o moribundo colocara em sua mão.

Gruffydd o examinou e devolveu à mão de Blackstone.

– Fique. O velho queria que ficasse com você. Ela protege os homens nesta vida e vai levar sua alma para o outro lado, quando for a hora. Chama-se Arianrhod, deusa da Roda de Prata. Não importa se você acredita ou não. Ela está com você.

Assim que os homens aninharam-se para dormir, Blackstone adentrou mais a cidade devastada. Fogo ainda ardia, e choros e gemidos ainda ecoavam pelo labirinto de ruas. O decreto não bastara para impedir que mulheres fossem estupradas, e seus maridos, mortos. Ele ignorou os grupos desordeiros de soldados bêbados; eram perigosos demais para abordar. Sede de sangue e estupros o faziam passar de casa em casa. O rapaz fitou de soslaio apenas criancinhas assustadas, seminuas, de nariz sujo, zanzando indefesas perto de suas casas, esperando que a mãe voltasse, aturdidas pelo fedor de corpos eviscerados e pelos urros de angústia das mulheres violentadas.

Estupro era punido com forca – mas não naquela noite.

A luz das chamas mostrou a casa de três andares que se erguia, ameaçadora. Foi ali que os besteiros defenderam as ruas, e mais de uma dúzia de seus corpos cobriam os paralelepípedos, todos mortos por um arqueiro. Blackstone refez seus passos e encontrou Richard Whet contorcido no batente de uma porta. A madeira estava lascada; havia três flechas de besta fincadas na placa de madeira. Whet devia ter sido atacado e tentara recuar, e fora ali que lutara pela última vez. Não havia flechas sobrando em sua sacola, e a sacola extra que Blackstone lhe dera estava vazia. Ele viu a seta fincada no ombro do rapaz que devia tê-lo incapacitado, sem possibilidade de se defender. Que chance de sobreviver teria tido seu irmão uma vez que tantos outros arqueiros haviam sido mortos?

Blackstone seguiu por entre as sombras, passando por baixo de batentes e por cima dos corpos enquanto pequenas gangues saqueadoras de soldados ingleses iam visitando as casas. Lentamente, mas com certeza, o rapaz começou a identificar a área em que lutara. O assomo de emoção durante a batalha fizera das ruas e casas um borrão indefinido, mas ali, tranquilo, sua mente focara e ele reconhecera uma casa numa esquina aqui, a placa de um artesão acolá. Ao chegar perto das casas incendiadas, ouviu passos furtivos e ligeiros numa das alamedas laterais. Homens gritavam, mas falavam francês. No fim da passagem escura, um padre passou correndo como se o diabo em pessoa estivesse atrás dele, e depois tropeçou num corpo deitado sobre os paralelepípedos. A figura encapuzada tombou, os braços esticados, caindo no chão com um baque duro e doloroso. Um pouco atordoado pelo impacto, ele tentou erguer-se, mas os três

homens que o perseguiam já estavam em cima dele. Eram moradores armados e certamente fizeram parte da defesa da cidade contra o ataque inglês, mas preocupavam-se, ali, em matar o padre. Um deles golpeou a figura de capa preta com um mastro, o outro chutou o corpo encaracolado e o terceiro preparou-se com uma faca para levar o homem à morte.

Quase sem pensar, Blackstone puxou uma flecha de um corpo deitado a dois passos dele. A seta disparada derrubou o francês momentos antes de ele decapitar o padre. Os outros homens vacilaram perante o choque de ver a flecha voando, saída da escuridão, para fincar-se em seu companheiro. Blackstone avançou contra eles com a faca na mão. No que pareceu ser uma tentativa de salvar-se, um homem gritou alguma coisa e apontou para o padre. As palavras saíram grosseiras e ligeiras, mas Blackstone reconheceu algumas; acusavam o padre de roubar dos mortos. Mas quando ele chegou a quinze passos dos franceses, eles fugiram pela alameda.

O padre ferido resmungou, o rosto todo ensanguentado, nós dos dedos e mãos raladas pelas pedras ásperas. Blackstone olhou ao redor; se ainda havia homens lutando e matando nas ruas, ele não queria ser atacado de surpresa por alguém escondido nas sombras. Ele trouxe o homem ferido para o canto de uma casa.

– Tudo bem, padre, está salvo agora. O rei Edward ofereceu sua proteção ao clero – disse em francês vacilante. O rapaz inclinou-se e puxou para trás o capuz do rosto do padre, revelando um homem esquelético de vinte e poucos anos. Por um instante, Blackstone sentiu um choque de incerteza; os olhos do outro eram como lagos profundos enfiados no crânio. Mechas de cabelos compridos, emaranhados em sangue e água turva da rua, pendiam ao lado do rosto como as garras de um gato. O homem salvo bufou com escárnio, depois se recostou novamente na parede, apertando o crucifixo que trazia ao pescoço.

– É inglês, mas fala francês – disse, limpando sangue da boca. Ele tossiu sangue e cuspiu. – Nunca imaginei que deveria minha vida a um inglês maldito.

Ser padre não necessariamente incutia gentileza e gratidão num homem. O benefício poderia ser comprado ou dado. As palavras do homem fediam a ódio velado, apesar de ter tido a vida salva. Blackstone meteu um pé no peito dele e o prendeu à parede.

– O que tem no saco, padre? – perguntou.

– Um banquete – o outro respondeu. – *Benedic nos Domine et haec tua dona*.

O sorriso insolente sugeria que ele achava que um arqueiro comum não entenderia as palavras, mas Blackstone ouvira a bênção antes e cortou o saco amarrado, espalhando o conteúdo na meia-luz. Anéis e bugigangas, unidos por

sangue preto congelado, caíram sobre as pedras. Alguns dos anéis estavam presos à pele de dedos inchados retirados das mãos das vítimas. No momento de indecisão de Blackstone quanto ao que via aos seus pés, o padre contorceu-se e chutou, libertando-se. O arqueiro girou a faca e pegou a palma estendida do homem, cortando-lhe o dedinho, que ficou pendurado por um fio de pele. Ele teria atacado de novo, mas o padre foi ágil e escapou com a desenvoltura de um soldado esquivando-se de um ataque de espada. E saiu correndo sem dizer palavra nem palavrão. Blackstone foi atrás, colidindo com a lateral de uma casa. Ele rolou no chão e lançou-se na direção do saqueador. Enquanto pulava por entre os corpos caídos, disparou outra flecha, sem jamais tirar os olhos da figura que corria por entre as sombras. Quando o encapuzado alcançou a porta robusta de uma igreja, ele se virou e olhou para seu perseguidor. O santuário estava a um passo de distância. A flecha de Blackstone teria prendido o homem à porta como um alfinete, mas o padre parecia ter um sexto sentido. Ele saiu dali um instante antes de a flecha fincar-se na porta, no ponto onde ele estivera um segundo antes. Ele fechou a porta e passou o ferrolho. Blackstone foi de ombro e tudo, mas a madeira era sólida e não cedia. Devia haver mais portas e passagens. O homem se fora. Mutilar mortos não era nada incomum, mas o disfarce de padre foi muito ardiloso. E, no entanto, o homem usava crucifixo no pescoço e falara em latim, idioma acadêmico reservado à nobreza e ao clero. Blackstone conclui que obviamente não fazia diferença alguma quem era quem quando havia matança a se fazer.

O cansaço o dominou; ele já não se importava mais com o saqueador. Ao retornar à rua, uma janela foi quebrada, e ele ouviu gritos de mulher misturados a risos e ovações de homem. Devia ser outro ataque em algum beco, a não ser por um som que se sobrepunha aos demais e que fez Blackstone desatar a correr na direção da comoção. A luz enfraquecida dos prédios em chamas avançava bastante, quase até o fim de um beco, cedendo à escuridão a dez passos de uma casa na qual o brilho da tocha desenhava sombras grotescas na entrada. Blackstone desembainhou a faca e parou na porta. Sob a luz bruxuleante, três bêbados, fantasmas seminus de pele clara, manchados de sangue seco e fuligem no rosto e nos braços, prendiam uma mulher nua sobre uma mesa. Um dos homens desabou contra a parede, derramando vinho tinto de um jarro na boca e no rosto todo; o segundo segurava os braços da mulher acima da cabeça, e o terceiro babava sobre os seios dela, derramando vinho, depois mergulhou o rosto e a língua ali, enquanto o rabo nu ia para a frente e para trás. O homem com o jarro de vinho era Pedloe, o que segurava os braços da mulher era Skinner, e o estuprador era Richard Blackstone, grunhindo e uivando como um animal no cio. Foi esse uivo que Blackstone ouvira.

Rapidamente ele deixou as sombras e puxou o irmão pelo ombro. Pego de surpresa, Richard girou. Seu braço estendido acertou Blackstone, e a força do golpe mandou sua faca para longe dali. O choque súbito do ataque atordoou Skinner e Pedloe, mas o irmão de Blackstone já havia se virado e lançado contra o intruso. Com as mãos, ele sufocou o rosto do outro na escuridão, depois lhe agarrou a garganta. Blackstone mal podia ver os olhos brilhantes e bêbados de Richard, e gritar não teria efeito algum. Blackstone resistiu e lutou sob o peso do irmão enquanto os outros homens seguravam a mulher e espiavam, embriagados, as sombras, tentando identificar o assaltante.

Blackstone conseguiu desvencilhar-se, e nesse instante Richard focou o olhar e reconheceu quem era aquele que estava quase matando. Blackstone agarrou-o pela jaqueta, puxou a cabeça dele para baixo e meteu-lhe um golpe no nariz. A identificação e a dor súbita jogaram Richard para trás. Ele estatelou-se no chão, fitando o sangue nas mãos que jorrara do nariz quebrado. Blackstone já estava em pé quando Skinner rosnou, jogou a mulher para o lado e foi até ele, a faca baixa, numa posição típica de lutador, depois golpeou para cima – um ataque eviscerante. Com sua força de pedreiro, Blackstone agarrou o pulso do outro, derrotando até mesmo a potência de arqueiro do veterano. Segurou-o, segurou-o com firmeza, forçando-o a ajoelhar-se, e estendeu a mão livre, à procura de uma arma, em busca de qualquer coisa que contivesse o homem, que se contorcia. A embriaguez de Skinner conferiu-lhe força extra para libertar-se e golpear Blackstone no peito. A jaqueta do rapaz foi rasgada como odre de vinho, somente a camisa de couro que usava por baixo impediu a lâmina de alcançar a carne.

Blackstone tropeçou para trás, procurando mais uma vez às cegas, mantendo os olhos no assassino que atacava. Sua mão encontrou uma sacola de flechas, e quando Skinner lançou-se para matar, Blackstone estendeu o braço e uma seta de ponta afiada perfurou a garganta do atacante. Skinner arfou e tentou falar, mas engasgou no próprio sangue. Ajoelhou-se devagar, as mãos tentando encontrar a flecha, os olhos escancarados de incompreensão, incapaz de fazer qualquer coisa senão morrer. Pedloe, já sóbrio em decorrência da luta, buscou sua faca; mais duas passadas e abordaria Blackstone pelo ponto cego. A sombra que se jogou sobre ele torceu-lhe a cabeça num único movimento violento. Blackstone ouviu o estalo do pescoço do homem abraçado pelo irmão. Pedloe estava morto antes de seu corpo tocar o chão. Os dois arqueiros jaziam na poça de sangue.

Após um momento de silêncio, Blackstone conseguiu tirar os olhos dos homens mortos.

– Vista-se – disse baixinho.

O irmão encarou-o em retorno. Blackstone gesticulou, e o irmão entendeu.

Blackstone ajoelhou-se perto da mulher, que se afastou dele, murmurando por clemência. Ele encontrou as roupas dela e com gentileza cobriu a nudez com elas. Ela se retraiu quando o tecido tocou-lhe a pele, mas então se protegeu nele. Blackstone tentou limpar o suor e a sujeira do rosto dela, mas ela recuou. Ele lhe mostrou a palma da mão, para acalmá-la.

– Desculpe – disse. A mulher ficou congelada de medo. Blackstone pegou o cinto do irmão, que estava no chão, e abriu a algibeira. – Tenho dinheiro – disse ele. – Tenho dinheiro – repetiu, deixando que sua voz a acalmasse. Seus dedos procuraram uma moeda de prata, enquanto, com a voz e o olhar, continuava procurando acalmar a mulher horrorizada. Ele segurou a moeda entre indicador e dedão e a ofereceu à moça. Ela fez que não. Talvez achasse que, apesar do estupro, ele estivesse tentando pagar para fazer mais sexo. Ele depositou a moeda ao lado dela, num banquinho, e afastou-se. Não havia mais o que fazer.

Voltou-se para o irmão, que já estava vestido, e jogou-lhe o cinto. Enquanto ele o amarrava em torno da jaqueta e juntava suas armas, Blackstone viu uma corda enrolada com uma pequena sacolinha de couro no chão. Devia ter arrancado o objeto de debaixo da camisa do irmão durante a briga. Pegou-a. Já havia visto o item. Seus dedos tremeram. Conhecia aquela sacola. Sabia o que encontraria ali dentro. Se Deus existisse, ele precisava de um milagre. Tinha de estar errado. Tinha de fazer as duas pérolas e as três conchas de caramujo desaparecerem lá de dentro. A sacola jamais teria sido dada gratuitamente. Tinha pequenos tesouros dados a uma menina pelo irmão fugitivo. Presentes que cheiravam a mar e pérolas de um bracelete quebrado de uma senhora. A promessa de outra vida num horizonte diferente do dela. Um horizonte muito além dos campos de milho e centeio onde ela se deitava com homens e sonhava em comprar sua liberdade da servidão, como escrava.

Blackstone tocara aquela sacola quando se deitou sobre seus seios cor de leite e acariciou os mamilos excitados. Sarah Flaxley fora a felicidade dos rapazes, uma menina de virtude fácil que se importava apenas com ser amada com uma paixão que ajudasse a levar uma vida sem amor. Drayman fora enforcado pelo assassinato da moça. Quando ele acusou Richard Blackstone, todos pensaram tratar-se de um ato de vingança. Ele alegara inocência pelo assassinato, mas tentara dedurar o assassino.

Sombras bruxuleavam conforme a lâmpada de sebo perdia o combustível. Blackstone fitou o irmão imóvel, que olhava para a sacola com uma expressão de culpa silenciosa e enervante. Tocou o coração, apontou, sem jeito, para a sacola e tocou os lábios. Amava-a, disse.

Blackstone deixou a sacola cair no chão, e as conchas estalaram sob seus pés quando ele saiu para a noite. Deus não escutara sua prece.

Milhares de outras almas precisavam dele naquela noite.

Capítulo seis

A névoa erguia-se lentamente do rio quando Blackstone encontrou Sir Gilbert sentado embaixo dos pequenos galhos de uma árvore na margem do rio. A luz matinal refletia-se, fraca, na cota de malha do cavaleiro, repousada sobre um tronco de árvore caído, ao lado da camisa limpa que secava num galho. A espada estava no chão, ao alcance da mão. Usando um pedaço de linho, ele limpava os braços e o ombro marcados por vergões e hematomas resultantes da batalha. Um corte cruzando as costas, do ombro esquerdo às costelas, fora fechado por uma dúzia de pontos grosseiros e besuntado com uma pomada de aspecto gorduroso. Blackstone hesitou; aproximara-se em silêncio, então ficou parado por um instante, observando os ferimentos do homem. Sir Gilbert torceu o tecido e falou sem se virar:

– Você fede tanto quanto barriga de porco, Blackstone. Fique contra o vento ou lave-se.

Blackstone deu um passo adiante, mas manteve a distância. Agachou-se na beirada do rio, ainda em silêncio, envergonhado pela falta de jeito, por ter sido descoberto.

– Não sou uma porcaria de mago. Vi você subir pelas paredes da cidade. Se fosse um atirador francês, podia ter metido uma flecha bem na sua testa. O que quer? Estou cansado.

– Está ferido – Blackstone disse, vagamente.

– Mal cortou a pele. Tem um monastério do outro lado da floresta. Fiz os monges usarem sua magia negra. Eles têm ervas e poções. Não quero nenhum dos nossos sanguessugas perto de mim.

– Elfred me disse que você estava aqui – disse Blackstone, jogando água no rosto. Ele viu, do outro lado, os barcos sendo carregados com as riquezas de Caen. – Perdemos muitos homens.

– Você ainda está vivo, é só com isso que tem que se preocupar. Seu irmão?

Blackstone acenou.

– Ele lutou bem. Eu o vi. Encontrou ouro? Havia muitas moedas naquelas casas.

Blackstone fez que não.

– Como espera aumentar seu *status* se não pilhar? Pegue o que puder e aumente sua riqueza. Um dia, se você sobreviver à luta, e quando estiver mais velho e o reumatismo tomar conta do seu braço do arco, poderá comprar seus próprios homens. Depois os coloque para trabalhar para o rei. Os servos dele depenaram as casas de comércio. O que acha que está sendo carregado naqueles barcos? Como acha que o rei junta dinheiro?

– Você não participa da pilhagem, Sir Gilbert.

– Não ligo para isso. Além do mais, tenho um prisioneiro.

Blackstone assentiu.

– Pegarei o que encontrar.

Sir Gilbert riu.

– Não resta mais nada. Os barcos voltarão à Inglaterra, enterraremos os mortos e depois marcharemos para Paris. Ainda não travamos a batalha para vencer esta guerra. – Ele limpou a lâmina da espada, esperando que Blackstone contasse-lhe o que, obviamente, o estava incomodando. – Onde está a sua espada?

– Dei para um arqueiro ferido, Alan de Marsh. Ele precisava de uma arma. Voltei para buscá-lo, mas ele estava morto. Levaram o arco e a espada.

– Era sua, então podia dar, mas um homem de armas jamais daria de presente uma espada conquistada em batalha. Poderia, contudo, vendê-la.

A censura delicada de Sir Gilbert evaporou como a névoa do rio.

– Richard Whet está morto, Torpoleye, Skinner, Pedloe… – disse Blackstone, apressado, contando as perdas, chegando perto da confissão.

– Arqueiros sempre pagam alto preço quando lutam contra inimigos armados. Vencemos porque somos malucos, malditos idiotas que matam o inimigo às patadas. O rei sabe disso. Por isso, ele nos ama. E por isso lutamos para ele.

– Matei Skinner – Blackstone disse de uma vez.

Sir Gilbert mal hesitou enquanto limpava a lâmina.

– Deve ter sido uma boa briga. Ele era um bandido perverso que teria matado a própria mãe se pudesse ganhar um troco com isso.

– Ele estuprou uma mulher – disse Blackstone.

– Os soldados fazem isso. Era puta?

– Não.

– Então você o salvou da forca – disse Sir Gilbert. – Matou Pedloe também?

– ele perguntou. – Nada separava esses dois.

Blackstone fez que não.

– Por que está me contando isso? O que espera que eu faça? Castigue-o? Coloque-o na forca? Santo Cristo, Blackstone, estamos em meio a uma maldita guerra. Alguns homens merecem morrer mais do que outros. Não estou nem aí para pessoas como Skinner e Pedloe. O exército tem muitos do tipo deles. Vá embora. Não sou seu padre confessor e não quero você choramingando por causa de uma briga de taverna.

Blackstone tentou manter o segredo embaixo do pano.

– Sir Gilbert, poderia colocar meu irmão para servir nas carroças de transporte? Ele vai ficar em segurança lá.

– E perder um arqueiro como ele? Não. E ele luta como um leão com uma lança enfiada no rabo. Ele fica com a companhia.

– Não quero que fique perto de mim! – Blackstone gritou, e depois ficou em silêncio, injuriado com o próprio acesso.

Sir Gilbert meteu a lâmina no solo. Ela ficou parada como uma cruz. Por alguns momentos, ele não disse nada, depois começou a se vestir, ajustando a cota sobre o corpo agredido, por cima da camisa de linho.

– A guerra é um negócio, e os negócios alimentam a guerra. Culpe as malditas ovelhas, se preferir – disse ele. – Jesus, Thomas, tire essa expressão imbecil do rosto. A lã das costas de uma ovelha custeia a guerra. Garantimo-la para os flamengos, para seus tecelões, e eles nos dão lealdade e tropas para manter Philip contido no norte. Garantimos aos italianos, que emprestam ao rei o dinheiro de que ele precisa para fazer guerra. Pagamos pelo privilégio de lutar. São acordos.

– Não entendo o que isso tudo tem a ver comigo e com meu irmão – disse Blackstone.

– A lealdade une os homens, Thomas, e a lealdade de Lord Marldon para com seu pai também me enreda. O senhor prometeu ao amigo, seu pai, que você e seu irmão seriam protegidos enquanto ele vivesse.

– E nos manda para a guerra?

– E salva a vida do seu irmão. Havia uma testemunha.

As palavras de Sir Gilbert congelaram o momento. Os galhos acima enquadravam uma tapeçaria de velas de barcos desfraldando para captar a brisa que se erguia e uma galinha-d’água que mergulhava a cabeça em busca de insetos enquanto nadava por cima de uma cama de juncos na água rasa.

– Então sabe o que ele fez – disse Sir Gilbert.

– Testemunha? – A pergunta era desnecessária, mas escapou dos lábios do rapaz. Ele balançou a cabeça, sem querer aceitar que outros sabiam o que

acontecera.

– Chandler. Capataz de Lord Marldon. Ele viu seu irmão naquele dia. Você estava trabalhando na mansão, Richard, na pedreira, mas não ficou o dia todo. Ele foi até Sarah Flaxley, viu Drayman deixando-a. Ele a matou, por querer ou não, e Chandler trocou seu silêncio pelas suas terras. Lord Marldon o teria matado, mas ele é seu capataz e é astuto como um furão. Quem poderia saber se ele não havia guardado essa informação em outro lugar? Com o tempo, Lord Marldon descobrirá se sim ou não, e Chandler será encontrado morto com a garganta cortada em frente a uma taberna.

Sir Gilbert embainhou a espada e pegou seu bacinete.

– A lealdade e a honra de um homem determinam quem ele é neste mundo miserável. E seu senhor honrou a promessa feita a seu pai. Foi uma troca. Das piores, na minha opinião, mas foi uma troca.

Ele se afastou de Blackstone.

– Seu irmão fica na companhia de arqueiros. E, Thomas, nunca entregue uma espada que tenha sido conquistada em batalha.

Parecia a Blackstone que o fato de seu pai, anos atrás, ter salvado a vida de Lord Marldon, uniu-os todos. Além de ter sido obrigado a cuidar do irmão, também não tinha dado sua palavra a Lord Marldon? Para Blackstone, romper a cadeia da promessa e da honra significaria o fim do quê? Ele não sabia, e aquilo o estava consumindo. A honra tornara-se tênue demais, um ideal que parecia unir, mas se perdera com o início da matança. A honra não fora quebrada quando o irmão estrangulou Sarah Flaxley? Essa imagem ainda o enojava. Em sua mente, ele imaginava a cena, e apesar da carnificina da batalha em Caen, era o ato de paixão violenta do irmão que o perseguia em pesadelos. Banira Richard, fazendo-o andar o mais distante possível. Não queria mais tê-lo a tiracolo. Uma parte dele desejava que o irmão tivesse perecido na batalha, assim Blackstone não teria descoberto o crime e seu irmão morreria inocente.

O exército ficou mais cinco dias em Caen. Uma ampla cova comunal fora cavada no jardim da igreja de Saint-Jean, e quinhentos franceses foram enterrados, mas havia tantos corpos na cidade, que não podiam ser contados – alguns falavam em torno de cinco mil. Por dias, os rios carregaram corpos ao mar, junto à maré. Dos cavaleiros ou homens de armas ingleses, apenas um morrera, mas entre os soldados de infantaria e arqueiros, que lideraram o ataque, e cuja coragem lhes ganhara a batalha, muitos foram perdidos. O rei mandou ordem à Inglaterra que arranjasse mais mil e duzentos arqueiros e enviasse seis

mil feixes de flechas. O forte, como Blackstone previra, mostrou-se impenetrável, e um contingente de homens foi deixado para conter o antigo inimigo de Sir Godfrey, Bertrand, e as poucas centenas que permaneceram atrás de suas paredes. O tempo, além da força francesa ao sul, estavam cercando o rei inglês. Se fossem acreditar nos relatórios dos espiões, o rei Philip levaria seu exército para Rouen. Os ingleses estavam sendo espremidos entre rio e costa. Se quisesse vencer a guerra, Edward teria que ser mais rápido que os franceses e escolher seu caminho. Quando o rei fazia suas preces antes de toda aurora, ele, como o arqueiro simplório Thomas Blackstone, precisava de um simples milagre – uma ponte intacta que cruzasse o Sena.

E mais uma vez Deus tinha outras orações a escutar.

O exército seguiu para o leste, queimando tudo pelo caminho. Os habitantes das vilas, aldeões e camponeses, sabendo que a grande cidade de Caen caíra, fugiram a tempo. Levaram o gado e a comida, não deixando nada para o exército inglês. Conflitos esparsos que ocorriam no trajeto diminuíam o passo do exército, mas a divisão de vanguarda avançava, implacável, desesperada para encontrar um modo de cruzar o Sena. O pequeno exército do rei Edward fora esvaziado por morte e injúria, doença e deserção; ele contava com menos de mil e trezentos homens para enfrentar o exército francês, que tinha o dobro. Retardados pelos vagões de bagagem, os ingleses percorreram apenas trinta quilômetros em três dias. Manter as carroças e carretas em movimento por pântanos e terreno dificultoso, ondulado, demandava muito músculo e energia. Os comandantes sabiam que não podiam acelerar o passo sem diminuir a capacidade de combate do exército. Cavalos e homens estavam ficando cansados. A montaria de um cavaleiro carregava o cavaleiro, sua armadura e armas – quase cento e trinta quilos de peso – dia após dia. Forragem e água eram cruciais. As tropas forrageavam o pouco que restara no interior, mas o pão era escasso e a carne de carneiro dava pouca energia a um guerreiro. Os soldados precisavam disso mais sua dieta de ervilhas, mingau de grãos e pão para ter energia para a batalha.

As grandes curvas do baixo Sena envolviam um amplo vale, mas não havia como cruzar. Paris provocava o rei inglês. Ele estava a vinte quilômetros da capital, e de local mais elevado, Edward enxergava além das cinco curvas do Sena, vendo as torres da cidade. O rei francês espremera o inimigo na margem oposta. Com menos homens e rodeado, o exército de Edward poderia muito em breve morrer com as costas ao mar, deixando os portões da Inglaterra abertos

para a invasão que os franceses sempre desejaram e planejaram executar.

Não apenas a sobrevivência do rei, mas também de sua nação, estava em jogo.

Godfrey Harcourt foi para o sul com arqueiros e homens de armas, seguindo o curso do Sena. Aquelas terras eram familiares para o cavaleiro, visto que o território pertencia a seu irmão, o conde, e sua antiga casa, o Castelo Harcourt, encontrava-se alguns quilômetros ao sudeste. Nenhuma ponte sobre o rio permanecia intacta, e seu grupo batedor já se aproximava da grande cidade de Rouen, onde, se os rumores fossem verdade, o Rei da França reunira seu exército, pronto para conter o avanço de Edward. Marechais do exército inglês foram encarregados de encontrar uma ponte que pudesse ser atacada e tomada ou uma passagem que os franceses deixaram intacta. Nada fora encontrado até então. As pontes que sobraram eram fortemente defendidas de torres do lado do inimigo. Combates focalizados contra estas acabavam em fracasso. O rei francês previra o avanço de Edward e, negando-lhe acesso pelo Sena, negava-lhe também a chance de atacar Paris. Os franceses empurrariam os ingleses para o norte e os prenderiam entre o rio e a costa.

Com o sol mais ao alto, o incansável Harcourt conduzia seus homens por entre vales arborizados, sobre morros suaves, até que chegou a uma larga trilha que cortava a floresta. Ela levava a uma clareira e um castelo de pedra, cujas torres redondas e ameias ocupavam posição dominante. O fosso circundante, largo e profundo, dificultaria muito um ataque direto, e o segundo, em forma de lua, que abraçava o lado interno das paredes, provavelmente engoliria qualquer atacante que sobrevivesse às outras defesas. Contudo, atacar não era o propósito pelo qual Godfrey Harcourt desviara-se do Sena. Sir Gilbert e seus homens esperavam, entre as árvores, pelas ordens. O normando cavalgou com meia dúzia de seus cavaleiros em torno do perímetro. Não havia defensores nas paredes, e a estreita ponte de madeira que cruzava o fosso, larga o bastante para passar uma carroça pelos portões de ferro da muralha, estava intacta.

– O fato é que, com um local como esse, pode ser muito complicado entrar, se é isso que Sir Godfrey está planejando – murmurou John Weston, examinando um pedaço de ranho sujo na ponta do dedo. – Nada de escadas, nada de armas de cerco. Só eu e você e alguns cavaleiros malucos. E se ele estiver pensando em passar por aquela ponte e bater à porta, vai receber um caldeirão de óleo fervente ou um pote de mijo em cima da nobre cabeça. Então, se alguém pedir voluntários, estarei cagando ali atrás daquela árvore.

– Cale a boca – disse Sir Gilbert. – E você vai cagar só quando eu mandar, sua bolha nojenta nas costas da humanidade.

Elfred e os outros sorriram para Weston, que, por vingança, inclinou-se na sela e peidou.

– Isso aqui podia desmoronar uma daquelas paredes de pedra – murmurou. – Ah, olhem, ele mandou um pobre coitado ir bater à porta.

Os homens viram um escudeiro cavalgar à frente, destacando-se do grupo de cavaleiros. O barulho oco do baque dos cascos na madeira ecoou até os homens que esperavam na sombra fresca das árvores.

Weston continuou com os comentários murmurados.

– Tem alguém aí? Estávamos só passando e imaginamos se você teria aí algumas virgens precisando de atenção. Não que alguém aqui tenha energia neste momento, não depois de moer nossas bundas nesses cavalos tortos por trinta quilômetros.

O arauto pediu que os portões fossem abertos, citando o nome Harcourt. Fez-se silêncio. Mesmo de onde estavam sentados, Blackstone pôde ver a irritação que expressava Harcourt, que não se conteve por muito tempo. Ele berrou:

– Em nome de Jesus Cristo! Abram os portões ou vou queimá-los e entrar!

– São portões de ferro. Vamos esperar bastante aqui – Blackstone disse baixinho. – Quem construiu esse castelo sabia muito bem o que estava fazendo. Torres cônicas de cada lado da entrada. Meia dúzia de torres laterais na parede externa. Bom campo de tiro a partir daquelas aberturas. Viram como o corte da pedra sustenta o arco? As dobradiças de ferro estão escondidas. Janelas na lateral são um ponto fraco, mas seria preciso atravessar o fosso. Bons construtores.

– Deviam se render – Elfred concordou.

– Devem saber as regras da guerra – disse Will Longdon.

– Camponeses de merda – disse John Weston, cuspindo de nojo.

– Preciso ficar aqui sentado ouvindo essa tagarelice? – disse Sir Gilbert, virando-se na sela. – Suas lavadeiras podiam afiar pedra de lavar com suas línguas. – Ele atiçou o cavalo para a frente. – Comigo!

Os quatro homens seguiram Sir Gilbert até onde Harcourt esperava por uma resposta dos ocupantes do castelo.

– Milorde, há um barco velho amarrado na beirada. Podíamos atravessar três ou quatro homens e ver se conseguem entrar por aquela janela baixa.

Longdon e Weston fitaram Blackstone com cara de poucos amigos.

– Não há defesas. Seja quem for que está lá dentro, não tem estômago para lutar – Sir Gilbert concluiu.

Harcourt concordou.

– Escolha seus homens. Deixe claro que não devem ferir quem estiver lá dentro. A esposa de meu sobrinho está lá. Talvez com alguns dos homens dele. Matem apenas em autodefesa.

Ele virou o cavalo e seguiu para o abrigo entre as árvores.

Sir Gilbert olhou para Blackstone e os homens ao redor – o irmão dele, Longdon e Weston.

– Ouviram o senhor. Entrem e abram os portões. E não demorem.

Os homens foram se arrastando pela floresta até que puderam escorregar sem serem vistos sobre a margem e soltar a corda que atava o barco. O fosso tinha vinte metros de largura e provavelmente o mesmo de profundidade. Will Longdon foi remando, e John Weston, reclamando. Assim que alcançaram a muralha, Blackstone tateou a parede até que ficaram embaixo da janela, cerca três metros acima deles.

– Conseguem ficar parados? Não quero acabar caindo no fosso. É bastante profundo, e as margens são íngremes.

– Vamos ficar – disse Weston. – Só cuidado para não virar o barco. Não sei nadar. Vou afundar como pedra.

Ele e Longdon seguraram o barco, enquanto Blackstone mostrou ao irmão o que queria. Quantas vezes não tinham os dois se esticado numa árvore para alcançar uma colmeia de abelhas e roubar uns favos? O truque estava em ser rápido para levar poucas ferroadas. Blackstone torceu para que os besteiros não o recepcionassem com mordidas. O irmão firmou os pés e se encostou na parede. Blackstone escalou-o pelas coxas até os ombros e equilibrou-se. O barco chacoalhou.

– Parado, seu burro – Weston murmurou quando Richard vacilou. Blackstone esticou-se o máximo que pôde, seus dedos encontraram o batente e então o irmão segurou-o pelos pés e o ergueu mais para o alto. A força do menino sustentou Blackstone, e ele escalou pela abertura.

Ele caiu numa sala grande com vigas de castanheiro. As paredes lisas tinham um metro de largura, e ao entrar engatinhando ele viu o brasão de Harcourt, que havia sido pintado sobre gesso úmido, mas já estava muito gasto. Pedra cortada envolvia uma lareira coberta de fuligem. Havia uma mesa com cadeiras viradas de ponta-cabeça, e um tapete puído que cobria o piso de laje havia sido puxado para trás. Aquele devia ser o local onde a nobreza se sentava para comer, mas alguém o fuçara. Um baú de madeira estava num canto, desprovido de seu conteúdo; provavelmente moedas de prata, pensou Blackstone ao seguir para a

porta, que abriu. Degraus de pedra levavam para o andar seguinte de um lado, e do outro faziam a curva para uma passagem obscura. Ele voltou à janela e fez sinal para Longdon e Weston. Eles tentaram escalar como o outro fizera, mas era preciso dois homens para manter o barco firme. Quase tombaram.

– Não podemos ir – disse Will Longdon. – Volte para cá, Thomas, não conseguimos entrar.

Blackstone inclinou-se sobre o peitoril. Fez um gesto para Richard.

– Vou ver o que descubro aqui – disse. – Esperem por mim.

– Esperar? – perguntou John Weston. – Esperar até quando? Pode haver genoveses malditos aí dentro neste exato momento, escondidos na porcaria das sombras.

– Se eu não voltar até você terminar de imaginar-se enfiando um cabo numa ponta de flecha e fazendo a empenagem, diga a Sir Gilbert que precisamos de mais homens.

O rapaz sumiu de vista.

– Agora ele acha que sou uma droga de um artesão que faz arco e flecha, além de barcos. Ei, ei… – Ele cutucou a manga da camisa de Richard. – Sente-se. Senta. – Gesticulou. – E seja lá o que faça, não se mexa. – Ele sorriu para a careta do rapaz. – Por favor – acrescentou.

Blackstone já havia se afastado da janela. Ele armou uma flecha e saiu pela porta. Decidiu subir os degraus; desse modo, teria vantagem caso homens armados esperassem-no com uma emboscada na base da muralha.

Havia luminosidade vindo de um terraço superior. Ele tentou lembrar-se da mansão fortificada de Lord Marldon. Não era tão grande quanto aquele castelo, mas ele supunha que os nobres franceses moravam como seus primos ingleses, que haviam, afinal, herdado muitos dos resultados da construção normanda de castelos. Ele avançou com cautela, sabendo que a ascensão o impediria de puxar o cordão do arco totalmente.

Os degraus levaram a uma ampla passarela com janelas de corte retangular que lhe permitiram olhar para baixo, enxergando toda a extensão da muralha em forma de ferradura, que era grande o bastante para envolver o dobro de toda a cavalaria de Sir Godfrey e ainda ter espaço para cavalos e gado. Mas ela envolvia apenas figuras escuras encostadas nas paredes grosseiras de pedra. Essas figuras escuras eram homens de armadura.

Blackstone deu um passo rápido para trás. Escondeu-se no canto e olhou para os homens. Estavam imóveis. Supôs que fossem disciplinados, mas não eram os homens do sobrinho de Harcourt. Eram desertores ou mercenários; não usavam sobretudos nem traje algum de companhia. Numa das laterais ele viu uma dúzia ou mais de corpos. Ensanguentados, foram jogados no canto do pátio.

Pela aparência das vestimentas, eram servos. Blackstone calculou que poderia matar pelo menos uma dúzia dos cerca de trinta homens, mas e depois? Ainda assim, não conseguiria alcançar o portão para abri-lo, e aqueles desconhecidos logo coordenariam um ataque e o matariam. Melhor sair dali e contar tudo a Sir Godfrey. Encostado à parede, ele correu para a passagem de onde viera. Ao chegar à porta, viu movimento na curva das escadas. Viu uma mão movendo-se nas sombras. Blackstone desceu correndo os degraus que faltavam até alcançar a junção das paredes. Era um hiato estreito entre as pedras grosseiramente lavradas, no qual até uma criança esbelta teria dificuldade de se espremer.

– Ajude-me – sussurrou uma voz de menina.

Blackstone superou a dúvida e enfiou o braço no buraco. Sua mão sentiu o braço da menina, e ele a puxou de modo gentil para si. Estava arranhada e machucada, a capa, coberta de limo das paredes. Era pequena, tinha traços delicados, e quando ela chegou perto dele, Blackstone viu que ela tinha olhos verdes e cabelos da cor das folhas no outono. Ao adentrar a escadaria, a fraqueza fez a menina cambalear para a parede. Mas ela ergueu a mão, recusando a ajuda de Blackstone.

– Inglês? – ela perguntou baixinho, olhando para o ponto escuro da escadaria, com receio de que os invasores pudessem escutar até mesmo um sussurro gentil.

Blackstone fez que sim.

– Ouvi a voz de Sir Godfrey. Você está com ele?

– Sim.

– Pode me levar até ele?

Novamente, ela olhou escadaria abaixo, e Blackstone estendeu-lhe a mão.

– Deixe-me ajudá-la.

Ela hesitou. A visão do arqueiro desgrenhado era uma barreira a ser superada. A mão dele não vacilou um segundo, mas ela recusou-se a tomá-la. Balançou a cabeça.

– Mostre o caminho – foi tudo o que disse.

Blackstone afastou-se. Deixaria que ela decidisse se iria ou não segui-lo. Quando chegou à janela, percebeu que ela estava poucos passos atrás. Ela parou bem no meio da sala, dividida entre o que sabia ser fatal atrás de si e a chance de escapar com homens que poderiam causar-lhe o mesmo sofrimento.

Blackstone inclinou-se sobre o batente. O barco continuava ali.

– Will – ele chamou baixinho, erguendo a mão para avisar sobre o perigo. Will Longdon e Weston olharam para cima, a incerteza enrugando-lhe os rostos. Richard seguiu o olhar dos outros dois e abriu um sorriso torto quando viu o irmão. – Homens armados lá dentro. Servos mortos. Tem uma garota. Esperem.

– Ele se afastou da abertura.

Weston sacudiu o barco, em sua ansiedade.

– Uma garota! – ele sibilou. – Cristo! Tom, deixe-a!

Mas Blackstone já não estava mais à vista.

A garota o fitava. Não se mexia, tentando escolher a ação menos preocupante. Blackstone mais uma vez estendeu-lhe a mão. Ela balançou a cabeça.

– Não sei nadar – disse.

– Não vai precisar – ele garantiu. Mesmo assim, ela hesitou. – Não posso esperar. Se quiser ver Sir Godfrey, terá que confiar em mim. E precisa fazer silêncio. Meu irmão está no barco. Não se assuste com a aparência dele.

Ela pegou a mão dele, e num rápido movimento Blackstone ergueu-a e passou-a pela abertura. A garota cerrou a boca, apertando os olhos fechados, e deixou-se ser carregada. O peso não gerava dificuldade para o arqueiro, que desceu-a para os braços do irmão, enquanto Longdon e um Weston resmungão firmavam o barco.

Os três homens a fitaram quando ela se sentou à proa. Nenhum deles estivera tão perto de mulher de traços tão delicados e cabelos tão macios.

– Santo Deus – Weston murmurou. – Mileide… – ele acrescentou. Pela primeira vez, as palavras o falharam.

– Will!

Eles olharam para cima. Blackstone estava descendo e precisava dos ombros do irmão. Longdon segurou Richard enquanto Blackstone descia pela parede.

John Weston empurrou os remos, ansioso por sair dali.

– Quantos homens?

– Uns vinte ou mais – disse Blackstone.

– Eu colocaria mais alguns de nós lá dentro e a gente daria cabo deles – disse Longdon, voltando-se para olhar pela janela vazia.

– Como matar patos no lago, Will. Mas eram muitos para um homem só e teriam me pegado, e depois você iria examinar o fundo deste fosso com seu olhar moribundo – disse Blackstone. Encostaram-se à margem. Os homens saltaram, o irmão de Blackstone estendeu a mão para ajudar a garota, mas ela se voltou para Blackstone e estendeu-lhe a mão.

O nome dela era Christiana. Ela tinha 16 anos de idade e servia à sua senhora, a Condessa Blanche de Ponthieu, esposa de John V. Harcourt, sobrinho de Sir Godfrey.

– Onde está sua senhora? – Godfrey de Harcourt perguntou-lhe.

– Quando ela ouviu que os ingleses estavam tentando cruzar o Sena, teve medo por sua mãe. Foi para Noyelles, milorde – Christiana respondeu.

Anos de tensão familiar consumiram Harcourt. Pela primeira vez, Blackstone o viu aliviar a perna ruim.

– A coragem nunca lhe faltou. Meu sobrinho casou-se com uma mulher forte, não há como negar. E esses homens?

– Aldeões vieram nos pedir proteção. Era um truque. Quando abrimos os portões, eles atacaram. Mataram a todos. Há mais corpos que esse jovem arqueiro não viu. Faz dois dias que estou me escondendo.

Sir Godfrey mostrou uma ternura para com a garota que nenhum homem sob seu comando jamais experimentaria.

– Vamos levá-la aos ingleses. Por ora, está a salvo. E quanto a meu irmão e meu sobrinho?

– Pegaram seus homens de armas e uniram-se às forças do rei. Há mais de uma semana.

– Em Rouen?

Ela fez que sim.

– Tem como passar?

– Como vou saber, milorde? Sou apenas ama de minha senhora – a moça respondeu.

– É claro – disse Harcourt. A voz firme dela deixou claro que, se soubesse de tal passagem, não a entregaria aos ingleses, ou aos que lutavam ao lado deles, ainda que estivessem oferecendo-lhe abrigo. Ele fitou Blackstone. – Bom trabalho. Fique com ela.

– Milorde.

Obedecendo Sir Godfrey, ele encaminhou Christiana até a floresta, onde os cavalos estavam presos, enquanto os outros homens eram convocados por Sir Gilbert. Ele a fez sentar-se sobre uma samambaia seca e arranjou-lhe vinho e pão com bacalhau salgado. Ela não se alimentava desde que se escondera dos assassinos, mas comeu com cuidado e sem pressa. Blackstone sabia que, se fosse ele, comeria como um lobo raivoso. Sentou-se à sombra, observando-a sempre que ela desviava o olhar. Aquela seria uma batalha que ele ficaria feliz em perder. Minutos depois, Elfred e os arqueiros voltaram por entre as árvores.

– Seu sortudo de uma figa – disse Will Longdon, tirando o arco das costas. – Teremos que estar em pé, à beira das árvores, para ir matar essa escória enquanto você fica aqui, aconchegado com a princesa.

– Certifique-se de que seu arco não saia da bainha – disse John Weston com um sorriso faltando um dente.

Elfred passou por entre as árvores.

– Thomas, vai ficar com a garota. Devo deixar Richard com você?

Blackstone hesitou, depois fez que não.

– Mantenha-o junto a você. Ele confia em você.

– Ele não quer o irmãozinho por aqui à noite, não é, meu rapaz? – disse Weston, fitando a menina com ares de malícia. Ela procurava não dar atenção.

– John, espero que seus olhos não fiquem marejados quando tiver que sacar o arco. Vou pensar em você sentado com o traseiro num monte de urtiga enquanto eu fico aqui, protegendo a moça – disse Blackstone, com um sorriso.

– Quero morrer se ele não vai fazer exatamente o que eu disse que vai – Weston murmurou.

Os homens se afastaram. Blackstone pegou seu cobertor e deu-o a Christiana.

– A floresta fica fria à noite – ele disse. – Não dê ouvidos aos homens. Está sob a proteção de Sir Godfrey.

– E a sua? – ela perguntou, aceitando o cobertor e enrolando-se nele.

– E a minha – ele respondeu, sentindo-se subitamente estranho e abobalhado.

Godfrey Harcourt e seu punhado de homens de armas cavalgaram mais uma vez até o fim da ponte. O entardecer se aproximava, e uma luz acinzentada envolvia o castelo silencioso.

– Madame! – gritou Harcourt. – Peço desculpas pela ameaça que fiz antes. Sei que deve estar receosa porque os ingleses estão perto, mas imploro mais uma vez que abra os portões. Estou aqui, como prometi, para dar-lhe o ouro pelo resgate de meu irmão!

Ele se voltou para Sir Gilbert, que cavalgava a seu lado.

– Acha que sabem que luto ao lado de Edward?

– Acho, milorde, que são uma escória de puxa-sacos que sabem tão pouco sobre suas relações familiares como tantos outros – Sir Gilbert respondeu. – Nasci órfão e órfão morrerei.

Harcourt grunhiu.

– Considere-se afortunado.

Ele se ergueu sobre a sela, como se para acrescentar volume ao berro.

– Boa senhora! Tenho apenas seis homens de armas como escolta. É perigoso, para mim, permanecer, mas vamos acampar aqui, onde poderá nos ver,

até de manhã. Mas depois vou embora, e levo meu ouro comigo. Ele é seu marido, pelo amor de Deus, e um bom cavaleiro. Deixe que demos aos ingleses o que requisitaram.

Ele virou o cavalo.

– É mais fácil as moscas sentarem num monte de esterco do que eles ignorarem a chance de conseguir ouro.

Sir Godfrey e os homens de armas amarraram os cavalos, fizeram uma fogueira a plena vista e sentaram-se sob as capas para passar a noite. Aconchegados em torno das chamas, ofereceram-se como isca. Na beirada da floresta, Elfred e os arqueiros esperavam. Blackstone ficou sentado a alguns passos da menina, que dormia. O luar veio e foi escondido por baixo das nuvens, e quando a luz suave passou por entre os falhos, ele a viu, dormindo como uma criança, os cabelos sobre o rosto, os lábios ligeiramente separados. Se estivesse dormindo, ele pensou, seria como um sonho no qual encontrava uma linda criança da floresta, abandonada pela Mãe Natureza.

Thomas desfez a ilusão. Ela servia a uma condessa. Não havia por que ceder aos sentimentos que o confundiam e atormentavam. Ele voltou o olhar às sombras e ao movimento delicado dos galhos no local em que os arqueiros se escondiam. Se ele fosse os homens lá de dentro, esperaria até a primeira luz do dia, quando o fogo tivesse se resumido a cinzas e o frio da manhã mantivesse os homens, doloridos dentro de suas armaduras, encaracolados por alguns instantes para ter um pouco mais de calor debaixo das capas.

E foi isso o que fizeram os assassinos.

Capítulo sete

Um dos portões abriu, e vinte homens passaram em silêncio, agachados, pela ponte de madeira. Na clareira, a menos de cinquenta passos da ponte, os homens de armas, em sono profundo, sequer se mexeram. Filetes de fumaça das brasas que se apagavam encaracolavam-se no ar do amanhecer. Um cavalo fungou, outro resmungou, mas, mesmo assim, os homens que dormiam não se movimentaram. A confiança dos assassinos cresceu. Eles avançaram, sem se preocupar com o barulho de seus passos. Os homens na clareira estariam mortos em questão de segundos.

Sob a luz acinzentada, um dos atacantes vacilou ao ver algo inexplicável. No limite da mata, a cem passos dali, as árvores sacudiram. A floresta se mexia. Antes que fosse dado o primeiro golpe de espada, um zumbido soou dentre as árvores e um vento sibilante varreu o céu quando as cordas dos arcos foram soltas.

Blackstone, de cócoras, observava a movimentação. Ele viu quando os atacantes tombaram sob a saraivada dos arqueiros. Morreram a vinte passos de Sir Godfrey e seus homens, que jogaram as capas para trás e correram para a ponte. Nenhuma palavra foi pronunciada, nenhum grito de batalha bradado. Tudo o que se podia ouvir era o bater de cascos conforme a figura solitária de Sir Gilbert disparou em meio às árvores para manter o portão aberto. Os defensores seguraram as portas de ferro, mas a espada do cavaleiro rasgou por entre elas, espalhando sangue nos portões. Ele abriu caminho por entre os homens desesperados, que gritavam, avisando aos que estavam dentro, mas a ferocidade do ataque e o levante súbito dos homens de armas os pegaram desprevenidos. Quem estava do lado de dentro esperava por metade de pessoas retornando com o valor do resgate de um cavaleiro, mas, em vez disso, foram rasgados.

Blackstone observou o eficiente assassínio. Apenas quando os gritos dos homens sendo mortos alcançaram a floresta, Christiana acordou assustada.

– Está tudo bem – ele disse.

Ela juntou a capa sobre o corpo e foi até onde ele assistia ao ataque. Os arqueiros de Elfred saíram da borda da mata e cruzaram o declive suave para a clareira, a fim de recuperar alguma flecha que pudesse ser reutilizada e cortar as gargantas dos feridos.

Christiana retraiu-se, mas não desviou o olhar.

Dentro de uma hora, os mortos haviam sido arrastados até um dique cheio de gravetos secos e galhos prontos para serem queimados. Quatro dos mercenários estavam feridos, ajoelhados perante Sir Godfrey, os braços atados atrás das costas. Choramingavam de dor e imploravam por piedade. O cavaleiro coxo não fora tão rápido na hora de abordar os portões do castelo, como fizeram seus homens mais robustos, mas tivera sua participação na chacina. Ele chamou Christiana. Blackstone ficou com os arqueiros, que esperavam pelo concretizar das execuções.

– Esses homens mataram os servos de minha família e os aldeões que buscavam a proteção de meu irmão. O que devemos fazer com esses, que ainda vivem? Deixo o destino deles em suas mãos.

Alguns dos homens ergueram as cabeças e imploraram a Christiana por suas vidas. Eram jovens como Blackstone. Christiana tinha lágrimas nos olhos quando os fitou. Blackstone xingou Harcourt baixinho por fazê-la enfrentar aqueles que causaram o caos.

Um deles sorriu para ela.

– Mileide, suas lágrimas são de muito valor. Segui esses homens porque tive medo da batalha. Salve-me, eu imploro, e servirei à senhora pelo resto da minha vida.

Christiana limpou as lágrimas e voltou-se a Sir Godfrey.

– Choro por aqueles que foram fiéis à casa de minha senhora e pela atrocidade cometida por esses homens contra eles. Faça o que demanda a justiça, milorde.

A moça afastou-se e os arqueiros abriram caminho para ela passar. Quaisquer pensamentos de menina vulnerável subjugados pelas emoções dela foram derrotados como os homens ajoelhados. Espadas brandiram, e cabeças caíram ao chão. Um último grito e um pedido de misericórdia foram interrompidos. Os corpos foram trazidos do chão coberto de sangue e jogados na pira.

Os homens de Godfrey Harcourt cavaram uma sepultura comunal e deitaram os servos e aldeões mortos, para que descansassem. Fez uma oração em latim e direcionou seus homens para a missão no rio. Christiana cavalgou junto de Blackstone, não tendo opção senão envolvê-lo com os braços. As provocações e

as zombarias dos homens seriam guardadas para mais tarde, quando o rapaz estivesse só.

Atrás deles, o Castelo Harcourt, deserto, conservava-se protegido pelos mortos. Uma dezena de cabeças enfiadas em estacas servia como aviso a outras gangues de pilhagem.

A busca incessante por um modo de cruzar o rio levou a força conduzida por Harcourt até o norte, numa curva do Sena. Observando o barão sentado num morro crispado, acocorado sobre a ponta da sela, Blackstone e os outros esperavam mais atrás.

– Santo Deus – Will Longdon murmurou quando viu os anfitriões reunidos na cidade. – Pensei que tivesse apenas o dobro de nós.

– Meu dinheiro diz que esse não é nem o exército todo – disse Elfred.

Os acampamentos e os subúrbios de Rouen confirmaram a informação do rei Edward de que o exército francês convocara seu *arrière-ban*, recrutando todo homem e cavaleiro saudável. As bandeiras e as flâmulas do orgulho nobre francês ondulavam ao longo do horizonte. Fumaça levantava-se de milhares de fogueiras. E Elfred tinha razão. O rei e a força principal defendiam Paris. O exército do rei Edward seria esmagado entre o martelo e a bigorna do poder francês.

– Não cruzaremos o rio por aqui, isso é certo – disse Blackstone. Ele analisou o conjunto de bandeiras. Entre a realeza e honra da França, as cores vermelho e dourado da família Harcourt atraíram o olhar para a linha sanguínea do normando que sentava-se do lado de cá do rio, tendo jurado lealdade ao rei inglês. Godfrey Harcourt, guardando seus pensamentos para si, virou o cavalo. Seus homens o seguiram.

Blackstone olhou para a outra margem do amplo rio. A divisão que o separava de seu irmão era tão larga quanto a que separava Harcourt do dele.

Enquanto Harcourt e outros cavaleiros guiavam suas equipes de busca na procura por uma ponte, o rei e o exército chegaram a Poissy, a vinte quilômetros de Paris, e encontraram a cidade sem defesas. O medo fizera os ricos cidadãos abandonarem a cidade preferida da realeza francesa por sua beleza, e onde o Rei da França tinha sua mansão ao lado do priorado das freiras dominicanas. A cidade aberta estava deserta numa curva do Sena, a menos de vinte quilômetros

de Paris. Deus sussurrou no ouvido de Edward e disse que lhe daria uma chance, uma pequena chance, de cruzar o rio. Os franceses, ao recuar, haviam destruído a ponte, mas deixaram os suportes. Os carpinteiros começaram a cortar madeira.

Quando Harcourt e seus homens retornaram à força principal, os carpinteiros de Edward haviam conseguido deitar uma viga de vinte metros sobre os suportes, ligando-os a Poissy. Não havia oposição na margem distante; os franceses, crendo que haviam destruído a ponte, recuaram para Paris.

Roger Oakley acenou para Blackstone, chamando-o à frente da companhia.

– Thomas, não são muitos os que conseguem agradar ao barão coxo, mas você deve ter acertado ao resgatar essa menina. Ele quer vê-lo. Vá até ele.

Quando Blackstone passou com seu cavalo por Elfred, pediu-lhe um favor.

– Elfred, pode manter Richard junto de você? Não sei o que Sir Godfrey quer comigo.

– Sim, o manterei por perto. Vou guardar comida para você – respondeu o comandante.

Blackstone aproximou-se de Sir Gilbert e Harcourt. Sir Godfrey conversava com Christiana.

– Esse rapaz vai acompanhá-la até a caravana de bagagem do rei. É uma moça corajosa. Sua senhora terá orgulho – disse Harcourt. – Sir Gilbert! Vamos nos juntar ao rei – ele acrescentou, atiçando o cavalo para avançar.

Sir Gilbert demorou-se perto de Blackstone e Christiana.

– Quero você de volta aqui, e não degustando comidas delicadas roubadas da cozinha do rei. Fale com um dos capitães do rei. Diga-lhe que Sir Godfrey quer que a moça seja protegida. – Ele a fitou. – Tem sorte de Thomas Blackstone ter encontrado você. Temos forte ligação. – Ele fez uma pausa, como se ponderasse sobre o que dizer em seguida. – Confiaria minha vida a ele.

Ele comandou ao cavalo que fosse adiante, seguindo Sir Godfrey em direção à bandeira do rei, que ondulava em frente ao novo palácio que Philip construíra para si.

– Sir Gilbert o honra – ela disse.

– Não sei por quê – Blackstone comentou, modesto. Mas o elogio do capitão significava muito mais do que alguém pudesse imaginar.

Ela apertou os braços em torno da cintura dele quando o cavalo se moveu.

– Não fui corajosa – Christiana disse baixinho. – Tive medo. Nunca tive tanto medo na vida.

Não, Blackstone pensou, Christiana não estava tão assustada quanto ele se sentia com o corpo dela pressionado junto ao dele.

Sir Gilbert parou na beira da água, ansioso para retirar o peso da armadura de ferro após dias de cavalgada, mas enquanto Godfrey Harcourt continuava falando com o rei, ele fora convocado por William de Bohun, Conde de Northampton. A reconstrução da ponte não era rápida o bastante para o gosto do marechal.

– Movam esses traseiros, ou, por Cristo, vou cortar-lhes as orelhas e expulsá-los por serem os malditos traidores que estão deliberadamente atrasando o progresso de seu rei. – Ele se virou para Sir Gilbert. – Pelo que você e Godfrey dizem, estamos presos entre os exércitos de Philip.

– Estaremos se não cruzarmos o rio.

– E temos ainda mais noventa quilômetros à frente se quisermos nos encontrar com Hastings e seus flamengos filhos da puta. Podemos pegar Philip de surpresa se formos rápidos o bastante. Estamos a uma cusparada de Paris. O rei acredita que foi dádiva de Deus.

– E você, o que acha?

– Que estamos perdendo tempo aqui, sentados, besuntando nossos traseiros com manteiga. Assim que seus homens forem alimentados, preciso de uma companhia de arqueiros prontos para cruzar esse maldito fosso para defender o outro lado. Se vamos nos esgueirar para Paris e…

– Milorde!

Northampton e Sir Gilbert olharam para onde apontava o carpinteiro. Lá longe, num morro distante, apareceu uma linha de cavaleiros franceses, com infantaria correndo entre eles.

– A manteiga coalhou – disse Northampton, agarrando o elmo.

Nem mesmo a experiência de guerra de Sir Gilbert o preparara para o que Northampton fez em seguida. O conde obstinado colocou o elmo, sacou a espada e começou a andar na direção do inimigo. Metido em quase quatro quilos de armadura e cota de malha, num morro escorregadio à beira de um rio serpenteante, o maldito maluco foi ao ataque.

– Soem o alarme! – Sir Gilbert gritou.

Blackstone cavalgara até os fundos da coluna com Christiana. Seguidores do acampamento e prostitutas eram mantidos o mais longe possível da atividade central daquela comunidade de não combatentes. A caravana de bagagem carregava todos os itens pessoais do rei, a cozinha real e seus cozinheiros. Havia carpinteiros, pedreiros e domadores. Ferreiros e jangadeiros carregavam forjas portáteis e o carvão necessário para aquecê-las. Cavalariços que recebiam dois

pence por dia cuidavam dos animais de carga e guerra. Vagões lotados de milho, ervilha e feijão que serviam de comida para os cavalos de guerra, que precisavam de mais do que apenas grama em sua dieta, foram trazidos para um lado da cidade. Sacos de aveia foram carregados para os cavalos pesados, que puxavam carroças. *Mais comida para os animais do que homens*, pensou Blackstone enquanto guiava o cavalo por entre o ir e vir dos servos.

Cirurgiões tinham seu próprio séquito, clérigos registravam tudo, a hierarquia dos oficiais e atendentes parecia um estado de relações natural aos envolvidos. Blackstone, porém, estava acostumado com a estrutura e a disciplina descomplicadas de uma companhia de arqueiros e a bagunça daquelas pessoas todas o confundia.

Carroceiros liberavam os grandes cavalos de tração enquanto os armeiros tomavam conta de duas carroças que carregavam salitre e enxofre para as três bombardas amarradas embaixo. Esses canhões atirariam pedras, embora Sir Gilbert contara que as bombardas mais faziam barulho – como o do trovão – do que matavam: matar recaía sobre os arqueiros do rei.

Blackstone levou o cavalo até um oficial que coordenava outros em suas atividades.

– Senhor, fui encarregado por Sir Godfrey Harcourt de entregar essa moça para ficar sob proteção.

O homem olhou para o arqueiro castigado pelo sol, os cabelos emaranhados grudados na cara cheia de fuligem, cuja túnica estava tão gasta, que o brasão estava quase irreconhecível. Era quase a aparência de um maltrapilho. Arqueiros eram ladrões e assassinos. O rei apreciava a força que tinham, motivo pelo qual metade de seu exército consistia naquela escória saída dos condados. A moça havia sido resgatada de umas das cidades saqueadas ou seria a meretriz de um nobre que precisava ser protegida? Não havia como descobrir, e a discrição podia levá-lo tanto a ser rebaixado e surrado, quanto a ser mencionado favoravelmente pela mulher do marechal.

O oficial analisou a moça. O rosto dela não mostrava sinais de varíola e as mãos delicadas não entregavam a vermelhidão do gasto com o sabão. Era muito fraca para trabalho pesado e portava capa de boa qualidade. Não era prostituta nem trabalhadeira, concluiu o oficial.

– A senhora ficará a salvo aqui. Informe a Sir Godfrey que arranjarei o máximo de conforto possível nestas circunstâncias.

Blackstone saltou do animal rapidamente e ergueu as mãos para Christiana. Ao permitir ser trazida para baixo por ele, um pequeno crucifixo dependurou-se do pescoço dela. Blackstone sustentou-a por um pouco mais de tempo do que precisava.

– Obrigada. Sinto o chão sob meus pés. Não acho que vou tropeçar mais – ela disse.

Ele tirou as mãos da cintura dela. Não passava da altura do peito de Blackstone, mas mantinha os olhos fixos nos dele.

– Devo-lhe algo em troca – ela disse.

A ideia de um beijo passou pela mente do rapaz. Ele tombou a cabeça, mas ela apenas sorriu e ergueu o crucifixo.

– Melhor que seus lábios toquem a cruz de Cristo, para que eu possa rezar para você ser abençoado e protegido. – Ela levou o pequeno crucifixo de ouro aos lábios dele, mas não desviou os olhos de Blackstone. – Beije a cruz de Cristo se acredita em seu… amor. – A última palavra sussurrada pareceu ter sido cuidadosamente escolhida para os ouvidos do rapaz.

Ele não costumava pensar nem se Deus existia. Era o que dizia a Igreja, assim como o padre mulherengo da vila – um filho de fazendeiro que escolhera a batina em vez da espada. Mas se isso significasse que Blackstone pudesse ficar mais um instante com aquela garota cujos olhos verde-escuros ainda o fitavam, ele mesmo teria escolhido ser padre.

Blackstone aproximou o rosto do dela e sentiu a fragrância dos cabelos, ao beijar o crucifixo.

– Que Deus te abençoe, Thomas Blackstone. Rezarei por sua segurança.

O momento passou. Ela deu meia-volta e foi com pressa para onde o oficial esperava, olhando na direção do arqueiro.

Blackstone estava prestes a chamá-la, mas ouviu o trompete soando o alarme na beira do rio.

Homens armados em fila única passaram equilibrando-se sobre a prancha estreita. Blackstone olhou do alto do morro e viu quando o primeiro deles, Northampton, e outros, inclusive Sir Gilbert, ganharam a outra margem. Assim que os franceses alcançaram a encosta, vinte ou mais bandeiras inglesas foram erguidas. Era um grupo pequeno demais para defender a margem, e não havia tempo para encontrar barcos e lotá-los de infantaria. Mil franceses, número aproximado calculado por Blackstone, avançavam na direção do rio, e esmagariam o corajoso Northampton e seus cavaleiros. Apesar da inquestionável coragem dos homens que o seguiam, Blackstone sabia que se a ponte não pudesse ser consertada, ou se os franceses arranjassem força suficiente para dominar a margem, então eles ficariam presos como ratos. E Christiana estava dentro do acampamento inglês.

Ele esporeou o cavalo para andar. Os arqueiros estavam entrando em posição. Os homens de Elfred ainda estavam na retaguarda, alimentando-se após o tempo árduo sobre as selas, mas havia uma dúzia ou mais de arqueiros, guardas dos carpinteiros, correndo para o morro com arco em punho. Blackstone desmontou e sacou o dele. Obviamente, aqueles poucos minutos seguintes seriam vitais.

– Rio abaixo! – ele gritou para os homens, já correndo ao longo da margem, além dos suportes. Eram os homens de Warwick, mas responderam ao comando porque arqueiros precisavam ter um objetivo específico e os guerreiros na outra margem já consumiam homens de armas ingleses e franceses. Eles repararam que o soldado de Lord Marldon vira algo que eles não tinham visto. Duzentos metros da margem mostravam a infantaria que se aproximava. Northampton e os outros estavam de costas para o rio, aquela quantidade de lanceiros os esmagaria.

Um dos homens mais velhos do grupo de Warwick gritou:

– Certo, rapaz. Estamos vendo os bastardos.

Não foi necessário dar ordens. Os arqueiros puxaram os cordões e, apesar de muito poucos, começaram um tiroteio mortal incessante. A infantaria vacilou, mas não parou. Blackstone viu Sir Gilbert chegar com uma dezena de homens de armas para enfrentar o ataque.

Conforme mais homens cruzavam o rio, os franceses começaram a recuar. Não podia ser uma força principal do exército francês, Blackstone supôs, mas uma coluna de batedores enviada para tomar uma passagem que eles julgavam já ter destruído. Estavam morrendo rápido demais para ter sucesso. Mais arqueiros juntaram-se a Blackstone, outros cruzaram o rio. Tinham que proteger a base que seria o ponto de fuga do exército.

Elfred apareceu, com Richard Blackstone logo atrás. Weston, Longdon e todos os outros assumiram posição na ponta oposta da margem e começaram a atirar sem parar. Blackstone viu o irmão junto de Elfred. A incerteza o dominou. Seu irmão encontrara um novo guardião? Elfred era mais bondoso, mais velho, tinha idade para ser pai deles. Um pensamento atravessou-lhe a mente como uma flecha perfurando armadura: estava se sentindo feliz por ver-se livre da responsabilidade para com o irmão? Ele agarrou o arco do pai; sua mão era tão ampla quanto a dele. O espírito do homem vivia ali – assim como viviam as tarefas que ele confiara ao filho mais velho.

Homens de armas empurravam os franceses para trás, mas Blackstone parara de atirar. Queria lutar com os seus parceiros.

– Aquela é minha companhia – disse ao soldado de Warwick. E então, sabendo o motivo de sua própria incerteza, acrescentou: – Meu irmão está lá.

– Claro. Pode ir para lá, filho. Fez bem em nos trazer até aqui. Vamos conter

o flanco. Northampton e seus homens ganharam o dia, é fato. Ele é um maldito lunático, graças a Deus. É preciso amar o homem por isso.

Blackstone correu alguns metros até os amigos. Richard o viu, e seu murmurar fez John Weston virar-se, enquanto aprontava outra flecha.

– Você demorou! Mal conseguiu vestir as calças, não? Não se preocupe conosco, podemos vencer essa guerra sem você.

– Pensei que tivesse fugido com ela! – disse Will Longdon após soltar outra flecha.

Blackstone assumiu sua posição junto aos outros e puxou seu cordão.

– Não, isso será mais tarde – respondeu.

Ao final do dia, centenas de franceses jaziam, mortos; outros foram caçados enquanto fugiam. Alguns conseguiram recuar em direção a Paris para levar a notícia que deixaria o rei francês desesperado: a infantaria junto aos homens de armas, flanqueados por lanceiros e arqueiros galeses, defenderam a passagem em Poissy. Edward perdera muitos homens no amargo conflito, mas tinha o domínio de uma ponte. Poderia, então, escapar da armadilha – isso mandaria uma mensagem de medo ao rei francês. Nenhum invasor estrangeiro jamais saqueara a capital. Ele não pretendia permitir que o exército selvagem e monstruoso de Edward fosse o primeiro. Philip preparou seu exército para batalhar na periferia da cidade.

O empenho no combate reabrira o ferimento que Sir Gilbert fizera em Caen. Ele ficou sentado sobre um tronco, sem a armadura do torso e a cota de malha, enquanto um cirurgião enfiava agulhas nas laterais do corte em carne viva.

– Eu não deixaria nem que limpasse meu rabo com seda, seu açougueiro maldito, se não fosse vontade de meu senhor enviá-lo aqui – disse ele quando viu Godfrey Harcourt se aproximar.

– O cirurgião do príncipe merece mais respeito, Gilbert – Harcourt censurou-o gentilmente.

– Assim como esse maldito machucado nas minhas costas. Parece que o homem está costurando um porco para assá-lo. – Sir Gilbert deu um gole num cantil. – O conhaque ajuda… até certo ponto. Espero que você agradeça ao homem caso eu não sobreviva a este tratamento atabalhoado.

– Eu fiz tudo o que podia, Sir Gilbert – disse o cirurgião.

Sir Gilbert ergueu o pote de pomada.

– Então passe isso aí e cubra com um pedaço limpo de linho, e seus serviços serão dispensados.

O cirurgião cheirou o pote. Enrugou o nariz.

– Não é pomada de bordel. É mel e lavanda dos monges de Caen. Passe e vá embora, e certifique-se de que o linho está limpo. Depois faça um curativo.

O cirurgião fez tudo conforme ordenado.

– Consegue cavalgar? – perguntou Harcourt.

– O que quer, Sir Godfrey? – ele respondeu. A pergunta do normando pareceu-lhe um insulto.

– Destruirei tudo o que puder, o mais próximo possível de Paris… é uma distração. Edward tem que levar o exército ao norte e cruzar o Somme para encontrar Hastings e os flamengos. Ele vai correr como um veado com os franceses caçando, rastreando-lhe o cheiro.

Sir Gilbert deixou o conhaque pregar-lhe no fundo da garganta; o calor aliviou a dor em seu corpo.

– Ele não ia atacar Paris. Eu já sabia. Seríamos pegos nos milhares de ruas e becos. Seria cem vezes pior do que em Caen. De quanto tempo o rei precisa?

– Nove dias, no máximo.

– E o que quer de mim e meus homens?

– Encontre uma passagem no Somme.

– Santo Deus, já não basta de tentar cruzar rios? São os portões do inferno. Pior do que este lugar. Vamos guerrear agora e terminar de uma vez.

– Edward demandou mais arqueiros e suprimentos. Existe um porto ao norte do rio, em Le Crotoy, e para chegar lá precisamos cruzar o Somme. Não haverá vitória a não ser que encontremos Hastings e voltemos para enfrentar Philip. Suprimentos e homens. É disso que precisamos.

– E de um milagre.

– Ao norte de Amiens, nos encontraremos.

Harcourt afastou-se com seu cavalo.

Sir Gilbert grunhiu quando o último ponto foi atado. Seis semanas de luta sugavam mais do que apenas energia de um homem e seu cavalo. Eles precisavam descansar, alimentar-se e cuidar dos ferimentos. O exército marchava com calçados gastos, e os cavalos viajavam sob uma dieta pobre. Ferimentos gangrenavam, homens morriam, a deserção não era incomum, e soldados eram enforcados por saquear monastérios. Entretanto, o rei guerreiro continuava demandando mais de seus homens. Era digno de nota como eles o mantinham em tão alta estima, pois apertavam os sapatos, ignoravam o sofrimento e seguiam em frente. Em seguida viria uma travessia de setenta quilômetros até outro grande rio. A exaustão dominava a todos.

O exército cruzou o Sena em Poissy e certificou-se de que a ponte fosse completamente destruída, assim Philip não seria capaz de atacá-los por trás. Por

ora, a corrida seria a marcha para o norte. O grupo de cavaleiros que acompanhava Harcourt queimara tudo pelo caminho até os arredores de Paris, mas o exército francês estava em movimento, e assim que ele fez tudo o que podia ser feito, o barão incansável cavalgou às pressas para juntar-se aos grupos de reconhecimento que tentavam encontrar uma passagem. O exército deixara o terreno irregular das sebes e do bosque da Normandia e, alimentado pelo desespero, cruzou a planície da Picardia numa linha reta de setenta quilômetros com menos de um quilômetro de divergência em cada lado da coluna. O mar a noroeste estava perto, os pântanos salgados e o estuário de Somme a oeste – e um rei francês determinado, sabendo que o exército sujo de seu primo inglês se esforçava para alcançar seus aliados flamengos, perseguia-o pelo sul. O inglês escapara da corda uma vez. Ele a amarraria de novo. E chutaria o banquinho.

Os homens de armas e arqueiros de Sir Gilbert, como os demais grupos de reconhecimento, queimavam toda vila e casebre que encontravam. Fumaça desprendia-se da terra como se toda a França fosse uma pira de funeral. Mas nenhuma ponte fora encontrada e, assim como os homens de Philip bloquearam a passagem pelo Sena, ele parou os ingleses novamente no Somme. A estratégia de Edward falhara, e o custo de tentar atacar as pontes fortificadas do rio custara vidas demais. O tempo se esvaía de modo tão veloz quanto a maré do rio, e Edward, Rei da Inglaterra, logo seria abandonado e forçado a enfrentar e lutar contra um exército arrebatador num local indesejado.

O dia anterior ao Dia de São Bartolomeu era de jejuar. Não que os homens tivessem escolhas. Não havia carne nem frango para comer. John Weston amarrou seu cavalo e, sorrindo como um macaco, debandou para onde sua companhia de arqueiros montava acampamento após o dia infrutífero de busca por uma passagem. Trazia um cisne morto nas costas. As plumas sedosas do animal pingavam, saturadas pelo próprio sangue. Ele largou o bicho no chão, diante dos demais.

– Muito bem, senhores, arranjei um pedaço aqui que faria agrado até mesmo na mesa do rei.

– Santo Jesus, não deixe que Sir Godfrey veja ou vai pegar para si – disse Roger Oakley, tirando a carcaça pesada de vista. Dois dos homens começaram a limpar a ave.

– Coloque mais lenha nessa fogueira. Vamos precisar de umas pedras também – Blackstone disse a Will Longdon – e cavar o buraco mais fundo. Vamos assar lentamente.

– Tem razão, sua alteza, senhor, milorde – Longdon provocou. Um cisne era uma refeição fina, e não era hora de dar ouvidos a um moleque querendo organizar o buraco da fogueira.

– Isso são colhões, rapaz! Você daria um bom nobre – disse Elfred.

– Se não fosse um arqueiro maltrapilho – Weston rebateu.

– Já que você diz… – Blackstone respondeu com um sorriso. Os homens estavam de bom humor, sabendo que haveria uma ave suculenta para o café da manhã do dia seguinte.

Sir Gilbert andou entre eles.

– Vão arranjar briga amanhã de manhã, quando os outros sentirem o cheiro desse caldo. Ouso dizer que posso manter as coisas sob controle ao preço de uma coxa.

– É exatamente isso que estávamos dizendo um minuto atrás, Sir Gilbert – disse Elfred. – Não é mesmo, rapazes?

Os arqueiros todos concordaram, muito bem-humorados.

– Só conseguiu pegar uma ave, John Weston?

– Havia dois pares, Sir Gilbert, mas tive que pegar este aqui antes que a maré o levasse para o mar – contou John Weston, ao cortar fora a cabeça do corpo. – Os outros não iriam ficar se debatendo ali, esperando que outra flecha viesse voando na direção deles. E também, veja você, quase me afoguei naquela correnteza.

Blackstone colocou mais lenha na fogueira. O que John Weston disse o lembrou do rio, em casa, onde ele e Richard preparavam armadilhas para peixes. Os cisnes lá iam parar na mesa de Lord Marldon, mas costumavam ser capturados na maré baixa, quando se alimentavam.

– Estavam se alimentando? – ele perguntou.

– Estavam, sim. Cabeça para baixo, rabo para cima. Eu não podia errar; não que eu erre. Veja você, a maldita da correnteza quase varreu minhas pernas, e não sei nadar, então, deem graças ao bom Deus, que me trouxe de volta para cá com o café da manhã de vocês, seus desgraçados.

Blackstone virou-se para Sir Gilbert.

– Se a maré está baixa no estuário, rasa o bastante para os cisnes se alimentarem, e John conseguiu livrar-se da correnteza, então talvez seja por lá que poderemos passar, Sir Gilbert.

– John? – Sir Gilbert chamou o estrangeiro.

– Sim, pode dar certo, eu suponho. Mas é arriscado como cutucar o rabo do diabo com flecha molhada.

– Mostre-me.

– Agora mesmo, Sir Gilbert. Mas sua autoridade poderia arranjar um jeito de impedir que a ave não esteja mais aqui quando voltarmos.

– A ave fica na fogueira. Assem devagar, rapazes. Ficará pronta ao amanhecer – disse Sir Gilbert aos homens. – Elfred, Thomas, John, comigo.

Cavalgaram sob o luar até subirem num morro, onde viram o estuário do Somme ao longo do amplo terreno lodoso da maré baixa; a água era como um laço brilhante esticado até o mar. Uma brisa ondulava a larga faixa de água cujos remoinhos confirmavam ser verdade a afirmação de Weston quanto à força da maré. Sir Gilbert seguiu a rota traçada pelo arqueiro até a parte rasa e desmontou.

– Eu entrei mais ou menos aqui. Devo ter caminhado uns cem passos até onde se alimentava a ave mais próxima. As outras estavam nadando. Não vi por que correr o risco de perder uma flecha.

A areia lodosa cedeu sob o peso deles, mas eles seguiram em frente, na direção do rio.

– A maré está mudando, Sir Gilbert – disse Blackstone. – Lembra-se do rio lá de casa? Será uma armadilha mortal caso os homens estejam aqui quando a inundação começar.

Sir Gilbert ignorou-o e foi mais adiante no fluxo de água. Blackstone juntou as rédeas dos cavalos e entregou-as ao irmão. Não precisou dar mais instruções. O desafortunado rapaz devia ficar ali.

Os arqueiros seguiram seu capitão adentro das águas mais profundas, que alcançavam suas coxas. Cada um deu cem passos adiante, testando a firmeza de seus pés no lodo. Após um tempo, Elfred ergueu o braço.

– É aqui – gritou. – Está firme para pisar.

Os outros foram até ele e sentiram o leito do rio endurecer. Elfred fitou além das águas sob o luar, para a margem distante.

– Deve dar um quilômetro – disse.

– Um quilômetro e meio – Blackstone disse baixinho. – Pelo menos.

O prospecto de cobrir essa distância, caso houvesse besteiros genoveses esperando por eles, causava mais arrepio do que a água gelada que molhava sua virilha.

– Um quilômetro e meio, então – Sir Gilbert reconheceu. – Pelo menos.

O cisne foi deixado na fogueira, abandonado, quando o grupo de batedores de Godfrey Harcourt retornou à força principal com a notícia da passagem. Precisavam de sono e comida, mas nada lhes foi concedido quando o rei soube da possibilidade de seu exército cruzar o Somme. Trompetes berraram, o exército ergueu-se e cada capitão informou a seus homens o que esperar.

– Se não cruzarmos o rio, ficaremos presos. A vanguarda francesa está a menos de sete quilômetros atrás de nós. Temos apenas o mar à nossa frente. É

simples assim – disse Sir Gilbert. – E não cobrimos setecentos quilômetros para sermos mortos como ratos num buraco por um cachorro raivoso. – Ele foi andando pelas fileiras, certificando-se de que cada arqueiro e homem de armas o ouvissem. – Marcharemos esta noite, pelo raso.

Houve um farfalhar de botas gastas e um murmúrio de incerteza entre os homens reunidos. Cruzar a passagem à noite seria exaustivo e perigoso.

– Não tem o que fazer, rapazes. Temos que passar. Existem franceses para matar e uma coroa para conquistar. Chegaremos ao rio pelo amanhecer. Sir Reginald lidera, e eu sigo.

Ele se virou para fitar os arqueiros. Naquela altura, sabia o nome de cada homem sob seu comando.

– Os arqueiros atravessarão primeiro – ele disse, solene.

O olhar exausto de Blackstone acompanhava a corrente de água.

– Ainda está muito alta.

– Esperaremos – Sir Gilbert disse. – E rezemos para que os franceses ainda estejam bocejando e coçando o saco.

O exército reuniu-se devagar atrás deles, homens e animais amontoados à beira do rio, as fileiras estendendo-se ao fundo, acotovelando-se entre as árvores, sobre pastos e milharais. Doze mil homens deviam atravessar o estuário de um rio de dois mil metros de largura numa passagem tão estreita, que permitia apenas dez homens andando lado a lado. Se os franceses, que chegavam pelo sul, os alcançassem durante a travessia, não haveria chance de formar linhas de combate. Seriam assassinados em pleno rio.

Esperaram pela maré e viram um contingente francês vindo do exército principal de Abbeville proteger a margem distante.

– Quanto tempo para atravessar, você acha? – perguntou Will Longdon.

– O sol estará num quarto, perto das nuvens – Elfred respondeu. Levaria quase uma hora para que seus pés tocassem a margem distante.

– Sim, foi o que eu pensei – Longdon confirmou. – Esperava estar errado. Se eu cair, acho bom alguém me ajudar.

Elfred voltou-se para Blackstone.

– Thomas, tenha Richard em mãos para puxar o traseiro encharcado dele. Preciso dele para matar aqueles bastardos.

Blackstone fez que sim.

– Talvez seja melhor todos nós nadarmos um pouco – ele disse, apontando para a outra margem.

O horizonte mudou de forma quando bandeiras e flâmulas bagunçaram o horizonte ao longo da alta encosta, na margem. Defensores franceses reuniram-se em três fileiras que cobriam toda a beirada.

– Deviam saber que essa era a única parte rasa – disse Sir Gilbert. Ele observou as bandeiras francesas, algumas das quais reconhecia. – Godemar du Fay. Cavaleiro burgúndio. Será ele quem comandará as defesas ao longo da beira do rio.

– Santo Cristo, não pergunte ao Thomas quantos deles há ou ele vai nos dizer – disse John Weston, vendo o enxame de infantaria e homens de armas.

– Ainda não vimos o pior, rapazes – disse Blackstone, os olhos fixos na encosta onde quinhentos besteiros posicionavam-se, mantendo-se na porção mais alta, conferindo a si alcance adicional.

– Eu estava prestes a dizer que estava feliz por não haver besteiros – disse Will Longdon.

– Acha que a visão deles é boa como a nossa? – perguntou John Weston.

– Vai descobrir quando uma flecha arrancar a sua cabeça – respondeu Sir Gilbert.

– Ei! Seus franceses malditos! – Weston gritou e andou até o banco de areia, desamarrou as calças e mijou no rio. – Estão vendo isso aqui?

Os homens riram e bradaram escárnios contra os franceses e seus mercenários contratados.

– Que Deus nos ajude, Weston. Temos que entrar aí. Seu mijo pode enferrujar a armadura – disse Sir Gilbert.

– Está frio lá dentro, Sir Gilbert. Eu só queria esquentar um pouco a água para você.

Havia medo sob a bravata; um desdém saudável para com o inimigo podia motivar um soldado a enfrentar um ataque infernal. O irmão de Blackstone chegou perto dele e puxou-o pela manga da camisa. Soltou um murmúrio e gesticulou. Queria ficar junto de Blackstone. Este viu o desejo no rosto do garoto. Tentara perdoar, tentara não pensar nele matando a garota que dissera amar. Não havia perdão. Mas havia o dever. Blackstone fez que sim. O menino não demonstrou estar contente, mas lágrimas juntaram-se em seus olhos e ele foi ficar um passo atrás do irmão.

O Conde de Northampton parou em frente à companhia.

– Os franceses pensam que somos rufiões rudes e ignorantes! E estão certos!

Os homens gritaram em aprovação. O conde ergueu a espada.

– Os cavaleiros deles atropelarão a própria infantaria com o intuito de nos matar. Vocês, arqueiros, vão fazê-los sangrar e depois nós os estriparemos até que essa merda de rio fique vermelho. Matem-nos, e continuem matando até que choraminguem, pedindo clemência, e depois matem mais um pouco! Avançar!

Uma onda de gritos de guerra perpassou a ampla expansão de água como uma ameaçadora tempestade de verão prestes a desabar.

Sir Gilbert amarrou um laço de couro em torno do punho da espada e do pulso. Sorria.

– Meu nó do sangue. Não perderei a porcaria da espada se um francês retorcido espirrar sangue em cima de mim. Boa sorte para você, Thomas.

– Para você também, Sir Gilbert.

Três horas após a aurora, a oitava a contar da meia-noite, no Dia de São Bartolomeu, Sir Reginald Cobham junto ao Conde de Northampton e Sir Gilbert Killbere formaram uma coluna de cem homens de armas. À frente deles, os cem arqueiros de Elfred compuseram uma extensa linha, com dez homens ao lado e, no comprimento, cobrindo toda a passagem.

Com os arcos erguidos para manter os cordões secos, entraram na água.

Capítulo oito

A maré molhava as pernas dos soldados; os mais altos estavam cobertos até os joelhos, para os demais, a água batia na cintura. Eles praguejavam e resmungavam, mas mantinham a formação da melhor forma possível. A trezentos metros da margem, as primeiras flechas de besta foram atiradas. Blackstone e os outros arqueiros ainda não podiam erguer seus arcos na água funda, e os homens sem defesa foram os primeiros a morrer. A altura da encosta dava aos besteiros genoveses distância extra, e as flechas derrubaram vinte ou trinta homens na primeira saraivada. Seus corpos caíram sobre outros, carregando-os, debatendo-se corrente adentro. Alguns gritaram, outros xingaram.

– Continuem andando! Continuem andando! – alguém gritou.

Conforme alguns tombavam, outros ocupavam seus lugares, avançando para assumir o posto do homem caído, não muito por bravura, mas, sim, para chegarem à margem o mais rápido possível. Expostos e indefesos, muitos morriam.

Flechas com pontas de aço sibilavam pelo ar. Blackstone esquivou-se por instinto, ouviu-as atingir os escudos de madeira dos homens de armas atrás dele, bicando como um bando de pica-paus bêbados.

– Mais rápido, pelo amor de Deus, mais rápido – Blackstone reclamou consigo. *Santo Deus, não me deixe morrer… Não me deixe morrer… não aqui… não assim*.

O homem à frente de Blackstone subitamente tombou para trás quando uma flecha colidiu contra sua testa, fazendo um baque horrendo. Muitos arqueiros estavam sucumbindo. Roger Oakley avançou.

– Vamos, rapazes, vamos!

Seu empurrão carregou trinta homens com ele, forçando os músculos das pernas a enfrentar a água. Os arqueiros arfavam, sem ar; a exaustão e o medo os

urgiam a avançar. Mais homens caíram. O barulho dos corpos contra a água era tão rápido quanto o terrível e incansável vento que açoitava os sobreviventes. *Muitos morrendo! Não vamos conseguir! Santa Mãe de Deus, perdoe-me*. A mente de Blackstone o provocava diante da perspectiva de morrer no rio. O que lhes era pedido era impossível.

Mas eles continuavam em frente.

Roger Oakley virou-se e fitou seus homens.

– Eles vão chorar, implorando por suas mães. Mais duzentos metros, rapazes. Só isso! Avante, rapazes, avante! – O encorajamento constante era como um guia para os arqueiros vacilantes seguirem. – Vocês são os meus arqueiros! E seremos os primeiros a derrubar os malditos e…

O ataque duplo rasgou o chapéu de Oakley, estilhaçando o rosto e o maxilar dele; a segunda flecha rasgou-lhe a garganta. Um gorgolejo de sangue, e seu corpo contorcido foi levado pela corrente. A linha de homens vacilou.

Uma voz veio lá de trás.

– Continuem andando, pelo amor de Deus, ou morreremos!

Era Sir Gilbert com seu homem de armas. Se os arqueiros falhassem, o ataque estaria fadado ao fracasso.

Blackstone viu os espasmos de morte de Oakley enquanto seu corpo girava na água, com uma das mãos ainda tentando, parcamente, buscar ar por mais alguns segundos, mas a cabeça estilhaçada e a garganta confirmaram a todos que ele já estava morto. Blackstone tropeçou, mas antes que pudesse cair, o irmão o colocou em pé. Não se entreolharam, mantinham os olhos fixos nas figuras que viam no horizonte armando as bestas, enquanto os homens de armas franceses esperavam na margem para matar os sobreviventes.

E então a água baixou.

– Abrir! – gritou Elfred, e os homens abriram as fileiras para se espalharem numa linha e diminuir o alvo oferecido aos besteiros. Acerca de cento e cinquenta metros da margem, Elfred ergueu o arco, assim como todos que o acompanhavam, e a primeira chuva de flechas caiu como uma vingança de Deus sobre os besteiros. Em menos de um minuto, os arqueiros haviam avançado mais trinta metros e mandado mais seis saraivadas, até que os genoveses estavam todos mortos, espalhados na encosta íngreme ou haviam recuado para escapar do alcance dos inimigos.

Elfred procurou por Roger Oakley e viu apenas Blackstone atirando sem parar com o que restara da fileira de soldados. Will Longdon e John Weston vinham à esquerda de Elfred.

– Thomas! Leve vinte homens! Flanco! Flanco! Escutou? – ele gritou, enquanto virava à esquerda com os outros, abrindo passagem para que os

homens de Sir Gilbert, logo atrás, pudessem avançar. Blackstone foi para a direita.

– Comigo! Assumir posição! – ele gritou. – Homens de armas! Matem os homens de armas!

Northampton, Cobham e Sir Gilbert já vinham espirrando água por entre a passagem aberta quando os arqueiros, novamente, soltaram flechas. Dessa vez, a saraivada atingiu armaduras e cotas de malha. No momento em que os cavaleiros ingleses alcançaram a margem, tiveram que passar por cima dos franceses mortos. O impacto de ferro contra escudo rolou por sobre as águas. E os arqueiros atiraram até ficar sem mais mísseis. Mas Edward e seus marechais sabiam que, a não ser que os besteiros pudessem sustentar seu fogo, os homens de armas ingleses não podiam lutar e escalar a encosta contra tantos – e ele ordenara a pajens e clérigos, com os braços lotados de feixes de flechas, que reabastecessem os atacantes. Facas rapidamente cortaram as fitas das sacolas, e os arqueiros atiraram sem parar até que mais homens de armas chegaram por trás dos que já lutavam na margem. Onde caíam cinco homens, mais dez tomavam seus lugares. Foi um ataque desesperado e determinado para dominar a margem fortemente defendida, antes que o exército do rei Philip os varresse, vindo de trás, e os matasse no meio do rio.

Blackstone e os arqueiros disseminaram a morte sobre o terreno, e saíram correndo da água para conter qualquer força de ataque que tentasse se aproximar da delgada margem. Cobham cortava e golpeava, sua guarda pessoal ceifava homens à frente e pelos lados; seu passo firme e direto e sua habilidade eram comparáveis somente aos de Northampton, ensanguentado dos pés à cabeça, e Sir Gilbert – os três aniquilavam os inimigos sem descanso. A bravura francesa não podia ser contestada; eles lutavam por cada centímetro de areia coberta de sangue.

Blackstone estava a oito metros de Sir Gilbert. Ele viu homens de armas franceses avultando-se sobre seu amigo cavaleiro, que manteve a posição e derrotou os primeiros quatro soldados, mas ele logo seria arrebatado. Meia dúzia de seus homens, ao redor dele, foram mortos ou feridos. O ataque francês crescia.

Blackstone não conseguiu correr mais rápido na direção do cavaleiro cercado. Trazia uma flecha preparada, o cordão puxado. Ele hesitou, vendo o voo em sua mente – parou para ponderar, pois, caso errasse, a flecha poderia matar Sir Gilbert. Dois homens atacaram o cavaleiro – golpes fortes e incríveis de maça e machado. Foi um ataque incansável e Sir Gilbert ajoelhou-se, erguendo o escudo. Um cavaleiro francês ergueu a espada usando as duas mãos para um golpe. Blackstone já buscava outra flecha quando a primeira atravessou

a armadura do cavaleiro. Ele flexionou os joelhos e caiu de costas. O rapaz viu Sir Gilbert tentando levantar-se, ainda tonto devido aos golpes.

Richard Blackstone berrou e correu adiante, deixando o irmão para trás.

Duas flechas voaram, rápidas, uma após a outra. Blackstone pegou tudo o que lhe restava na sacola e meteu as seis flechas no solo, aos seus pés. Em rápida sucessão, essas setas pousaram dois metros à frente de Sir Gilbert, que lutava para ficar em pé. Dois metros precisos e vitais, a habilidade de um homem criado por um mestre arqueiro, ensinado a usar cada fibra e pensamento para lançar uma flecha de um metro de comprimento exatamente para onde o arqueiro determinava que ela devia voar. O alfineteiro letal matou mais quatro homens e feriu gravemente outros dois.

E então Richard Blackstone chegou com mais ingleses atrás de si. O garoto agachou e arrastou Sir Gilbert, enquanto os soldados ingleses os cercavam. Sir Gilbert debatia-se, mas Richard deitou seu corpo no chão. A exaustão e os ferimentos, somados à força e ao peso do menino mudo, finalmente fizeram o cavaleiro ferido escorregar para o rio obscuro da inconsciência. Conforme os ingleses mantinham a posição, lutando ao redor do cavaleiro caído, o irmão de Blackstone ergueu Sir Gilbert, colocou-o sobre o ombro e levou-o para a segurança das árvores como se carregasse uma ovelha abatida.

Blackstone correra à frente dos demais, esquivando-se de mortos e feridos. Um destes ergueu o tronco e girou a maça num movimento superficial e moribundo. A arma escorregou da empunhadura ensanguentada e atingiu Blackstone na têmpora, reabrindo o machucado que fizera em Caen. O elmo de ferro amenizou o impacto, mas ele cambaleou, viu a terra girar e, naquele momento, soube estar vulnerável a um ataque fatal. Tinha que levantar-se e defender-se. Usando o arco como bengala, ficou em pé, com a faca em punho, pronto para matar. Mas não foi preciso. Seu atacante estava morto, e os homens de armas franceses recuavam, pisando sobre seus companheiros tombados, conforme os cavalos de guerra entravam no combate, contando com o empuxo extra conferido pela encosta para atropelar os ingleses lá de baixo. Mas os homens de Edward haviam aberto uma ferida mortal nas defesas francesas, e enquanto os soldados a pé cercavam os atacantes, os cavaleiros ingleses galoparam por sobre a passagem estreita. O rei Edward correu um risco enorme, empregando todo o seu exército, que cruzou a porção de água – e rezou para que a força francesa principal não estivesse mais perto do que ele suspeitava. O poder dos corcéis de batalha levou a luta à frente, com os ingleses forçando os cavaleiros franceses a recuar do campo sob contenda.

Blackstone, limpando o sangue do rosto, viu que o irmão levara Sir Gilbert para um local seguro e erguera o arco para o alto. Ele rugiu, triunfante, quando

os franceses recuaram, receando as lanças e espadas dos cavaleiros ingleses e seus homens de armas.

E cada homem que sobrevivera, inclusive o grande Conde de Northampton, William de Bohun e o velho guerreiro a seu lado, Sir Reginald Cobham, rugiram junto.

E rugiram mais uma vez.

Por incrível que parecesse, um pequeno contingente de soldados com armamento leve do exército inglês atacaram um posto bem defendido e derrotaram um inimigo muito bem preparado, em posição de vantagem – luta que deveriam ter perdido. O feito de coragem esmagou o plano do rei Philip de encurralar o exército inglês. A comitiva do Príncipe de Gales atravessou a passagem; sua armadura escura furtava a luz solar que a água refletia. Godfrey Harcourt parou seu cavalo onde estavam sentados alguns feridos, em meio à devastação, enquanto homens de armas e cavaleiros perseguiam sobreviventes franceses. O fedor da morte cobria o campo como uma névoa doentia, e a carniça espalhada sobre a margem era testemunha da selvageria da batalha.

Harcourt acalmou sua montaria perto de Blackstone e Sir Gilbert, este sem elmo, mas consciente, o bacinete semiesmagado ao lado.

– Então, sobreviveu, rapaz – disse ele, acalmando o forte cavalo.

– Sim, milorde. Alguns de nós sobrevivemos – Blackstone respondeu. Ele e o irmão levantaram-se perante Harcourt.

– E você se machucou – disse o normando.

O sangue incrustado no rosto de Blackstone descia-lhe do couro cabeludo.

– Não foi nada – ele respondeu. – Um golpe de raspão, mais nada.

O outro homem grunhiu, fitou Richard, mas logo desviou o olhar.

– Sir Gilbert, vai descansar, após todo esse esforço – disse vagamente.

Sir Gilbert, ainda se recobrando, ergueu o punho, a espada pendurada pelo nó de sangue.

– Um pouco, milorde; sinto como se tivesse levado coice de cavalo.

– Então, quando se sentir melhor, precisarei de seus serviços, e de seu soldado. – Ele hesitou e fitou novamente um ensanguentado Richard. – E do bobalhão.

– O mudo deve ser nosso talismã. Ele me poupou de sair andando do campo de batalha. Fiquei muito contente, estando fraco na hora – disse Sir Gilbert. – E assim que a porcaria do céu parar de rodar, vou me unir a você, milorde.

Harcourt jogou-lhe um odre de vinho.

– Tinto da Gasconha. Vai reabastecer suas forças e assentar os céus.

A passagem fervilhava de tropas, que, conforme iam chegando, eram convocadas pelos marechais para formar a defesa da encosta.

– Milorde – Blackstone perguntou um segundo antes que Harcourt voltasse para a defesa da margem. – Christiana está a salvo?

– O rei abandonou parte da caravana de bagagem, por questão de velocidade. A cavalaria boêmia nos alcançou. Mataram alguns dos carroceiros. A guarda do Bispo os impede de invadir o rio, mas o tempo é escasso. A maré está subindo. Dei ordem para que ela fosse trazida para cá, mas ainda não a vi.

O marechal virou seu cavalo e trotou até a comitiva do príncipe. Blackstone fitou as filas irregulares de soldados e equipamentos que ocupavam a passagem. O fim da comitiva devia estar além da margem ao sul, em meio às árvores. Quão longe estariam os retardatários? Parecia não haver mais vagões para cruzar. Ele pegou um punhado de flechas da sacola do irmão. O olhar e um gesto mandaram-no ficar com Sir Gilbert. Ele correu para onde os domadores e pajens mantinham as montarias dos arqueiros.

– Thomas! – Elfred chamou.

– Ela está lá atrás – ele respondeu.

– Que coisa, rapaz. Por uma mulher! A maré está vindo! Você não vai conseguir voltar!

Blackstone levou seu cavalo para dentro da água.

Os últimos retardatários da margem estavam mergulhados até o pescoço em alguns pontos. Homens cambaleavam, e ele viu um ou dois tropeçarem e afundarem sob a superfície que ondulava ao sabor da brisa. Um braço ergueu-se, desesperado, um clamor perdido debaixo do som do farfalhar da cama de junco. Não havia mais carroças para cruzar a passagem. Soldados de infantaria lutavam para cruzar a passagem, cada um por si. E não havia sinal de Christiana. O cavalo de Blackstone lutava contra a corrente, cada vez mais forte. Ele navegou por entre os remoinhos e encontrou um ponto mais raso.

Cavaleiros desceram dentre as árvores, encosta abaixo, forçando Blackstone a desviar. Eram ingleses pertencentes à retaguarda do Bispo de Durham. Homens de armas, cavaleiros e arqueiros.

– Viram uma mulher perto das carroças? – ele perguntou a um deles, reconhecendo a túnica da divisão do Conde de Arundel.

O homem firmou seu cavalo, esperando sua vez de descer a encosta e entrar na água. Como os outros, ele ficava se ajeitando na sela, olhando para trás.

– Uma mulher?

– Francesa. De capa, pequena, cabelos castanhos.

O homem fez que não.

– Não tem ninguém vivo lá atrás.

Ele atiçou o cavalo para que entrasse na água. Eram os últimos ingleses a cruzar a passagem.

Blackstone conduziu seu cavalo adiante, por entre as árvores. Se Christiana tivesse sobrevivido, poderia ter se entregado aos aliados dos franceses, os boêmios, dizendo que fora levada contra sua vontade. Mas ele sabia que uma mulher de qualquer classe corria o risco de ser estuprada e morta quando o sangue de um soldado estava quente. Em poucos minutos ele chegou aos arredores da vila, movendo-se às escondidas, observando a cavalaria boêmia passar por entre as carroças queimadas. Toda comida e pilhagem que havia sido carregada estava espalhada pelo chão, o que permitia aos homens pegar o que quisessem. Um grupo de cerca de trinta homens cavalgou na direção da margem do rio, por entre as árvores, menos de cinquenta passos de onde Blackstone esperava. Sua jaqueta castanho-avermelhada e a túnica cheia de lama escondiam o perfil dele em meio aos galhos. Ele se inclinou sobre o pescoço do cavalo, acalmando o animal, acariciando-lhe. Assim que o primeiro grupo alcançara o rio, ele conduziu o animal com cuidado em meio às árvores, observando os cavaleiros restantes, gritando numa linguagem que ele não entendia, arrastarem um carroceiro da mata, que rapidamente mataram.

Lembrou-se da primeira emboscada, na qual matara o cavaleiro velho, cujo movimento entregara sua posição. Blackstone precisava manter-se o mais imóvel possível para que, ainda que os boêmios olhassem em sua direção, não vissem nada além de árvores e arbustos. Ele desceu do cavalo, deixando a mão no focinho dele. Os cavaleiros estavam a pouco mais de cem passos dali. O arqueiro poderia matar metade deles, mas os demais o arrebatariam. Ele amarrou o cavalo e esperou. Os homens voltaram sua atenção aos poucos cavalos abandonados quando os ingleses acamparam ali antes de cruzar o rio. Então, ele a viu. Conforme os homens entraram pela primeira casa, ela passou pela janelinha do casebre. A capa escura e os cabelos foram surpreendidos pela luz do sol. Blackstone moveu-se com rapidez ao longo da borda da floresta, até a parte de trás da casa. Sacou o arco e preparou uma flecha. Se ela estivesse tentando sair na frente das tropas que vasculhavam, teria que passar pelos fundos da casa. Uma voz masculina gritou algo. Um grito de aviso. Blackstone pôde ouvir os soldados correndo apressados dentro da sala. Ela reclamou quando o capuz ficou preso numa porta de vime. Debateu-se, mas o cavaleiro a havia detido. O boêmio ergueu a cabeça quando viu o movimento do arqueiro inglês, que puxou o

cordão do arco a menos de trinta passos dali. O grito de surpresa jamais passou por seus lábios. Ele caiu de costas, em cima dos homens que vinham atrás. Eles gritaram, alarmados. Christiana correu para Blackstone.

– Corra dez passos, depois à direita! Meu cavalo está a vinte passos, entre as árvores! – ele disse.

Christiana hesitou por um instante, mas Blackstone já estava puxando outra flecha. Ele a soltou contra um homem que deu a volta correndo pela casa e ela o atingiu com a força de um machado. Os gritos e clamores dos boêmios aumentaram a confusão dos homens. Ele correu ao longo da borda da mata, logo atrás de Christiana, garantindo que os homens restantes o vissem, e não a ela. Dois deles montaram nos cavalos. O primeiro caiu de cima da sela; a flecha de Blackstone furou ombro e coração. O segundo alertou os outros boêmios quanto à posição do atacante. Na pressa de denunciar o arqueiro inglês, ele se esqueceu de baixar o visor. Em menos de dez passos, tombou de seu assustado cavalo com uma seta de Blackstone enfiada na ponta do nariz. Com apenas duas flechas sobrando, Blackstone correu até o fim de um segundo edifício e a atirou num cavaleiro que tentava acalmar um cavalo que entrara em pânico. Então os outros homens viraram-se, sem saber quantos eram os atacantes. Blackstone cortou pela diagonal e atravessou o espaço aberto a menos de quarenta passos dos homens restantes, que estavam já montados. Assim que entrou na floresta, procurou, na meia-luz, por Christiana. Estava já desamarrando o cavalo quando ela chamou a atenção dele. Blackstone olhou para trás e viu os boêmios avançando, mas soube, assim que sua última flecha voou, que o líder estava morto e que os outros três fariam de tudo para evitar o arqueiro. Ganharam segundos preciosos.

Ele subiu no cavalo, atrás dela, e chutou-lhe as laterais. Os galhos rasparam nos rostos deles, mesmo com ambos inclinados sobre o pescoço do solícito animal. O som dos perseguidores não estava muito distante. Logo saíram das árvores. O cavalo escorregou um pouco ao descer a encosta, mas alcançou a beira do rio.

– Segure-se! – ele gritou. Se um deles caísse naquele momento, morreria sob as espadas e os cascos da cavalaria.

O animal mergulhou na água, encontrando o solo firme da passagem. Os boêmios alcançaram a margem e, cavaleiros habilidosos que eram, guiaram seus cavalos com mais destreza encosta abaixo, ganhando metros vitais de vantagem sobre o cavalo que carregava dois em vez de um. Blackstone usou o arco como chicote, incitando o animal adiante, empurrando-o para a parte mais funda, profunda o bastante quando a maré estava alta para que por ali passasse um barco comercial. A correnteza os empurrou. Blackstone prendeu o arco nas costas.

– Segure-se na crina do cavalo! – ele disse, ao colocá-la na água. O cavalo bufou, os olhos escancarados, e chutou, em pânico, impelindo-se à frente, para longe dos perseguidores. Blackstone olhou para trás e viu os homens vacilando. Se caíssem na correnteza, certamente afundariam devido ao peso da armadura.

O casal chegava à metade da travessia, correndo o risco de ser varrido para o mar ou encoberto pelas ondas cada vez mais altas. Fustigada pelo vento, a água cobria a sela. Blackstone tossiu água salgada. A exaustão do dia finalmente começara a drenar-lhe as forças. Na margem norte, o exército inglês estendia-se em formação defensiva. Ele via as bandeiras de seu rei e seu príncipe, o farfalhar de flâmulas dos cavaleiros e as fileiras escuras de lanceiros.

– Meu bom Jesus, ajude-me – ele sussurrou consigo. Suas mãos, agarradas ao cavalo, começaram a escorregar; os olhos ardiam com a água salgada.

– Thomas! Não! – gritou Christiana, sentindo-o cair. Ela o agarrou pela manga da camisa. A mente do arqueiro entrou em parafuso; fragmentos de pensamento desafiavam uns aos outros. O arco de guerra do pai. Era o que mais o preocupava. O sal da água no cordão. Um pensamento sem importância que se meteu em sua mente. Ele pensou ter ouvido vozes. Viu a boca dela abrindo, dizendo o nome dele, mas não ouvia nada. E então sua mente clareou e ele ouviu outras vozes, cada vez mais altas, não um grito único, mas, sim, uma cadência oscilante. Eram os homens, na margem, a incentivá-lo.

– Nade, rapaz, nade!

– Vamos, rapaz!

– Blackstone! Blackstone!

Estavam muito além da metade; mais trezentos ou quatrocentos metros e estariam a salvo. Blackstone olhou para trás e viu que um dos cavaleiros ousara desafiar a maré crescente. Seu cavalo, um poderoso corcel, tinha ainda muita folga na água para persegui-los. O cavaleiro segurava a espada com firmeza, pronto para atacar. Cinquenta metros à frente, estaria em cima deles.

Blackstone foi tomado pelo medo. Colocou-se ao lado de Christiana; ela estava caindo, escorregando dele. Agarrando-se à crina do cavalo com uma mão, com a outra, ele a segurou. Cavalo e arqueiro, lado a lado, focaram-se na margem. Blackstone incitou o cavalo à frente, enquanto Christiana sucumbia ao frio e ao medo que roubavam de seu corpo a vontade e a energia.

O cavaleiro boêmio estava a menos de trinta metros atrás deles e ainda além do alcance de tiro dos arqueiros, na margem. A beira não parecia se aproximar jamais. Blackstone podia ouvir o cavaleiro gritando com ele, o que obviamente seria seu grito de guerra. Ele viu a corrente girar um pouco à frente, num remoinho de água lodosa. Se conseguisse entrar nessa corrente, ele ganharia mais trinta metros.

– Solte o cavalo – ele ordenou.

Christiana o fitou com dúvida – o cavalo era sua força, sua corda salva-vidas –, mas Blackstone chutou e a puxou para longe do animal cansado. Ela virou de costas e então pôde ver também o cavaleiro que se aproximava, tão perto, que a expressão dele sob o elmo aberto ficou visível. Em menos de dez metros, ele poderia atingi-los com a espada. Com enorme esforço, Blackstone puxou o braço e impulsionou ambos pela água. O cavalo abandonado entrou no caminho do atacante boêmio, detendo-o por segundos cruciais. E então uma súbita turbulência na corrente arrancou-os de perto do homem.

O cavaleiro continuava além do alcance dos arqueiros ingleses, mas a uma distância pequena, de cerca de vinte metros. Conforme Blackstone puxava Christiana mais para cima, sobre seu ombro, colocando o corpo dela transverso ao dele, ele viu varas pretas caírem do céu e da terra entre ele e o corajoso cavaleiro. Não podia haver aviso mais contundente de que, caso ele continuasse a perseguição, entraria no campo de tiro e a saraivada seguinte o mataria.

O boêmio parou, lutou contra a corrente por um instante, depois ergueu a espada e gritou alguma coisa. A força do corcel permitiu que o cavaleiro desse meia-volta e refizesse todo o trajeto até onde os demais cavaleiros aguardavam.

A maré os varreu até a margem, e então os homens foram até a beira do rio. Blackstone usou a força que lhe restava para empurrar Christiana para a margem. Os pés do casal encontraram o leito do rio. Ele a arrastou até a encosta, e ambos tombaram sobre a areia molhada. Mais abaixo, na margem, o cavalo também ganhou a costa.

– Maldito inútil! – uma voz gritou com ele. – Inútil de uma figa!

Era John Weston, correndo água adentro junto de Will Longdon, enquanto Elfred ajudava a exausta garota a ficar em pé. Outros soldados ovacionaram quando os dois homens o trouxeram para a terra firme.

– Você nada como uma galinha – disse Will Longdon.

Blackstone olhou para onde estava o escudeiro de Godfrey Harcourt, ajudando Christiana. Ela recusou o apoio e olhou para o arqueiro, preocupada.

– Pelos dentes da Santa Agnes, espero que ela não volte para te acariciar como um filhotinho – disse Weston. – Não na frente do exército todo.

Christiana viu que ele estava vivo, e então permitiu que o escudeiro a acompanhasse.

– Aposto que você não voltaria por mim caso eu fosse deixado para trás – disse Longdon, agachado ao lado de um encharcado Blackstone, que vomitava água salgada do estuário.

– Nem mesmo se usasse véu e tivesse dentes – respondeu o arqueiro.

Godfrey Harcourt veio até eles.

– Um risco estúpido. Não posso correr o risco de perder um cavalo, muito menos um arqueiro. Alimentem o cavalo e açoitem o rapaz.

Foi um julgamento justo. Blackstone assumira a responsabilidade de voltar e encontrar a garota. Mas então um murmúrio varreu a fileira de homens. Os arqueiros haviam pagado caro para atravessar o exército pela passagem. Os resmungos descontentes aquietaram-se quando uma figura passou por entre os homens. Eles abriram caminho para que o Príncipe de Gales e trinta de seus acompanhantes fossem até a beira do rio.

Blackstone, exausto, ainda estava de quatro quando os homens ao seu redor se ajoelharam. Edward de Woodstock, Príncipe de Gales, parou em frente a Thomas Blackstone.

– Quem é esse arqueiro?

Sir Godfrey curvou-se.

– Seu nome é Thomas Blackstone – disse.

– Creio que tamanha coragem não deva ser recompensada com punição – disse o príncipe. – Levante-se, Mestre Blackstone – ele ordenou com gentileza.

Blackstone ficou em pé. Por um instante, manteve a cabeça curvada, não desejando obrigar o herdeiro do trono da Inglaterra a olhar para cima para encarar um de seus humildes súditos. Blackstone era mais alto. Então, percebeu que o príncipe estava a alguns metros de distância, em terreno mais elevado. O arqueiro ergueu a cabeça e olhou no rosto do menino da mesma idade que ele.

– Quem é a garota? – o príncipe perguntou a Harcourt.

– É uma dama que serve à esposa de meu sobrinho, Blanche, Condessa Harcourt, senhor – Sir Godfrey respondeu.

O príncipe mantivera o olhar em Blackstone, observando os traços do rapaz e a força de seus ombros e braços. Era um dos arqueiros que serviam em sua divisão. Ele voltou-se ao cavaleiro coxo.

– E o marido dela e seu irmão servem ao rei Philip.

– Sim, senhor. Meu sobrinho e o irmão são irmãos de sangue dele. Não puderam ser persuadidos do contrário. A garota estava tentando reunir-se à sua senhora em Noyelles.

O príncipe assentiu. A família Harcourt era dividida. Ele olhou de novo para Blackstone, que baixou os olhos.

– Por que voltou pela garota?

– Eu dera minha palavra de que a retornaria a salvo à sua senhora, senhor.

– Uma promessa cumprida é honra conquistada. Que recompensa gostaria de receber, Thomas Blackstone?

– Nenhuma, senhor.

– Boa resposta. Estamos satisfeitos. Mas é também de nosso agrado que

você seja recompensado. O que vai ser?

Blackstone ousou olhar para a frente. O jovem príncipe tinha um rosto bondoso, mas os olhos não titubeavam ao analisar o arqueiro.

– Um pouco de comida para a companhia de arqueiros que lideraram a travessia do rio, senhor.

– Temos pouca comida sobrando, mas veremos para que seja concedida. Merecem isso e muito mais. – O príncipe voltou-se para Harcourt. – Estamos, agora, no condado de Ponthieu, herança que meu pai recebeu de minha avó. Sua família está aqui. Leve a garota até eles e garanta à senhora condessa e sua mãe que não lhes desejamos mal. Sir Godfrey, contamos com sua fidelidade. Certifique-se de que fiquem a salvo.

– Eu o farei, senhor.

O príncipe assentiu.

– E alimente meus arqueiros.

Ele retornou de onde viera, passando por entre os soldados, oferecendo palavras de coragem e gratidão para seus guerreiros, que o aplaudiram.

– Haverá comida e vinho – disse Sir Godfrey –, mas é melhor se preparar, Blackstone. Noyelles vai estar em chamas ao cair da noite.

Capítulo nove

O caos dominava as ruas da cidade. Os soldados ingleses, ainda impulsionados pela sede de sangue da batalha na passagem, assassinavam os sobreviventes da margem e saqueavam e queimavam as casas. O rei Edward contava que os suprimentos trazidos da Inglaterra estivessem esperando em Le Crotoy, alguns quilômetros à frente, na costa. Noyelles estava no caminho de sua força de invasão.

Sir Gilbert liderava um grupo em direção ao castelo da cidade. Uma fumaça acre, asfixiante, espalhava-se por sobre os telhados, penetrando os becos, forçando os cidadãos a fugir. Atrás do cavaleiro, os arqueiros e os homens de armas protegiam Christiana e Sir Godfrey de qualquer ato final de desespero por parte dos moradores ou soldados sobreviventes. As chamas do ódio pelos ingleses foram varridas pelo desespero perante o fracasso de seu rei em conter os invasores. Godfrey Harcourt enviara antes um arauto com escolta armada para declarar sua identidade no castelo, depois deu ordem a Sir Gilbert que impedisse que a cidade fosse mais destruída, colocando-a sob sua proteção.

Os portões do castelo foram abertos com relutância por servos assim que a promessa de segurança da parte de Harcourt fora entregue à condessa. Sir Godfrey e seus homens desmontaram no pátio, enquanto as portas gigantes se fechavam, logo atrás. Blackstone admirou as paredes altas e os parapeitos. Um marechal do exército inglês e uma companhia de arqueiros com dez homens de armas teriam dificuldade de defender-se caso aquilo se tratasse de uma emboscada. E por que não haveria de ser? Godfrey Harcourt era um traidor, e as mulheres que esperavam por ele no forte bem que poderiam estar preparadas para vingar-se. Blackstone aprontou-se, os pensamentos todos concentrados em estar pronto para o pior. Ele entregou as rédeas do cavalo a Richard e esperou, mais perto de Christiana, torcendo para que fosse instruído para ajudá-la a descer do animal.

– Traga-a – Harcourt ordenou.

Antes que Blackstone pudesse estender-lhe os braços e ajudá-la a descer da sela, Christina desmontou sozinha. Ela olhou de relance para o arqueiro, mas alojou um pedaço de linho bordado dentro do bolso da jaqueta dele e virou-se para rapidamente seguir Sir Godfrey, que ia a caminho da torre de quatro andares. O homem coxo subiu os degraus da escadaria sem maiores dificuldades. Blackstone acompanhou os três homens que foram atrás de Christiana, que não olhou para trás uma vez sequer. Uma incerteza o incomodou. O calor e os sentimentos dela pareciam ter sido varridos, como se levados pela maré. Teria ela perdido o interesse nos sentimentos do arqueiro, tendo sido entregue a salvo? Seria o tecido apenas uma demonstração de gratidão?

– Preparem seus arcos – Elfred ordenou aos arqueiros. Ele apontou para quatro dos homens. – Dois aqui, dois naquelas janelas.

Os arqueiros assumiram as posições. Blackstone sabia que a inclinação natural de Elfred era a mesma que a sua. Os portões haviam sido abertos muito facilmente? Godfrey Harcourt era um guerreiro tenaz que podia derrubar um homem bem mais jovem que ele no chão, mas a arrogância inata podia cegar até o homem que mais longe enxergava.

– Thomas, leve seu irmão. Protejam Sir Godfrey e seus homens lá dentro.

Elfred mandou outros homens para as paredes. O local demandava arqueiros em boas posições de ataque.

– Tom, Henry, vasculhem aqueles estábulos. Matthew, no topo da escadaria!

Blackstone olhou para os arqueiros conforme acompanhava Harcourt, cujos homens de armas recuaram, assumindo postos nas portas e nas entradas de corredores.

Tom Brock e Matthew Hampton eram veteranos, soldados de Warwick, como Will Longdon.

– Encontre uma abertura, Thomas, vamos precisar de cobertura lá de cima – disse Matthew ao assumir seu posto. – E não se separe dos outros. Acontece bastante nesses corredores confusos. Tenha a faca em mãos caso se perca.

Blackstone assentiu e adentrou a atmosfera fria e sombria do castelo. Homens moviam-se às pressas, e o raspar da armadura nas paredes de pedra, por passagens estreitas, anunciou a chegada de Harcourt. Um dos homens xingou a placa de metal que lhe protegia o cotovelo, presa num pedaço protuberante de pedra mal polida. Se Blackstone fazia um trabalho assim tão ruim, seu mestre pedreiro dava-lhe um safanão. A lembrança dessa vida passada, abandonada fazia poucas semanas, pareceu muito distante. O mesmo valia para os momentos vividos junto a Richard, que, apesar de sua aflição, expressava riso e alegria. Tudo isso havia sido assassinado e varrido como os corpos largados no rio, em

Caen.

Blackstone colocou o irmão numa escadaria e o mandou ficar de olho no pátio através da abertura na parede. Mantendo-se a dez passos de Christiana e Sir Godfrey, Thomas acompanhou-os quando abriram as portas do saguão principal. Então, parou, vendo a moça correr adiante, sumindo de vista. Vozes de mulher soltaram expressões de deleite ao receber Christiana. Até que uma delas apareceu. Blackstone julgou-a dez anos mais velha do que ele. Os cabelos negros estavam amarrados num nó deitado sobre o ombro, adornando o rosto belo. Era um pouco mais alta do que Christiana, que vinha ao lado dela. Contudo, os traços finos da mulher não conseguiam distraí-lo da armadura que ela usava nem da espada que tinha na mão. Blackstone aproximou-se de uma porta semiaberta.

– Mileide, não causaremos mal algum aqui – Harcourt disse.

– Seus ingleses não compartilham tais intenções – ela respondeu, mas deitou a espada numa mesa de carvalho, num gesto de aprovação. – Mas você nos trouxe Christiana. Agradeço-lhe por isso.

– Sir Godfrey e seus ingleses me resgataram, mileide – disse Christiana. Ela olhou para Harcourt, que estava de costas para a porta. Seus olhos encontraram Blackstone. Ela apontou. – Foi ele quem me salvou a vida.

Blackstone afastou-se rapidamente quando Harcourt virou-se. Antes que ele pudesse repreender o arqueiro por estar tão perto, a mulher de armadura o chamou:

– Deixe-me vê-lo!

Christiana adiantou-se e abriu toda a porta. Blackstone sentiu um jorro de sangue colorir seu pescoço e rosto, estando ali à porta, sob as vistas de Harcourt. Ele deu um passo à frente, obedecendo ao aceno do cavaleiro.

– Um arqueiro. – A mulher fez o sinal da cruz. – Santa Mãe de Deus! Não quero esses assassinos por perto. Tirem-no daqui.

Blackstone gaguejou. Christiana ficou visivelmente magoada. A mais velha das três mulheres, vestida com roupas de nobre e com postura que denotava respeito, entrou em cena.

– Blanche, já basta – ela disse baixinho, mas com firmeza.

Naquele momento, Blanche de Harcourt parecia pronta para sacar a espada e atacar Blackstone.

– Mãe, sabe o que esses homens fizeram. Conhece a reputação deles.

– Também sei que meu irmão era um normando, mas que o rei francês tomou-lhe as terras e quatro anos atrás ele morreu lutando em aliança com os ingleses. – Ela passou a falar diretamente com Blackstone. – E ele falou de homens duros e grosseiros, arqueiros ingleses, e disse que gostaria de ver tais homens lutando por nós. Eu sou a Condessa de Aumale, e essa moça que quase o

atacou é minha filha, Condessa Blanche de Ponthieu, esposa do sobrinho de Sir Godfrey. Seu inimigo.

Blackstone tentou encontrar palavras em meio à sua confusão e embaraço, mas nada veio. Ele se ajoelhou.

– Tem boas maneiras, jovem arqueiro inglês. Talvez nem todos vocês sejam selvagens, como sugere sua reputação. Levante-se – ela ordenou.

Blackstone fitou Christiana, que baixou os olhos. A moça julgara que o orgulho ao apresentar seu salvador pudesse representar sua gratidão.

– Christiana é muito querida por todos nós. – Ela fitou a humilde moça. – Como podemos recompensá-lo?

Antes que Blackstone pudesse responder, Harcourt, irritado com o interesse das mulheres num reles arqueiro, falou por ele:

– Ele já recusou uma oferta de recompensa do herdeiro do trono da Inglaterra. Não quer nada.

– Se o Príncipe de Gales recebeu uma recusa, então não podemos sugerir nada mais, e apenas oferecer nossos agradecimentos.

– Mileide… – Blackstone gaguejou.

– Saia – Godfrey de Harcourt ordenou.

Blackstone deu meia-volta, mas não antes de ver Christiana sorrir para ele, com uma expressão no olhar que ele não entendeu, mas o fez ruborizar novamente. Ele entrou no corredor. Sir Godfrey bateu a porta. As vozes dentro do cômodo foram abafadas pelos pesados painéis de castanheiro.

Blackstone esperou um pouco mais. Ouviu Sir Godfrey contar às mulheres que vira a bandeira do irmão em Rouen, e também a do sobrinho. Não havia dúvida de que os exércitos de França e Inglaterra estavam prestes a colidir.

– Rendam-se a mim e serão protegidas – disse Sir Godfrey.

Blanche de Ponthieu ainda falava com amargura.

– Vai lutar contra sua própria família!

Harcourt era o tipo de homem que não se rende a ninguém, e mulher nenhuma ficava por cima dele. Sua voz ecoou como um trovão pelo saguão.

– A lealdade deles para com o rei Philip é um equívoco! Você não tem amor algum por ele! Tentou convencer seu marido, como eu tentei convencer meu irmão, a ficar do meu lado! Sabe que os ingleses vencerão.

Blackstone afastou-se das vozes sobressaltadas, precisando distrair sua mente da garota que passara para o lado de uma família inimiga. Os homens de armas continuavam em posição; às costas do irmão, ele espiou pela abertura na parede, vendo o pátio abaixo, onde homens de Elfred continuavam na vigília. Blackstone quase estendeu a mão para tocar-lhe o ombro. Quanto de carinho ou amor restara em sua família? Ele se virou e pegou a pequena mostra de gratidão

dada por Christiana. No quadradinho de pano havia um passarinho bordado – bico fino, olhos pretos, plumagem azul. Parecia familiar, mas ele não sabia bem por quê. Pouca beleza lhe cruzara o caminho em meio à guerra; ele guardaria o artefato como um *souvenir*. Tudo o que lhe restava era esperar por Sir Godfrey.

A presença dela o assustou. Ela saíra de fininho para o corredor e aproximara-se dele de forma silenciosa. O arqueiro levou a mão rapidamente ao cinto. Murmurou uma desculpa e deu um passo para trás, encostando-se na parede. Caramba, estava agindo como um caipira pateta. Ela sorriu. Sua voz não passava de um sussurro, por isso suas palavras não ecoaram pelos corredores de pedra.

– Queria poder pedir a Sir Godfrey que o deixasse aqui, mas minha senhora de Harcourt iria contra – ela disse.

– Por que pediria isso? – ele respondeu, contendo o volume da voz, as palavras a roçar-lhe o fundo da garganta, como se fossem dois namorados num encontro secreto.

– Para nos proteger – ela disse, dando um passo para ficar mais perto dele.

Blackstone sentiu o cheiro dos óleos doces dos cabelos dela.

– E… – ela continuou, pondo a mão sobre a dele – para que fique a salvo.

Blackstone olhou para além dela, preocupado, pedindo a Deus que nenhum dos outros resolvesse deixar seu posto e os visse.

– Sou um soldado. E tenho que cuidar do meu irmão. Não poderia ficar, mesmo se sua senhora permitisse.

Christiana assentiu. Sabia disso.

– Vou vê-lo de novo, Thomas Blackstone?

– Gostaria de ver? – respondeu, sentindo o sangue aquecer-lhe o rosto.

Ela sorriu, estendendo sua ternura ao arqueiro.

– Sim. Devo-lhe a minha vida. E você foi o único que se preocupou a ponto de me salvar.

Vozes ergueram-se mais uma vez no grande saguão. Christiana olhou para trás, ansiosa.

– Tenho que ir. – Ela segurou a mão dele, grande e maltratada, que ainda segurava o lenço bordado. – Pense em mim – disse.

Sem contar esse momento em que ela repousou a mão sobre a dele, os dois quase não haviam se tocado, e mais do que tudo ele quis puxá-la para perto de si. Mas não o fez. Tarde demais. Ela foi embora.

A voz de Elfred ecoou, repreendendo um dos homens. Blackstone passou por uma passagem sem guarda, distanciando-se do corredor e dos homens de armas que patrulhavam. Levou alguns momentos para clarear as ideias. O frio do castelo penetrou-lhe a mão no ponto em que ele encostou-se na parede de pedra.

A alvenaria usada ali fora mais bem polida; o pedreiro tivera mais cuidado ao espalhar a argamassa pelos contornos da pedra. Blackstone correu a mão sobre a pele do castelo. Aquele era um pedreiro melhor. Um homem que, mais de um século antes, tivera orgulho de seu trabalho. Talvez a pedra de base tivesse uma marca do homem, ou suas iniciais. Seus olhos acompanharam a linha do rejunte e viram uma ranhura na curva. Alguém trombara com ela. Para cortar a superfície, devia estar de armadura. A ranhura encontrava-se à altura do ombro, e a nódoa parecia recente. Blackstone olhou para o chão. As placas de granito escondiam a cor do sangue, mas não disfarçavam seu brilho.

O coração do arqueiro deu um salto. A passagem não era lugar no qual era possível sacar o arco. Ele o ajustou nas costas e desembainhou a faca. Avançando lentamente, posicionando os pés no chão frio, ele foi até onde a luz refletia-se nas manchas de sangue. A trilha levou até uma câmara cuja entrada era coberta por cortinas pesadas e drapeadas penduradas num mastro. Diminuindo a respiração, ele procurou escutar qualquer som que indicasse perigo imediato. Parado em frente à junção das cortinas, sacou uma flecha e a enfiou devagar por entre os tecidos. Puxou um deles para o lado e deu um passo para trás, apertando a faca com ainda mais firmeza, pronto para defender-se de um ataque.

O que viu foi um menino; devia ter uns 9 ou 10 anos de idade. Sentado no chão, de costas para a parede nua do cômodo. O menino suava, os cabelos grudados na testa, com sangue seco e lama cobrindo as calças e a túnica, que ostentava o brasão do cavaleiro que defendia a passagem no rio, Godemar du Fay. A respiração do garoto vacilou de medo, e a adaga que ele sustentava com o braço estendido, apontando para Blackstone, tremia claramente. Ela defendia um cavaleiro de cabeça nua, deitado ao seu lado. Ele fora duramente espancado e estava quase inconsciente. Uma flecha atravessara a armadura na altura do ombro. Os ossos deviam estar estilhaçados, a dor, excruciante. Um ferimento na lateral do corpo vazava sangue por debaixo da placa do peitoral. Blackstone supôs que o fígado devia ter sido perfurado. O homem, que parecia ter vinte e poucos anos, estava a serviço de du Fay, e o corajoso menino trêmulo devia ser seu pajem. Obviamente, eram sobreviventes que foram buscar segurança junto à condessa. E seriam mortos se os homens de Godfrey de Harcourt os vissem. Harcourt não precisava cobrar o resgate de um cavaleiro ferido.

Blackstone olhou para trás rapidamente. Um dos homens de armas passara pelo fim do corredor. O arqueiro hesitou e depois entrou no cômodo e fechou as cortinas. O menino choramingou; lágrimas acumularam-se nos olhos dele e a adaga tremeu ainda mais. O cavaleiro sussurrou alguma coisa, os olhos fixos no arqueiro inglês que se aproximava com a faca ainda na mão. Blackstone parou.

Se o menino atacasse, poderia acertar por sorte. Mais uma vez, o homem sussurrou, e dessa vez Blackstone entendeu o que ele disse.

– Poupe o garoto.

Blackstone ergueu uma das mãos e disse, com gentileza, ao menino aterrorizado:

– Quero ver o ferimento de seu senhor – disse baixinho, torcendo para não ser ouvido por ninguém no fim do corredor. Depois voltou sua atenção ao ferido, dizendo: – Não machucarei nenhum de vocês. Tem minha palavra.

Olhando para o garoto, com um dedo nos lábios, guardou a faca. Com as mãos abertas, ajoelhou-se a três passos do menino. Sem tirar os olhos dele, Blackstone foi adiante, dando ao menino a chance de atacar. A adaga estava a poucos centímetros de seu rosto.

O cavaleiro francês sussurrou um comando, e o menino, relutante, baixou a lâmina. Blackstone não ousou retirar a armadura do homem, receando que ele fosse gritar, mas o ferimento ainda sangrava. Não havia o que fazer com relação à flecha, cuja empenagem, saturada, era apenas uma massa preta grudenta. O pajem tentara, obviamente, estancar o ferimento no estômago, visto que havia um pedaço de linho apertado abaixo da beirada da armadura – o tipo de linho que uma condessa costumava levar consigo. O cavaleiro ferido devia ter chegado poucos momentos antes que Harcourt e seus homens.

Blackstone puxou o linho. Estava encharcado. Retirou o arco e a túnica, que enrolou e, com muito cuidado, alojou embaixo da armadura. O homem fez uma careta, mas aguentou a dor em silêncio. A pressão do pano enrolado seguraria o ferimento fechado por um pouco mais de tempo.

O homem agradeceu com um aceno.

– Milorde – disse Blackstone, quase sussurrando –, você está morrendo. Não posso ajudá-lo. Não posso trazer-lhe um padre nem oferecer conforto algum. Vou deixá-lo agora e torcer para que a boa senhora deste lugar venha logo ficar ao seu lado.

O cavaleiro assentiu, estendeu a mão e tocou a manga da camisa de Blackstone. Ele tirou a mão do outro com um gesto delicado e a colocou entre as do pajem.

– Fique aqui quieto com seu corajoso mestre até irmos embora. A senhora virá ajudá-los – disse o arqueiro.

Ele se levantou e pegou o arco. Godfrey de Harcourt acabava de convocar seus homens para deixarem o castelo. O sussurro do cavaleiro saiu quase inaudível:

– Pedirei a Deus quando o vir que lhe dê sua bênção e que alguém tenha piedade de você quando precisar.

– Ninguém nunca terá piedade de mim – disse Blackstone. – Sou um arqueiro inglês.

Ele verificou se o caminho estava livre e saiu, deixando o homem para morrer.

O exército francês parou, impotente, perante a passagem, vendo o rio alto demais para ser atravessado. Esperaram duas marés chegarem e partirem antes de concluir que a margem dominada pelos ingleses não poderia ser atacada. Não tiveram escolha senão recuar até Abbeville, cruzar o rio e ganhar a margem norte para perseguir Edward. O que ficou claro para todos no lado inglês, desde o mais nobre senhor até o simples rapaz do estábulo, foi que o exército francês, reconhecido como a melhor força de batalha da Europa, tinha, pelo menos, o dobro do contingente do de Edward.

Os reforços e os suprimentos dos ingleses que deviam estar em navios partidos da Inglaterra, esperando em Le Crotoy, ainda nem haviam deixado o porto nativo. A equipe de batedores saqueou a cidade e o entorno. Pelo menos o exército poderia comer, mas teriam que lutar com as armas e os homens que tinham. Um mensageiro trouxe notícias de Sir Hugh Hastings e do exército flamengo. Haviam seguido para o sul, a partir da fronteira francesa ao norte, mas seus ataques contra as cidades francesas fortificadas fracassaram e eles recuaram para Flandres. Os dois exércitos não conseguiram se encontrar; Edward estava por conta própria. Ele marchou seu exército para o leste, passando pelo condado de Ponthieu, adentro os carvalhos e as faias da vasta floresta de Crécy-en-Ponthieu, escapando das vistas do exército do rei Philip, que, junto do irmão e do primo de Harcourt, estava a menos de dez quilômetros de distância.

Em breve, não haveria escolha. Os ingleses teriam que ficar e lutar.

– Thomas, Sir Gilbert quer falar-lhe – disse Will Longdon abrindo caminho entre as árvores. O exército acampara na floresta para passar a noite entre o alto de Crécy e o vilarejo de Wadicourt. O frio do amanhecer penetrava os músculos doloridos dos homens arrasados pelas batalhas. Blackstone rolou para fora de seu cobertor, encolheu os ombros ao adentrar a atmosfera úmida da floresta, bocejou e espreguiçou-se, de tão duro. Richard ainda dormia como sempre fizera, descansando a bochecha nas mãos como uma criança.

– Onde?

– Cem metros. Para lá. Borda da floresta.

Blackstone assentiu.

– Tem comida?

– Um pedaço de carneiro do que o pessoal de Despenser encontrou ontem.

– Fica com Richard até eu voltar? Dê-lhe algo de comer. Pegamos pouco dos suprimentos.

– Claro que sim. Aqui. – Ele ofereceu um palmo de carne embrulhada. Blackstone deu uma mordida e pôs tudo abaixo com um gole de vinho. Esfregou os olhos e passou os dedos pelos cabelos. Ajeitou o arco nas costas e vestiu o cinto. Os pelos da barba coçavam. Os dois homens se despediram.

– Thomas.

Blackstone voltou.

– Diga sim – disse Longdon, e sem mais explicações foi se deitar no cobertor ainda quente do amigo.

Blackstone foi andando pela floresta, passando por centenas de homens. O cheiro do suor seco misturava-se ao odor acre dos cavalos. O arqueiro avistou um cavaleiro entre as árvores. Passando os olhos de árvore em árvore, foi avistando mais afundo a floresta. Eram o rei e seus nobres avançando com suas montarias floresta adentro. Imaginou se o rei estava abandonando suas tropas. Talvez ele tivesse, enfim, resolvido pedir trégua. Blackstone sentiu um pânico repentino: só Deus sabia quão exaustos os homens estavam, mas tinham o moral em alta. Haviam derrotado os franceses duas vezes, em menor número. Se Edward declarasse trégua, iriam todos para casa; retornar ao vilarejo e à vida que ele vivia com seu irmão. A lembrança daquele lugar o acompanhou conforme ele desceu o declive. Poderia ele voltar para casa, mesmo se tivesse escolha? O arco de guerra do pai fora a herança do arqueiro que conferia força ao braço dele sempre que ele o sacava. O espírito do guerreiro, o pai um dia dissera, vive em suas atitudes e nas armas que adorava. Mas e quanto à responsabilidade para com Richard que lhe fora relegada? O menino lutara ao lado dele, até carregara Sir Gilbert para um local seguro. Talvez fosse ele o melhor soldado, afinal. Se houvesse trégua, ele poderia ficar? Teria permissão, sendo um homem comum, de ver novamente uma garota como Christiana? Ela não era nobre, ao contrário da família à qual servia. Se ela viesse um dia a ser mais do que um simples desejo, o que aconteceria com o irmão dele? O pai lhe dissera outra coisa: o dever de um homem concluía-se apenas quando ele morria.

Blackstone encontrou Sir Gilbert junto a Elfred; seu cavalo já estava selado.

– Você dorme como um morto – disse o cavaleiro. – Sonhando com a moça, é?

– Estava cansado demais para sonhar com qualquer coisa.

– O cansaço é o preço que o soldado paga. Elfred disse que você lutou bem no rio.

– Todos lutamos bem – Blackstone respondeu.

– Sim, mas você me ajudou muito em Poissy com esse seu tiro. E tem um olho bom, isso é fato. Sempre pensei que tivesse.

Blackstone não sabia o que esperavam que ele dissesse.

– Vi o rei e os condes cavalgando, Sir Gilbert. Vamos partir?

Sir Gilbert subiu com dificuldade na sela, quase incapaz de esconder a careta ao sentir a dor dos ferimentos.

– Devo dizer ao rei que seu arqueiro Thomas Blackstone está preocupado?

– Foi só um pensamento, Sir Gilbert.

– É isso que você faz, Thomas, você pensa. Eu avisei isso a Lord Marldon, mas não sabia que você teria coragem de superar isso. Pensar demais pode ser um problema na vida de um soldado. Tentei evitar sempre que pude. Roger Oakley morreu na travessia.

Blackstone assentiu.

– Eu o vi cair. Ele nos conduziu bem.

– E deve estar conduzindo o diabo numa bela valsa agora. O rei espera. Estou atrasado. Elfred, conte a ele.

O cavaleiro compeliu o cavalo a acompanhar a comitiva cujas ricas cores moviam-se pela floresta, até que sumiram de vista por entre as árvores.

– Nossos colegas são, em geral, filhos de fazendeiros e artesãos, mas não se acovardaram perante o que lhes foi pedido. São uma das melhores companhias de arqueiros que já vi na vida – disse Elfred.

– Estão todos muito orgulhosos agora. Até John Weston anda dizendo que lutamos contra os melhores e vencemos – falou Blackstone.

– Ele está certo, mas ainda não acabou, Thomas. Não vamos mais fugir. O rei escolheu seu posto; havia batedores franceses naquele morro hoje de manhã.

– Vamos lutar aqui?

Elfred fez que sim.

– Os comandantes vão trazer seus arqueiros da floresta assim que os capitães nos disserem onde os marechais querem que fiquemos. Foram com o rei reconhecer o terreno.

Blackstone deixou-se assimilar a informação. Olhou para o horizonte. A mata seria uma boa defesa na retaguarda. Uma série de *radaillons* – terrenos contornados de cultivo – há muito abandonados ofereciam proteção à esquerda

do exército. O solo ondulado afunilaria o inimigo no entorno, para o centro. Escolha seu posto, foi o que Sir Gilbert dissera: escolher onde lutar pode fazer a diferença quanto a vencer ou perder. Os franceses seriam forçados a atacar morro acima, através da lacuna existente entre a floresta e o morro.

– É um bom lugar, Elfred.

– Vou garantir que o rei saiba que você aprova.

Blackstone sorriu.

– Quero tomar café da manhã. O que você quer de mim?

– Não teremos reforços. Hastings perdeu o norte. Chegou um mensageiro após a travessia. Somos nós e o rei. Somos quem vai conter os franceses, e Thomas, nenhum desses rapazes, exceto alguns dos veteranos, como John e Will, jamais viu um ataque pesado de cavalaria. É uma coisa que pode arruinar até a força dos mais corajosos – disse Elfred, dando uma mordida num bolo de aveia seco. Ele passou a outra metade a Blackstone, que aceitou, grato.

– Eles vão resistir. Não deixarão o medo dominar. Até agora, não deixaram – disse o arqueiro.

– Falei com os homens e eles concordam que você devia ser meu subcomandante. Os vinte homens que você comandará falaram todos a seu favor, exceto por seu irmão, que vai aonde você for. Sir Gilbert deu sua bênção à decisão.

Blackstone engoliu a massa seca.

– Só segui pessoas como você e Mestre Oakley. E mais nada – disse ele.

– Você quem sabe, rapaz. Se não quiser ter essa responsabilidade, então diga agora.

– E quanto a Will Longdon, ou John ou qualquer um dos outros?

– Muitos dos veteranos não querem ter vidas dependendo de suas decisões. Lutamos uns pelos outros, mas comandar os homens é totalmente diferente.

– Tenho muito a aprender ainda – disse Blackstone, sentindo o peso da decisão.

– E tem mais pessoas que ainda poderão mostrar o que for preciso. Pense em Nicholas Bray, Roger e Sir Gilbert. Você aprendeu com eles, e comigo, espero, desde que chegou aqui.

– Sim, Elfred.

– Bom, então. O que digo a Sir Gilbert?

Blackstone levou sua companhia de arqueiros até o centro das fileiras de batalha quando as bandeiras e flâmulas inglesas foram erguidas. Os marechais alocaram

mil arqueiros em cada flanco, numa formação triangular que protegia cada lado dos homens de armas e cavaleiros. Os arqueiros seriam os primeiros a entrar em contato com os franceses; suas flechas deveriam matar e direcionar os atacantes para o centro – a zona de morte. Blackstone e sua companhia juntaram-se aos cem arqueiros colocados entre as fileiras para soltar suas flechas diretamente na cara da cavalaria pesada quando ela atacasse.

Blackstone e seus homens cavaram trincheiras de trinta centímetros quadrados e o mesmo valor de profundidade para fazer tropeçar os grandes corcéis.

– Vi vocês fazerem isso em Morlaix – disse um lanceiro galês, sentado amolando a ponta da lança. – Derrubaram os cavalos, caíram todos direitinho. Fizeram os malditos franceses caírem de ponta-cabeça. Dava para ouvir os ossos quebrando como milho sendo triturado na pedra de moer. Que som bonito. Sugeria que não se debatessem tanto quando os furássemos como porcos no espeto. – O galês deu uma cusparada e voltou ao trabalho; os homens ao redor concordaram com tudo o que ele disse.

– Isso, bem, eu estive em Morlaix, e vocês continuam os mesmos malditos galeses preguiçosos que eram naquele tempo. Em vez de ficar aí sentado, podia nos dar uma mão – disse Will Longdon enquanto cavava mais uma armadilha no solo, cortando grama e raspando a terra com sua adaga.

– Não, não. Não queremos interromper o trabalho de um homem tão habilidoso quanto você. E quando terminar isso aí, podia nos cavar um buraco para cagar – disse o lanceiro. Os galeses riram, mas a brincadeira não incomodou os arqueiros.

– Estamos cavando fundo o bastante para poder enterrar vocês, seus ratos de brejo, depois que os cavalos os esmagarem no chão, porque vai ser só isso que vai acontecer a vocês – disse John Weston, depois cuspiu uma bolota que pousou perigosamente perto dos pés do galês.

A lança voou e parou com a ponta letal bem perto da garganta do arqueiro inglês.

– É preciso ter cautela numa batalha. Muito fácil ser derrubado por alguém do seu próprio lado – disse o galês, a voz grave, com intenção. – Nós, ratos de brejo, já vimos acontecer.

John Weston não deu atenção e ficou onde estava, com a ponta da lança tremendo em frente a seu pescoço, enquanto os demais aguardavam o desfecho.

– Então se considere sortudo por sua nuca ser grossa demais para ser perfurada por uma flecha.

Um dos outros galeses intrometeu-se.

– O rapaz tem razão, Daffyd. É preciso mais do que uma flecha inglesa para

perfurar você entre as orelhas.

O lanceiro baixou sua arma; os murmúrios de concordância e o riso entre os galeses abrandaram a tensão.

Os arqueiros voltaram a cavar, mas o galês ranzinza não tirou os olhos de Weston, um olhar que poderia transformar-se em outra coisa assim que o caos da batalha corpo a corpo os engolisse. Ele limpou as mãos na jaqueta.

– Meu pai foi um arqueiro, disse que aprendera a puxar o arco com um arqueiro galês. Então, quando os franceses vierem, vamos derrubá-los e vocês os matarão. Parece um bom trato justo – disse ele, fitando o galês.

O ato conciliador não passou despercebido pelos galeses, e o lanceiro briguento concordou, mas seus olhos grudaram-se no medalhão que desprendeu-se de dentro da jaqueta de Blackstone e a trégua se perdeu.

– Roubou isso aí? – disse ele.

Blackstone pegou o item na mão e o guardou.

– Um arqueiro galês me deu em Caen.

Os outros galeses escutaram e ficaram interessados em Blackstone.

– Um galês não daria isso a ninguém. Não a um bastardo inglês ou cristão. Não isso – disse um dos outros. – Teria que estar morto para que isso ficasse com você.

Blackstone fitou-os; sua companhia de arqueiros parara de cavar e colocara-se atrás dele. Se era para ter problemas, eles os resolveriam todos juntos.

– Ele estava morrendo. Eu o ajudei. Se algum de vocês conhece um galês de nome Gruffydd ap Madoc, ele vai confirmar. Se não, então não me importa o que pensam.

– Gruffydd ap Madoc? Ele vai atestar por você?

A conciliação era passado. A situação demandava imposição.

– Repita o nome dele mais vezes e quem sabe vai lembrar-se. Pergunte a ele – disse Blackstone. – Tenho trabalho a fazer.

Ele deu as costas aos galeses rabugentos e fitou seus homens. *Seus* homens. A lealdade deles já estava sob teste. Richard impunha-se, ereto, faca na mão, observando os olhares beligerantes. Will Longdon, John Weston e os outros, nenhum deles tirava os olhos dos galeses.

– Peguem seus arcos. Acabamos por aqui – disse Blackstone.

– O que um inglês sabe de um talismã pagão? – perguntou o lanceiro, e, quando Blackstone virou-se, ele o encarou.

O arqueiro ergueu o braço, impedindo que os demais fizessem movimentos agressivos. Soldados, quando lutavam uns pelos outros, sendo a ofensa real ou suposta, não cessariam até que alguém caísse morto. E logo em seguida alguém seria pendurado para balançar na ponta de uma corda.

Ele fitou o galês.

– É Arianrhod. Deusa da Roda de Prata. Ela o protege nesta vida e depois o leva para a seguinte. Ele me deu o talismã com sua bênção. E você está mais perto do que pensa de descobrir se ela vai protegê-lo.

Antes que os homens pudessem fazer ou dizer qualquer coisa, houve uma perturbação entre as fileiras quando soldados foram empurrados. Uma figura obscurecida pelos demais jogou o galês ao chão. Blackstone reconheceu o guerreiro de cabelos grisalhos da batalha por Caen.

– Ele é um porco ignorante, Thomas Blackstone. Caiu da barriga inchada da mãe num fosso e vem tentando sair desde então. Esses são seus homens?

– São, Gruffydd ap Madoc.

Ele fez uma careta.

– Não me admira. Parecem mais grosseiros que bunda de porco.

Os galeses riram, e um instante depois os arqueiros também riram. Gruffydd envolveu Thomas num abraço de urso, depois lhe deu um soco no braço. O arqueiro conseguiu evitar fazer cara de dor.

– Vamos ter seus arqueiros entre nossas fileiras?

– Entre vocês e os homens de armas.

Gruffydd voltou-se aos dele.

– Tratem esses rapazes com cortesia se quiserem que lhes deixem alguns franceses para matar. – Ele chutou o homem caído, que permanecera onde estava. – E você faz bem em lembrar-se de que Arianrhod tem os braços em torno desse homem. Vamos nos encontrar novamente, jovem Thomas Blackstone.

– Sim, senhor.

Gruffydd cumprimentou Blackstone e deu meia-volta para chamar seus homens. Por um instante, o arqueiro sentiu uma pontada de medo, embora menos por si mesmo, aparentemente, do que pelos franceses que estavam para morrer nas mãos dos corajosos lanceiros galeses, cavaleiros sedentos por combate e os mais letais dos assassinos no campo de batalha, os arqueiros.

Capítulo dez

Por volta do meio-dia, o exército inglês havia se reunido na encosta do morro, com a floresta de Crécy às costas e a cidade ali próxima, ao sudeste. O moinho de vento no cume servia como quartel-general do rei, que havia alocado sua divisão ali, onde sua bandeira seria hasteada para que todos vissem. Na encosta à frente estavam dois batalhões, compostos por uma mistura de infantaria e cavalaria desmontada. As batalhas ao longo do norte da França esvaziaram o exército do rei. Havia apenas cerca de quatro mil arqueiros sobreviventes – mil para serem acionados em cada flanco e dois mil atrás, de reserva, junto ao rei. A porção dianteira, a mais perigosa, do campo de batalha era defendida pela vanguarda junto ao príncipe, e com ele preparavam-se grandes nomes da nobreza da Inglaterra. Seus sobretudos, escudos, bandeiras e flâmulas declaravam ao inimigo que eram o prêmio para qualquer cavaleiro francês ambicioso. Warwick, Northampton, Cobham, Audlye, Stafford e Holland – homens que lideraram de modo exemplar e que lutaram com fervor incansável para enfrentar e matar o inimigo, excitados pela ideia de não mais serem perseguidos. Sabiam que não receberiam dinheiro algum, e saber disso apenas reforçava sua determinação em serem eles a fazer a matança. Os marechais do exército, Warwick e Harcourt, deram suas ordens aos capitães. Cavalos de guerra foram removidos para a retaguarda, visto que os cavaleiros se preparavam para lutar a pé. Cavaleiros leves e lanceiros galeses defendiam a porção central do campo junto aos homens de armas, e os arqueiros de Blackstone estavam entre eles, a menos de cem passos do príncipe em pessoa. Eram a força a mais para impedir que qualquer grupo francês alcançasse o rapaz. Quando o inimigo aparecesse do sul pelo terreno ondulado, a vanguarda seria a primeira a receber o ataque direto. A divisão de Northampton ficava à esquerda do príncipe, um pouco atrás: proteção extra para o caso de os franceses serem tolos o bastante para tentar atacar através do terreno mais pantanoso, aos pés do morro. As preparações foram feitas. O rei

ordenou que seus homens descansassem e comessem a comida que lhes restara. Queria vê-los fortes quando o inimigo os abordasse. Não havia mais nada a fazer senão esperar.

Os homens sentavam-se no chão. Richard Blackstone deitou-se de costas, observando uma nuvem mudar de forma, tracejando seus contornos com o dedo. Os homens comiam qualquer comida que lhes davam. Aquele úmido mês de agosto ameaçara chuva, e o suor corria pelas costas deles. Blackstone sentia-se contente por não estar de armadura.

– Eles não virão agora. Muito tarde já, hoje – disse Will Longdon enquanto checava as empenagens, dedilhando cada flecha, e depois, como os outros, apertando a ponta no chão, fazendo uma pequena floresta de freixos e plumas de ganso. Cada arqueiro recebera dois feixes, e cada feixe tinha vinte e quatro flechas. Esses homens podiam soltar uma dúzia de flechas ou mais a cada minuto. Trinta mil flechas cairiam do céu cheio de nuvens nos primeiros dois minutos de ataque. A carnificina seria aterrorizante, e não importava quanto Blackstone tentava imaginar, não conseguia. Jamais vira um exército inteiro em batalha.

– Eles vão querer cama e comida para dormir à noite e então os reis conversarão e decidirão por um horário amanhã, o que me agrada, porque comi como um burro – Weston murmurou, deslizando a mão pelo bordão de seu arco, parecendo confortar-se com o gesto.

– Eles virão – disse um dos galeses. – Mal podem esperar para acabar conosco. Depois é que vão para cama e comer.

– É, eles gostam de uma bela matança, esses franceses – disse Matthew Hampton.

E um murmúrio perpassou a fileira. Não havia dúvida de quem eram os oprimidos. Blackstone sentiu o talismã e o volume grosso do tecido com o pássaro bordado. Duas mulheres guardavam sua vida – Arianrhod e Christiana. Ele olhou para Richard, que continuava olhando para o céu com cara de criança; um menino que podia matar tão bem quanto qualquer homem, nem um ano mais novo que o Príncipe de Gales, ali, no meio da batalha. Richard não parecia compreender o significado do medo. Provara ter ousadia e coragem constantemente.

Blackstone tinha medo, mas não demonstrava.

De qual filho o pai ficaria mais orgulhoso?

Um rugido, como um grito de guerra, interrompeu a divagação de Blackstone. Os homens levantaram-se. Acima deles, no cume do morro, a bandeira do rei – os leões da Inglaterra e os lírios da França – desdobrava-se no ar úmido, e, ao lado dela, o brasão de guerra, o dragão vermelho.

– Drago! Drago! – rugiram os homens.

A ovação cedeu quando o rei cavalgou por entre eles sobre um palafrém, pois seu grande cavalo de guerra já havia sido amarrado junto aos outros milhares. Os marechais Warwick e Harcourt, com o comandante-mor do exército, o endurecido Northampton, cavalgaram por entre as tropas. O rei, sem elmo, ainda não vestira sua armadura e apareceu numa jaqueta verde e dourada, a túnica pesada e acolchoada de linho vestida por baixo para tornar mais confortável o uso da armadura. Ao passar pela fileira de homens, apontava com um bastão branco aqueles que reconhecia. Depois parava e se dirigia a eles, em cada uma das três divisões. Blackstone e os seus não conseguiam ouvir as palavras do rei, mas o riso e as ovações marcavam sua passagem. Quando o rei puxou as rédeas perante os homens de armas e os arqueiros, onde estava Blackstone, a empolgação por estarem tão perto do rei correu-lhes como um arrepio ao longo das costas do cavalo.

– Estamos bem descansados de nosso passeio pela Normandia, rapazes?

– Sim!

– Isso!

Os homens gritavam, respondendo.

– E aprendemos umas lições de nado, senhor! – um deles gritou. O rei sorriu, e os homens riram.

– Então achamos que é hora de lutar contra esse rei que se afirma dono destas terras e acredita que, assim que nos derrotar neste dia, deitará casa em nosso reino e deixará que seus homens ganhem intimidade com aqueles de quem gostamos.

O rugido de desaprovação trouxe outro sorriso ao rosto do rei, mas então ele franziu o cenho e sua voz perdeu a alegria.

– Contamos com todos vocês, que defendam seus postos, jamais cedam, não desfaçam as fileiras, porque somos muito melhores que esse rei, meu primo. Conhecemos a ele e seu exército. Não lhes falta coragem; eles têm uma ferocidade famosa e esse *furor franciscus* cuspirá raiva sobre todos nós. Mas eles não podem vencer esta batalha. Não podem, eu lhes juro. O sangue de ingleses e galeses será derramado, essa promessa eu posso fazer e cumprir, mas o dia já está ganho, essa promessa eu lhes faço sob os olhos de Deus. Nosso próprio filho lutará entre vocês, viverá ou morrerá ao seu lado. Não há resgate a ser pago pela captura de um cavaleiro nobre ou senhor, e não haverá roubo dos mortos. Hoje será nosso dia de glória. A destruição deles será cantada por eras. Eles não conhecem a fúria que *nós* possuímos. Guardem bem minhas palavras. Não faremos prisioneiros. Não teremos misericórdia. Matem-nos. Matem todos – ele comandou.

O rugido de sede de sangue reverberou por sobre os montes.

Richard Blackstone não tirava os olhos do rei. O mundo silencioso no qual ele habitava era algo que ele entendia desde a infância. O cheiro do vento e a mudança no clima confortavam-lhe os sentidos tanto quanto as cores do campo e do céu. Esse homem escolhido por Deus olhara para ele e o ar vibrara com um murmurar abafado quando os homens ao seu redor mostraram os dentes e berraram para o céu. Eram anjos na terra que matariam qualquer um que oferecesse ameaça. Seu irmão não olhou para ele, e o calor no peito que ele um dia sentira o desertara. Lutar foi fácil. Demandava força e a habilidade de matar sem sentir. Ele tinha ambos. A vida em seu mundo enjaulado canalizava as emoções para outro lugar. A menina lá de casa um dia tentara dar-lhe esse calor, e ele tentara falar, com gestos estabanados e sons incoerentes. Ela sorria e acariciava-lhe a cabeça, levava a mão ao sexo dele e o trazia para perto. Sua umidade suave levava lágrimas aos olhos dele. Nada no mundo era tão tenro quanto o movimento ritmado daquela menina que deitava mãos no rosto torto dele e trazia os lábios dele para os seus seios. Quando ela fechava os olhos e sorria, ele a acompanhava até a mesma escuridão, tentando compartilhar do momento. Não tivera intenção de matá-la. Esse ato era algo que enterrara dentro de si mesmo. Quando o irmão descobriu seu segredo, foi como se uma faca o perfurasse. Nada mais poderia trazer o irmão de volta.

Os homens cabeludos de lanças, alguns com marcas estranhas pintadas nos rostos, evitavam seu olhar. Os que puxavam as cordas dos arcos, assim como o pai o ensinara, estavam agora mais próximos dele do que o irmão. Dançavam e brincavam, alguns chegavam a cair de bêbados, mas eram todos simples selvagens dispostos a matar para continuar vivos. Não havia arrependimento de matar outros para impedir que o ar lhes escapasse pelo pulmão através de um furo de espada.

Ele olhou para sua fileira. Os homens, em suas cotas de malha e armaduras, estavam prontos, os lanceiros inclinavam-se sobre suas armas e os arqueiros haviam assumido seus postos entre os demais. Ele viu um jovem rapaz ajoelhado perante o rei. Este beijou o outro nos lábios, como seu irmão um dia fizera com ele. O rei amava aquele rapaz como seu pai o amara. O menino estava cercado pelos homens que usavam armaduras e túnicas coloridas, havia bandeiras erguidas em torno dele. E então o pai deixou o filho, e o rapaz vestiu seu elmo. Olhou ao redor. Os homens desataram a berrar. Fecharam a cara, olhos semicerrados perante a luz fraca do entardecer. Ele deu meia-volta, para olhar para a frente, e viu os morros verdes fazendo contraste com as cores de uma multidão de homens e cavalos.

Os franceses haviam chegado.

Sir Gilbert ordenou a seus homens que tomassem suas posições.

– Agora é questão de vida ou morte, rapazes. Quando a honra da França contornar aquele morro, eles trarão sua Oriflamme ondulando contra o céu. Ela não é vermelho-sangue por nada. É sua flâmula sagrada de batalha, abençoada por cada padre comedor de putas no reino cristão, e indica que eles também não farão prisioneiros. Nenhum de nós. Rei, príncipe, conde ou homem comum, eles pretendem matar a todos nós, a não ser que matemos primeiro. Deus os abençoe, rapazes. Não deixarei este campo a não ser que tenha morrido ou que o inimigo de nosso rei tenha sido derrotado.

Sir Gilbert assumiu sua posição na fileira da frente.

Elfred foi juntar-se a seus arqueiros no flanco exterior e tocou Blackstone no ombro ao passar.

– Até mais tarde, Thomas. Aponte bem. Eles não podem romper a fileira.

Blackstone fez que sim; o medo já devorava suas entranhas, mas ele não deixaria que seus homens percebessem. O som das trombetas e timbales rolou pela encosta do morro.

Os franceses estavam vindo assassiná-los.

Cinco mil besteiros genoveses foram trazidos às pressas pelas estradas de Abbeville. Atrás deles, os homens de armas e cavaleiros franceses, em suas montarias, mal podiam conter seus cavalos de guerra. O jeito de se lutar uma batalha era avançar, as lanças erguidas a quase dois metros de altura para matar a terceira linha de defensores assim que a primeira tivesse sido espetada por flechas de besta, e a segunda, esmagada pelas ferraduras dos cavalos. Espadas, maças e machados ceifariam ou mutilariam o restante. O mundo sabia que o exército francês era a mais poderosa e eficiente força de batalha e, naquele dia, em Crécy-en-Ponthieu, trinta mil deles esmagaria um rei arrivista com menos de dez mil guerreiros sob seu comando. Aqueles que ousavam confrontar o rei Philip VI da França iriam morrer.

Conforme eles correram para o campo de batalha, os cavaleiros ergueram suas cabeças para o alto, com os visores abertos, gratos pela chuva que oferecia uma folga do ar úmido e das rodovias poeirentas. Naquela velocidade, eles logo se aproximariam das linhas inglesas. Um dia longo de agosto lhes daria tempo suficiente para concluir o dia com vitória.

O véu de chuva que varria o cenário passou pelos homens na encosta, que esperavam pela investida. Sem precisar serem comandados, os arqueiros

soltaram os cordões dos arcos e os protegeram sob túnicas e capas de couro. Não queriam arriscar que a umidade os esticasse, reduzindo, assim, o voo das flechas. A garoa passou, as nuvens seguiram adiante, no horizonte, e a luz do sol espalhou um calor que transformou a grama úmida em ouro e reluziu nas armaduras e nos escudos molhados dos franceses.

Blackstone olhou para trás, apertando os olhos perante a luz do sol baixo. O rei e os marechais haviam escolhido aquele local mais cautelosamente do que ele supusera. Os atacantes franceses não teriam apenas que escalar morro acima, mas dariam de cara com o sol poente, a oeste.

– Aí vêm eles – alguém disse com calma conforme os arqueiros repuxavam seus cordões.

O ruído de milhares de pés e cascos vibrou por sobre o solo. Richard Blackstone podia senti-lo com mais facilidade que os demais, aquela terra que, tremendo, conversava com ele. Ele respirou o ar úmido e o prendeu por um momento dentro das narinas e dos pulmões. A grama tinha um cheiro doce, e o ar carregava uma fragrância vinda de clareiras e da floresta. Ele soltou um murmúrio de contentamento. Blackstone virou-se e viu o rosto sorridente do irmão. A tristeza que sentia pela perda da inocência do menino mudo não pôde ser escondida. Ele estendeu a mão e tocou o rapaz no ombro. Daria tudo para não ter descoberto sobre a morte da moça. Richard leu a dor nos olhos do irmão. Blackstone tocou o coração, os lábios e estendeu a mão. Um gesto final de amor perante a incerteza da batalha. O menino de rosto torto a pegou e beijou aquela palma áspera com a boca molhada.

Besteiros e marinheiros genoveses, cuja quantidade era mais da metade do exército inglês, rugiram insultos aos estoicos ingleses. Eram os primeiros de três divisões lado a lado, três ao fundo. A grande bandeira de batalha, Oriflamme, vinha carregada pela divisão da retaguarda para que todos os ingleses a vissem. Os besteiros estavam encharcados, cansados e famintos. Os franceses os tratavam com desdém e os mandaram às pressas para o campo de batalha. Quando os besteiros soltavam suas flechas, demoravam para preparar o mecanismo de suas armas para atirar de novo. Num esquema usual de batalha, eles seriam protegidos por grandes escudos com espaço suficiente para que se escondessem enquanto recarregavam, mas naquele dia os tesoureiros franceses haviam deixado esses *paviseurs* junto do trem de carga. Esperava-se que os besteiros derrotassem as fileiras frontais dos ingleses, e que depois os cavaleiros armados fizessem o restante. A impaciência francesa e o aguaceiro seriam responsáveis pela queda destes genoveses.

Os ingleses ficaram face a face com os homens enfileirados, que urravam, sob alcance do arco e flecha, e viram as milhares de flechas com ponta de ferro

serem disparadas. Conforme elas voavam para a terra, uma segunda fileira passou por eles e atirou. Trombetas e tambores em massa acompanhavam o ritmo destes, uma cacofonia de bravata. Mas as fileiras de ingleses e galeses não se retraíram. Se as flechas tivessem caído sobre eles, teriam sido letais, mas caíram um pouco à frente, fincando o solo aos pés dos homens de armas ingleses. Com o sol no rosto, atirando morro acima, os atacantes equivocaram-se quanto à distância, e os cordões de couro das bestas haviam se esticado devido à chuva.

Um murmúrio de satisfação perpassou as fileiras inglesas.

– Pobres bastardos – murmurou Will Longdon. – É o melhor que podem fazer?

Dava para ouvir as ordens dos comandantes vindas dos flancos da direita e da esquerda.

– Apontar! Preparar! Puxar! Soltar!

Blackstone e os outros olharam para cima para ver a densa chuva de flechas que sibilou pelo ar. Depois os trovões de canhões de quatro cilindros montados em pequenos carros, que cuspiam fumaça e pedaços de metal, aderiram ao poder de fogo. Edward os alocara em cada lado das fileiras de arqueiros. Não matavam com a eficácia dos arqueiros, mas os estrondos e a fumaça e o fogo causavam medo e confusão, o que culminava em morte quando as flechas caíam. Foi uma carnificina. Os ingleses continuaram atirando, e as flechas de ponta de aço penetravam carne e ossos. Os genoveses se desesperaram e saíram correndo.

– Olhem lá! – disse Blackstone ao ver centenas de cavaleiros franceses cavalgarem, atropelando os genoveses e matando os sobreviventes que espada e lança conseguiam alcançar.

Sir Gilbert virou-se, de onde estava, na fileira frontal, escudo erguido, espada presa no cinto, visto que todo homem de armas e cavaleiro portava uma lança, pronto para finar os músculos dos garanhões franceses – os que haviam escapado da mutilação das trincheiras – quando chegassem às fileiras.

– Muito bem, rapazes, quem está fazendo aquilo é o irmão do rei francês. Ele é um maldito impaciente, é o Duque de Alençon, e quer nos meter medo. Primeiro ele vai tirar uns obstáculos do caminho. Se chegarem até nós, gritem para São Jorge. Gritem alto. Nem todo mundo tem sobretudo ou escudo para se identificar. Lá vêm eles. Arqueiros!

O grupo avançou por cima dos genoveses mortos, uma fileira de cavaleiros tão ampla e profunda, que Blackstone não conseguia ver as divisões que vinham logo atrás. Cavalos de guerra, as narinas vermelho-sangue bufando, carregavam os homens de armadura à frente, para o ataque. Os alazões, cabeças e peito protegidos por armadura que defletia flechas, galopavam lado a lado,

transformados pelo treinamento de guerra numa massa cruel e esmagadora de poder invencível.

– Cabeças largas! – gritou Blackstone, e os arqueiros prepararam as flechas de caça, de cabeça perfilhada. As pontas farpadas triangulares rasgariam músculos e órgãos vitais. Os arqueiros, em suas fileiras, soltaram outra nuvem de flechas, e momentos antes de elas voarem em arco pelo céu, Blackstone mirara nas pernas dos cavalos, desconsiderando o tecido longo que as cobria, as ricas cores dos caçadores ondulando freneticamente como as bandeiras dos cavaleiros.

– Puxar! – Com a perna esquerda, ele deu um passo à frente, ergueu o arco, puxou a grossa corda de cânhamo até a orelha. Um animal magnífico, cujo cavaleiro que levava nas costas mal podia conter, era seu alvo. – Atirar!

A chuva letal de flechas atingiu os franceses do alto, ao mesmo tempo em que os cavalos gritaram de agonia devido à trajetória mais baixa de Blackstone. A massa de ataque tropeçou e cambaleou sobre a grama molhada, agora coberta de sangue, desesperada para manter o equilíbrio.

– Santo Deus – blasfemou um lanceiro galês pagão, sem ser ouvido pelos arqueiros, que já haviam soltado mais três flechas sobre os cavalos caídos e seus cavaleiros feridos. As flechas penetraram o peito e a lateral dos cavalos aterrorizados, provocando ferimentos profundos que lhes sugou a vitalidade, infligindo mais dor do que qualquer animal poderia suportar. Ao cair sob o peso dos donos, os bichos entortavam as pernas, sendo empurrados pelos cavaleiros que avançavam de trás. Cavaleiros sujos de lama esporaram seus garanhões nas laterais, incitando-os a manobrar por entre cavalos derrubados enlouquecidos.

– Não parem! – gritou Blackstone, ao inclinar-se e disparar, criando um ritmo de fogo incansável. – Não desperdicem flechas. Apontar e atirar. Apontar e atirar!

Os franceses continuavam avançando.

E morrendo.

Uma batida intensa de tambores franceses retumbou mais alto, incitando os cavaleiros a avançar. Trombetas berraram num tom diverso, como se sua potência pudesse derrubar os ingleses. Os homens, amontoados, juntaram-se ainda mais, lanças baixas, escudos erguidos. Alguns estavam feridos, mas continuaram o avanço, e aqueles cuja riqueza lhes permitia ter armadura de qualidade, que os protegia das tentativas dos arqueiros de matá-los, gritaram *Montjoie!* e alcançaram os ingleses com todo o seu orgulho e selvageria. Alguns cavalos caíram de focinho nas trincheiras, outros vinham com ferimentos terríveis, mas seus bravos corações bombeavam sangue aos músculos e tendões, mantendo o movimento, urgidos por traiçoeiras esporadas dos homens que, ali, não tinham cuidado nenhum para com os animais que antes idolatravam.

Os homens de armas de Sir Gilbert entraram na luta e derrubaram os sobreviventes. Nenhum homem morria facilmente, e o tilintar pesado da espada contra a armadura ecoava por entre as fileiras. Era um trabalho difícil e brutal que demandava força e energia. Homens que portavam trinta quilos de armadura não tinham chance de ficar em pé caso caíssem. Escorregar ou perder o equilíbrio significava a morte. Milhares de besteiros haviam morrido, centenas de cavaleiros jaziam mortalmente feridos, e todos os defensores ingleses continuavam vivos. Os homens de armas franceses recuaram para escapar do alcance dos arqueiros. Os gritos dos cavalos eram de dar pena.

– Devíamos ir até lá livrar as pobres criaturas da dor – disse Will Longdon. – Por misericórdia.

– Sabe o que o rei disse, Will: nada de misericórdia hoje – disse Blackstone enquanto contava as flechas que lhe restavam. – Flechas? – ele disse aos homens.

– Três – disse Will Longdon.

– Tenho cinco – resmungou John Weston. – Acho que a empenagem de umas duas vai atrapalhar o voo.

– Vai atirar de perto, John. Apontar e atirar – disse Blackstone. Outros da companhia também tinham poucas flechas. Cada homem disse quantas tinha: duas, três, uma, quatro, nada. Ele via meninos e clérigos correndo, vindos lá de trás, carregando sacolas fechadas para reabastecer os arqueiros.

Sir Gilbert virou-se.

– Eles chegarão mais perto a qualquer momento. São tantos, que vão acabar chegando até nós. Vocês, arqueiros, preparem-se para recuar, não têm defesa nenhuma contra esses homens.

– Vamos manter a posição, Sir Gilbert. Enquanto tivermos flechas, podemos enfrentá-los.

Sir Gilbert assentiu, cansado demais para oferecer repreensão ou elogio. Meninos corriam com cantis e baldes, vindos dos trens de carga. Os guerreiros bebiam punhados, viravam os cantis, sugando o líquido da vida para dentro das bocas sedentas.

A calmaria na batalha deu aos homens breves momentos para inclinar-se sobre as espadas, sentar-se na grama e até tirar o capacete. Blackstone, pingando suor, com dor, pensou que aqueles homens não aguentariam mais pancadaria. Os cavalos caídos e as trincheiras haviam desacelerado o avanço francês; não eram mais um grupo de ataque disciplinado. O solo os forçara a juntar-se em pequenos grupos, o que os deixava vulneráveis ao ataque da infantaria, vindos dos dois lados. Um enxame de soldados, cavaleiros e lanceiros derrubavam os cavaleiros incapazes de se defender de todos os lados.

E lá vieram mais uma vez os franceses. Cavalos suados, flocos brancos de espuma explodindo pelos freios, avançaram num galope intenso; apenas por estarem em maior número, alcançariam as fileiras inglesas. Os ingleses viram outra chuva de dor pungente cair do céu sobre os determinados atacantes. Cavaleiros seguravam-se com firmeza nas selas, subindo e descendo, feridos mortalmente, sendo carregados por seus cavalos. A menos de cinquenta metros da fileira da frente, o primeiro cavalo pisou numa das trincheiras. Os homens ouviram o osso quebrando dali onde estavam.

Apesar da proteção de couro, Blackstone sentia a pele dos dedos rasgar devido à pressão constante usada sobre o cordão do arco. Sua força não estava diminuindo; na verdade, seus braços descobriam uma força que não sabiam existir. Ele estava além da dor. Aquela carnificina era um assassínio que homem nenhum jamais presenciara. É so*mente essa a glória que verá numa batalha*, Sir Gilbert lhe dissera enquanto ele vomitava nas encruzilhadas da Normandia, após ter matado pela primeira vez. Não havia vômito suficiente no mundo para pôr para fora nessa batalha.

Richard Blackstone atirava com mais frequência do que qualquer um dos outros. Blackstone quase via o impacto das flechas. Enquanto alguns arqueiros erravam devido à mistura de homem e cavalo, as setas de Richard atingiam o alvo toda vez.

E os franceses prosseguiam. Por sobre os companheiros mortos, os cavalos aterrorizados, agonizantes, pela chuva de flechas que caía com tamanha velocidade, que a armadura não as defletia. Cavaleiros eram perfurados por um metro de freixo, fincados às selas.

Mas mesmo assim eles avançavam, a fúria implacável, a vontade de matar longe de ser saciada. Até mesmo os endurecidos cavaleiros ingleses não podiam fazer muito mais do que admirar tamanha coragem. E matá-los. Entretanto, os franceses ainda não haviam rompido as fileiras inglesas. Os cavaleiros apontaram suas montarias para longe das fileiras de arqueiros, mirando direto o Príncipe de Gales. Sua bandeira, e as dos nobres, era o sinal pelo qual os franceses procuravam. O sobretudo do príncipe, ornado pelos leões da Inglaterra e os lírios da França, estava à vista de todos, e ele lutava aquele que era seu primeiro confronto com a selvageria da juventude somando-se à sua força. Todas as vezes que seus tutores o derrubaram no chão, com permissão do rei, com o intuito de ensinar-lhe os ataques e as defesas dos espadachins eram ali postas em bom uso. Mas chegaria o momento em que a vanguarda francesa da força de ataque cairia sobre a linha de frente, e o peso dos cavaleiros que vinham logo atrás os empurraria por cima das fileiras fracas de defesa que ainda mantivessem a posição.

Blackstone via somente os poderosos cavalos avançando, implacáveis. O solo tremeu, nacos de lama voavam dos cascos deles; lanças erguidas, braços com espadas ao alto, os escudos adornados pelas flechas fincadas. *Como podiam os homens enxergar através das finas aberturas nos bacinetes?*, pensou ele ao soltar uma flecha num cavaleiro que usava um sobretudo com uma cruz vermelha sobre um fundo verde-escuro. Estavam atirando num ângulo mais baixo, e as pontas das flechas com tamanha força, que derrubavam os homens das selas. Em algum local seguro, os clérigos registrariam a batalha, e escreveriam que, no minuto que o Duque de Alençon e seus cavaleiros levaram para subir o morro, mais de dezesseis mil flechas caíram sobre eles. O irmão do rei francês não sobreviveu ao avanço.

Entretanto, ainda assim, eles não vacilaram.

Seria pela coragem e pela glória de que Sir Gilbert falara?

Blackstone viu os sobreviventes recuarem para se reunir na base do morro. Atrás deles, mais cavaleiros franceses se juntavam. Os sobreviventes se rearmaram, determinados a voltar e buscar a vitória que esperavam com tanta confiança. Blackstone pigarreou e cuspiu na tentativa de livrar a garganta do gosto nojento do cheiro de cavalos e homens eviscerados. Ele olhou para sua companhia de homens abatidos, o medo e o cansaço da batalha estampado em seus rostos como se talhados pela mão de um pedreiro.

– Compramos esse pedaço da França para o rei hoje, rapazes. Vamos guardá-lo para ele por um pouco mais de tempo – disse-lhes. Ele tirou a corda do arco e ajustou outra, sem querer correr o risco de não ter potência devido a um cordão fraco.

John Weston pegou um punhado de água de um balde antes que o menino seguisse correndo ao longo da fileira.

– Tudo o que eu queria era um cavaleiro rico implorando por rendição, e o resgate compraria ao rei o quanto de terra que ele quisesse. Daí eu não teria que ficar gastando a pele dos dedos. Olhem isso – disse ele, mostrando a mão aos demais –, até gastou os calos.

– Isso é porque você passou quase a noite toda coçando o traseiro – zombou Will Longdon.

Os homens riram, contentes com a distração. Weston fez cara de dor.

– Se você estivesse com o traseiro quadrado de tanto andar a cavalo, iria reclamar também – disse ele.

Do outro lado do vale, a neblina noturna começou a cobrir lentamente a depressão no terreno. Nos últimos dias de agosto, as noites traziam uma umidade e um frio que os soldados apreciariam após o esforço e o calor do dia. Aqueles que sobrevivessem.

Blackstone olhou para o irmão. O menino estava deitado no chão molhado, sugando um pedaço de grama como se estivesse em casa, nos campos de feno, observando uma cotovia alçar voo. Blackstone ajoelhou-se ao lado dele.

– O que está vendo? – perguntou gentilmente, fitando as nuvens cor-de-rosa. Logo ficaria escuro, e seria difícil, na batalha, diferenciar amigo de inimigo no combate corpo a corpo.

Richard olhou de volta para ele, incapaz de entender o que fora dito, como Blackstone sabia que não entenderia. Ele balançou a cabeça quando Richard resmungou, indicando que não entendera. Blackstone sabia que jamais encontraria aquele lugar em seu coração em que o irmão um dia residira. Ele deu um tapinha no ombro de Richard e gesticulou para se levantar.

Não havia tempo para mais descanso. Uma fanfarra exultando flutuou por sobre o vale. Os tambores começaram seu tamborilar crescente mais uma vez.

Blackstone olhou além dos corpos quebrados de homens e cavalos, um cemitério de indigentes com flechas brilhantes como lápides. Os ingleses contemplaram uma visão que lhes fez perder o fôlego. Fileiras maciças de cavaleiros reunidos. A defesa do rei Edward, quatro fileiras, uma à frente da outra, estendidas em quase mil metros de encosta, era insignificante se comparada ao corpo de cavaleiros que começavam sua caminhada lenta, porém determinada. Mais sangue se somara aos que já haviam se lançado contra os ingleses. Bandeiras ondulavam, erguidas pela brisa noturna, e o esplendor colorido de sobretudos, escudos e bandeiras fez inveja ao sol poente.

– Santo Deus – disse Will Longdon, fazendo sinal da cruz.

– Precisamos de mais do que flechas, Thomas – disse John Weston. – Precisamos de uma droga de milagre, e eu e a Igreja não somos amigos desde que me conheço por gente.

Blackstone escaneou as flâmulas. Ao longo das semanas, aprendera a reconhecer alguns dos aparatos heráldicos das casas nobres francesas. Mas não precisava ser especialista para notar o brasão de Harcourt. O irmão de Sir Godfrey e seu sobrinho cavalgavam na terceira fileira. Blackstone olhou para o flanco onde a comitiva do príncipe se preparava. O rapaz jogou para trás um punhado do cabelo e colocou o elmo na cabeça. Brandiu a espada, da esquerda para a direita, estendendo os músculos para afugentar a rigidez momentânea. Quando ele virou o rosto para dizer algo aos outros, todos podiam ver que sorria. Estava se divertindo.

Alguns passos atrás de Richard FitzSimon, que portava a bandeira do príncipe com firmeza nas duas mãos, estava Godfrey de Harcourt, estoico num sobretudo manchado de sangue, junto de Sir Reginald Cobham. O velho guerreiro apertou a narina com um dedo e espirrou muco no chão, depois

continuou esperando com paciência pelos que sobreviveram à chuva iminente de flechas. Matar não era algo que lhe cutucava as emoções. Sentimentos assim, ele os deixava para as mulheres. Sabia que membros da família de Harcourt estavam se aproximando para guerrear. Não sentia empatia alguma em nome do marechal do exército. O inimigo tinha de ser morto do modo mais eficaz possível – fosse parente ou não.

– Certo, rapazes, em formação – Blackstone disse, colocando-se no centro de sua companhia. Levou o braço ao ombro de Richard e o fez parar ao seu lado. O menino sorriu e deu-lhe as costas. Blackstone quase o chamou pelo nome, mas em vez disso estendeu o arco e o cutucou nas costas. – Aqui – disse, apontando para o solo, ao lado.

Richard fez que não. A resposta resmungada e os gestos explicaram a Blackstone que seu irmão se achava um homem e lutaria junto dos outros homens. Blackstone poderia tê-lo impedido. Deveria tê-lo impedido. Mas talvez aquele fosse o momento de deixá-lo partir. Não havia o rei colocado o próprio filho no caminho do inimigo, esperando que ele cumprisse seu papel?

Blackstone assentiu, e o menino foi se juntar ao final da fileira defensiva de arqueiros. Os outros foram erguendo os braços para tocá-lo no ombro conforme ele foi passando. Era um gesto de camaradagem – ou talvez eles realmente o considerassem seu talismã. Quando Blackstone voltou sua atenção para a maré crescente de cavaleiros franceses que se aproximavam morro acima, percebeu que Sir Gilbert os observara.

– É assim que tem que ser, Thomas – disse. Ele apertou o nó de sangue na espada e a ergueu por sobre a cabeça, depois se firmou na frente do exército, ficando de cara com o inimigo. – São Jorge! – berrou.

Os soldados rugiram:

– São Jorge!

Então o berro voou ao longo das fileiras, e Blackstone viu o príncipe e seus nobres erguendo suas espadas. *São Jorge! São Jorge!* O poderoso grito de guerra inflou os corações ingleses.

A primeira fila deu um passo adiante para nivelar-se com Sir Gilbert.

Não poderia haver mensagem mais clara para o rei francês.

Os ingleses não pretendiam recuar.

Dessa vez não houve ataque disparado e sanguinolento por parte dos franceses, nada de galope de morte ou glória. Filas de cavaleiros portavam escudos e lanças, os joelhos tocando os dos homens ao lado. Nem mesmo o véu de uma

dama poderia atravessar por entre aquelas formações sem ser empalado.

Quando eles surgiram, gentilmente, com seus cavalos ao alcance dos arqueiros, ergueram os escudos para absorver a chuva de flechas. Não bastou. As flechas encontravam caminho por entre a armadura e os flancos dos cavalos. O erguer dos escudos exibia o alvo abaixo, os braços macios que os seguravam. A armadura conseguia defletir as flechas, mas a cota de malha era perfurada como se fosse pele nua. Fila após fila elas vinham, e mais uma vez os amados arqueiros do rei, os homens comuns da Inglaterra, assassinaram a bela e bondosa nobreza europeia. Conforme caíam homem e cavalo, outros assumiam seus postos na fila. Dessa vez, os franceses não seriam contidos. Assim que a dor e o calor da vingança os dominaram, eles avançaram com a força de cavalos e armaduras.

E quando se aproximaram das fileiras frontais, foi a vez da companhia de Blackstone de contê-los. Ele gritou suas ordens.

– Cinquenta passos! Trinta! Firmes… preparar… puxar… – Ele esperou por mais dez metros: – Atirar!

O sussurro que furou o ar foi acompanhado pela colisão de metal sobre metal. A inércia carregou os cavalos feridos para a frente, derrubando cavaleiros, alguns tentando arrancar as flechas da armadura. Mas o músculo rasgado, os ligamentos e ossos quebrados os faziam tombar de tanta agonia. A alguns passos da fileira inglesa, os lanceiros e os homens de armas avançaram e começaram a matar. Cavalos imobilizados tumultuavam o ambiente, deixando seus cavaleiros sem defesa. Outros rolavam, esmagando homens, e os ingleses faziam como seu rei ordenara. Não demonstravam clemência.

E então, muito perto de Blackstone, eles quase atravessaram. A fileira sofreu uma leve entrância, mas, reforçada pelos guerreiros, que avançaram bravamente, ela se manteve. Os poucos metros perdidos foram logo recuperados. Homens grunhiam e se jogavam uns contra os outros, trocando golpes até que um deles perdia por fadiga ou ferimento. Lutavam até a morte. Desistir não era uma opção. Os franceses sabiam que estar ali era uma questão de vida ou morte porque não podiam recuar pelo espaço aberto e sofrer mais uma vez sob a habilidade letal dos arqueiros.

– Firmem suas posições! – Blackstone gritou para seus homens, que haviam corrido para proteger-se por trás dos lanceiros galeses que avançavam para o combate. – Encontrem um alvo! Não importa a distância! – Ele soltou duas flechas em rápida sucessão, pegando um cavaleiro pela garganta, enquanto Gruffydd ap Madoc enfiava a lança no cavalo dele. O peso da criatura em queda arrancou-lhe a lança das mãos e, antes que ele pudesse pegar outra, uma segunda flecha passou raspando por sua orelha e fincou-se num cavaleiro que portava um

machado. O galês, de olhos escancarados, virou-se e viu que foi Blackstone quem matara o inimigo; em seguida, ele voltou para sua fúria. Martelos de guerra esmagavam cavaleiros montados, acertando-os bem nos ombros ou na nuca, forçando seus corpos à frente, na sela, expondo as partes desprotegidas, as coxas e as nádegas. Então alabardas e lanças eram fincadas no tecido macio, ferindo o cavaleiro, deixando-o para morrer sob os ataques de espada.

Cavaleiros e homens de armas firmavam-se lado a lado. A parede de defesa mudara muito pouco desde os tempos romanos. Edward, que estudara os contos de batalha do autor militar Vegécio, do século IV, usava-a com frequência. Mas toda parede pode ser quebrada, e então o simples peso dos cavaleiros que sobreviveram às trincheiras e flechas esmagaram aqueles que encontraram embaixo.

– Espada e lança! Juntos! – Sir Gilbert ordenou para a fileira. Sua habilidade de luta incansável, apesar dos ferimentos antigos, aproximava os homens dele, ávidos para lutar ao seu lado, sabendo que estavam junto de um grande soldado. Quando os cavaleiros alcançaram a fileira, os lanceiros fincaram e perfuraram os alazões em suas vestes acolchoadas, procurando pontos fracos no peito e na lateral dos bichos, enfiando a lâmina no tecido até encontrar carne, fazendo os animais recuarem de medo e dor. Então os soldados de espada golpeavam as armaduras dos franceses. Aniquiladores, tenazes, cegos. Homens muito fortes jaziam na grama pisoteada, debatendo-se como javalis presos na armadilha.

O príncipe encontrava-se sob pesado e sanguinário ataque. Cavaleiros e soldados de infantaria o cercavam; homens de armas uniram-se para protegê-lo, e o rapaz brandia sua espada com uma persistência obstinada, matando todos que o ameaçavam. Ele levou a batalha aos inimigos de seu pai. Passo a passo, avançou um pouco, depois um pouco mais, manejando a espada contra os atacantes. Como a maioria dos cavaleiros ingleses, ele lutava com o elmo aberto no rosto, querendo ver o inimigo claramente e respirar o ar de que precisava tão desesperadamente. A ameaça dos besteiros havia há muito sido esmagada pelas ferraduras de aço. A bandeira de dragão do principado do rapaz ondulava perto dele, visto que FitzSimon, portador do estandarte, mantinha-se firme em meio ao ataque. A dele era a posição mais perigosa. Perto do príncipe, era incapaz de se defender. O dragão galês precisava ser mantido no alto. O príncipe era o prêmio, e os franceses o sabiam. Um enxame de cavaleiros franceses a pé, num grupo coeso, lutando como uma unidade disciplinada, abriram caminho, chegando cada vez mais perto.

Sir Gilbert viu a cena e liderou um ataque até o local, levando consigo uma dezena de homens, lutando por entre cavalos disparatados e golpes de espada. Os franceses redimiam-se da vida de privilégio naquele morro sangrento. Homens

urravam e lutavam com selvageria animal. Gritos de *Montjoie! Saint Denis!* animavam os franceses.

A fila se partiu, reformou-se, depois foi partida de novo. Arqueiros tombavam. Em meio à matança, Blackstone viu John Weston engalfinhado com um homem de armas francês. Apesar da força do homem e do peso de sua armadura, ele lutava contra o arqueiro de ombros de largos, mas Weston não tinha como agarrá-lo. Suas mãos escorregaram na armadura escorregadia devido ao sangue. Ele ouviu Weston gritar quando caiu.

– Socorro! Santo Deus! Não!

Blackstone tinha duas flechas sobrando e atirou no atacante sem nem precisar mirar. A flecha entrou debaixo do braço erguido. Weston rolou dali e engatinhou, tentando escapar, mas um segundo soldado enfiou a espada nas costas dele. John Weston teve espasmos, engasgou com o sangue que cuspiu e agitou os braços como um inseto alfinetado. Blackstone não teve chance de salvá-lo. Não teve como atirar. Seus homens morriam. *Santo Deus, nos ajude!*, gritou ele consigo.

– Arqueiros! Formação! Formação! Recuar! Recuar!

Ele os queria mais alto no monte para que pudessem atirar nos franceses. Alguns ouviram a voz dele, viraram, viram-no sinalizando para que se afastassem dos franceses, mas era tarde demais. Os arqueiros, sem proteção, já estavam lutando. Sem mais flechas, era faca e espada contra a armadura de ferro.

A última flecha de Blackstone estava preparada quando ele viu uma cena de beleza admirável. Uma andorinha voou acima dos homens ensanguentados, erguendo-se no mormaço do crepúsculo para alimentar-se de insetos, mergulhando entre dor e miséria em sua própria beleza indiferente. Nesse momento, Blackstone soube onde havia visto aquele pássaro antes. Não era somente o bordado no presente de Christiana; era também o emblema do sobretudo do cavaleiro que ele matara nas encruzilhadas, semanas antes. A pessoa que ele lhe tirara a vida tinha alguma relação com a moça.

Tal compreensão foi varrida quando a balbúrdia da luta ecoou nos ouvidos dele. Ele soltou a flecha, que não falharia em encontrar seu alvo, mas seus homens haviam se espalhado. Sir Gilbert continuava avançando, lutando. A confusão arrebatou o arqueiro – mas então ele viu Richard.

O menino pusera de lado o arco e metia um machado descartado num cavaleiro. O visor do homem afundou com o golpe racha-crânio. Richard estava a trinta passos dele. Blackstone pulou por sobre dois homens de armadura que rolavam encosta abaixo, um tentando dominar o outro. A lama e os detritos da batalha manchavam seus sobretudos. Um gritou por São Jorge, então Blackstone rasgou o pescoço do outro com sua adaga. O homem rolou e, libertado, ainda

clamando pelo santo inglês, como numa oração, terminou de matar o outro. Richard e um punhado de homens iam abrindo caminho, golpeando e rasgando, para o príncipe cercado, junto ao qual Harcourt e outros ainda lutavam sem descanso. Ignorada pelo barão coxo, a bandeira de sua família jazia pisoteada a centenas de metros dali, embaixo de seu irmão morto, derrubado pelos arqueiros de Elfred no flanco.

Blackstone sentia que cada momento seria seu último. Os pulmões sôfregos o alimentavam em meio ao tumulto conforme ele corria para o irmão, que, como os outros homens da companhia, não tinha mais flechas. A visão de Blackstone era um borrão só. Os detalhes da batalha eram manchas de cor e movimento. Seus sentidos focalizavam sua parte da luta, uma área de menos de cem passos. Os galeses abriam caminho às estocadas e golpes de alabarda e faca, cortando tendões e abrindo vísceras dos cavalos, deixando seus cavaleiros para que os homens de armas finalizassem.

E, assim, os franceses prosseguiam avançando.

Will Longdon lutava com sua espada e um escudo descartado. Tom, Matthew, todos eles, mantinham suas posições, como seu rei pedira.

Mas Thomas Blackstone corria.

O temor de Deus o dominava; apertava-lhe os pulmões sôfregos de terror; punia-o por sua covardia por deixar de lado o amor por seu irmão. Deus ia levar o menino mudo de volta ao seu coração sagrado.

Richard estava prestes a morrer.

Era por isso que Thomas Blackstone corria.

Capítulo onze

A espada *lobo veloz* brilhava com sangue, o ferro endurecido reluzindo como ouro ao refletir os raios do sol poente. Ao longo dos séculos, essa marca de espada tornara-se sinônimo de qualidade; eram as melhores, forjadas na cidade bavariana de Passau. Duzentos anos antes, os ancestrais dos ferreiros chegaram à Terra Sagrada durante as Cruzadas e aprenderam os segredos dos ferreiros sarracenos de Damasco. Depois disso, os temperadores e amoladores alemães, polidores e ferreiros confeccionaram as melhores lâminas da Europa.

O pai de um cavaleiro encomendara a espada três anos antes para comemorar a nomeação de seu primogênito e o enviou para servir na corte do rei John da Boêmia. O gume afiado cortava a cota de malha facilmente. No presente, Franz von Lienhard, aos 23 anos, levava seu alazão por entre os corpos misturados de cavalos e homens caídos. A força maciça do cavalo o suportara, enfrentando a corrente ao cruzar a passagem em Blanchetaque, quando ele perseguiu um pobre arqueiro inglês, mas foi impedido pela torrente de flechas que caiu à sua frente. Não estava preparado para ver sofrer um cavalo tão magnífico, mas ali, pelo maior prêmio de todos, estava pronto para tudo. O Príncipe de Gales estava a menos de vinte passos dele, e o peso dos cavaleiros franceses contra ele e os nobres que lutavam junto estavam esmagando a defesa inglesa. Homens de armas avançaram contra Lienhard num verdadeiro enxame, mas sua força os derrotou. Inclinando-se da sela com a lâmina muito afiada, ele rasgou braços e cabeças dos atacantes. Um lanceiro enfiou a ponta da arma no pescoço do cavaleiro, mas ele desviou o golpe, fez o cavalo ajoelhar-se e tomar posição, girou o braço num amplo arco e fez a lâmina dividir o crânio do homem em dois como um nabo numa competição de espadachins. O cérebro espirrado foi juntar-se ao sangue que já lhe sujava as pernas e os adornos do cavalo. Ele viu uma massa de cavaleiros insurgir contra o príncipe, deitando sobre ele toda a sua energia, derrubando-lhe a bandeira. Era hora de matar o herdeiro do trono

inglês.

Franz von Lienhard ergueu a espada, meteu as esporas nos flancos suados do cavalo e atacou.

Blackstone viu o irmão correr na direção da massa de cavaleiros franceses gingando o machado de guerra. A maioria estava a pé, outros amontoavam os cavalos. Homens de armas ingleses morriam. Ele viu Sir Gilbert atacar um cavaleiro, aos golpes e rasgadas, depois enfiar sua espada nos vãos da armadura do soldado. O francês girou uma bola com corrente, e Sir Gilbert foi ao chão. O francês moribundo puxou as rédeas, e o cavalo caiu, rolando para cima de Sir Gilbert, esmagando-o.

Homens caíam como trilho colhido conforme Richard brandia o machado de guerra para os lados. Somente sua força bastava para mutilar e matar, mas a arma letal voava com tamanha violência, que derrubou uma dezena de homens com ferimentos mortais. Ele estava a dez passos do príncipe, que caiu após ser golpeado no elmo por um soldado francês. FitzSimon jogou a bandeira por cima de seu senhor, para escondê-lo e protegê-lo, depois atacou, as duas mãos segurando a espada, atraindo os nobres para si, gritando xingamentos para o inimigo.

Blackstone pulou por cima de um cavalo estripado. Um cavaleiro gingou para ele, mas o arqueiro desviou, ligeiro, movendo-se muito mais rapidamente que o soldado blindado. Usando o arco como lança, ele meteu a ponta afiada embaixo do elmo do homem. A tira de couro que o segurava estava lisa de suor, e o elmo cedeu um centímetro, o suficiente para a ponta do arco perfurar a garganta do homem. Ele tombou, afogando-se no próprio sangue e incapaz de gritar devido ao rasgo.

O príncipe estava de joelhos, o golpe que levara no elmo arrancara-lhe sangue da têmpora. Richard tombara, sugado por um rodamoinho de cavaleiros que brandiam espadas e maças.

Blackstone gritou o nome do irmão.

Ele viu a cabeça do menino virando enquanto três ou quatro homens esfaqueavam e rasgavam seu corpo. O menino olhou para o céu e soltou um berro incoerente, depois desapareceu sob a massa de homens, como uma criança afogada sendo levada por um deus do rio, cedendo a um poder sobrepujante.

O som animal que forçou seu caminho para fora do peito de Blackstone foi tão alto, que o príncipe e Harcourt, que estava ao lado deste, olharam, interrompendo por um instante a própria defesa. Espadas e maças caíam sobre a

fileira inglesa, lanças quebradas perfuravam e estocavam quando Blackstone se lançou contra os franceses. Um cavaleiro girou sua espada, e tudo que o arqueiro pôde fazer foi tentar defender-se com o arco. A lâmina o partiu como a um galho seco. E parte de Blackstone partiu junto. O maravilhoso arco de guerra do pai estava destruído. Antes que o homem pudesse retornar com um segundo golpe, Blackstone atirou-se contra ele, e com seu peso levou-o ao chão, juntos de outros corpos. Seus dedos procuravam a garganta do homem, mas não conseguiam passar pela armadura. Ele estendeu a mão às cegas e encontrou uma maça abandonada, cuja cabeça mortal lembrava a empenagem de uma flecha, mas feita de aço. Ele deitou o martelo de guerra de três quilos como um ferreiro batendo ferro na bigorna; repetidamente, ele bateu no visor do homem, até amassá-lo e ouvir o osso quebrando, sentindo os espasmos do homem.

Um cavaleiro o atacou. Blackstone sentiu a túnica rasgar, e o sangue cálido pingar pela lateral do corpo. Com a maça, ele contra-atacou o inimigo. Outra espada lhe cortou a perna. Ele golpeou às cegas, sentindo a maça esmagando a armadura. O príncipe estava a poucos metros dali, sendo ajudado a se levantar, mas não notava Blackstone abrindo caminho às marteladas por entre dezenas de homens que se encontravam entre ele e Richard. Capacetes horrendos brilhavam de modo grotesco perante a luz diminuta. O arqueiro girava a maça com a potência pertencente apenas aos ferreiros. Homens tombavam, mas, mesmo assim, ele não conseguia alcançar o irmão. O príncipe voltou a lutar, com cavaleiros e homens de armas como guarda-costas, mas Blackstone estava mais adiante, e ouviu um último grito agonizante, como um bicho sendo morto, saindo de dentro da massa de cavaleiros franceses. Foi o grito de morte de seu irmão.

O soluçar de Blackstone o incitou adiante. Outros, atrás dele, enfrentavam homens vindos de todos os lados, quando um cavaleiro se adiantou, atropelando tudo que via pela frente. Era o cavaleiro boêmio com uma espada ao alto que captava o sol poente, como uma lâmina forjada no inferno. Num momento breve, claro, uma figura enorme tentou levantar-se. O menino fora ferido numa dúzia de lugares ou mais, e devia estar cego pelos cortes nos olhos. A inércia levou a espada do cavaleiro para baixo com graça e habilidade. Blackstone gritou. Outros homens bloquearam sua visão, poupando-o de ver o golpe que separou a cabeça de Richard do corpo.

O alazão quase derrubou Blackstone, mas ele segurou as rédeas e se içou. O animal entortou os olhos, aterrorizado, mas o cavaleiro não tinha ângulo para expulsar o atacante. Blackstone saltou sobre o homem para meter-lhe a maça no visor. O cavalo foi escorregando sobre a grama ensanguentada. Seu dono era ágil, rápido como Blackstone, que teve dificuldade de fazer que sua perna

obedecesse ao que lhe mandava fazer o cérebro. Ela não respondia. Ele olhou para baixo e viu sangue jorrando de um corte feio até o osso. A violência empurrara a dor para o espaço obscuro da raiva. O cavaleiro não perdeu tempo e atacou. Lá do alto, atacou, para baixo, um golpe que podia cortar um homem do ombro ao quadril, mas a perna ferida de Blackstone o salvou – ela cedeu sob o peso do esforço, evitando o golpe, e a lâmina passou sibilando por cima da cabeça dele. Blackstone saltou, agarrou o homem pelo protetor do pulso, bateu a maça no elmo dele, mas caiu quando o cavaleiro o golpeou em cheio no rosto com o escudo. Ao cair, a cabeça zunindo devido à pancada, ele derrubou a maça e segurou-se no escudo, puxando o cavaleiro junto. O peso da armadura do homem e a encosta escorregadia fizeram-no perder o equilíbrio, mas ele não soltou a espada. Blackstone sentiu o osso da bochecha quebrar e o sangue preencher-lhe a boca quando o cavaleiro bateu nele com a empunhadura da espada, num forte golpe para trás.

Blackstone cuspiu o sangue da boca e levantou-se ao mesmo tempo que o inimigo. Soube, então, que o cavaleiro era tão apto e forte quanto ele, apesar de carregar quatro quilos de armadura, e igualmente determinado a matar. A espada voou; Blackstone bloqueou o golpe letal com o mastro de uma lança que pegou do chão. A lâmina chegou tão perto de seu rosto, que ele viu um lobo gravado abaixo do guarda-mão curvo. O mastro quebrou no meio, mas atenuara o golpe, virando o gume da espada, que o acertou no braço esquerdo. O músculo rasgou, e o osso trincou. Nesse instante ele soube que, caso sobrevivesse, nunca mais poderia usar um arco de guerra na vida. Ele cuspiu vômito, em agonia, caiu de joelhos, procurou com a mão direita qualquer arma que pudesse encontrar, afugentando a escuridão rodopiante que ameaçava engoli-lo. Quando a espada avançou de novo, ele puxou a cabeça por instinto, mas a ponta da lâmina cortou a faixa de metal que protegia seu elmo de couro. Se não tivesse se esquivado a tempo, ela teria aberto sua cabeça em duas. O arco tracejado pela espada cortou-lhe a testa e o nariz, rasgou-lhe a bochecha e estalou sua clavícula.

Estava definida a contenda. Com sua habilidade, o cavaleiro daria mais alguns passos e, junto aos franceses que passavam por cima dos corpos para unir-se a ele, mataria o Príncipe de Gales.

Blackstone não pensava mais em Edward de Woodstock, Godfrey de Harcourt, Warwick, Northampton, bandeiras nem flâmulas nem glória. Estava morrendo. O crepúsculo deu seu lugar à noite. Lienhard soube que o arqueiro estava acabado. Não perderia mais tempo com ele. Blackstone mal podia ver o cavaleiro que passou por ele, mas ergueu o braço bom num ato final de desafio.

O cavaleiro gritou e caiu. Blackstone agarrara a ponta quebrada de uma lança, e trinta centímetros de metal forjado, muito afiado, atravessaram entre as

pernas do cavaleiro. O sangue jorrou conforme ele levou as mãos instintivamente ao sexo. Gritando dentro da claustrofobia de seu bacinete, ele ficou de joelhos. De algum modo, Blackstone levantou-se, pegou a espada do homem pela empunhadura e a enterrou no chão, fazendo dela uma bengala. O cavaleiro segurava o sexo com uma mão; com a outra, levou para trás o visor, engolindo ar para evitar a dor. Blackstone empunhou a espada como uma adaga e a mergulhou pelo visor aberto, sentindo o metal raspar o osso, depois a tirou. Com sua força de ferreiro, segurou-a com firmeza inabalável. Tinha de encontrar Richard. A espada mataria mais cem franceses se fosse preciso. Seu irmão estava ali em algum lugar. No escuro. Sozinho. Mas ele não conseguiu dar nem mais um passo. A névoa ergueu-se, vindo do vale, envolvendo os mortos em sua mortalha.

Thomas Blackstone afundou e finalmente cedeu àquele abraço gelado.

Quinze ataques foram realizados contra as fileiras inglesas. Todos falharam, exceto um, quando o inimigo alcançou o Príncipe de Gales. A raiva e o orgulho dos cavaleiros franceses, a inveja que tinham de ver outrem alcançando glória maior, fizeram-nos apertar as esporas e lançar-se contra um exército inglês disciplinado que jamais cedia terreno. Os franceses lutavam por si mesmos; os ingleses, por seu rei.

Quando Philip chegou ao campo de batalha com suas divisões finais, ficou óbvio que o maior exército do reino cristão havia sido derrotado. A carnificina que encontrou era aterradora. Cinco mil genoveses, milhares de cavalos e mais de mil e quinhentos cavaleiros jaziam mortos perante as linhas inglesas. Mais milhares de soldados de infantaria jaziam na encosta do morro. Canhões ainda bombardeavam, soltando fumaça que se misturava à névoa crescente. Cavalos relinchavam e homens gritavam de agonia, enquanto trombetas e tambores desafiavam a esperança final de um moribundo morrer em silêncio. Era uma tapeçaria do inferno. Por honra, o rei ignorou os apelos dos nobres e avançou com seu cavalo. Seu aliado, o cego guerreiro-rei John de Boêmia, determinado a atacar o inimigo, cavalgou junto do outro, as rédeas lado a lado com Henri le Moine e Heinrich von Klingenberg, cavaleiros leais que sabiam que estariam mortos antes mesmo de alcançar a primeira fileira inglesa.

A comitiva de Philip protegeu seu senhor com escudos, mas Elfred e milhares de outros arqueiros ingleses queriam reivindicar sua morte. Nesse lendário dia, sua montaria foi morta sob seus olhos. Ele remontou, o rosto rasgado por uma ponta de flecha, sua vida poupada apenas pela qualidade da

armadura, a luz pouca e a névoa crescente.

A cavalaria francesa revoluteou e atacou mais uma vez, mas foi rechaçada. Foi uma tentativa fútil. As trombetas de Edward convocaram os cavaleiros e homens de armas, e os cavalos de guerra foram trazidos da retaguarda. Quando os ingleses avançaram sobre o campo de guerra, milhares de soldados de infantaria francesa fugiram para salvar suas vidas. Não adiantaria nada à França que seu rei morresse numa batalha já perdida, insistiam os conselheiros. Relutante, ele deu meia-volta, deixando as centenas de cavaleiros franceses que ainda lutavam em pequenos grupos, homens unidos por laços de família e pela camaradagem de campanhas anteriores.

O sol se pôs enquanto a névoa do cale cobria aquele campo de lágrimas. Arqueiros ingleses atiraram, sem perdão, contra a bandeira de guerra sagrada da França.

A Oriflamme caiu, rasgada.

O rei Edward, vestindo armadura completa e elmo, cavalgou ao longo das linhas da divisão do príncipe. Elogiou a todos e urgiu-os a agradecer a Deus por sua intercessão. Pediu que não houvesse orgulho nem ostentação pela grande vitória e ordenou que os ingleses mantivessem a posição para o caso de um contra-ataque. Elfred contou as perdas entre seus arqueiros. Somente ele, Will Longdon e Matthew Hampton sobreviveram, junto de vinte outros homens entre os arqueiros que ficaram perto dos galeses. Sir Gilbert jazia em algum lugar do campo de batalha. Richard Blackstone estava morto; de Thomas, nada sabiam, a não ser que o haviam visto atacando antes de cair. Todos concordavam que era um preço vil a se pagar. Os homens acenderam fogueiras que queimavam por toda a encosta e foram resolver a exaustão e os ferimentos. O rei instruiu que o moinho de vento fosse preenchido com lenha e incendiado, como farol para que todos os ingleses pudessem ver.

Suas grandes pás arderam como um crucifixo em chamas.

A luz das fogueiras e das tochas iluminava o príncipe e os nobres. O rei retirou seu bacinete e beijou o príncipe Edward, e foi até a tocha que iluminava o corpo de Blackstone, deitado entre o grupo de cavaleiros. Um padre ajoelhou-se ao lado dele, sussurrando o sacramento final.

– Quando o padre foi convocado, tememos que tivesse sido por nosso filho – disse o rei, fitando o corpo ensanguentado banhado pela luz do fogo.

– Não fosse por esse moço, talvez tivesse sido assim. Ele lutou por mim

quando caí. FitzSimon cobriu-me na hora de maior perigo, que foi evitado por esse rapaz. Nenhum escriba jamais será capaz de descrever a coragem que testemunhamos – disse o príncipe.

O rei olhou para os marechais do exército, Warwick e Harcourt. Eles concordaram. Nenhum dos reunidos soube que Blackstone lutara somente pelo irmão.

– Ele não vai durar mais uma hora, senhor – Northampton acrescentou. – Meu Deus, admito que estivemos sob grande pressão. Ele abriu um caminho e nos ganhou tempo.

– Ele me fez lembrar de mim mesmo, quando mais moço – disse baixinho o antigo cavaleiro Reginald Cobham, a evidência da luta que ele mesmo travara estampada no sobretudo e na armadura.

O rei colocou a mão no ombro do amigo.

– Se ele lutou metade do que você lutou, Cobham, fomos, de fato, abençoados.

Blackstone não ouvia nada além do sussurro vago da oração em seu ouvido. A dor tomava cada nervo. Sangue grosso que saía do rosto esmagado entupia-lhe a garganta e o nariz. Sua respiração falhava conforme ele tentava ver Christiana. Ela estava lá, a capa escura perto do rosto dele. Já o rosto dela, aparecia obscurecido na sombra. E ela segurava um crucifixo tocando a boca dele, dizendo que beijasse a cruz de Cristo.

– Senhor – disse Northampton ao ver o padre afastar-se, surpreso, quando Blackstone se ergueu para o crucifixo sustentado pelo clérigo.

– Ele morrerá só quando quiser – disse Warwick, admirando a força que o rapaz ainda possuía.

Blackstone ouviu as palavras *confessar*, *pecados* e *perdão*. O olho esquerdo focou-se numa luz distante, um crucifixo em chamas. Deus estava mostrando sua raiva; punindo-o por ter falhado com Richard.

– Perdoe-me – ele murmurou.

O padre fez o sinal da cruz com o dedo na testa de Blackstone, depois tentou soltar a mão que ainda segurava a espada do cavaleiro morto. Mas o punho do arqueiro não soltava, mantendo-a pressionada contra o peito.

– Abençoado seja, senhor. Olhe para ele, recusa-se a soltar a espada – Cobham disse gentilmente, reconhecendo um guerreiro quando via um.

O rei observava.

– Façamos nossos agradecimentos, a comunhão, e rezemos pela alma desse rapaz. Sabem o nome dele? – ele disse baixinho.

– Seu nome é Thomas Blackstone – disse Harcourt. – É um arqueiro, senhor. Um dos homens de Sir Gilbert Killbere.

– Estivemos com ele em Blanchetaque, onde ele também demonstrou honra e coragem ao proteger um membro da casa de Godfrey – disse o príncipe.

Sir Godfrey concordou.

Blackstone escutou seu nome. Fitou as cores borradas dos sobretudos que brilhavam à meia-luz. Seriam eles anjos guerreiros? Precisava que eles o levassem até Richard. Blackstone convocou cada fibra de seu corpo para levantar-se e ir ter com os anjos.

– Santo Deus – Northampton disse baixinho, sem blasfemar, quando viram o corpo estilhaçado de Blackstone forçar-se a sair do chão. Harcourt deu um passo à frente para ajudar. O rei fez um gesto comedido para conter o amigo.

– Não – sussurrou. – Deixe-o. É assim que ele deseja. Está desafiando a morte.

Blackstone ficou de joelhos, fincando a espada no solo para se firmar. Não conseguia avançar mais. Os anjos borrados esperavam. Um, com uma tocha ardente atrás de si, refletindo luz sagrada que brilhava na armadura, chegou perto. Deus enviara seu arcanjo para ele. Lágrimas ardidas borraram-lhe a visão.

– Senhor… – Blackstone sussurrou –, leve-me até ele…

O rei e os nobres pareceram confusos por um instante. Então o rei virou-se para o filho.

– Ele o está chamando. Honre-o, Edward. É seu direito. E dele.

O então endurecido pela batalha Príncipe de Gales compreendeu sua obrigação real. Foi até Blackstone, ainda ajoelhado com a espada junto ao peito, ajudando-o a manter um equilíbrio que ameaçava deixá-lo a qualquer momento, para que caísse na escuridão. O príncipe pôs as mãos na cabeça de Blackstone.

– Comportou-se com honra e coragem, e somos gratos. Você é um servo leal a seu suserano. Aceite esta carga colocada sobre sua vida, e que Deus o abençoe, Sir Thomas Blackstone.

O príncipe deu um passo para trás, e o rei gesticulou para os homens de sua comitiva que deitassem o corpo de Blackstone no solo. Enquanto eles o deitavam gentilmente sobre a lama de Crécy, o rei voltou-se para Harcourt.

– Esse jovem cavaleiro não morrerá se depender de nós. Nosso médico cirurgião vai atendê-lo. Godfrey, peço-lhe que aceite a responsabilidade de salvaguardá-lo até que todos os esforços se provem infrutíferos.

– Aceito com alegria esse privilégio, senhor – Harcourt respondeu.

– Ótimo – disse o rei –, precisamos de ingleses corajosos na França.

O moinho de vento em chamas desenhava sombras compridas sobre o campo de

batalha. Um padre de capa passava por entre mortos e moribundos. Parecia oferecer conforto a cada nobre caído que abordava. Soldados cansados nem davam atenção para ele. Não viam a sacola que trazia na cintura nem o amarrado na mão que cobria um dedo que faltava.

Corpos retorcidos de homens e cavalos cobriam a encosta num abraço macabro. A névoa prendeu-se ao campo de batalha por mais um dia, enquanto os ingleses esperavam por mais ataques. Não houve nenhum. Os exércitos franceses foram derrotados; suas lanças empalaram a lama de Crécy em vez dos músculos de ingleses e galeses. O rei Edward enviou arautos ao fedorento campo para reaver os sobretudos dos cavaleiros e nobres derrubados para que fossem identificados e recebessem um enterro cristão com toda a honra e todo o respeito devidos. Aldeões das vilas ao redor foram reunidos e forçados a cavar grandes sepulturas, dentro das quais os mortos de ambos os lados foram tombados e enterrados. O corpo desmembrado de Richard Blackstone era apenas um de milhares.

Godfrey de Harcourt fez que Blackstone fosse carregado sobre um esquife de volta ao castelo de Noyelles, muitos quilômetros atrás da retaguarda do exército. A indignação da Condessa Blanche ao ver o arqueiro inglês ser trazido para a casa de sua mãe foi novamente atenuada pela evidência de que Thomas Blackstone tentara ajudar o cavaleiro francês ferido a quem ela dera refúgio. O testemunho do menino-pajem e a túnica ensanguentada que Blackstone usara para estancar o ferimento do guerreiro eram prova da compaixão dele.

Christiana quase desmaiou de pena quando viu o corpo estilhaçado. Sua senhora a desviou da visão, enquanto carregavam-no para um dos quartos.

– Christiana – disse ela, gentilmente –, você é uma mulher da casa de Harcourt. Se não puder tratar dele, então encontraremos serviços para você fazer em outro lugar.

A moça fez que não.

– Cuidarei dele – disse – como você cuida de seu marido.

O marido da condessa, Jean, já havia sido trazido de Crécy com ferimentos muito menos severos que os sofridos por Blackstone, porém, como muitos ferimentos de batalha, ofereciam risco de morte. Horas antes, os dois homens lutaram em lados opostos sem saber da existência do outro; agora seriam tratados sob o mesmo teto. As mulheres tomaram o controle e urgiram Sir Godfrey para fora, para que voltasse à marcha de seu exército na direção de Calais. Os portões do castelo de Noyelles foram fechados. O jovem inglês estaria a salvo na casa da família do inimigo até que se recuperasse ou morresse.

A guerra fizera jogadas pelo jovem arqueiro que mudariam seu destino.

Parte Dois

Espada do Lobo

Capítulo doze

A morte pairava nas sombras como um corvo pronto para bicar a alma do ferido Blackstone.

Nesse lugar infinito de miséria ele lutava contra os demônios saídos do campo de batalha, que giravam em sua mente. Os gritos de terror reverberaram pelos corredores de Noyelles até que, enfim, ele ficou em silêncio, e todos pensaram que tivesse morrido.

Christiana não sentia pulsação alguma no corpo dele. Ela chamou um servo e o fez acordar o médico, que dormia, gritando para apressar o moço até que suas ameaças o empurraram escuridão adentro com uma tocha vacilante para guiar de volta o único homem que podia salvar o arqueiro ferido. Os gritos de alarme da moça ecoaram por corredores, acordando servos que dormiam perto da cozinha, ou perto do quarto da senhora. Tochas arderam, portas se abriram, e pés roçaram seu caminho por sobre o piso de pedra. Blanche de Harcourt envolveu-se no vestido e urgiu ao servo que, a um passo à frente, portando uma chama bruxuleante, andasse mais rapidamente.

Mestre Jordan de Canterbury, acordado por seus assistentes, repreendeu-os em alta voz por interromperem seu sono. O homem retratou-se, guardando para si os xingamentos, quando ouviu dizer da urgência e da falta de respiração notada no corpo do jovem arqueiro. Por que seu grande rei o responsabilizara por tratar daquele moço machucado estava além de sua compreensão. Pelo amor de Deus, ele era o médico pessoal de Edward da Inglaterra e tratava deste no esplendoroso Castelo de Windsor, onde tapeçarias tecidas com ouro ostentavam-se nas paredes ao lado de pinturas de grandes artistas italianos. As latrinas tinham água corrente, havia calor e conforto, e até mesmo numa expedição de guerra o Rei da Inglaterra jantava como deveria um monarca. Mas não ali. Não os pratos simples de carne e pão de grão grosso – nem um pedaço decente de pão branco, de trigo bem moído, havia para se comer. Então ele, Jordan de

Canterbury, que, diga-se de passagem, também atendia a mãe do rei, Isabella, no Castelo Hertford – tal era a sua posição na família real –, fora obrigado a ficar num castelo normando. Aquelas paredes de madeira nua e pedra mantinham o frio como um defunto pescado de um rio no inverno. O recinto zombava do conceito do luxo da nobreza. Ele tremeu, em sua miséria, e sonhou com a lareira do rei Edward. Quando chegou, sem fôlego após subir os degraus que levavam ao quarto de Blackstone, foi forçado a esperar um momento antes de aproximar seu rosto ao do paciente. Seu próprio coração precisava acalmar os batimentos antes de poder determinar se o jovem havia sido levado pelo Todo-poderoso. Ele tocou a pele fria do arqueiro em busca de sinais de febre ou calor que indicasse vida. Não encontrou.

– Uma tigela com água! Aqui! – ele ordenou a um dos assistentes.

O interior do quarto parecia duplamente apinhado devido ao acotovelar de sombras umas nas outras. Ele se voltou para Christiana, que estava à porta, tomada pelo desespero, sendo confortada por Blanche de Harcourt com o braço em seus ombros. Os sentimentos da condessa com relação ao arqueiro eram bem conhecidos.

– Mileide, pode ser que Deus tenha liberado tanto a família Harcourt quanto eu de nossa onerosa obrigação – disse o médico.

O sorriso de simpatia fingida e pesar compartilhado foi confrontado pela resposta seca dela.

– Meu senhor e marido jaz em sua cama, ainda dormindo devido à bebida que alivia a dor de seus ferimentos. Eu o sirvo e às ordens dele como você serve a seu rei, Mestre Jordan. As ordens dele são onerosas?

O médico inclinou a cabeça, castigado, e torceu para que seu comentário não fosse filtrado até o rei pela fofoca dos assistentes.

Ele foi salvo do embaraço pelo servo, que retornou com uma tigela cheia de água até a metade. Mestre Jordan a pegou e a equilibrou cuidadosamente no peito de Blackstone. Ficaram todos esperando sob a luz tremulante, observando a superfície lisa à procura de qualquer sinal de vibração vinda do coração. E nada. O médico levantou-se para voltar à cama quentinha, sua obrigação cumprida.

Thomas Blackstone estava morto.

No mais profundo interior, o arqueiro ferido sentia um abraço macio e confortável, um calor gentil que ele jamais vivenciara. Era um local seguro tão tentadoramente próximo. Tudo o que tinha de fazer era ceder ao abraço sedutor. Ele escorregou ainda mais na direção do conforto e do brilho suave do apagar-se. Mas o instinto animal dentro dele se debatia em sua mente. Dar as costas àquele lugar significaria retornar ao buraco de dor. O calor era a morte, a vida era dor.

Como um fragmento de ponta de lança quebrada, a mente dele retornou para a confusão do desespero.

– Meu senhor! – chamou o assistente.

Surgiu uma ondulação das mais sutis na superfície da água.

Noyelles estivera a salvo até aquele momento. Os ingleses seguiram para o norte, para tomar Calais, e, ironicamente, a presença de Blackstone garantira a segurança de Harcourt. Por três dias, Christiana e Mestre Jordan cuidaram do arqueiro. Com a ajuda de servos, eles cortaram as roupas ensanguentadas dele e limparam o corpo nu até expor os ferimentos. A febre o tomara, e visto que a temperatura ameaçava consumi-lo, ataram-lhe pulsos e tornozelos à cama para que, em seu delírio, ele não piorasse ainda mais os machucados. Christiana seguia as instruções do médico, espalhando nos ferimentos uma mistura de gema de ovos, óleo de rosas e terebintina, colocando um cataplasma grosso da mistura na perna cujo músculo fora rasgado. Esse machucado na perna fora esterilizado, mas continuava maleável para ser fechado.

O médico preparou-se para dar pontos e fechar os cortes.

– Não posso fazer nada pelo rosto. Ficará desfigurado quando os músculos se contraírem por conta dos pontos. É uma pena, vejo que ele tinha belos traços.

Ele retirou o cataplasma do ferimento da perna e de um tacho de vinho retirou um fio de tripa, obtida do intestino de um porco. O assistente a passou por uma agulha curva.

Christiana observava com certa dúvida; curva como um anzol de pescador, a agulha circundava, dando pontos, perfurando o machucado na perna de Blackstone. Blanche de Harcourt a tirou dali.

– Deixemos que Mestre Jordan faça seu trabalho, querida.

– O músculo da perna precisa ser bem apertado – disse Christiana –, mas se fizerem isso no rosto dele, ele vai ficar grotesco.

Ela voltou para dentro do quarto.

– Senhor, depois que selar os ferimentos dele, permite-me que cuide do rosto? Não pretendo desrespeitá-lo, Mestre Jordan, mas uma mão menor pode costurar um vestido de seda com um ponto quase impossível de notar, que pode causar menos desfiguramento.

Por um momento, o médico do rei a fitou com incerteza. Jamais ouvira falar de mulher que cuidasse de ferimentos de guerra. Não parecia ser possível.

– Isso não é trabalho para você. Cabe mais a um cirurgião barbeiro no campo de batalha. Estou aqui a pedido de meu senhor.

Christiana eriçou-se, mas tinha ciência da autoridade que possuía o médico do Rei da Inglaterra. Ela baixou os olhos por um instante, num pequeno gesto de reconhecimento de tal fato, depois o encarou, determinada a ter seu raciocínio considerado.

– Minha sensibilidade não será magoada, senhor, eu já ajudei a banhá-lo e limpei o sangue congelado dos ferimentos dele. Seu corpo não é um mistério para mim. Cuidei dele durante os últimos três dias quase sem parar para dormir. Jamais deixei sua cabeceira. Devo minha vida a esse rapaz, assim como seu príncipe. É um reles pedido para tentar impedir que ele fique com o rosto torto e semicego de um ogro. Quando o rei Edward e seu filho virem esse rapaz novamente, que suas feições não os assustem. Tenho fio de seda fina que vai unir a pele de forma delicada.

Mestre Jordan fitou-a, depois a Blanche de Harcourt.

– Essa garota está sob seus cuidados, mileide. Ela costuma ser, assim, atrevida?

– Receio que sim, mas não há mal nisso, creio.

– Claro – o médico foi forçado a concordar, fazendo que sim com a cabeça. – Muito bem, eu a instruirei, e se você salvá-lo de ter o rosto parecido a uma ameixa velha aberta, eu levarei o crédito, é claro.

– E seu eu falhar, senhor, declararei que fiz tudo sem o seu conhecimento – Christiana respondeu.

– Então estamos de acordo. E se ele viver, espero que esse rapaz perceba quão abençoado é: ter um rei e uma bela jovem preocupando-se tanto com seu bem-estar.

Com o passar das horas, Christiana observou o médico costurar os ferimentos como se fechasse um bucho de porco para ser assado. Era um trabalho cruel, apesar de eficiente. Quando o médico do rei terminou, ela ficou sozinha com o boticário dele, e ajudou-o a administrar um pingo de cicuta e mandrágora entre os lábios do arqueiro, para aliviar a dor.

Depois, com muito cuidado, ela fechou o rasgo do rosto. A bílis subiu-lhe pela garganta, mas ela a cuspiu no piso de junco e firmou as mãos. Depois, lentamente, com bastante determinação, enfiou a agulha na pele dele.

Após cuidar dos ferimentos de Blackstone, Mestre Jordan retornou ao exército inglês, que se preparava para o cerco a Calais. Sir Godfrey arranjara uma escolta armada para trazer seu sobrinho, Jean de Harcourt, junto com a família e alguns homens de sua comitiva que sobreviveram à matança, até o Castelo de Harcourt,

onde os familiares permaneciam seguros atrás de suas paredes. A honra e a hospitalidade francesas ditavam que o Conde Jean de Harcourt, o filho sobrevivente e então chefe da família, fizesse com que a casa toda tratasse Thomas Blackstone com respeito. Não era mais um arqueiro vindo de um condado da Inglaterra; fora promovido a cavaleiro pelo filho do rei. A honra conferida pela mão real pela coragem no campo de batalha possuía *status* maior do que qualquer outro mérito. Sir Godfrey, tio de Jean, podia ter lutado contra a própria família quando se colocou ao lado dos ingleses, mas a lealdade do rapaz ao próprio pai na Batalha de Crécy fora simplesmente esta: honra pelo pai.

– Por que o rapaz não repousa mais perto de nós? – perguntou Harcourt um mês depois. Seus próprios ferimentos saravam, e ele podia andar sem apoio.

A esposa tirou os olhos do bordado; os cachorros, que descansavam ao lado do fogo, correram para o dono quando este entrou no grande salão. Ele os ignorou e repetiu a pergunta, notando-se sua irritação, antes mesmo que ela pudesse responder.

– Ele é um homem comum, Jean. Não podemos tê-lo em nossa companhia – ela disse rapidamente, não querendo arriscar deixá-lo incomodado.

– Sou o mestre desta casa, e chefe desta família, Blanche. Fui encarregado do bem-estar desse rapaz por Godfrey, e ele, por sua vez, pelo rei inglês. Onde está ele?

– Na torre norte, milorde.

Harcourt deu meia-volta e não fechou as grandes portas após passar. Que a brisa varresse a sala toda. O mês de agosto já havia chegado.

Jean de Harcourt passou mancando pelo corredor que levava ao quarto frio onde Blackstone fora alojado. Estava vazio, a cama jamais fora usada antes. Ele espiou pela janela estreita. No pátio, Christiana andava lentamente ao lado de um cavalo, guiando o animal pelo cabresto. Do outro lado, Blackstone agarrava-se às rédeas com uma das mãos, para sustentar seu mancar dolorido, forçando a perna machucada a suportar mais peso a cada dia. Em menos de um mês, Blackstone enfrentara a dor dos ferimentos e puniu-se para retomar as forças.

Harcourt notou a espada que chegara junto ao arqueiro ferido encostada na parede e a pegou, sentindo seu equilíbrio refinado sobre a palma, o peso delicado puxando-a um pouco para baixo. Era o trabalho de um mestre ferreiro e nas mãos adequadas podia matar e mutilar com uma eficiência de admirar qualquer homem de armas. Ele a brandiu rapidamente para os lados, fazendo o gume cortar o ar. Era uma das melhores espadas que já vira, e, apesar do fato de ser

uma arma que somente um cavaleiro rico e bem-sucedido podia adquirir, Sir Godfrey dissera-lhe que Blackstone a tomara de um cavaleiro desses e o matara com ela – um ato brutal, imperdoável, visto que ele podia ter exigido resgate, embora nenhuma das partes o tivesse oferecido em Crécy. Uma chance de riqueza negada, independentemente das consequências. E, entretanto, ele sabia que, antes da grande batalha, quando Sir Godfrey visitara o castelo em Noyelles, Blackstone salvara a vida de um jovem pajem e tentara ajudar o mestre ferido do garoto. Uma contradição admirável: compaixão e brutalidade raramente caminhavam juntas. E então o arqueiro bárbaro estava sob cuidado de sua família. Ele devolveu a espada e olhou para onde Christiana virava o cavalo. Conseguiu, então, ver Blackstone com mais clareza; havia uma obstinação sombria evidente nas feições machucadas do rapaz; o vergão do ferimento descoloria vividamente metade do rosto dele, numa massa preta e amarela. Os cabelos do rapaz estavam emaranhados de suor devido ao esforço de arrastar-se. Vestia apenas uma camisa comprida; as bandagens na perna machucada ainda impediam que usasse calças ou ceroulas. Ele ouviu a voz de Christiana ecoando pelo pátio.

– Basta por hoje, Thomas. Deve descansar agora e me deixar ver sua perna.

Blackstone fez que não.

– Mais uma vez. Ida e volta. O pátio todo – ele disse. Apesar dos protestos da moça, Blackstone compeliu ao cavalo que andasse e, apesar da dor, manteve-se calado, forçando os músculos da perna a desafiar o ferimento.

Harcourt fitava o rapaz, um dos milhares que enfrentara em Crécy; os arqueiros ingleses que fizeram chover morte sobre ele e os melhores da cavalaria francesa. A matança selvagem dos cavaleiros feridos, derrubados pela saraivada, ficou famosa, e ao pensar nas táticas brutais do inimigo, o rapaz sentiu o estômago revirar. Seus ferimentos não eram nada se comparados aos de Blackstone, mas haviam-no confinado no quarto por semanas, até que se sentisse forte o bastante para aparecer perante a família e seus dependentes.

Era hora de conhecer seu inimigo.

Blackstone sentou-se num pequeno barril nos estábulos. Christiana desatou a bandagem grossa da perna dele. De uma sacola de linho ela retirou um rolo de tecido estreito e um pote de pomada. O rasgo comprido que percorria a coxa estava enrugado e soltava pus nos pontos em que os nós o mantinham fechado. Usando uma faquinha, ela começou a cutucar o ferimento, subitamente alarmada ao senti-lo puxar a perna.

– Desculpe – ela sussurrou, pondo a mão na dele.

Ele sorriu.

– Não foi nada. Está sensível ali onde ainda é carne viva, só isso. Está sarando; é isso que importa.

Uma sombra apareceu à porta. Christiana correu para levantar-se quando viu Harcourt parado ali.

– Milorde – ela disse.

Blackstone não se moveu por um instante, depois se forçou a ficar em pé, sem tirar os olhos do homem que poderia muito bem determinar sua vida e sua morte.

– Christiana, outros servos podem cuidar disso – disse Harcourt.

– É delicado, milorde. Prefiro fazer eu mesma. Tenho que pinçar os vermes do ferimento.

Harcourt conhecia o uso de vermes para sugar a carne envenenada, mas jamais tomara partido de tal procedimento.

– Faz isso todos os dias?

Christiana fez que sim.

– Os servos trazem coelhos e corvos; tiram as tripas e, quando elas ficam infestadas, pegamos os vermes e colocamo-los no ferimento de Thomas. Isso e a pomada que o boticário de Mestre Jordan nos deixou.

Harcourt assentiu, mas durante todo o inquérito com a moça, não tirara os olhos de Blackstone. Este via um homem de cerca de 30 anos, rijo, com um corpo tenso, nodoso. Devia ser uns doze ou quinze centímetros mais baixo, e focos grisalhos destacavam-se na barba; os cabelos desciam até o pescoço, envolvendo-o. As mãos ostentavam linhas brancas cruzadas, cicatrizes antigas de guerra. Ele mancava, apoiando-se numa bengala enrugada, mas, apesar disso, Blackstone reparou, não havia diminuído em estatura.

– Faça isso depois – ele disse a Christiana.

Por um momento, a moça hesitou, vendo os homens em oposição, Harcourt o mais forte deles, com menos ferimentos e uma faca no cinto. Ela deu meia-volta sem nem olhar para Blackstone. Harcourt esperou por um momento, depois se ajeitou num saco de grãos.

– Sou Jean, quinto conde de Harcourt e chefe desta família.

Estar na presença de uma família nobre demandava cortesia comum e, embora Blackstone houvesse sido tornado cavaleiro por ninguém menos do que o Príncipe de Gales no campo de batalha, com a bênção de Edward, Rei da Inglaterra, Jean de Harcourt era seu superior. O braço quebrado do arqueiro ainda estava atado, e a perna machucada que Christiana havia exposto, Harcourt pensou consigo, devia causar dor o tempo todo. Blackstone estendeu o braço

bom e firmou-se sobre o barril. Depois, lentamente forçou seu corpo a obedecer sua vontade, baixando o joelho saudável para o solo.

Harcourt observou o sacrifício da dor e, quando o joelho do arqueiro estava a meio caminho do chão, ele ergueu a mão, incapaz de permitir o sofrimento desnecessário de um bravo guerreiro.

– Basta. Não é necessário.

Blackstone ignorou-o, lutou contra a agonia do ferimento e descansou o joelho no solo, depois ergueu a cabeça para olhar diretamente para Harcourt.

– Senhor – disse ele, e levantou-se. O ferimento passou a verter sangue por entre o pus amarelo.

Harcourt reconheceu o esforço, constatando estar correta a descrição feita do corajoso arqueiro por Sir Godfrey – Blackstone não desistia. O nobre apontou para o barril, para que o arqueiro se sentasse.

Olhava para baixo nas camadas da sociedade, para uma classe com a qual tivera pouco contato além de bater, perdoar ou matar. E muito pouco da segunda opção. Era necessário manter as pessoas de classe inferior em seu lugar. Mas havia homens que lutavam e garantiam favores e fortuna, e estes mereciam respeito. E Blackstone estava no caminho de garantir um lugar de respeito.

– O rei Edward ainda está pondo cerco em Calais. A guerra prossegue – disse o nobre.

– Sem nós, milorde – Blackstone respondeu.

– Sem nós – concordou Harcourt. – Ouvi dizer que você sabe ler.

– Sei.

– Como?

– Minha mãe era francesa. Ela ensinou ao meu pai, que me ensinou.

– Qual o nome dela?

– Annie.

– Não é francês.

– Era como meu pai a chamava. Era Anelet, na verdade.

– Está viva?

– Não.

– E seu pai?

– Morto.

– Arqueiro?

– O melhor. Herdei seu arco de guerra.

– Ele morreu em batalha?

– Numa pedreira, na época em que eu era aprendiz de ferreiro e homem livre.

– E sabe escrever?

– Um pouco.

– Não é muito bárbaro, então.

– O bastante para cumprir o prometido para meu suserano e matar os inimigos de meu rei – disse Blackstone, incapaz de impedir um tom desrespeitoso ao responder.

Harcourt ignorou-o.

– Sim. Tenho experiência com a beligerância dos ingleses. Quem é seu suserano?

– Sir Gilbert Killbere.

– Está vivo?

– Morreu embaixo de um cavalo de guerra em Crécy.

– Não o conheci.

– Se o tivesse enfrentado na batalha, conheceria.

– Você é impertinente.

– Já me disseram isso, milorde.

Harcourt via que Blackstone não demonstrava sinal algum de medo, e seu tamanho e força desafiavam sua idade.

– O que devo fazer com você, jovem Thomas Blackstone?

– Não sei, milorde, mas meus ferimentos estão sarando, e em mais um mês estarei forte o bastante para voltar ao exército.

– Só partirá quando eu mandar – disse Harcourt. – Christiana já lhe disse por que está aqui? Por que o rei inglês ordenou ao marechal do exército, meu tio, que lutou por ele contra a própria família, que trouxesse você aqui?

– Só consigo pensar que meu rei quis irritar Sir Godfrey – disse Blackstone.

Harcourt caiu no riso.

– Sim, isso é bem possível.

Ele cutucou um montinho de cocô de cavalo com a bengala. Quão amigável ele deveria ser com aquele arqueiro atrevido? Sua incerteza o surpreendeu. O homem sentado à sua frente exibia um contraste que ele jamais notara num camponês. Talvez fosse a influência da educação da mãe.

– A verdade em questão é que a família Harcourt está há muito divida em sua lealdade. Alguns de meus ancestrais foram à Inglaterra junto de William da Normandia. Ainda possuem terras lá. Primos distantes, melhor ficar assim. Nós, normandos, não aceitamos bem autoridade que não respeitamos. Talvez você e eu tenhamos isso em comum. Meu pai morreu em Crécy por causa de sua lealdade ao rei Philip. Eu servi em lealdade ao meu pai, mas agora que ele está morto e eu sou o chefe da família, escolherei onde depositar minha lealdade. O rei inglês tomará o trono da França, e minha família fará parte de seu sucesso. É por isso que você está aqui, por isso que Sir Godfrey foi encarregado pelo futuro

rei de salvar você. Do contrário, ele o teria deixado no canto de uma estrada para apodrecer num buraco ou morrer devido aos ferimentos. Não importa quão bem você lutou para defender seu príncipe. – Harcourt levantou-se. – E ele teria tomado aquela sua bela espada para si. – Ele foi até a porta, mas voltou-se, acrescentando: – Se pudesse, teria a arrancado da sua mão.

O nobre saiu mancando, deixando Blackstone ainda em dúvida quanto ao seu futuro imediato.

Christiana esperou até ver o senhor e esposo de sua guardiã mancando de volta ao salão principal. Não perguntou ao arqueiro o que fora dito, ele o faria quando achasse conveniente, como sempre fazia, oferecendo breves lampejos da culpa que consumia seu coração pela morte do irmão e o sentimento de necessidade de voltar para perto dos homens ao lado dos quais ele lutara. Aos poucos, ela aprendia mais sobre Thomas Blackstone. Passava as noites observando-o, vendo cada pesadelo revelando mais demônios, e a cada dia devolvê-los à jaula. Ela envolveu o machucado e ajudou o rapaz a voltar à torre norte, onde um servo esperava por eles.

O homem adiantou-se e inclinou os ombros.

– Mileide, fui instruído por meu senhor a levar Sir Thomas para seus novos aposentos.

Foi a primeira vez que Blackstone ouviu alguém se referir a ele com termos nobres.

– Qual é seu nome? – perguntou.

– Marcel, Sir Thomas.

Blackstone fitou o quarto vazio. A espada não estava ali.

– Quem pegou minha espada?

– Lord de Harcourt a levou – respondeu o servo.

Não havia motivo para mais perguntas. Blackstone deixou que o servo o ajudasse ao longo dos corredores. Conforme passavam por cada janela que mostrava as dependências do castelo, envolvidas pelas grandes paredes, e as florestas além, as águas reluzentes do fosso foram como um espelho para sua memória, refletindo eventos que o trouxeram ali, ao local onde ele salvara Christiana pela primeira vez. Que o destino estava para dar um nó em sua vida envolvendo-a com aquela família, ele não fazia ideia, mas a garota ainda estava ao lado dele e o inimigo ainda não havia lhe cortado a garganta. Ele aceitaria todo o conforto que podia disso, e então resgataria sua força para determinar seu destino. E torcia para que ela pudesse fazer parte dele.

O quarto, comparado aos aposentos similares a uma cela da torre norte, era claro e espaçoso. Fogo ardia na lareira, troncos e gravetos repousavam no centro, e havia uma latrina a alguns passos no corredor. Sobre uma mesa, uma tigela e

um jarro de água, com tecido de linho, para que pudesse se lavar. Um banco jazia embaixo de uma janela, onde era possível admirar o sul banhado pelo sol cálido do outono. Uma colcha de peles de animais costuradas repousava sobre a cama, arrumada com lençóis. O quarto fora preparado como se fosse ficar ali um convidado, contando, ainda, com roupas limpas e uma longa camisa larga para acomodar a perna enfaixada e machucada do arqueiro. A espada estava deitada no peitoril, refletindo a luz do sol pelo aço polido. Christiana escapou por debaixo do braço dele quando ele a puxou para perto e lhe beijou os cabelos.

Ele estava a salvo.

Por ora.

Pelas semanas seguintes, Jean de Harcourt estendeu seu treinamento para recobrar as forças, podendo assim rivalizar, cada dia mais, o progresso de Blackstone. Ao ver o arqueiro deixar para trás a dor desafiadora, tornou-se quase uma competição na mente de Harcourt estar à frente do jovem rapaz.

Cada um suava em seus esforços, e Harcourt sabia que a juventude e toda uma vida de trabalho pesado conferiam vantagem ao jovem cavaleiro. Com o passar dos dias, ele aprendia mais sobre sua carga. Blackstone logo teria força suficiente para aprender a lutar como um homem de honra fazia, espada em punho, não matando os oponentes a distância com um arco. Cada homem se esforçava porque estava determinado a superar o outro.

Pouco foi dito entre nobre e camponês até que Harcourt se sentiu pronto para estender-lhe a cortesia. Então, lenta, embora confiantemente, ele trouxe o arqueiro para dentro de seu mundo. Ao final da sessão de exercícios diária, Harcourt mandava trazer vinho, pão e queijo para o pátio. Ele e Blackstone limpavam o suor dos corpos numa cuba de água gelada, depois Christiana era convocada para cuidar dos ferimentos de Blackstone. Harcourt notava que o arqueiro estava com a razão: o mês se passara mais rapidamente do que imaginava, e ele via que Blackstone logo estaria pronto para partir por vontade própria – se lhe fosse permitido.

Mas o nobre não o permitiria. Ainda não. Não antes que seu tio, Godfrey de Harcourt, o sancionasse. Ele precisava alcançar o menino de vida dura, encontrar um jeito de ganhar a confiança dele, e torcer para que o rapaz tivesse noção suficiente para saber que a honra a ele conferida era mais do que um reflexo da vontade do rei, era uma honra divina. Não havia muito em comum entre os dois, a não ser o conflito do qual participaram. Isso devia bastar para o intento.

– Eu estava na terceira divisão, com minha família e tropas – Harcourt disse,

ao tirar a camisa e dar as costas a um servo, para que as secasse. Outro dependente foi ajudar Blackstone a livrar-se da camisa encharcada, mas foi recusado. O arqueiro preferia lutar com o braço que ainda estava dobrado, preso por tiras de madeira e couro que havia sido molhado e secara numa amarração firme, envolvendo os ossos quebrados.

– Não vi essa divisão – disse Blackstone. – Tudo o que vi foram milhares de homens de armadura vindo contra nós como se cavalgassem saídos do inferno. O chão tremeu sob nossos pés e tudo em que podíamos pensar era matar vocês antes que chegassem até nós, porque senão estaríamos à sua mercê, e não haveria misericórdia nesse dia.

Harcourt concordou, vendo o servo encher duas taças de vinho e dar uma ao mestre. Ele estava prestes a servir outra para Blackstone, quando Harcourt lhe ofereceu a sua própria. O arqueiro reconheceu o pequeno gesto de – o quê? Amizade? Nas semanas anteriores, os dois haviam se falado muito pouco; ninguém admitia a dor, ninguém acusava ninguém de matar no campo de batalha. O servo afastou-se.

O homem mais velho deu um gole no vinho.

– Suas flechas nos metiam o maior medo. Derrubaram-nos como árvores. Levei uma das suas setas na lateral do corpo, desviada pela armadura; outra na minha perna, que me fincou na sela. Nosso movimento fez os cavalos colidirem e quebrarem a flecha. Meu escudeiro me libertou do cavalo quando caí. Ele morreu assim que me levou para um local seguro. Ainda escuto os gritos dos cavalos e dos homens. Rezei para que Deus mandasse uma bola de fogo dos céus para varrer vocês, arqueiros, da face da Terra. Odiava sua chacina. Odiava todos vocês. Destruíram tudo o que eu conhecia. – Ele falava sem ódio nem recriminação, mas de uma experiência que seria impossível contar a alguém que não tivesse sobrevivido ao massacre. De todos os confinados no castelo, somente ele e Blackstone compartilhavam a lembrança da batalha. – Você nunca vai conseguir usar um arco de novo, não com esse braço – disse Harcourt. – Terá que aprender a lutar como um homem de armas. E ainda hei de vê-lo tocar aquela espada.

A verdade do que Harcourt falara sobre o ferimento do arqueiro doera mais do que o braço quebrado em si. Esses momentos finais da batalha estavam tão vívidos como o pôr do sol nos campos nebulosos de sua terra natal, conjurando fantasmas e demônios da mortalha mágica.

– Aquela espada matou o meu irmão – Blackstone disse, e engoliu um bocado de vinho. – Matei o homem que fez isso. Se eu a pegar nas mãos, não vou poder conter a violência que vai tentar explodir de dentro de mim.

– Então terá vantagem sobre muitos. Tudo o que tem de fazer é adquirir

habilidade para usá-la apropriadamente. Quando estiver pronto, ensinarei.

– Por quê? – Blackstone perguntou.

– Porque é meu dever – Harcourt respondeu. – Algo que você precisa aprender a entender e honrar.

– Questiona minha honra, milorde? – Blackstone perguntou, um jorro de raiva a subir-lhe pelo pescoço.

– Não. Mas você não é mais aquilo que foi, Thomas. Não será útil para ninguém a não ser que possa ser treinado. Acha que o exército inglês aceitaria de volta um arqueiro que não consegue puxar um cordão de arco, um homem que não tem habilidade de luta? Teria sorte se o deixassem carregar as mulas de suprimento. Você não é burro, Thomas, é um guerreiro. Aprenda a lutar.

Harcourt enxaguou a boca e cuspiu o vinho. O servo recolheu a camisa e a colocou sobre os ombros do mestre, como uma capa, para protegê-lo do frio e da umidade do entardecer de outono.

Blackstone observou-os por mais um instante, depois levou uma faca às amarras de couro que seguravam as talas. Ele esfregou o sangue de volta aos músculos, que haviam descansado durante os meses anteriores, e testou o braço esticado. Apertou os dedos, fechando o punho, e olhou pelo campo de visão por sobre o braço do arco. Quando a rigidez aliviou, ele tentou virar o pulso, como se portasse um arco. Os ossos haviam se unido incorretamente, e o antebraço resistiu aos esforços dele. Ficara uma dobra permanente no braço. Harcourt tinha razão, ele nunca mais seria um arqueiro, mas talvez Deus lhe dera um membro torto para poder carregar um escudo.

Os dedos do ar noturno pinicaram-lhe a pele conforme ele foi andando, sem apoio, mancando muito sutilmente, de volta a seu quarto e Christiana, que esperava na janela.

A Condessa Blanche de Harcourt sentou-se à mesa drapeada com linho e lavou as mãos na tigela de prata oferecida por um servo, enquanto outro cortava e servia comida no prato dela. Secou as mãos na toalha, concentrando-se no ato, resolvendo mentalmente como responder à pergunta que o marido lhe fizera alguns momentos antes.

– Ela está dormindo na cama dele? – Harcourt tornou a perguntar.

– Jean, como eu haveria de saber?

– Ela está sob nossa guarda e sob sua responsabilidade. Está?

– Acho – disse a condessa com cuidado – que existe certa afeição entre eles.

– Debaixo das cobertas?

Blanche baixou o pedaço de carne no garfo sobre o prato, e limpou a boca com delicadeza antes de beber da taça de vinho.

– Ele não dorme na cama. Ela me conta que ele coloca um cobertor e um lençol sobre o chão. Não quer conforto. Ademais, suspeito que os ferimentos o impeçam de… – Ela deixou seus pensamentos não ditos, e colocou outro pedaço de carne na boca. Mastigar era uma forma conveniente de escapar do exame minucioso do marido.

– Os ferimentos não impediriam. Experiência própria. – Ele pôs o prato de lado e pegou o vinho. – Fale com ela. Não tolerarei o filho bastardo de um bárbaro inglês concebido nesta casa. Fui claro? Eles o farão muito em breve, sem dúvida; ela é uma moça determinada, que já devia estar casada a uma hora dessa. Se o pai dela sobreviver à guerra, pode tomar de volta a responsabilidade. Até lá, ela é nosso fardo.

– Não é fardo algum. Mostrou ter ânimo e coragem – Blanche respondeu em defesa a Christiana.

– E atração por um inglês como uma flecha pelo arco. Ele precisa ser educado, Blanche. Posso ensiná-lo a lutar, mas você e Christiana precisam ensinar-lhe boas maneiras. Ele devia poder se sentar à mesa de modo civilizado.

– Ele é um homem comum. Nem queria que ficasse aqui, para começo de conversa – ela disse, abandonando a comida; perdera o apetite.

– Não importa. Ele está aqui. Fale com Christiana e resolva como vão fazer isso. Ele é sua responsabilidade.

Harcourt saiu da mesa, jogou a carne de seu prato aos cachorros e deixou a esposa lidando, à sua maneira, com a raiva e a frustração crescentes. Como ela o faria, não importava. Ele não tinha nada a ver com o processo.

Os crânios apodrecidos ainda estavam empalados nos postes além dos portões do Castelo de Harcourt, sem maxilares, de boca aberta para as nuvens que envolviam a face da lua. A carne havia apodrecido, e os ossos, sido limpos, mas ainda serviam como aviso para qualquer desertor ou grupo de pilhagem que considerasse atacar o forte. A cada novo dia, conforme o amanhecer engatinhava por sobre a floresta, Blackstone podia vê-los de sua janela, com seu olhar sem vida, guardiões da trilha da mata que podia levá-lo à liberdade. Os dias passavam, e a sensação de confinamento ficava mais e mais forte. Christiana recusara gentilmente os avanços atabalhoados dele. Não o fizera por raiva, mas, embora a rejeição da moça fosse gentil, isso apenas aumentava o sentimento de perda e solidão. O silêncio e a escuridão das noites seguintes começaram a

sufocar as ideias de Blackstone. O interior francês não mostrava luzes de vilarejos próximos e, assim que dava a Hora do Angelus, os moradores retiravam-se para a capela privada onde recitavam orações em honra da Encarnação do Senhor; e isso até que soava o toque de recolher, quando se retiravam todos ao salão principal e aos aposentos. Blackstone andava em conflito com seus sentimentos para com o Deus que o salvara, mas destruíra seu irmão. O medalhão que trazia ao pescoço dava mais conforto, e o toque de Arianrhod em seus lábios era a maior bênção que podia oferecer em gratidão.

Nas horas entre o toque dos sinos, Blackstone andava pelas paredes, ignorando as sentinelas e os cumprimentos murmurados ao inimigo que passara a viver entre eles. A liberdade do vento noturno o acalmava, mas faziam-no lembrar da vida nas florestas selvagens e nos pastos amplos, junto do irmão, antes que o assassinato os mandasse à guerra.

A cada dia que passava, o corpo dele ficava mais forte, mas sua mente começava a se autoatormentar. Aqueles crânios eram seus carcereiros. Ele sentia falta da amizade dos arqueiros, com suas piadas grosseiras e risadas, homens que aceitaram ele e o irmão dentro do grupo. Havia um desespero nele de ouvir uma voz inglesa falando um cumprimento ou insulto, a desafiá-lo a uma briga de bêbados após gastar a última moeda com puta ou bebida numa taverna. Blackstone ansiava por ouvir o dialeto desconexo de um fabricante de flechas, os palavrões de um ferreiro ou os comandos rudes de seu suserano, Sir Gilbert Killbere. Ele havia perdido tudo isso tão certamente quanto a névoa matinal era arrancada dos topos das árvores. Havia apenas um jeito de livrar-se desses venenosos tormentos – transpirando-os.

Blackstone inclinou-se sobre a cintura e pegou um pedaço de rocha quebrada que havia soltado da parede danificada. Trouxe o peso para cima, testando a perna machucada, forçando o braço torto a cumprir com sua parte. Sentiu uma fisgada na perna, mas era apenas o ferimento protestando devido ao esforço. A perna aguentaria, e, se ele fosse cuidadoso, não abriria a lesão. Os pontos enegrecidos mantinham o rasgão fechado como os lábios selados de um herege. O braço esquerdo estava fraco se comparado à força que tinha antes da espada alemã esmagar-lhe os ossos. Mas o braço torto estava apenas um pouco mudado e permitiria que ele usasse uma faca ou segurasse um escudo numa luta corpo a corpo. Isso se ele continuasse preso dentro das paredes do Castelo de Harcourt e aprendesse a lutar. Tinha de ignorar a tentação que o cutucava como um pássaro retornando ao ninho, de voltar para descobrir quem havia sobrevivido à grande batalha.

E Christiana? Durante as semanas anteriores, ele sentira as mãos dela sobre seu corpo quando ela cuidava dos ferimentos como uma serva faria pelo mestre,

exceto por ela ter servos próprios – poderia tranquilamente ter passado essa tarefa para um deles. Mas não o fizera. Cuidava dele com base em algo que era mais do que dever ou bondade, e a fragrância da proximidade o atormentava de um modo que ele não conseguia descrever. Seus instintos básicos haviam sido atenuados pela proibição do pai, para que jamais trouxesse vergonha à aliança dele com Lord Marldon, que lhe concedera liberdade e sua amizade. Mas essa obrigação de família fora quebrada, e o gosto amargo da vergonha ainda permanecia. A memória o perturbava mais insistentemente do que a dor da perna machucada. Era impossível acobertar a verdade do que o irmão, Richard, fizera. Se ao menos a lembrança pudesse ser enterrada como o corpo mutilado do irmão em uma sepultura profunda – corpo este que já não devia passar de uma carcaça descoberta entre os milhares no campo de Batalha de Crécy. Blackstone fez uma promessa silenciosa: não deixaria que esses representantes da recriminação o torturassem mais. A verdade era simples: Thomas Blackstone sobrevivera, seus ferimentos estavam sarando, sua força, retornando. Sua capacidade de infligir violência contra o inimigo diminuíra, mas não por muito tempo. Um homem que um dia havia sido um adversário, e que, secretamente, podia ser ainda, estendera-lhe a mão enquanto mentor para servir à ordem do rei inglês. Conforme as águas escuras de sua mente começaram a clarear, ele percebeu que um plano estava emergindo, mostrando-lhe o caminho para o futuro. Tudo o que lhe acontecera até este momento serviria como fonte de força, um forte construído a pedra que jamais seria infiltrado pela contrição ou pelo arrependimento. Ele aprenderia a lutar como homem de armas e merecera a honra que lhe fora concedida.

Blackstone brandiu o martelo de ferreiro e começou a construir a parede.

Os meses derradeiros de outono viram o exército do rei inglês ainda cercando Calais sob a determinação ferrenha de Edward de conquistar o porto que lhe garantira o acesso à França. A maré morta varria ao redor do terreno pantanoso que envolvia a cidade, e os ingleses eram constantemente forçados a mover suas barracas e carroças de um lado a outro, assim, pouco progresso era feito apesar dos esforços do rei. O cerco seria um processo longo e penoso.

A colheita, fraca nesse ano devido ao clima úmido incomum e ao inverno rigoroso, somaram-se à miséria francesa, de forma que o exército inglês forrageava todo canto para se alimentar. As notícias demoravam para alcançar o castelo escondido no interior da Normandia, mas cavaleiros que recuavam, abandonando o rei francês, passavam por ali e partilhavam as novidades ao

retornar a suas terras para tentar proteger suas famílias de elementos do exército francês que controlavam quase todo o sudoeste da França. Somente a estrada de Bordeaux para o norte, Paris, permanecia sob o domínio francês. Se Edward pudesse fechar as passagens ao norte e ao sul e tomar Paris, a coroa seria dele, sem dúvida. Mas não nesse ano. Ainda havia senhores franceses que passaram para o lado de Edward, aceitando pagamento por sua lealdade, mesmo perante os corpos de nobres e príncipes caídos em Crécy sendo desenterrados de onde foram sepultados na abadia cisterciense de Valloires, onde Edward os enterrara logo após a grande batalha. O rei Philip conduzira funerais oficiais para eles e honrara suas famílias – mas aquelas eram terras sem senhores, e a desordem e o descontentamento varreram muitos dos nobres franceses com a amargura do vento norte.

Jean de Harcourt brandiu a espada num amplo arco para o alto. A dor perpassou o corpo de Blackstone conforme ele se esquivou para trás.

– Você é um arqueiro, foi treinado para se firmar sobre a perna esquerda, e se fizer isso vou arrancá-la com um único golpe de espada. Proteja suas pernas com uma defesa baixa. Até um garoto de 10 anos treinando para ser escudeiro poderia matá-lo. Não precisa ser uma droga de parede de resistência; use os pés! Passe e desvie! Bloqueie no alto, ataque para baixo, dê um passo atrás. Quantas vezes mais preciso falar? De novo! – gritava Harcourt.

Blackstone balançou a cabeça na tentativa de clarear a agonia do golpe sem corte que Jean de Harcourt acabara de aplicar-lhe na perna machucada. O rapaz recobrou a posição, mantendo o braço torto à frente, estendendo o pequeno broquel, seu único aparato de defesa. Seu tutor usava espadas de treinamento de madeira, do tipo que era dado a pajens e escudeiros para aprenderem as lições. Mas em dois ataques ligeiros, Harcourt quase aleijara Blackstone. Ele sentiu o sangue brotando sob as bandagens da perna e soube que o líquido logo escaparia pelas frestas que ele conseguira tapar naquela manhã. Nenhum deles se protegia da garoa que enrijecia os membros, usavam apenas uma camisa de linha e túnica de couro sem mangas. O frio segurava as suas pernas, minando sua agilidade, tornando-o vulnerável aos ataques especiais de Harcourt. O francês nem havia começado a suar após demonstrar todas as posições de ataque e defesa para Blackstone pela décima vez naquela manhã. Ele passara a aplicar a lição do modo mais básico e brutal, sem causar ferimento sério. O dia já parecia duro e árduo, e Blackstone perguntava-se se a perna machucada suportaria o esforço.

Foi a raiva do rapaz que o manteve em pé. Ele ergueu a espada e atacou

Harcourt, que quase não se mexeu. Com o peso projetado nos calcanhares, ele deu um passo curto para o lado e atingiu Blackstone na orelha com a espada sem gume. O ataque pungente o fez girar com rapidez para trás, fazendo um arco; dessa vez, a leveza do movimento e o peso de seu corpo por trás da espada pegaram Harcourt bem no meio do braço. Deu para ver que ele marcara um ponto dolorido, em retaliação, contra o tutor.

Os dois homens ficaram a alguns metros um do outro, cada um esperando para ver quem faria o movimento seguinte. Harcourt baixou a guarda.

– Você cometeu três erros. O primeiro foi avançar com a perna esquerda sem cobrir-se adequadamente com a espada. O segundo, lançar-se, perdendo o equilíbrio. Suas reações foram boas, e o contra-ataque deu sorte. Mas continuarei machucando-o até que aprenda.

– Você disse três erros – disse Blackstone, os olhos piscando sob a chuva gelada.

Assim que terminou de falar, Harcourt já estava em cima dele, o braço esquerdo totalmente estendido, a frente do broquel virada para fora, pronta para receber outro golpe que Blackstone poderia ter dado, mas não deu. Não teve tempo. A espada girou de um lado a outro, de cima a baixo como uma semente de sicômoro maluca. A força do ataque desequilibrou Blackstone, e ele caiu com tudo no solo. Harcourt parou em cima dele, enquanto ele olhava para a ponta da espada, compreendendo que, se estivessem num combate de verdade, não seria uma espada de treinamento de madeira parada perto de sua garganta, mas aço afiado que lhe mergulharia pela goela.

– Três. Eu já disse, Thomas: nunca fique parado, esperando que seu oponente faça um movimento decisivo. Sempre ataque.

Blackstone vira que Harcourt o atacara com uma eficiência impiedosa resultante de anos de treinamento. Seu coração afundou: que chance ele teria de chegar perto de tamanha habilidade?

– Basta por hoje – disse Harcourt. – Vá ver essa perna.

Ele se afastou sem oferecer ajuda para Blackstone se levantar. Seria difícil, mas Harcourt sabia que o rapaz não iria querer de outro modo. O inglês possuía um orgulho teimoso do tipo que derrotava o maior exército do reino cristão.

Blanche de Harcourt observou seu senhor e esposo tirando as roupas molhadas. As cicatrizes saravam bem, e ele começava a recobrar o peso que perdera durante a convalescença. Quando o viu totalmente nu, ficou evidente um tapete

de machucados das batalhas travadas. Àquela altura, era capaz de tocar quase toda marca e cicatriz e saber qual conflito fora o responsável. E se ela se sentia assim com relação ao marido, por que Christiana não poderia sentir o mesmo por Thomas Blackstone? Ela vinha observando a garota e mandara que os servos contassem caso ela fosse à noite para o quarto do arqueiro. Os empregados deslizavam pelos corredores, entre quaisquer cantos e portas que encontravam, e ela garantiu que um dos mais confiáveis arrancaria o lençol da cama de Blackstone toda semana para checar se havia sinais de sangue de uma virgem. O servo relatava sempre que o rapaz continuava a dormir no chão e que o lençol não apresentava nem vincos feitos pelo corpo dele. Blanche imaginava se Christiana percebera que estava sendo vigiada sempre que não estavam juntas. Cada cavalariço, servo e ajudante de cozinha recebera ordens de relatar o que viam sobre o que acontecia entre Christiana e Blackstone. Mas até então não apareceram indícios de intimidade.

Blanche esperou que Jean entrasse na água morna da banheira de madeira. O desejo que sentia pelo marido era algo que sempre manuseava com cuidado, não querendo ofendê-lo com sua vontade. Deslizou as vestes do corpo, passando por ele, com a luz vinda da janela atrás de si, suavizando-lhe as formas, tornando-a ainda mais desejável. Ela compreendeu pela expressão dele que a imagem sensual que oferecera não seria rejeitada. Blanche entrou na água morna e montou sobre ele. A luxúria precisava ser controlada para permitir o prazer total de sua realização.

Ao senti-lo penetrando-a, as mãos e a boca dele incapazes de resistir aos seios, ela soube que não demoraria para Christiana se deitar com Blackstone. As mulheres tinham pouco controle sobre suas vidas, mas a cama de um homem podia alterar tamanha falta de influência. E ela, Condessa Blanche de Harcourt et Ponthieu, uma mulher de posição por direito, certificara-se de que sua protegida fosse versada nessas maneiras de trazer tal influência para a própria vida.

O homem de palha havia sido costurado com estopa, e ficava suspenso como um reles ladrão, as pernas afuniladas, amarrado por corda a estacas fincadas no chão. Blackstone roçava a terra debaixo dos pés para ajudar nas passadas, e focava a vítima indefesa. Os primeiros flocos de neve haviam caído, mas a potência total do inverno ainda estava para cair sobre eles. Dia após dia, repetidas vezes, Harcourt repetira as diversas posições que um espadachim tinha de assumir ao preparar-se para enfrentar o inimigo. Os hematomas e os vergões de Blackstone eram testemunha dessas lições espancadas sobre ele. Naquele dia,

ele estava sozinho no pátio de treinamento, enquanto os habitantes do castelo cuidavam de seus assuntos; o aumento nas atividades anunciava a chegada esperada de visitantes.

O espantalho fitava cegamente a figura à sua frente, que movia pés e braços numa dança da morte ensaiada. A perna direita de Blackstone mantinha o equilíbrio; os braços, curvados à frente, impediam qualquer ataque de alto a baixo, contra as pernas. O braço esquerdo cobria o peito com o broquel, enquanto o outro descansava a arma sobre o braço torto, como um rabequista pronto para tocar uma melodia. Era uma posição de defesa para proteger pernas e órgãos vitais. A voz em sua cabeça demandava obediência – *equilíbrio e movimento, passo ao lado e ataquei* –; os calcanhares giraram e ele deu um passo ao lado, como se circundasse o oponente, e então ele deslizou a espada para baixo, e o homem de palha vacilou.

Ele repetiu o movimento mais uma vez e depois estendeu o braço, trazendo o pequeno broquel à frente, descansando a espada no ombro direito com a ponta para o céu, e o dedão pressionado contra o guarda-mão, logo acima, para acrescentar força e ímpeto ao ataque. A perna esquerda avançou – o vergão inflamado ainda revestido pelos nós negros dos pontos – ainda dolorida ao esticar, porém mais forte no suporte ao corpo, somada à força adicional deste vinda dos músculos de arqueiro, nas costas e nos ombros. Ele não contara a Harcourt sobre sua rotina própria de exercícios constantes usando uma barra de ferro, mais pesada e dificultosa do que qualquer espada, que ele erguia e brandia diariamente.

A Espada do Lobo ainda tinha lugar cativo ao lado da cama dele – com sua lâmina afiada e brilhante, e a empunhadura cordada escurecida por sangue antigo. Ela esperava como uma sentinela, precisando de uma mão habilidosa para enfiar seu gume mortal num oponente. Blackstone sabia que ainda não era digno disso.

Preparar, apontar, puxar, atirar! O ritmo que lhe dera sua habilidade de arqueiro perdera o lugar para outra combinação letal de movimentos. A perna machucada protestou quando ele a levou adiante numa mudança súbita de posição, trazendo o braço com a espada à frente do rosto, com a lâmina para cima. A posição de defesa do rosto permitia um ataque poderoso da direita para a esquerda que rasgou a perna do homem de palha bem na coxa. O gume cego da espada de madeira devia ter encontrado um ponto mal costurado.

A disciplina da sequência de luta inundava-o com energia e atiçava sua confiança, mas, naquele momento, quando ele golpeou, uma visão gritante dos momentos finais em Crécy saltou sobre ele, saída de uma lembrança subjacente. Esse ataque foi exatamente o mesmo que o cavaleiro alemão usou contra ele,

mas de algum modo os instintos de Blackstone o esquivaram do alcance mortal da lâmina, trocando um membro decepado pelo ferimento que ele passara a carregar.

A lembrança do enorme cavaleiro que assassinara seu irmão e ceifara o caminho na direção do príncipe inglês apareceu imersa no escurecer da noite. Tudo aconteceu muito rapidamente. Em sua mente, ele contemplou aquela visão muda. Blackstone ficou imóvel, o braço da espada abaixado, corpo torcido nos quadris, o tronco rasgado pingando palha ao vento. Ele chegara tão perto de ser rachado ao meio por aquele cavaleiro, que somente ali, após ter aprendido as técnicas de morte, ele compreendeu a bênção que alguns poucos segundos vitais lhe concederam.

Em meio ao turbilhão da lembrança, uma voz chamou-o pelo nome.

Ele deu meia-volta. Christiana estava a dez passos dele, envolvida numa capa, parecendo preocupada, como se tivesse sentido muito medo e por isso não se aproximou.

– Fiquei chamando – disse ela contra o vento açoitante. Depois sorriu, esperando penetrar a expressão vítrea de incompreensão no rosto dele. – Thomas?

Ele respondeu com um gesto, aproximando-se dela, depois puxou o pequeno corpo para junto do seu e limpou um floco de neve do nariz dela.

– Desculpe. Estava sendo atacado por um espantalho.

Ela riu enquanto ele punha de lado a espada de madeira, levando-a para longe da lembrança.

O homem de palha rendeu-se ao vento e espalhou-se sob o crepúsculo.

Capítulo treze

Blackstone colocou o último pedaço de pedra cortada no Dia de São Nícolas, sob um sol escuro que anunciava uma pesada tempestade de neve. A mureta estava à altura dos ombros e serviria como reduto de defesa caso os intrusos escalassem as paredes, como acontecera antes, quando aquela escória sem lei assassinara os soldados e os servos de Harcourt. Não era grande feito de maçonaria, e o senhor da mansão não a veria como vital, mas Harcourt aceitara o serviço do inglês, admirando silenciosamente sua habilidade. Encontraria uso para ela; talvez servisse como local para que os servos soltassem um porco e corressem atrás dele, para descobrir quem seria o primeiro a matar o animal. Seria divertido; um presente da generosidade natalina do patrão.

Blackstone limpou a terra dos braços e observou a atividade fervorosa ao redor. Não ficou surpreso ao descobrir que meia dúzia de lordes normandos e suas comitivas chegariam logo para celebrar o Natal. Os cavalos precisariam ser cuidados quase com a mesma hospitalidade conferida aos próprios convidados. O ar trazia o cheiro de carne assada e cozida. Os empregados da casa de Jean de Harcourt faziam os preparativos finais para o banquete que se seguiria aos dias de jejum.

Palha fresca e sacos extras de aveia foram trazidos para dentro do castelo durante a semana anterior das vilas ao redor. Aprendizes de ferradores trabalhavam incansáveis aos berros, quando o martelo encontrava o metal, forjando novas ferraduras para os cavalos de Harcourt. Este retornara antes do meio-dia de uma caçada matinal com meia dúzia de agregados. O falcão em seu braço estava encapuzado, já as vítimas do raptor, garça real, cisne e garça-azul, chegaram amarradas às selas, assim como muitas carcaças de veado, ensanguentadas pelas pontas de lanças que perfuraram corações e pulmões.

Desde que chegara ao castelo, Blackstone vira servos correndo por corredores escuros, mas parecia que muitos mais haviam aparecido à luz, como

se tivessem brotado da cal rachada das paredes. Ordens latidas ecoavam pelo pátio e pelos salões, conforme servos vestidos com o uniforme de Harcourt apressavam-se para suas tarefas com um ar tangível de empolgação. Preparavam quartos, passavam lençóis, secavam ervas que espalhavam pelos salões e câmaras para oferecer uma fragrância doce aos convidados ao caminhar. Corredores e latrinas foram varridos e limpos; ornamentos de prata, distribuídos, e panos bordados de seda, drapeados em mesas e bancos. Uma procissão consistente de camponeses trazia montes de gravetos e lenha nas costas, vindos das aldeias próximas, xingando ao serem acotovelados por lacaios que guiavam grupos de cavalos portando provisões. A ideia de ver mais cavaleiros franceses chegando ao castelo preocupava Blackstone. Seriam homens que lutaram contra os ingleses e provavelmente, como seu anfitrião, sobreviveram à matança em Crécy. Como Harcourt poderia mantê-lo ali sob o mesmo teto sem causar confusão? Com sua força retornando, ele sentia ainda mais a necessidade de ultrapassar os muros, e talvez se aqueles homens se revelassem inimigos ele seria forçado a escapar à raiva deles. A hospitalidade de Jean de Harcourt não seria desonrada, disso ele tinha certeza, mas era muito barato comprar um assassino naquela época.

A luz da vela bruxuleava sobre o manuscrito que Blackstone analisava, aberto na mesa à sua frente. O texto corretamente copiado estava manchado em alguns pontos, evidência de que o suor da mão habilidosa de um monge pegara os finais das palavras na beirada da folha. Assim como sua visão se esforçava na escuridão, a mente do arqueiro brigava com a lição dada por Christiana.

– Que tal tentar de novo? – disse ela, e voltou a esfregar o calmante óleo de oliva e lavanda no rosto rasgado dele.

– Vou ficar com cheiro de mulher se continuar passando isso em mim – disse ele.

– Sabe quão caro é este óleo? Está curando a ferida. Podemos ler o poema de novo?

– Não tenho interesse nisso, por que está tentando me fazer aprender? – disse ele, frustrado com a insistência da moça de que ele passasse toda noite lendo as palavras galopantes escritas na página. – É chato. Há coisas melhores a se fazer do que ficar sentado aqui.

Ele encostou a coxa na dela, e por um instante ela não resistiu, mas depois afastou um pouquinho dele e colocou o dedo de volta no local da página em que ele parara de recitar o poema.

– Você precisa apreciar a beleza, Thomas, e poetas passam anos de suas vidas encontrando um jeito de compartilhar essas coisas conosco – ela respondeu.

– Sei tudo de beleza – disse ele. – Todo dia, a caminho da pedreira, eu passava pelo riacho e via os peixes deslizarem pelo junco como um pente de prata nos cabelos de uma mulher. Não se vê beleza em rabiscos sobre uma folha. A pessoa que escreveu isso nunca passou meses a cavalo em meio a florestas e campos de flores silvestres. Não quero mais fazer isso – disse ele, colocando a mão na coxa dela. – Tenho beleza suficiente bem aqui. Não preciso da imaginação de um poeta para me falar de tais coisas.

A meia-luz disfarçava o ferimento vívido e permitiu que ela se inclinasse à frente e beijasse gentilmente a bochecha sem marcas de modo quase indiferente. Mas ela hesitou, antes de se afastar dele, tempo suficiente para que ele a puxasse pelas costas e a beijasse os lábios, levando a mão ao seio. Mais uma vez, a resistência foi momentânea, mas quando ele levou a outra mão coxa acima, ela afastou-se e levantou-se do banco que dividiam à mesa.

Mesmo sob a luz de velas ele pôde ver o rubor subir-lhe pelo pescoço até o rosto, e viu os mamilos endurecerem sob o tecido do vestido. Ao contrário de sua guardiã, a condessa, e apesar do ar frio, ela nunca usava xale. O decote entre os seios ficou visível, e ele a viu pousar uma das mãos ali, como se acalmasse o coração.

Ela serviu meia taça de vinho; o líquido vermelho coloriu-lhe os lábios.

– Espera-se que você conheça mais coisas ternas antes que vá à guerra. Um cavaleiro deve ser capaz de recitar poesia para os amigos e a família, para mostrar o lado gentil de sua natureza.

– Não tenho amigos nem família, e o lado gentil de minha natureza encontra-se além dessas muralhas, no interior, onde cresci. Não tente fazer de mim algo que não sou – disse ele, sentindo-se irritado pela rejeição e por seu lugar equivocado naquele mundo de maneiras corteses.

Ela também sentiu raiva, mas manteve-a sob rédea curta.

– A família Harcourt é sua amiga e sua família agora! Essas são as pessoas da sua vida que ofereceram abrigo e a chance de se aperfeiçoar!

– Ainda sou um arqueiro inglês para eles! Em seus corações, ainda me odeiam, não há amizade, não há família; o que fazem, fazem por obrigação – ele respondeu, seco.

– E essa obrigação lhe cai muito bem. Tudo que está aprendendo serve para fazê-lo comportar-se de modo civilizado. Esse é o desafio que lhe foi dado: aperfeiçoar-se, alcançar um padrão de comportamento que é o aceitável numa casa como esta.

– Tenho o respeito do rei inglês, isso basta para qualquer homem. Aprenderei a lutar porque então poderei ser de alguma utilidade para ele, então não espere que eu me levante e cante para receber meu jantar, como um trovador. Posso até lavar o rabo depois de cagar e limpar a boca após beber de uma das suas taças finas, mas sou o que sou!

– Está sendo deliberadamente rude e desagradável. Fala como um camponês.

– Porque é isso que sou para você e para as pessoas daqui. Sou um arqueiro camponês, sou rude e sou bruto, e não importa quantas roupas finas você me dê, ou cortes delicados de carne que coloque no meu prato de prataria, ainda prefiro que minha vida seja simples e grosseira.

Ela correu para a porta, evitando a mão que ele estendeu rapidamente.

– Então jamais me terá em sua cama, Thomas Blackstone, porque vejo coisas mais grandiosas em você do que você mesmo. E se não consegue enfrentar o desafio de tornar-se um homem melhor, então estou perdendo meu tempo tentando ajudá-lo – disse ela, e fechou a porta pesada após sair, fazendo as chamas das velas angularem na direção oposta.

Lento, devido à perna, Blackstone abriu a porta e gritou com ela, no corredor.

– Não vou agir como um macaquinho para os franceses! E não vou ficar preso aqui! E quando eu levá-la para a minha cama, vai desejar ter ido mais cedo!

Ele jogou o manuscrito na direção dela, acertando um dos servos aterrorizados, retraído numa porta. Bateu a porta de carvalho e xingou ao sentir dor no machucado da perna. Precisava de tempo para concluir o treinamento, mas logo em seguida deixaria aquele lugar e voltaria à Inglaterra. Ele abriu a veneziana da janela; as velas vacilaram e depois se apagaram devido à rajada de ar frio. Blackstone deixou a neve penetrar o aposento e a viu espiralar escuridão adentro, lá fora. Uma dúvida enervante o incomodava: Christiana era mais importante para ele do que a liberdade? Ele conseguiria deixar aquele lugar sem ela? Talvez sua ousadia fosse tão enraizada, que ele jamais poderia aprender as maneiras sutis requisitadas por qualquer casa de nobreza.

Ele trancou a tempestade lá fora e reacendeu as velas – se fosse ler, ele que escolheria o assunto. Jean de Harcourt tinha manuscritos em sua biblioteca, pergaminhos reunidos que documentavam batalhas antigas, desenhos que mostravam a construção do castelo, algo que fazia sentido a um pedreiro e arqueiro comum.

Os poetas que fossem para o inferno. Eram escribas tentando capturar o brilho de uma vela. Blackstone preferia sentir o calor da chama entre os dedos ao extingui-la.

Jean de Harcourt aplicou um ataque implacável em Blackstone, que não apenas levou as pancadas como usou cada posição a ele ensinada para defender-se e devolver o ataque. Os dois estavam encharcados de suor, apesar do vento norte gelado. Harcourt, entretanto, ainda detinha a vantagem da experiência, e avançava mais para perto do outro, apesar de o rapaz ser maior e mais forte.

– Ataque de cima do ombro direito! Nada de posições amplas ou inúteis. Mantenha a posição de luta! Rompa o meu ataque! Rompa, rapaz! – martelava a ladainha de ordens tão rapidamente quanto os golpes.

Os pés de Blackstone estavam firmes, mas ele se movia sobre os calcanhares e alternava seu equilíbrio, bloqueando os golpes de Harcourt, o que num instante lhe permitia contra-atacar. Lâmina contra lâmina, Blackstone lembrou-se da lição: *Sinta a pressão da lâmina de seu oponente e reaja!* Ele atacou Harcourt por um lado e por outro, mas não conseguiu desequilibrar o astuto espadachim. O suor ardia nos olhos, e ele começava a perder o foco. Então, Harcourt lançou-se contra ele, consistente e rápido. Blackstone confrontou-o sem alterar a posição, sólido na defesa – pronto para realizar um golpe fatal. Faltavam-lhe apenas dois golpes de espada para finalmente derrotar seu tutor. Harcourt fez careta, esforçando-se, os olhos fixos nos do oponente. E então, assim que Blackstone bloqueou o ataque e brandiu a espada abaixo, na direção do pescoço exposto do homem, foi subitamente jogado de costas na lama. E, mais uma vez, o francês apontou a espada para sua garganta.

Ele deu um passo atrás.

– Foi muito bem, Thomas. Estou satisfeito. Aprende rápido, e sua força o ajuda. Quando seus ferimentos finalmente sararem, terá aprendido em meses o mesmo que um jovem escudeiro leva anos para aprender.

Blackstone ergueu-se da lama, sacudindo-a das mãos, pegando novamente a espada de madeira.

– O que aconteceu? Bloqueei e contra-ataquei, meu equilíbrio estava bom, e mesmo assim você me derrubou.

Harcourt esperou que ele ficasse em pé e se preparasse para outro ataque.

– Você encosta no homem, vai debaixo da defesa dele; ele está esperando pelo ataque. Envolva, segure e puxe. Fique perto dele, segure no cinto e empurre, que ele vai ao chão. – Harcourt sorriu. – Não importa se o oponente for grande.

Os dois preparavam-se para voltar a lutar quando ouviram um grito vindo da sentinela.

– Cavaleiros se aproximam!

E depois de um instante, quando a bandeira dos cavaleiros ficou mais visível:

– É Sir Guy de Ruymont!

Os portões abriram-se e cavalos galoparam pátio adentro. Harcourt logo abandonou Blackstone e caminhou rapidamente até onde cavalariços corriam segurar as rédeas do nobre. Um pajem e um escudeiro vinham logo atrás da acompanhante de Ruymont, que desceu ligeiro do cavalo e abraçou Harcourt. Os homens trocaram beijos no rosto.

– Jean, veja só você! Meu Deus, seus ferimentos estão curados! Como está, meu querido amigo? Como vai?

– Estou bem, como pode ver, estou em forma de novo. Os ferimentos não são nada – disse Harcourt, desconsiderando os machucados, depois foi até a mulher. – Joanna, se me permite – disse ele, e estendeu as mãos para ajudá-la a descer.

– Quanto tempo, Jean – disse ela.

Servos correram da casa, acompanhando Blanche de Harcourt degraus abaixo e por sobre a ponte de madeira que cruzava o fosso interior e levava ao pátio exterior, para receber os convidados.

Blackstone observou os velhos amigos trocando agrados. O pajem e o escudeiro do cavaleiro cuidaram dos cavalos, seguindo os cavalariços em direção aos estábulos.

– Quem é esse? – perguntou Ruymont, olhando para o arqueiro. – O rosto parece o traseiro de uma vaca. Está ensinando os servos a lutar, agora? Santo Deus, Jean, a França anda tão ruim assim de recrutas?

– Conto tudo a você mais tarde – disse Harcourt e, na mesma algazarra com que chegaram, os convidados foram guiados pelas portas do castelo. Momentos depois, o escudeiro saiu dos estábulos e correu atrás deles, trazendo a espada e a bainha do senhor.

Um vento diabólico de animação pegava a todos, menos Blackstone, que ficou sozinho, o suor resfriando seu corpo. Um dos soldados passou por ele, pegou a espada de madeira descartada e a ofereceu para o arqueiro sem esconder o escárnio em sua expressão.

– Talvez precise disso se o Rei da França descobrir que está aqui – disse.

Blackstone a tomou do rapaz. Logo haveria outra sessão de treino. Mas o jeito com que falara o soldado fez Blackstone pensar que outros nobres, como o que acabara de chegar, talvez não fossem tão protetores para com um arqueiro inglês.

Blackstone terminara de se lavar e estava secando o rosto enrugado com um

pedaço limpo de linho, quando ouviu baterem à sua porta, e uma voz o chamou do corredor.

– Milorde, a Condessa Blanche requisita que você se junte a eles no salão principal.

Blackstone vestiu a túnica e abriu a porta, onde Marcel aguardava.

– O salão principal? – perguntou o inglês. Nunca havia sido convidado ao coração do Castelo de Harcourt; era o local onde a família convivia, onde reuniam os convidados.

O servo inclinou novamente a cabeça e respondeu:

– Sim, Sir Thomas.

– Sabe por quê?

– Não, Sir Thomas.

– E se soubesse, não lhe caberia me dizer.

– Creio que sim, milorde.

– Todos os outros que servem nesta casa são discretos como você?

– Sou um homem velho e minha vida é tão confortável quanto eu gostaria que fosse, graças à Condessa Blanche. Como poderia prejudicar isso, Sir Thomas?

– Então, Marcel, não pretendo envergonhá-lo mais, nem testar sua lealdade para com sua senhora.

Blackstone supôs que o homem devia ter mais de 40 anos de idade e tinha razão, em certo sentido; tinha a melhor vida com que podia sonhar. Andava curvado devido à vida toda de subserviência e à ação no interior dos ossos da umidade penetrante saída das paredes frias de pedra.

– Obrigado, Mestre Blackstone – disse ele, mas hesitou ao guiar o rapaz pelo corredor. – Todos nós ouvimos falar de sua coragem, milorde, e que está aqui sob a proteção desta família, mas existem coisas que eles não discutirão com você, e cabe a alguém como eu explicar de modo mais direto.

– Não sei do que está falando.

– Eles prepararam uma mesa no salão principal. Há comida e vinho. E…

– E?

– Gostaria de lembrar-lhe de não cutucar os dentes com uma faca nem limpar sua boca na manga da camisa, eles lhe darão um guardanapo para isso. – Marcel apertou o passo, as sugestões sendo ditas cada vez mais rápidas conforme os dois se aproximavam do salão principal, onde mais uma vez ele hesitou. – E, Mestre Blackstone, não cuspa, não arrote, não solte pum.

Blackstone esperou, por detrás das grandes portas, que Marcel entrasse e anunciasse sua presença. Ele foi chamado para entrar. O fogo ardia na grande lareira, com lenha estocada num lado e feixes de gravetos do outro. Junco fresco cobria o piso, e um cheiro de lavanda percorria a sala, vindo das chamas. Não havia cães nem seu dono à vista; na verdade, eram a Condessa Blanche e Christiana que esperavam por ele no meio do cômodo. Atrás deles havia uma longa mesa coberta com linho, na qual foram distribuídos pratos com cortes de carne e pequenos potes com temperos e molhos. Três ou quatro servos encostados à parede aguardavam, estrategicamente localizados para seus postos à mesa.

Blackstone calculou rapidamente o tamanho da sala. Era similar à de Lord Marldon, mas parecia oferecer mais calor. Harcourt poderia enfiar facilmente cem ou mais homens naquele salão, sem que ficassem abarrotados. O teto abaulado erguia-se a quase vinte metros acima, com vigas arqueadas de madeira e tapeçarias penduradas por barras de aço. A luz entrava pela meia-parede de vitrais com soleiras de pedra grandes o bastante para sentar um adulto, cobertas com almofadas de cores vivas. Harcourt empregara pintores para decorar as paredes com cal, com uma borda cor de terra traçada a pouco menos de um metro do piso de pedra. Uma das paredes parecia uma janela enorme oferecendo a vista dos galhos pintados de uma árvore florida, numa clareira repleta de flores. Devia ser decoração organizada, talvez, pela condessa, que veio até ele.

– Meu senhor e marido está com seu amigo, Guy de Ruymont, e então Christiana e eu achamos que seria um momento oportuno para apresentá-lo a certos… – ela hesitou, procurando pela palavra correta – costumes, quando nos reunimos para jantar aqui.

Christiana sorriu para ele e se aproximou, na tentativa de aplacar-lhe o embaraço.

– Thomas, mileide e eu vamos explicar como se deve comportar quando na companhia de convidados de honra.

Blackstone crispou-se.

– Duvido que alguém como eu algum dia dividirá a mesa com convidados *de honra*. Para quê? Ser objeto de discussão? Pela curiosidade de verem como minhas mãos calosas colocam delicadamente um pedaço de carne na boca?

Christiana ficou vermelha de vergonha, e o rapaz, de imediato, arrependeu-se das palavras, o que confirmou sua falta de boas maneiras e rudeza de caráter. Blanche de Harcourt não demonstrou sinal algum de intemperança.

– Seus ferimentos estão sarando, Thomas. Estão cuidando bem de você? – ela disse, ignorando o aborrecimento.

– Estão, sim, mileide, obrigado – disse Blackstone, imediatamente

envergonhado pela bondade da mulher, sabendo que as boas maneiras dela eram como a cobertura das paredes: uma contenção do que havia por baixo.

Ela chegou perto dele, deixando-o ainda mais sem saber o que fazer em seguida. Blackstone curvou-se – e manteve a cabeça inclinada.

– Thomas – disse ela, com mais gentileza do que ele merecia –, erga a cabeça.

Blackstone desviou o olhar, mas ela estendeu a mão e virou o queixo dele para poder examinar-lhe o rosto com mais detalhe. O inglês era muito mais alto, mas lembrava-se da ferocidade dela quando a conhecera em Noyelles, usando armadura e portando uma espada que estava preparada para brandir. Mulheres como ela o deixavam confuso.

– O ferimento ainda está feio, a pele parece inflamada, mas suspeito que a cicatriz ficará boa. Melhor do que eu esperava.

– Devo isso à habilidade de Christiana, mileide.

– Deve sim, e muito mais. Ela tem lhe feito companhia por vontade própria, e com a minha permissão.

Blackstone sentiu uma abertura, um momento em que talvez a mulher lhe concedesse certo espaço.

– Não serei mantido aqui para sempre, serei, condessa? Pergunto-me por que ter tanto trabalho me ensinando a cortesia. Não tenho interesse algum por poesia nem dança, e como quando tenho fome, do jeito mais rápido e simples que puder. Nunca serei admitido à sua fina mesa, serei?

Ela não retirou os olhos do rosto dele.

– Duvido que seja. Duvido.

– Então por que fazer esse jogo, mileide?

– Porque um dia, se viver o bastante, talvez lhe peçam que se sente à mesa de um nobre, e quando isso acontecer não quero que pensem que você ficou sob nossa guarda e permaneceu em seu estado semicivilizado. A vergonha seria nossa, não sua.

Blackstone sabia disso; se a mesma proposta tivesse sido feita a seu suserano, Sir Gilbert Killbere, este teria dado meia-volta e deixado esses senhores convencidos de que se preocupavam mais com maneiras à mesa do que com sua lealdade para com seu rei.

Mas algo o conteve. As palavras de Sir Gilbert, ditas durante a invasão da costa, quando um inexperiente Blackstone gabou-se de sua habilidade com o arco de guerra, ecoaram do passado. *Você é um homem livre; aja como um*, Killbere o repreendera. Independente de quão bons tivessem sido os homens junto dele, o cavaleiro dissera que não chegavam aos pés do pai dele. *Você é melhor do que eles. Comece a pensar e comporte-se como ele.* Blackstone

aprendera as técnicas de guerra, e se a família Harcourt o considerava pouco mais do que um assassino brutal e eficiente, problema deles. Era dono de sua dignidade e não deixaria que eles o vencessem, ainda que *tivessem mesmo* ajudado a salvar sua vida. Tudo o que tinha a fazer era guardar seu juízo para si e logo estaria livre daquele lugar – e levaria a garota consigo.

Blackstone curvou a cabeça, um pouco menos dessa vez.

– Mileide, eu preferiria que a vergonha fosse somente minha, por ser um pupilo tão inútil.

A condessa escancarou os olhos.

– Palavra, Thomas, você aprende rápido – ela disse, e virou-se para Christiana, que não tentara esconder o sorriso perante a esperteza do rapaz. – Levemos o rapaz à mesa.

Capítulo catorze

Ao longo dos dias seguintes, mais amigos de Harcourt chegaram para celebrar o Natal. Alguns dos lordes normandos traziam suas esposas, dois não. O arqueiro foi conhecê-los somente após ter sido ensinado pelo servo da condessa, Marcel. Blackstone fez questão de lembrar-se dos nomes e dos brasões. Louis de Vitry, Jacques Brienne, Henri Livay, Bernard Aubriet. Todos ainda estavam em guerra contra a Inglaterra, todos haviam respondido ao chamado do rei Philip, e todos se reuniram no castelo de uma das mais leais famílias francesas. O pai de Jean de Harcourt, morto em Crécy, jazia na cripta da família, honrado pelo Rei da França e imortalizado pela corte. Então, Blackstone perguntava-se, ao ver esses homens retornarem com seus espólios ensanguentados do dia de caça, por que se reuniam ali tendo-o habitando sob o mesmo teto? Quem corria o maior perigo, ele ou os franceses que o abrigavam?

O clima ficou mais frio, ventos açoitantes iam e vinham, assim como os sentimentos não resolvidos de Blackstone quanto à presença de tantos nobres. Alguns deles eram similares em idade ao próprio Harcourt; outros eram dez ou mais anos mais velhos. Esses mais velhos deviam, pensava o arqueiro, ter mais influência sobre os eventos do que os mais novos. Blackstone mantinha-se no campo de treinamento, fora das vistas deles, abandonado por Jean de Harcourt, que passara a fazer companhia aos convidados. Quando não caçavam, ficavam na biblioteca, por trás de portas fechadas. Parecia mais um conselho de lordes poderosos do que uma celebração festiva. Se as mulheres não se juntavam aos esposos para caçar, reuniam-se nas salas de Blanche ou eram entretidas no salão principal por trovadores, convocados por Harcourt de Paris para alegrar os convidados e transmitir as novidades ou fofocas vindas da capital.

Lord de Graville, o de barba grisalha, estava sentado, envolvido pela capa. Seu pajem e escudeiro, responsáveis por dois cavalos carregados com as armas e os objetos pessoais do senhor, haviam sido finamente treinados para suas tarefas.

Conheciam o castelo, não perguntavam aonde ir e comandavam os servos e os cavalariços de Harcourt com uma tranquilidade nascida de superioridade de muito tempo. Graville era uma voz de autoridade na Normandia, como era o homem que cavalgara ao lado dele portões adentro naquele dia – o Lord de Mainemares –, cujo rosto parecia preso permanentemente numa carranca, mesmo quando ele cumprimentou Harcourt. Os homens se abraçaram e beijaram, e ficou claro que os convidados eram amigos de confiança e acreditavam na vontade divina de Deus. Blackstone os via indo rezar na capela três vezes por dia, mais nos dias santos. Sabia que esses nobres devotos tinham mais ou menos a mesma idade que Sir Godfrey, o renegado da família Harcourt.

A chegada de cada nobre era marcada por mais um banquete com música, e foi assim ao longo de uma semana. Christiana falara com mais candura do que Marcel poderia ter, e avisou o arqueiro de que aqueles normandos haviam jurado aliança àqueles que mais se beneficiariam dela.

– Você fala com amargura – ele disse, vendo outro grupo chegar.

– Meu pai é um cavaleiro empobrecido. Não tem terras e serve a seu senhor no oeste, e sua aliança era para com o Rei da França. Esses homens que vêm aqui podem ser comprados. Ele não pôde.

Blackstone sentia um arrepio de incerteza sempre que ela mencionava o pai. Os ingleses varreram a Península do Contentin e derrotaram forças francesas em todo canto, e Sir Godfrey, o benfeitor de seu tio, comandara a vanguarda, perseguindo e destruindo todos os leais à coroa francesa, usando Killbere e os arqueiros a cavalo.

– Ainda não sei o que lhe aconteceu – disse ela. – Espero que algum desses senhores saiba me dizer. – Ela tocou o braço dele. – Cuidado com aquele homem, Thomas – disse, temerosa, apontando um dos nobres, um homem de cerca de 20 anos, não mais que 22.

– Quem é ele?

– William de Fossat. Ele cavalgou junto do Conde de Alençon em Crécy. – A voz dela saiu tingida de desgosto. – Eles massacraram os besteiros genoveses para poderem atacar seu príncipe. – Ela sorriu. – Talvez tenha sido para o bem. Do contrário, você não estaria aqui hoje.

– Os genoveses não tinham escapatória, de qualquer modo. Matamos tantos deles, que nem fazia mais diferença – disse ele, no mesmo instante ciente de que suas palavras saíram sem emoção nem culpa. Os ingleses estavam exaustos quando Alençon atacou, mas o contiveram mesmo assim. E o mataram. Blackstone viu Fossat tirar as luvas e pegar a mão estendida de Blanche de Harcourt, aproximando os lábios de sua pele macia. O rosto dele lembrava Blackstone do falcão de Jean de Harcourt. Nariz fino e bicudo, e olhos que

jamais descansavam. William de Fossat, ela disse, tivera uma querela com John, Duque da Normandia, o filho do rei, e perdera boa parte de suas terras.

– Dizem que cometeu um crime – ela acrescentou.

– Soldados morrem em batalha.

– Não. Ele matou o primo por este se recusar a aceitar um desafio, depois matou o homem que o desafiara. A maioria desses homens, cada um a seu modo, são perigosos, Thomas. Fique longe deles.

Blackstone fizera o possível exatamente para isso. Sempre que Harcourt e os lordes saíam a cavalo ou retornavam, ele se mantinha fora de vista. Tornara-se invisível a todos, exceto Christiana, que passara a ficar mais tempo junto das outras mulheres, todas aproveitando a oportunidade de fofocar, visto que em geral moravam sozinhas com os esposos nas mansões e castelos, com nenhuma outra mulher de igual posição para fazer companhia, a não ser, talvez, uma filha. Era o momento ideal para Blackstone aproveitar a ausência dos homens e o encontro das mulheres para usar a biblioteca. Os servos mal tinham tempo para notá-lo ali, mas pilhas de cinzas mornas na lareira indicavam que Harcourt e os homens andavam passando horas trancados na sala.

O local não era grande – o tamanho bastava para uma cadeira acolchoada, sofás e uma mesa sob a janela. A lareira dominava o cômodo; castiçais de velas proviam boa parte da iluminação. Havia documentos enrolados, amarrados com fita, deitados feito lenha em estantes, e folhas de pergaminho, unidas por costura, empilhadas como uma parede de pedras. Um tapete cobria o piso de tijolos, em vez de junco. A sala era como um santuário para o senhor da mansão.

Sobre uma placa polida e envelhecida de castanheiro, que fazia as vezes de mesa, havia um pergaminho enrolado. Blackstone certificou-se de que não havia atividade alguma no pátio que pudesse indicar o retorno de Harcourt, depois desdobrou o que se revelou um mapa da França, rude, desenhado à mão, uma linha tortuosa que esquematizava um quarto do país, dividindo o reino. O arqueiro passou o dedo de Paris ao Castelo de Harcourt. Havia dezenas de marcas feitas no mapa, pingadas por todo o pergaminho – pequenas cruzes vermelhas, pontos pretos e círculos espalhados como catapora da Normandia, passando pela Bretanha até o sul, em Bordeaux.

Eram os locais de algo importante, e, se o Castelo de Harcourt fora identificado, então talvez, pensou o arqueiro, aqueles eram outros castelos espalhados pelo interior. Ele deduziu onde pousara o exército inglês e a rota que deveria ter que tomar caso lutasse cruzando a Normandia. Não havia marca

indicando Crécy, e ele não fazia ideia de onde ficava. Somente as cidades de Caen, Rouen, Paris e Bordeaux eram mostradas, e em sua mente ele tentou imaginar o que havia sob seus dedos. Jamais vira um mapa como aquele antes, e sua imaginação o conduziu como uma águia sobrevoando a rota pela qual marcharam.

Blackstone enrolou o mapa e voltou às estantes, correndo os dedos sobre os pergaminhos e os feixes. Como alguém podia ler tantos livros? Numa estante mais baixa, encontrou folhas com desenhos adornados com textos em latim, tampados por uma capa brilhante que mostrava um monge brandindo uma espada. Blackstone retirou o volume de seu local de repouso e foi até a janela, em busca de melhor luminosidade, e para ficar de olho no retorno de Harcourt. Ao virar as páginas, viu que as imagens eram desenhos que mostravam as posições de defesa que Jean de Harcourt lhe ensinara. Era um livro sobre a luta de espadas. Blackstone enfiou o manuscrito dentro da jaqueta. Encontrara, finalmente, um livro que lhe interessava.

Pareceu ao arqueiro que os convidados ficariam um bom tempo por ali. O Natal era como um banquete sem fim – ao qual ele não fora convidado. Fazia suas refeições no próprio quarto, trazidas por um servo, às vezes acompanhado por Christiana, que continuava a repreender gentilmente suas maneiras à mesa. Era muito diferente do feriado do Dia Santo em sua vila, quando o padre local lhes dava uma caneca de cerveja natalina, e todos descansavam por um dia, e eram reunidos para rezar numa igreja fria como sepultura. Eram boas lembranças de trabalho pesado e amor fraternal, como o Natal em que Richard Blackstone entortara aquele rosto malformado dele num sorriso idiota e gritara de alegria ao arrancar pele e vísceras de um coelho que haviam caçado para a caçarola de Natal.

Santo Deus e todos os anjos, pensou Blackstone alto, em oração, *olhem por meu irmão como não pude fazer.*

– Thomas? – Christiana perguntou, quebrando-lhe o devaneio.

– Que foi?

– Onde estava?

– Lembrando de outros tempos.

Ela chegou perto dele, tocou os lábios e depois a cicatriz no rosto dele.

– Está sarando bem. Quando o verão chegar e você receber um pouco de calor no rosto, vai restar apenas uma linha branca.

Blackstone a trouxe para perto e levou os lábios aos dela.

– Quanto tempo preciso esperar?

– Até o momento certo – ela disse, a voz quase um sussurro, mas não se afastou.

Blackstone a apertou nos braços, sentiu os lábios macios de bálsamo abrirem-se gentilmente, deixando que as línguas se provocassem. E então Christiana se afastou.

– Muito apertado. Vai me esmagar – ela reclamou baixinho.

Ele não notara a força que empregara no abraço, e mais uma vez sua falta de jeito o envergonhara.

– Desculpe.

– Vai aprender. Não sou tão frágil quanto pareço, é que você é mais forte do que pensa. Agora, temos que ir.

– Não tenho aonde ir.

– Foi convidado para o salão principal.

Blackstone a recusou como se ela tivesse lhe dado um tapa no rosto machucado.

– Não tenha medo. Sabe como se comportar – disse Christiana.

– Com você e a Condessa Blanche, talvez, mas não com todos aqueles nobres e suas esposas. Por quê?

– Sabe por quê. Estão curiosos. Você é um homem comum abençoado por um rei. Querem conhecê-lo.

– Que vão para o inferno.

– Pagarão um padre para que os salvem disso – ela disse, acalmando o receio dele o máximo que podia. – Escute, meu amor, aqueles são alguns dos homens mais poderosos da Normandia, e você está sob a proteção do Conde Jean.

Blackstone afastou-se da moça.

– Thomas, não aja como uma criança – ela disse, com cautela.

Ele deu meia-volta, a raiva prestes a explodir, mas Christiana manteve-se firme, sorrindo, esperando, com paciência, que o homem amado aparecesse novamente. Sua conduta o conteve.

– Não posso descer lá – disse ele, já derrotado antes mesmo de ter saído do quarto.

– Quando você serviu a Sir Gilbert e o comandante sobre o qual me contou…

– Elfred.

– Sim, Elfred. O que ensinaram quando lutava?

– A matar o inimigo.

– Com raiva?

– Não, pelos outros e pelo amor por meu rei. – Ele fez uma pausa e então

compreendeu. – De modo disciplinado e determinado.

– Então, isso é tudo o que precisa fazer agora. Se perder a cabeça, vai confirmar por que eles o menosprezam.

– Eles me menosprezam?

– Menosprezam o arqueiro brutal que você foi, mas estão intrigados para ver o homem de armas que está sendo treinado para se tornar. Encontre esse lugar dentro de você, que é disciplinado e determinado, e vai vencê-los. – Ela o beijou ternamente. – Mais uma vez – acrescentou.

Sombras dançavam sobre as paredes do salão principal, projetadas por dois grandes candelabros de metal, a três metros dali, seus aros presos por polias no teto, cada um portando quarenta velas ou mais. Por toda a sala, pedestais de ferro empalavam velas da grossura do braço de um homem, e a lareira crepitava com lenha de carvalho e freixo.

Jean de Harcourt e Blanche estavam sentados, junto dos nobres e suas esposas, à mesa. Quando Blackstone passou por ela perto da entrada, os escudeiros, quase todos mais velhos que ele, fitaram o inglês que já havia ganhado título de cavaleiro e honra sem todos os anos deles de serviço e treinamento. Blackstone mal os vira pelo canto dos olhos; sua atenção estava fixa na mesa mais adiante e nos nobres, que ostentavam sua riqueza e poder com peles e roupas ricamente bordadas e joias. Ele parou, sabendo que esperavam que ele se curvasse. Aqueles homens eram seus superiores. Em vez disso, continuou em pé, desafiador, e fitou o rosto de cada um, notando com certa satisfação a expressão aborrecida dos normandos e o surto de incômodo perante suas maneiras vis e seu comportamento desdenhoso. *Sou um humilde arqueiro inglês neste grande salão normando e já enfrentei vocês e seus pares – e os venci*. Seus pensamentos ressoaram como se tivessem sido dolorosamente cravados na pedra. Somente quando voltou o olhar para Jean de Harcourt, o arqueiro inclinou a cabeça e ajoelhou-se perante ele.

O nobre o deixou de joelhos por mais tempo do que de costume. O ferimento iria logo começar a reclamar, mas Thomas Blackstone precisava aprender uma lição.

– Junte-se a nós – disse Harcourt, enfim.

O inglês teve dificuldade de se levantar, mas disfarçou o desconforto o máximo que pôde. Pretendia conceder pouca satisfação aos franceses. Um servo guiou Blackstone até o assento mais distante, no fim da mesa, e colocou Christiana a seu lado. Os nobres reunidos e suas esposas não tiravam os olhos

dele; era fisicamente maior do que todos os homens da mesa, o que fez a moça pequenina ao lado dele parecer ainda mais frágil do que era.

– Jamais um homem de tão baixo *status* sentou-se à minha mesa – disse um dos nobres com desgosto evidente. Tinha o peito largo, barba cheia e cabelos pretos lisos, grossos como crina de cavalo, escovados para trás, sobre os ombros. Blackstone viu o brilho naqueles olhos negros, mas notou também a força do homem. Sem dúvida, era guerreiro.

– Então estamos ambos em desvantagem, Lord de Fossat – disse Blackstone, satisfeito ao ver a reação do homem por ele saber o nome –, porque nunca havia jantado com tão distinta companhia. – A resposta gerou uma pequena comoção. – E, com todo o respeito, esta é a mesa de meu senhor, Conde de Harcourt. – Correu um murmúrio de intriga perante a impertinência do inglês, que Blackstone logo virou para sua vantagem, acrescentando: – A não ser, é claro, que ele a tenha vendido a você.

Jean de Harcourt riu, e os demais acompanharam. Até mesmo Fossat sorriu.

– Eu disse que ele tem personalidade – disse Harcourt, e depois urgiu os convidados a comerem, o que fizeram, embora sem tirar os olhos da ponta da mesa.

Um servo colocou um grande pedaço de pão na frente do arqueiro. Ele estendeu a mão instintivamente para arrancar um naco, mas, ao fazer isso, sentiu, mais do que ouviu, Christiana tomar ar, num susto. O rapaz se corrigiu e, cuidadosamente, cortou uma fatia.

Christiana encostou o joelho no dele sob a toalha de mesa.

Ele aprendera, um pouco, a ter modos.

Tudo o que tinha de fazer, pensou Blackstone, era aprender a sobreviver entre aqueles homens poderosos.

Blackstone conseguiu terminar a refeição sem causar ofensa por falta de maneiras à mesa, embora tenha precisado de ajuda. Quando estava prestes a fincar um naco de carne, Christiana, muito casualmente, mencionou que achava que ele preferia um corte menos tenro. Grato, Blackstone seguiu a deixa e passou os cortes mais nobres para os demais. A influência que a moça exercia era tão sutil, que ninguém notava, a não ser Blanche de Harcourt, cujo sorriso de encorajamento acalmava o próprio nervosismo de Christiana. Ninguém se dirigiu a Blackstone, ninguém o incluiu nas conversas, e ele ficou contente com isso. Ser ignorado permitiu-lhe manter os olhos baixos e as orelhas abertas. Migalhas de conversas eram filtradas dentre o falatório; fofocas sobre o rei e a raiva para

com o filho John, Duque da Normandia, que não havia marchado rápido o bastante do sul para lutar na grande Batalha de Crécy; que a esposa do rei era jovem demais; que as viúvas da guerra deixadas com grandes terras procuravam jovens com os quais se casar para proteger a herança e poder passá-la para os filhos, quando tivessem idade. A guerra dividira a França. Talvez os falantes não se importassem se o arqueiro ouvisse. Para eles, Blackstone ainda não passava de um servo cuja cegueira e surdez estavam garantidas caso ele quisesse continuar a ser alimentado e ter um teto sobre a cabeça. Mas quando Blackstone erguia, de fato, os olhos, pegava alguns dos comensais olhando em sua direção; olhares tensos, penetrantes, que desviavam rapidamente quando ele olhava de volta. O jantar pareceu durar uma eternidade, prato após prato. Blackstone jamais lavara as mãos tantas vezes, e a comida requintada revirava-lhe o estômago. Um naco de pão e queijo e uma panela borbulhante de sopa eram tudo o que ele queria – isso e um golpe forte da Espada do Lobo para romper aquela bolha de cavalheirismo à qual davam uma importância exagerada.

O fingimento de Blackstone quase foi exposto quando foi ordenado que os músicos tocassem algo para dançar, e os nobres levaram suas esposas para onde o junco fora varrido, expondo o piso de tijolos. A esposa de Guy de Ruymont, de rosto comprido – o véu amarrado tão justo na testa, que Blackstone imaginou que o suprimento de sangue devia ter sido cortado do rosto pálido da moça –, inclinou-se para ele e disse:

– Vai convidar alguma das senhoras, além de Christiana, para dançar, Mestre Thomas? Receio que estejamos todas com receio de você, mas algo tão gentil quanto uma dança poderia acalmar essa apreensão.

Blackstone mal podia esconder o pânico. Guy de Ruymont percebeu, e notou que a esposa estava bancando o advogado do diabo. Dançar, ou não dançar, era um dos elementos das aulas que o arqueiro vinha tendo que poderiam expor sua origem humilde.

– Minha bondosa senhora, espera demais de Mestre Blackstone. Deve lembrar-se de que ele ainda sofre com suas feridas.

– É claro, perdoe-me, como pude esquecer que você lutou em Crécy? – ela disse, mas dessa vez havia uma frieza em sua voz e uma ruga no rosto de lábios finos quando ela se afastou bruscamente.

– Agradeço, milorde – Blackstone disse a Ruymont, quando este passou.

– Já vi o medo nos olhos dos homens – disse Ruymont. – Somos todos soldados no campo de batalha, e dançar não é tão fácil para muitos de nós, como poderá constatar quando eu acompanhar minha esposa. – Ele deu um passo, mas então, como se lhe ocorresse outra ideia, e para explicar a brincadeira da esposa, disse: – Ela perdeu o irmão e quatro parentes em Crécy. O tempo ainda não

curou as feridas *dela*.

Nesse breve momento, Blackstone sentiu-se imensamente grato ao nobre francês cujo comportamento gentil e pensamento rápido salvaram-no do embaraço pelo qual todos esperavam. Estava ciente, também, de que todos o viam como o açougueiro sentado à mesa, que assassinara seus entes queridos. Até quando a civilidade poderia ser estendida antes que alguém bebesse do cálice de veneno e entregasse a presença dele à corte francesa? Jean de Harcourt era visto como súdito leal do rei Philip, mas abrigar um inglês, um arqueiro, ainda por cima, poderia facilmente levar a uma acusação de traição. Harcourt arriscara muito para cumprir os desejos do tio, e o próprio Sir Godfrey seria decapitado se fosse capturado pelas forças francesas. Por que, Blackstone pensava, Jean de Harcourt se expusera a tamanho risco convidando esses homens influentes à sua casa para o Natal, permitindo que o vissem? Qual fosse o motivo, seria revelado a seu tempo.

E mais uma vez os instintos de Blackstone o avisavam de que era melhor não esperar muito para descobrir. Cedo ou tarde, ele teria que tomar controle do próprio destino.

A música dos trovadores ecoava pelo salão enquanto Blackstone, inquieto, contorcia-se internamente, ao lembrar-se de Christiana tentando ensiná-lo a afetação da dança: homens e mulheres face a face, três passos para trás, reverência, adiante, pegue na mão da dama, três passos mais curtos, uma pausa, uma passada descompassada, no caso de Blackstone, estabanada e descoordenada, levando a dama pela mão, *continue, continue, agora pause de novo, vire na direção oposta, ande, vire, de frente para o par! Thomas! Você parece uma vaca no pasto!* Bastava de tanta bobagem.

Enquanto Christiana dançava, Blackstone escapou ligeiro para o ar da noite. Um dos cachorros de Harcourt o seguiu, talvez igualmente cansado da música. O arqueiro admirou o céu brilhante e o gelo que cobria o horizonte. Sentinelas ocupavam seus postos, e o mundo parecia ter se acalmado no silêncio. O luar iluminava as silhuetas das florestas, mas sua escuridão logo absorvia qualquer luz que a adentrava. Se ele tivesse que defender o castelo, concluiu, cortaria as árvores de cem metros além do portão norte e usaria a madeira para construir outra paliçada fora do fosso exterior. Saber se defender era imprescindível quando se enfrentava um inimigo; o rei Edward o provara quando escolheu o local da batalha. Todas as lições que Blackstone aprendera no ano anterior estavam frescas em sua mente, e ele sabia instintivamente que as usaria de novo

quando, enfim, deixasse aquele lugar. O cachorro sentou-se ao lado dele, e ele acariciou as orelhinhas aveludadas, sentindo o bicho tenso, com os músculos trêmulos de ansiedade. Blackstone olhou ao redor; as sombras não mostravam sinal algum de movimento, entretanto, ele soube que havia alguém na escuridão.

– Quem está aí? – perguntou.

O cachorro rosnou baixinho. Blackstone preparou-se para um ataque súbito.

– Se puder, senhor, contenha o cachorro. Não quero machucar ninguém – uma jovem voz respondeu de algum ponto adiante.

Blackstone confortou o animal, e segurou no grosso colar de couro.

– Então se adiante e mostre-se – respondeu.

Uma pequena figura saiu da escuridão, adentrando um feixe de luar; era um menino.

– O cachorro poderia ter pulado em mim – disse.

– Estou segurando, venha até aqui e deixe que o cheire.

O menino aproximou-se e estendeu o braço para o focinho do cachorro. Era um pajem que, apesar de temer o cão, avançara com confiança mediante a ordem de Blackstone. O cachorro ganiu, tentou avançar e depois, balançando o rabinho, lambeu a mão do menino.

A luz pálida mantinha indiscriminadas as feições do menino.

– Quem é você? – Blackstone perguntou.

– Meu nome é Guillaume Bourdin – respondeu o garoto, e olhou para o rosto marcado de Blackstone, tornado ainda mais ameaçador pelas sombras.

– E a quem você serve?

– A Condessa de Harcourt colocou-me para Lord Henri Livay.

Blackstone o fitou; havia algo nele que lhe pareceu familiar, mas não fazia ideia do que era.

– Certo, Mestre Bourdin, por que não está com os outros pajens no estábulo? Não é lá que você deve ficar enquanto os escudeiros jantam com seus mestres?

– Eu vi você treinando, Sir Thomas, mas não podia me aproximar sem ser visto, então esperei por um momento em que pudesse lhe agradecer e dizer quão satisfeito estou por você ter se recuperado de seus terríveis ferimentos.

– Não o conheço, menino, então por que precisa me agradecer? E o que sabe dos meus ferimentos?

– Eu estava no castelo de Noyelles quando você foi trazido até lá após a batalha. E, antes disso, você tentou ajudar meu mestre e poupou minha vida. Então eu estarei sempre em dívida com você, Sir Thomas.

Blackstone compreendeu tratar-se do menino que protegia o cavaleiro ferido escondido atrás da cortina. O incidente parecia ter acontecido anos atrás.

– Acredito que seu mestre não sobrevivera àqueles ferimentos, estou certo? –

disse Blackstone, já sabendo a resposta.

– Sim, Sir Thomas, ele morreu menos de uma hora depois que você saiu do castelo.

– Quanto tempo serviu como pajem dele?

– Quase quatro anos. Estou quase com 11, agora.

– E então a Condessa Blanche colocou-o com um novo senhor. Quem, você disse?

– Lord Henri Livay – disse o menino. Seu sorriso indicou que Blanche de Harcourt fora cuidadosa ao escolher a alocação do garoto.

– Ele é um bom mestre?

– É sim, Sir Thomas. É bom, e estou aprendendo rápido.

– O escudeiro bate em você?

– Só quando não cumpro as obrigações.

– Isso acontece bastante?

– Não, Sir Thomas, estou determinado a trabalhar bem e com coragem.

– Coragem você já tem. Eu mesmo vi em Noyelles. Fico contente por você ter sido colocado sob os bons cuidados de Lord Livay e que vai aprender e ser um bom escudeiro – disse Blackstone, sentindo a satisfação de ver, saída de toda a matança e dor, a boa notícia de que o garoto sobrevivera e ganhara a chance de servir a um mestre de honra.

– Certo, volte para os outros antes que os escudeiros retornem e procurem por você. Obedeça e aprenda, jovem Mestre Guillaume. Pelo visto, nós dois recebemos uma segunda chance de mudar nossas vidas.

O menino curvou-se e saiu, desaparecendo rapidamente em meio às sombras, usando a escuridão para cobrir o retorno. Seus instintos o favoreciam, pensou Blackstone, depois, dando um passo atrás, imergiu na sombra oferecida por um pilar quando um servo abriu a porta, jorrando um brilho amarelado saído de dentro do salão principal. Os músicos haviam se calado. O servo olhou para os dois lados. Blackstone adiantou-se, permitindo ser visto.

– Sir Thomas, as damas recolheram-se, e meu senhor ordenou que eu o levasse à biblioteca.

Blackstone acompanhou o homem e foi levado à sala sob a luz de velas. As chamas da lareira deitavam seu calor dentro do pequeno cômodo, projetando as sombras dos homens nas paredes, fazendo-os parecer ainda mais ameaçadores do que Blackstone achava que eram.

– Você continua mostrando um mau comportamento, Thomas – disse Harcourt. – Um inferior social não deixa a mesa de seu anfitrião até que tenha recebido permissão. Não serei envergonhado perante meus amigos novamente, entendido?

Blackstone inclinou a cabeça.

– Por favor, aceite minhas desculpas, senhor. Pensei que minha presença à sua mesa havia abusado de sua receptividade.

– Ele tem resposta para tudo – disse William de Fossat. – Se não tivesse sido titulado cavaleiro por um príncipe, eu arrancaria a impertinência dele a pancadas.

Ninguém mais disse nada, apenas seguraram as taças de vinho nas mãos, fitando o inglês no meio deles. A maioria parecia menos preocupada com a presença de Blackstone do que o companheiro agressivo, Fossat.

– Mas o príncipe o honrou *de fato* – disse Harcourt –, e é por isso que temos que incluí-lo entre nós. Sente-se, Thomas. Queremos falar com você. E pode falar livremente, certo?

Blackstone fez que sim e se sentou num banco, perante seus inquisidores.

– Está aprendendo a lutar com espada? – um dos homens perguntou.

– Sim, senhor.

– E a lança?

– Não, senhor. Lança, não. Não vejo por quê.

O murmúrio de desaprovação deixou claro que Blackstone não fazia noção de como deveria lutar um homem de armas.

Henri Livay sorriu, bondoso.

– Não vê por quê? Costuma-se medir a habilidade de um cavaleiro por seu manejo com a lança quando ele cavalga junto ao exército.

– Nunca vi um campeonato, embora tenha ouvido de nobres e homens de armas que morreram devido aos ferimentos causados nessas disputas. Parece-me desperdício de bons guerreiros; morrem apenas para ter um pouco de orgulho. – Os comentários de Blackstone fizeram os homens se entreolharem, incrédulos, mas ele sabia que seu antagonismo era justificável. – Uma lança é uma arma inútil quando se está sobre o cavalo. Vocês não nos alcançaram com as lanças. Matamos seus cavalos. Cavamos trincheiras e os derrubamos. Meus senhores, a função da lança é passado, a não ser que seja erguida do solo por dois ou três homens e usada para matar os cavalos.

– Não tolerarei um arqueiro bastardo sentado aqui falando de táticas, me dizendo como ele nos matou! – gritou Fossat.

– Vergonha! Que papelão, Jean! Trazer esse açougueiro para nosso círculo de amizade – outro deles ralhou com Harcourt.

Este ergueu a mão para acalmar os ânimos.

– Ele não está falando uma verdade? – disse, calmamente. – Quantos de nós alcançaram as linhas deles? E os que conseguiram, que armas usaram? Digam. Espada, maça e machado.

– E não foi suficiente – outro acrescentou. Os homens começaram a

argumentar, até que um deles se levantou e foi até Blackstone. Usava uma capa azul-marinho, amarrada por cadarço dourado, com colar de arminho. Tinha riqueza e autoridade, e estava acostumado a demonstrar ambas. Como a maioria dos homens da sala, era uns quinze centímetros mais baixo que o arqueiro, mas era cheio de músculos, e sua aparência robusta portava a ameaça de um homem acostumado ao combate corpo a corpo. *Aquele é um homem poderoso, Thomas,* Christiana dissera quando o apontara anteriormente. *Lord de Graville é amigo íntimo de Sir Godfrey, mas não foi enfrentar os ingleses*.

– Escute aqui, rapaz. Existe um código de cavalheirismo que valorizamos como valorizamos a lança. Um cavaleiro sempre leva ambos para a batalha – disse ele, um cuspe de desgosto pendurado na barba.

Blackstone deixou que os demais murmurassem, concordando, mas Harcourt permaneceu em silêncio. Dera liberdade total a seu pupilo. Se Blackstone ficasse acovardado perante aqueles homens, então não passava de um aldeão inútil que não poderia mais portar um arco de guerra. Se fosse material para um cavaleiro, defender-se-ia usando seu cérebro e sua língua como armas. Até então, Jean de Harcourt notou, Blackstone desafiara os inimigos naquela sala.

– Acredito que entendo de honra, milordes. Meu próprio senhor de sangue me disse que um homem é medido por sua honra e lealdade. Mas cavalheirismo?

– Sim! – gritou Louis de Vitry. – O cavalheirismo de um cavaleiro é seu direito de nascença e seu dever.

Blackstone esperou um pouco. Não havia motivo para saltar para cima da discussão calorosa, ele sabia que escolher suas palavras era tão importante quanto escolher o local da batalha.

– Sou um homem rude, de origem humilde, ensinado por meu pai a usar o arco de guerra. Mas o que vejo do cavalheirismo é como a capa que esconde o corpo de um leproso. Que tipo de cavalheirismo foi aquele que os fez atropelar sua própria infantaria e usar a espada contra seus próprios arqueiros? Se isso for cavalheirismo, não vejo utilidade nele. Luto até a morte por meu rei e meus amigos que estão ao meu lado. Mato porque quero ver meu inimigo morto, e isso não pode ser disfarçado como coisa alguma.

Por um momento, ouviu-se nada além da respiração pesada dos homens. Não compreendiam como um simplório arqueiro podia fazer comentários tão pertinentes. Blackstone não vacilou perante o olhar dos demais.

Vitry levantou-se da cadeira.

– Jean, não permanecerei no mesmo cômodo que essa vã criatura. Talvez tenhamos superestimado o Rei da Inglaterra por permitir que esse sujeito baixo fosse honrado.

Harcourt levantou-se rapidamente e impediu que o amigo chegasse à porta.

– Louis, devemos deixá-lo falar. Ele não é um de nós, nunca será. Mas o que ele fez foi um ato de grande coragem. Ele sofreu uma perda na batalha e enfrentou os ferimentos, que teriam deixado muitos de nós na cama até agora. Não é nenhum bobo, e pode tornar-se um grande guerreiro. Matar os ingleses não basta. Precisamos entendê-los.

Louis de Vitry, menos de seis anos mais velho do que Blackstone, mas, como Harcourt, filho e herdeiro de uma das mais importantes famílias normandas, permitiu que as palavras do amigo o acalmassem. Ele voltou ao seu lugar, perto do fogo, mas manteve o olhar sobre as chamas.

Harcourt encarou Blackstone.

– Impertinência como a sua é algo com que tivemos muito pouca experiência, Thomas.

– Peço desculpas, senhor. Não quis ofender. Só falei o que penso.

– O fato é, Thomas, que você nunca parece dizer o que pensa quando pede desculpas – disse Harcourt, sem raiva.

Um dos mais velhos pegou mais vinho, mas não ofereceu a bebida a Blackstone.

– Lutamos com uma ferocidade que devia ter varrido seu rei inglês e o exército dele de volta ao fosso que separa nossos países. Nossa humilhação é mais dolorosa do que os ferimentos que sofremos – disse.

O silêncio indicou que era a vez de Blackstone responder:

– Nosso rei nos avisou de sua ferocidade, Lord de Mainemares. Ele disse que o seu era o melhor exército do reino cristão e que vocês nos esmagariam se vacilássemos.

– Ainda resta uma dúvida: por que não vacilaram sob circunstâncias tão desfavoráveis? – perguntou Guy de Ruymont.

Blackstone não encontrava motivo óbvio para ser questionado, mas sabia que suas respostas seriam importantes para aqueles homens violentos e irritáveis.

– Tínhamos uma grande vantagem sobre vocês.

– Sim, tinham arqueiros que matavam a distância. Não vejo honra nisso – disse um dos outros homens.

– Se tivessem atravessado nossas fileiras, como fizeram em alguns pontos, teriam matado nossos arqueiros, porque não carregávamos meio algum de defesa contra vocês. E foi por isso que matamos vocês o mais rápido que pudemos e sem piedade, assim que seu rei ergueu a Oriflamme contra nós. Teriam parado de nos matar se nos rendêssemos? Não creio. E nossos cavaleiros eram mais aptos à batalha do que os seus – disse Blackstone.

– Seu maldito! – cuspiu Fossat, e foi para cima de Blackstone, que logo se levantou para defender-se.

– William! – urgiu Harcourt, fazendo o cavaleiro impetuoso recuar.

Ninguém disse nada por um momento. Blackstone sabia que tinha exagerado.

– Não digo que eram mais corajosos. Mas a coragem deles havia sido testada muitas vezes. Traziam a experiência das guerras escocesas e estavam comprometidos com seu rei.

– E nós não? – perguntou Henri Livay.

– Vocês, não, milorde, não do mesmo jeito.

– Por Cristo, Jean. Por que estamos aqui junto desse açougueiro assassino? – disse outro nobre.

– Porque – Graville interrompeu – ele estava lá, enfrentando a nossa força. Ele via a batalha e como ela ocorria. E é um inglês e pensa de modo diferente do nosso. Explique-se.

– Não tenho o conhecimento de um rei ou um príncipe, ou de nenhum dos homens de armas que enfrentaram vocês. Posso falar o que ouvi e o que vi, senhor. Meu rei escolheu o campo. Vocês não protegeram seus atiradores. Estavam impacientes para nos matar.

– O que, em nome de Deus, isso quer dizer? Quer nos provocar, insultando-nos, Blackstone? – gritou Fossat.

– Quero dizer que vocês não serviram ao seu rei como nós servimos ao nosso.

Dessa vez, foi o mais velho, Lord de Mainemares, que segurou Fossat pelo braço para conter seu ataque.

– Controle-se, homem! Ou vá se sentar com as mulheres para fofocar. Esse homem e os que estavam com ele nos causaram grande chacina. Nossos nobres estão presos, sob resgate, nosso rei está curando suas feridas atrás das paredes de Paris. Podemos aprender com esse humilde arqueiro.

– Que, como disse Jean, provou coragem maior do que muitos de nós aqui – reconheceu Henri Livay.

– E não é mais arqueiro – disse Guy de Ruymont. – Explique o que quis dizer, Mestre Blackstone.

O rapaz controlou a respiração, contendo o pânico que ameaçava dominá-lo ao encarar os senhores da guerra normandos.

– Meus senhores, pelo que entendo, vocês lutam por sua honra, e apenas por ela. Lutam juntos enquanto famílias, como parentes, competindo com outros para ver quem matará os ingleses primeiro. A batalha não lhes seria negada, e foi essa impaciência que os matou.

Os homens encaravam Blackstone, como se repreendidos por ele.

Blackstone não esperou por mais perguntas ou desafios. Precisava dizer

àqueles bravos franceses como sua própria arrogância os fizera perder.

– Fomos recrutados pelo senhor das minhas terras. Ele falou com todos nós. Manteve-nos unidos, e lutamos por ele e somente por ele. – Ficaram todos em silêncio. Nenhum dos homens tirou os olhos de Blackstone. Suas palavras chamuscavam o orgulho deles. – Nosso rei era o rei melhor – ele acrescentou, esperando outro surto de raiva. Que veio imediatamente.

– Não deixarei que insulte o Rei da França! – disse Louis de Vitry, muito bruscamente.

Os homens ergueram suas vozes de novo, com muita raiva, gritando uns por cima dos outros, mas Blackstone havia enfrentado homens igualmente poderosos vindo para cima dele com seus cavalos. Suas palavras raivosas eram inofensivas. Somente Jean de Harcourt e Lord de Graville faziam silêncio. O arqueiro notou que trocaram um olhar. Um olhar que mostrou que ambos sabiam que o jovem cavaleiro tinha razão.

Blackstone levantou-se, e, por algum motivo que ele não compreendeu, os homens ficaram calados.

– Um grande rei não perde uma grande batalha – ele disse baixinho.

Após uma pausa, o rapaz curvou-se para Harcourt, que assentiu, dando-lhe permissão para deixar a sala. Não havia mais nada para ser dito naquela noite.

Quando fechou as portas após passar, o ar frio da noite resfriou a camisa encharcada de suor grudada em seu corpo. Finalmente, ele deixou a tensão acumulada esvaziar e escorou na parede, respirou fundo, lentamente, e por um momento tentou entender o que acabara de acontecer naquele cômodo. Ele desafiara e provavelmente insultara homens de alta posição que sabiam sua identidade, que ainda deviam ser seus inimigos. Mas ninguém o atacara, ninguém cobrara de Jean de Harcourt que ele fosse expulso do local. Blackstone manteve a posição e não cedeu terreno.

Uma mudança ocorrera dentro dele.

E o sabor produziu um sorriso em seu rosto.

Capítulo quinze

Jean de Harcourt parou na janela e viu os cavalariços e pajens preparando as montarias para a caçada do dia. Mais ao lado, longe de toda a atividade matinal, viu Blackstone fazendo seu treino. O inglês passara todos os dias ali, e Harcourt vinha observando-o em segredo desde que os convidados chegaram. A sensação de perda por não estar treinando com Blackstone era algo pelo qual ele não esperava. Forjava-se uma camaradagem entre mestre e pupilo, entre esses dois homens obrigados a conviver dentro das mesmas paredes. Ele dera liberdade a Thomas Blackstone para falar o que quisesse na reunião da noite anterior, na biblioteca, e o inglês expusera as emoções dos convidados. O cavaleiro imaginava, então, se esses homens se rebelariam contra os planos a longo prazo que ele e Graville pensavam para o rapaz. Ainda havia muito a ser discutido com os barões, mas eles precisavam caminhar com cautela, pois a traição até mesmo nas conversas significava morte certa sob as mãos do rei Philip. O rei inglês o prometera, mas a guerra ainda não estava terminada, e os normandos precisavam controlar seu destino. Os planos de Harcourt eram como uma fagulha ao vento, um espírito inquieto que não podia ser capturado – assim como suas ideias para Blackstone. Ainda não estavam formadas, mas carregavam a esperança de se provarem viáveis. Ter um jovem homem de armas bem treinado no coração da Normandia com a bênção do rei inglês poderia, com o tempo, servir aos interesses do rei Edward e dos franceses que estavam do lado dele. Mas ainda não. Pensar em usar Blackstone como um instrumento para a ambição deles era prematuro.

Naquelas frias manhãs de inverno, Harcourt ficava à janela envolvido na capa, perante o ar gelado, assistindo ao pupilo praticar sem descanso. Observar o rapaz em segredo causava-lhe sensações conflitantes de satisfação e inveja. Blackstone ainda não possuía a capacidade de lutar com eficácia no corpo a corpo, mas as habilidades dele eram suficientes para Harcourt pensar que o rapaz

seria equiparado a qualquer um dos escudeiros que acompanhavam os mestres naquelas semanas. Na verdade, seria equiparado até a alguns dos cavaleiros, pois sua ferocidade era algo que apenas o mais habilidoso espadachim poderia enfrentar e usar como vantagem própria. Havia ainda, contudo, um defeito fundamental no modo como Blackstone atacava o oponente, mas Harcourt ainda não sabia como consertar. A pontada de inveja vinha por saber que uma pessoa de origem humilde tinha a inteligência rápida para aprender e falar livremente sobre o significado da honra. Não havia dúvida na mente de Harcourt que o cavaleiro que fora o senhor jurado de Blackstone, Sir Gilbert Killbere, exercera um papel fundamental na maturidade do rapaz.

Harcourt tinha outra preocupação. Entre seus convidados, havia aqueles que levaram os comentários de Blackstone como insultos pessoais. Se não pudessem superar seus sentimentos e ver que o inglês falara somente a verdade, então algum deles resolveria se vingar. Os mais velhos tomaram a fala do inglês como fato, visto que, como o próprio Harcourt, sabiam que a impetuosidade e as péssimas decisões do rei francês eram ainda menores do que sua fraqueza de liderança. Apenas o homem mais novo admitia a verdade dolorosa. Provavelmente, seria William de Fossat quem proporia algum tipo de desafio a Blackstone. E sua violência seria difícil de controlar e quase impossível de conter quando Harcourt deixasse de lado sua hospitalidade. Se os ânimos ficassem exaltados demais, então uma raiva coletiva dos mais novos resultaria num ataque direto contra o arqueiro. E se isso acontecesse, Harcourt não teria escolha senão defendê-lo, o que passaria uma lâmina afiada como uma espada entre ele e os demais.

Ele estava prestes a entrar para o quarto quando viu um dos barões seguindo na direção de Blackstone, no campo de treinamento. Não podia ver o rosto do homem, mas sabia que não era Fossat. Então ele percebeu que era Louis de Vitry, que fora inflamado pelos comentários do inglês sobre a monarquia francesa.

– Blackstone! – Vitry chamou.

O rapaz virou-se e viu o nobre, animado pela raiva e resolução.

– Posso ajudá-lo, milorde? – disse o inglês, sentindo sua própria beligerância acordar. Já estava aquecido devido ao treino com espada; se o normando quisesse brigar, Blackstone não recusaria. A espada de madeira em sua mão seria inútil contra a lâmina que Vitry portava, então o inglês correu o olhar ao redor, à procura de outra arma. Havia uma forquilha perto do armazém, mas ele demoraria muito para pegá-la, dando tempo para Vitry sacar a espada da bainha e realizar um golpe mortal. Assim que ele dispensara essa ideia, Vitry largou a bainha e pegou uma espada de treino.

– Precisa aprender uma lição. Sou um convidado aqui, mas bater num servo não causa problema.

– Não sirvo a ninguém nesta casa, então esse já foi seu primeiro erro – Blackstone respondeu, encarando o homem nos olhos, lendo suas intenções. – E o segundo é você não estar acostumado a lutar com um homem comum – disse, provocando o outro com um sorriso. – Pode acabar se machucando.

Isso bastou para acionar o orgulho ferido do homem, que com um grito avançou. Blackstone abriu o passo, montou guarda, bloqueou os golpes, encontrou espaço e atacou com uma sequência de golpes. O ataque destemperado de Vitry foi logo disciplinado por ele, e Blackstone notou estar lutando com um homem de habilidade similar à de Harcourt. Mas o treinamento pesado do rapaz e as lições dolorosas de seu tutor lhe serviram bem. O oponente cometeu um erro de posicionamento e o inglês meteu-lhe um golpe forte que o fez cambalear para trás. Blackstone, focado, não via nada além do rosto do outro, e, sem medo, golpeando em retaliação, ele tomou o controle da situação e ganhou vantagem. Instintivamente, o inglês achou que podia quebrar a defesa do homem, mas então Vitry contra-atacou com tamanha destreza, que Blackstone foi tomado de surpresa. Levou golpes de espada na coxa, no peito e pescoço. A dor indicou que ele estaria morto numa luta de verdade. Ele se recobrou logo, defendeu-se e avançou contra Vitry novamente, golpeando-o nos braços e nas pernas, de modo igualmente fatal caso fosse o combate real. Por um momento, nenhum dos dois teve a vantagem, e então, movendo-se sobre os calcanhares, Blackstone desviou para a esquerda, foi para cima do oponente e atacou com tanta força, que rachou em duas a espada de madeira de Vitry. Este cambaleou para a parede, mas o inglês estava em tal estado de raiva, que não pensou em nada além de espancar o outro até que caísse.

Vitry pegou a forquilha e avançou. A luta seria fatal. Blackstone defendeu-se, mas, como um lanceiro na frente de batalha, o oponente tinha vantagem. Blackstone esquivou-se das pontas mortais, mas sua perna falhou e ele caiu. Vitry escancarou os olhos e soltou um grito de vitória ao lançar-se adiante. Blackstone esquivou-se, chutou e acertou o outro nas pernas. Ele perdeu o equilíbrio, e a forquilha enlameada escapou-lhe das mãos.

A visão de Blackstone era um borrão só. A concentração violenta não divergia da que o acometera quando ele abriu caminho aos cortes e fincadas na direção do irmão, que morria. Ele agarrou o homem, grudou-se às roupas dele, depois foi para a garganta, pronto para estrangulá-lo. Ficaram grudados, e Blackstone agarrou Vitry pelo cinto e deu-lhe com a cabeça, acertando-o quase no nariz, batendo a testa entre os olhos dele. O nobre urrou de dor, mas não soltou Blackstone. O peso dos dois era demais para a perna enfraquecida do

inglês, e eles caíram, dando ao francês a chance de que precisava. A adaga do cinto apareceu subitamente na mão dele, erguida ao alto para atacar Blackstone na garganta exposta.

Um instante antes de a lâmina descer, outro homem subitamente bloqueou a visão de Blackstone. A grande figura passou o braço em torno do peito de Vitry e o segurou como se não passasse de uma criança. Ele se debateu, quase sufocado pelo abraço, mas ficou ali até que as palavras do intruso romperam sua raiva cega.

– Louis! Louis! Basta! Chega disso! Escute! Está ouvindo? Basta!

Vitry cambaleou para trás, escorregando na lama, quando William de Fossat o largou. O mais agressivo dos críticos de Blackstone ficou entre os outros dois, acalmando o jovem barão normando.

– Não pode matá-lo, Louis. Ele não fez nada para permitir isso. Escutou? – perguntou ele a Vitry, que voltou a si e fitou, sem expressão, o homem à sua frente.

Ele cuspiu lama da boca e assentiu.

– Escutei, William – reconheceu, e aceitou a mão estendida para ajudá-lo a se levantar.

Blackstone já estava em pé, ainda alerta para mais um ataque. Até onde sabia, Fossat poderia partir do ponto em que impedira o amigo e continuar o ataque.

Fossat olhou para o inglês.

– Você luta como um cachorro, Mestre Thomas.

– Sou um vira-lata, milorde – Blackstone respondeu.

Antes que alguém pudesse dizer mais alguma coisa, Harcourt apareceu na entrada.

– O que é isso? Atacando meus convidados, Blackstone? – disse, sabendo muito bem o que acontecera, tendo visto tudo do alto.

– Peço desculpas, senhor – respondeu o arqueiro. – O conde teve a bondade de me dar aulas, e peguei-o de surpresa com minha luta comum. Estava tentando mostrar-lhe como lutamos numa taverna.

Harcourt fitou Vitry.

– Foi isso que aconteceu, Louis?

A raiva do jovem conde havia sido saciada pela luta, mas, mesmo assim, ele hesitou em responder.

– Ele não explica as coisas com a mesma clareza da noite passada, Jean.

– Está dizendo que ele mente?

Vitry fez que sim.

– Era minha intenção atacá-lo pelos comentários insultantes. Parece que

você ensinou bastante a ele durante esses meses que passou aqui. Se estivesse armado, creio que poderia ter me matado. A culpa disso é minha e somente minha. Blackstone sufocou a verdade no intuito de me poupar da humilhação. – Ele inclinou a cabeça para o inglês, reconhecendo o gesto. – Minha humilhação não se compara ao que meu condado enfrenta, Mestre Blackstone, mas não preciso que gente como você proteja meus sentimentos. – Ele se afastou, tirando lama da túnica, e depois voltou. – Ah, e devíamos lutar novamente; vou matá-lo antes que tenha a oportunidade de me machucar. Agora, Jean, peço licença para me trocar antes de irmos caçar.

William de Fossat esperou até que o nobre não pudesse mais ouvi-los. Ele abriu um sorriso entre a escuridão da barba.

– Você é um bastardo violento, Thomas Blackstone. Quando melhorar essa sua perna, vou pensar duas vezes antes de desafiá-lo. – Ele fungou a umidade daquela manhã fria e cuspiu. – Conde de Vitry é um bom espadachim, e você precisa praticar mais, rapaz – disse, depois se voltou para Harcourt. – Jean, estamos todos correndo risco aqui junto desse autoproclamado vira-lata. Torça para que Louis não vaze a informação aos homens do rei. Seria uma pena entregá-lo agora que chegou tão longe. – Ele pôs a mão no ombro de Harcourt. – Agora, minhas bolas já estão congelando, podemos ir logo caçar e matar um javali?

Cães de pelo duro e dois mastins espiavam de dentro das gaiolas de madeira na traseira de uma carroça que seguia aos solavancos pela trilha na floresta. Os narizes úmidos farejavam o ar, mas nenhum gania, não tendo captado o javali. Esses cachorros eram treinados para caçar o javali selvagem e cercá-lo, e eram rastreados maduros, crescidos, haviam sobrevivido a muitos encontros com o mais perigoso dos animais da floresta. Muitos cachorros mais novos, tolos, tentaram atacar o bicho cujas presas podiam eviscerar um cavalo. Assim que os cachorros encontravam o javali e o cercavam, então os mastins eram soltos. Com seu peso, podiam segurar o javali, e metiam-lhe as presas nas orelhas e no pescoço. Somente assim a criatura podia ser subjugada, para então uma lança ser fincada em seu coração. Havia outros modos de matá-lo além da segurança do comprimento da lança, pois, se o javali não era muito grande, um caçador ousado podia ir a pé e meter-lhe a faca na garganta. Mas Harcourt esperava soltar os cachorros naquele dia, caso encontrassem um javali específico que ele procurava. Era um antigo sobrevivente que portava cicatrizes de lança e de flecha, e em todos os anos em que vivera naquela mata, ninguém ousara se

embrenhar nas moitas atrás dele. O pai de Harcourt chegara perto de matá-lo certa vez, mas as presas desse javali eram longas e afiadas, e projetadas muitos centímetros à frente do maxilar inferior. Harcourt já tinha visto esse javali enorme rasgar cachorro e gente ao atacar de uma moita. O pai perdera três cachorros e um servo nesse dia, quando a fera cercada defendeu-se. Esse javali era lendário e, quando fora visto pela última vez, os trabalhadores da floresta fugiram para salvar suas vidas. Não havia necessidade de exagerar ao falar do tamanho e do peso da fera. Seria preciso mais de um homem para matá-lo, e teriam que fincar logo a lança nele e rezar para nenhum cavalo morrer. Era essa sensação de antecipação, de enfrentar um oponente digno, que motivava os homens e os fazia seguir, impacientes, bem na frente das esposas e seus acompanhantes.

As mulheres vinham a cavalo, acompanhadas pelos pajens dos cavaleiros, pois os escudeiros vinham à frente, junto dos mestres. Embora a névoa matinal se prendesse, teimosa, à copa das árvores, em questão de uma hora ela derreteria, e assim que estivessem mais embrenhados na floresta, os feixes de luz permitiriam que seguissem os cachorros e seus domadores. Os aldeões de Harcourt andaram procurando sinais por meses e relataram que os entalhes cravados pelo focinho do grande javali estavam concentrados numa área. Todos estavam muito excitados. As mulheres riam e conversavam.

– Será perfeito para o Natal – gritou Blanche de Harcourt quando os cavalos começaram a trotar. – Que banquete perfeito um javali selvagem no espeto e sua cabeça sobre a mesa!

Depois do conflito com Vitry, Jean de Harcourt repreendera seu pupilo.

– Deixou que ele quebrasse sua defesa. Estava pensando demais. Matar com uma espada tem que ser tão instintivo quanto usar seu arco de guerra. Seu olho e seu cérebro diziam quando soltar uma flecha. Nenhum está separado do outro. Estão em sintonia, coração, mente e olho. Instintivo, todas as suas partes. Não tolerarei que fracasse, rapaz. Pegarei a espada e o cortarei em pedaços.

Blackstone ficou calado, aceitando a advertência. Jean de Harcourt parecia pensar em alguma coisa, como se lutasse consigo para tomar uma decisão. Seu olhar acompanhara a figura enlameada de Louis de Vitry quando este retornou ao castelo para trocar de roupa.

– Tudo bem, vamos ver se conseguimos fazer seu cérebro funcionar tão bem quanto esse seu braço direito. Venha comigo.

Jean de Harcourt foi até sua biblioteca, com os cachorros trotando aos seus

pés. O mestre estalou os dedos e apontou, e os bichos correram para deitar-se perante o fogo, ainda seguindo com os olhos os movimentos do dono. A biblioteca fora de seu pai, mas sua criação de estudo e aprendizado indicava que ele passara muitas horas sob a tutela estrita de um monge cujas unhas quebradas, sujas de lama, e a batina fedida ficaram para sempre gravadas em sua memória, tanto quanto as lições aprendidas e as punições permitidas pelo pai. Este insistira que o filho recebesse uma educação mais ampla do que se dava aos escudeiros antes de ele começar seus anos de serviço para tornar-se um cavaleiro.

A sua família era grande e seus ancestrais iam até Bernard le Denois, a quem fora concedido o território que se tornou a Normandia. Um dos seus antepassados, o Senhor de Harcourt, comandara os arqueiros que lutaram contra William, o Conquistador, o bastardo Duque da Normandia, quando este tomou o trono inglês. Outro, Robert II, acompanhara Richard Coração de Leão em cruzada e servira como dependente leal, de muito valor. O fato de o pai e o tio, Sir Godfrey, terem cindido a família devido a suas lealdades divergentes era um ferimento que demandaria muito mais tempo de cura do que os machucados do jovem inglês. Com muito mais sofrimento. O pai era antiquado, orgulhoso e arrogante, desdenhava o fraco rei francês, mas jamais vacilaria em sua lealdade à coroa. Era Capitão de Rouen, a maior cidade da Normandia. O filho implorara ao pai que ajudasse Sir Godfrey. O rei inglês tinha direito legítimo ao trono da França. Mas o orgulho sedimentado do pai o pegara de surpresa. Jean de Harcourt tinha 30 anos de idade, era forte e esbelto, tinha força para lutar por horas a fio, mas o golpe do mais velho foi tão rápido, que fez o rapaz cair de joelhos. Possuía honra normanda, que não se comprava em qualquer lugar, foi o que o pai cuspiu nele. Jean teria ido junto de Sir Godfrey, mas seu dever era para com o pai. E foi assim que a família enfrentou a si mesma naquele campo de batalha. A selvageria do confronto foi maior do que se imaginava, e quando o pai tombou, Jean o viu morrer, sem poder fazer nada, com a espada banhada em sangue, o visor aberto, o sangue jorrando pelos dentes, conforme as flechas fincavam nele. Ele caiu junto do cavalo. A terra batida o segurou como um espírito pagão, recusando-se a soltar o corpo moribundo até que cavalos armados da fileira seguinte varreram-no sob suas ferraduras, rolando seu corpo, esmagando-o numa mistura de ossos e sangue.

Jean encontrou o documento que procurava. Voltou-se para fitar um Blackstone encharcado, que parou bem distante do conforto do fogo, esperando permissão para se aproximar. Havia arrogância e desafio nesse ato singular, notou Harcourt. Blackstone não daria a ninguém a satisfação de ver sua necessidade. Tudo bem para o francês. Ele não sentia compulsão alguma de conceder tal conforto ao outro. Esses eram momentos em que sua memória o

fazia querer punir o arqueiro inglês, não ajudá-lo, e mantê-lo sob seu teto estava causando uma rixa entre ele e os amigos, nobres que precisava ter ao seu lado. Harcourt demorou alguns instantes para conter a raiva que o cutucava, mas ele se lembrou de que a guerra era um jogo. A sorte os abandonara em Crécy, e um jovem inglês, depositado aos seus cuidados, não podia ser culpado pela humilhação de um povo. Além disso, ele admitiu, com rancor, que o caráter e a coragem de Blackstone demandavam respeito.

Ele jogou o pergaminho para Blackstone.

– Não precisar saber ler para entender isso – disse, depois se juntou aos cães, na lareira, enquanto o inglês desdobrava o documento. – Meus ancestrais trouxeram isso quando lutaram contra os sarracenos. Estes compreendiam o corpo humano de um modo diferente do nosso. Nossos médicos são camponeses ignorantes se comparados a eles. Você sabe ler uma planta de construção, então deve ser capaz de entender isso – disse ele, e esperou, pensando ter dado ao inglês o que achava ser a chave que faltava para as habilidades de luta dele. Blackstone ignorou as roupas encharcadas e os tremores que subjugara. O que tinha em mãos era o desenho de um homem nu, braços estendidos para tocar um círculo ao redor. Outra linha dividia o tronco em dois bem na cintura, e duas se encontravam numa cruz, cortando o corpo do homem do ombro até o quadril. Dentro de cada segmento, apareciam os órgãos vitais: coração, pulmões, fígado, estômago. Era um desenho da criação perfeita de Deus.

– Entende? – Harcourt perguntou.

– Isso é geometria – ele respondeu.

– Isso é heresia. A Igreja é contra a dissecação, mas isso foi feito por um médico muçulmano antes de meu pai nascer. Agora, quando você lutar contra um homem, pense nisso e ataque de acordo. Guarde para você.

O francês virou o rosto; concedera ao jovem arqueiro tudo aquilo de que precisava para matar com eficiência.

– Essa perna está pronta para você cavalgar? – perguntou Harcourt.

– Acredito que sim, senhor – o rapaz respondeu, esperançoso.

– Então precisamos testá-la. É hora de você sair de trás dessas paredes. Farei um cavalariço escolher um animal que não o derrube.

Blackstone mal podia acreditar na sorte. Finalmente teria permissão para sair do castelo; como se não bastasse, sairia para caçar.

– Certo, Thomas, vá, limpe essa sujeira e troque de roupa. Leve o desenho para seu quarto para estudar mais tarde.

– Obrigado – disse Blackstone, incapaz de encontrar outras palavras para expressar a gratidão pelo desenho sarraceno e pela chance de cavalgar. – Mas nunca usei uma lança contra um javali selvagem, nem nada parecido.

– Não será preciso. Só precisa proteger a si mesmo. Traga aquela sua espada. Cavalgará junto das mulheres e dos pajens.

Blackstone sentiu o coração parar.

– As mulheres? Não posso caçar junto aos homens?

– Não teste minha generosidade, Thomas. As mulheres precisam de proteção na retaguarda. Você e os pajens conseguem dar conta disso, não acha?

Blackstone havia limpado o cheiro de suor do corpo e trocara de roupa, mas cavalgara atrás das damas, que seguiam os cavaleiros. Harcourt arranjara uma bainha para a Espada do Lobo, que vinha presa à sela do cavalo. Era a primeira vez que o rapaz tirava a espada do quarto, e ele sentia uma mistura de orgulho e autopercepção. Antes de enfiar a lâmina na proteção, sentiu uma pontada de dúvida. Sir Gilbert ensinara-o a manter a espada pronta, mas aquilo não era uma batalha, e ficar ostentando a arma era desnecessário. Por alguns breves momentos, ele a segurou em perfeito equilíbrio, o peso posicionado abaixo do guarda-mão, dando à lâmina liberdade para fazer seu trabalho. Era uma pena esconder sua beleza, mas ele a colocou na bainha.

Os pajens traziam comida e bebida, e aos mais velhos deles, incluindo Guillaume, cabia a tarefa de deitar os cobertores para o descanso do meio-dia, do qual os caçadores usufruiriam naquele momento. O dia seria curto, a luz sumiria em poucas horas, mas a lenha foi trazida, e uma fogueira, acesa para o piquenique de inverno sob um céu cor de safira. Ouviu-se um grito quando um veado foi afugentado de uma moita para uma clareira, e as mulheres incitaram seus cavalos para seguir os homens. A criatura assustada pulava de um lado para o outro, ziguezagueando para longe dos homens, que gritavam. Os cachorros uivavam, mas eram contidos pelos domadores. O veado era presa fácil. As mulheres gritavam para encorajá-los.

– Louis! Esse é seu! – gritou Henri Livay para Vitry conforme o veado se esquivava graciosamente dos golpes de lança.

Mais uma vez, o animal aterrorizado dançou de um lado ao outro, desequilibrando o trotar dos cavalos. Blackstone acompanhava o ritmo das mulheres, cujos vestidos e véus ondulavam atrás delas. *Feito as asas de um anjo*, pensou Blackstone ao direcionar o cavalo mais para perto de Christiana. A expressão no rosto dela, contudo, não tinha nada de angelical. Olhos escancarados, ofegantes com a excitação da morte iminente, ela e Blanche de Harcourt cavalgavam lado a lado, rindo com luxúria pela morte do animal. Sua paixão pela caça o pegou de surpresa, e nesse momento o desejo por ela

aprofundou-se. Um pensamento insano cruzou sua mente: se pudesse separar Christiana dos demais, levaria a jovem para uma clareira, onde deitaria um cobertor para despi-la lentamente e cobrir seu corpo trêmulo com o dele. Não haveria momento melhor para usufruir do desejo deles, ele pensou.

Esses pensamentos desviaram sua atenção da caçada por alguns poucos segundos, tempo suficiente para que seu cavalo se esquivasse habilmente de uma moita, sem motivo aparente. Quando os gritos de vitória e o berro do veado, espetado, morrendo, viajaram pela floresta, o pé de Blackstone soltou-se do estribo, ele perdeu o equilíbrio e não conseguiu se segurar na crina do cavalo, voando para o espaço. Pareceu demorar bastante até que o solo o cumprimentasse, mas, quando o fez, foi como um golpe pesado de martelo que o fez perder o fôlego.

Ele ouviu o barulho dos cascos cada vez mais distantes, sua vibração percorrendo o solo até sua espinha. Richard Blackstone era capaz de sentir o som das trombetas e dos tambores, talvez tivesse sido essa a sensação que o menino teve ao morrer dentro de seu mundo silencioso, pensou Blackstone, deitado ali, em silêncio, os ouvidos inundados pelo som pulsante do próprio sangue. Ele gemeu e se levantou.

Os cachorros mal podiam ser contidos pelos domadores quando a garganta do veado foi rasgada por um dos caçadores. O sangue jorrou com um último batimento cardíaco. A lança de Vitry foi arrancada da carcaça, e os servos colocaram-se a estripar o animal antes mesmo de os olhos do bicho perderem o brilho. Eles ganhariam o coração e o fígado como presente de Natal, e os pulmões iriam para os cães, quando a caçada terminasse. No momento em que Blackstone notou tudo isso, seu cavalo foi capturado por um dos homens, e a atenção do grupo voltou-se para ele, que vinha cambaleando. O riso que recebeu o manco foi sentido como uma saraivada de flechas voando pela clareira.

Ele viu um dos escudeiros segurando seu cavalo e os gestos de Harcourt indicando a Christiana que levasse o cavalo de volta para Blackstone. Obviamente, os homens achavam que ele merecia a humilhação adicional de ter sua montaria retornada por uma mulher. Ele sorriu como um bobo quando Christiana aproximou-se, depois riu quando ela conteve o cavalo facilmente. Christiana fez uma careta tão feia, que nuvens de ar escaparam de suas narinas como fumaça da chaminé.

– Acha graça nisso? – ela disse, com raiva.

– Você parece tão feroz, Christiana, como um demônio enfezado – ele disse. – Qual é o problema? Não se juntou a todos para rir de meu infortúnio?

Christiana jogou longe as rédeas.

– Pode piorar ainda mais meu embaraço? Você foi derrubado esta manhã por

Conde de Vitry e agora cai de um cavalo dócil? Essas pessoas estão rindo *de você*, Thomas. Não é mais um camponês inglês; está na companhia de homens de berço. Cavalgar um cavalo é o mínimo que se espera de você.

Blackstone pegou as rédeas e parou o cavalo, depois falou com ela como se já fosse seu senhor e marido.

– Não aja como uma criança. Tive vantagem sobre Vitry. Esses barões são mestres da hipocrisia, Christiana. Eles jogam um jogo de lealdades divididas, e um dia meu rei ou o seu os farão pagar. São um ninho de víboras, e não confiarei em nenhum deles. Você é como essas pessoas?

– Sou a única filha de meu pai, e ele serviu ao senhor dele com lealdade e me mandou aqui para salvar minha vida!

– Isso não faz de você uma deles! Está envergonhada ou constrangida? Tem diferença.

A pergunta a deixou confusa, o que a deixou ainda mais irritada. Ela virou o cavalo e cavalgou de volta aonde o grupo de caça esperava por ela. Blackstone puxou-se para cima da cela, querendo mais do que tudo estar de volta aos seus, e imaginou se estava muito distante de Calais.

O dia ficou mais curto, poucas horas restavam até que o sol se escondesse atrás das copas das árvores. O céu limpo teria feito um ótimo dia para o falcão, mas nenhum fora solto, sendo o único propósito daquele dia de caça fornecer carne da floresta, principalmente de javali, para a mesa de Natal. Blackstone misturara-se às mulheres. Algumas delas começavam a reclamar do frio conforme os feixes de luz foram ficando mais estreitos, levando consigo o pouco de calor que restava. Quanto mais adentravam a floresta, os sentidos de Blackstone aguçaram-se, e ele ficou vigilante. Ele guiava em silêncio a cavalo por entre moitas e árvores, lembrando-se de outra floresta, além do rio Blanchetaque, onde ele tirou Christiana dos soldados boêmios. Era fácil esconder-se na floresta; se um homem ficava imóvel, era quase impossível ser visto. Até mesmo os movimentos lentos eram mascarados pelas árvores, por isso ele temeu que forasteiros pudessem pular das moitas e derrubá-lo do cavalo. Então aqueles sob sua proteção ficariam vulneráveis, e ele teria fracassado em seu dever. Guiando o cavalo por entre as árvores, ele mantinha sob a vista as cores misturadas dos vestidos das mulheres e as sombras dos pajens que as seguiam diligentemente. O conversar das mulheres espalhava-se ainda, de modo que quando ele olhava para o meio da floresta, de árvore a árvore, metro por metro, penetrando a mata, seus ouvidos situavam a localização delas.

As vozes distantes dos homens eram abafadas pelas árvores quando eles chamavam um ao outro. Haviam, obviamente, se separado, e os gritos indicavam aos demais onde estava cada homem, ou onde pensavam estar. Henri Livay se perdera, e quando ele chamou, Blackstone ouviu um grito distante, parecia ser a voz de Guy de Ruymont, dizendo para onde seguir. Então o silêncio voltou a reinar, deixando somente o barulho dos cascos do cavalo no solo da floresta e o cantar dos pássaros ao retornar ao ninho.

Eles passaram por clareiras, ilhas sem árvores onde antes pessoas haviam acampado. Samambaias enormes cobriam o chão onde os veados não haviam pastado. Moitas de espinheiros espalhavam-se nesses pontos, assim como o sol vacilante, mas Blackstone não viu sinal algum de moradia, nada de fogueiras antigas apagadas, e se ainda havia homens usando esse ponto da floresta, teriam acampado ali pelo calor oferecido pelo sol e pela cama suave de samambaias. Quando ele entrou nessa clareira com o cavalo, ouviu um grito e os uivos e latidos dos cães. Depois tudo ficou quieto. As mulheres logo controlaram os cavalos assustados, mas seus próprios gritos de alarme foram sufocados quando o grito do homem intensificou-se. As vozes distantes dos homens também gritaram, procurando com desespero a localização dos sons aterradores.

– Para a clareira! Agora! – gritou Blackstone, lançando-se à frente, forçando as mulheres a entrar na clareira. O corcel de Blanche de Harcourt desviou violentamente do grupo quando as mulheres açoitaram e comandaram os cavalos para entrar no espaço aberto. A perna machucada de Blackstone colidiu com a lateral do corpo do animal, mas ele ignorou a dor e agarrou as rédeas, forçando o cavalo a se comportar.

– Façam círculo! Preparem-se! – ele gritou para os pajens, que, apesar da juventude, não mostraram sinal algum de pânico ao obedecer ao comando. Os gritos ficaram mais intensos e então, subitamente, pararam. Nesse momento assustador de silêncio, menos de um segundo se passou quando as vozes disparatadas, mais perto do que antes, tornaram a gritar, e foram abafadas por um guincho agoniado de um cavalo vindo dos fundos da floresta. Blackstone ouvira esses espasmos de morte no campo de batalha, quando os ingleses fincavam as lanças nos cavalos de guerra franceses, eviscerando-os.

– Socorro! Aqui! – implorou a voz de um homem. E novamente: – Aqui!

– É Jean! – gritou Blanche de Harcourt, puxando as rédeas na direção dos gritos.

– Fiquem aqui! – Blackstone gritou para ela, sem pensar em sua posição. Ele deu um tapa no cavalo e o forçou a voltar para o grupo de cavaleiros, depois esporeou seu cavalo para avançar. Foi instinto puro o que o guiou por entre as árvores, inclinado sobre a crina do cavalo, sendo açoitado pelos galhos. O

animal obedecia bem, adentrando a floresta sem receio, conforme o arqueiro o conduzia de um lado a outro para se esquivarem das árvores.

A luz do sol banhava a mata no local em que fora devastada, e o sabor metálico inequívoco de sangue pegou no fundo da garganta do inglês. O cavalo debateu-se quando passaram por entre as árvores, adentrando um oásis de luz, diferente da clareira da qual ele acabara de sair. O que viu diante de si foi uma arena de gladiadores coberta de sangue. Havia um homem de tronco rasgado, a expressão de morte fixa no rosto, o pescoço quebrado, braços estirados, os punhos enfiados por entre as samambaias. Boa parte do local fora pisoteada. O homem morto era um dos domadores de cães de Harcourt, e dois dos cavalos jaziam sem vida junto a ele. A menos de cinquenta passos dali, uma moita densa, alta como um cavalo, bloqueava o outro lado da clareira. Novos brotos de árvores abriam caminho por entre as samambaias, onde Jean de Harcourt encontrava-se esmagado sob um cavalo tão ferido, que mal podia erguer a cabeça.

Longe dos corpos e do homem preso estava um javali selvagem encharcado de sangue devido ao ferimento de lança no pescoço, as laterais do corpo arfando de exaustão. Blackstone e o irmão cresceram correndo pelas florestas de Lord Marldon, capturando coelhos e esquilos para pôr na panela, e assistiam à caça escondidos, mas os nobres nunca mataram um javali maior do que um menino ou um que chegasse à altura dos joelhos de um homem. A criatura era mais assustadora do que qualquer homem brandindo espada. A fera cercada defendera-se, e seus olhos malevolentes mostravam nada mais do que um animal temendo por sua vida ao fixarem-se no intruso. Blackstone lutou contra o cavalo assustado, que o empurrou para uma árvore. Os galhos mais baixos lhe riscaram o rosto. Ele desceu do cavalo, e o animal saiu correndo, tomado pelo pavor. Com a boca seca de tanto medo, o único conforto que tinha era a mão apertando a espada com tanta firmeza, que os nós dos dedos ardiam. *De que valeria uma espada*, pensou ele. *Seria muito mais fácil matar o bicho usando um arco.* Prepararia uma flecha de ponta grossa e a fera tomaria um tiro. Ninguém precisava se machucar. Mas não havia arco nem arqueiro para usá-lo. O dia podia terminar mal e nos poucos minutos seguintes.

O javali devia ter mais do que o dobro do peso de Blackstone, pelo menos cerca de cento e oitenta quilos, e era mais alto que uma flecha, alcançava acima do quadril de um homem. A julgar pelos restos espalhados do homem morto, o javali devia ter pouco menos de dois metros de comprimento. As presas e o focinho estavam sujos com a carne e o sangue das vítimas, mas apesar do movimento leve da cabeça ao ver Blackstone chegar perto de Harcourt, o bicho permaneceu imóvel. Blackstone torceu para que, movendo-se lentamente, o

javali se sentisse livre para escapar e entrar na mata alta para se esconder ou atravessar correndo as plantas do outro lado.

Harcourt estava imóvel, o rosto virado para acompanhar a aproximação cautelosa do inglês.

– Sua perna está quebrada? – Blackstone perguntou, no que mal saiu como um sussurro.

– Não. Presa. Eu o feri. Ele foi ao chão no matagal. Juro que ele fez uma emboscada – disse o outro, baixinho.

Tudo o que Blackstone queria era sair do caminho do javali e dar passagem livre. Não tinha interesse algum em matar o bicho e notou que, se andasse lentamente, daria a todos a chance de sobreviver, mas, conforme ele caminhou sobre as samambaias que roçavam seus calcanhares, amarrou a tira de couro do guarda-mão da espada em torno do pulso. Se o javali atacasse, o arqueiro teria que empregar toda a força para segurar a espada, e o nó de sangue lhe daria uma segunda chance caso a arma lhe escapasse da mão.

– Santo Deus, Thomas… use a lança – Harcourt sibilou. – Não vai conseguir contê-lo se ele atacar.

Blackstone viu a lança a poucos metros dali, entre as plantas rasteiras. Ele fez que não.

– Longe demais. Ele vai me atacar assim que eu der chance.

Cada batida do seu coração socava seu cérebro como um martelo num sino. Isso foi poucos momentos antes de a morte certa avançar contra ele. Ele se esquivou, não ousando olhar para o javali ferido. O golpe de lança havia enfraquecido o bicho ou o enfurecido ainda mais? Para um animal que comia raízes e minhocas, ele parecia mais perigoso do que um lobo carnívoro.

Mais quatro batimentos e Blackstone pensou que tinha se afastado o bastante, mas então o som de um cavalo atravessando o mato crescido mudou tudo. Um cavaleiro penetrou pela borda da mata, e o javali assustado lançou-se bem na direção de Blackstone, que ainda estava na rota de fuga do bicho. A criatura veio de cabeça baixa, as presas prontas para o ataque. O coração de Blackstone quase pulou do peito, e ele mal pôde respirar. Pensamentos invadiram sua mente, dizendo que a perna poderia não conseguir fazer um movimento rápido para um dos lados, e, se ele caísse, não haveria como se defender. Não havia tempo nem para pensar no que fazer. Todas as lições que ele tomara desapareceram de sua mente quando ele ergueu a espada instintivamente, segurando-a com as duas mãos, o braço esquerdo, o torto, dobrado no cotovelo, a lâmina erguida na altura dos ombros.

Dava para sentir o cheiro do hálito do javali, que respirava com dificuldade, propagando-se pelo ar frio. Como se previsse, o arqueiro soube, naquele

momento, que um golpe realizado naquela posição não o salvaria. *Escolha o local!* Havia uma elevação entre as samambaias, alguns passos dali, e ele reparou que era uma árvore caída, apodrecida, quase na altura do joelho, há muito consumida pela folhagem. Talvez teria sido ela a responsável pela queda do cavalo de Harcourt. Blackstone deu um salto para a frente, bem na direção do javali. Se o bicho não se esquivasse, teria que pular por cima da árvore. O rapaz ficou de joelho, meteu o punho e a base da espada no solo e pegou o javali de frente, com as patas erguidas. A velocidade e o peso do bicho jogaram Blackstone para trás, e o javali o atropelou. Uma imagem borrada e súbita das presas medonhas amarelas passou bem perto do rosto dele. Ele sentiu os músculos do peito e dos braços se retraindo devido ao impacto, e o nó de sangue apertou-lhe o pulso. Encaracolando-se como um ouriço, agarrou-se à espada, abraçado nela como um náufrago num mar violento se prende a um pedaço de madeira.

O fedor do líquido nojento jorrou sobre ele. Ele rolou para o lado, ajoelhou-se, dizendo a si mesmo que ainda estava vivo e que as presas, caso o tivessem cortado, ele ainda não sentia a dor. O javali andou mais alguns metros, tropeçou e caiu de focinho na mata rasteira, as pernas traseiras chutaram em vão, e um grunhido de dor escapou-lhe pela boca aberta. A espada de Blackstone o acertara no peito, e a inércia enterrara o metal afiado bem fundo no bicho.

Blackstone foi até ele, girou a espada num arco comprido e decepou a cabeça do javali.

Ele ficou de frente para o bicho morto por um instante, depois passou a mão pela túnica e pelas calças. O sangue que o cobria não era dele. Suas mãos começaram a tremer. Ele ficou de joelhos e passou a lâmina na folhagem, mantendo-se agachado até passar o momento.

Foi William de Fossat quem apareceu por entre as árvores e assistiu, sem ter o que fazer, ao jovem inglês sendo atacado pelo javali. Ele desmontou no momento em que Blackstone matou o animal e despachou o cavalo do amigo com um golpe de faca. Em seguida, ajudou Harcourt a sair de debaixo do animal morto. Os outros logo chegariam. Louis de Vitry desmontou e viu que não havia mais nada a ser feito, a carnificina contava sua própria história e não demandava explicação. Blanche de Harcourt forçou seu cavalo relutante, assustado com o cheiro de morto, para dentro da clareira. Marido e mulher deram graças a Deus quando se abraçaram. Blackstone ficou em pé e, sem pensar, ergueu o talismã aos lábios para beijar a deusa celta, agradecendo-lhe pela proteção. Talvez, pensou ele, Deus permitisse que anjos e deusas convivessem em seu reino para acompanhar gente como ele, que pecava sempre por não rezar e que duvidavam da existência dele. A lâmina suja limpou-se facilmente, e, conforme ele desatou

o nó do sangue e virou o pulso, a marca do lobo correndo abaixo do guarda-mão pareceu se mexer, como se saltasse sobre a presa. Ele passou os dedos pelos cabelos emaranhados, grudados ao rosto por sangue, depois limpou a mão.

Conforme servos e escudeiros se reuniram, e os domadores dos cães ergueram os animais mortos nos braços, Henri Livay ordenou que colocassem o homem morto na carroça, para ser levado de volta e enterrado.

Blanche virou-se para Blackstone.

– Existe um antigo ditado francês, Thomas: “A gratidão é a memória do coração”. Você tem a minha gratidão.

Jean de Harcourt puxou a mulher de lado e mancou na direção do inglês, sob as vistas de todos.

– Está ferido, Thomas?

– Não, milorde, mas fedendo – ele respondeu, imaginando por que dizia algo tão estúpido.

Harcourt sorriu e pôs as mãos nos ombros de Blackstone, puxou o rosto dele para perto e o beijou nas bochechas. O inglês nem acreditou que tinha sido honrado com uma mostra de amizade e afeição que jamais se dava facilmente.

– É preciso estar vivo para sentir o próprio fedor, meu amigo. Você precisa de um banho de banheira com pétalas de rosas secas e lavanda.

– Nunca tomei banho de banheira, milorde.

– Então, a hora é agora.

Capítulo dezesseis

No momento em que os caçadores retornaram ao castelo, nem os cães mortos nem o domador seviciado preocupavam os nobres. O aldeão podia ser substituído mais facilmente do que os cães. Mais importante que isso era a cabeça do javali que enfeitaria a mesa do Natal e sua carcaça seria assada no espeto. Servos rejubilavam-se devido ao retorno a salvo de seu senhor, e o feitor comentou a habilidade de caça do mestre. As mulheres retiraram-se para trocar de roupa. Harcourt, ignorando a perna dolorida, subiu os degraus, triunfante, como se fosse um grande conquistador, um César. Ele foi até Blackstone, que estava perto dos estábulos.

– Thomas! Vamos nos lavar e jantar após as orações. Juntar-se-á a nós? Claro que vai! Por Deus, teremos uma festa!

Ele não esperou por resposta, e nada saiu dos lábios de Blackstone, que queria ficar, na verdade, no alvoroço de atividade de cavalariços e servos cuidando dos cavalos. Christiana zombara dele e, após a morte do animal, tentara abordá-lo, mas ele se afastou, sentindo um incômodo profundo, inquieto, pesado dentro do peito. O cheiro dos estábulos e o suor dos cavalos o fizeram querer pegar as rédeas de um deles e esfregá-lo com palha. O odor forte dos animais e o sabor rançoso e metálico do sangue permaneciam em sua boca. Como um sonho que dissolvia, ele começava a ser desconectado da vida de pedreiro. Uma morte lenta, em vida, onde não havia nada a que se agarrar. Até mesmo os servos de Harcourt, que trabalhavam freneticamente para satisfazer as demandas de seu senhor, viam-no como um ser diferente. Tinham, entre si, sua própria hierarquia. Meninos mais velhos chutavam e batiam nos mais jovens, assim como o linguajar rude dos cavalariços repreendia os ajudantes. Obedeça e viva com temor.

Blackstone mergulhou a Espada do Lobo no cocho do cavalo e limpou o sangue ressecado. *Estou no território que divide dois exércitos*, pensou ele,

vendo os pajens limpando diligentemente as armas dos senhores, o esforço extremo dos ajudantes para lavar os cavalos, alimentá-los e colocá-los para dormir na palha fresca posta à forquilha em suas baias. Esfregou com mais força. Dedos esfregavam as manchas escuras. *Você está sozinho, Thomas Blackstone, e é melhor aprender a aceitar*, cutucava a voz em sua mente. *Não é nobre nem aldeão, é uma criatura nascida do sangue e do medo. E da raiva, não se esqueça da raiva*, ele disse a si mesmo. Mas balançou a cabeça, respondendo à própria dúvida: *sempre serei um pedreiro e um arqueiro. Não me importa participar de grupo algum de caça. Farei o que meu pai e Sir Gilbert esperariam que eu fizesse.*

Guillaume Bourdin trouxe a sela e as botas de Henri Livay para serem lavadas. Ele acenou com a cabeça.

– Meu senhor Blackstone, posso limpar sua espada?

Blackstone viu a expressão ansiosa do menino.

– Mestre Bourdin, por que é tão interessado em me ajudar? Tem as tarefas relativas a seu próprio mestre.

– Seria uma honra, Sir Thomas – disse o menino.

– Lord Livay é a única família que você tem? É um órfão?

– Sim, senhor.

– Chegou a receber carinho de sua mãe?

– Só até os 6 anos, Sir Thomas, depois ela morreu, e meu tio me colocou junto do bom cavaleiro e senhor a quem servia quando você nos encontrou no castelo em Noyelles.

– Você esteve na passagem em Blanchetaque? – Blackstone já sabia a resposta. De que outro modo poderia o cavaleiro do menino estar ferido tão gravemente? Mas valia a pena perguntar, para ver se o menino mentia. Como tantos outros.

O menino fez que sim, e a lembrança deitou uma sombra de medo sobre os olhos dele.

– E você teve medo? – Blackstone perguntou.

O garoto fez que sim mais uma vez.

– Tenho vergonha de ter medo, Sir Thomas.

Blackstone estudou o jovem por mais um instante.

– Não tenha. Você pode usá-lo. Tire vantagem dele. É só um bicho escondido entre as moitas. Você o afugenta, e ele morre ou foge. Nunca tenha vergonha do medo, Mestre Bourdin. – Ele ofereceu ao menino um sorriso confortante, que repuxou seu rosto rude e marcado. – Não preciso de ajuda com minha espada hoje. Quem sabe outro dia.

Guillaume curvou a cabeça e aceitou a recusa. Quando tinha a idade dele,

Blackstone lembrou-se, o pai o ensinava a usar o arco de guerra, embora pensamento algum sobre guerra ou matar passasse por sua mente na época. Eram dias longos e duros na pedreira, apanhando constantemente do mestre pedreiro, mas depois, naquelas amplas clareiras, onde carvalho e freixo espalhavam sombras frescas sob o calor do verão, havia riso e brincadeiras junto de um irmão que sabia onde as abelhas selvagens faziam mel, e os ovos de cotovia repousavam sob tufos de grama – uma vida com a qual ele sonhava, que estava mais distante do que sua terra natal.

Blackstone voltou para o castelo e passou pelos trabalhadores nos estábulos, que pararam o que faziam e se curvaram ao vê-lo.

Aquela vida se fora fazia muito tempo.

Blackstone retornou ao quarto, onde da cuba de madeira com borda de linho desprendia o vapor da água quente e o cheiro inequívoco de alecrim e lavanda. Havia uma dezena ou mais de velas acesas, roupas de baixo limpas e um gibão deitados na cama, e meias de lã e botas limpas arrumadas ao lado. Blackstone fitou o servo ali parado, cabeça curvada, com toalhas de linho dobradas sobre o braço.

– Marcel, o que é isso?

– Isso é o seu banho, Sir Thomas.

– Estou vendo, mas o que você está fazendo aqui?

– Sou seu criado, Sir Thomas – o servo respondeu.

– Para fazer o quê? – disse Blackstone, colocando a espada na soleira da janela. Depois ele abriu a janela, deixando entrar o ar frio no quarto tomado pelas fragrâncias.

– Para ajudá-lo a se despir e se banhar, senhor.

Blackstone tirou a túnica ensanguentada e passou a mão na água quente, depois levou os dedos aos lábios.

– Tem gosto de remédio.

– O calor e as ervas limpam o corpo – disse Marcel.

– Já provou, é?

A expressão chocada de Marcel por ter feito pergunta tão provocante não deixou dúvida de que o homem jamais imergira o corpo em tamanha luxúria.

Blackstone fez um aceno.

– Tudo bem, Marcel, pode ir agora. Consigo me despir e ouso dizer que posso entrar aí sem me afogar.

– Com todo o respeito, senhor, se eu não atendê-lo, como Lord de Harcourt

me instruiu, serei açoitado.

A saia justa momentânea deixou Blackstone sem alternativa.

– Fique… ali – disse ele, apontando algum canto de trás com a mão. – Vou tirar as roupas e entrar na água.

Marcel curvou a cabeça e parou atrás da banheira. Blackstone tirou as roupas e entrou devagar na água quente. Foi uma sensação completamente nova, e, quando a água lhe cobriu até o peito, o abraço quente aliviou a rigidez dos músculos doloridos, e o vapor perfumado desobstruiu as narinas do cheiro de morte. Com um suspiro longo, ele baixou a cabeça para trás, sem poder apagar da mente a imagem de uma semente gorda nadando, satisfeita, na lama.

Ele encharcou a cabeça e passou a mão nos cabelos compridos e emaranhados. Marcel parou ao lado dele e entregou-lhe uma barra de sabão. O breve momento de incerteza quando Blackstone levou a barra ao nariz permitiu que o criado fizesse pequenos gestos, apontando a cabeça e o sexo.

– Posso ser um homem comum, Marcel, mas sei o que é isso e para que serve. Já lavei os cabelos e as bolas na vida.

Marcel recuou novamente, enquanto Blackstone esfregava o bloco de sabão nos cabelos enrolados. O rapaz mergulhou mais uma vez a cabeça sob a água. Depois se inclinou para a frente, e o criado esfregou as costas dele, mas ele logo o repreendeu.

– Tenho ordens a cumprir, Sir Thomas. Imploro que me deixe cumprir minhas obrigações. Lord de Harcourt pode ter a mão muito pesada. Quando estiver pronto, secarei você.

– Marcel, se eu der a minha palavra de que não contarei nada a Lord de Harcourt, pode pelo menos deixar que eu me seque sozinho? Não sou uma criança.

– Como quiser, Sir Thomas. Obrigado pela bondade. Agora, posso terminar de limpar suas costas?

Blackstone, relutante, inclinou-se para a frente, admitindo consigo que a experiência do banho de banheira não era desagradável, embora visse a desvantagem de fazer isso com muita frequência. O Natal era, sem dúvida, uma boa ocasião, mas banhar-se com mais frequência do que isso certamente minaria a força de um homem.

O movimento vigoroso de esfregação passou por pescoço e ombros e pelos músculos fortalecidos por todos aqueles anos na pedreira e no manejo do arco e flecha. A mente do rapaz divagava, pensando em como seria sua vida no futuro. As escolhas eram limitadas. Se ele conquistasse proficiência com a espada, poderia abordar um dos senhores em sua terra, a Inglaterra. Podia tornar-se feitor ou meirinho. Sabia ler e escrever, e poderia defender os interesses de um senhor

feudal. Mas ser o responsável pela extração de taxas e impostos sobre gente que já possuía tão pouco o faria hesitar em tal função. Ficou claro: a única vida que esperava por ele quando saísse daquele lugar era a de soldado.

Os movimentos de Marcel ficaram mais suaves. O criado passou o pano pelo pescoço e pelos ombros do inglês, depois passou os dedos pelos cabelos dele.

– Marcel, se continuar fazendo isso, vou pegar no sono e afundar aqui. O que, então, você vai dizer ao seu mestre?

– Não sei – Christiana respondeu, dando a volta para que ele pudesse vê-la. – O que ele diria, milorde?

Blackstone deu um pulo tão ligeiro, que espirrou água. Marcel sumira. O rapaz mal conseguia falar.

– Christiana!

Ela fechou a janela. Os mamilos destacavam-se sob a roupa de baixo dela, a única peça que vestia. Christiana apagou algumas das velas, de modo que uma sombra profunda cobriu aquele suave brilho amarelado.

– Milorde costuma afogar-se? – disse ela.

Ele fez que não.

Blackstone não conseguia tirar os olhos dos seios dela. Desde o dia em que cruzara o rio junto dela, imaginava-a nua.

– O silêncio de milorde significa que ainda está com raiva de uma mulher tola? – ela disse gentilmente, tirando a camisola. Com o coração acelerado, Blackstone respirou fundo quando a moça entrou na água. Sentiu o toque das pernas dela quando ela levou as mãos ao rosto dele e o trouxe para perto, beijando-o.

O volume dos seios tocaram o rosto dele quando ela se inclinou para a frente, e ele os apertou com desejo, sugando o mamilo como se tivesse fome. Christiana gemeu e se afastou. O impulso que inundou seu corpo era tão surpreendente quanto o desejo dele por ela. Ele a envolveu com os braços – não muito forte, com medo de quebrar o encanto. Os seios dela encontraram o corpo dele, e ele sentiu que o coração dela batia tão rápido quanto o dele. Sua mente o instigou a prolongar o momento, saboreá-lo o máximo que pudesse. Blackstone tomou os seios dela nas mãos e provocou os mamilos endurecidos com a língua, depois abriu as pernas dela para alcançar o meio. Após alguns instantes de tentação, ele acariciou o sexo dela, e quando ela gemeu, tomou-a nos braços e tirou-a da água.

Blackstone cobriu a jovem com uma toalha de linho e secou a umidade do corpo dela. Ela inclinou-se para ele e levou a mão atrás para lhe tocar o membro. A lenha na lareira crepitou, e ela deu um pulo, de tão nervosa, e girou de frente para Blackstone. A tensão levou os dois ao riso. Então, Blackstone colocou-a

gentilmente na cama. Acariciando-a com a língua, procurou evitar que o vergão feio da cicatriz a tocasse, mas ela virou o rosto dele e o beijou bem ali.

– Toda cicatriz é merecida, não quero que esconda de mim parte nenhuma de você. Nunca.

Blackstone hesitou perante o gesto de ternura. A culpa cutucou-lhe a consciência. O primeiro homem que matara usava um sobretudo com o mesmo desenho bordado no lenço que ela lhe dera. Que conexão havia entre eles? Ela tomou a hesitação como sendo coisa de amante inexperiente. Christiana trouxe-o para perto, deixando que o próprio desejo guiasse suas mãos sobre ele. Não era o medo o que a fazia lutar contra ele, mas sua impaciência. Todas as dúvidas foram varridas dos pensamentos de Blackstone. O passado não importava. Com força, ele a segurou enquanto a provocava, mantendo as pernas separadas até que ela gemeu e se contorceu embaixo dele. Quando ele finalmente a penetrou, soltou-lhe os braços. Christiana abraçou o rapaz e reclamou baixinho; dor e prazer misturavam-se pela primeira vez. Blackstone movia-se lentamente, olhando-a nos olhos, as pupilas dilatadas e os lábios tremendo conforme ela empurrava o quadril contra ele, afundando a cabeça no travesseiro. Ela parecia sufocada, como se fosse impossível recobrar o fôlego, e quando arqueou as costas, o suor dos amantes se misturou e correu por entre os seios dela. Christiana estendeu os braços e os uniu em torno do pescoço dele, atendo-se ao prazer crescente que atingia picos repetidamente, até que ela enfim soltou um gemido derradeiro.

O vento sacudia as persianas num amanhecer que lutava contra as nuvens baixas. Blackstone sempre acordara antes de o sol nascer para poder sentir o frio da noite dando lugar para o conforto delicado do céu clareando. Tornara-se um hábito para ele passar a primeira hora realizando o ritual de praticar o golpe de espada, momento em que a casa de Harcourt zumbia com tanta atividade. Naquela manhã, não seria diferente. Blackstone reacendeu o fogo e saiu de fininho, fechando a porta ao passar. Marcel estava deitado na canhoneira da porta oposta, onde sempre dormia. Blackstone o cutucou com a ponta da bota, e o servo, assustado, acordou na hora.

– Foi pago? – o rapaz perguntou.

Marcel fez que sim.

– Por Dona Christiana?

– Sim, senhor.

– E agora vai contar tudo ao seu senhor, suponho.

– Sir Thomas, aceitei a moeda de sua senhora, e dei minha palavra de que não contaria nada a Lord de Harcourt – respondeu Marcel.

O servo ainda não havia erguido os olhos para encontrar os de Blackstone.

– Olhe para mim – este pediu.

O homem obedeceu.

– Agora repita que não contará nada a seu senhor.

– Não contarei – disse Marcel.

Blackstone assentiu, satisfeito.

– Vá cuidar das suas coisas, não há por que ver Dona Christiana quando ela sair do quarto.

Marcel curvou os ombros, em servil obediência, ao sair andando pelo corredor – a caminho de espalhar a notícia de que o jovem inglês levara Christiana para sua cama. A promessa que fizera a Blackstone era sólida como as paredes de granito – Lord Jean de Harcourt arrancaria a carne dos ossos dele caso tal informação fosse retransmitida. Contudo, ele servia à Condessa Blanche, e foi ela quem o instruiu a ficar de olho em Blackstone e relatar caso ele e a moça fornicassem.

Blackstone limpou o suor num cocho de cavalo após quebrar a camada de gelo da superfície. O clima mais frio logo se faria sentir, pensou ele, e o inverno, detrás daquelas paredes, parecia inevitável, a não ser que uma oportunidade de escapar se apresentasse. Mas a ideia de escapar havia se tornado questão muito mais complicada.

O desejo de ficar ao lado de Christiana estava mais contundente, mas o hábito e a necessidade o forçaram para longe do calor dos braços dela. Ela mal se mexeu quando ele deslizou para fora. Teria que encontrar alguma desculpa para não ter participado do jantar da noite anterior, e se ele não contemplasse o costume de praticar toda manhã, talvez Jean de Harcourt suspeitasse que algo mais incitante que o sono mantivera Blackstone na cama. Christiana estava sob a guarda de Harcourt, e tirar a virgindade da menina, estando ela sob sua proteção, ainda que ela estivesse de acordo, poderia significar mais perigo do que enfrentar um javali matador de homens. Ele sabia que tinha de continuar sua rotina de antes, e ser ainda mais ousado ao pedir para passar tempo fora do castelo. Sozinho.

– Thomas!

Blackstone virou-se e viu Harcourt, envolvido na capa, acenando de uma janela mais alta. Estava sendo convocado. Teria o anfitrião já descoberto tudo?

Marcel! Aquele maldito. Como Blackstone poderia negar o acontecido? Ele vestiu a túnica por cima da camisa, sentindo os calafrios percorrendo sua pele molhada. *Ou seria o medo?*, pensou ele. De quê? Não de violência. Sabia lidar com isso. De ser banido. E perder Christiana. Foi isso que lhe incomodou na pele.

Harcourt afastou-se da janela, entrando no quarto.

– Mais lenha, pelo amor de Deus! Faça logo esse fogo, seu porco inútil! – ele gritou para um servo. Blanche estava sentada numa mesinha, comendo carne fria. Usava um vestido grosso de inverno, ornado com uma pele enrolada no pescoço.

– Jean. É quase Natal – ela repreendeu o marido.

Harcourt serviu-se uma taça de vinho, os olhos turvos devido aos excessos da noite anterior.

– E todos se divertirão muito. O quê? – ele perguntou quando viu que ela o encarava.

– Blasfêmia, principalmente agora, é imperdoável.

– O que é imperdoável é que meu maldito herói inglês não foi ao jantar. Mas lá está ele, antes do nascer do dia, tendo que usar tocha para iluminar o caminho, cortando as sombras com a espada. Por Deus, Blanche, o homem não tem alegria dentro de si. – Ele engoliu o vinho e serviu-se de mais uma taça. E fez uma pausa deliberada. – E onde estava ela? – disse, analisando a expressão da esposa por sobre a borda da taça.

O servo jogou gravetos e madeira seca na lareira, e o fogo pegou.

– Saia – Harcourt ordenou ao servo quando Blanche se aproximou do calor.

– Odeio o inverno – ela disse. – Devíamos ir para o sul. De Foix ainda domina a Provença. Conhece-o. Podíamos nos convidar. Seria uma boa mudança. Estou cansada da neblina e da umidade. Você não?

– Aqui estamos seguros, Blanche. Os barões têm o controle aqui. Então, onde ela estava?

Blanche de Harcourt suspirou.

– Mandei que ficasse no quarto. Estava se comportando feito criança. Insultara Thomas.

Jean de Harcourt encarou a esposa, que nem piscava quando mentia.

– Milorde? – disse Blackstone ao entrar no quarto, depois de se ajoelhar. Harcourt virou-se para o rapaz.

– Levante-se. Levante-se. Existe hora e lugar para isso, Thomas, e agora não é.

Blackstone ficou em pé, fitou a condessa, que se virou para o fogo.

– Então? O que tem a dizer para se defender? – Harcourt cobrou.

A mente de Blackstone trabalhou a todo vapor. Devia tentar mentir? Poderia aceitar a culpa e dizer que se impôs sobre a moça.

– Não sei o que dizer, senhor – Blackstone respondeu, tentando ganhar tempo.

– Você não costuma ter dificuldade de segurar a língua – disse o outro, depois de um momento. – Não nos agraciou com sua presença ontem à noite. Continuarei sendo insultado? Espera que eu continue a perdoar seu mau comportamento? – disse o lorde, exasperado.

Talvez, pensou Blackstone, *eles não soubessem a verdade, então a mentira poderia ser alterada.*

– Peguei no sono, senhor.

– O quê? – perguntou Harcourt, como se não tivesse entendido a resposta.

– O banho. Colocou-me num estado que jamais vivenciara antes. O calor me dominou. Ouso dizer que os eventos do dia me cansaram mais do que eu supunha.

Harcourt estava bem perto dele, mas passou para trás, farejando o ar.

– Ainda está cheirando a lavanda, Thomas. E outra coisa.

Blackstone ficou imóvel.

– São as pétalas de rosa, milorde – disse Blanche. – O óleo passa para a água.

Por um instante, Blackstone achou que Harcourt não acreditara na esposa. Mas o homem assentiu.

– Fico contente por ter apreciado a experiência, Thomas. Perguntei a Marcel esta manhã. Ele disse que o deixou na banheira. Que você o mandou sair.

– Mandei. Não gosto que me ajudem, senhor.

– Bom, eu dei um tabefe no maldito por tê-lo deixado. E espero que minhas vontades não sejam questionadas nesta casa. Ofereci minha amizade a você pelo que fez. Deve tolerar que eu ofereça meus agradecimentos. Sou um homem orgulhoso, Thomas. Não consigo mudar isso. Ninguém consegue.

Blackstone curvou a cabeça, aceitando a fala.

– Então posso pedir um favor, senhor?

– Pela amizade, sim.

– Não me convide para jantar com você e os nobres. Fico desconfortável em tão requintada companhia. Sou um homem rude, e não consigo ser outra coisa além disso, ainda que você e mileide me ensinem boas maneiras. Imploro que

me deixe comer sozinho.

Frustrado, Harcourt deu as costas ao amigo.

– Já comeu esta manhã? Não. Pensei que não. Andei observando-o. Todo dia, Thomas. Acha que você é o único que enfrenta o frio? Bem, está errado. Estou lá. Todos os dias. Sempre que você brande aquela sua espada, estou assistindo – Harcourt disse rapidamente, respondendo às próprias perguntas. Ele pôs a mão no ombro de Blackstone, subitamente compadecido. – Estou tentando tornar as coisas mais fáceis para você. Se devo cumprir minhas obrigações para com seu rei, então abro as portas de minha casa e meu coração. Você precisa ter a companhia de homens que entendem de guerra. E temos que aprender a tolerar alguém como você entre nós. Agora, não aprume esses seus ombros por ter se sentido insultado; eles já são largos demais, pelo amor de Deus. Temos que aprender a não ser tão rápido para levar as falas como insultos. Todos nós. Agora, o que faço com você?

– Deixe-me cavalgar sozinho. Quero ver os campos e as vilas.

– Você não é um monge mendigo, Thomas, é um guerreiro.

– Então, é ainda mais importante, para mim, conhecer o território.

Harcourt virou-se para a esposa.

– Esses ingleses… eles têm resposta para tudo. São mentirosos consumados; seus nobres escondem sua duplicidade através das boas maneiras, e na batalha seus cidadãos portam um escudo de desdém para com uma nobreza com a qual jamais cruzei. – Ele acenou para Blackstone. – Vá se vestir, arranje um cavalo e pode ir.

– Fico muito grato, senhor.

– Bom, talvez não fique quando eu mandar escolta junto de você. – Ele deu um gole no vinho e cravou os olhos nos de Blackstone. – Confio em você, Thomas. Salvou a minha vida. Mas não posso deixar um inglês zanzar pelas minhas terras sozinho. Se os homens do rei cruzarem com você, teremos que mentir e dizer que você é um prisioneiro. Compreende?

– Sim. Obrigado.

– Duvido que cruze o caminho de javalis mais perigosos. Já matou uma lenda dessas partes. A não ser que ele tenha parentes. Precisa tomar cuidado com as famílias, Thomas, elas carregam rancores antigos.

Blackstone não soube dizer se isso fora uma ameaça velada. Estaria Harcourt dizendo que não importava o que acontecesse entre eles, um ato contra a honra da família jamais seria perdoado? O rapaz curvou-se e deixou o quarto. Harcourt jogou mais lenha na fogueira. Blanche sorriu e estendeu a mão para ele.

– Você é um bom homem, meu marido. É generoso e honrado.

O nobre levou a mão da esposa aos lábios.

– E não sou nenhum tolo, Blanche. Ele a possuiu. Pude sentir o cheiro nele.

Capítulo dezessete

Gritos ecoaram além das paredes quando homens vindos da floresta, carregados de lenha como animais de carga, foram impedidos pelas sentinelas na outra ponta da ponte que cruzava o fosso. Ninguém entraria na cidadela até que a luz do dia facilitasse a identificação. Salteadores, certa vez, conseguiram entrar no castelo, portanto era óbvio que Jean de Harcourt não permitiria que cometessem o mesmo erro.

Desde que o castelo fora atacado, e seus servos e moradores assassinados, a casa sofrera algumas substituições. Um feitor temporário comandava os servos, e ficou claro que todos trabalhavam quase sem descanso no intuito de preparar as celebrações do Natal. A guerra estava custando dinheiro à nobreza e esvaindo-os de seus recursos – um nível de pobreza ao qual não estavam acostumados, o que se refletia na qualidade dos servos, que não eram tão habilidosos para realizar suas tarefas.

Concederam a Blackstone o direito de sair do castelo contanto que quatro homens armados o acompanhassem. Ele não via problema nisso; nada o impediria de ter um panorama melhor do território ao redor para a possibilidade de surgir o dia em que ele fosse forçado a escapar. Quando o rei Edward varrera a Normandia e Sir Godfrey trouxera ele e os outros para o castelo, antes, viajaram de norte a oeste. Blackstone quis, portanto, aventurar-se mais ao sul.

Harcourt entrou nos estábulos no momento em que um ajudante terminava de ajustar uma sela num cavalo. A expressão súbita de raiva que tomou o rosto do cavaleiro fez o criado recuar.

– Quem escolheu esse cavalo? – perguntou Harcourt.

– Fui eu – Blackstone respondeu, incerto.

Harcourt pegou um chicote de uma estante e açoitou o criado infeliz três ou quatro vezes, até que o homem deu um passo para trás e ficou de joelhos. Enquanto Blackstone resistia à vontade de lançar-se para a frente e agarrar a mão

que brandia o chicote, a punição terminou e Harcourt jogou a arma no piso coberto de palha.

– Pegue um corcel – ele ordenou ao servo, cujos vergões riscavam rosto e pescoço.

Depois que o homem correu para a escuridão das baias dos cavalos, Blackstone questionou Harcourt.

– Por que fez isso? Escolhi o cavalo errado?

– Não conteste o que faço em minha casa, Thomas. Dei-lhe minha amizade, mas você não tem direitos aqui além dos que lhe concedo.

– Se punir um homem por algo que eu fiz, então tenho direito de saber o que fiz de errado.

– Escolheu uma égua. Todos os meus servos sabem que você foi titulado cavaleiro, e um cavaleiro nunca cavalga uma égua.

– E você o açoitou por isso? Tenha piedade.

– Mal encostei o chicote nele. Ele devia ter corrigido a sua escolha. Agora deixemos que o infeliz prepare a sela do seu cavalo. Não vou deixar que saia a cavalo daqui e faça de mim motivo de piada.

Os instintos de Blackstone o mandavam ir até o homem açoitado, que sofrera por seu erro, mas ele resistiu à tentação, supondo que suas ações pudessem desencadear ainda mais punições contra o homem inocente. Esse novo território de privilégio era uma costa estranha, e ele ansiava pelo dia em que estivesse o mais longe possível.

Christiana não ficou satisfeita. Por que ele queria se aventurar além das florestas, até os limites das terras e influência de Harcourt? A violência ficava à espreita, esperando pelo viajante incauto. Salteadores e assassinos podiam conjurar-se como espíritos noturnos num sonho. Por que correr o risco? Por que não esperar? Esperar até que estivesse mais forte e contasse com a companhia do próprio Harcourt?

Blackstone esperou passar a ansiedade da jovem. Vinha aprendendo que havia momentos em que as emoções dela corriam como um riacho na maré cheia, e o melhor era deixar que o inundassem. Poucos minutos se passaram até que ela se lembrou de que não tinha o direito de ficar no caminho dele, mas o beijo longo e apaixonado de adeus deixou-o com o sabor e a promessa de um retorno bem recepcionado.

Blackstone fitou os soldados que o acompanhariam. Harcourt escolhera os maiores e mais fortes de sua pequena tropa, sabendo que seria necessário quatro homens fortes para que houvesse a chance de conterem o arqueiro caso ele resolvesse desobedecer às ordens de seu mestre. Todos os soldados usavam o uniforme de Harcourt e eram muitos anos mais velhos que Blackstone.

– Meulon – disse ele, apontando para um dos homens – é responsável pela escolta. É um bom guerreiro; escute o que tem para dizer. Você não irá além de uma semana de cavalgada. Minha influência estende-se somente até esse ponto, e existem cidades tomadas pelos homens e mercenários do rei, e esses malditos mercenários vão querer arrancar sua pele como troféu quando descobrirem que você é inglês, depois vão vendê-la ao rei. Matar é o trabalho deles. Não se afaste muitos das trilhas principais que cortam as florestas e, se vir homens armados, fique fora do caminho deles. E fique de bico calado, seu sotaque não é comum nestas partes.

– Já fiquei surpreso só de você me deixar ir – disse Blackstone.

– Se eu não deixar, você vai dar um jeito de ir sozinho cedo ou tarde, algo que já poderia ter feito – disse Harcourt. – Passou noites na minha biblioteca. Suponho que agora conheça cada passagem e porta.

Blackstone não percebera que seus movimentos estiveram sob tão cuidadosa vigilância durante as horas de escuridão.

– Sou um pedreiro, gosto de desenhos de edifícios, e você os tinha dos dias de seu pai – disse Blackstone, numa desculpa esfarrapada.

– Entenda isso, de uma vez por todas, Thomas. Dei minha palavra a meu tio de que você ficaria sob minha proteção e ele deu a palavra dele ao seu rei, não se esqueça disso. É uma questão de honra.

– Mas você não me pediu para dar a minha palavra de que não tentarei escapar. Acha que não sou digno de honra?

Harcourt olhou para o rapaz e sorriu.

– Não tenho que pedir. Você voltará – disse, e acenou para abrirem os portões.

– Você não tem certeza disso.

– Tenho, sim. Christiana está aqui.

Harcourt voltou para a casa, seguido lealmente pelos cães. Blackstone estava tão livre quanto gostaria, mas o barão normando tinha razão; o nó que o prendia ali estava dentro das paredes do castelo.

A perna machucada de Blackstone protestou assim que ele atiçou o cavalo com as esporas. O animal cruzou a ponte estreita de madeira, fazendo os mesmos sons que ecoaram quando Sir Gilbert Killbere galopara para o ataque poucos meses antes, no que parecia ser outra vida. O antigo arqueiro cavalgava

agora como cavaleiro, com quatro homens armados como escolta e a Espada do Lobo ao lado.

Blackstone não protestou contra o silêncio do soldado da escolta ao viajarem juntos por estradas que terminavam em trilhas usadas por aldeões a transitar entre as vilas. Os soldados ranzinzas mantinham-se vinte passos atrás dele, mas ele os ouvia ocasionalmente resmungando sobre a tarefa que lhes foi dada. A cada noite em que acampavam, ficava claro pelos recortes de conversa que ele ouvia que eles não tinham apreço algum pelo inglês, mas também que Jean de Harcourt não seria desobedecido. Mesmo que o matassem na estrada e fizessem parecer que sofreram uma emboscada arquitetada por salteadores, suas próprias vidas seriam ceifadas. Blackstone estava totalmente salvo até o momento.

Sob o ar claro da manhã, pés trituravam a poeira de neve que congelara durante a noite, e porque o dia estava sem vento, a fumaça distante que vagava das fogueiras dos vilarejos indicou onde estava cada acampamento. A paisagem desenhou-se como um mapa na mente dele; cantos angulados de florestas abriam caminho para sequências de morros; um grupo confuso de gansos que seguiam as curvas do rio mostrava qual direção a água tomava quando desaparecia na mata distante. Mas, quanto mais cavalgavam para longe do castelo, mais nervosa ficava a escolta. Ficaram mais perto do inglês, e dois deles tomaram a dianteira a cinquenta passos do grupo. Quando chegaram a uma encruzilhada, o terreno abriu-se perante eles numa vasta planície de prado em cujos lados começavam florestas de árvores de folhas largas, com os galhos nus contorcidos para o alto – garras de bruxas reverenciando o céu que escurecia. A superstição era a melhor amiga da religião. Até mesmo Blackstone sentia que havia algo sinistro à espreita, fora de vista, entre as árvores. Quando um corvo, vindo da copa das árvores, voou de rasante na frente deles, pousando num galho próximo, e fitou-os com os olhos inexpressivos, os homens fizeram o sinal da cruz e Blackstone beijou o talismã que trazia ao pescoço. A superstição avisava a todos que a morte se disfarçava na forma do demônio, e que um corvo era um presságio de algo mais sinistro do que simples má sorte.

Blackstone virou seu cavalo e foi para a direção oposta. Não havia por que mostrar-se corajoso para enfrentar espíritos malignos. Os cavaleiros o seguiram e murmuraram, concordando com a decisão. Parecia que o inglês já não representava mais tanto peso. Nenhum dos homens nem o rapaz que protegiam poderiam adivinhar que a confiança equivocada que depositavam na escolha do mais seguro logo desapareceria como seu respirar emplumado.

Chegaram ao limite da área de influência de Harcourt no quinto dia. Os casebres dos aldeões espalhavam-se como sementes na lama. Galinhas ciscavam o solo e um vira-lata ganiu quando levou um chute de um camponês. Ao cavalgar pela via pública, eram observados por olhos temerosos, embora ressentidos. Os abrigos seguiam floresta adentro, amontoados, tornando impossível para Blackstone saber quantas pessoas moravam ali, na vila de Christophe-la-Campagne.

Não havia ovelhas no campo. Foram mortas um mês antes, e provavelmente devoradas; quaisquer porções remanescentes seriam salgadas para os meses de escuridão ainda por vir. Blackstone via poucos sinais de atividade. A semeadura da cevada já teria sido feita nessa época, e os montes de nabo empilhados ao lado de muitos dos casebres eram prova de que o alimento para a estação já havia sido colhido.

No ar, o cheiro amargo de uma forja passou por eles – devia haver um ferreiro trabalhando ali por perto, embora não ouvissem o tilintar de martelo contra metal. Coberturas encharcadas ainda pingavam após a geada da noite. As casas ficavam à sombra, muito baixas no horizonte para receber calor dos raios de sol. A fumaça prendia-se às folhas de junco como a seda numa moita espinhosa.

Aquele lugar não era diferente de nenhum outro que Blackstone e os arqueiros a cavalo haviam coberto de chamas em seu caminho até Caen.

– Quantas pessoas moram aqui? – ele se virou e perguntou a um dos homens.

– Ninguém sabe. Eles se reproduzem como moscas nas costas de um cachorro – o homem respondeu, depois cuspiu na lama.

– Seu mestre toma conta deles? – disse Blackstone. – Fazem parte da propriedade dele?

– Não sei, milorde, alguns desses lugares estão sob nossa jurisdição, não há abadia por perto, nenhuma outra mansão. Talvez sejam de Lord de Harcourt, talvez de outra pessoa. Não devíamos ficar aqui. Eles odeiam ingleses, e tem gente suficiente para causar problemas.

– Acha que podem começar um clamor público contra mim?

– Se uma manifestação estourar aqui, vamos comer esterco no jantar. São como umas criaturas malditas da noite que aparecem do nada. E um camponês com uma podadeira pode arrancar a perna de um cavaleiro tão bem quanto qualquer maldito homem de armas inglês, com todo respeito, senhor.

Blackstone ignorou a provocação. Se estivessem na Inglaterra, Blackstone conheceria cada vila e saberia a qual casa pertenciam. Feiras e banquetes aproximavam os aldeões, e as notícias e fofocas eram passadas entre eles, e cada

vilarejo sabia algo dos demais. Ali, os camponeses viviam na escuridão da floresta e pareciam estar resguardados, provavelmente fornicando entre si e com uma disposição amarga para com qualquer estrangeiro.

Blackstone levou o cavalo até a entrada da vila.

– Deviam aprender sobre essas pessoas. Elas têm que saber quem são e a quem servem. Seu senhor pode precisar delas algum dia. Seu rei pode precisar delas. – E, pensou Blackstone consigo, ele também precisaria, caso voltasse a passar por ali.

– Sim, milorde, vimos quão úteis são pessoas como essas quando foram chamadas no *arrière ban*. Forragem para suas flechas, atropeladas por nossos cavaleiros. Foram usadas como aríete para romper sua parede de defesa. – Ele cuspiu de novo. – Tão úteis quanto uma freira usando cinto de castidade num puteiro.

Blackstone parou o cavalo perto de uma casa que parecia ser mais robusta que as demais.

– Sente esse cheiro?

– Cheiro de bosta.

– Não, tem comida – disse Blackstone, desmontando.

– Não entre aí – um dos outros avisou. – Esses malditos não gostam de estranhos, não importa quem seja.

– Não vou causar problemas – Blackstone respondeu quando os homens viraram-se sobre suas selas para confrontá-lo.

– Até mesmo os homens do rei não estão seguros desde que perdemos em Crécy. Eles acham que fugimos dos ingleses – disse outro.

– Não vi covardia nenhuma em Crécy. Não vi ninguém mais corajoso do que aqueles que nos atacaram – Blackstone retrucou.

– Mestre Thomas, tente dizer isso ao pessoal daqui.

Os soldados obviamente concordavam que deviam sair dali.

– Camponeses transmitem doenças, e até o ar que respiram pode matar um homem – outro acrescentou.

Meulon parou perto de Blackstone.

– Não é prudente. Não podemos conter um piquete numa vila deste tamanho. Hora de voltarmos. Já passamos da metade, acredito.

Mas Blackstone já havia descido da sela.

– Mestre Thomas! Se acontecer algo?

– Mije neles! – riu o arqueiro, falando inglês, sentindo a alegria momentânea de falar um palavrão na própria língua, depois cedeu ao francês. – Esperem por mim – ordenou e, antes que pudesse ser impedido, já estava a caminho entre as baias dos animais.

O calor do corpo do gado fazia um vapor subir no ar gelado. Apesar do fedor dos animais e dos montes de esterco, ele ainda sentia o cheiro de comida. Ao caminhar pelo pátio, viu fumaça subir de um buraco de ventilação no andar superior do celeiro. Cobrindo a cabeça com o capuz que Christiana apertara firme nos ombros dele, subiu os degraus de madeira, um por vez, usando a força da perna direita para se erguer. Quando alcançou o topo das escadas, sentiu uma gota de suor descer por sua espinha devido ao esforço. Ele abriu as portas ripadas de madeira e espiou dentro do celeiro à meia-luz. Em questão de segundos, o movimento dos que estavam lá dentro indicou ao arqueiro que meia dúzia de homens e mulheres estavam sentados, apertados, em torno do fogo, com uma panela preta pendurada acima das chamas. A visão, ele a vira muitas vezes em sua própria vila, na Inglaterra. Uma refeição compartilhada acima de um celeiro de vacas em pleno inverno. Um local onde aldeões, servos e homens livres podiam falar sobre a ganância do abade, a brutalidade do feitor e os dízimos incômodos do feudo. Suas vidas limitadas não conheciam nada além da vila ou do condado, e a conversa que ocorria costumava girar em torno de um arado quebrado ou um boi manco incapaz de marcar um sulco, ou a que profundidade deviam plantar a cevada daquele ano, após o fracasso anterior. O clima difícil era tanto o desejo de Deus de fazê-los orar com maior intensidade ou a praga do demônio para punir o delito de alguém, a embriaguez ou a fornicação. Era um pequeno local sagrado, distante dos olhos e ouvidos do feitor ou do administrador do feudo.

A chegada de Blackstone assustou os servos, os homens e as mulheres que coletavam o esterco, cortavam lenha e varriam o piso. Até mesmo os criados na casa grande eram de maior instrução do que aquelas pessoas, que andavam quilômetros até a mansão do senhor feudal diariamente para realizar seu trabalho subalterno, torcendo para não serem abordados por salteadores e roubados do pouco que tinham devido ao excesso de taxas e impostos.

A massa acotovelada logo se levantou e baixou os olhos, as mulheres dobraram os joelhos e os homens curvaram-se, as línguas lambendo a comida que babavam entre os lábios. Blackstone sentiu o súbito desconforto de estar invadindo. Mas como já estava dentro do local, não soube o que fazer. Alguns deles lançaram olhares furtivos para a cicatriz no rosto dele; a desfiguração poderia ser vista como uma marca de Caim. A admoestação do padre, somada às histórias de retribuição, para dar mais à Igreja, era uma sombra constante na vida dos aldeões. Blackstone percebeu que se desse meia-volta sem dizer nada, criaria nos corações daquelas o receio de terem sido ouvidas murmurando comentários desleais sobre seus mestres.

– Sinto cheiro de comida – disse ele, sem jeito –, faz muito tempo que não

tomo sopa.

A carne era comida de homens ricos; a cevada era o que dava força para lutar ou enfrentar um dia pesado de trabalho, e ele ansiava por um pouco no período em que se recuperava no mundo fechado dos quartos e corredores do castelo. Ele chegou perto do pote.

– O que é? Ervilha e cevada?

Uma das mulheres deu um passo adiante, a expressão ainda de cautela.

– É sim, milorde.

O respeito na fala pegou o inglês de surpresa, aumentando-lhe o desconforto, tendo sido tratado como superior. Subitamente, ocorreu-lhe que suas roupas eram muito diferentes das dos aldeões, que estavam cobertos de lama seca e esterco, os rostos borrados de terra.

– Posso provar a comida?

A pergunta gerou uma reação imediata. O medo estava escrito nos rostos deles.

A mulher gaguejou:

– Milorde, não há nada que não deveríamos comer. Tem carne humilde das entranhas de um porco e somente os vegetais permitidos.

– Não tenha medo, não estou aqui para prejudicá-los. Se capturaram coelhos de seu senhorio ou pescaram peixes de seu rio, não me interessa – disse ele. Lentamente, o rapaz estendeu a mão e pegou a colher de madeira da mão da mulher. Podia jurar que a sentiu tremendo.

– Milorde, não está certo. Usei na minha boca – disse ela, recusando-se a soltar a colher.

Ele notou a expressão de confusão nos rostos dos aldeões ao pegar a colher da mão da senhora e mergulhar o talher no caldo quente, juntando os grãos cozidos.

– Mulher, não sou nobre da mansão, sou um homem comum com título concedido por um príncipe.

Quando ele levou a colher aos lábios e soprou, para esfriar o líquido, um dos homens ousou dizer:

– Então não é mais um homem comum, milorde.

Blackstone hesitou. Seria verdade? O encontro com a morte o arrancara de seu passado modesto e o levara para outro mundo. O caldo espalhou-se em sua língua. Ele bateu a colher na beirada da panela, para escorrer o excesso de sopa, e a devolveu para a mulher. O fedor de animais e homens misturado à fumaça acre que fazia arder os olhos e grudava nas roupas era passado.

– O coração de um homem continua sempre o mesmo – disse ele.

Dois dos homens passaram por ele, nervosos, e foram bloquear a porta.

– Seu sotaque não é dessas bandas, milorde. Você é de Paris? Um dos homens do rei?

A atmosfera transformou-se subitamente. O perigo emergira sem que Blackstone percebesse.

– Não. Sou convidado do Conde Jean de Harcourt – ele se apressou em dizer, vendo que o nome de Harcourt garantia vantagem de antemão.

– Um homem de armas, milorde? Em Crécy? Foi lá que sofreu esse ferimento? – outro perguntou.

Antes que outro deles ousasse fazer mais perguntas, um dos soldados da escolta apareceu na porta.

– É melhor você sair e ver isso aqui. Receio que teremos problemas – disse ele, com um machadinho de guerra na mão. Os homens afastaram-se e deixaram Blackstone passar. Quando saiu, o rapaz viu seus guardas reunidos, formando um cerco de proteção em torno de um homem largado na lama, enquanto uma multidão resmungava, descontente.

– Quem diabos é aquele? – Blackstone perguntou, descendo os degraus com o soldado logo atrás.

– Um escudeiro, algo assim. Não conseguimos ver o brasão por causa da lama e das manchas de sangue, mas não é camponês, isso é fato – disse o soldado. Blackstone não teve nem tempo de registrar sua surpresa. – Quando chegar ao fim da escadaria, olhe além dos currais, para a direita.

Blackstone abriu caminho por entre os poucos animais assustados e voltou à via pública da vila, pisando a geada matinal que cobria a trilha esburacada. Olhando com mais atenção para a entrada da vila, contando com maior iluminação, ele viu que um homem havia sido enforcado e que seu corpo coberto de lama estava da cor da terra vermelha, apesar de que não era terra o que ele tinha nos cabelos emaranhados e sobre a túnica, mas o sangue vazado de um crânio afundado e um rosto cortado ao meio.

O inglês voltou-se para o homem que jazia, imóvel, na lama.

– Ele está vivo?

– Quase morto, foi espancado – respondeu o soldado.

– Coloque-o num cavalo – disse Blackstone, apoiando-se na sela para içar-se. A perna ainda era incapaz de suportar o peso todo do corpo, dobrada no estribo.

– Levá-lo? – o outro contestou.

– Sim. Agora.

A ordem de Blackstone foi determinada o bastante para que o soldado obedecesse sem contestar mais. Os aldeões que se juntavam em torno dos cavaleiros ficaram mais impacientes, resmungando em volume cada vez mais

alto e ameaçador. Blackstone e outros dois usaram os cavalos para conter a população. O homem inconsciente foi deitado atravessado na cernelha de um dos cavalos. Assim que os soldados montaram, Blackstone guiou-os num trote até que alcançaram o alto de um morro cerca de um quilômetro da vila e puderam ver que não eram seguidos.

Deitaram o homem e derramaram água em seus lábios rachados.

Quando Blackstone tentou limpar um pouco da terra do rosto dele, acabou afastando da face os cabelos.

– Vejam só – disse o arqueiro. Uma flor de lis fora marcada na testa do homem, ainda em carne viva devido à queimadura a ferro quente.

Meulon curvou-se.

– Ele é francês? – Blackstone perguntou.

– Não sei. Talvez da Gasconha – Meulon respondeu. Os gascões do sudoeste eram leais ao rei inglês. – Se esses aldeões encontram qualquer um que pense ser ladrão ou espião dos mercenários, marcam-no.

Blackstone limpou um pouco da terra da túnica do homem. Ele piscou os olhos e escancarou-os como uma raposa arrancada da toca.

– Inglês? – ele sussurrou, desesperado, quase inaudível.

– Sim – Blackstone respondeu, já reconhecendo o uniforme do rei Edward.

O homem reavivado sorriu.

– Graças a Deus… seu rosto me pregou um susto daqueles – ele sussurrou antes de voltar à inconsciência.

Blackstone cedeu sua capa para aquecer o homem. Os soldados cortaram brotos de árvores e tiraram a casca para tecer uma maca para o homem caído, para que pudessem carregá-lo lentamente para casa.

– Lord de Harcourt vai me açoitar por trazer um inimigo para dentro de seu castelo – Meulon resmungou quando chegaram perto de casa.

– Não vai, não – disse Blackstone –, ele já deu refúgio a outro.

Estavam a menos de um dia de cavalgada de casa quando os cavaleiros apareceram. Um dos soldados da escolta viu meia dúzia de homens cruzarem uma clareira antes de desaparecer por detrás do mato alto.

– Eles estarão mais à frente na estrada, numa curva fechada – disse um dos soldados. – Eu vi pelo menos seis deles, e não estão de uniforme. São salteadores. Merda, estamos indo mal. Eles estão em maior número e são uns malditos depravados.

Meulon virou-se sobre a sela à procura de uma rota de fuga.

– Cortamos fora a maca e corremos morro acima e floresta adentro.

– Não vamos deixá-lo – disse Blackstone.

Meulon levou seu cavalo para perto do inglês.

– Escute, *Mestre* Thomas, não é hora de bancar o herói – disse o homem, atrevido. – Aqueles malditos selvagens estão em seis, nós, em quatro.

– Estamos em cinco – Blackstone retrucou.

– Pelo amor de Deus, não estamos numa sessão de treinamento com espada de madeira, você nunca lutou assim. Eles querem nossas armas e nossos cavalos.

– Então vamos dizer que não podem tê-los – Blackstone respondeu.

– Ah, sim, salteadores apreciam muito um bate-papo. Se tivéssemos pão e queijo, poderíamos dar-lhes um pouco também – zombou o homem, depois se virou para os outros. – Cortem fora a maca. Vamos para a floresta.

– Esperem! – Blackstone gritou. – Não vamos deixar esse homem. Se vocês forem, eu ficarei. E podem explicar ao seu mestre como foi que eu morri.

Foi evidente que o argumento atingira o objetivo. Os homens viraram seus cavalos, confusos, e Blackstone tomou a dianteira.

– Vou levar dois de vocês à frente. Deixaremos a maca aqui, entre as árvores – ele disse, apontando para dois dos soldados. – Usem o outro lado desse cercado como esconderijo. Amarrem seus cavalos e vão a pé. Peguem suas bestas e espadas somente, deixem os escudos para trás. Se há seis deles, estarão presos entre as cercas vivas e a encosta da floresta. Vocês os flanquearão.

Os homens pareceram indecisos por um instante, e depois Meulon cuspiu:

– Eu vou. Ficaremos perto da cerca viva. Vamos – ele disse a um dos homens, depois passou seu escudo para Blackstone. – Precisará disso, e se for morto, pelo menos posso dizer que tentei salvá-lo. Você é um maluco, Mestre Thomas. Espero que não nos faça morrer todos.

Eles amarraram os cavalos e prepararam as bestas, depois subiram a encosta e atravessaram a cerca viva. Blackstone deu-lhes tempo para se adiantarem, depois virou seu cavalo. Ele fez uma oração em silêncio para que a lição que aprendera naquela primeira encruzilhada na Normandia funcionasse ali. Sir Gilbert Killbere colocara sua vida nas mãos de seus arqueiros nesse dia, e a emboscada concedeu-lhes a vitória. Ali, Thomas Blackstone fazia o mesmo com dois franceses, pedindo que garantissem sua sobrevivência.

– Eu falo com eles – disse Blackstone.

– E se eles não escutarem? – um dos homens perguntou.

– Então os matamos.

Blackstone tomou a dianteira, avançando com o cavalo com os dois soldados remanescentes um pouco atrás, um de cada lado. Se ele tivesse analisado corretamente a situação, os salteadores não teriam espaço para manobrar, então, se estourasse uma briga, Blackstone poderia avançar com velocidade para cima deles. Essa ideia lhe escapou assim que fizeram a curva. Os salteadores já haviam bloqueado a estrada, aglomerando-se, de modo que não havia como passar. Os cavalos ofegavam muito; eles deviam ter seguido o grupo de Blackstone por certo tempo, forçando os animais para alcançá-los. Ele notou que os inimigos também haviam mapeado o terreno: não haveria como avançar.

Os homens barbudos pareciam ter se arrastado no chão sujo de uma taverna. As túnicas de couro brilhavam com camadas de sebo e suor; usavam capas e bacinetes abertos na frente e pareciam com o tipo de desertores que viviam de modo grosseiro, furtando o que podiam para sobreviver. Seus cavalos eram de qualidade pobre, e deviam ter sido roubados de aldeões que possuíam os animais menos capazes, mas, para esses homens, cavalos fracos bastavam até que encontrassem montarias melhores. E qualquer cavalo com guarnições, que tenha matado a fome e a sede, com um ferreiro para mantê-los bem calçados, merecia que se matasse para possuí-lo.

Blackstone e seus homens mantiveram as espadas sobre os ombros direitos e seguiram adiante com os cavalos, até se aproximarem dos salteadores. O truque era fazê-los manobrar de modo que cada um entravasse o outro. Blackstone parou seus homens numa ligeira curva na estrada, local por onde passavam carroças. Se pudesse trazer o inimigo para si, teriam o melhor local para lutar. Ele conjurou a bravura para encontrar as palavras que poderiam incitar os homens à briga. A bravata faria o dia.

– As garras da sua mãe rasgaram esse seu rosto quando puxaram você da barriga dela? – disse um dos salteadores, o que era, obviamente, o líder.

– A cicatriz foi-me dada por um homem melhor do que você – disse Blackstone, testando o homem, devolvendo a provocação. – E eu o matei por isso.

– Um menino como você?

– Um arqueiro inglês como eu – Blackstone respondeu, vendo as expressões passarem para um ódio declarado.

– O que é isso, então? Cavalga junto de homens de um senhor normando?

– Cavalgo com quem eu quiser. Aqui não há nada que lhe interesse. Você não devia estar limpando valas de esterco num monastério? Ou seu fedor é pior do que o das entranhas de um monge?

O salteador contorceu o rosto.

– Você não dará mais nem um passo nesta estrada, sua escória inglesa.

– A estrada é pública, e não temos dinheiro – disse Blackstone, ganhando o máximo de tempo possível para que os besteiros se posicionassem.

– Não importa, esta é nossa estrada agora, e pegaremos o que quisermos, quando quisermos. Onde estão os outros dois homens?

– Se sabe que temos mais dois homens, então sabe que temos um ferido conosco, sobre uma maca. Eles estão lá atrás, cuidando dele.

O líder dos salteadores pensou na situação por um momento e depois resmungou, satisfeito com a explicação.

– Então eles não vão causar problemas quando vocês entregarem seus cavalos e armas. Depois, estarão livres para ir.

O homem era muito feio, tinha pele flácida, cheia de pintas, e olhos amarelados de muita bebida, mas o nariz quebrado e as mãos marcadas mostraram a Blackstone que o homem era, no melhor, um guerreiro e, no pior, um assassino impiedoso. A morte de homem algum, nem mulher, nem criança, o tocaria. Ninguém disse nada nem se mexeu; todos se preparavam para lutar. Os cavalos dos salteadores aproximaram-se, forçando os cavaleiros a recuar e acotovelar-se para retomar a posição.

– Não é homem de negociar, então? – disse Blackstone.

– Negociar? – riu o outro, depois fitou seus homens. – Tem algo a dar em troca?

Um dos comparsas do salteador apontou para a espada.

– Guescin aqui roubaria e estupraria até a Virgem Maria, mesmo que ela negociasse com o diabo para que ele não o fizesse!

Os homens riram, murmurando em concordância, e esperaram, sorrindo, enquanto o inglês à frente deles manteve os nervos e a posição.

Blackstone sentiu o ferimento na perna contrair-se e o medo contorcer o estômago. A boca ficou seca. Ele seria o primeiro a atacar. O que ele fizesse determinaria o desfecho do confronto.

– Dois desses homens são melhores do que todos os seus mercenários de merda juntos. Saiam da droga da estrada agora, antes que eu os mande atacá-los – disse Blackstone, torcendo para que os homens atrás de si não tivessem se retraído perante a ideia de liderarem o ataque.

O mercenário farejou o ar.

– Algum deles cagou nas calças? Posso sentir o cheiro do medo daqui. Vamos, menino, desçam logo para o chão, fiquem de joelhos e implorem por suas vidas.

– Troco sua vida pela estrada – disse Blackstone. – Abram caminho ou matarei primeiro você, depois seus homens.

O rosto do homem demonstrou incerteza, como se tentasse resolver um

complexo quebra-cabeça. Era a provocação que Blackstone almejava.

Ele pressionou o dedão no punho da espada.

O medo desaparecera.

O homem gritou, esporeando o cavalo adiante. Os companheiros dele foram pegos de surpresa, e seu momento de hesitação deu vantagem a Blackstone. Ele chutou as ancas do cavalo, e o bicho disparou. A espada do salteador já estava na metade da trajetória quando a lâmina de Blackstone passou por baixo dela e pegou o inimigo na garganta. A inércia fez seu cavalo colidir contra o do salteador à esquerda, mas ele bloqueou o ataque do outro com o escudo, enquanto o animal do morto desviou, jogando a cabeça para um lado, bloqueando o outro capanga. Blackstone girou, sentiu a lâmina virar o escudo, jogando o homem para a frente, enquanto um dos soldados do grupo do inglês meteu a lança nas costelas expostas do homem. Depois flechas de besta acertaram os dois salteadores pelas costas, e ao cair eles prenderam os outros sobreviventes. Um deles conseguiu virar seu cavalo, mas Meulon atravessara a cerca viva e atacou o meliante do topo do morro, rasgando com a espada o crânio do homem de fora a fora.

Blackstone ficou exposto à direita. Outro cavaleiro passou pelo cavalo do líder, imerso no pânico, e posicionou-se para atacar. O homem que devia estar protegendo Blackstone nesse lado levou dois golpes pesados, apesar de seus esforços para bloquear qualquer ataque contra o inglês, e foi derrubado do cavalo. Tendo o soldado caído, a espada do salteador fez um arco, pronta para acertar Blackstone na cabeça. Ele se jogou contra a crina de sua montaria, sentindo a lâmina afiada raspando-lhe o ombro, rasgando roupa, mas não a pele. O homem virara de lado pela inércia do ataque, e Blackstone jogou seu peso à frente, enfiando a Espada do Lobo no fígado e nos pulmões do homem. De tão forte o ataque, a espada ficou presa. Quando o homem caiu, a arma foi arrancada da mão do inglês, desequilibrando-o sobre a sela. Ele foi ao chão, entre os cascos, já se xingando por não ter atado o nó do sangue no guarda-mão da espada. Ele se protegeu, se envolvendo, enquanto ouvia os gritos e os lamentos dos homens em competição com o relinchar dos cavalos aterrorizados. A perna esquerda ardia como se chumbo derretido tivesse sido deitado sobre o ferimento, e uma ferradura acertou-lhe a cabeça. Em um momento de tontura, ele sentiu o mundo girar. O instinto o forçou a puxar-se para a encosta, para se defender, mas alguém apareceu entre ele e o cavalo.

– Levante-se! – gritou Meulon. – Estão todos mortos. Só falta um.

Blackstone aceitou o braço estendido do homem e ergueu-se. Meulon olhou para ele com uma expressão de dúvida quando o inglês tirou os cabelos grudados do rosto e viu a mancha de sangue na mão. Tivera sorte.

– Estou bem – disse Blackstone.

– Parece que você sabe mesmo usar isso aqui, Sir Thomas – disse Meulon, chamando-o pelo título pela primeira vez ao entregar-lhe a Espada do Lobo.

Blackstone seguiu pela trilha até onde um dos soldados vigiava o salteador sobrevivente. Outro dos homens de Harcourt segurava os cavalos. O rapaz que lutara ao lado de Blackstone estava sentado na encosta, o rosto pálido.

– Gaillard. Ele levou um corte sob a malha; vai sangrar um pouco mais, depois vai solidificar. Vai sobreviver, embora não mereça pena por fazer uma trapalhada dessas. Por Deus! Ele só tinha que ficar do seu lado. Vou me certificar de que ele receba menos e seja açoitado por conta disso.

O ferido fez uma careta ao pensar em sentir ainda mais dor e em perder o pouco que ganhava.

– Ele agiu bem – Blackstone mentiu –, atrapalhando o homem que me atacou. Dê-lhe um pouco de vinho, e vamos cuidar do ferimento antes de sair daqui.

O homem rangeu os dentes e ficou em pé.

– Muito obrigado, Sir Thomas.

– Você é um sortudo, Gaillard, em muitos sentidos – disse Meulon, sabendo que era muito mais comum um homem de armas culpar um reles soldado por quaisquer infortúnios que recaíssem sobre ele, e que Blackstone quase morrera sob a lâmina do mercenário.

O prisioneiro estava ajoelhado na lama, as mãos atadas atrás das costas. Os cabelos sebosos estavam emplastados na cara com suor, devido à briga. Meulon puxou a cabeça do homem para trás. Ele arquejou, expondo os tocos quebrados e enegrecidos onde um dia houvera dentes.

– Luta em nome de quem? – Blackstone perguntou.

– Não servimos a ninguém – ele respondeu, levou um chute de Meulon e caiu de lado.

– Maldito mentiroso. Meia dúzia de lesmas como vocês não sobrevivem por conta própria. Deve haver mais de vocês. Onde? – Meulon perguntou.

O homem balançou a cabeça, negando, e ganhou outro chute por não cooperar.

Blackstone ergueu a mão.

– Basta. Escute aqui – disse ele –, vou libertá-lo.

Meulon não pôde acreditar no que ouvia.

– Vamos despedaçar esse bosta e deixar o corpo dele como aviso para outros que invadirem o território do meu senhor!

– Não, farei isso do meu jeito – respondeu Blackstone. – Coloque-o de joelhos e desamarre-o.

Meulon parou em frente a Blackstone, o rosto grudado ao dele.

– Faremos dele exemplo, como o faria Lord de Harcourt.

– Ele não está aqui – disse Blackstone, e tentou dar um passo ao lado, mas Meulon se reposicionou.

– Vamos matá-lo – ele sibilou. Os outros homens não podiam esconder o desgosto e murmuraram, em acordo.

Um fragmento de memória apareceu na mente de Blackstone – a força e a autoridade de Killbere, o homem que tomava decisões sem precisar de permissão.

– Faça o que digo e faça agora – Blackstone disse sem erguer a voz. – Sei o que e como precisa ser feito.

Mais uma vez, Meulon hesitou, mas o inglês não vacilou e não mostrou sinal algum de que mudaria de ideia. Finalmente, Meulon obedeceu e puxou o homem pelos cabelos, para que ficasse de joelhos, e cortou as amarras.

– Agora, diga-me a quem você serve, e estará livre para ir – Blackstone disse ao homem.

– Vai me matar de todo jeito – disse o salteador, desafiando o outro.

– Não. Não o matarei. Dou-lhe a minha palavra.

– E de que ela vale?

– Minha honra foi muito merecida. Vale muito.

O homem hesitou.

– Quero uma bebida.

– Nada de bebida. Só sua liberdade, como prometi. Você serve a quem?

O homem ficou pensando um pouco. O que haveria de perder?

– Mercenários detêm Chaulion.

Blackstone olhou para Meulon, querendo entender.

– Oito quilômetros mais ou menos ao sul. Controlam uma das encruzilhadas – disse Meulon.

– Quem está lá? Quantos são? – Blackstone perguntou. Meulon mantinha o punho erguido, pronto para punir o salteador. Este se retraiu.

– Alemães, franceses, gascões… todo tipo. Desertores ingleses também. Mais de sessenta homens, às vezes mais. Saquet os guia. É o líder. Saquet, *le poigne de fer*.

– O Punho de Ferro. Já ouvi falar dele – disse Meulon. – É bretão, bastardos que matam todo mundo que veem pela frente, capazes de vender a mãe por um jarro de vinho. Ele é dos piores. Chamam-no assim porque ele gosta de matar o inimigo deitado no chão, esmagando o crânio com o punho.

Blackstone sabia que os homens de Harcourt estripariam e enforcariam o homem como aviso para que outros não vagueassem pelos domínios do

senhorio. Eles o fitavam, na expectativa. Às vezes, certas ações duras eram necessárias. Ele hesitou, tentando decidir qual atitude serviria às suas intenções. Procurar exercer a menor das maldades era o que diferenciava a tortura desmedida seguida de morte da aplicação de um corretivo num inimigo.

– Tragam-no aqui – ele ordenou.

Meulon arrastou o homem pelos cabelos e barba até uma árvore caída. Blackstone ergueu a espada, pronto para golpear. Os joelhos do homem cederam; ele implorou pela vida, sacudindo a baba e o ranho que tinha presos na barba.

– Não, não! Você jurou por sua honra!

– Sempre cumpro o que digo. Vou lhe dar a sua liberdade. Meulon, o braço dele, ali – disse Blackstone, apontando para o tronco de árvore. Meulon e outro dos homens de Harcourt seguraram o homem e forçaram seu braço esticado sobre o tronco.

– Diga a esse Punho de Ferro que ele não vai mais entrar neste território, e que Sir Thomas Blackstone, vassalo de seu senhor soberano, o rei inglês, vai procurá-lo e matá-lo, e que isso é apenas um aviso.

A espada de Blackstone decepou os dedos da mão do homem. Ele fez que o ferimento fosse enfaixado e, antes de mandar o salteador embora, aplicou-lhe outra lição: reuniram as espadas dos homens mortos e fincaram seus corpos nas árvores, como outro aviso. Meulon e os outros ficaram em silêncio quando terminaram o serviço. As possíveis dúvidas que cultivavam com relação ao inglês sumiram solo abaixo como o sangue espirrado sobre a trilha.

Capítulo dezoito

Jean de Harcourt acompanhou o retorno da escolta ensanguentada. Sua chegada causou um corre-corre no pátio, conforme os servos vinham ajudar os feridos. Blackstone explicou brevemente o que acontecera e que mercenários dominavam a cidade de Chaulion.

– Sabíamos que ela havia sido tomada, mas que andavam chegando a essas partes é uma notícia terrível – disse Harcourt.

– O rei está testando aqueles de nós de quem ele duvida? – perguntou Louis de Vitry.

– Não ouvi dizer que foram pagos por nosso rei – disse Guy de Ruymont –, é mais provável que estejam atrás de seus próprios interesses do que dos dele.

– Milorde – disse Blackstone –, o inglês usava o uniforme do Rei da Inglaterra, e havia outro homem enforcado na vila. Não sei o que estavam fazendo tão longe ao sul.

– O que estavam fazendo, jovem Blackstone, era contar aos franceses que Edward os protegeria se eles lhe jurassem aliança – disse Mainemares, o mais velho estadista entre os nobres, que abriu caminho por entre o grupo e cutucou o uniforme do ferido, que passou sendo carregado para dentro do castelo. – Está mandando mensageiros, e não tendo muito sucesso. Talvez a autoridade e a influência de seu rei não sejam como ele acredita. – Ele fez um aceno para os rapazes que carregavam a maca, para levarem o homem para dentro.

– Coloque-o perto dos aposentos de Sir Thomas – ordenou Harcourt. – Thomas, fique com ele e veja o que consegue descobrir quando ele recobrar a consciência, você é o único que fala a língua dele.

Ninguém condenara as decisões de Blackstone, mas também não houve elogios por ele ter derrotado os mercenários. Os nobres reunidos abriram caminho para o jovem cavaleiro seguir a maca que cruzava as portas do castelo.

William de Fossat passou os dedos pela densa barba.

– Foi bom que aconteceu, Jean. Vai ensinar àqueles ladrões malditos a manter distância.

Vitry concordou.

– Se eles detêm o controle de Chaulion, controlam o comércio que passa por aquelas estradas. Devíamos queimá-los antes que mais vagabundos se unam a eles.

Jean de Harcourt permaneceu em silêncio. Os demais murmuraram, concordando com Vitry e Fossat.

– Meulon! – Harcourt chamou ao ver o homem que cuidava de um soldado ferido perto dos estábulos. – Entre. Agora.

Harcourt deu meia-volta, seguido pelos outros. Precisava saber se as ações de Thomas Blackstone foram equivocadas, cutucando um vespeiro que poderia levar assaltantes para suas terras, ou se ele havia desencadeado uma corrente de eventos que serviriam bem aos planos a longo prazo dos barões normandos.

Os servos deitaram o homem inconsciente sobre uma maca limpa e juntaram seus remédios e ervas. Enquanto eles limpavam a sujeira do rosto e das mãos dele, ele se agitou, murmurando algo, delirando.

– Mestre Blackstone – Marcel chamou. – Ele disse alguma coisa.

Blackstone sentou-se ao lado do homem inconsciente.

– O que deram a ele?

– Confrei para a queimadura na testa e as costelas quebradas. O pé está no ângulo errado, então vamos usar também na atadura. Suturamos o machucado da cabeça o melhor que pudemos, e vamos preparar mais ervas.

– E o que é isso? – Blackstone perguntou.

– A arruda cura muitas coisas e afasta os maus espíritos.

– Talvez só orar já bastasse – Blackstone sugeriu.

Marcel pegou a bolsa de ervas.

– Devemos tomar todas as precauções, Sir Thomas. Dona Christiana rezava três vezes ao dia por sua recuperação, mas também o tratamos com essas mesmas poções assim que Mestre Jordan retornou ao exército inglês. Os maus espíritos conseguem entrar em nossa alma quando estamos indefesos. Ninguém devia correr o risco de ser pego pelas mandíbulas do inferno por falta de umas ervinhas.

Não havia como discutir – não quando tinha as suas próprias superstições. Blackstone tocou, sem perceber, o talismã de prata que levava ao pescoço e viu Marcel abrir um sorriso brilhante.

O ferido virou a cabeça e abriu um pouco os olhos.

– Estou vivo? – disse, quase sussurrando.

Blackstone baixou a cabeça para ouvir melhor. O homem repetiu a pergunta.

– Sim – Blackstone respondeu –, e está a salvo.

Ele acenou para Marcel e o outro criado do quarto para que erguessem o homem e dessem-lhe de beber. Deitaram o líquido devagarzinho, nos lábios dele. Ele bebeu e fechou os olhos. Blackstone esperou. Pouco depois, o homem retornou.

– Quem é você? – Blackstone perguntou.

– Sou um mensageiro do Rei da Inglaterra. Tenho mandado de passagem livre. – Suspirou, fechou os olhos, descansou por um instante, depois tornou a falar. – Devia ter usado para limpar o traseiro. – O homem arquejou, como se os pulmões não conseguissem se encher de ar. Levou alguns segundos para se recobrar. – Aqueles malditos franceses pagãos nos esmagaram como uma matilha de lobos. – Ele se contraiu. – Sinto-me como se tivesse sido chutado e atropelado por uma droga de cavalo de guerra. Não sou guerreiro, sou um mensageiro do rei.

O homem suspirou mais uma vez e fechou os olhos. Sua habilidade de falar ia e vinha.

Blackstone afastou os cabelos do homem do rosto dele e fitou novamente a marca gravada a ferro quente na testa dele. Era difícil determinar a idade, mas o cavaleiro supôs que fosse apenas alguns anos mais velho do que ele. Que não passava de plebeu, isso era óbvio. Devia fazer parte da comitiva do rei, servir o camareiro, usado para entregar decretos. Uma gota de sangue escapou-lhe do canto da boca.

– Marcel? – Blackstone chamou, apontando para o sangue.

– Os pulmões. Devem ter sido perfurados por uma costela. Não sei se isso pode ser curado. Vou queimar um pouco de tussilago, dizem que ajuda a respirar.

Marcel saiu do quarto à procura de mais ervas.

– Então eu disse a mim mesmo… – falou o homem, como se continuasse uma conversa, ignorando o fato de ter novamente perdido a consciência – eu disse: nem um cachorro conseguiria passar o traseiro dele pelo buraco dessa jaula. Já contei isso? Que eles me colocaram numa gaiola de vime depois que me espancaram e me marcaram? Contei, não contei? Depois que mataram o pobre do Jeffrey, e o penduraram como um gato numa feira… só por diversão…

Ele hesitou de novo. Talvez fossem as ervas analgésicas o que confundia os pensamentos do homem.

– Qual é seu nome? – Blackstone perguntou.

O homem pareceu aturdido, como se tivesse que se lembrar de uma

mensagem obscura que lhe fugia da mente.

– É… Harness, William Harness, e sou mensageiro do Rei da Inglaterra. Já disse isso?

– Sim. Meu nome é Thomas Blackstone. Sou inglês. Conhece Sir Gilbert Killbere? Estava perto do príncipe, em Crécy.

– Foi lá que te cortaram? – disse Harness, fitando a cicatriz do cavaleiro.

– Sim. Conhece-o?

– Estou na Inglaterra? Qual é seu nome?

– Thomas. Meu nome é Thomas. Você está na França. Na Normandia. E quanto a Sir Gilbert? Ele está vivo?

– Você é prisioneiro?

Blackstone conteve a impaciência.

– Não, eu resgatei você daquela vila.

– Isso mesmo. Eu me lembro. Eu estava na jaula quando vi seus cavaleiros. Pensei… Santo Cristo, que Deus abençoe meu rei por enviar tropas para nos encontrar. Então uma voz me deu esperança. Mije! Mije neles! Foi isso que eu ouvi. Só mesmo um inglês diria isso, pensei. Mije neles. Muito bem, eu disse comigo. Escapei da jaula com o resto de força que tinha. Queria voltar para junto de meu senhor, o rei, e meus amigos. Aqueles… malditos… eles… nos atacaram… Sir Gilbert Killbere. Ouvi esse nome. Não conheço. Matamos os franceses. Você estava lá?

Harness perdia novamente a noção da realidade. Era cedo demais para interrogá-lo.

– Sim – Blackstone repetiu –, eu estava lá.

O homem apertou com força o braço de Blackstone.

– Estou com medo. Muito medo. Medo do escuro, do que espera por mim. Não deixe me levarem. Jure que não vai deixar que me levem.

– Eu juro. Está a salvo aqui. Está protegido de todo perigo.

O homem suspirou e fechou os olhos, adormecendo.

Se andavam atacando e matando os mensageiros do rei inglês, então havia ainda um núcleo de resistência enfiado no interior da França. Não importava que haviam tido uma grande vitória meses antes. A influência de Edward vacilava e, se era esse o caso, Blackstone sabia que sua vida poderia ficar em perigo mais uma vez.

No salão principal, Meulon recebia a atenção de todos os barões, em silêncio.

– Sir Thomas foi até a vila contra a minha vontade. Depois que ele entrou

em um dos casebres, vimos um homem preso numa jaula, lutando para sair. Inicialmente, pensamos que pertencia a um dos senhores locais. Vimos que outro homem havia sido espancado e enforcado, e Sir Thomas nos ordenou que levássemos conosco o homem que encontramos. Afastamo-nos alguns quilômetros da vila quando o inglês voltou a si e disse algo a Mestre Thomas que eu não entendi. Então, alguns dias depois, vimos os mercenários. Fiz tudo o que pude para fazê-lo abandonar o inglês, mas ele insistiu que lutássemos. Poderia ter sido muito ruim para nós, mas ele nos posicionou na trilha e mandou a mim e outro para flanqueá-los. Ensinou-lhes uma bela lição. Ele estava certo, e eu, errado. Imploro que me perdoe, senhor, por não ser capaz de cumprir a ordem e evitar o perigo.

– Acha que Thomas pensou em tudo? – perguntou Graville. – Ou estava tentando impressionar a você e seus homens?

– Ah, sim, senhor, ele pensou em tudo. Podíamos ter evitado a briga, mas ele sabia exatamente o que estava fazendo. Foi uma bela emboscada.

– E então? – perguntou Fossat.

– Então ele me impediu de matar o último homem, que sobrevivera. Eu queria estripar aquele porco e pôr a cabeça dele numa estaca. Mas ele não permitiu. Não, milordes, ele prometeu ao homem poupar-lhe a vida se recebesse mais informações. Disse que cumpriria sua palavra. Que honrava o que dizia. O maldito jamais ouvira coisa parecida. E assim que recebemos a informação, digo, foi quando ele serrou os dedos da mão do homem e o mandou de volta. Não vacilou nem um pouco. Foi como arrancar cabeça de galinha. E foi essa a mensagem que mandou. Dizer para Saquet que não era para ele cavalgar pelo território de Lord de Harcourt de novo ou ele, digo, Sir Thomas, o mataria.

Os nobres fizeram silêncio; a tensão era palpável. Meulon sentiu o medo pegar-lhe no estômago; demonstrava no rosto a grande apreensão.

– Você diria que ele tem habilidade? – perguntou Harcourt. – Ou foi sorte?

– Senhor, todo mundo precisa de sorte numa luta, mas em todo o tempo que levamos para matar aqueles vagabundos, Sir Thomas nos liderou. Estava sem montaria, mas acho que foi porque a perna enfraqueceu. Contudo, isso não alterou a coragem dele. Ele tem brio, senhor. Não vi sinal algum de medo no rosto dele. As mãos, firmes. Pensei, em certo momento, que ele estava se divertindo com aquilo. Ficou entusiasmado. Tem uma palavra para isso, milordes… que diz que… ele está pronto para a briga.

– Beligerante – sugeriu Graville.

– Acho que é essa a palavra, senhor – disse Meulon. – Isso mesmo. E quando ele arrancou os dedos do bastardo, bem, soubemos então do que ele é feito.

Meulon umedeceu os lábios; a garganta chegava a ficar seca de tanto que falara, e por um medo súbito de que pudesse ter chateado seu senhor por elogiar o jovem inglês.

– Como ele o tratou? – Jean de Harcourt perguntou a seu capitão.

– Senhor?

– Ele tratou você como um igual? Ele é um homem comum. O fato de ter sido honrado no campo de batalha não significa nada quando ele entra numa luta junto a outros soldados. Você é meu capitão e tem experiência ao liderar homens na batalha. Então, como ele se comportou com você?

Meulon pensou por um instante, porque a pergunta fora feita com a autoridade usual do mestre, mas sua natureza curiosa preocupou o soldado. Quando se instaurava a violência e um homem lutava por sua vida, colocava sua confiança em Deus e em sua espada e no homem que o liderava. Alguns homens se cagavam e mijavam quando o terror os dominava, e nenhum jamais zombava de outro caso sobrevivesse ao acontecido. Outros criavam esse terror.

– Sir Thomas pode ser um homem comum, senhor, não carrega fardo algum de nobreza, isso é fato, e se ele tivesse tentado fazer amizade conosco, soldados comuns, teriam suscitado dúvidas sobre sua habilidade de comandar. Foi isso o que ele fez, e por isso que obedecemos. Ele tomou o comando e provou seu valor, milorde.

Os nobres trocaram olhares, enquanto Meulon esperava, muito nervoso, ainda rígido de tensão, não ousando olhar para nenhum daqueles homens poderosos por medo de parecer insubordinado.

Foi Henri Livay quem quebrou o silêncio:

– Meulon, você já lutou com seu mestre, assim como os homens que estavam com você hoje.

Meulon hesitou. Todos sabiam que ele tinha servido junto de Jean de Harcourt e seu pai. Aquilo era uma pergunta que lhe faziam?

– Não entendo, senhor. Perdoe-me.

– É simples. Sir Thomas seria o tipo de homem que você e seus soldados, todos vocês, experientes que são, seguiriam? À luta?

Meulon hesitou antes de responder. O inglês não significava nada para ele. Não havia fidelidade alguma. Mas ele salvara Gaillard de ser açoitado, e ganhara sua lealdade. E a de Meulon. Era preciso acreditar numa pessoa quando o colocavam em perigo.

– Acho que… todos nós o seguiríamos, milorde. Sim, seguiríamos Mestre Blackstone.

Depois que Blackstone e Christiana haviam provado o prazer um do outro, ela descia pela escadaria estreita cujo piso de pedra úmida abafava qualquer passada. Christiana hesitava e olhava pelo corredor para ver se as pessoas que dormiam no corredor estavam de costas para a passagem, ou encaracoladas contra o frio do piso de pedra, dormindo profundamente. Eram poucos os passos que a separavam do quarto de Blackstone. As noites espiralavam numa paixão indulgente e incansável que os levava além da preocupação de serem descobertos. Somente a chegada fria de cada amanhecer os tornava atentos ao perigo de serem vistos. Não havia como saberem que Blanche de Harcourt tinha ciência de cada momento que passavam juntos, e que ela, por sua vez, jogava um delicado jogo contra o esposo. A tolerância dele tinha limite, mas ela sabia que ele e os outros estavam planejando usar Blackstone. Não sabia ainda que esquema estavam confabulando, mas, assim que terminassem, Thomas e Christiana teriam pouca chance de continuar tendo seus encontros ilícitos. Seria apenas questão de tempo.

A língua bifurcada do diabo dançava da boca dele como uma cobra conforme os corpos dos pecadores eram consumidos, como um cão raivoso que atacaria até uma criança. A escada para o céu furava o submundo no ponto em que os desafortunados se seguravam desesperados com dedos cortados, sangrando conforme eram arrastados abaixo da crosta terrestre. Um grito queixoso por perdão podia quase ser ouvido daqueles cujos olhos erguiam-se para a beleza calma de Deus, cuja mão estendida abençoava os bons homens e os anjos ao seu redor.

Blackstone não fazia ideia de quando os murais foram pintados na capela de Harcourt, mas a luz bruxuleante das velas causava a impressão de que as figuras haviam aberto espaço com as próprias mãos. Eram imagens apagadas, mas ainda claras o bastante para mostrar a queda da humanidade da graça e o sofrimento eterno que esperava os pecadores. Arrependam-se, diziam os anjos, e sejam amados por Deus. Blackstone e Christiana estavam sentados muito perto um do outro na capela fria e úmida. Luz nenhuma penetrava ainda as pequenas janelas ao alto; somente as velas crepitantes lutavam contra a escuridão quase total. Ele colocou a capa em volta dela quando a viu tremendo, mesmo usando um vestido grosso de lã, e esforçou-se para banir o frio dentro de sua mente.

Christiana convencera-o de que eles precisavam se mostrar a Deus e pedir perdão por sua luxúria e fazer uma promessa diante do altar de que sua paixão era uma extensão do amor que tinham um pelo outro.

Foi difícil convencê-lo.

Christiana orava e, enquanto confessava seus sentimentos ao Todo-poderoso, aos sussurros e com a cabeça baixa em arrependimento, Blackstone começou a ficar excitado. Seria um pecado mortal fornicar numa igreja ou as chamas do inferno apenas chamuscariam o rabo dele? Foi isso que se passou em sua mente.

Ela se ergueu dos joelhos, o rosto animado por estar enfim livrando-se do peso.

– Jamais poderíamos confessar isso ao padre – disse ela. – O salário dele é pago por Lord de Harcourt.

– Não pretendo confessar nada a ninguém. O desejo é parte dos meus sentimentos por você. Eu me deitaria com você o dia inteiro e a noite toda se achasse que não seríamos descobertos. Não que já não tenham. Do jeito que você grita no travesseiro, até os mortos podem acordar.

Os olhos dela brilharam de raiva quando ela ralhou com ele:

– Thomas, tenha um pouco de respeito pelo local onde estamos! Não me envergonhe ainda mais.

– Não há por que ter vergonha do prazer, Christiana. Deus sabe tudo de nós e o que fazemos.

Aquela havia sido a primeira manhã em que ele não saíra no frio, antes do amanhecer. E já estava arrependido de submeter-se às demandas insistentes da moça de irem beneficiar-se do perdão de Deus.

– Você virá à missa comigo no dia de Natal, Thomas – disse. – É o que se espera.

O temor a Deus era uma emoção tangível para Christiana, mas para ele o desejo que sentiam um pelo outro podia conter a ira de Deus.

– Não irei à missa. Ainda não estou pronto para perdoar Deus.

A luz das velas banhava o casal com um brilho morno, mas Blackstone viu o sangue fugir do rosto da moça quando ela fez o sinal da cruz.

– Que blasfêmia! – Christiana sussurrou.

– Eu estava largado na lama, em Crécy, quase morto, e vi a cruz em chamas. Anjos guerreiros uniram-se ao meu redor, e eu implorei por perdão, mas eles barraram minha entrada no céu. Tenho levado essa discussão com o Todo-poderoso.

– Pare com isso! Não ouvirei nem mais uma palavra – disse ela. O eco de suas palavras soou claro e agudo.

Christiana tentou evitar o abraço, mas Blackstone a envolveu.

– Escute. Eu vejo o trabalho de Deus em todo lugar. Não tenho que entrar num prédio gelado de pedra para mandar meus pensamentos para Ele. Vejo os espíritos na floresta e os anjos Dele nas nuvens. Não me enterre em seu medo,

Christiana. Além disso, estou livre de qualquer punição porque você reza tanto, que salvará nós dois.

O som dos criados passando pelo corredor a impediu de continuar a discussão. Christiana envolveu-se na capa, checou o corredor e desceu rápido pela escadaria, deixando Blackstone sozinho na tumba silenciosa.

Os demônios dançavam, mas Blackstone deu-lhe as costas.

O sofrimento já era seu companheiro de viagem.

Blackstone foi checar o mensageiro inglês, que dormia com dificuldade e acordava muitas vezes. O criado, cuja função era ficar sentado ao lado do ferido, disse a Thomas que o homem passara boa parte da noite em silêncio e que a pomada aplicada aliviara a dor. A comida era trazida da cozinha. Blackstone dispensou o criado e sentou-se ao lado da cama de Harness. Parecia-lhe que, além de visivelmente ferido por fora, o corpo do homem estava quebrado por dentro.

Ele umedeceu um paninho numa tigela de água e passou na testa de Harness. A marca estava lívida, mas poderia um dia vir a ser uma insígnia de honra. Um criado entrou com uma tigela de sopa.

– Disseram-me que o homem deve ser alimentado sempre que conseguir comer – disse ele.

– Eu cuido disso – disse Blackstone, pegando a tigela de sopa temperada com ervas.

Harness acordou com o barulho.

– William, disseram-me que você dormiu quase a noite toda. Está melhorando. Aqui, por que não se senta?

Ele ajudou Harness a se sentar.

– Tem cerveja? – ele perguntou, tocando o céu da boca com a língua ao olhar ao redor do quarto. – Onde estou?

– No Castelo de Harcourt, e não há cerveja decente nestas partes, isso eu garanto. Tem vinho e água.

– Água?

Blackstone sorriu ao ver a reação de Harness. Estava pálido, o rosto, abatido, e as mãos tremiam. O sangue seco dos pulmões umedeceu-se novamente por estar o homem consciente e falando. Blackstone levou o pano úmido aos lábios dele.

– Isso vai umedecer a sua boca. Pode tomar vinho depois que comer.

Harness sugou a umidade e agradeceu.

– Comida, não. Tenho sede. Tudo bem, eu tomo vinho, se é só isso que tem.

Blackstone pegou um pequeno jarro de vinho tinto e deixou o outro beber quanto quis. A respiração cortada tornava difícil para ele engolir.

– A própria Virgem Maria deve ter enviado você para me salvar – disse ele, tremendo ainda mais pelo esforço de falar. – Encontrar outro inglês entre aqueles franceses malditos, abençoada seja a Mãe de Cristo, passarei o resto da minha vida de joelhos em toda igreja que for.

O homem tornou a ficar calado, exaurido, mas sorriu, e pousou a mão no braço de Blackstone.

– Devia descansar – este disse –, falar vai enfraquecê-lo.

– Fornicar me enfraquece, mas quase não faço isso também – ele riu, e depois tossiu. Blackstone levou o pano aos lábios dele mais uma vez e notou as gotinhas de sangue.

Harness ergueu a mão, respirando com dificuldade.

– Eu acordei… quando… não sei quando. Velas acesas… pensei que estivesse no céu.. uma mulher entrou… um anjo, pensei comigo, Deus mandou um anjo, e só consegui pensar em pôr a mão no vestido dela e meter o pau. Onde disse que eu estou?

– Está no castelo de um barão normando, e pelo visto andou sonhando – disse Blackstone. Nenhuma das esposas dos nobres aventurava-se por aqueles corredores, e Christiana esteve nos braços dele a noite toda. Ele levou a tigela de sopa à boca de Harness, que sentiu o nariz coçar. – São as ervas – informou Blackstone. – Vão nutri-lo.

– Um pedaço de carneiro seria muito bom – o homem comentou, fitando o outro por cima da borda do recipiente.

– Tome quanto puder disto e verei o que posso fazer.

– Ela estava aqui, sabe? Eu vi tão claramente quanto vejo você. Uma visão muito mais bonita do que essa sua cara mutilada. Quem lhe fez isso?

– Não importa. Ele morreu.

Harness pensou um pouco.

– Castraram meu amigo Jeffrey. Sabia? O rapaz que enforcaram na vila. Não mostraram piedade. Oferecemos a proteção do rei e eles meteram faca nele e o penduraram. Estavam me guardando para algo especial. Pode matá-los? Dar uma lição?

– É Natal, William. Época sagrada. Perdoa-se tudo.

– Ah, é? – Ele fechou a cara, e lágrimas juntaram-se em seus olhos. – Não me importa. Ele era tão jovem, mais novo que você e eu. Amava o rei e o cavalo

do mesmo jeito, admito. Orgulhoso por ter sido escolhido. Deus, aquele menino cavalgava o dia todo e a noite toda, levando a palavra do rei. Teria cavalgado até o inferno por seu senhor. – Limpou as lágrimas do rosto. – Machucaram-no demais. Deu muita pena de ver. E depois que quase me mataram de tanto me espancar, fizeram-me assistir enquanto faziam aquilo com ele – disse e balançou a cabeça. – Quando eu melhorar, empreste-me um cavalo e vou voltar até aqueles vermes e queimar a todos. Podem tentar me matar de novo. – Ele tossiu de novo; seu peito ruidoso soltou mais fluidos. – Não sou soldado, mas estou com o rei. Vou matá-los antes de morrer.

O caldo continuou intocado. Blackstone compreendia o ódio de Harness. Sempre que pensava na morte do irmão, algo que se contorcia em seu estômago levantava-se como uma serpente e apertava-lhe o coração. Talvez esse desejo de vingança era o que mantinha Harness vivo, assim como a Blackstone.

– Vamos queimá-los juntos. Que acha disso?

– Promete?

– Prometo.

– Uma ótima ideia. Você é guerreiro, isso eu vejo. Você lidera, e queimamos aquela escória. – Suspirou e tornou a fechar os olhos. – Sim, vamos ensiná-los. Pobre rapaz… matar é uma coisa… mas pelo que fizeram… vão arder.

Blackstone ficou em silêncio por um tempo, até perceber que não podia fazer nada mais por ele ali, sentado. Melhor deixá-lo dormir. Quando ele se levantou para sair do quarto, Harness abriu os olhos.

– Ela estava lá. Eu a vi. Cabelos trançados, vestido azul. Como a Virgem Maria. Veio ver William Harness em sua hora de sofrimento.

Blackstone não respondeu, pois Harness pegara no sono de novo, mas sabia que o homem não tivera uma visão enquanto delirava. Era Blanche de Harcourt quem entrara no quarto, e, se estivera assim tão perto dos aposentos do cavaleiro, então talvez soubesse que Christiana andava visitando a cama dele.

O desespero o dominou. Por quanto tempo poderiam dormir juntos sem serem descobertos? O servo, Marcel, já sabia, mas Jean de Harcourt não fizera acusação alguma. Devia saber, *devia*! Como poderia um homem tão poderoso, que usava sua autoridade para punir qualquer homem do modo mais brutal, não saber o que acontecia sob seu teto?

A não ser, é claro, que os interesses e as preocupações dele se resumissem a questões políticas e à busca de poder contra um rei débil. Blackstone compreendeu que não entendera muito bem as emoções que percorriam a família Harcourt. Quando resgatou Christiana e foram ao castelo em Noyelles, foi Blanche de Harcourt quem sustentou a família unida enquanto seu senhor e marido lutava contra os ingleses. Sir Godfrey de Harcourt pode ter-lhe oferecido

proteção, mas Blackstone lembrava-se do alívio que Blanche demonstrara quando Christiana foi devolvida à segurança. E, armada com sua agressividade, ela derrotaria qualquer homem se sua família fosse ameaçada. Era uma força a ser reconhecida. Depois disso, a família não significava nada para Blackstone, e certamente, quando estava machucado, ligava muito pouco para quem cuidava dele. Christiana estava sob proteção, e era a condessa quem a mantinha por perto. Marcel também. *Marcel! Que tolo eu fui!*, o rapaz pensou. Marcel não era criado do mestre, sua lealdade era devotada a Blanche de Harcourt. Christiana devia ter pensado que subornara o criado para deixar que ela entrasse no quarto na noite da caçada, mas o homem não ousaria desobedecer à única pessoa que controlava sua vida. Blanche de Harcourt. Christiana era filha de um cavaleiro, mas, na verdade, não possuía autoridade alguma dentro da casa. Marcel apenas teria deixado que ela entrasse no quarto se soubesse que sua senhora não seria ofendida. Blanche de Harcourt sabia que o casal não se manteria separado por muito tempo. Ela *permitira* que o encontro acontecesse.

Blackstone não pensara o bastante no assunto. Blanche de Harcourt jamais poderia se equiparar a seu senhor e marido naquela casa, mas havia nascido na corte, com terras e título próprios, e influenciaria o marido do modo que pudesse para garantir seu poder. O desespero de Blackstone ficou ainda mais claro. Era como se tivesse que lutar duas batalhas ao mesmo tempo. Tinha de descobrir por que ela permitira que Christiana se tornasse tão íntima dele e, contudo, como ele acreditava, não quisera contar ao marido. *Santo Deus*, pensou ele, *estou sendo puxado para dentro de alguma coisa da qual não tenho o mínimo controle.* Jean de Harcourt oferecera-lhe amizade, e Blanche permitira a protegida a perder a virgindade e se apaixonar pelo inglês.

Era Blanche quem movia as peças do xadrez.

E Blackstone precisava descobrir que peças seriam essas.

Capítulo dezenove

O ar zumbia com animação quando os criados começaram a preparar o banquete do dia de Natal. Era a época do ano em que compartilhariam da alegria e da benevolência de seu mestre que lhes concedia audiência para ponderar sobre alguma queixa e oferecer esmolas e comida. Todos se alimentariam bem e os pajens participariam das festividades e ajudariam a servir a mesa.

Blackstone subiu no adarve e caminhou ao longo da muralha. As sentinelas iam baixando os olhos conforme ele passava; ninguém ousava mostrar desrespeito após o que acontecera. O ferimento de Gaillard estava sarando, e Meulon, o filho de ferreiro que, muitos anos antes, fugira de casa e crescera servindo a seu mestre, deixava claro que eles deviam suas vidas ao inglês. Um cavaleiro francês não salvaria um homem de ser açoitado, e ele apostava que os malditos dos cavaleiros ingleses também não.

Blackstone admirou o horizonte. O vento desviara, varrendo consigo as nuvens, levando consigo os pensamentos do rapaz. Que lugar seria esse para o qual fora trazido? Estava a sul de Rouen e não muito distante de Paris, isso ele descobrira por fragmentos de conversa. Até mesmo Christiana não sabia onde ficavam essas grandes cidades, ou onde os poderosos donos de terra defendiam seus territórios. O mundo era um pequeno lugar definido apenas pelos arredores imediatos e as histórias dos viajantes. Homens atropelavam-se nos campos de batalha e deixavam seu sangue infiltrar o solo de uma parte da França da qual nada sabiam. *Morrer sem compreender nada era heresia*, pensou Blackstone. Um homem precisava saber por que sua preciosa vida era oferecida às mãos de seu inimigo. E quando haviam começado esses pensamentos? Não sabia dizer. Pensamentos e sentimentos que antes eram estranhos passaram a possuí-lo com tanta força quanto a raiva que lhe conferia força no braço que brandia a espada.

Fazia apenas um ano que ele levava sua vida contente na vila, apreciando risos e jogos nas feiras? Lembrou-se de correr por entre clareiras e enxames de

abelhas, e de mergulhar no rio para salvar-se das picadas. Era uma época de descanso, quando os feriados os tiravam do trabalho. Como um homem conseguia pôr comida na mesa com todas aquelas restrições, isso jamais lhe ocorrera, mas tudo parecia muito mais simples então. Era um homem livre, abençoado pela graça de seu senhor, responsável por cuidar do irmão deficiente, que não falava nem ouvia, mas sentia o vento deslocado pelas asas de uma mariposa e sentia o bater no chão dos cascos de um cervo recém-nascido. Como pudera acontecer tanta coisa em tão pouco tempo? Passava-se apenas um Natal desde que tomaram comida das mãos de Lord Marldon, e levaram um tapa na cabeça do feitor, por insolência. “Vai ter truta rio acima?”, Marldon perguntara ao jovem arqueiro, e se tivesse, Blackstone e o irmão poderiam deixar um pouco para que o guarda do senhor pudesse servir em sua mesa? Blackstone não se lembrava das palavras exatas com que respondeu, mas uma fala atrevida fez o feitor bater nele. Lord Marldon deixara o fato de lado por saber que o menino ignorava a relação entre seu pai e o suserano.

Apenas um ano antes, e lá estava ele. Estivera perto de morrer, mas os anjos que vira naquele dia quando jazia em Crécy o enviaram de volta a este mundo, para cumprir sua penitência por não ter cuidado do irmão. Não havia como negar o peso da dúvida, pois ele não sabia o que aguardava por ele. A sensação que surgia, como um fio de seda que se recusava a partir, era o desejo de retornar à Inglaterra. Estava ficando mais forte, ainda mais com a presença do ferido William Harness. O desespero do homem por ter perdido o companheiro ecoava os sentimentos de Blackstone com relação ao irmão. Ambos queriam uma retaliação. Era algo tão simples quanto o desejo de vingança? Parecia mais complexo que isso. Ele não sabia, mas, fosse o que fosse, mexia com sua vida. As celebrações de Natal eram o momento de pedir favores e, se William Harness sobrevivesse aos dois ou três dias seguintes, ele pediria a Harcourt que o libertasse da proteção e deixasse voltar, junto do arauto ferido, para as linhas inglesas em Calais. Chegando lá, ele se apresentaria ao príncipe e ao rei, e veria aonde essa nova vida o levaria. Christiana viria com ele porque os dois estavam entrelaçados numa paixão que somente poderia ser destruída por condenação da Igreja ou por uma separação forçada aplicada por Jean de Harcourt. Qualquer uma das duas, Blackstone pretendia ignorar.

A cabeça do javali ocupava lugar de destaque na mesa, os olhos vazios fitando os homens e as mulheres, em seus vestidos coloridos ornados de joias, que riam e gritavam por cima da música dos trovadores. Blackstone sentou-se na ponta da

mesa, mas Christiana fora locada entre Guy de Ruymont e sua esposa, Joanna, com Jacques Brienne, cavaleiro solteiro, sentado à frente dela. Ele já tinha dançado com ela três vezes, e Christiana ignorara Blackstone firmemente. Estava sendo punido por alguma coisa? Ou seriam Jean e Blanche de Harcourt deixando claro que sabiam da intimidade dele com a moça? Sozinho e ignorado, ele ficou sentado, observando, um infeliz espectador. Nenhuma das esposas olhava na direção dele, que pareciam evitá-lo, como se os maridos houvessem ordenado que não lhe dessem atenção. Ele comeu o mais delicadamente possível, como lhe ensinaram, mas bebeu mais vinho do que o de costume. Havia pouco a fazer além de parecer interessado no que acontecia e invejar a *finesse* de Jacques Brienne ao guiar Christiana na dança com os demais homens habilidosos e suas esposas.

Blackstone aproveitou a oportunidade de abordar Harcourt.

– Milorde, minhas habilidades de dança não foram requisitadas esta noite. Gostaria de levar um pouco de comida a William Harness.

– Thomas, você não *tem* habilidade para dançar. Tem a graça de um javali bufando e grunhindo no chão da floresta – disse o outro, sorrindo para aliviar o desconforto de seu protegido.

– Não posso argumentar quanto a isso, senhor.

– Devia nos mostrar uma dança de camponeses, Blackstone – disse Fossat, que sentou-se ao lado. – Ficaríamos impressionados e aprenderíamos sobre como seu povo celebra.

– Meu povo, senhor, estaria numa taverna junto à fumaça de uma lareira cheia de lenha úmida, porque o senhor local não permite que lenha seca seja tirada de sua floresta. Teríamos um jarro de vinho dado pelo padre e uma lebre caçada, se tivéssemos sorte. Haveria pouco motivo para celebrar, e quase nada de espaço para dormir, muito menos para dançar.

Fossat estendeu sua faca e pegou um pedaço de carne.

– Então você devia se ajoelhar todo dia perante Lord de Harcourt e implorar por perdão por ter sido impingido a ele, e agradecer pela tarefa onerosa que ele tem tido que executar.

Blackstone sabia que estava sendo provocado.

– Eu poderia me ajoelhar diante dele sempre que o encontrasse à minha frente, mas ele tem sido gracioso demais e requisitado pouco de mim. Respeitar um homem como Lord de Harcourt é uma honra que um homem simples como eu raramente tem o privilégio de usufruir. Para outros, é caso de vê-los chafurdados na lama com uma flecha de um metro fincada na goela.

– Mãe de Deus, Thomas, você foi longe demais – disse Harcourt num suspiro irritado e dolorido.

– Meu povo costuma fazer isso, senhor – Blackstone respondeu, e curvou a cabeça.

William de Fossat engasgou e cuspiu os pedaços mastigados de carne por cima da barba, e precisou da ajuda de um criado, a quem ele empurrou com irritação. O rosto dele ficou roxo conforme ele lutava para respirar, mas ele não tirou os olhos de Blackstone, que, sem ser visto por Harcourt, sorriu.

O feitiço pode virar contra o feiticeiro.

Fossat avançou, mas foi uma tentativa tola, resultado de raiva incontida, e Blackstone precisou apenas dar um passo para trás para que o atacante se esparramasse sobre a mesa. A perturbação súbita fez todos virarem para eles.

– Tenha modos, William! – Louis de Vitry falou, de modo jovial. – Mais um pouco de vinho e vai perder a missa da meia-noite! Ou é essa mesmo a sua intenção?

Alguns dos barões mais novos riram, assim como as esposas, mas Mainemares fez uma careta, contrariado.

– Não devemos rir à custa de nosso Senhor Jesus Cristo – disse ele a Vitry, que, não sabendo como responder à reprimenda em público, abriu um sorriso e inclinou a cabeça para reconhecer a autoridade do mais velho e seu comprometimento religioso.

Enquanto Fossat se recuperava, Jean de Harcourt fez um pequeno gesto para Blackstone, indicando que ele estava dispensado.

– Vá, Thomas, e não volte. Palavras podem ser mais cruéis que ações. Isso é algo de que deveria se lembrar.

Blackstone fez uma referência e deixou o salão. A música não parara; poucos ouviram o que Fossat disse a seu amigo e anfitrião.

– Não serei insultado, Jean. Ele deve responder a mim.

– Não, William, não aceitarei que lute contra ele – Harcourt respondeu, inclinando-se mais para perto para certificar-se de que seria ouvido.

– Só um corte e ficarei satisfeito – Fossat insistiu. – Só um corte.

Harcourt fez que não e pegou o amigo pelo braço.

– William, você não pode com ele.

A expressão chocada de Fossat demonstrou que o aviso de Harcourt apenas agravara o insulto. O anfitrião balançou a cabeça confirmando, quase chateado, aquilo que o amigo não queria admitir.

– Nenhum homem neste salão pode.

Blackstone deitou outro pedaço de madeira na lareira no quarto onde estava

Harness, sentado sobre a cama. O ar tinha ficado morno devido à ação do fogo ao longo do dia, mas um homem ferido era sempre vulnerável ao frescor da noite.

– Agora vai comer a comida que eu trouxe? – Blackstone perguntou, tendo sido requisitado a alimentar o fogo.

– Pode ser que eu coma um bocado dela, Thomas.

– Ah, você deve ser do tipo que arranca uma coxa de ovelha e chama de bocado – disse Blackstone, e deitou a bandeja com o prato de comida no colo do homem. Ele levou o copo de vinho quente aos lábios do ferido e o deixou beber lentamente, tomando cuidado para que não engasgasse ou tivesse um acesso de tosse.

– Isso aqui vai para as partes de baixo. Mais um dia neste luxo e vou querer uma puta. Meu Deus, Thomas, você arranjou um ninho. Como um maldito de um cuco, eles o alimentam sem nem pensar duas vezes.

Blackstone notou que Harness tinha mais cor nas faces, embora os olhos ainda estivessem fundos e os ossos das maçãs esticassem a pele do rosto.

– Sim, tenho sido bem protegido. Minha vida foi perdida, mas cá estou eu.

Harness assentiu, mastigando a carne com a boca aberta. Havia poucos dentes nos fundos da mandíbula, e os da frente eram um negrume só. Ele mordiscou os pedaços como um coelho, babando saliva, a língua trabalhando a carne em pedaços possíveis de engolir. Blackstone ficou surpreso com sua própria reação. As maneiras que aprendera e a delicadeza com as quais aqueles que se sentavam à mesa no salão principal comiam haviam se tornado mais parte dele do que ele imaginava. Harness virou o vinho, soltando um arroto feliz seguido de um suspiro.

– Você será muito esperto se beber das tetas dessa puta, Thomas. Ah, sim, muito esperto. Colocará um pouco de gordura nesses seus ossos e passar pelo inverno, depois estará pronto para voltar para casa.

Blackstone não respondeu. Seu aniversário chegara e passara semanas antes sem menção, e a lembrança de sua terra natal e da vida antes da guerra ainda brilhavam.

– Sim – ele disse, finalmente –, eu gostaria de ir para casa. Gostaria de voltar a ser pedreiro. Faz sentido para mim. Tem valor pelo qual pode viver um homem.

Harness balançou a cabeça.

– Não atualmente. Precisa ter a bênção de um senhor e o dinheiro dele. A construção anda pagando muito pouco. Os homens não conseguem alimentar a si e às famílias. Não, não, rapaz, você trate de guerrear para o seu sustento. É assim que se fazem fortunas, posso dizer. Já vi cavaleiros pegarem o resgate de seus

inimigos capturados e depois comprar castelos. Homens que não passavam de escudeiros. Pobretões. Nem tinham um cavalo decente nem espada que cortasse um naco de pão. Mas… – ele comeu e bebeu de novo, engolindo ar para que as palavras pudessem passar por entre a carne triturada em sua língua – com uns poucos golpes de sorte, e um rico maldito pronto para se colocar em custódia até que seu resgate seja pago, e de repente estão bebendo em taças de prata, casando-se com mulheres feias por dote e fodendo empregadas por prazer.

O esforço de falar e comer fez o homem parar um pouco, respirando com dificuldade. O cuspe no canto da boca saiu tingido de sangue. Blackstone ouvira dizer que um homem em seu leito de morte poderia subitamente se recobrar e comer como um faminto, e depois morrer em questão de um ou dois dias. Era como se o corpo precisasse nutrir-se para a jornada final. Harness recostou-se nos travesseiros e pôs a mão no braço de Blackstone.

– Bom. Muito bom. Você deixou William Harness orgulhoso, Mestre Thomas. Salvou a vida dele e o socorreu, e ele é muito grato, é sim. – O homem fez que sim com a cabeça, concordando consigo mesmo. – E olhe só para nós, hein? Dois pernas de pau deitando em camas de pluma com lençóis de linho e travesseiros. Primeira vez que vejo isso na vida.

– Eu também – disse Blackstone, afastando a bandeja. – Ainda durmo no chão quando estou sozinho.

Harness estava mais quieto, saciado pela comida e pelo calor.

– Sozinho? Então tem uma mulher na sua cama quando não está.

Blackstone sorriu como sorria o outro.

– Tenho.

– Mesmo com essa cara de botar medo em cavalo na batalha?

– Mesmo com ela.

– Ou você paga muito caro ou tem o coração dela.

Blackstone levou o lençol até o peito do homem.

– Nunca paguei, William. Pelo menos, até agora.

Harness fechou os olhos, pronto para dormir.

– Todos pagaremos, rapaz. Todos pagaremos. Seja com dor, seja com dinheiro. A isca de Satanás nos arruinará de um jeito ou de outro. Você verá.

Naquela noite, Blackstone esperou por Christiana, mas ela não veio até o quarto dele. Ocorreu-lhe que devia ter ido longe demais quando estavam na capela, visto que os sentimentos de culpa dela ele não partilhava. Podia ter sido isso ou a afronta deliberada no banquete que dera poder à moça sobre ele, visto que ele

não conseguia negar os sentimentos que se sublevavam dentro dele. Ser expansivo e, às vezes, incauto poderia custar-lhe mais do que retaliação por parte do barão normando, que poderia também lhe arrancar a mulher pela qual ele tinha afeto. Parecia tratar-se de outra lição que o tiraria ainda mais da vida descomplicada que costumava levar. Ficou claro que se ele quisesse ser bem-sucedido em seus planos e poder lutar mais uma vez por seu suserano, então seus sentimentos deviam ser controlados e contidos, deixando-o no comando. Senão, ele cederia aos caprichos da moça. A ideia de ser subjugado não podia nem lhe passar pela cabeça; era quase certo, em sua mente, que a estrada que teria pela frente, provavelmente, seria solitária. Ele lutaria por Christiana, porque foi isso que fizera desde o início, mas ninguém lhe dobraria a vontade. Não podia desafiar a superioridade das famílias nobres, e teria sempre de se curvar perante elas. Blackstone estendeu a mão para a espada, deitada na soleira, e passou a palma pelo metal frio, prometendo a si mesmo que jamais deixaria que o humilhassem, fosse por palavra, fosse por atitude, fosse seu próprio coração.

Com certeza, pensou ele, ela não poderia tê-lo abandonado tão deliberadamente por outro homem, e não por um que dançava como uma mulher? Blackstone lembrou-se de como se sentiu quando era um moleque no corpo de um homem e uma das meninas da vila o provocou. A inexperiência durante a relação sexual causou-lhe embaraço, mas não sentiu ciúme quando ela foi se deitar com outros garotos. O momento com a menina era passado, e se lembrava de não ter sentido raiva, apenas o desejo de não deixar que a humilhação ocorresse de novo. Em pouco tempo ele aprendeu a deitar-se com uma mulher. Talvez ele e Richard, sendo os meninos mais fortes do condado, destacassem-se dos outros camponeses. Ambos eram melhores arqueiros e aceitavam a vida como ela se oferecia. Uma liberdade despreocupada, punida somente pelo trabalho pesado e por quem tinha autoridade. Ser um homem livre bastava para colocá-los num caminho diferente do da maioria. E a guerra o arrancara daquela pequena comunidade e metera-o no mundo maior. Então, outro tipo de força começara a arrastá-lo. A rejeição de Christiana era nada se comparado ao que ele já havia enfrentado, mas a ideia de vê-la junto de outro homem era como uma facada sob o esterno. E algo que ele jamais experimentara.

Alguns passos distante da porta dele, Marcel jazia embolado ao lado de outra porta. Blackstone cutucou-o com a ponta da bota, e o criado acordou rapidamente e ficou em pé. Ambos cobertos pela escuridão, iluminados de modo fraco pelo luar vazado pelas nuvens que passavam.

– Leve-me a Dona Christiana – disse Blackstone.

O homem escancarou os olhos, mas assentiu. O vento gemia pelos arcos

abertos do corredor de onde Marcel tirou uma tocha encharcada de óleo.

– Não precisa disso. Alertará a sentinela da muralha. Você conhece este lugar de fora a fora; poderia me levar lá de olhos fechados.

– Como quiser, Sir Thomas – o homem sussurrou, obediente.

Blackstone seguiu-o pelo corredor e por uma escadaria estreita. O lugar ficou um breu completo, e o inglês teve que estender uma mão e segurar no cinto do criado, enquanto a outra tateava as paredes ásperas. Como um cego sendo guiado, ele tropeçou um par de vezes, bateu o pé num criado que dormia, e logo outro corredor estreito abriu-se perante eles, quando, mais uma vez, ele pôde ver reflexos esparsos do céu noturno. Havia apenas uma porta. Marcel parou.

– Sir Thomas – disse ele, quase sussurrando –, os aposentos de meu senhor e da minha senhora ficam no andar de baixo. – Ele parou e respirou fundo. – O som viaja – disse, ousando avisar isso ao inglês, que parecia deveras decidido a desconsiderar a hipótese de ser descoberto, o que significava que o criado enfrentaria a mais severa das punições.

– Espere aqui – Blackstone disse-lhe baixinho, e sentiu o homem ficar duro perante a ordem inesperada.

Teria ela ousado levar Jacques Brienne para sua cama? E se tivesse, o que ele faria? Blackstone desafiou-se a entrar no quarto. O importante era saber. Levou a mão à maçaneta de madeira; estava gasta pelos anos de uso, mas ele a girou com cautela, fazendo o raspar da madeira soar quase como um sussurro. As cinzas apagadas na lareira garantiam luz suficiente para ele ver a cama. Blackstone entrou no quarto. A cama estava vazia; ninguém dormira nela. *Ela se foi*, pensou ele, surpreso com o tom de amargura desse pensamento. Vinho fino e música e a atenção cortês de um nobre deviam ser muito pouco diferentes de uma taverna barulhenta com um tocador de rabeca. Homens bebiam, mulheres flertavam e ambos desejavam usufruir dos prazeres da carne.

Blackstone voltou para onde Marcel esperava, encostado na parede.

– Onde fica o quarto do Conde Brienne?

Marcel balançou a cabeça.

– Eu não ousaria, Sir Thomas. Se você fizer isso, tudo estará perdido. Condenar-se-á a quebrar o código de confiança que lhe foi concedido por Lord de Harcourt – ele implorou, suplicante.

O ciúme apoderava-se de Blackstone com mais intensidade do que ele agarrava Marcel pela túnica.

– Ela está lá? Você a segue como um cão. Sabe onde ela está. Ela está com ele?

Assim que murmurou as palavras, arrependeu-se. Expusera seus verdadeiros sentimentos a um criado que poderia traí-lo mediante recompensa. Blackstone

soltou o homem e recobrou a respiração.

O vento trazia o som vago do sino de um monastério distante chamando os monges para rezar, tirando-os de suas camas poucas horas antes do amanhecer. Três horas antes, Blackstone estivera sentado junto de William Harness, quando ouviram o sino da missa da meia-noite soar.

– Missa do Anjo, Thomas, devíamos rezar – dissera o ferido, depois tentou sair da cama para ficar de joelhos. Lágrimas juntaram-se nos olhos dele. – Aquele pobre menino continua pendurado, apodrecendo, sem um enterro cristão. Que terrível, Thomas. Devemos rezar pela alma dele.

Blackstone erguera o homem e o tirara da cama, e Harness deixou os joelhos nus pousarem sobre o piso de pedra. Inclinou-se sobre a cama em busca de apoio, juntou as mãos e deu graças, férvido, que a luz da salvação seria concedida ali, à hora mais negra da noite mais negra do ano. Blackstone lembrou-se de quando, ainda menino, fora açoitado pelo padre da vila por manter os olhos abertos, procurando, na escuridão da igreja, pela luz e pelos anjos. Nenhum apareceu.

É pagão, Thomas. O solstício de inverno era celebrado antes daquele padre devasso ter dito a primeira oração. As palavras do pai ecoaram de volta ao rapaz, enquanto ajudava o ferido. O sino do amanhecer, para a Missa do Pastor, logo soaria, e mais horas de oração consumiriam os fiéis. Teria ela dormido com Brienne entre os chamados para orar? Ela era virgem quando ele a tomou naquela noite; teria ele libertado uma paixão incontrolável dentro dela? As dúvidas persistentes confundiam-lhe os pensamentos.

– Mestre Thomas – disse Marcel –, o que devo fazer?

Os sussurros do homem trouxeram a mente de Blackstone de volta ao corredor escuro. Ele suspirou. Havia um limite que homem algum devia ultrapassar, principalmente quando havia uma mulher envolvida.

– Guie-me de volta ao meu quarto, Marcel. É dia de Natal; deve haver caridade no coração dos homens.

Quando chegou ao corredor que levava ao seu quarto, o vento bateu e o fez desviar o rosto do frio ardente. Ao fazer isso, ele viu a fina linha de uma luz vacilante cruzando o pátio. O inglês dispensou Marcel, cuja obrigação o chamava para atender aos moradores, que estavam para se levantar. Blackstone desceu pelos corredores, guiado pela luz intermitente do céu. Quando alcançou o pátio, sua audição ajustou-se ao local aberto. A luz que vira desaparecera, mas reapareceu assim que uma porta pesada moveu-se. Era a capela. Uma figura saiu pela porta, revelou sua silhueta brevemente, depois mergulhou na escuridão, apenas para ressurgir um instante depois trazendo uma tocha acesa. A sombra volumosa do devoto Jean Malet, Lord de Graville, veio na direção do inglês pela

mesma trilha onde ele esperava.

– É você, Blackstone? – perguntou o homem mais velho, erguendo a chama para projetar sua luz.

– Sou eu, senhor.

– Achava que vocês, arqueiros bárbaros, execravam igrejas, não rezavam nelas – disse ele, com o vento tirando fagulhas da tocha.

– Não sou mais um arqueiro, milorde. Além disso, eu vi a luz.

– Está brincando, ou a benevolência de Jesus alcançou até mesmo a sua alma negra?

– Quis dizer que vi luz na capela – disse Blackstone, notando a zombaria na sobrancelha erguida de Graville.

– Sim, bem, pensei que seria demais esperar que você fizesse orações antes da missa matinal. Vou ali mijar e depois voltar a ajoelhar. Deixe a capela em paz, Mestre Thomas, se não tiver intenção de implorar por perdão ao Todo-poderoso. A protegida de Harcourt esteve lá dentro por mais tempo que eu, e não deveria ser perturbada ou assustada por jovens rapazes zanzando como gatos na noite.

Graville passou por ele, deixando-o na escuridão do pátio varrido pelo vento.

Blackstone fechou a porta da igreja sem fazer ruído. As poucas velas que bruxuleavam dentro da capela não geravam calor algum. Estava frio ali como numa tumba. Da dúzia ou pouco mais de bancos, somente um estava ocupado por uma figura encolhida no canto. Estava envolvida pela capa pesada, capuz cobrindo a cabeça, ombros encolhidos, a oração murmurada mal mostrava o hálito invadindo o ar gelado. Blackstone aproximou-se, andando o mais silenciosamente possível, depois se sentou na outra ponta do banco. Esperou, calado, fitando o crucifixo e a sombra que ele fazia. A humanidade estava condenada, disso ele sabia, todo monge e padre confirmavam que os deste mundo eram concebidos e nasciam com pecado. A vida era uma jornada perigosa cujo único objetivo era buscar a salvação. Era por isso que os ricos abandonavam sua riqueza e finas roupas e vestiam aniagem ou o hábito de um monge ou freira mendicante quando morriam. Humildes perante o Senhor. Blackstone bufou, e seu ruído inconsciente de ceticismo fez Christiana olhar para ele. Ela parecia saída de um estado de sonho; os olhos piscaram para Blackstone, e estavam vermelhos de tanto chorar.

– Thomas, você veio à missa – disse ela, com tom de descrença.

O que fazer, mentir? Ele temia a mão invisível de Deus tanto quanto qualquer homem, mas seria repreendido sob a sombra da cruz se mentisse? Até que ponto Blackstone o desafiaria?

– Sim. Não sabia que você estaria aqui. – Apenas meia mentira, então.

Christiana sorriu com evidente alívio e estendeu a mão ao rapaz. Blackstone

chegou perto dela, odiando o cheiro úmido da capela e as imagens ameaçadoras nas pinturas das paredes, desejando poder levá-la para a floresta e esperar que os meses de inverno fossem embora – apenas eles e mais ninguém.

– Você não veio à meia-noite – ela disse.

– Não, eu estava com o inglês. Ele precisava de ajuda para sair da cama e rezar. Então fiquei com ele – o rapaz respondeu, sem mencionar o ciúme. E nenhuma vela vacilou nem raio caiu quando as meias verdades escaparam-lhe pelos lábios. – Por que me ignorou no banquete?

Christiana curvou a cabeça.

– Quis puni-lo. Por ter sido rude comigo.

– Quando fui rude com você?

– Aqui. Blasfemou. Ignorou minhas vontades e meus sentimentos.

Era uma escolha simples, Blackstone concluiu. Ou ele pedia perdão ou ela pedia. Ele a desejava, e talvez isso valesse a redenção. Estava prestes a falar quando Christiana poupou-lhe o orgulho.

– Mas agora vejo que estava errada em fazer isso – ela disse, e segurou as mãos grossas dele. – Perdoe-me, Thomas. Sei que carrega a dor da perda do seu irmão, mas ao vir aqui você demonstrou a vontade de buscar a ajuda de Deus.

Então, Blackstone notou, ela achava que ele tinha se arrependido. O rapaz não teria obtido melhor resultado nem se tivesse rezado por um.

Christiana esperou pela resposta, franzindo o cenho, preocupada de que ele dissesse não.

Blackstone sabia o que sentia por ela. Que a amava estava claro, e as dúvidas que tinha com relação a ela eram infundadas. Tudo estava bem novamente, mas se o local de adoração era o ideal para se fazer promessas, então ele prometia nunca mais deixar que suas emoções descontroladas o dominassem. Blackstone envolveu as mãos dela. Permanecer naquele local pouco convidativo de penitência para a missa impressionaria os nobres e ligaria o casal muito mais do que quaisquer palavras que ele pudesse conjurar.

– Não há nada que perdoar – ele respondeu.

O sino distante soou mais uma vez, chamando o amanhecer do dia de Natal para trazer luz para o mundo.

Capítulo vinte

Aqueles que oravam retiraram-se para o calor do fogo e para comer antes que Harcourt reunisse seus convidados para a celebração do dia sagrado, embora, pensou Blackstone, fosse um pouco difícil se sentir confortado pela liturgia sonífera do padre convidado para conduzir a missa. O inglês ignorava a chuva, esperando Christiana sair da capela junto de Blanche de Harcourt, que insistia em pagar o padre com moedas de sua própria bolsa. Com uma paciência tranquila, ele acreditava que seu plano tinha funcionado, porque os nobres e suas esposas haviam reconhecido, embora com rancor, sua presença. Foi somente quando Guy de Ruymont acompanhou a esposa da capela para a chuva que lhe pareceu que seu subterfúgio não passara despercebido.

O nobre disse:

– Um banco duro e um piso frio focam a mente de um homem como uma corda de enforcar, Mestre Thomas. Sei qual eu prefiro, mas um homem de posição deveria ser capaz de pagar a um monge mendicante por sua penitência. – Ele sorriu para Blackstone antes que a esposa olhasse para trás para ver o que o atrasava sob a chuva fria. A censura óbvia da moça tornou a expressão do homem numa carranca. – Sorrir para o inimigo é um pecado em nossa casa, mas chegará o dia, espero, em que você não será considerado como tal. Feliz Natal para você, jovem inglês. – Ele deu um passo junto à esposa, depois se virou mais uma vez. – Rezar junto do inimigo foi uma jogada esperta – disse ele, rapidamente, depois alcançou a esposa e a acompanhou para dentro.

Foi assim tão óbvio? Guy de Ruymont era sagaz e parecia menos maléfico que boa parte dos outros, e Blackstone arriscaria, contente, que ninguém mais considerara sua participação, sentado humildemente no fundo da capela, fosse outra coisa além do que parecera. Talvez, contudo, o gesto de Guy de Ruymont fosse de aceitação e perdão pela carnificina conduzida em Crécy. Não era incomum que cavaleiros de exércitos opostos se unissem para lutar por uma

causa comum. Que causa? E quando? Momentos depois, Christiana saiu pela porta, o braço ligado ao da condessa. Com passos curtos e rápidos, como duas meninas de vilarejo correndo para sair da chuva, passaram por Blackstone. Blanche mal olhou na direção dele, e Christiana manteve os olhos baixos, modesta. Dessa vez ele permitiu que a rejeição lhe fosse aplicada. Do mesmo modo que ele tinha de jogar o jogo, ela também precisava. Blackstone abandonou o pátio gelado. Se os franceses seguissem as tradições inglesas, Harcourt teria juntado presentes, tecidos e uniformes novos, para os criados à guisa de marcar o Dia de São Estevão, uma vez concluídos o banquete e as orações do dia.

Ele decidiu que permitiria que os normandos quebrassem o jejum da noite anterior e esperaria até que fosse chamado. Uma cutucada de consciência, afiada como uma farpa da cruz de Cristo, insistia que ele se desculpasse com Harcourt pelo comentário que fizera a William de Fossat. Fora uma provocação calculada, e mal-intencionada. A decisão foi rápida: não se desculparia. O francês beligerante que engasgasse com o próprio ódio. O plano de Blackstone era partir para Calais assim que William Harness pudesse viajar. Criara afeição pelo homem e sentia-se obrigado a retornar o mensageiro do rei em segurança. Tudo estava claro. Rei Edward tomaria a coroa francesa, e Blackstone levaria Christiana para casa, para a Inglaterra. A chuva diminuiu, e por alguns momentos o sol mostrou-se por entre a umidade. Feixes de luz atravessaram as nuvens cinza. Eram os anjos de Deus mostrando o caminho.

Christiana ajudou Blanche a tirar o vestido úmido e a capa de lã, usada na missa, dos ombros. Um modelo mais colorido e elegante foi escolhido. Ao pôr o colar de joias no pescoço da guardiã, a moça olhou para a janela e viu Blackstone caminhando ao longo da muralha.

– Sabe que vão usá-lo – disse Blanche de Harcourt, chamando a atenção da outra.

– Quem? – Christiana perguntou, ciente de que devaneava.

– Os que aqui se reúnem com meu senhor e esposo. – Blanche de Harcourt ajustou o colar até ficar como queria. A maior pedra era a esmeralda, que ela colocou entre a garganta e o decote. – Ele é um objeto para eles, e tem uma qualidade de nada temer da qual eles pretendem usufruir.

Os dedos de Christiana hesitaram ao encaixar o fecho do colar. Quanto de seu carinho e interesse por Thomas Blackstone deveria ela permitir que a condessa visse?

– Ninguém pode fazer Blackstone fazer nada que ele não escolha por si mesmo – ela disse.

Blanche estava sentada numa cadeira, ao lado da janela, olhando para baixo, vendo Blackstone preferindo enfrentar o tempo a confortar-se em seu quarto. Ela trouxe a costura para perto. Teria uma hora de privacidade antes que as festividades do dia começassem.

– Ele é uma arma nas mãos deles – disse, passando a agulha pelo tecido.

– E poderia derrotar qualquer um – a outra disse, em defesa, sentindo um jorro de emoção aquecer-lhe o pescoço.

Blanche de Harcourt notou que a protegida manteve os olhos baixos quando deitou o vestido úmido sobre um anteparo no intuito de impedir as rugas, mas que tinha as mãos trêmulas. Aqueles dois jovens haviam sido unidos e ela participara disso. Se Christiana estava apaixonada por Thomas Blackstone, então a filha de um pobre cavaleiro estaria entregando-se a um homem que, ela sentia, um dia alcançaria notoriedade. Se vivesse para tanto.

– Sim, Thomas é um bom espadachim – disse Blanche. – Já o vi praticando, mas nós mulheres temos que nos perguntar se queremos que os homens que amamos e honramos sejam mais do que meros instrumentos usados para matar.

Christiana estava ficando agitada. O que era incomum, Blanche pensou. Sabia que, quando os homens de Sir Godfrey capturaram os salteadores meses antes, Christiana negara-lhes clemência. Tinha o que era preciso para ser uma mulher forte, disso não havia dúvida. Cuidar de Blackstone e afofar as arestas ásperas do rapaz com música e poesia ajudara a suavizar a rudeza dele, porém a moça andava, ela mesma, quase incapaz de conter seu temperamento.

– Ele é mais do que isso – disse Christiana, erguendo a cabeça para fitar Blanche diretamente. – Ele é… consciente. Da beleza e da natureza. O pai ensinou-lhe muitas coisas e ele cuidava e amava o irmão, que era surdo-mudo. Ele é mais do que você pensa, mileide.

Melhor assim, pensou Blanche. Vivaz, porém controlada, uma resposta ousada.

– E você presume conhecer meus pensamentos, mocinha? – ela disse com frieza, querendo deliberadamente ver que tipo de resposta poderia incitar.

– Não, mas você não o conhece como eu – Christiana respondeu, com cautela, sabendo que poderia facilmente entregar os verdadeiros sentimentos pelo inglês. – Vi a coragem dele; ele me resgatou quando o inimigo quase me capturou. Desobedeceu ordens para voltar por mim. Arriscou ser açoitado.

– Então talvez seja um oportunista, Christiana. Atos tolos de bravura não significam nada. Deve haver mais num homem para motivá-lo do que simples desejo.

– Não, você o enxerga de maneira errada – Christiana retrucou, tentando de modo desesperado afastar a neblina de raiva de sua mente. – Eu estava lá quando o príncipe inglês disse a todos que Thomas honrara sua palavra quando voltou pelo rio para me resgatar.

– Como eu disse, um mero instrumento – disse Blanche, indiferente, mantendo os olhos de propósito na costura. – Rude e grosseiro.

– Ele tem honra, e ternura! Tem uma bondade que você não viu, uma gentileza incomum num homem. Fala manso e lindamente quando nós… – Ela mordeu o lábio. A boca ficara seca, mas o suor umedecia-lhe a testa. Precisava respirar devagar, sufocar a paixão que ameaçava tudo.

Blanche olhou com bondade para a protegida.

– Quando vocês… conversam?

Christiana fez que sim, obviamente perdida na culpa.

Blanche de Harcourt não fez mais comentários. Seus dedos seguravam o tecido esticado. Ela perfurou o pano com a agulha e puxou o fio ao terminar uma seção do bordado: um dragão com um coração vermelho-sangue preso nas garras representando a ameaça a todas as mulheres.

O dia foi bom, com diversão e dança e comilança suficientes para Blackstone ficar enjoado por um mês. O inglês mantinha sua presença o mais escondida possível, jamais cedendo à dança nem sendo atraído para conversas por nenhum dos barões, cujo objetivo seria, certamente, contrariá-lo e provocá-lo para que se confrontassem. Houve momentos em que Christiana se encontrou perto dele enquanto esperava que uma das esposas ou seus maridos a arrastassem de volta às celebrações. Os dois mal conversaram, embora houvesse certa ansiedade entre eles, mas Blackstone sabia que, devido às festividades, ele não a teria em sua cama durante os dias seguintes. Jean de Harcourt e seus convidados jogavam; os barões mais velhos, Graville e Mainemares, acocoravam-se sobre um tabuleiro de xadrez; toda a situação conferia ao arqueiro muita oportunidade de escapar e retornar para William Harness, onde podiam sentar-se perante o fogo e falar da Inglaterra. O ferido ainda estava fraco; às vezes, tinha dificuldade de respirar e geralmente pegava no sono, muitas vezes em meio a uma frase. Blackstone mantinha o fogo aceso, contente de ser o guardião do homem adormecido. Numa das vezes em que Harness acordou, Blackstone tinha entre os dedos o tecido bordado que Christiana lhe dera. Harness estendeu a mão.

– Um presente, é? – disse ele, quase sussurrando. – Deixe-me ver.

Blackstone deitou o pano na mão de Harness, que o virou dos dois lados.

– Muito inteligente, isso aqui. De qualquer lado que se olha, vemos o pássaro. Sua senhora lhe deu isso, foi?

Blackstone fez que sim e deixou que a insistência do homem em ouvir a história enfim o fizesse relatar os eventos de como conhecera Christiana e depois a levara pelo rio em Blanchetaque.

Harness sentou-se como uma criança para a qual se lê um conto de fadas. Quando Blackstone terminou, ele disse:

– Eu estava com o rei nessa época. Vocês, arqueiros, o deixavam deveras orgulhoso, vocês e os homens de armas que vinham logo atrás. Fizeram um ótimo trabalho, mas não vi você nadar pelo rio com a moça. Queria ter visto. Seria algo para contar aos filhos. Não fazia ideia de quem você era, jovem Mestre Blackstone.

– Não havia motivo para tanto.

O ferido bufou, indignado.

– Ah! O quê? Eu, mensageiro do rei? O que leva as notícias? Ouvimos falar do jovem arqueiro. Ouvimos tudo. Sabíamos o que aconteceu. Soldados gostam de lançar a linha e pegar uns peixes. Seu *status*, e isso foi palavra que ouvi do próprio Cobham dizendo sobre nosso suserano, o *status* do jovem arqueiro cresceu como pé de feijão. Você deve ter matado cem homens até agora se continuam falando sobre isso, e devem estar. E por que não? Sir Thomas Blackstone, hein? Mas eu o conheço agora e, quando voltar, vou contar a todos sobre você, dizer que está vivo.

Falaram sobre a guerra e sobre como o mensageiro do rei vira tão pouco dela, ficando preso no escalão da retaguarda, esperando pela ordem de cavalgar assim como os outros vinte homens ou mais pagos pelo rei para levar sua palavra. Harness era muito simples para conhecer os grandes condes guerreiros, e as batalhas travadas eram, para ele, um mistério. O som do guerrear e matar era a única coisa de que se lembrava, o colidir da luta e os gritos que vinham numa onda de raiva e medo que varreu os morros. As conversas eram atropeladas, visto que não demorava a Harness ficar cansado, momento em que pegava no sono, e sempre permeadas por uma exclamação triste referente ao que os aldeões fizeram ao jovem rapaz que cavalgara junto dele até a vila.

O Dia de São Estevão seguiu o dia de Natal, e os criados receberam seus favores e presentes. Aldeões trouxeram humildes oferendas ao senhor, e este, por sua vez, junto com os demais nobres, deram esmolas aos pobres, aos cegos e aos aleijados. Harcourt caminhava entre eles junto de Blanche, observado por Blackstone, a distância. Alguns dos nobres entregavam as moedas a seus escudeiros para que as dessem às mãos estendidas, sem querer ter contato físico com os aldeões. Foi também dia de lembrar, e Blackstone refletiu muito. O pai

sempre o fizera rezar antes de saírem para receber os presentes de Lord Marldon. São Estevão, o mártir, era o santo patrono dos pedreiros, e todo artesão deveria honrar seu santo, insistia o pai. Blackstone não sabia nada além disso, mas sempre honrava a hora com uma oração para o pai. E, agora, também para o irmão. Nenhuma visão de São Estevão jamais lhe apareceu para abençoá-lo ou agradecer-lhe pelas orações, então Blackstone mantinha a oração breve e a lembrança de pai e irmão viva.

Harcourt e os outros procuraram não caçar nem cavalgar durante a Semana Santa, visto que um dia de santo vinha seguido de outro, e a carne era trocada por peixe, e o peixe por frango, e parecia que tudo o que voava livremente no céu acabava num prato. Galinhola, pombo ou pato, cisne ou ganso assados em forno a lenha ou na brasa, eram cobertos com mel e açafrão, uma iguaria para os nobres. E Blackstone tirava um pouquinho de cada refeição, rejeitando a rica variedade de molhos menos agradáveis do que a comida tradicional, e levava para William Harness. Depois pedia algo menos exótico da cozinha para si. Parecia que, ao fim da semana, o exagero de comida e oração cansava até os mais robustos dos convidados de Harcourt, embora ninguém contestasse nada. Thomas torcia para que a brincalhona sorte estivesse girando a roda da boa fortuna na direção dele.

Caminhando pela muralha, trocando uma ou outra palavra com os soldados em serviço – questões sem importância: o clima, a possibilidade de tempestades que chegavam, o silêncio e o vazio do panorama ali, onde trabalhavam –, quando um movimento chamou sua atenção. Não era incomum que uma neblina baixa se prendesse à barriga da terra, recusando-se, teimosa, a dissipar-se até mais tarde no dia. Uma névoa fantasmagórica de vapor esbranquiçado jazia distante no horizonte, na borda da mata, onde o solo prateado permanecia intocado por aldeões e cavaleiros. Depois, sombras passaram por ali. Uma bandeira surgiu, ainda muito distante para ser vista. Blackstone fitou rapidamente as sentinelas posicionadas na muralha entre ele e a torre mais próxima; outra sentinela estava na ponte, além do fosso, checando aldeões que precisavam entrar no castelo.

– Cavaleiros! – ele gritou, e viu as sentinelas sondarem o horizonte.

Meulon correu do quarto da torre, colocando o elmo.

– Preparem-se! – ele gritou, depois se inclinou sobre o parapeito. – Abaixo! – ele gritou para o homem na ponte. – Entre!

A sentinela da ponte empurrou os aldeões da entrada e correu para o portão. Se aquilo era um ataque, estes sofreriam sob a espada antes dele.

– Perdi – disse uma das sentinelas, varrendo o horizonte.

Blackstone apertou os olhos para enxergar na pouca luminosidade, mas sua visão era aguda, e ele viu o farfalhar breve da bandeira se destacando do solo ondulante.

– É a bandeira de seu senhor! Nordeste! – ele gritou, apontando para onde a coluna de cavalos logo apareceria ao longe. Era a bandeira aráutica de Harcourt, com barras vermelhas e douradas, seguida por uma dúzia de cavaleiros que fizeram a curva e seguiram direto para o castelo. Antes que os rostos dos homens pudessem ser vistos, Blackstone soube que era a figura robusta de Sir Godfrey quem os liderava. Tinham vencido a guerra?

Blackstone desceu os degraus até o pátio, satisfeito pela sensação do ferimento na perna não passar de um aperto nos músculos. Quando alcançou o portão, viu Jean de Harcourt descendo os degraus do castelo seguido pelos demais nobres.

O vento trazia o som abafado dos cascos quando Harcourt espiou pela aldrava do portão. Os soldados estavam prontos para abrir o portão principal assim que lhes fosse ordenado. Blackstone deteve-se, observando a preocupação no rosto de Harcourt. Obviamente, o tio não era esperado.

– É Sir Godfrey, milorde. Eu o reconheceria até a quinhentos passos – disse Blackstone.

– Você tem olho de arqueiro, Thomas, mas homens desonrados podem esconder-se sob elmo e sobretudo e trazer inimigos para dentro de sua casa.

– É ele. Eu juro – Blackstone retrucou, confiante.

Harcourt espiou a distante margem da mata e esperou até que os homens chegassem a menos de duzentos metros dali.

– Abram os portões! – ele ordenou, e momentos depois, quando as grandes portas se abriram, os cavalos já avançavam pela ponte de madeira. Nobres e criados afastaram-se quando o marechal do exército inglês entrou no pátio de armas. Os cavalos soltavam vapor, arfando as ancas. Haviam cavalgado muito.

Sir Godfrey desmontou com a facilidade de um homem de metade de sua idade. Correu para abraçar o sobrinho, vendo os homens reunidos. Blackstone viu uma mistura de emoções entre os nobres. Sir Godfrey era seu inimigo, mas parente do anfitrião. Todos haviam lutado contra os ingleses, mas ali estava o traidor declarado, entre eles. Antagonismo contra o próprio rei era uma coisa, mas, para alguns dos presentes, receber um homem que ajudara a levar suas terras à ruína era outra.

– Deixem que se acalmem, depois deem-lhes comida e água – Sir Godfrey ordenou aos ajudantes do estábulo, que correram para pegar os freios. – Empacotem comida e bebida para meus homens! Partiremos em uma hora!

Depois se virou, pegou Jean de Harcourt pelo cotovelo e mancou até o salão principal, seguido por meia dúzia de homens sujos de lama que se espalharam atrás dele, como se o protegessem. Não olhara na direção de Blackstone, o que o fez sentir uma pontada inexplicável de rejeição.

– Está a salvo aqui – ele ouviu Jean de Harcourt dizer ao tio, fitando, nervoso, os homens que vinham atrás deles, cada um com a mão descansando na empunhadura da espada.

– Lugar algum é seguro para mim, Jean. Não mais – disse Sir Godfrey sem conter o passo.

– Sir Godfrey! – Fossat chamou-o. – Veio conceder-nos os termos ingleses de redenção?

Os nobres eriçaram-se quando o velho guerreiro virou-se para encará-los.

– Estou aqui para ver meu sobrinho. Se soubesse que estavam aqui, Fossat, teria trazido mais homens para me proteger.

– Maldito seja, Godfrey, estamos aqui a convite e você sabe por quê! – Fossat cuspiu de volta, sem receio do *status* do outro.

– Então espere até que seja consultado – Sir Godfrey retrucou.

– Vocês venceram? – perguntou Henri Livay. – Edward tomou a coroa de Philip?

– Enquanto vocês caçam e fofocam, a guerra encontra-se em pausa. O grande rei Philip está em Paris, atrás de portas trancadas – disse Sir Godfrey, enfatizando o *grande* com pesado sarcasmo. – Edward está com sua rainha, cercando Calais, impedindo que entre comida. Convocarei vocês quando estiver pronto!

E com essa dispensa, ele chamou o sobrinho para subirem os degraus da ala interior que levavam ao salão principal.

William de Fossat fez menção de avançar e confrontar Sir Godfrey, mas Mainemares segurou-o pelo braço.

– É complicado. Deixe estar. Ele vai nos falar a seu tempo. Estamos juntos nisso. Goste ou não, temos que esperar por ele – disse.

Repelidos por Sir Godfrey, os nobres humilhados sacudiram-se como faisões, engasgados com sua raiva; somente Mainemares e Graville pareciam despreocupados ao afastarem-se juntos, como dois homens que entendiam a necessidade de se ter paciência.

As palavras de Mainemares para Fossat foram ouvidas por Blackstone, mas ele ignorou os nobres eriçados e seguiu caminho com discrição na sola de Sir Godfrey e o sobrinho deste. O que estaria o velho guerreiro fazendo ali, afinal? Tinha de ser coisa importante, e ele prestava pouco, senão nenhum, respeito aos outros nobres. Podiam ser inimigos, mas havia, obviamente, algo conectando

todos aqueles homens.

Os homens de Sir Godfrey pareciam eficientes e alertas, apesar do que devia ter sido uma longa jornada. Blackstone quis desesperadamente alcançar a pequena galeria que dava para o salão por um dos quartos privados de Harcourt antes que as portas abaixo fossem fechadas. Ele virou numa passagem onde uma portinha de carvalho dava acesso aos degraus que levavam a uma plataforma, depois a outros, que se abriam para o solar. Torceu para que Blanche de Harcourt não estivesse ali, junto das outras esposas, ou que criados pessoais não ocupassem a sala privada da família. Blackstone esperou, prendeu a respiração, e escutou por cima do bater de seu peito. O solar estava vazio. Cruzou o andar, depois subiu mais alguns degraus. Encostou-se na parede e com cuidado ergueu a tranca da aldrava, fechando a porta. Uma das tábuas do piso rangeu com seu peso. Blackstone congelou, não ousando se mover, e olhou por sobre a beirada para a galeria. Os homens já haviam entrado. As pesadas portas de castanheiro fizeram vento quando se fecharam.

– Mãe de Deus, Jean, que bagunça. Mas eu tinha que vir e avisar você.

Ouviu-se o tinir de vidro, uma garrafa despejando seu conteúdo e um objeto de metal – provavelmente o elmo de Sir Godfrey – tilintou sobre a mesa.

– Do quê? Meu rei não pode estar duvidando de mim ou dos outros. Despejamos sangue por Philip!

– Sim, isso manterá a suspeita distante por um tempo. Estou sentenciado de morte, Jean – Sir Godfrey disse após tomar a bebida. – Mais. Estou precisando. – O som do líquido despejado alcançou Blackstone mais uma vez. *Quer ouvir um coelho se movendo? Ou um veado dando passos de moça pela floresta? Abra a boca, rapaz. Deixe que o som o alcance. Todo larápio aprende isso*. Blackstone abriu um pouco a boca, aliviando a tensão, lembrando-se da lição do pai. As palavras abaixo soavam diminutas, mas o inglês conseguia ouvir a tensão à surdina muito claramente.

– Edward não perseguirá Philip em Paris.

– Ele desistiu?

– Não, já conquistou o território que queria. Imagine lutar por entre as ruas. Cristo, seria pior do que Caen! Qualquer paneleiro ou puta poderia montar uma armadilha e matá-los.

– Então eles assinaram uma trégua? – Jean perguntou.

– Ainda não, e não há sinal de uma. Então essa guerra de conquista acabou virando nada mais do que uma expedição de merda!

Vidro quebrado.

– Então Edward o abandonou? – Jean disse, incrédulo. – Depois que você lhe deu Contentin, St. Lô, Caen? E quanto a toda a matança que fizera contra nós

em Crécy? Escolhemos mal, mas não pude convencer papai a oferecer seus serviços ao rei. Você terá mais do que amargura com que lidar aqui, tio! Esses homens aguardavam um tratado. Esperavam aliar-se a você! Não há nada que possa dizer a Edward?

– Ele vai acabar tomando Calais; isso lhe dará tudo de que precisa. É a passagem para dentro da França. Não, ele não me abandonou, mas estou perdido na merda que vai me varrer como uma onda. As tropas em Caen partiram e mataram os homens que deixamos para guardar a cidade. Meus homens foram mortos em casa. O que resta de minhas terras foi tomado. Edward não tem dinheiro para conduzir sua guerra, e Philip está falido. Santo Deus! Tenho que implorar por perdão em Paris ou perdemos tudo.

– O rei jamais o perdoará. Nunca. É vingativo. Vai querer a sua cabeça numa lança para que todos vejam.

Houve silêncio, seguido do som de um homem cansado desabando numa cadeira.

– Tem que ser feito. É mais do que a minha vida o que está em jogo agora. Edward vai voltar. A Normandia deve jurar aliança à coroa inglesa. Só assim controlaremos nosso destino.

– Eu segui meu pai e o vi morrer. Essa família continua dividida por causa de Philip e sua fraqueza, mas não vou me entregar aos ingleses, nem os outros. Não agora!

Sir Godfrey suspirou.

– Eu sei disso. Santo Deus, pensei que Edward fosse mandar varrer tudo às minhas costas. Escute, Jean, precisamos manter os outros sob controle. Se me foi concedido um adiamento, é porque demoraremos a coagir o rei. Ele perdeu a guerra, e se Edward não puder terminar o trabalho agora, chegará o momento em que poderá. Um dia, ele nos chamará de novo, e teremos que estar prontos.

Houve um silêncio desconfortável. Então, Jean de Harcourt disse:

– Vou chamar os outros. Diga isso a eles você mesmo.

Blackstone ouviu Harcourt cruzar o salão.

– Jean! Espere. Há um motivo pelo qual quis falar com você primeiro. Blackstone, está vivo?

Blackstone quase não resistiu ao impulso de dar alguns passos e se pronunciar. *Estou aqui, Sir Godfrey,* ele quis gritar. Havia dúvidas atropelando-se em sua mente. Quem vivera, quem morrera em Crécy? *Algum dos meus arqueiros sobrevivera?* Ele sentiu o coração pulsar na garganta à menção de seu nome e do que poderia ser dito sobre ele.

– Thomas? Sim.

– Está forte? Hábil?

– É um guerreiro. Rude, beligerante e insolente, o danado. Mas ele salvou minha vida, e ofereci-lhe minha amizade. E você deveria dizer a seu príncipe e a seu rei que o homem que eles pediram que nossa família protegesse está bem, e seguro. Honramos nossas promessas, Godfrey, até para com nossos inimigos. Que Edward guarde isso e lembre-se de nós por isso. No futuro.

– A presença dele aqui poderia resultar em você sendo preso. Philip está usando mercenários para retirar ingleses e gascões que defendem cidades francesas. Chegarão aqui e vão querer pegar Thomas. O homem que salvou o príncipe em Crécy é um grande prêmio. Não vale nada sequestrado, então vão matá-lo e fazer dele exemplo.

Blackstone disparou em pensamentos. *Seria esse o motivo pelo qual Sir Godfrey trouxera seus homens? Para levá-lo como prisioneiro? Ele seria oferecido como sacrifício ao Rei da França para ajudar Sir Godfrey a salvar a própria vida?* A voz em sua mente lhe disse que se acalmasse, enquanto lutava contra o assomo de raiva que ameaçava dominar o rapaz. Escapar do castelo e voltar para as linhas inglesas era sua única esperança.

Jean de Harcourt disse:

– Não fazem ideia de que ele está aqui. Como saberiam?

– Porque ele matou alguns dos mercenários que controlam Chaulion e mandou mensagem, ameaçando-os, para que ficassem fora de suas terras!

– E qual é o problema? São vagabundos que não merecem clemência.

– Jean, aqueles que controlam Chaulion o fazem sob ordens de Philip.

Os dois homens ficaram calados por um instante.

– Ele os está usando para impedir que os ingleses tomem cidades – disse Sir Godfrey. – Não pode pagá-los, então eles pegam o que querem sem medo de serem impedidos. Oferecem proteção aos que pedem. Isso favorece o rei duplamente. Por que acha que vim aqui? Para avisar você. Blackstone deixou que um deles vivesse, e este viu a insígnia de seus homens.

– Como sabe disso?

– Interceptamos um dos mensageiros deles. Ele cuspiu bile e informação antes de o matarmos, mas o outro escapou. Mandaram uma mensagem a Paris dizendo que você abriga um inglês favorito de Edward. O rei enviará um mandado de prisão e mandará os mercenários cavalgarem por ele. Aquela escória virá para cá, Jean. Fique sabendo. Estão vindo.

– Não o entregarei aos mercenários – disse Harcourt –, nem mesmo com mandado real.

Blackstone sentiu-se inundado por gratidão e alívio.

– Faça o que quiser, mas terá poucos dias para decidir. Já contou a Blackstone o papel que terá de exercer em nossos planos?

Lá estava, pensou Blackstone, a armadilha que o prendera estava sendo arquitetada pelo grande larápio mesmo.

– Ainda não.

– Então, não diga nada. Se ele for levado, pode fazer qualquer um de vocês ir parar na forca. Certo, chame os outros aqui, que vou lhes contar sobre Edward em Calais e tentarei mantê-los na coleira até que a sorte volte a nos favorecer. Mas eu não contaria com a ajuda deles para proteger Blackstone.

O inglês saiu da galeria o mais lentamente possível e desceu as escadas, passando para o corredor logo abaixo. Ouvira o suficiente. Havia uma conspiração entre esses homens e ele precisava descobrir o que fora planejado para ele. Não sabia ainda como descobriria, mas, quando o fizesse, levaria Christiana para Calais e voltaria a servir ao rei Edward.

A chegada de Sir Godfrey causara toda uma agitação, mas também perturbara os criados e os homens que protegiam a muralha. O fato de terem permitido que ele entrasse livremente no castelo mostrava que Jean de Harcourt estava abrindo caminho para que o aliado do rei inglês entrasse no coração de seu inimigo.

Meulon viu Blackstone passar pela colunata. Ele ergueu a mão para atrair a atenção do inglês e, quando este parou, foi correndo até ele.

– Sir Thomas, pode me dizer o que está acontecendo? Os ingleses estão vindo nos atacar?

– Não há ataque algum, Meulon. – Ele hesitou. – É questão de família.

– Há rumores de que Lord de Harcourt foi ameaçado por nosso rei. Alguns dos servos contam que há uma conspiração entre Sir Godfrey e os outros barões.

Blackstone agarrou o homem pelo braço e afastou-o de alguns soldados que mantinham guarda na muralha e os observavam.

– Você é o capitão deles. Sabe tão bem quanto eu que rumores podem dividir os homens. Mantenha-os disciplinados. Seu senhor dependerá de você, assim como no passado.

Meulon assentiu. Não ficou satisfeito, mas aceitou a explicação do inglês.

– E se ouvir alguém fazendo fofoca, bata nele. Proteja seu senhor e a família dele de rumores como esse e mantenha os criados em seu lugar.

Enquanto dava essas ordens, Blackstone ouviu uma voz dentro de sua mente. *Você, um homem comum, mandando um soldado bater num criado.* Não havia sinal de Christiana em lugar algum; ela devia estar com as mulheres, provavelmente com a condessa, então não havia por que procurar por ela. Os barões entraram em fila no salão principal. Quando Sir Godfrey saiu, uma hora

depois, os cavalos estavam descansados e havia suprimento de comida para a jornada à frente. Mais uma vez, Jean de Harcourt acompanhou seu tio até o portão principal, flanqueado pelos homens deste. Blackstone viu Blanche e Christiana emergirem de uma porta lateral. A condessa chamou Sir Godfrey, que fez uma pausa breve.

– Blanche, perdoe-me, não há tempo.

Blanche deixou Christiana e adiantou-se para questionar o cavaleiro.

– Sir Godfrey, parece-me que você sempre traz aflição à minha casa. Minha família está em perigo?

– Blanche – disse Jean, ofendido pela intromissão. – Meu tio está partindo. Não o atrase.

A condessa mal-humorada não cedeu.

– Tenho crianças e outras famílias como meus convidados. Então se existe algum perigo seguindo seus passos, preciso saber tanto quanto meu senhor e esposo. – Ela ergueu um pouco o queixo, como se declarasse sua posição. – Tenho esse direito.

Blackstone chegou perto do velho guerreiro, ansioso por ser notado por ele.

– Não há perigo para você nem para sua família – disse Sir Godfrey –, dou-lhe a minha palavra. Eu é que corro perigo, e vim aqui ajudar Jean. Precisa acreditar em mim.

Ela o estudou por um instante, depois assentiu, grata.

– Obrigada.

Sir Godfrey olhou para trás dela e viu Christiana. E, assim como da vez anterior, Blackstone viu o guerreiro abrandar-se.

– Criança, venha até aqui.

Christiana fez como lhe pediram e curvou-se perante o cavaleiro.

– Prosperou muito desde a última vez em que a vi, e devo dizer-lhe o que disse a seus guardiões: está segura aqui.

– Obrigada, Sir Godfrey, por sua bondade e bons votos.

– Conhecia seu pai muito bem e, embora tenhamos lutado em lados opostos, fui eu quem disse a ele que mandasse você para a condessa, por sua segurança. Então fico contente de ter tomado pelo menos uma decisão correta.

O comentário não fez sentido algum para a jovem, visto que não fazia ideia das dificuldades pelas quais Sir Godfrey passava.

– Viu meu pai ultimamente? – ela perguntou, esperançosa.

Blackstone viu Jean de Harcourt desviar o olhar. Sir Godfrey gaguejou por um instante, tendo sido também ele pego de surpresa. Blackstone sentiu seu coração sair do peito para ir confortar a moça, e uma sensação doentia de má sorte o dominou.

– Não contou a ela? – Sir Godfrey perguntou ao sobrinho em voz baixa.

A expressão de desespero silencioso no rosto do conde não demandava maiores explicações. Christiana deu um passo para trás.

– Está morto, não está?

Sir Godfrey fez que sim.

– Nos primeiros dias, quando chegamos à costa. Lutava por seu suserano, Robert Bertrand. Meu inimigo. Pensei que tivesse escapado para Caen, mas não recebi notícia dele lutando lá, e passamos por todos esses postos de defesa. Sinto muito, filha.

O marechal do exército subiu na sela. Blackstone hesitou quando viu Blanche pegar Christiana pela mão e confortá-la. A moça tinha os olhos cheios de lágrimas, mas o inglês sabia que ela não cairia em prantos na frente dos criados. A oportunidade de perguntar se Sir Gilbert sobrevivera à batalha lhe escapara. Aproximar-se, a essa altura, não adiantaria nada. Nem aliviaria a dor de Christiana.

Em vez disso, ele dominou o freio do cavalo, segurando-o, enquanto os soldados abriam os portões. O homem da barba grisalha olhou para ele.

– Thomas Blackstone – disse, reconhecendo-o apesar da cicatriz.

– Milorde.

– Seu dia chegará, mas se estarei vivo para ver, é outra história. Está em dívida com seu príncipe e seu rei, e honrará as ordens de meu sobrinho. Não precisamos de um inglês maroto entre nós, pensando por si mesmo. Pode deixar essas questões para pessoas mais qualificadas.

Ele fez um aceno cortês e esporeou o cavalo, libertando-o da mão de Blackstone. Os soldados foram atrás, e os portões se fecharam em seguida.

O inglês virou-se, mas Christiana já estava longe. Mais do que tudo, nesse momento, ele quis abraçá-la e confortar sua dor. Mas não podia abordá-la em público. Os olhares do casal se cruzaram quando Blanche lhe passou o braço para levá-la à solidão de seus aposentos. Ele sabia que ela viria até ele, mas a vontade de estar junto dela mais uma vez fora tingida pelo receio.

Uma emboscada, a habilidade de um arqueiro e um cavaleiro morto portando a insígnia do pai dela uniam-se numa lembrança que jamais seria apagada.

Capítulo vinte e um

Onde antes houvera um pouco de sentimento de leveza entre os nobres uma tensão se instalara, tesa como corda de arco. Por dois dias os homens meteram-se na pequena biblioteca, deixando as mulheres com seus afazeres. Blackstone não teve oportunidade alguma de se aproximar de Harcourt, que nunca estava sozinho, mas sempre em conversa franca com um ou outro dos nobres. Numa ocasião, quando cruzaram caminhos, este e Guy de Ruymont fitaram o inglês por um momento, depois viraram seus rostos, cabeças curvas, conversando baixinho. Que papel nas vidas desses homens Blackstone estava por exercer, ele queria saber, e, mais importante, quando deveria se preparar para escapar? Se mercenários estavam a caminho para prendê-lo segundo ordens do rei francês, então esses barões não poderiam recusar a ordem sem colocar-se diretamente em defesa do rapaz. Este se arrependia de não ter aceitado o conselho de Meulon de matar o mercenário. Seu desejo de mandar um aviso, de erguer uma bandeira própria, de certo modo, cegara-o para possíveis consequências. Seu instinto natural o incitava a escapar, ainda que Harcourt prometera a Sir Godfrey que não o entregaria, mas ele arriscara muito por Christiana, e isso o prendia ali.

Na segunda noite, a moça foi de fininho até o quarto dele, trêmula de sofrer. Blackstone a abraçou, acalmando sua incerteza e seu medo, e não tentou intimidade alguma. Christiana dormiu como uma criança nos braços dele, perante a lareira. Quando acordou, bem cedo, ele não estava ao lado, mas sentado num sofá à frente das chamas, garantindo que fossem alimentadas, mantendo o calor a noite toda. Ela sussurrou o nome dele, e ele foi até ela. Inicialmente, o rapaz não entendeu o que motivava a necessidade de Christiana por seu abraço ou a demanda dela por sexo, mas ele correu para despi-la e deitar-se entre as coxas. Ela fechou os olhos, e pareceu para ele que ela sentia dor e prazer desesperados que a forçavam a mover-se freneticamente contra ele, os quadris avançando com força, apertando-o para si, mordendo-lhe o ombro,

cravando as unhas nas costas dele, arfando como uma criança que se afogava, com medo e desesperada. Christiana tremeu e gemeu quando caiu no vazio, sentindo o calor dele vazando dentro dela. Blackstone notou que a demanda dela por ele não era simples desejo, mas uma necessidade gritante de que sua paixão exorcizasse o desespero e a dor.

Quando terminaram, ficaram deitados sem falar nada. Blackstone descansou a mão no peito dela, vendo-a oscilar gentilmente devido ao bater do coração. Ninguém falava, e ele sentiu a própria culpa atormentá-lo. Devia contar-lhe? Christiana descobriria se ele não contasse? Não seria melhor deixar que a guerra tomasse suas vítimas e as enterrasse onde caíam? Teria ele matado o pai dela? Havia como ter certeza de que o homem da encruzilhada era o pai dela? Podia ser qualquer um dos que lutavam ao lado do inimigo de Sir Godfrey. Por que tinha de ter sido ele?

A manhã logo estaria junto deles, então ela começou a se vestir.

– Christiana…

Ela parou e olhou para ele, depois o beijou ternamente.

– Thomas, perdoe-me. Precisava de você mais do que podia explicar. Estou bem, agora.

Blackstone sabia que os eventos transformavam seu destino, além de seu controle.

– Christiana, venha comigo. Precisamos partir.

Ela o fitou com incerteza.

– Por que eu iria? Estamos salvos aqui. A guerra não acabou. Ninguém assinou trégua ainda. Não há lugar seguro para irmos. O que quer dizer?

– Quero que você venha comigo para a Inglaterra.

Christiana o encarou como se não tivesse entendido.

Ele disse com cautela:

– Posso ir ao rei e pedir-lhe que me deixe servir a um dos senhores ingleses. Terei emprego e você ficará segura comigo.

O pânico ficou evidente nos olhos dela. Por um instante, a moça lutou para encontrar as palavras de que precisava, e quando encontrou foi a vez de ele tentar ficar calmo.

– Inglaterra? Eu jamais poderia ir à Inglaterra. Como pode me pedir isso? Os ingleses mataram meu pai. Eu jamais poderia morar com os assassinos de meu pai.

Blackstone quase engasgou com o próprio coração. Que virada cruel do destino fora essa que o trouxera até ali. Ele curvou a cabeça, e ela foi até ele.

– Você não, Thomas, não é com você, eu juro. Sei que lutou. Sei disso. Rezei todas as noites para não amá-lo. Rezei para que o ódio de meus guardiões por

você abrandasse. E abrandou. Você se mostrou diferente de todos eles.

Nesse momento, Blackstone sentiu uma separação entre eles mais ampla que o mar que o levara até a guerra. Ele não podia contar para ela o que ouvira por medo de que ela corresse para Harcourt e o desafiasse. Iria querer saber se era verdade que o rei francês ordenara que Blackstone fosse levado. Tudo se desfaria como um carretel de algodão caindo. Harcourt teria que contar para ela, e ela lhes daria as costas. E o que seria, então, do casal? Como viveriam se tal confrontação a forçasse a partir? Se ela não fosse para a Inglaterra, como ele poderia ficar?

– É guerra – disse ele. – Todos nós perdemos a quem amamos neste conflito. Mas eu fui abrigado por meu inimigo, e você amou o seu. Eu fui até você naquele dia porque tinha que ir. Fui compelido. Como você. Não é verdade?

– Sim – ela sussurrou. – E não admiti meu amor por você a mais ninguém por medo de que o mandassem embora. Eles não permitiriam, Thomas, ainda que você tenha provado seu valor.

– Então é mais um motivo para partirmos. O rei me deve um favor. Vai me conceder um pedido modesto.

– Inglaterra, não. Não posso. – Ela fez que não. – Não com os ingleses.

A jovem puxou a capa sobre os ombros e passou por ele.

– Mas eu, o que sou, Christiana?

– Sua mãe era francesa. Você é diferente.

Ela foi até a porta, e ele não tentou impedi-la.

Ninguém viajava à noite. A escuridão abrigava horrores, e as estradas ficavam traiçoeiras demais quando a lua mantinha seu brilho por detrás de nuvens de tempestade. Inclusive para os que conheciam o terreno, seria tolice até mesmo tentar. Quando os cavaleiros vieram, fazia três horas que amanhecera, e a casa estava a todo vapor em sua rotina. Uma ventania amarga soprava do norte e uma chuva gelada caía em grandes paredões como um bando de estorninhos, fazendo curvas no ar conforme o vento espiralava sobre os morros.

As vozes deles, querendo falar com Harcourt, quase não alcançaram a sentinela em serviço, que depois chamou Meulon. Harcourt foi convocado e saiu para encontrar a meia dúzia de cavaleiros junto ao capitão e o guarda, logo atrás. Christiana observava a tudo do quarto de Blanche de Harcourt, enquanto a condessa falava sobre as obrigações de uma esposa para com seu marido, sentada numa poltrona.

– Christiana – disse ela. – Estava falando com você.

Ela correu e levantou-se quando viu a garota agarrar-se ao peitoril, muito tensa.

– O que foi?

Blanche olhou para fora, na chuva, e viu o marido, encharcado, falando com o líder dos homens, que lhe entregou um documento. O conde pegou o papel e deu meia-volta. Os cavaleiros esperavam, pacientes, obviamente preocupados com o temperamento difícil de Jean de Harcourt. Este disse algo a Meulon ao voltar para os confins do castelo, e o capitão gesticulou para os cavaleiros que ficassem onde estavam.

Os homens do rei e os mercenários não foram convidados para o abrigo do castelo, nem para comer, e ficaram esperando sob a tempestade.

– O que foi, criança? – Blanche perguntou baixinho, referindo-se ao medo evidente da protegida.

Em pânico, a moça afastou-se da janela.

– Ele sabe que estou aqui?

– Quem? Quem sabe?

Ela gesticulou para os homens lá embaixo.

– O homem do fundo. É Gilles de Marçy. Alguém lhe disse que estou aqui?

Blanche parecia tão preocupada quanto a moça.

– O homem que perseguiu você ano passado? É ele?

Christiana fez que sim. Gilles de Marçy era um padre cuja família comprara seu benefício. Era um homem cruel e lascivo, conhecido por sua violência intrépida, e a perseguição que perpetrara contra a jovem fora tão ameaçadora, que o pai dela resolveu enviá-la à família Harcourt, nos confins da Normandia, para sua proteção.

– Não há como ele saber que você está aqui. Eu juro, é uma coincidência. Entende? – Ela virou a garota para ficarem frente a frente. – Ele não pode machucá-la. Não sabe que está aqui – repetiu, acalmando Christiana; forçou-a a fitá-la e segurou-a pelos ombros, fazendo-a enxergar a realidade.

– Mas acabo de descobrir que meu pai está morto. E agora ele está aqui.

Blanche de Harcourt acenou para um criado e levou Christiana para uma cadeira.

– Fique com ela – disse ao servo. – Christiana, descobrirei o que se passa. Não saia deste quarto até que eu retorne.

Blanche saiu apressada do quarto. Se Christiana estivesse certa e identificara o homem que importunara sua vida todo esse tempo atrás, então a aparição dele nos portões de seu santuário seria uma assustadora virada do destino ou ele conseguira certa autoridade para vir buscar a moça. Não havia motivo para

suspeitar de que pudesse arranjar tal autoridade. Cavalgava na retaguarda da cavalaria, um subalterno, alguém que acabara de se unir ao grupo.

– Jean! – ela chamou quando viu o marido, todo sujo. – Aqueles homens.

A barba de Harcourt mantinha a chuva, os cabelos emplastados na cabeça, a capa preta nos ombros por causa da água.

– Homens do rei, com um mandado.

– Para Christiana? – ela perguntou, temerosa.

A confusão do homem foi evidente.

– O quê? Do que está falando?

– Ela diz que um deles é Gilles de Marçy.

– É um deles? Ela tem certeza?

– Sim.

– Volte e fique com ela, Blanche. Mantenha-a fora de vista. Eles não vieram buscá-la. O mandado é para Thomas.

Antes que Blanche pudesse se registrar chocada, Harcourt passou por ela e acenou para Meulon e os quatro soldados que estavam com ele, que fossem, corredor à frente, para o quarto de Blackstone.

– Faça o que mandei – ele disse aos homens, depois voltou para a tempestade.

Blackstone havia treinado no campo de exercícios e retornara ao quarto. Jorrava no corpo a água morna que Marcel providenciara para tirar o suor dos braços e do peito. As venezianas estavam fechadas, devido à chuva, portanto ele não vira a chegada dos cavaleiros. Ele vestiu a roupa de baixo, e ia pegar a túnica quando ouviu baterem à porta.

– Sir Thomas, o senhor precisa de você – Meulon disse.

A urgência na voz do capitão fez Blackstone abrir a porta imediatamente. Não havia mais ninguém no corredor além do soldado veterano.

– O que foi? – o inglês perguntou, terminando apressadamente de se vestir.

– Venha comigo – disse Meulon, e deu meia-volta. O rapaz seguiu o soldado sem fazer mais perguntas. Não tinham dado nem uma dezena de passos quando Meulon abriu a porta que Blackstone sabia que levava às escadarias dos fundos do castelo. O homem abriu caminho para ele.

– Aqui dentro, Mestre Thomas, o senhor espera por você.

Por alguns segundos vitais, a urgência de atender ao pedido de Jean de Harcourt anulou-lhe os instintos, que o alertaram do perigo somente quando ele passou por Meulon e viu os olhos do homem. Era uma armadilha. A porta no fim do corredor estava trancada. Quando ele deu meia-volta, Meulon fechou a porta por onde Blackstone passara. Ele tentou mover a madeira pesada, mas estava trancada.

– Meulon! O que está havendo?

Blackstone encostou a orelha na porta e ouviu passos de outros soldados. Nesse instante, compreendeu.

– Não! Ele não! Meulon! Eu imploro! Deixe-o!

Do outro lado da porta, os homens de Meulon arrancaram William Harness da cama. O homem semiconsciente disse:

– O que está havendo? Aonde estão me levando? – Ele ouviu Blackstone metendo os punhos na porta e tentou gritar, sem forças: – Thomas, estão me levando. Thomas, socorro, pelo amor de Deus, eu imploro.

Os soldados levaram o rapaz rapidamente, e seus gritos logo desapareceram. Meulon esperou um instante do outro lado da porta. Deitou a mão no sólido carvalho, como se quisesse acalmar o homem atrás dele. Entendia da lealdade entre os homens.

– Sir Thomas, ele morre para que você possa viver – ele disse, com simplicidade.

Meulon acompanhou seus soldados pela passagem, seguido pelo eco da raiva inútil de Blackstone.

Harness foi colocado num cavalo, as pernas presas nos estribos, as mãos amarradas na sela. Os homens de Meulon, como Jean de Harcourt ordenara, haviam vestido o ferido com as roupas do rapaz, deixando evidente que era ele o inglês favorecido pelo Rei da Inglaterra. Os xingamentos desconexos convenciam o grupo ainda mais de que era ele o procurado.

Jean de Harcourt passou pelos cavaleiros. Depois de ter entregado o rapaz, foi repreendê-los por levarem um homem ferido, declarando a própria vergonha por deixar que acontecesse. Mas fez questão de enfatizar que seguia o comando conforme promulgado no mandado e assinado em nome do rei. E, ao passar por entre os cavalos para poder encarar cada um dos homens, procurou por Gilles de Marçy, cujas roupas negras o destacavam dos demais. Harcourt quis ver mais de perto o homem que aterrorizara sua protegida. Não fez gesto algum em particular nem confrontou o homem, mas quis fixar o rosto dele em sua memória. A única coisa que notou, além das luvas de montaria de Marçy, foi o dedinho faltando em uma das mãos.

O líder dos cavaleiros mostrou pouco respeito pela nobreza de Harcourt.

– Certamente, contaremos à sua alteza que você obedeceu. Mas ter cedido abrigo ao homem, inicialmente, pode ainda causar descontentamento.

– Então você o lembrará, respeitosamente, que eu, meu pai e meu irmão

lutamos em Crécy e defendemos seu bom nome e causa com nosso sangue. E se ele manda uma escória como vocês para executar suas tarefas, então rezamos para não termos sofrido e morrido em vão por ele.

O líder dos cavaleiros bufou, e cuspiu para o lado. William Harness já estava largado na sela, e se o trajeto ou o frio não o matassem logo, sem dúvida esses homens o fariam. O homem não tinha utilidade nenhuma para eles além de ser entregue ao rei, que era quem lhes pagava.

Jean de Harcourt ficou na ponte, vendo os cavaleiros desaparecerem na tempestade. Estava ainda mais frio, e a chuva caía mais intensamente. Ele aceitou o cutucar da culpa como um flagelante aceita o malho.

– Devia ter me contado – Blanche disse ao marido quando ficaram sozinhos.

– Não poderia – ele respondeu, sentindo a angústia. – Não havia honra no que eu tinha de fazer, mas foi a única saída que pude encontrar para salvar Thomas. Mas agora receio que qualquer confiança que havia sido construída entre nós tenha se perdido.

Harcourt deixou Blackstone trancado no estreito corredor por um dia e uma noite, esperando acalmar-lhe a raiva, e que pudesse compreender o que ele tivera de fazer. Christiana foi acalmada e certificada de que o terrível homem que a fizera se exilar de casa não fazia ideia de que ela estava no Castelo de Harcourt.

Blanche descansou o rosto no peito do marido, os dois deitados na cama. Começava a clarear, e estavam ambos nus após a noite de amor. Os seios pressionaram-no quando ele abriu os olhos e se virou para ela, passando o braço para poder trazê-la mais para perto.

– Está acordada – ele disse, e bocejou. – Ouvi você indo ao banheiro durante a noite; não conseguiu dormir?

– Perturbei você?

– Não, mas estava inquieta. Eu iria chutá-la para fora da cama, mas concluí que é preferível tê-la agitada ao meu lado do que caída no chão me xingando. Foi uma escolha difícil.

Blanche sorriu e saboreou o cheiro rançoso do suor do empenho da noite. Ela tracejou com o dedo uma das cicatrizes que corriam do ombro até o peito do marido.

– Eu estava pensando em nós e nas crianças, e o que acontecerá se o rei se render a Edward. Vai servi-lo ou desafiá-lo?

– Desde quando a lealdade normanda preocupa você?

– Você se esquece, Jean, de que sou a Condessa de Ponthieu, e tenho que

tomar minhas próprias decisões quanto a quem apoiar – ela disse baixinho, passando o dedo na ponta de um dos mamilos dele.

Ele gemeu, menos de prazer, mais por já saber aonde o inquérito iria chegar. Ele se virou, para ficarem cara a cara. Ela ergueu o joelho, provocante, e tocou a genitália dele.

– Então, minha condessa talvez passe para o outro lado e seremos inimigos. É isso o que está dizendo?

– Eu poderia oferecer-lhe uma aliança – ela disse, sentindo a excitação do marido.

– E suponho que haveria termos.

– Eu poderia ajustá-los para adequarem-se às suas necessidades, milorde.

Ele não se retraiu quando ela estendeu a mão e tocou-lhe o pênis.

– E eu não posso ser tão facilmente subornado – disse, tirando a mão dela, retomando o controle.

Ela fez uma careta, ele a machucava.

– Você precisa sempre ser o mais forte? Não posso reinar nem por alguns instantes? – perguntou, deixando os olhos juntarem lágrimas propositalmente enquanto fitava o esposo nos olhos.

– Não, Blanche, porque senão você sentiria o gosto do poder, e isso é um jogo, porque você nunca chora. Você não estava pensando em Edward e no rei mais do que eu estava pensando em reconstruir os casebres na vila. – A jocosidade havia se perdido, e ele ficou esperando que ela confessasse. Ele a empurrou para trás, afastando-lhe os braços e deixando que os seios aquietassem para deitar-se sobre ela e provocá-los com um toque sutil dos lábios. Subitamente, ele ergueu a cabeça. – Santo Deus! Essas suas lágrimas. Você não está grávida, está?

– E de quem seria a culpa se eu estivesse? – ela respondeu com cautela.

– Sua! Blanche, meus ferimentos mal sararam, e eu tenho um ninho de cobras de senhores normandos com o qual lidar. Você acha que devo receber bem essa notícia? Se fosse em outro dia, talvez, mas agora? – Ele a encarava. – Está mesmo? Diga a verdade.

– Tenho 26 anos de idade, estou ficando velha, o tempo de gerar filhos está quase no fim.

– Blanche – ele disse sério.

– Eu poderia estar se você cooperasse – ela disse, e mais uma vez foi procurá-lo.

Ele se esquivou da esposa e foi ao banheiro; a latrina ficava do outro lado do quarto, atrás de uma cortina. Uma almofada tampava o buraco no assento de madeira.

– Preciso mijar, e depois meu cérebro talvez funcione, porque você está atrás de alguma coisa, Blanche, está manipulando seu marido. Em pleno Natal, temos nossos amigos e aliados aqui como convidados, e mesmo assim você, posso dizer, está atrás de algo.

Ele removeu a almofada e suspirou conforme o jato ecoou pelo canal de pedra.

Blanche sabia que, como numa batalha, o cálculo do tempo poderia definir o resultado, e quando um homem estava em pé, aliviando-se, isso garantia vantagem ao oponente.

– Preciso saber o que está sendo planejado para Thomas.

– Thomas? Por quê? É complicado.

– Hum. Pensei que seria. Não interessa. Gostaria de saber.

– E isso lhe diz respeito? – o esposo respondeu, sem virar-se, apreciando o alívio da bebedeira da noite anterior, quando tentara se esquecer do ato de traição.

– Diz mais respeito a você. Você precisa dele, não? Isso é óbvio. E depois do que aconteceu, vai perdê-lo. – Ela fez uma pausa, preparando-se para o momento em que poderia usar o que sabia. – Ele pediu a Christiana que volte com ele para a Inglaterra.

– Ela aceitou? – perguntou, cauteloso.

– Não.

Harcourt sabia que chegaria o dia em que Thomas Blackstone iria querer retornar para casa, mas planejava fazer uma oferta que o incitaria a ficar.

– Se a garota não puder segurá-lo aqui, então nem eu poderei – ele disse, fatalista.

Blanche esperou um pouco mais antes de contar ao esposo de sua suspeita e o viu virar o rosto bruscamente, chocado, jorrando urina no assento da latrina.

Christiana encostou o rosto contra a pesada porta e sussurrou para Blackstone:

– Thomas, não deve sustentar sentimentos negativos para com meu guardião. Ele salvou a sua vida do único jeito que podia.

A voz dele soou apertada de raiva.

– Mandaram-na para me convencer?

– Não, não mandaram. Eu vim porque estou grata a eles por salvarem você. Um dos homens que vieram até o portão era o homem que prometera me causar sofrimento. Acho que Jesus nos abençoou, porque ele não fazia ideia de que estou aqui.

A menção da ameaça contra ela aliviou a raiva do arqueiro. Conhecia a história e o motivo pelo qual ela fora enviada para a proteção de Harcourt e sua família. Se o homem que a ameaçara aparecera em seu refúgio, isso conferia ao rapaz mais uma chance de convencê-la a voltar para a Inglaterra com ele. Mais uma vez, o destino lhe dava uma oportunidade.

Ele baixou a voz.

– Está sozinha?

– Sim.

– Ficou com medo?

– No começo. Mas então o conde entregou seu amigo inglês e eles foram embora. Mas isso me fez pensar como pode acontecer de um inimigo cruzar com você.

– Foi como uma tempestade violenta, Christiana. Tem de deixar para trás.

– Mas ele poderia voltar.

– Se voltar, eu o mato. Mas se você estivesse na Inglaterra, ele jamais poderia alcançá-la.

Uma porta bateu na outra ponta do corredor, e passos ecoaram pelo piso de pedra.

– Thomas, tem alguém vindo. Tenho que ir.

– Venha comigo! – ele sussurrou, desesperado. – Não vou mais ficar aqui. Decida, Christiana. Cuidarei de você.

– Não. Não posso. Não me force, Thomas. Não me abandone, eu imploro – ela disse, hesitante. O que lhe ofereciam era como uma oferta do demônio.

Blackstone tinha que arriscar tudo.

– Vou embora, Christiana. Não ficarei aqui. Você tem que vir comigo.

O inglês não pôde ver as lágrimas dela, e a voz firme disfarçou a angústia.

– Não posso – ela sussurrou.

E nesse momento ele soube que teria que endurecer seu coração e ir para casa sem ela.

Christiana afastou-se rapidamente, momentos antes de Jean de Harcourt entrar no corredor. Ele hesitou perante a porta trancada, depois a abriu.

Estava escuro e abafado lá dentro, e Blackstone piscou quando a luz invadiu o cômodo. Harcourt deu um passo para trás, permitindo que o outro fizesse o que preferisse. Esperava que o jovem arqueiro avançasse contra ele e o atacasse, e, se fosse o caso, ele teria que evitar ser ferido. A agressividade de Blackstone era muito bem conhecida pelo conde, que estava desarmado e sozinho. O inglês passou para o corredor.

Harcourt evitou o olhar dele.

– Não havia outro jeito, Thomas. Ofereço meu arrependimento. Você sabe

que ele estava morrendo. O pulmão fora perfurado, ele não sobreviveria de modo algum. – O conde fez um pequeno gesto, apontando o corredor. – Há um cavalo selado para você, e outro com provisões. São seus para fazer o que preferir. A estrada para Calais estende-se ao norte, e se você viajar primeiro para Rouen, provavelmente evitará quaisquer vândalos franceses. Dentro de uma semana, poderá estar ao lado de seu rei.

Blackstone permaneceu em silêncio. Jean de Harcourt expressara sua contrição. E, apesar do apelo de Christiana para que ele ficasse, o inglês estava pronto para seguir sua vontade e libertar-se do castelo.

– Você causou a morte de um bom homem, que jamais ergueu uma mão sequer contra qualquer um do seu povo – disse Blackstone.

– Fiz uma promessa a Sir Godfrey, de que não entregaria você para assassinos vagabundos, não importando mandado de quem trouxessem em mãos.

– E ele perguntou se me disseram o que é que você quer comigo.

Harcourt subitamente compreendeu que Blackstone escutara tudo.

– Onde estava?

– Na galeria.

Harcourt ponderou por um instante.

– Então sabia que estavam vindo prendê-lo e mesmo assim ficou.

– Você prometeu a Sir Godfrey que me salvaria, mas não pensei que entregaria William Harness. Onde está minha espada?

– Com o cavalo.

– O que você e os outros estavam planejando?

– Contar-lhe seria o mesmo que colocar nossas vidas em suas mãos.

– Como você tem a minha nas suas – Blackstone retrucou.

Harcourt balançou a cabeça.

– É um jogo complicado demais, Thomas. Fique e saberá.

Blackstone deixou dissipar o desejo de saber.

– Adeus, milorde.

O rapaz deu meia-volta para seguir para os estábulos.

– Ela implorou que ficasse? – Harcourt perguntou.

Blackstone virou-se para fitá-lo.

– Seguirei sozinho agora.

– Como deveriam todos os homens. Desejo tudo de bom, Thomas.

Blackstone deu mais três passos, e então as palavras seguintes de Harcourt foram como uma flecha lhe atravessando a espinha para fincar-se em seu coração.

– Christiana está grávida.

Capítulo vinte e dois

Christiana tinha um lenço entre os dedos. Ela e Blackstone estavam sentados em cantos opostos do quarto dela.

– Eu os vi selarem um cavalo. Um dos pajens me disse que era para você. Não sabia se o veria antes de partir.

– Eu pediria mais uma vez para que viesse comigo para a Inglaterra – disse Blackstone, mantendo distância da moça, sentindo as emoções rodopiando por dentro.

Ela sorriu, triste, e fez que não.

– Não posso deixar o meu povo. Aqui é meu lugar; isso é tudo que eu sei.

– Estou com medo.

Christiana pareceu surpresa.

– Você, não.

Blackstone sentia como se houvessem sido capturados por uma corrente que girava entre eles. O vento ainda uivava por entre as venezianas e os beirais, fazendo do quarto um santuário, contudo, eles pareciam incapazes de aproximar-se um do outro devido a uma força que os mantinha separados.

– Estou com medo por causa do que sei agora. Por que não me contou?

Com uma expressão confusa, ela lhe deu as costas.

– Você não podia saber.

– Deve ter dito à Condessa Blanche.

– Nunca disse nada. – Ela se sentou num sofá, ao lado da janela. – Talvez ela tenha visto que mudei.

Blackstone chegou perto dela. Não notara mudança alguma; o que havia para ver? O que ele suspeitava, na verdade, era que as mulheres eram como outras criaturas de Deus que tinham um sexto sentido. Os instintos de um homem podiam salvar-lhe a vida, mas o mundo desconhecido da intuição feminina era profundo como um charco.

– Estou animado e temeroso porque ter um filho é como cambalear por entre uma floresta escura. Não há como enxergar o caminho – ele disse.

– Eu não usaria a criança para prendê-lo.

– Mas queria, atrás daquela porta, quando me implorou para não abandoná-la.

– Não podia forçá-lo a ficar. Além disso, faz apenas um mês que meu período não vem.

Blackstone sentou-se ao lado dela, incapaz de aceitar que uma semente se alojara dentro dela. Após o que pareceu um silêncio longo e esquisito, ela colocou a mão sobre a dele.

– Você precisa seguir seus instintos, Thomas. Não há motivo para ficar por causa disso. Blanche vai aceitar a criança para si discretamente, e eu serei sua ama de leite e governanta. A vergonha pode ser escondida assim como a barriga inchada sob roupas esvoaçantes. Seu filho estará a salvo, e você poderá voltar sempre que quiser vê-lo. Ninguém precisa saber. Talvez seja melhor para todos nós, inclusive para a criança.

Blackstone esperou um momento antes de responder, procurando pelas palavras certas que explicassem o que ele sentia.

– Quando você se recusou a vir comigo para a Inglaterra, e me disse o quanto odiava os ingleses, eu pensei que nem mesmo nossos sentimentos poderiam ultrapassar tamanho abismo. O pai do seu filho é um inglês, e nada jamais poderá mudar isso. E meu filho saberá de seu pai, e meu filho saberá de sua família porque esse será o presente que carregará pela vida toda.

– Pode não ser um menino.

– Será. E não deixarei que homem algum tome o meu lugar. Nem ninguém tomar nosso filho. Não sei como viveremos, mas viveremos aqui na França, para que você fique segura e cercada por aqueles que gostam de você.

Ela curvou a cabeça, apertando as mãos dele nas suas, conforme as lágrimas caíam e seus ombros tremiam.

Blackstone a puxou para si.

– Não a carreguei por aquele rio para deixá-la afastar-se de mim agora. E não deixaremos que nosso filho venha a este mundo como um bastardo. Vá falar com a condessa e pergunte se o padre ainda está aqui.

Ela riu e limpou as lágrimas das bochechas, depois enterrou o rosto no ombro dele.

– Ah, Thomas, eu estava com tanto medo de perder você.

Ele abraçou aquele corpo quente. Quantas curvas e obstáculos os aguardavam na estrada, ele não sabia. Mas se antes matara o pai dela, sem saber, agora lhe gerava um filho. Ele e a moça estavam unidos com tanta firmeza

quanto sua espada à sua mão pelo nó do sangue.

Jean de Harcourt entrou na biblioteca e acenou para a mesa, onde havia pergaminhos enrolados uns ao lado dos outros.

– Pegue o pergaminho mais sujo. O que foi mais manuseado – disse Harcourt, servindo duas taças de vinho.

Blackstone tateou os documentos e notou um com uma mancha de vinho. Já o vira antes.

– É esse – disse Harcourt, e entregou o vinho a Blackstone. Depois, com o braço livre, varreu os outros documentos para o chão. – Desenrole-o – disse, e ergueu um peso de papel para o pergaminho esticado. – Já viu isso antes, quando passava noites aqui?

Blackstone olhou para o mapa. Havia cruzes dentro de círculos nele, o mesmo desenho grosseiro que vira antes e que ainda não fazia sentido.

– Sim, já vi.

– Então sabe que é um mapa da França dividida – Harcourt explicou, tocando as marcas com os dedos. – Esse é o Ducado da Normandia, esse, o da Borgonha, Aquitânia, e cada cruz vermelha denota uma cidade cercada por muros ou castelo mantido por aqueles leais ao rei francês. Os marcados por um círculo com cruz estão em nome de Edward, e esses – ele apontou os pontinhos pretos espalhados pelo mapa –, essas infestações são defendidas por capitães independentes.

– Mercenários?

– Que costumam trocar de mãos. Terrorizam uma área e a roubam de tudo. Alguns deles se escondem por trás das muralhas, não ousando sair caso as populações locais se insurjam contra eles. São vítimas da própria ganância, e assim que saqueiam a cidade, partem.

Blackstone estudou o mapa.

– É a costa ao norte, essa fronteira aqui?

– Aí fica a Bretanha. Houve conflitos aí durante séculos. É uma desolação de descontentamento.

Os olhos de Blackstone seguiram o dedo que tracejou pelo mapa.

– Muitas dessas cidades foram tomadas por meu rei, essas são francesas. A Bretanha nos apoia com veemência.

– E quanto mais ao sul da Gasconha, você pode ver que seu rei também tem muitas cidades bem situadas – disse Harcourt, e esperou que Blackstone estudasse as marcas, imaginando se a importância estratégica do que acabara de

explicar brevemente fazia algum sentido para o rapaz.

– Essa é Rouen. E estamos aqui – disse Blackstone, depois deixou o dedo trafegar para o sudeste. – Paris. Seu rei está enrolado como um bebê de colo. Está a salvo lá.

– Todo o restante é o que nos interessa – disse Harcourt.

Blackstone concordou, vendo o panorama em sua mente, lembrando-se mais uma vez de sua marcha desde a invasão e da cavalgada com Sir Godfrey, quando cercaram Rouen. *Estou aqui*, pensou ele, *e mais ao sul fica a vila onde mataram os mensageiros de Edward. Então, Chaulion está aqui e o condado que faz fronteira é…*

Ele olhou para Harcourt, que aguardava, ansioso.

– Esses lugares foram tomados por franceses e mercenários. Por que os franceses não os reivindicam?

– Porque o rei deixa que eles tomem o que querem das pessoas. Saqueiam e matam. É mais barato para ele do que pagar aos homens. Eles têm a aprovação dele. Como acabamos de testemunhar, com aquela escória de Paris.

Blackstone viu quão perto estavam da fronteira algumas das marcas. Seu dedo desceu, à esquerda e à direita, e um pequeno desenho emergiu.

– O rei Edward bloqueia Calais no norte, mas quando invadiu, ele veio por aqui. A península. Por isso houve pouca luta quando chegamos. Sir Godfrey sabia que a maioria das cidades pequenas não resistiria. Exceto Caen, mas é diferente. É uma cidade enorme.

– E não se esqueça que seu rei controla o sul da Gasconha. Bordeaux é dele.

Blackstone sentiu a excitação do compreender; como o projeto de um edifício numa planta de mestre pedreiro, os meandros mostravam-se. Ele deu um gole no vinho, animado com a descoberta, ansioso por aprender mais.

– Quando chegamos, ficamos preocupados que os franceses podiam vir do sul e nos prender, mas vocês não puderam chegar até nós a tempo porque tínhamos homens lá embaixo. Se o rei perder Calais, precisará invadir a partir desses dois lugares de novo. A Normandia, ao norte, e Bordeaux, ao sul. É aqui que ele está fraco. Aqui, nesse condado fronteiriço. Há cidades que poderiam atrapalhar quaisquer movimentos de tropas. – Ele ergueu o dedo e deixou o pergaminho se enrolar.

– Por que está me mostrando isso?

– Você é inglês – disse Harcourt, e foi sentar-se perto do fogo. – E esperávamos usar esse fato. – Ele fez uma pausa. – Em tempo.

Blackstone o seguiu; Harcourt conquistara sua atenção.

– Sou um homem comum, milorde, e não tenho nada a oferecer a ninguém além de minha disponibilidade de lutar.

Ele se sentou perante Harcourt, mas o rosto do homem não mostrou reação alguma. Esperava que o rapaz captasse a totalidade da situação. O conde mexeu no fogo e viu as chamas devorando a madeira seca.

Blackstone disse:

– Essas cidades são uma ameaça para o rei Philip caso ele tente impor mais pressão sobre você e os outros, colocá-los mais sob seu controle, esmagar sua… como se diz? Quando você quer governar a si mesmo?

– Autonomia – disse Harcourt.

– Isso. – Blackstone hesitou, tentando enxergar a sequência de eventos que poderiam cair sobre Jean de Harcourt e seus amigos. – Vocês não podem atacar e controlar essas cidades porque ainda estão jurados ao rei Philip. – A compreensão desdobrou-se em sua mente como um mapa, cada ruga revelando um ponto escondido. – Mas se meu rei tomasse a coroa francesa, a Normandia faria aliança com ele, e, com a ajuda dele, vocês estariam livres para fazer o que quisessem para proteger suas fronteiras.

Harcourt teve dó e serviu mais vinho para Blackstone. Poderia alguém como ele compreender a grande nação que era a França e suas divisões? A história do país pesava como uma bigorna.

– Fazemos aliança com quem escolhemos. Mas estamos presos, agora que seu rei pegou o que queria.

– Há homens por aí que lutariam em prol da sua causa se você os pagasse.

– E que nos trairiam por outro que pagasse melhor.

Blackstone sentiu a pontada de excitação, semelhante ao que sentia quando chegava perto da presa, numa caça.

– Você precisa de alguém em quem confie para tomar essas cidades e controlá-las sem estar envolvido. Alguém que teria a bênção do rei inglês, e que não interferiria, porque essas cidades são o fio de seda que mantém esses territórios unidos. Pode ser coisa de anos.

Harcourt olhou para ele com uma cara de arrependimento.

– Sim, meu jovem amigo, isso é verdade. E se essa pessoa morresse ou fosse capturada tentando fazer essas coisas, não teria ligação alguma conosco. Não poderíamos ser implicados e não ofereceríamos ajuda nenhuma.

O coração de Blackstone se acalmou. A guerra tirara dele quaisquer ideias tolas do conflito como sendo uma aventura. A batalha e a conquista eram mais bem conduzidas com habilidade, sangue frio e determinação. A sede de sangue vinha na ponta da espada, quando a morte prometia seu abraço agonizante.

Ele ficou ali sentado, observando o fogo, deixando as chamas o incitarem. Poderia oferecer sua espada a Edward e continuar sendo um cavaleiro pobre na França com esposa e filho, ou servir a seu rei de outro modo e ter uma terra sob

seu nome; ser dono de si mesmo.

– Sir Godfrey estava errado. Vocês precisam mesmo é de um inglês maroto – ele disse baixinho.

Os nobres reuniram-se naquela noite. Vitry estava ranzinza, Guy de Ruymont, cuidadoso, e os mais velhos deles, Graville e Mainemares, que haviam torcido mais do que qualquer um por um rei forte para liderar sua nação, urgiam continuamente os homens bicudos a resolver suas diferenças, apoiar a empreitada que Harcourt propunha e esperar pelo resultado. Se aquele jovem inglês morresse, isso não prejudicaria os planos deles a longo prazo; se tivesse sucesso, seria a primeira pedra de uma ponte que os levaria ao sucesso. O plano não os beneficiaria de imediato; eles tinham que pensar no futuro. Rei Philip poderia reinar por anos. Henri Livay achava que a gota mataria o rei em menos de um ano, Jacques Brienne ouvira de um parente da corte, fonte confiável, que o rei sofrera uma apoplexia, enquanto outro barão acreditava que o filho do rei, John, usurparia o trono.

Em meio à discussão que ia e vinha, Jean de Harcourt e Blackstone esperavam em silêncio. Graville finalmente ergueu a mão e silenciou a todos.

– Esse plano nos chega cedo demais. Não podemos contar com o apoio do rei Edward, então como poderemos ficar nas sombras e deixar que um homem de armas inexperiente cavalgue para uma empreitada que parece estar fadada ao fracasso antes mesmo de começar?

– Ele precisa de homens, e o único jeito de consegui-los é pagando – disse Henri Livay.

– E eles vão pegar o que querem e desertar, porque é esse o tipo de escória que se arranja para um empreendimento desses – disse Vitry.

Blackstone torceu, quando todos olharam para ele, para que eles não pensassem mais que ele era apenas mais um elemento da escória em questão. Disse:

– Milordes, às vezes a inexperiência pode ser benéfica. Ver as coisas de modo diferente pode trazer sucesso. Eu precisaria de homens, mas precisaria daqueles que serviriam a mim em nome de vocês.

Guy de Ruymont disse:

– Não podemos esconder nosso uniforme e cavalgar sob identidades falsas. Nenhum homem honrado faria uma coisa dessas. Tal engano traria desgraça quando o estratagema fosse descoberto.

Blackstone pensou rápido, procurando pela resposta que satisfaria a honra do homem e, contudo, os protegeria da recriminação.

– Todos vocês têm homens que serviram e lutaram com vocês. Se os libertarem de suas obrigações para com vocês, eles poderiam lutar como homens livres. Não usariam uniforme e lutariam sob as ordens do capitão de sua escolha. E para garantir a lealdade deles para com vocês, seriam pagos, como o são agora.

A sala caiu no silêncio. Era um plano simples, que poderia garantir-lhes o anonimato.

– Blackstone tem razão – disse Harcourt. – Financiamos o rei em diversas ocasiões, e tudo o que ganhamos em retorno foi a derrota e maior taxação. Eu digo que não temos nada a perder. Falarei com meus soldados e lhes oferecerei a liberdade. Sua lealdade ainda será minha, e Thomas Blackstone reunirá, com o tempo, soldados a seu redor que lhe oferecerão sua lealdade também.

Cada um dos homens pensou sobre a proposta. Foi William de Fossat quem quebrou o silêncio:

– Não tenho terras, e minha fortuna foi tomada pelo rei. Então eu sou o mais pobre de todos nós, mas ainda tenho riqueza suficiente para apoiar uma aventura, e se uma cidade cair, então eu tomarei minha parte das posses dela e do território. Blackstone pode cavalgar sob o meu comando. Levarei dez de meus homens comigo. Não tenho medo de mostrar minhas cores aos mercenários do rei.

Harcourt segurou bem as rédeas de sua impaciência.

– Não, William. Isso acaba com a ideia de ter um inglês sendo visto liderando os homens. Ele controlará as cidades derrotadas em nome do rei *dele*. Para todos os efeitos, ele não é nosso homem. Não está claro o bastante? Ele luta e controla o território para o rei Edward. A não ser que você jure lealdade a Edward e cavalgue abertamente contra Philip.

– Então eu cubro meu escudo, por que qual homem sensato vai seguir Thomas Blackstone? Pensem nisso!

Blackstone sabia que Fossat ainda estava incomodado com o insulto naquele jantar. Estava querendo comprar briga, e se isso acontecesse e Blackstone o derrotasse, o barão poderia adentrar tamanha amargura e humilhação, que poderia querer desafiar todos os demais e trair seu plano para o rei francês. Se, no entanto, o inglês perdesse, então os outros duvidariam de sua capacidade, o que poderia fazê-los retirar seu apoio. E aonde isso levaria Blackstone? Havia algo a ganhar alimentando a animosidade de um senhor normando incomodando-lhe como brotoeja em costas de puta?

– Aceitarei quaisquer homens que queiram me seguir, segundo a sua generosidade – ele disse, fitando, depois, os nobres todos, um por um. – Mas se Lord de Fossat insistir em liderar o ataque contra Chaulion, então a partida foi

perdida antes mesmo de ter começado. Sua honra é grandiosa demais para que ele venha a negar seu nome caso lhe seja pedido que se identifique. Cobrir seu escudo e disfarçar o brasão não basta. – Ele virou-se para encarar Fossat diretamente. – Milorde, é óbvio que lhe causei ofensa, e por isso eu peço desculpas. Mas se você contestar qualquer decisão de meu comando, não recuarei.

Fossat sorriu.

– Então, considere-se derrotado desde já.

Harcourt ficou em pé.

– Não! William, eu já avisei. Não piore as coisas.

– Um cavaleiro emergente deformado não me mete medo, Jean. Em nome de Deus! Você andou treinando um cãozinho.

Blackstone escondeu seu nervosismo e, determinado a fingir que não havia nada, aproximou-se de Fossat. Não era hora de mostrar receio ao enfrentar alguém de posição superior.

– E o que você pretende provar, para as pessoas desta sala, me derrotando? Que é melhor no uso da espada? Que seu orgulho foi restaurado? De que serve o seu orgulho para a causa desses senhores?

Fossat avançou, mirando um soco no rosto de Blackstone, mas este se virou rapidamente, fazendo o oponente perder o equilíbrio, tropeçar sobre uma cadeira e cair. Os outros correram até ele. Não havia mais como evitar a briga; Fossat forçara a situação, e Blackstone pusera em risco seu pedido de apoio.

– Pare, William! – Guy de Ruymont gritou. – Não há por quê!

– Satisfaz-me! – Fossat gritou de volta, sacando a espada.

Harcourt correu para colocar-se no meio dos dois homens.

– William! Escute! Dê sua palavra a todos os homens desta sala de que, se perder, não vai querer se vingar; não vai ficar no caminho de nossa empreitada.

– Eu aceito! – Fossat cuspiu.

– Se desonrar sua palavra, mataremos você – disse Harcourt.

As palavras atingiram Fossat e pareceram pôr razão em sua mente apaixonada. Harcourt e os demais aguardaram.

– Eu compreendo – disse o nobre. – Garanto minha lealdade, que jamais mudará.

– Então vão lutar lá fora – disse Harcourt, e levou os nobres noite afora.

Cada um deles trazia uma tocha em chamas. Eles se posicionaram em círculo, em torno do campo de treinamento. O vento açoitava as chamas, mas a luz

bruxuleante não fazia diferença alguma para os homens que iam lutar. Soldados reuniram-se na escuridão, visto que Meulon permitira que fossem assistir. Escudeiros e seus pajens saíram de suas camas, nos estábulos, e juntaram-se, vendo aço colidir com aço.

Fossat segurava a espada com as duas mãos. Ele rasgou o ar com um golpe que pôde ser ouvido chicoteando o ar apesar do vento agressivo. Blackstone virou o corpo, e as lâminas se encontraram. O peso de Fossat aumentou o impacto, mas o equilíbrio de Blackstone era sólido. Ele permitiu que o golpe fosse executado, e deu um passo à frente, metendo o ombro em Fossat, forçando-o a se defender. O peso e a altura de Blackstone eram uma vantagem, mas Fossat era grande, habilidoso no combate corpo a corpo, e foi para a ofensiva com um ataque baixo, que Blackstone defendeu. A força do ataque foi como a de dois bodes da montanha que se cabeceavam. Os homens transpiravam, grunhindo com o esforço. Se Fossat pudesse usar as habilidades e os truques aprendidos nos inúmeros combates, ele venceria o mais novo. A espada de Blackstone rasgou o corpo dele como um chicote, rápida demais para que o francês pudesse fechar a guarda. Ele cambaleou, dando um passo para trás. Blackstone podia ter avançado e acabado com o oponente ali mesmo, mas esperou, e ambos tragaram o ar frio da noite para dentro de seus pulmões arquejantes. Fazia quase meia hora que estavam lutando, e Blackstone queria ver a defesa armada do outro, que ficasse claro, como evidência incontestável, que ele podia vencer, por sua habilidade com a espada, o respeito de que precisava. Os grunhidos e as exclamações não vinham apenas dos combatentes; os instintos de luta dos nobres faziam-nos contorcer-se e trocar os pés de posição, os ombros virando a cada novo golpe, fosse aplicado, fosse defendido. Cada palavra e cada golpe de punição que Harcourt deitara contra Blackstone estavam gravados na mente do rapaz, assim como o lobo saltitante fora cauterizado no metal fortificado. Ele movia-se com rapidez, mas Harcourt xingava o pupilo baixinho. Não estava se movendo o suficiente. Sua posição mudava apenas com ligeiras correções, um passo aqui e ali, mas nunca ganhando terreno, enquanto Fossat tentava de tudo para quebrar a defesa do oponente. Contudo, era como uma parede que não podia ser ultrapassada, e os esforços do inglês eram tão inúteis quanto as ondas tentando esmagar a rocha. E, entretanto, Blackstone deixava o homem se recuperar, permitindo que respirasse e limpasse o suor dos olhos, e esperava pelo ataque seguinte. *O que estava fazendo?*, Harcourt pensava. *Mexa-se, homem! Mexa-se!* E então lhe ocorreu que Blackstone estava demonstrando sua força. Estava mostrando ao inimigo que podia se mover igualmente rápido se desejasse, ou que poderia manter seu posicionamento e defender os ataques. Estava humilhando Fossat ainda mais.

Este deu um truque, e o golpe quase rasgou o braço torto de Blackstone. O nobre arfou. Fossat o atingira! Por um instante, o normando teve a vantagem, e cada amigo francês morto e humilhado em Crécy estava prestes a ser vingado com um ataque decisivo. Blackstone defendeu a lâmina com seu guarda-mão e a defletiu. Apesar de conseguir esquivar-se, o truque dera confiança a Fossat, e ele trouxe todo o peso num ataque contra o inglês.

Quando Fossat abaixou-se, procurando uma abertura, Blackstone permitiu que seu olhar passasse por cima do oponente e encontrasse o de Harcourt. A mensagem implacável nos olhos do conde foi evidente. Termine.

Blackstone cuspiu e sentiu a cota de malha pinicando por cima da camisa conforme seus músculos tesos juntaram a força que até o momento fora convocada apenas o necessário para se firmar ou defletir os ataques. Ela seria, então, trazida para a briga num ataque surpresa.

O dragão ergueu-se, as garras fincadas no peito dele. A carnificina em Crécy, o pesadelo que jamais o deixava em paz, avultou-se à luz vacilante das tochas. Corpos tropeçavam em sua mente, cavalos gritavam e o cavaleiro derrotava seu irmão. Bocas arquejavam e sangue jorrava. Um cavaleiro deitou a bandeira do príncipe sobre seu corpo caído, calado, depois gritos desesperados urgiam a manter a linha! Manter! Mas Blackstone avançara, abrindo caminho entre os inimigos, como um cortador de carne numa carcaça, escorregando sobre vísceras e sangue para dentro do massacre. Corpos partidos, rasgados e esmagados, gritos e lamúrias, palavrões e exclamações agonizantes.

Ele puniu o orgulho de Fossat com um ato de poder e desafio impiedoso e calculado.

E então ouviu o grunhido e sentiu o cheiro de suor ao chegar perto do oponente, empurrando-o contra os homens que portavam tochas, vendo uma delas cair e se apagar ao agarrar o homem pelo cinto e derrubá-lo no chão.

Com o rosto ensanguentado, Fossat fitou o inglês. Aterrorizado perante a morte, prestes a tomá-lo.

– Piedade! Piedade! – gritou uma voz desconexa.

– Thomas! – Harcourt disse. – Basta!

Braços o contiveram.

– Baixe a espada, Thomas. Acabou. – Harcourt foi até o homem caído perante os olhos brilhantes de Blackstone, e o protegeu. Depois, disse mais baixo: – Você venceu.

Harcourt acenou para os outros, que soltaram o inglês.

Os homens foram saindo, inquietos. Blackstone lutara para matar. Ainda que fosse ferido, todos compreenderam que algo dentro dele o teria impelido a isso.

– Jesus Cristo – Fossat murmurou, depois cuspiu sangue. – Jesus…

Harcourt ajudou o vencido a ficar em pé. Não havia mais raiva dentro dele. Até mesmo o sentimento de humilhação era incapaz de orientar sua mente rancorosa diante de tamanha derrota. Ele parecia aturdido com o resultado; pegou sua espada de um dos nobres e acenou, grato, para Harcourt.

Este acompanhou o homem ferido e exausto. Os nobres normandos fitavam Blackstone. Conheciam a luta, sabiam que homens eram capazes de rasgar os olhos uns dos outros ou esmagar um crânio com um elmo quando imersos no terror. E sabiam também que o que acabavam de testemunhar naquela noite era um lutador possuído de um tipo de poder conferido a poucos. Se divino ou satânico, não se sabia. Mas era de meter medo.

Foram embora, todos em silêncio. Ninguém dizia nada, e ninguém se aproximou de Blackstone. A mão que segurava a espada suava, e o nó do sangue apertava-lhe o pulso. Ele retirou o elmo e deixou que fosse ao chão, depois ergueu o rosto para receber a chuva. As sombras moviam-se conforme os soldados sussurravam entre si, retornando para seus quartos. O único que se aventurou à frente foi um pajem. Guillaume Bourdin parou e pegou o elmo de Blackstone.

– Limparei isto para você, milorde.

Ele fitou o menino e assentiu. Depois foi até o pátio de armas. *Piedade*, ele ouviu novamente aquela voz dizer.

Blackstone sabia que ela não existia.

Não dentro da fera que o arranhava por dentro.

Harcourt quis saber se Blackstone lembrava-se da luta. Sim, cada golpe e defesa. E se tinha deixado, propositalmente, que Fossat avançasse contra ele. Sim. Ele sabia que o homem se cansaria e sentiria mais medo quando fosse atacado, compreendendo que seria vencido. Blackstone estava ciente de cada pensamento e via cada lembrança e sentia tudo.

Harcourt reunira os outros no salão principal sem a presença do inglês. Eles empenharam todo o dinheiro que podiam e os poucos homens que podiam entregar após suas perdas em Crécy. Foi decidido que Blackstone teria trinta homens para si, uma dúzia de Harcourt, com Meulon como capitão. E homem nenhum abriria a boca para falar do envolvimento com o inglês. Somente ele, Harcourt, manteria aberto um canal de comunicação. No dia seguinte, os nobres retornaram a seus lares, e soldados de suas terras foram enviados para Harcourt, despidos de suas insígnias. Foram todos ordenados, por seus suseranos, a obedecer a Blackstone.

Harcourt explicara o máximo que podia a Blackstone.

– Christophe-la-Campagne, onde você encontrou o inglês, está sob controle do Abade Pierre. Ele apoia Philip com lealdade. Tem um pequeno monastério, uma dúzia de monges, nas estradas a alguns quilômetros de Chaulion. A chave para capturar Chaulion é controlar a estrada, mas como fazer isso, e como derrotar esse Saquet, depende de você, Thomas. O abade está protegido de ser atacado porque o papa está a favor do nosso rei e ele e o abade pagam a Saquet para controlar Chaulion, o que significa que ele protege também o abade. Esse bretão é uma criatura vil. Apesar de receber do rei, ele pode tomar o que quiser das vilas que se encontram dentro da diocese do abade. O divino Pierre, em sua hipocrisia, urge os aldeões a pagar pela proteção, para salvar a Igreja e suas próprias vidas de pecadores.

– Como sabe tudo isso? – Blackstone perguntara.

– Quando você retornou, enviei um monge do meu priorato para Chaulion. Fique longe da vila, Thomas. São apoiadores ferrenhos do rei francês, e Saquet vai sair e caçá-lo antes mesmo de você ter forjado um plano para tomar a cidade.

– Fiz uma promessa a William Harness, milorde – dissera Blackstone. – E aquelas pessoas saberão disso.

– Estará arriscando tudo logo de início.

– Eu dei minha palavra. Que outra honra poderia ter alguém como eu?

Quando os nobres deixaram o castelo, Jean e Blanche de Harcourt sentaram-se junto de Christiana e Blackstone. Foi combinado que, na tarde seguinte, eles se encontrariam na capela e o padre oficializaria o casamento. Harcourt e a esposa seriam as testemunhas.

– Não nos foi permitido nos casarmos na presença dos barões devido à minha vergonha? – Christiana perguntou.

– Ninguém sabe que está grávida. Não dissemos nada para manter seu casamento apenas entre nós – disse Blanche. – Não quisemos correr o risco de que eles falassem algo sobre isso. Um casamento no Natal é algo de que as mulheres farão fofoca, e se Gilles de Marçy ainda estiver na Normandia com aqueles homens, não queremos que ouça falar de nada.

Harcourt disse:

– Metade dos nobres da França deve ter nascido fora do casamento, Christiana. Cuidamos de você, agora, como o faria seu pai. O sacrifício dele não será desconsiderado nesta casa.

Blackstone evitou cruzar o olhar do conde. Não havia possibilidade de que

ele pudesse saber do envolvimento do inglês naqueles primeiros dias de invasão, mas a menção do pai da moça o deixava desconfortável.

– Precisa entender que Thomas estará em perigo, assim como esta família, caso o que ele faça seja associado a nós. Ouvimos notícias de Paris de que meu tio foi obrigado a usar um cabresto em torno do pescoço e nada mais do que uma camisa, e o fizeram desfilar assim pelas ruas. O rei poupou-lhe a vida, mas a humilhação foi completa.

Blanche disse:

– Não lhe resta mais aquela alegria jovial, Christiana. Você, agora, é uma mulher, e vai ficar conosco até que Thomas retorne.

– E se ele falhar, falhará sozinho – Harcourt acrescentou. – Por ora, seu casamento deve permanecer secreto. Esse contrato entre vocês garantiria uma vida de penúria não fosse o que Thomas concordou em realizar. Seu sucesso determina não apenas o seu bem-estar, mas também o nosso.

Christiana fez que compreendia. Casar-se com um homem por afeição ou amor era raramente permitido e jamais considerado bom casamento. E Thomas Blackstone era paupérrimo. Se Jean e Blanche não fossem seus guardiões, a moça poderia ter acabado num convento ou num bordel, ou poderia ter sido estuprada e morta por Gilles de Marçy.

Harcourt limpou o vinho dos lábios com um guardanapo dobrado.

– Além disso, você devia ter sido anunciada muitos anos atrás. Era algo que seu pai deveria ter considerado com mais seriedade. Uma garota, quando passa dos 12 ou 13 anos, enfrenta grande dificuldade de arranjar um bom casamento – ele disse, recebendo um olhar de reprimenda da esposa.

– Meu senhor e marido acha que a afeição cresce somente ao longo dos anos. Nunca havia vivenciado isso na juventude. – Ela fez uma pausa e sorriu. – Somente quando se casou comigo.

– Emoções descontroladas são coisa de mulher, Blanche. Se Thomas perdeu tempo aprendendo palavras gentis de poesia, deve ter chegado à mesma conclusão. – Ele fitou o inglês. – Isso foi algo em que falhou. Aprender as habilidades do amor cortês é uma forma de honrar sua amada, Thomas. Vamos à guerra e lutamos por causa do amor que temos por nossas esposas. – Ele devolveu o olhar de Blanche, que conhecia muito bem. *Fique quieto e guarde suas palavras*, ela dizia. – Ele não tem nada para oferecer à garota, até onde eu sei, exceto sua força e coragem, e o amor que sente por ela. Embora eu ousaria dizer que será o bastante.

– E ambos são abençoados com nossa amizade. São mais ricos do que muitos, milorde – Blanche acrescentou.

A condessa não permitiria que o esposo arruinasse ainda mais uma

cerimônia secreta de casamento. Um dia no qual a noiva era forçada a sufocar sua alegria. Harcourt teve de ceder graciosamente. Se não cedesse, as noites de inverno poderiam tornar-se cada vez mais frias e longas.

– Sim, e foi merecida, Thomas Blackstone. Existe muito chão para transpor antes que eu o deixe solto junto de pessoas educadas, mas você provou-se digno para mim, sem dúvida. Mas não haverá uma nota de casamento, nem banquete de celebração. Os músicos foram pagos. Portanto, o dia de vocês será de silêncio, como qualquer outro. E é assim que deve ser. Combinarei com o padre de nos levar até a capela e realizar a cerimônia sem o costume usual da leitura de proclamas.

Blanche ergueu as sobrancelhas. Havia mais uma coisa a ser dita, mas Harcourt fez careta.

– É mau negócio, Christiana? – Blackstone perguntou gentilmente, como se enxergasse dúvidas nela.

– De minha parte, é o melhor dos negócios, Thomas, e você não deve duvidar. Encontrou-me neste castelo e levou-me até Sir Godfrey, depois arriscou sua vida novamente por mim. Há mais do que gratidão envolvida. Eu o amarei para o resto da vida, assim como a nosso filho.

Blackstone estendeu a mão e envolveu a dela.

– Não dê muita atenção ao que meu senhor diz. Há muita alegria em nosso caminho, e estaremos juntos assim que eu conseguir um local seguro para nós. Sou responsável por você agora, mas meu senhor Jean, e sua boa senhora, Blanche, protegerão você até que eu a mande buscarem.

Blanche de Harcourt estivera esperando que o esposo cumprisse o combinado.

– Meu senhor e marido também oferecerá a Thomas um dote em nome de seu pai.

Christiana pegou a mão de Harcourt e a levou aos lábios.

– Milorde. Deus abençoe sua bondade e generosidade. Farei uma oração por você todos os dias para o resto da minha vida.

Harcourt suspirou e afastou a moça, para que ela e Blanche pudessem se abraçar.

– Fizemos apenas nossa obrigação, criança. Como Deus foi colocar vocês dois sob o meu teto ainda é mistério, mas nós honramos as vontades dele, embora os caminhos que ele escolha me deixem mais perplexo do que minha esposa. – Ele abriu os braços em súplica. – Agora podemos comer? Casamentos são arranjados para qual seja o propósito adequado. Toda essa conversa de amor eterno e ter filhos está chafurdando como um verme no meu estômago, demandando alimento.

No dia seguinte, os quatro foram até a capela e ajoelharam-se perante o padre, como se fosse um momento regular de oração. O padre foi bem pago e fez como Harcourt instruíra. Orações especiais foram ditas dando graças à vida de Sir Godfrey e depois o padre rezou a missa nupcial. Blanche deu a Christiana um de seus vestidos de veludo cinza e lavanda, bordado com prata, adornado por um colar de pedras preciosas. Sobre os cabelos trançados, que foram lavados com água de alecrim, Blanche arranjara uma filigrana de ouro.

Blackstone rendera-se ao ritual e tomara banho. Vestia roupas limpas e uma túnica, e dividira os cabelos ao meio. Harcourt instruíra Marcel para aparar os bigodes de Blackstone, que agora lhe pinicavam o rosto e a cicatriz esbranquiçada. Marcel era o único criado em quem confiavam o bastante para saber da cerimônia. Sem dizer nada, o homem suspeitava do motivo pelo qual o casamento fora arranjado tão às pressas. Esses eventos deixaram o inglês brevemente aturdido, e, para a noite de núpcias, Blanche preparara um quarto de hóspedes digno de um nobre e sua noiva, embelezado com pétalas secas de rosas e perfume.

– Não tenho uma joia para presenteá-la – Blackstone disse à moça quando sentaram-se nus perante o calor do fogo. Ele estendeu a palma da mão, mostrando-lhe a moeda de prata cortada finamente em duas. – Mas aqui está um símbolo do meu amor por você. Onde quer que estejam as metades, lá também estaremos. Completos. Como um.

Ele beijou a esposa ternamente e torceu para ter se lembrado corretamente das palavras que lera num dos livros de Harcourt.

Dias depois, quando despediu-se com um abraço da esposa e recebeu os votos de bom retorno de Blanche, foi levado a um canto por Jean de Harcourt, antes de partir junto dos vinte homens armados.

– Honra e glória serão suas com o tempo, mas pondere sua espada com compaixão pelos que a merecem, Thomas. Para os que não, finque o medo de seu nome em seus corações.

Parte Três

SUSERANO

Capítulo vinte e três

A Epifania do Senhor, doze dias após o dia de Natal, celebrava a chegada de três sábios, os Magos, trazendo presentes para a criança santa. Mas naquele dia ermo em especial, Blackstone não trazia presente algum de boa vontade.

– Você nos concederá piedade – disse o aldeão cujo rosto contorcido Blackstone fitava do alto do cavalo. O homem zombou e riu ao olhar para trás, para os mais de trinta aldeões armados com forquilhas, podadeiras e machados. Não estavam dispostos a ceder a um cavaleiro pobre junto de apenas dois homens. Meulon e Gaillard fitavam a multidão com ansiedade.

– Então acha que eu deveria conceder leniência àqueles que torturaram um homem desarmado, mensageiro do Rei da Inglaterra? – Blackstone perguntou.

O aldeão deu um passo à frente, ameaçador, erguendo a podadeira.

– Melhor seguir seu caminho, inglês maldito. Nosso protetor, Saquet, *le poigne de fer*, ficará descontente se nós mesmos o matarmos, mas não vai nos castigar se cortarmos uma ou duas pernas.

Alguns dos homens riram, ficando mais corajosos a cada minuto. Matar o mensageiro inglês foi fácil, mas três homens armados em cavalos poderiam causar-lhes ferimentos. Blackstone ainda não havia sacado a Espada do Lobo quando pôs seu cavalo a andar. Duvidoso, o aldeão recuou.

– Esse tal Punho de Ferro de quem vocês falam. Já ouvi falar dele. Dizem que é forte como um touro e duas vezes mais burro. Estou aqui para punir, não ser ameaçado.

– Demonstra ter nervos, ao vir até aqui. Parta antes que o ataquemos! – o homem gritou, encorajado pelos demais, mas essa coragem toda desapareceu assim que gritos de mulher rasgaram o ar matinal. Os homens se viraram. As chamas consumiam três casas. Homens armados de tochas saíram da floresta, num colar de fogo.

– Não haverá piedade hoje – disse Blackstone, envolvendo com os dedos o

punho da espada.

As casas ardiam vivamente quando todo homem, mulher e criança que não haviam escapado dos soldados foram arrebanhados na enlameada via pública. A fumaça amarga os varria, e as lágrimas de medo e autopiedade misturavam-se às suscitadas pela fumaça. Blackstone teve pouca dificuldade de identificar a meia dúzia de homens que haviam enjaulado William Harness como um porco aguardando o abate e que haviam matado o amigo deste. Por medo, os aldeões logo acusaram uns aos outros, entregando os responsáveis pela emasculação e morte do mensageiro mais novo. Foram obrigados a cortar da corda o corpo violado do rapaz e enterrá-lo numa vala profunda, para que os animais selvagens não pudessem fuçar nos restos mortais dele.

E então, enquanto soldados continham as mulheres desesperadas, Blackstone enforcou os líderes e pôs fogo em suas casas. O ferreiro local, que marcara William Harness, foi segurado e queimado com a mesma marca de flor de lis na testa. Após essa justiça, todos os homens, mulheres e crianças ajoelharam-se na lama e imploraram ao inglês que os poupassem.

– Cavalgarei em direção à costa para encontrar outros aldeões que maltrataram os mensageiros de meu rei – Blackstone lhes disse. – Saquet não pode mais protegê-los. Lembrem-se disso. Eu me compadeci e mostrei-lhes clemência. Devia mandar marcar cada um de vocês e mandá-los para a floresta, para sobreviverem como as bestas que são. Lembrem-se de meu nome e de que eu lhes dei a vida.

Blackstone deixou a vila, seguido de seus homens.

– Acho pouco provável que vão pensar em você como a Virgem Maria disfarçada. Está mais para a Morte mesmo – disse Meulon.

– De todo modo, eles se lembrarão – disse Blackstone.

– Não podemos cavalgar até a costa, Mestre Thomas – disse Gaillard –, esses aldeões vão correr como coelhos para Chaulion, e teremos Saquet vindo logo atrás de nós.

– Claro que vão. É isso que eu quero – disse Blackstone.

– Acha que podemos vencer uma luta campal aqui? Eles vão nos emboscar assim que tiverem chance. E acredito que estão em maior número, talvez três vezes mais soldados que nós – disse Meulon, somando sua voz às preocupações dos homens. O inglês podia até ter os colhões de um touro, mas isso não significava que não pudesse ser derrubado por um bando de lobos raivosos.

– Não vamos à costa. Saquet vai passar quase uma semana procurando por

nós. Precisava tirá-lo um pouco do caminho por um tempo. Estaremos esperando quando ele voltar. Deve-se escolher o campo de batalha. Encontre uma estrada que leve ao monastério em Chaulion e dê tempo suficiente para que nosso aldeão faça o serviço.

Blackstone esporeou seu cavalo, forçando os outros a segui-lo. Cavalgar com os homens trouxera-lhe uma sensação inesperada de liberdade. Como comandante, o inglês liderara vinte arqueiros, e tinha agora número similar sob seu comando. Esses soldados comuns eram homens simples, descomplicados. A experiência o enchia de esperança, tirando-o dos confins do castelo, com suas regras de comportamento. Christiana estava segura, e ele receberia um dote modesto, e se fosse bem-sucedido em tomar pelo menos uma cidade, conseguiria justificar a confiança de Harcourt. Ele já havia demonstrado que suas ações eram temperadas com indulgência, e quando ele enforcou os líderes na vila, o fantasma de Sir Gilbert estava ao seu lado, assinando embaixo. Levou mais alguns quilômetros para entender o que havia mudado nele. Estava feliz.

Pela manhã seguinte, sentaram-se na encosta de um morro, de onde viram o panorama congelado, sem vida. Dava para perceber com bastante clareza que não havia muito movimento na encruzilhada desde a última nevasca. Era um monastério pequeno, de um andar, concebido como eremitério de reclusão em tempos antigos e depois construído ao longo dos anos conforme outros procuravam a solidão e a vida reflexiva dos monges. Com o tempo, esse autossacrifício do trabalho pesado se abrandara para os monges, que se valiam de seus irmãos para fazerem todo o trabalho manual. Os aldeões pagavam dízimo e lavravam a terra – trabalho que poderiam ter empregado com mais utilidade em suas próprias magras plantações. Os monges faziam orações a cada três horas, dia e noite. Era uma vida que lutador algum que Blackstone conhecera poderia contemplar, embora tivessem como benefício a cerveja e o vinho – e não era incomum que um prior ou um abade tivesse uma amante para outros confortos mundanos.

Fumaça espiralava, saindo das chaminés do monastério. Tinham calor, então não viviam tão desconfortáveis em sua reclusão. Algumas das paredes exteriores haviam ruído, mas a estrutura principal ainda se sustentava e era mantida em bom estado pelos monges. Uma ponte de madeira e pedra cruzava o rio, que era raso em alguns pontos, como indicado pelos seixos que impediam o gelo de se formar. Mas as porções de água parada mostravam haver poças profundas, que haviam sido congeladas. Uma tentativa de cruzar sem uso da ponte seria dificultosa. Nos dias do passado, os monges deviam ter contemplado a importância de construir uma ponte assim, e Blackstone pensou que o abade, muito provavelmente, cobrasse pedágio.

Ele reparou que alguns dos armazéns de depósito e estábulos haviam caído em total abandono, portanto, ao longo dos anos, o monastério trouxera tudo para dentro das paredes do prédio existente. Isso fazia sentido porque, assim, os mercenários e os ladrões banais teriam que escalar as paredes para roubar grãos ou bebida.

– Por que estamos aqui? – Meulon perguntou. – A cidade fica a quilômetros daqui.

Blackstone apontou para a estrada serpenteante que levava a uma direção.

– Chaulion está para lá, e parece que cavaleiros passaram por aqui faz um ou dois dias.

– Saquet, procurando por nós – disse Meulon.

– O abade está sob proteção de Saquet, e o rei lhe oferece apoio. Suas mãos serão macias, sua barriga, gorda. Não existe resistência dentro de um homem resguardado. Fraco, com boa comida, vinho e uma cama quentinha.

– Parece-me muito bom – disse Gaillard, e os outros homens murmuraram, concordando.

– E quando homens como nós aparecem para pegar tudo, o que acontece? – disse Meulon. – A pessoa ganha um chute no traseiro e um pote para esmolas e uma puta para mantê-lo, isso se tiver sorte.

– Jesus, Meulon, uma teta macia e um jarro de vinho não é pedir muito – Gaillard respondeu.

– Melhor manter sua mãe fora disso, Gaillard – disse um dos homens.

O soldado levou o insulto na brincadeira e aceitou mais piadas dos homens. Meulon voltou sua atenção para o horizonte, para o qual Blackstone apontava, fazendo observações.

– É uma boa locação para um monastério, o cruzamento. Se um homem que soubesse disso derrubasse aquelas construções velhas e reconstruísse uma parede, seria possível impedir qualquer um de usar a estrada. Poucos homens poderiam controlar a passagem do comércio, e qualquer um acharia difícil vaguear pelo rio – disse ele.

Meulon ergueu-se sobre os estribos e olhou para os lados.

– O terreno fica mais baixo, depois se ergue ao longo do rio, então poderia ser um bom ponto estratégico para ter controle.

Blackstone sorriu. Era exatamente isso que ele achava.

Meulon suspirou, e assoou o muco gelado do nariz.

– Está enfiando um graveto em ninho de vespas, é o que está fazendo. Interferiu em uma das vilas dele, e agora vai tomar o monastério. Saquet vai ficar muito irritado com você – disse ele, e depois sorriu. O inglês era como piolho de cama: entrava por baixo da pele, e fazia a pessoa se coçar até sangrar.

Blackstone e seus homens guiaram os cavalos morro abaixo. Estava ficando mais frio, e uma coisa de que o rapaz tinha certeza era de que os homens odiavam enfrentar o inverno. Era o momento em que as batalhas faziam uma pausa. A grama para os cavalos era escassa, e os homens precisavam de alimento e calor para lutar com eficiência. Ele torceu para que a busca maluca de Saquet lhe desse o tempo de que precisava para dominar a estrada que levava a Chaulion.

Chegou uma voz que gritava do portão principal:

– Você aí! O que está fazendo? Saia daqui! Saia!

Blackstone e seus homens estavam levando as pedras caídas de uma das paredes arruinadas até a ponte. Quase não paravam para descansar. Já fazia três horas que amanhecera.

– Estava em oração, bom irmão? – disse Blackstone. – O dia será bonito, acho. O céu está limpo. Frio, sim, e o vento voltará, suponho, então teremos aquela chuvinha chata e neve também. Não importa, terminaremos tudo em poucos dias.

O monge perplexo deixou o portão aberto e, juntando as pontas do hábito, caminhou até onde os homens continuavam seu trabalho. Ele viu que a algumas centenas de metros, de ambos os lados, cavaleiros vigiavam a estrada.

– Está pegando as nossas pedras – disse o monge, incapaz de entender por que alguém faria uma coisa dessas.

– Sim. E são ótimas pedras – foi a resposta.

– Não são suas, não pode pegá-las!

Blackstone limpou as mãos na túnica.

– Mas você não precisa delas. Estão aí caídas na grama.

O monge abriu e fechou a boca como um peixe.

– O abade ficará sabendo disso.

Ele deu meia-volta, e Blackstone foi andando junto.

– Acho que o abade ficará feliz de doar suas pedras para a causa.

– Que causa?

Chegaram perto do portão aberto.

– Nossa causa – disse Blackstone. – Explicarei tudo ao abade quando o vir.

– Não pode vê-lo. Quem pensa que é? Ele não permitiria que homens armados entrassem aqui – protestou o monge.

– Aqui? – disse Blackstone, parado perante o portão, que abriu um pouco mais. – Pense em nós como peregrinos à procura de abrigo, irmão. Só que vamos

estender um pouco mais nossa chegada.

Blackstone levou o homem estupefato portão adentro. Meulon e os outros os seguiram. E assim tomaram o monastério perto de Chaulion.

Ninguém nunca havia ousado desafiar a autoridade do Abade Pierre. Nem mesmo o odioso e ameaçador Saquet tentara, já que o abade tinha o apoio do rei, e os mercenários entenderam os termos de seu contrato. O abade poderia também, muito bem, ter argumentado consigo que colocara os aldeões em perigo ao abandoná-los, mas Pierre, em sua mente, dera-lhes vida ao aliar seus objetivos aos dos mercenários. Uma justificativa simples para um homem simples e venal. Mas o conforto de sua consciência automassageada estava prestes a ser-lhe arrancado. O Abade Pierre tremia visivelmente. O rosto de Thomas Blackstone gerava-lhe um arrepio como água gelada descendo pelas pernas. O inglês se apresentara, mas sem a cortesia devida para com o *status* do abade.

– Está confinado em seu alojamento – o inglês disse, sentindo o aroma suculento de carne assada espalhado pelo ar. – E tem uma boa cozinha, tomando pelo cheiro. Porco assado é rico demais para monges humildes. Não importa, meus homens precisam de alimento.

– Está equivocado se acredita que você e seus capangas podem escapar à retaliação. Não fazem ideia da ira a que estão sujeitos.

– Não da sua parte, suponho.

– Sua arrogância é insuportável – o abade soltou.

– Um líder precisa ser arrogante, Irmão Abade. Você mesmo é um ótimo exemplo – Meulon retrucou.

– Não se preocupe, sua prataria e os artefatos estão salvos de pilhagem – disse Blackstone. – O rei Edward enforcava homens que saqueavam igrejas e monastérios. Não roubaremos seus sacramentos. Porém, você tem farpas da cruz, não tem? Para vender para os camponeses? Para dar-lhes esperança?

– É claro – disse o abade, com prudência. – Pretende levá-las?

– Vou queimá-las quando as encontrar.

– Que Deus perdoe tal violação – o abade sussurrou, fazendo o sinal da cruz.

Blackstone encheu a mão com a capa que o abade usava por cima do hábito, puxando-o para onde Gaillard esperava.

– Pedaços de madeira sem valor, raspados de qualquer resto de madeira e usados para abusar dos medos de um camponês ignorante. Oferece-lhes esperança de salvação e não precisa nem abrir-lhe as mãos para tomar o dinheiro

ganhado com tanto trabalho. Se cada farpa da cruz fosse tirada de cada monastério ou igreja, nosso Senhor Jesus Cristo teria que ter sido crucificado milhares de vezes em tantas cruzes. Reze para ser você mesmo perdoado. E volte para seus aposentos, seu corvo gordo, mandarei um dos irmãos levar-lhe pão e água.

A papada do abade balançou como geleia, a boca rosada incapaz de pronunciar qualquer palavra.

– Seus lábios são enrugados como rabo de gato – disse Blackstone, empurrando o homem para Gaillard. – Entenda uma coisa: sua vida fácil acabou. Quantos monges você tem aqui? Dez? Mais?

O abade sempre tivera uma compreensão muito simples de onde se encontrava o poder e quem o detinha. Ele juntou os dedos trêmulos e baixou os olhos. Um homem de origem humilde como o inglês obviamente precisava ter seu *status* de líder reconhecido.

– Sir Thomas. Este humilde monastério não pode interessar ao seu rei. Concorda?

– Isso cabe a mim decidir. Agora, posso procurar em todo canto e fissura e arrancá-los, ou você pode me dizer quantos monges existem aqui. Ou prefere uma dieta de uma semana de fome para perder essa banha toda?

O abade engoliu em seco. Se cooperasse, então pelo menos talvez lhe dessem carne, algo a que se acostumara. Não a comida modesta de um humilde monge. O cheiro da cozinha o fez salivar.

– Catorze monges e o mesmo número de irmãos leigos.

– Bom. Precisarei que todos eles ajudem meus homens.

– O que pode ser feito por aqui, oras?

– Tenho apenas alguns dias para construir uma muralha, e se eu achasse que colocá-lo para carregar pedra fosse benéfico, eu o açoitaria campo afora, mas você seria lento e incômodo demais. – Blackstone acenou para Gaillard, que se aproximou para acompanhar o abade até seus aposentos.

– Uma muralha? – A incompreensão, como se Blackstone falasse em outro idioma, somente piorou sua expressão de estupidez. – Os dias são curtos. Uma muralha?

– Você tem sebo e óleo, então teremos luz de tochas. Você verá. Será uma bela muralha.

Gaillard agarrou o confuso abade e o forçou a apertar o passo.

Blackstone virou-se para Meulon.

– Alimente os homens, e coloque os cavalos no estábulo. Depois faça um inventário da comida e suprimentos. Mantenha todos entre os muros até que organizemos grupos de trabalho. E ignore a tradição, mantenha-os armados.

Duas sentinelas o tempo todo. Dia e noite.

Meulon assentiu e saiu sem questionar. Fosse qual fosse o plano do jovem inglês, ele logo saberia, e estava contente por ter sido deixado responsável pelos homens. Nenhum deles havia feito muitas perguntas sobre por que foram colocados sob o comando de Blackstone, mas esse momento chegaria, então ele resolveu reunir todos e, à maneira dos soldados, arrancar qualquer descontentamento que pudesse estar brotando. Thomas Blackstone podia ser o comandante, mas Meulon ainda era o capitão e se certificaria de que não houvesse possibilidade alguma de dissidência.

Blackstone permaneceu no cômodo vazio, imaginando a vida corrupta do abade de conforto e calor quando devia ser de humildade e trabalho duro, de viver entre os pobres cheios de vermes, oferecendo cura e esmola. Caminhou sozinho pelo monastério, notando que o fogo da cozinha era bem alimentado, os sacos de farinha na despensa estavam secos, uma farinha mal moída. Talvez o abade não elevara tanto suas aspirações quanto poderia. A capela era modesta, mas funcional; a enfermaria, limpa, com bandagens de linho fervidas devidamente dobradas, os extratos, ervas e unguentos estocados e rotulados. Um monge mais velho curvou-se para ele e quando ele perguntou-lhe o nome, o monge juntou os dedos numa concha ao lado da orelha. Era o Irmão Simon; olhos claros, costas curvadas, e, embora a velhice tivesse lhe enrugado a pele das mãos, não mostrava tremor nos dedos. Blackstone sabia que o homem era capaz de fechar um ferimento com destreza. Ele não trabalharia lá fora, o inglês lhe explicou, e não lhe seria pedido que fizesse nada além do que já fazia. Músculos seriam feridos e ossos se quebrariam no trabalho com as pedras, as costas demandariam linimento, e os ombros precisariam ser colocados no lugar quando deslocassem.

A todo lugar que ia, estava tudo ordenado. Os irmãos leigos eram homens de pele grossa acostumados a trabalhar pesado em qualquer estação, ao contrário dos flácidos monges, a maioria corcunda e pálida de tanto curvar-se sobre os manuscritos. O modo como esses irmãos leigos paravam e curvavam as cabeças em respeito quando ele passava fez Blackstone pensar que deviam ser duramente disciplinados pelas ordens do prior, segundo instruções do abade. Eram esses homens que trabalhavam para servir aos monges autoindulgentes, enquanto estes esfregavam escrituras e copiavam suas páginas no calor do escritório. Após inspecionar as diversas partes do monastério, ele caminhou pela base da muralha até ter certeza de que estavam em boa conservação, tendo pouca chance de ser derrubada devido à pedraria mal ajustada. Havia sempre o risco de Saquet organizar um ataque antes de Blackstone encontrar um jeito de tomar a cidade. O monastério seria o abrigo seguro para seus homens e seu santuário até que ele

tivesse derrotado o mercenário, o Punho de Ferro.

As lanças e os escudos dos homens foram colocados lado a lado para que pudessem ser alcançados rapidamente caso soasse o alarme. Todos os homens carregavam pedras do terreno e dos prédios arruinados, que Blackstone ordenara que fossem derrubados. Os dois burros do monastério foram selados com cestos postiços e usados para carregar mais em suas ancas. Os dias de Blackstone na pedreira com seu mestre pedreiro ensinaram-lhe a organizar grupos de trabalho, e os monges passaram a cooperar com obediência depois que protestaram quanto aos horários de oração terem sido restringidos às matinas e vésperas durante os dias seguintes. Os monges, que haviam ficado preguiçosos por sua vida fácil de oração e escritura, teriam que suar mais para acompanhar seus irmãos leigos. A vida de um monge era de obediência, Blackstone lhes dissera, e as orações poderiam ser ditas enquanto trabalhavam. Deus ouviria do mesmo jeito, e o Senhor admirava aqueles que trabalhavam. Não era função do monge construir algo que fosse durar? Então ele, Blackstone, dar-lhes-ia a oportunidade de satisfazer Deus e se refamiliarizar com a obediência e a humildade. E ele prometera, para os que vacilassem, uma corda amarrada que os lembraria de como a fraqueza da carne podia ser banida.

Ele e Meulon criaram uma lista para que todos fossem alimentados e tivessem quatro horas de sono a cada período de doze horas. Os estoques de grãos do monastério estavam cheios, e havia peixe salgado suficiente e carneiro para sustentar toda uma vila durante um inverno inteiro, que dizer de uma dúzia de monges. Blackstone ordenou ao cozinheiro que preparasse e cozinhasse caldeirões de batata e garantisse que os fornos providenciassem pão para os homens. As cozinhas teriam que estar prontas para uso sem parar. Uma refeição principal de grãos nutritivos seria servida ao meio-dia, e a mesma comida confortante seria dada à meia-noite para os que trabalhavam nas duras horas da madrugada. Uma xícara de vinho quente com especiarias daria aos homens força para enfrentar a chuva gelada, varrida pelo vento norte, que podia arrancar a força de um homem em questão de poucas horas. Haveria peixe salgado após as matinas e pão com queijo após as vésperas; depois os grupos de trabalho continuariam à luz das tochas. Quando o céu de inverno escureceu no primeiro dia, um morro de pedras já havia crescido perto da ponte, e outro entre ela e o portão do monastério. As chamas das tochas dançavam a noite toda. Os monges que se mostravam frágeis demais para executar o trabalho pesado, ele os

mandava para as cozinhas, onde ajudavam os irmãos leigos, sofrendo a indignidade de ficar sob o comando destes, sendo instruídos para preparar a comida, lavar panelas e esfregar o chão.

Blackstone reuniu os homens e explicou o que tinha de ser feito. Pegou pequenas pedras e seixos e marcou os limites do monastério, depois a ponte e como as estradas se cruzavam e desapareciam floresta adentro, em direção a destinos desconhecidos. Todos os soldados, não importava a quem servissem, eram acostumados a construir fortes de um tipo ou outro; não era preciso ser sapador para construir paredes. Um bom colocador de pedras podia empilhar três ou quatro metros de parede dupla, e ele tinha trinta homens e o mesmo número de monges.

– Trabalharemos com os monges e os irmãos leigos. Temos dois, talvez três dias. Todos nós podemos colocar pedras e seixos, mas preciso de alguém que supervisione o trabalho e certifique-se de que a coisa toda fique em pé. Existe alguém entre vocês que já trabalhou com pedra?

Dois homens ergueram as mãos.

– Sou Talpin, construí o celeiro do meu pai quando era menino.

– E você? – Blackstone perguntou ao outro, um dos homens de Graville.

– Perinne. Construí uma parede na minha vila para impedir que os ladrões bretões entrassem, e eles não conseguiram passar.

– Bom. Então vocês dois ficarão encarregados de cada turno de trabalhadores – disse o inglês, notando que a elevação de responsabilidade satisfizera os rapazes. – Se eu tivesse opção, construiria uma parede dupla fincada na terra. – Os homens assentiram, concordando. – E depois plantaria um espinheiro para repelir intrusos. Mas não podemos, o solo é duro e trata-se apenas de defesa temporária.

Perinne pigarreou e cuspiu.

– Não, Mestre Blackstone, essa parede ficará aqui por anos. Do jeito que construímos paredes, no caso. Não sei dos homens do Conde Livay – ele disse, referindo-se a Talpin. – Aposto que esse celeiro caiu na primeira vez em que o velho peidou na vacaria.

Os homens fizeram mais piadas e brincadeiras uns com os outros. *Tudo bem*, pensou Blackstone. Estavam unindo-se num corpo de homens, apesar de serem soldados de diferentes suseranos. Talpin sorriu.

– Construí um celeiro, meu amigo; dois andares, abobadado. Nem mesmo os ingleses puderam derrubá-lo quando chegaram.

Os homens riram, mas logo se lembraram de quem os comandava. E ficaram em silêncio.

Blackstone preencheu o momento de tensão com uma resposta rápida.

– Se os ingleses não conseguiram derrubar esse celeiro e os bretões não conseguiram cruzar essa parede, então vocês são os homens ideais para o trabalho. – Isso animou a todos novamente. Ele prosseguiu: – Tudo o que podemos fazer é dificultar a vida de quem tentar passar por nós ou derrubar a parede. Pedra dupla na base, pedras maiores para apoio. Só pedra, sem argamassa, sem pedra cortada, escolha um formato e coloque. Mostre aos monges, caso nunca tenham feito isso na vida, embora aposto que alguns já tenham, e os que não aprenderem rápido o bastante, use-os para carregar as pedras. Construiremos as paredes à altura do peito…

– Seu peito ou nosso? – gritou um dos soldados, fazendo os homens caírem de novo no riso. Meulon esperava, paciente, sem dizer nada. Como Blackstone, sabia que a cada vez que esses homens rudes e dispostos insultavam uns aos outros e depois, cautelosamente, mas, com respeito, cutucavam o homem de posição superior que os liderava, isso os unia ainda mais. Não era algo que qualquer homem ousaria dizer a um lorde francês; nem, pensou ele, um inglês se arriscaria com um homem de posição. Mas aquele inglês tinha um jeito com os homens, e parecia capaz de aceitar o humor de um guerreiro.

– De um metro e quarenta… – disse Blackstone.

– Ah, isso é o baixinho do Renouard! – disse um dos homens, e todos brincaram de novo.

– Com vinte e dois centímetros no topo – disse Blackstone, aquietando-os. A promessa de vinho quente e porco assado já havia aparado quaisquer arestas de dúvida quanto à difícil tarefa que tinham pela frente. – Sessenta centímetros na base, acima das pedras de fundação, e trinta centímetros sob a cúpula. Espalhem pedras não utilizadas pelo terreno, junto com galhos quebrados e árvores caídas; isso deve atrapalhar qualquer um que tente pular correndo.

Talpin e Perinne concordaram. O inglês sabia do que estava falando.

A escuridão era amiga de Blackstone. Ele sabia que nenhum homem de Chaulion se aventuraria quilômetros floresta adentro à noite. O vento fantasmagórico que gemia por entre as árvores botaria medo nas almas dos homens, independentemente de sua devoção. E ainda que Saquet ignorasse o aviso dos aldeões assustados daquelas bandas sobre os mercenários ingleses e franceses, ele viria horas após o amanhecer. Blackstone esperou pacientemente que Meulon posicionasse alguns dos besteiros numa emboscada na frente do forte, apesar de recear que, após terem atirado a primeira saraivada, ficariam vulneráveis devido ao tempo que levavam para recarregar. Seus pensamentos o fizeram desejar o grupo de arqueiros valentes do qual um dia fora um membro. Se ao menos tivesse meia dúzia deles, poderia lutar contra o triplo de invasores. Meulon garantiu que, se houvesse um ataque, os primeiros cavaleiros seriam

derrubados, e, quando os de trás forçassem seu caminho por entre os galhos baixos, os besteiros já teriam recuado. Conforme continuava a construção da parede, ele e Meulon mantinham-se alertas. Até mesmo os comandantes mais cautelosos podiam ser surpreendidos, então lhe satisfazia aproveitar o tempo para tomar precauções. Homens violentos raramente exercitavam sua paciência, mas, para os que o faziam, a vitória podia ser alcançada com mais facilidade. À primeira luz, não viram cavaleiros, e ninguém apareceu na linha do horizonte. Era hora de fazer um reconhecimento na cidade.

Em questão de uma hora, ele e Meulon encontravam-se nos morros que se erguiam quase trinta metros acima de Chaulion, a vertente ondulante curvada como uma onda de calcário. Blackstone e Meulon tomaram uma rota circular, desmontaram e foram andando com os cavalos por entre os galhos baixos. A cem metros da borda, amarraram suas montarias e foram agachados, até que deitaram-se no chão da floresta e colocaram-se a estudar a cidade. O vento fresco varria a fumaça que saía das casas, e as sentinelas que se encontravam acocoradas nas torres de observação, localizadas opostas uma à outra na muralha da cidade, seriam alertadas apenas por alguém que se aproximasse por uma clareira da floresta.

– Sabe quantas pessoas vivem aí? – perguntou Blackstone, sem virar o rosto para Meulon, que estava bem ao lado. Ele sentiu o homem dar de ombros.

– Não faço ideia. Podem ser mil pessoas abarrotadas, dez em cada quarto ou um terço morando nas casas. Deve haver comerciantes, ferreiros e padeiros, coisas do gênero, mas veja, é só uma vila cercada por muros. A praça central é onde Saquet deve morar, provavelmente numa casa de mercador. Isso aí era uma boa rota de comércio, antes de ele tomar, mas não mais.

Blackstone procurava ver algum movimento por detrás dos muros da cidade. Estava quieto o bastante para que acreditassem que Saquet já havia partido para perseguir o inglês.

– Acha que ele está de cama, esperando passar o inverno? – ele perguntou.

Meulon fez que sim.

– Ninguém gosta de cavalgar e lutar nesta época do ano. Ele deve ter estocado grãos para se alimentar tão bem quanto o abade, e vai dar a maioria para seus homens, isso significa que o povo vive de rações pobres, o que mantém todo mundo fraco demais para tentar qualquer coisa.

As sentinelas mal se mexiam. Com as costas escoradas nas paredes das torres de observação, tentavam ganhar toda proteção possível do vento açoitante. *Deviam senti-lo mais ainda nessas torres,* pensou Blackstone, *e deviam ficar de cabeça baixa, os miseráveis.* Ele estava para mandar Meulon voltar para o cruzamento quando o vento trouxe um grito de dor vindo das paredes da cidade.

As sentinelas viraram-se, preguiçosas, e olharam para a praça que nenhum dos dois observadores podia ver, mas a falta de alarme das sentinelas indicava que o som não era incomum em Chaulion e não significava ameaça para os mercenários remanescentes. Em questão de momentos, o grito agonizante foi trocado por um riso abafado, vindo também da praça.

– Estão machucando algum pobre coitado – disse Meulon. – E se divertindo.

Uma das sentinelas falou com os que estavam embaixo, na praça invisível, mas suas palavras não alcançaram Blackstone.

– Ouviu isso? – ele perguntou.

Meulon fez que não. Outro grito de dor ergueu-se por cima do barulho do vento.

– Ele está mandando as pessoas lá de baixo machucarem a pessoa de novo. Malditos. Me deu vontade de ter alguns dos seus arqueiros ingleses, para derrubar esses homens agora mesmo.

Blackstone ficou em silêncio, descansando o queixo nos punhos, olhando para a cidade.

– Como tomaremos Chaulion? – ele perguntou. – Não podemos fazer um cerco. Não vejo nenhuma parede consertada neste lado para derrubar. Não sei. Poderia fazer uma emboscada para Saquet antes de ele voltar. Mas aí… não sei quantos homens ele tem.

– Está me perguntando ou falando sozinho? – Meulon indagou.

– Perguntando.

Meulon suspirou e manteve os olhos na cidade cercada por muros. Thomas Blackstone tinha coragem e loucura suficientes em si para botar medo até no demônio, mas estava preparado para pedir conselhos a um soldado mais velho, como Meulon.

– Escalar é o melhor – disse ele. – Construímos escadas, colocamo-las nas paredes à noite e matamos o máximo que pudermos enquanto tivermos tempo. Antes que Saquet retorne.

– Já fez isso antes?

Meulon tirou o elmo e coçou a cabeça, depois enfiou um dedo nos cabelos emplastados e retirou um piolho.

– Algumas vezes. Lord de Harcourt não gostava. Achava que era um jeito desonrado de lutar, digno apenas de mercenários.

– Mas você não concorda.

Meulon esfregou os dedos, matando o piolho.

– Por que acha que ele me mandou vir com você?

Blackstone voltou a estudar a muralha. As torres de observação ficavam a leste e a oeste. Uma oferecia o panorama da estrada que vinha do monastério, a

outra, de uma trilha única que desaparecia em meio ao terreno elevado e à floresta após duzentos metros.

– Essas paredes têm seis metros de altura.

– Oito – Blackstone corrigiu o soldado. – Por onde podemos pular? Esta parede mais perto, que acha? É a mais sombreada pela floresta, e deve fazer a maior sombra à noite.

Meulon estudou o céu, sugando um pedacinho de galho caído, esfregando-o como se limpasse os dentes.

– Não. Aí não. O vento vem do norte. – Ele apontou. – Aquele canto a nordeste é o mais frio, a parte mais úmida da cidade. E tem um fosso quase dois metros mais baixo. Será um bom esconderijo. Se uma sentinela passar pela muralha, o que aposto que não fazem, porque são preguiçosos, não deve demorar-se ali. Vão virar as costas a esse maldito vento. Se entrarmos por ali, as duas sentinelas, nas torres, estarão vigiando o outro lado.

– Não posso levar homens para dentro de uma cidade a não ser que saibamos contra quantos vamos lutar. Sabemos que há sessenta deles ou mais, mas quantos Saquet levaria para nos perseguir?

Meulon jogou fora o graveto mastigado e recolocou o elmo.

– Você o desafiou e ameaçou. Somos trinta; ele levaria, pelo menos, quarenta. Se há vinte ou trinta homens lá dentro, seria bom saber onde estão, porque precisamos que a surpresa nos favoreça, do contrário será complicado termos vantagem. E não há como saber qual será a reação da população.

Blackstone pensou em tudo rapidamente. Era responsabilidade dele tomar a cidade. Não, era mais do que isso, ele disse a si mesmo. Era sua ambição. Tudo o que se perdesse ou ganhasse seria culpa dele. Não queria retornar aos normandos tendo deixado para trás a maioria de seus homens morta num campo de batalha gelado.

Blackstone retornou ao monastério, onde Meulon deixara os irmãos leigos construindo uma escada. A muralha começava a ganhar forma. Enquadres de madeira foram erguidos, mais largos na base do que no topo; eram os moldes para manter a parede o mais consistente possível. A relva fora arrancada para desenhar corretamente o formato da parede, e depois fios de barbante foram esticados, tesos, entre os enquadres, para guiar os pedreiros. Talpin e Perinne usaram prumos para garantir que ficasse tudo reto. A cada camada, a parede cresceria e seria conectada por pedras de ligação a cada metro. Blackstone gostava do que via. Os homens sabiam o que estavam fazendo. As pedras eram colocadas com um ligeiro ângulo para baixo, para escoar a chuva. E, conforme

cada metro era construído, um grupo de monges derramava baldes de pedras menores e seixos no buraco. Não ficaria tão sólida quanto Blackstone queria, mas a velocidade com a qual os homens trabalhavam era de seu agrado. Quando os turnos trocavam, eles contavam quantas pedras haviam sido alojadas. Nem Talpin nem Perinne queria ser ultrapassado pelo outro, e essa competição dominou os homens. O ritmo de trabalho aumentou, tendo eles formado alianças para superar o turno anterior, o que, por sua vez, causou desespero entre os monges, até que o prior, Irmão Marcus, enxergou a salvação no trabalho mais pesado. A competição era Deus mostrando-lhes o caminho, ele disse. Quanto mais cedo completassem a parede, mais rapidamente poderiam retornar à sua vida de orações. A empreitada árdua garantir-lhes-ia alívio do jugo do inglês.

Blackstone notou a mudança; Talpin e Perinne também.

– Eles seguem o prior por vontade própria? – ele perguntou aos construtores.

Talpin disse:

– Parece que sim. Pelo que entendo, o abade foi colocado aqui um ano ou mais atrás, quando a casa Mãe livrou-se dele. Os monges não o desejavam. Quando o abade morreu, votaram no prior. De algum modo, o Abade Pierre tinha conexões e tivera o apoio do rei e fora colocado aqui. Quem poderia contrariar? Os aldeões cuidam da terra; ele coleta o dízimo e fica sentado em seu traseiro gordo.

– Eles parecem dar ouvidos ao prior, no entanto – Perinne confirmou.

– Bom. Estão satisfeitos com o trabalho deles?

Perinne fez um gesto, abrindo o braço.

– Pode ver por você mesmo, Sir Thomas. O trabalho da noite redobrou nossos esforços. Sim, estão trabalhando bem.

Blackstone ficou contente com seus construtores.

– Então, encorajem-nos. Não batam neles.

Os dois normandos se entreolharam.

– Uma corda contra costas preguiçosas não é punição, Sir Thomas – disse Talpin.

Blackstone assentiu.

– Trabalhei numa pedreira desde os 7 anos. O pedreiro me açoitava todo dia, até que o mestre pedreiro viu meus esforços e conteve o chicote. Façamos o mesmo por eles. Elogiem o trabalho. E, para cada metro colocado à frente do programado, daremos aos homens e aos irmãos porções extras de pão e, no final de cada turno, mais vinho e cerveja. Informem isso ao cozinheiro.

Por um instante, pareceu que Talpin e Perinne fossem contestar a ordem, mas eles compreenderam o valor que tem o pão fresco para um homem, e a promessa de cerveja extra era melhor que pôr uma maçã na frente do burro. A

promessa de seus suseranos de pagamento total enquanto servissem a Blackstone e a possibilidade de conseguir ainda mais com a aventura era motivo suficiente para fazer juras de silêncio e obediência. A primeira, negando a quem de fato eram leais, e a segunda, obedecendo ao jovem inglês. Todos aqueles homens seguiram seus senhores na batalha. Tinham visto a estupidez e o desdém para com suas vidas tomar muitos de seus parceiros. Até o momento, Blackstone evitara ambos. Só por falar francês, não deixava de ser inglês maldito, e arqueiro, ainda por cima, embora isso começasse a ser perdoado, conforme eles começavam a ver emergir um homem igual a eles – um soldado que conquistava posições por capacidade e coragem.

Era possível conviver com isso.

Capítulo vinte e quatro

Antes do cair da noite, Blackstone levou vinte homens para a floresta. Deixara dez vigiando o monastério, garantindo que os monges ficassem confinados nos dormitórios. Os que levou consigo traziam duas escadas para pular as muralhas sob a capa da escuridão. Nuvens esparsas eram carregadas por um vento intenso, atropelando-se pelo céu. Havia um fosso escuro na base da parede, frio por jamais ter visto a luz do sol, e onde juntava neblina durante boa parte do dia e da noite. Era um local úmido, com um cheiro de tumba.

Blackstone tomara uma decisão que Meulon considerara estúpida, e discutiram aos sussurros para que suas vozes não chegassem até as sentinelas. Blackstone queria pular o muro sozinho para fazer um reconhecimento da cidade. E então, quando tivesse melhor entendimento de como se organizava, retornaria e levaria os homens para dentro. Era loucura, foi o que Meulon disse a ele. Ao pular o muro e descer na ameia, o próprio Blackstone começou a pensar que talvez o capitão tivesse razão. Talvez teria sido mais inteligente trazer os homens e procurar os inimigos nos confins das ruas da cidade. Uma lanterna balançava num canto da praça. Sua luz fraca quase não mostrava as três sombras quase imóveis no centro do espaço aberto. Blackstone agachou, deixando seus olhos seguirem as linhas da parede e forma da sentinela que ficava em cada uma das torres. Meulon tinha acertado, pelo menos, quando disse que eles estariam envolvidos em suas capas, dando as costas ao vento. O inglês moveu-se, ligeiro, e desceu os degraus que levavam à praça. A cidade parecia ser composta de uma bagunça de casas com alamedas estreitas entre elas. Aqui e acolá, algumas das casas tinham dois andares, mais fortificadas com pedra e madeira, enquanto outras achatadas, feitas de palha, com buracos para fumaça abertos no telhado.

O inglês circulou a muralha em torno da praça central, usando as sombras para impedir que vissem seus movimentos. O coração batia muito forte diante do receio de, a qualquer momento, trombar com alguém que dormia ou perturbar

uma sentinela, para depois tocarem o alarme, fazendo-o subir às pressas as escadas de volta para onde Meulon e os demais se acocoravam, do outro lado da parede, à espera da ordem para subir e atacar. Ele estava sozinho num ambiente hostil, xingando-se por sua afobação. Mas a sorte sempre estivera ao seu lado. Pensando no talismã e na corrente que levava ao pescoço, passou pelo canto mais distante da praça e chegou perto do que, podia ver agora, eram três estacas fincadas no solo. Amarrados a cada uma estavam os corpos largados de três homens.

Ele chegou mais perto e tentou escutar se ainda estavam respirando, mas o vento e o ranger da lanterna abafavam qualquer som que pudesse vir deles. Tocou os rostos de cada um deles. Dois estavam frios como pedra; o terceiro tinha calor no pescoço. Blackstone sentiu algo grudento nos dedos, que sabia ser sangue. Esse devia ser o homem que fora torturado mais cedo, cujos gritos eles ouviram. A vida quase lhe escapara por completo, e não havia nada que o inglês pudesse fazer para ajudá-lo. Uma rajada de vento subitamente apagou a lanterna. A sentinela mais próxima gritou, porém sua voz foi arrastada pelo vento. Blackstone imaginou o homem xingando a si mesmo, tendo deixado seu posto, descendo os degraus de madeira que levavam à praça. Blackstone correu rapidamente para a parede do edifício mais próximo e viu a silhueta da sentinela entrando e saindo da escuridão da muralha, até que o homem chutou uma porta, com raiva, e a abriu, gritando para os que estavam dentro que reacendessem a lanterna. *Aqueles deviam ser os aposentos dos guardas*, pensou Blackstone, e tinha razão, visto que, momentos depois, quando a sentinela já tinha subido a escadaria, um brilho fraco saiu de dentro do quarto, e um homem, espreguiçando-se e se coçando de sono, saiu e reacendeu a lanterna.

Conforme a luz vacilava ao sabor do vento, o guarda entrou, fechou a porta, e a luz lá dentro se extinguiu. Pelo menos, Blackstone descobrira onde estavam alguns dos mercenários. Deveria ele seguir adiante, pelas alamedas, correndo o risco de alertar um cachorro ou aldeão que podia soar o alarme? O momento de indecisão bastou para que uma mão surgisse do nada e lhe agarrasse o tornozelo.

Blackstone quase gritou, mas conseguiu conter o susto. Ele caiu de costas, rolou sobre o solo e levou a mão à faca. Antes que pudesse ficar em pé, ouviu um sussurro desesperado:

– Estranho, ajude-nos. Pelo amor de Deus, ajude-nos.

Blackstone olhou para a sentinela, para ver se fora visto tropeçar, mas o homem continuava de costas para a praça – que ameaça, afinal, viria de dentro? Blackstone apertou os olhos, imerso na escuridão. A menos de dois metros de onde estivera momentos antes, havia uma grade no chão cobrindo um fosso. Havia espaço entre as grades para um homem meter a cabeça, e Blackstone viu

alguém ali. A mão que, provavelmente, agarrara-lhe o tornozelo, agora acenava para ele. O inglês não soube muito bem o que fazer. Quantos homens deviam estar presos abaixo do solo? Se ele não fosse até o homem, bastaria um grito de desespero para alertar os guardas. Não havia escolha. Curvado, o inglês deu alguns passos até o homem cujos traços ele mal podia enxergar sob a escuridão. A lanterna vacilante dava luz suficiente para mostrar que o homem havia sido espancado.

Ele voltou a sussurrar:

– Estranho, tem um balde de água à sua esquerda. Pegue-o, eu imploro. Tem mais de dez homens neste buraco comigo. Dê-nos água, pelo amor de Deus! Ajude-nos!

Blackstone olhou para trás e viu um balde de madeira com uma concha. O que fazer? Se ele desse água aos homens, eles poderiam gritar e brigar uns com os outros. O melhor a fazer seria apenas passar a concha pela grade.

– Quem é você? – ele perguntou.

– Guinot, meu nome é Guinot. Trabalhava aqui. Eles pegam um de nós a cada dia e espancam até a morte. Ajude-nos – sussurrou o homem, numa voz quase inaudível devido à secura da garganta.

– Muito bem. Vou trazer água, mas quantos homens há aqui dentro? Mercenários, digo. Quantos homens Saquet deixou?

– Aqui… eu… eu não sei… acho que deixou cerca… cerca de cinquenta homens…

Era apenas uma suposição. Saquet podia ter até cento e cinquenta homens. A cidade podia estar fervilhando deles, resguardados nas casas escuras.

– Veio aqui matá-lo? – Guinot perguntou, estendendo a mão para agarrar Blackstone pela capa.

Este tirou a mão do outro.

– Vão ficar quietos quando eu lhes der água?

– Esses são meus homens. Somos gascões – ele sussurrou com esforço determinado. Os gascões do sudoeste da França viam Edward como seu senhor natural, o descendente de seu antigo ducado.

Blackstone virou-se, ligeiro, e trouxe o balde de água à beirada do fosso enjaulado, depois entregou a concha ao ferido. Quase não dava para ver os lábios rachados de Guinot abertos, em desespero, quando o homem sedento pegou a concha e entregou ao homem que estava logo abaixo, soltando um sussurro de aviso, para que fizessem silêncio. Cada homem tomou um gole. A concha logo retornou. Blackstone deu mais água, até que, finalmente, após muitos minutos vitais, Guinot bebeu.

– Tenho homens do lado de fora. Posso tomar a cidade? – Blackstone

perguntou, com receio de que alguma das sentinelas olhasse para a praça. Começou a chover. A garoa espiralada, em questão de segundos, tornou-se uma nevasca leve. Blackstone ignorou o ataque pinicante na cabeça descoberta.

– Quantos homens? – perguntou o prisioneiro.

– Vinte.

Blackstone pôde quase enxergar o desapontamento no rosto do homem. Que ficou evidente quando ele falou.

– Vinte?

O inglês ouvia a sentinela bater o pé no chão, tentando aquecer-se.

Guinot disse:

– Não sei. Tem, pelo menos, esse mesmo número aqui dentro. Mais, acho. Trinta, talvez quarenta. Mais homens chegaram e uniram-se a Saquet. Dez deles estão lá dentro – ele disse, referindo-se aos dormitórios. – Outros estão com as putas. Espalhados pela cidade. Vinte homens, você disse? – Estendeu a mão e pegou Blackstone pelo braço. – Espero que sobreviva. Não podemos ajudar, ainda que sejamos libertos. Estamos fracos demais. Boa sorte, estranho.

O esforço de ficar em pé por entre as barras da grade consumiu Guinot, e ele teve que descer para o fosso úmido.

Era o momento de abandonar o ataque ousado contra a cidade ou recuar ao monastério e atrair Saquet para o campo aberto, quando ele retornasse da busca. Blackstone correu para a escadaria que o levaria para onde estavam Meulon e os homens, agachados, tremendo de frio, do outro lado do muro. A nevasca fraca passara. O vento cedeu, acalmando o céu, de onde descia um manto de neve. Foi um bom sinal. A neve camuflaria os atacantes.

Os músculos das sentinelas estavam frios e rígidos naquela noite tão amarga, e suas mentes, anestesiadas pelo tédio do serviço de vigia. Foram os primeiros a morrer. Meulon deixou dois de seus homens com bestas em posição, sabendo que logo haveria luz para que escolhessem alvos de curto alcance. Blackstone contou seu plano a Meulon, mas o capitão sugeriu uma tática diferente. Se Blackstone e meia dúzia de homens pudessem lidar com os ocupantes dos dormitórios, ele incendiaria alguns prédios e depois se esconderia nas sombras da praça para cobrir o inglês. Assim que soasse o alarme, os malditos mercenários correriam para a praça, vindo das alamedas. Blackstone enfrentaria o grosso do ataque, mas Meulon daria reforço.

Blackstone correu rapidamente até o dormitório com oito homens e um dos sacos que trouxeram do monastério, recheado de lã de ovelha e feltro, amarrados

e encharcados de óleo de lâmpada. Um saco pegou fogo quando o inglês quebrou uma lanterna da praça em cima dele. Um dos homens abriu a porta num chute para que outro jogasse o saco em chamas lá dentro. Eles fecharam a porta e rolaram um barril até ali para atrapalhar a fuga das vítimas. O fogo levou apenas segundos para pegar, e gritos de socorro vindos lá de dentro puderam ser ouvidos por toda a praça. A porta do dormitório enfim cedeu, deixando que os homens queimados e asfixiados saíssem, tropeçando para uma noite na qual o fogo descia dos céus. A neve caía lentamente do céu negro, cobrindo os telhados da cidadela, tingida de sangue devido à outra casa que queimava, incendiada pelos soldados de Meulon. Era um incêndio controlado, para impedir que toda a cidade pegasse fogo, usando o vento para soprar as chamas para mais três ou quatro edifícios antes de chegar às paredes de pedra. Essa conflagração assustadora de brasa e neve foi a última coisa que os soldados do dormitório viram, antes de serem mortos por Blackstone e seus homens.

O inglês manteve seu grupo no espaço aberto, deliberadamente, sob as luzes das chamas. Sombras corriam pelos muros, convocadas pelo soar dos sinos de alarme. Os soldados abriram os portões, permitindo que a população escapasse. Os que moravam perto das casas em chamas corriam às duplas ou trios pela praça, enquanto os mercenários chegavam ao local em disparada. Blackstone e seus homens bloqueavam o caminho e os matavam. Alguns corriam para as escadarias que levavam à muralha, mas os primeiros caíram sob os tiros dos besteiros, que tinham seus alvos iluminados pela luz das casas que queimavam.

Os homens de Saquet eram um grupo confuso e desorganizado de mercenários, saídos das tavernas e das camas das prostitutas quando o sino de alarme da cidade tocou, mas uma dúzia de homens apareceu subitamente, lutando, e outros quinze ou mais de um dormitório próximo, chamando os outros que cambaleavam das alamedas. Reunido, esse conjunto de homens poderia resistir com mais eficácia, e eles atacaram, gritando insultos raivosos para Blackstone, que já lutava na praça. Os homens colidiram, figuras espectrais soltando palavrões, escorregando na neve cheia de sangue sob seus pés. Blackstone posicionara-se à frente dos demais, que o flanqueavam compondo dois lados de um triângulo. Conforme ele mantinha sua posição, defletindo os golpes dos atacantes, os que sobreviviam à sua espada iam de encontro aos homens dele, sendo por eles derrubados. Porém mais homens de Saquet surgiram, vindos de diversos pontos da cidade, alertados pelos gritos de luta na praça central, e logo o inglês encontrou-se em menor número.

– Agora! – Blackstone gritou. – Agora!

Mas não havia sinal algum de Meulon.

Um choque súbito de abandono e medo o dominou, mas ele o rejeitou e

empregou mais peso no braço da espada.

– Comigo! – Blackstone gritou, e os homens se aproximaram dele, formando uma linha o mais firme possível contra a investida.

Os incêndios persistiam, mas as chamas debatiam-se contra as paredes de pedra e, não encontrando escape, começavam a ceder. Vendo que o fogo estava sendo contido, alguns dos habitantes começaram a trazer água para apagar as chamas, mas outros continuavam em pânico e fugiram para o portão para escapar da morte, impedindo que Meulon e seu contingente cruzasse a praça. Os gritos das mulheres misturavam-se a gritos de alarme conforme os mercenários de Saquet passavam entre elas. Pressionados pelo ataque pesado, Blackstone e os seus recuaram. Ele levou um golpe no ombro, mas a espada não conseguiu perfurar sua cota de malha. Blackstone deu uma ombrada no homem, jogando-o longe, e então, atacando-o com a Espada do Lobo, rasgou-o na altura da clavícula; deu um passo rápido para o lado e fincou a espada no peito dele, depois se virou mais uma vez, pressentindo um novo ataque, e esquivou-se do ataque de outro mercenário. Blackstone teve um breve instante para atacar antes que a lâmina pegasse o ombro exposto. Sem tempo para gingar sua espada, ele ergueu a empunhadura da arma e meteu-a no nariz do homem. O movimento do atacante encontrou com tudo o golpe de Blackstone e toda a sua força, e o golpe estilhaçou seu crânio e lançou-o de encontro à neve tingida de sangue. Segundos vitais eram desperdiçados. Estavam perdendo. Não poderiam se defender por muito tempo.

E então um enxame de sombras cruzou a praça. Eram os homens de Meulon, começando seu ataque.

O tumulto envolveu Blackstone. Um dos atacantes golpeou-o de raspão na cabeça, e um fio de sangue desceu-lhe por sobre a cicatriz, tornando seu rosto ainda mais assustador. Ele empurrou uma mulher aterrorizada que passou correndo entre ele e o oponente, percebendo o terror inequívoco dela ao ver aquele rosto marcado quando ele a tirou do caminho. Ficou exposto demais. A lâmina não poderia ser defletida. Meulon deu um passo à frente, a espada baixa, e atacou da cintura para cima, bem no estômago do mercenário.

O atacante hesitou. Blackstone deu um passo adiante, depois outro, levando a luta ao inimigo, golpeando em meio à cortina branca que caía, contra os homens que apertavam os olhos para enxergar através dos flocos de neve – ele tinha o vento a seu favor. Um homem veio para cima dele com um machado, a barba emplastada de neve e sangue, os olhos selvagens e concentrados. Havia algo familiar nele, mas Blackstone não soube o que era até que viu um pedaço de couro protegendo o local onde antes ficavam os dedos que ele decepara semanas antes.

Os pés do inglês lhe falharam, escorregando na neve, quando a face cega do machado atingiu-lhe na lateral da cabeça. O avanço do atacante trouxe outros, prontos para contra-atacar, mas os homens de Blackstone logo formaram uma barreira em torno do líder aturdido, apontando as lanças para os mercenários, que hesitaram avançar. O inglês fitou o homem sem dedos que subitamente se curvou, tendo uma lança enfiada no estômago. Ele caiu na neve, cerca de um metro à frente. Um segundo depois, seu rosto contorcido jorrava sangue, os olhos brilhando, quando o soldado que o matou meteu o pé no peito dele para arrancar a lança.

Uma sombra enorme cujos olhos fitavam além da viseira do elmo dele partiu a escuridão de sua barba com um rosnado.

– Terei sempre que fazer isso? – disse Meulon, erguendo Blackstone. – Por Jesus, fique em pé!

E então ele foi se juntar aos homens que haviam defendido o inglês.

O cansaço da batalha era um velho conhecido dele. Uma exaustão que podia dominar um homem a ponto de não conseguir mais erguer a espada para atacar, mas aquilo era diferente. O confronto foi rápido, de luta acirrada e mortes ligeiras. Acabou em menos de uma hora. Os mercenários sobreviventes largaram as armas e foram arrebanhados para a praça, forçados a ajoelhar na neve com seus ferimentos manchando-a de sangue. Alguns ficaram deitados no frio, deixando o sangue escorrer, até que morreram.

Quando saiu o sol, a nevasca havia abrandado para uma garoa fina. Os cativos foram acorrentados com as mesmas correntes que prendiam Guinot e seus homens, que foram libertos do fosso. A madeira chamuscada das casas queimadas ardia e fedia como um cachorro molhado. Eram quarenta e três os mercenários deixados na cidade. Os homens de Blackstone mataram trinta e sete, perdendo quatro dos seus. Isso, pensou o inglês, graças à habilidade de Meulon de pensar em como poderiam ter o menor número de mortes. Meulon, contudo, pedira perdão por adentrar atrasado o combate, explicando como a população em fuga impedira seu ataque e como não queria causar-lhes ferimento. Nesse momento, Blackstone entendeu que Meulon colocava-se perante ele como subordinado. Ele deu um tapinha compreensivo no ombro do capitão.

– Foi um bom plano, Meulon, e você chegou a tempo. Isso é o que importa. E juro que farei o melhor para ficar em pé da próxima vez.

Meulon sorriu, embaraçado, pelo que disse no calor da batalha, vendo como Blackstone fora, novamente, generoso ao elogiar.

A neve fazia ruídos ao ser pisada por Blackstone conforme ele andava por entre os corpos largados no chão da praça. Guinot e seus colegas de prisão foram levados a um edifício onde havia fogo e comida sendo preparada. Estavam

fracos, mas Blackstone enviou um cavaleiro ao monastério para trazer Irmão Simon e seus medicamentos. Não demorou muito para o inglês e Meulon encontrarem os aposentos de Saquet. A casa, que havia sido muito bem mobiliada um dia, símbolo do sucesso do comerciante em seus negócios, parecia-se mais com um bordel. Vinho e cerveja derramados, pedaços de tecido rasgado mostravam os pontos que haviam pegado fogo, e o papel de parede e os colchões jogados pelos quartos sugeriam que Saquet e seus tenentes haviam se espalhado por toda a casa. As portas do porão estavam trancadas, mas foram abertas à força.

Meulon ficou boquiaberto perante a quantidade de itens roubados que encontraram ali.

– Ele deve ter saqueado cada monastério e casa de nobres em quilômetros daqui – disse, quicando caixas abertas de moedas e ouro.

– Exceto a do Abade Pierre – Blackstone comentou.

Não era uma riqueza imensa que fora estocada ali, mas era uma visão digna de nota, e mais do que suficiente para comprar homens e favor por muitos meses.

– Feche e tranque as portas, Meulon, depois a entrada do bar. Quero isso aqui quando retornarmos.

Uma delegação de cidadãos esperava respeitosamente por uma audiência com o soldado da cicatriz que era, obviamente, quem comandava e quem passaria a controlar sua cidade. Não haviam sido ameaçados pelos homens de Blackstone, mas encorajados a trazer os que haviam fugido da briga na cidade. Dos seis mercenários sobreviventes, Guinot e os líderes da população identificaram quatro que haviam se divertido ao torturar.

Meulon veio logo atrás de Blackstone.

– Os portões estão seguros, e tenho homens na muralha. E quanto aos prisioneiros?

– Encontre um carpinteiro. Construa uma forca – disse Blackstone.

Quando o Irmão Simon chegou sob escolta, Blackstone estava junto dos homens de Guinot. O rapaz concluíra que três morreriam logo devido aos ferimentos, mas os outros se recobrariam rapidamente, com descanso e comida devidos. Os homens deitados que se recuperavam da prisão e do tratamento brutal dormiam, tendo sua provação chegado ao fim. Ele parava em um, depois em outro, erguendo as mãos dos homens e passando o dedão pelos dedos deles, sentindo a rigidez familiar de calos. Não os reconhecia, mas podia jurar que eram arqueiros.

Um dos soldados barbudos tinha cabelos compridos, grudados ao rosto como alga marinha. Estava quase inconsciente, e os ferimentos dos açoites infligidos pelos mercenários começavam a infeccionar. Os homens tremiam, sinal claro de que os machucados provocavam febre. Havia algo no homem, contudo, que Blackstone reconhecia – a força do corpo, a placa de musculatura tesa que lhe unia os ombros. O inglês passou a mão no rosto do homem, afastando os cabelos. Tratava-se de alguém que, meses antes, estivera ao seu lado, implacável, quando os lobos de guerra avançaram contra eles em Crécy.

Matthew Hampton era um dos homens de Warwick que prestaram lealdade a Sir Gilbert Killbere como um dos arqueiros de Elfred, e um dos mais experientes sob o comando deste, um homem que oferecera conselho ao jovem Blackstone. Como fora parar ali?

– Matthew? – Blackstone disse gentilmente, limpando o rosto do homem com um pano molhado que tirou de um balde de água.

Guinot ergueu-se.

– Conhece-o, Sir Thomas? – ele perguntou, tendo ouvido de Meulon o nome de seu salvador.

– Matthew Hampton. Lutei por toda a Normandia junto dele.

– Tínhamos uma dúzia de arqueiros enviados a nós pelo rei Edward. Era para tomarmos as cidades ao sul, e quando chegamos aqui pensávamos que o rei francês havia sido mandado de volta a Paris, mas não reconhecemos os mercenários. Ele e um grupo de outros arqueiros são o que restou do ataque de Saquet. Matthew é um bom homem, e se for amigo seu, é um homem de sorte.

Blackstone chamou Irmão Simon e o jovem monge que viajava junto, como assistente.

– Todos esses homens precisam de sua destreza, irmão. Quando tiver terminado de atendê-los aqui, dando-lhes toda ajuda que puder, quero que leve esses para sua enfermaria e cuide deles.

O inglês pousou a mão no rosto do homem semiconsciente.

– Matthew, se puder me ouvir, aqui é o Thomas. Thomas Blackstone. Está a salvo agora.

O mais velho não disse nada, nem reconheceu o amigo. Blackstone afastou-se para permitir que o velho monge examinasse o arqueiro. Precisava interrogar Guinot e descobrir como o mercenário atravessara as defesas da cidade controlada pelos soldados anglo-gascões.

Com muita facilidade.

Guinot estava em serviço quando um dos ingleses da força mista chamou Roger Waterman, homem de armas responsável por defender a cidade com seus cinquenta homens. O novo abade do monastério de Chaulion estava no portão

com um bando de trinta aldeões que haviam sido atacados e cujas casas foram destruídas pelos mercenários. Ele implorou por abrigo em nome deles. Waterman hesitou. Metade de suas forças estava descansando, e ele não confiava naquele monge francês, que transpirava de desejo ao ver carneiro assando no espeto. O abade implorou por meia hora, e foi somente quando um grupo de cavaleiros apareceu na estrada e começou a cavalgar na direção dos aldeões desarmados que o comandante de Chaulion ordenou que os portões fossem abertos para evitar um massacre. Os aldeões indefesos haviam acabado de adentrar a cidade quando sacaram armas e começaram a matar. Eram mercenários disfarçados nas roupas daqueles que já haviam assassinado. Os cavaleiros cuja chegada incitara o ato de misericórdia entraram diretamente na cidade. O terror durou um dia inteiro, e Waterman foi morto, tendo seu corpo arrastado pela cidade toda. Guinot e seus homens montaram defesa numa rua, mas a força contra eles foi forte demais, e um por um, eles caíram. Alguns dos gascões estavam com suas esposas na cidade, e foram arrastados e usados para chantagear os sobreviventes a se entregar. Dos vinte e um homens que Guinot reunira para resistir aos cavaleiros de Saquet, somente ele e os homens presos no fosso ainda estavam vivos. Os outros eram tirados, um a um, e espancados e torturados até a morte na praça central.

O tempo era curto. Saquet retornaria, e Blackstone precisava estar pronto. Deixando apenas dez homens sob o comando de Meulon para patrulhar a muralha de Chaulion, ele se preparou para conduzir o que restava de sua força de volta ao monastério, levando Guinot e os sobreviventes feridos consigo.

– Saquet demorará três dias, não mais, depois voltará – disse Meulon. – Você tem só mais um dia, talvez dois, no máximo. Precisará de homens no cruzamento. Esses aldeões defenderão as muralhas com tudo que puderem jogar nos atacantes caso ele divida as forças dele e ataque, o que não fará, porque, quando voltar e vir o que você fez no monastério, precisará matar você, e todos nós, se quiser retomar este lugar.

Meulon foi firme na argumentação. Blackstone retornar ao monastério com tão poucos homens seria arriscado, principalmente depois de ter tomado Chaulion: o risco era perder a cidade.

O inglês pensou e viu que fazia sentido, e trouxe a corporação, participantes do conselho da cidade, para conversar. Os estoques de grãos e alimento deviam ser abertos, e a comida, distribuída. Metade das moedas e ouro saqueados pelos mercenários seriam devolvidos, o que restasse seriam os espólios dos soldados por ajudarem a tomar a cidade. Era mais uma barganha do que uma ameaça o que ele propunha. Estariam os aldeões preparados e dispostos a proteger os muros de sua cidade nas horas seguintes, até que Blackstone conseguisse deixar

um grupo de homens para defender a cidade permanentemente em seu nome e, em consequência, do rei inglês? O conselho, grato por ver-se livre dos mercenários, e com nenhum amor particular pela alta taxação que seria colocada sobre eles pelo rei francês caso fossem dominados por ele, concordaram de imediato. A força anglo-gascoa que estivera ali antes da chegada de Saquet não lhes causara mal algum, somente demandaram alimento e o pagamento de *patis*.

– Tem armas aqui? – Blackstone perguntou.

– Havia meia dúzia de barris cheios de espadas e facões, algumas lanças também – um dos homens respondeu.

– E arcos de arqueiro – outro acrescentou, ansioso –, uma dúzia deles. Tentaram usar, mas não conseguiram.

Blackstone aproximou-se do homem.

– Essa madeira é para os arcos?

– Sim, senhor, mas só um punhado, doze no máximo.

Se, pelo menos, um desses arqueiros exaustos tivesse um arco nas mãos e arranjasse força para usá-lo, então mesmo essas poucas flechas dariam a Blackstone uma grande vantagem, compensando pelos poucos homens.

– Prepare-os. Fiquem com as espadas e as lanças – ele ordenou. – Que garantia você me dá de que pode manter os portões fechados e os muros guarnecidos?

Os homens deliberaram, preocupados, os ombros murchos. Houve acessos de discordância até que um, que não era o mais velho, era um jovem mercador, resolveu as diferenças. Foi acordado que eles dariam um filho de cada uma das famílias para ser levado pelo inglês e mantido como refém. Se fosse para escolher entre Thomas Blackstone e Saquet, eles preferiam o inglês. Tudo o que imploravam do cavaleiro de má aparência era que matasse o mercenário, porque do contrário suas vidas encontrariam seu fim.

Instruções foram dadas para depositar os mercenários mortos no fosso frio e cobrir o que restara deles ao redor. Os aldeões que foram mortos seriam enterrados nos próprios jardins, apesar do solo duro. Meulon, satisfeito por essa ideia ter prevalecido, organizou uma carroça para levar os feridos.

– Onde estão os reféns? – ele perguntou a Blackstone quando se preparavam para partir.

– Não precisamos deles – ele respondeu. – Estavam dispostos a entregar os próprios filhos; isso é prova de que farão o que eu mandar.

Meulon balançou a cabeça.

– Você confia com facilidade demais, Mestre Thomas.

– Confiei minha vida a você, Meulon. Estava errado, então?

Não havia mais nada para o guerreiro veterano dizer. O inglês tinha resposta

para tudo. E sempre a certa.

Capítulo vinte e cinco

Era uma muralha da qual se orgulhar. Corria em linhas firmes até a estrada, formando uma cortina baixa de defesa à frente do monastério, cinquenta metros para cada lado, com uma parede frontal. No total, cento e trinta metros foram construídos, segundo o olhar experiente de Blackstone. Não estava concluída ainda, mas mesmo que Saquet retornasse naquele dia, o inglês pensou, a parede seria suficiente para formarem uma defesa forte e negar a qualquer um o acesso fácil ao cruzamento. Os homens pararam de trabalhar e comemoraram quando viram os sobreviventes retornando de Chaulion, mas seu bom humor apagou assim que os monges descarregaram os mortos e levaram-nos ao monastério. Aqueles soldados podiam ter servido a senhores diferentes, mas estavam naquele lugar para lutar juntos sob o comando de um único homem, e um dependia do outro.

Gaillard reconheceu o corpo de um antigo amigo sendo tirado da carroça.

– Aquele é Jacopo. Jesus, era um cara burro. Não me surpreende que acabara morto – disse ele. Gaillard servira com o soldado morto desde que eram meninos. – Ele lutou bem?

– Estava do meu lado – disse Blackstone. – Eram muitos oponentes, mas ele manteve a posição.

– É isso, então. Eu sempre disse para ele não ficar parado no lugar – disse Gaillard, depois voltou a colocar as pedras no lugar, na parte não concluída da parede. O sofrimento e a oração pelo morto poderiam esperar até que estivesse sozinho em sua maca, quando a luz das lamparinas se apagasse.

Os carpinteiros da cidade rebocaram a madeira das carroças e os seis prisioneiros foram jogados sem cerimônia no chão.

– Vocês quatro serão enforcados pela tortura que cometeram – Blackstone disse aos condenados. – E vocês dois – ele apontou para os outros prisioneiros – serão enforcados porque não tenho utilidade para vocês e os seus.

Um dos homens rosnou como um cão acorrentado.

– Faça isso, então, seu filho da puta deformado – erguendo sua voz, para que todos os homens de Blackstone pudessem ouvir –, porque quando Saquet vir o que você fez, vai estripar todos vocês, bem devagar, vai deixar uma faca fincada nas suas entranhas e seus pintos cortados e enfiados na garganta. Vai colocá-los no espeto e fazê-los comer uns aos outros. E depois vai queimar Chaulion até o fim. Faça seu pior. Meu corpo pode ficar balançando ao vento como uma placa de taverna, mas nós fatiamos aqueles vira-latas débeis em Chaulion e tomamos suas mulheres e vivemos como homens devem viver. A morte vai chegar para cada um de vocês. Uma morte horrível! Fiquem de joelhos e rezem por suas almas porque…

Meulon deu alguns passos e cortou a garganta do sujeito. Um último palavrão foi gorgolejado com o sangue que jorrou e espirrou sobre os que estavam acorrentados ao lado, ainda que estes tentassem se afastar do corpo que quicava, tendo espasmos.

– Ele falava demais – Meulon explicou a um sisudo Blackstone, enquanto limpava a lâmina da espada. – Tem rapazes aqui que ainda não viram luta feia. Não podemos deixar um bosta desses colocar ideias nas cabeças deles. Já não tem muito espaço nelas do jeito que estão. – Meulon virou-se e ordenou aos homens e monges, que haviam parado de trabalhar: – Terminem o trabalho! Saquet é um bastardo maldito que mata mulheres e crianças por prazer. Vocês matarão a ele e à escória que o acompanha quando chegarem aqui. Tomamos Chaulion, e tem pilhagem a caminho para vocês, graças a Sir Thomas!

Meulon ergueu o punho, e os homens ovacionaram, embora os monges parecessem mais preocupados do que nunca. Cortar gargantas era serviço fácil para aqueles homens.

Irmão Simon cuidava dos homens enfraquecidos em sua enfermaria quando Blackstone veio checar Guinot e os demais. Os homens estavam sentados em colchões de palha; dois monges passavam entre eles, dando-lhes colheradas de sopa.

– Serão capazes de lutar? – Blackstone perguntou.

– Estavam famintos, filho. E abatidos. Coloquei remédio no caldo. Dê-lhes tempo.

Blackstone sabia que, ainda que houvesse um assassino com maior número de soldados às suas costas, os homens não podiam ser erguidos de sua exaustão por conta disso.

– Diga-me do que precisa e o terá – disse ele.

– Temos a bênção de Deus, por ora, de você ter vindo – o velho sussurrou.

Blackstone sentiu um peso avultando-se dentro de si, algo que não havia

sentido antes. Não era medo, mas carregava a mesma sensação de trepidação que lhe apertava o coração. E então ele soube o que era. Eram as expectativas dos outros.

– Irmão Simon, não sou salvador de ninguém. Não pense que sou. Sou um soldado. Posso estar morto a esta hora amanhã e então servirei apenas como comida de minhoca.

O velho monge fitou o rapaz por um instante, depois apontou um dedo trêmulo para a efígie prateada de Arianrhod.

– Eu já fui pagão, filho, e rezei para todos os deuses, inclusive Nosso Senhor. Um deles deve ter me ouvido, embora eu não tenha certeza de qual. Descobrirei em pouco tempo, sem dúvida.

– Não sou pagão.

– Não importa. O que importa é quem você acredita que o guia e protege. Não tenha vergonha de ficar de joelhos e implorar por sua ajuda – ele respondeu, e depois voltou a cuidar dos doentes.

Guinot girou os pés por cima da maca, para fora, e tentou levantar-se.

– Conheço o som de um andaime sendo construído. Vai enforcá-los aqui, não vai? É uma boa maneira de desafiar Saquet. A reputação que ele tem de apoiar seus homens e o fato de você enforcar alguns deles no cruzamento vai fazê-lo querer vir atrás de você pessoalmente, mas antes que isso ocorra, quero vê-los enforcados.

Blackstone forçou o homem a deitar-se novamente, em pleno movimento.

– Você verá. Eu dei minha palavra. Você e os outros precisam descansar e deixar Irmão Simon cuidar de vocês. Há sempre o momento em que temos de nos render àquele que pode nos ajudar.

Guinot assentiu e deitou-se no colchão.

– Acha que pode conter os mercenários aqui? Você e um punhado de homens, no cruzamento? Santa Mãe de Deus, você teve sorte em Chaulion. Aqueles homens que matou eram apenas a escória que se encontra no topo de uma pilha de bosta. Prepare-se, porque quando Saquet derrubar aquelas portas, todos nós seremos alvo de espada. Ouvi o que disse o velho monge. Escute-o; reze uma missa para os homens. Coloque Deus ao lado deles.

Blackstone queria ter mais do que apenas Deus ao seu lado, queria mais cinquenta homens. Cem seria melhor. Ao passar pelas macas, viu que a febre de Matthew Hampton cedera. Os olhos do homem pesquisaram o rosto rasgado que o fitava. As palavras saíram raspando com dificuldade pelos lábios rachados.

– Thomas?

Blackstone fez que sim.

– Olhe só para você. Pensamos que tivesse morrido. Abençoado seja, rapaz.

Onde estou?

– No monastério.

O arqueiro assentiu.

– Você nos tirou de Chaulion, então. Estávamos para morrer. Eles nos enganaram, Thomas, e nos mataram. Cruelmente. Meus amigos morreram de modo muito cruel.

Blackstone pôs a mão na de Hampton e apertou de leve.

– Nos vingaremos deles juntos. Estou com seu arco.

– Não, eles levaram…

– Eu peguei de volta. É seu. Ninguém carregava um arco com bordão de madeira tão escura que chega a virar nos veios. Eu reconheci de imediato.

Blackstone ergueu o arco, colocando-o às vistas de Hampton.

Com as mãos, o arqueiro acariciou o arco de freixo, e com os dedos, as pontas. Ele concordou com um suspiro quase inaudível, depois o devolveu a Blackstone.

– Fique com ele, Thomas, e mate o máximo que puder. Não havia ninguém melhor do que você. Nem mesmo Richard, que Deus o tenha. Pegue, rapaz.

Blackstone estendeu seu braço torto.

– Nunca mais poderei usar um arco, Matthew. Um golpe de espada me rachou como um graveto.

O olhar de Hampton percorreu o braço todo.

– Um golpe de espada não pode quebrar carvalho firme, Thomas. Dê-me e aos outros mais um dia do bom caldo do frei e estaremos lá, ao seu lado.

Blackstone pegou a mão estendida do amigo. Era visível que, ainda que estivessem muito dispostos, Hampton e os outros precisariam de mais de um dia para se recuperar. Não haveria arqueiros preparados se o ataque de Saquet ocorresse na manhã seguinte, como se esperava. Antes disso, ele faria rezarem uma missa para seus homens.

Arrastaram o Abade Pierre de seu quarto e o chutaram à frente dos condenados à forca. Quando caiu, amarrotou a batina, expondo as costas nuas. Os homens de Blackstone e os irmãos leigos riram perante tamanha humilhação. O inglês viu que os outros monges, que haviam se beneficiado do governo do abade, pareciam preocupados. Sabiam que, caso sua penitência ao construir a parede não agradasse ao inglês, poderiam eles também enfrentar um banimento vergonhoso de seu próprio monastério. E a quem procurariam? Irmãos monges da mesma ordem teriam ouvido falar do modo como viviam. Muito

provavelmente, seriam rejeitados caso fossem forçados a deixar a segurança daqueles muros, e a penitência em outro monastério poderia ser mais dura do que se ficassem onde estavam. Todos sabiam que a era do Abade Pierre acabara, e que seus futuros jaziam nas mãos do inglês.

Os homens de Blackstone colocaram o abade em pé. Blackstone colocou-se na frente dele.

– Aqueles que desejarem, podem receber o sacramento antes da forca. E você pode liderar seus irmãos na oração, por sua própria salvação, antes que eu o coloque em seu caminho.

O abade olhou desesperado para todos os soldados e monges reunidos.

– Não pode me mandar embora, este é o meu monastério. Tenho o apoio do rei, e ele tem o apoio do papa. Não pode me mandar embora deste lugar; estamos a quilômetros da vila mais próxima.

– Se conseguir chegar vivo, poderá implorar por comida e abrigo, como um verdadeiro mendicante. Embora eu suspeite que todas as portas estarão fechadas para você por permitir que Saquet e seus homens os depenassem. Para eles, sua bênção tornou-se uma maldição.

– Não pode! O tempo está fechando! – A papada do abade balançava.

– Você levou Saquet e seus mercenários para dentro de Chaulion. Eu devia colocá-lo na forca com esses outros homens, mas duvido que tenhamos andaime forte o bastante para suportar um barril tão grande de banha – disse Blackstone.

Abade Pierre caiu de joelhos, mãos unidas, implorando pela vida.

– Sir Thomas, não tenho chance de alcançar a vila mais próxima nem pelo anoitecer. O frio vai matar-me, a neve me enterrará e serei largado no chão sem sacramento. Repense, eu imploro.

– E quanto a esses homens que estão prestes a morrer? Não deseja implorar em nome deles?

O abade correu para ficar em pé, e brandiu o braço num gesto que abarcou os condenados.

– Blasfemos e assassinos. Seu fim foi determinado quando suas mães impuras soltaram-nos de seus úteros podres. Eu fui sua clemência. Não tive escolha no que fiz!

– Então os perdoe pelos pecados quando receberem o último sacramento, antes que eu o coloque em seu caminho. E rápido, o dia já está se encurtando. A escuridão logo será sua companheira. Ande logo.

Um dos mercenários deu um passo à frente e escarrou no abade, atingindo-lhe o ombro e a face. O abade retraiu-se, horrorizado.

– Não quero uma criatura dessas rezando por mim. Encontrarei o diabo do meu jeito – disse o mercenário, e tentou meter um chute no abade gordo, que

cambaleou para trás, virando-se de um lado a outro, procurando nos rostos ao redor algum sinal de compaixão. Não encontrou. Alguns dos monges viravam seus rostos deliberadamente para não encará-lo.

– Eu não seria capaz de encarar meu rei se o colocasse sob a espada, ou o enforcasse numa árvore. Dei-lhe sua vida. Faça com ela o que quiser – disse Blackstone.

O abade tremia, juntando e derramando lágrimas. Como um cego, cambaleou, sem saber para onde ir. Inclinou-se sobre a parede, e seu gesto de súplica, ao estender os braços para os que estavam do outro lado, não fez nada além de esfolar a pele que raspou nas pedras do topo, enfileiradas numa serra afiada como os dentes de um bicho.

Todos viram o Abade Pierre indo embora, encontrando um caminho com os pés metidos nas sandálias após ter cruzado a ponte. Ele caiu uma ou duas vezes, e depois, quase de quatro, engatinhou como uma criança pelo terreno íngreme que levava para a floresta. Ninguém, dos que assistiam à cena, duvidava que aquela carcaça gorda logo se tornaria um banquete para as criaturas da mata. Era um inverno duro, e os lobos o encontrariam.

Blackstone perguntou aos mercenários se algum deles queria o sacramento. Todos aceitaram, exceto o homem que havia cuspido no abade, descontente com ele.

– Irmão Marcus – disse ele, acenando para que o prior se adiantasse –, você rezou a missa para meus homens na noite passada, e agora está a cargo deste monastério. Venha e conduza as almas desses homens para o outro mundo.

Guinot e os outros foram carregados de suas macas para assistir à execução. Quando Matthew Hampton viu a forca, soube que o menino que se tornara comandante e depois homem de armas jamais perderia as habilidades inerentes a um arqueiro. Os seis homens capturados em Chaulion foram enforcados em intervalos de cem metros do muro. Os mortos marcavam a distância para os arqueiros, fossem eles besteiros franceses, fossem os ingleses, com seus longos arcos de guerra curvados. Doentes ou não, ele e os outros atirariam o máximo de flechas que pudessem nos homens que estavam prestes a atacá-los.

Alguns lordes normandos haviam se virado contra o rei Edward; outros continuavam indecisos quanto a quem prestar lealdade. O violento William de Fossat, vendo uma oportunidade para reconquistar seu orgulho e reputação, oferecera seus serviços – e trinta homens – para o rei francês. Prometera ao rei que rastrearia os saqueadores liderados pelo inglês. Mas acabou encontrando o

mercenário Saquet.

Saquet e seus homens haviam acampado nas florestas, em abrigos grosseiros feitos de galhos quebrados e samambaias mortas, depois finalmente seguiram caminho pelas trilhas da floresta até que chegaram aonde a estrada estava coberta de neve. Não comiam uma refeição quente fazia dias, e o progresso lento para casa estava se tornando mais uma irritação. O mandado emitido pelo rei francês para que matassem o ousado inglês não conferia *status* algum a William de Fossat entre os salteadores aos quais se juntara, e ele e seus homens seguiam, obedientes, os mercenários pela retaguarda, reconhecendo que o bretão era mestre dos mercenários sob seu comando.

Por questão de sorte, os defensores do monastério ganharam mais três dias antes de os mercenários surgirem no horizonte. Nevou pesadamente durante a primeira noite e no dia seguinte, e levou mais outros dois para voltar a garoa. Um cobertor branco de trinta centímetros alojara-se nas estradas que levavam ao monastério, escondendo os obstáculos que os homens de Blackstone ocultaram em frente à parede. Nenhum fronte amplo de cavalaria seria capaz de se aproximar, só dois ou três homens lado a lado, procurando acalmar cavalos nervosos avançando sobre a neve que escondia o terreno irregular. Blackstone marcara a estrada na direção da qual queria que os mercenários chegassem. Os corpos dos homens executados balançavam no ar frio, mal se movendo à brisa, cobertos de neve, cujos nacos caíam deles como pedaços de carne podre. O homem cuja garganta fora cortada tinha seu lugar entre os mortos. Sustentado por uma corda abaixo dos ombros estava com o ferimento enegrecido e despido das roupas, seu corpo nu servido como refeição aos corvos. Seria dele o primeiro corpo que Saquet veria ao fazer a curva na estrada que o colocaria às vistas do monastério e do cruzamento que levava à sua cidade. E o colocaria na estrada no ponto exato em que Blackstone planejara.

As pegadas do inglês levavam à pequena ponte, onde ele estava, vendo o rio lavar a neve das pedras. O clima estava instável, esquentando; a neve logo derreteria. Ele preferiria que Saquet chegasse com ela ainda no chão. Queria que acabasse logo a luta e se definisse o resultado. Seus homens estavam dentro do monastério, segundo ordens suas, porque ele sabia que, quando os inimigos chegassem, estariam frios e rígidos da longa cavalgada e do desconforto de dormir amontoados ao relento. Ele queria os seus aquecidos, alimentados e fortes, prontos para matar.

– Acha que ele virá hoje? – Gaillard perguntou a Meulon, que estava junto dele na muralha frontal, vendo Blackstone andar pela ponte.

O grande homem fez que sim, e afagou a barba.

– Ele precisa. Ninguém viaja no inverno; não haverá comida para saquear.

Essa nevasca nos deu mais tempo. – Ele analisou o panorama. A figura escura de um cavaleiro surgiu no horizonte. – É hoje.

Saquet parou seu cavalo e fitou os corpos mutilados. A raiva bombeou calor para os seus membros congelados. Ele cuspiu e xingou. Vinha perseguindo um fantasma por entre as florestas, e agora o inglês zombava dele com os homens enforcados. Sem problema. Ele mataria Blackstone como um animal no campo e depois mandaria seu corpo mutilado de volta ao rei, membro após membro, usando o senhor normando como um reles mensageiro. Aqueles poucos defensores patéticos seriam logo deitados na neve cheia de sangue, e então cada homem, mulher e criança de Chaulion morreria. Ele varreria o interior com um ataque sanguinário num raio de um quilômetro, e homem nenhum jamais o desafiaria de novo. O rei francês o recompensaria fartamente.

William de Fossat trouxe seu cavalo para perto de Saquet.

– Ele chegou antes de você e tomou o que era seu. Eu disse que era astuto. Aqueles são seus? – perguntou, referindo-se aos enforcados. Não havia por que responder; bastava a expressão no rosto de Saquet. – Então, se ele tomou o cruzamento, tomou também Chaulion. Olhe, vinte homens atrás de uma parede improvisada e nenhum arqueiro em vista. Parece-me que seu traseiro terá que se acostumar com o frio, pois mais dias virão. Quer que eu o mate para você?

– Fique aqui! – Saquet rosnou. Foi o suficiente para o lorde normando entender qual era o seu lugar. O bretão não precisava da ajuda de um barão, ou o que quer que fosse; os nobres eram todos similares para ele, apenas se escondiam sob a capa da nobreza. Ao que importava a Saquet, eram apenas salteadores mais bem-vestidos que batiam à porta do rei pedindo favores. Sabia exatamente qual era seu código de honra: era preciso matar e espalhar terror para deixar uma marca no mundo. Ele esporeou o cavalo, desceu pela trilha marcada pelos homens enforcados e o que restava das pegadas de seu executor. Os cavaleiros de Saquet empurraram Fossat e seus homens. E, conforme os últimos cinquenta mercenários avançaram com suas montarias, Fossat virou-se para seus homens. Não importava o resultado do ataque do mercenário, o nobre sabia que alcançaria seu objetivo.

– Preparem-se! – ele comandou, e sacou a espada.

A uma distância de quinhentos metros, estava Blackstone perante seus homens. Estavam atrás da parede, escudos nos braços, lanças e espadas prontas, esperando os cavaleiros que desciam sem cautela pela estreita via. Besteiros posicionaram-se dos dois lados dele, as armas escondidas. Matthew Hampton

encontrava-se dez passos atrás, com a meia dúzia de arqueiros ingleses. Tinham poucas flechas consigo, mas derrubariam os inimigos mais rapidamente do que os besteiros.

Meulon estava ao lado de Blackstone.

– Viu isso? Minha santa. Aquele é Fossat no topo do morro. Juntou-se aos malditos. Com os homens de Saquet, devem ser oitenta ou mais.

Somente as forças de Saquet eram muito mais numerosas que eles; somados a Fossat e seu grupo, o simples peso do ataque poderia, com facilidade, romper a fina linha de defesa. Blackstone fitou os rostos de seus soldados. Olhos escancarados quando a horda se aproximou. *Quatrocentos metros*. Quem os criticaria se saíssem correndo?

– Xinguem os malditos! – ele gritou. – Xinguem-nos por serem filhos da puta, uns bostas! Morrerão condenados! Xinguem! Que queimem no inferno! – disse, e depois xingou o mais alto que pôde, erguendo a Espada do Lobo acima da cabeça, escalando até o topo da parede para que todos pudessem vê-lo. – Queimem no inferno!

E o grito de guerra avultou-se ainda mais quando Meulon e Gaillard passaram correndo pela fileira, gritando também.

Queimem no inferno! Queimem no inferno!

Blackstone virou-se e viu Matthew Hampton. Os arqueiros pareciam doentes, fracos. Os rostos pálidos e lábios rachados indicavam que não aguentariam lançar mais do que uma ou duas saraivadas.

Os homens de Saquet chegavam mais perto, suas vozes urgindo os cavalos adiante.

Blackstone esperou. Vendo os cavalos descendo o morro, vendo a urgência dos inimigos de matá-los.

Mais alguns metros eram tudo o que ele queria. Fiquem na trilha, fiquem na trilha, ele torceu em silêncio.

Chegou a hora.

– Arqueiros! Aos trezentos passos! Preparar… – Os homens ergueram os arcos, braços trêmulos pela fraqueza do corpo, mas a vida toda de treinamento os firmava. – Puxar… – Blackstone olhou para os cavaleiros sendo canalizados na estreita via ao se aproximarem de um dos enforcados. – Atirar!

Embora houvesse muito poucos arqueiros, a vibração das cordas e o deslocamento súbito de ar fizeram os soldados normandos da muralha se virarem, boquiabertos com o voo das flechas. As primeiras ainda flutuavam pelo ar quando outra saraivada as perseguiu. E mais uma. Blackstone não pôde conter o grito de triunfo que lhe escapou. Era a máquina de matar inglesa fazendo seu trabalho novamente. Cavalos e homens caíram, tropeçando, dando piruetas e

escorregando; alguns desviavam, apenas para cair logo em seguida ao tropicar nos obstáculos escondidos. Outros mercenários pararam seus cavalos e desmontaram, correndo à frente em grupos espaçados, tropeçando, com muita dificuldade, o peito tragando o ar frio. Estariam enfraquecidos quando chegassem à muralha.

Dois dos arqueiros caíram de joelhos – o esforço tomara-lhes o que restava de força. Hampton e os outros três soltaram mais uma saraivada e ficaram sem flechas.

– Deus os abençoe, rapazes! – Blackstone gritou, depois sacudiu os muros com seu grito: – Normandos! Gascões! Preparar!

Os mercenários estavam a duzentos passos da ponte quando os homens de Blackstone ergueram suas bestas e soltaram a munição nos atacantes.

– Esperem! Esperem!

Mais cinquenta passos e ficaram no nível do solo; alguns avançavam pelo rio.

– Atirar!

E um enxame de flechas capazes de perfurar armadura atingiu a primeira leva de homens como um soco. Os mercenários vacilaram, mas se recuperaram. Os homens de Saquet ultrapassariam a muralha. Saber disso deu-lhes força e coragem.

Meulon esperava na ponta de sua fileira de soldados. Gaillard estava no flanco, e o enfraquecido Guinot apoiava-se nos portões principais, espada em mãos, para se firmar: parecia que ele seria o último homem que teriam que matar para poder entrar. Matthew Hampton e seus arqueiros arrastaram-se para ficar junto dele. Os mercenários corriam com abandono selvagem, ansiosos por se aproximar para matar. Ninguém atrás da parede se moveu. Blackstone saltou para ficar junto dos homens. *Cinquenta passos*.

– Lanceiros! – Meulon gritou.

E onde estiveram os besteiros, lanças foram apoiadas sobre a muralha denteada. Não tinham intenção alguma de perder tempo recarregando as armas. Os mercenários tropeçavam, cambaleavam e caíam nas pedras e nos galhos espalhados que os construtores da muralha colocaram segundo ordens de Blackstone, o que dificultava o avanço. Machucados, a horda espaçada voltava a ficar em pé para retomar o ataque, mas os que caíam perdiam impulso. Blackstone procurou Saquet. Todos eles pareciam muito maléficos. Qual deles seria o líder?

Ele olhou para trás e gritou:

– Guinot! Qual deles é Saquet?

Guinot deu um passo à frente e olhou desesperadamente para os atacantes,

trinta passos distantes. Saquet estava no meio de um grupo de homens que corriam com escudos cobrindo os corpos e os rostos.

– O rapaz! – gritou Guinot, e apontou com a espada.

Blackstone achou que tinha entendido errado. Seus olhos passaram de rosto a rosto e fixaram-se num deles – um rapaz de barba feita que parecia ter a idade da maioria dos meninos da vila natal do inglês, mas era mais alto que os demais. Um elmo de couro com hastes de metal cobria os belos cabelos flutuantes, e os olhos azuis brilhavam sobre o aro do escudo. Por um instante, Blackstone sentiu-se preso pela dúvida. Seria aquele o Punho de Ferro? O menino era grande e corria, poderoso e ágil, por trás da primeira linha de atacantes. Sua espada vinha semierguida por um punho protegido por luva. Vinha em silêncio. Não xingava. Não precisava de grito de guerra para motivá-lo a enfrentar as pontas das lanças. Blackstone finalmente compreendeu. Os homens na frente do rapaz estavam ali para invadir o muro. Morreriam se fosse preciso, o que de fato aconteceria, mas abririam espaço para Saquet. Blackstone viu a intensidade daqueles olhos azuis, fixos nele. Blackstone era o alvo.

Os mercenários alcançaram o muro. Lanças fincaram e arrancaram sangue, mas os mercenários eram muitos para serem contidos pelos defensores – alguns deles pularam a parede de pedra, derrubando as pedras do topo, lançando-se com grande ferocidade nos homens que tinham pouca experiência no combate corpo a corpo. Ouviu-se o ruído metálico das lâminas colidindo e o som abafado de quando elas cortavam corpos, como um machado de açougueiro contra a mesa, mais os gritos e lamentos dos feridos. Perinne e Talpin lutavam lado a lado. Uma torrente de insultos acrescentava potência aos golpes de lança e espada. Meulon e Gaillard uniram-se num escudo para selar a brecha.

Guinot viu um grupo de homens avançando na direção de Blackstone. Entre os escudos, Saquet vinha de cabeça baixa, e a força do avanço era como um touro atropelando tudo pela frente. Guinot sabia que seria impossível alcançar o inglês em tempo, e Blackstone ia ficando cada vez mais isolado conforme se movia, brandindo a espada e matando os que atacavam perto dele. O gascão gritou, avisando Meulon, e repetiu o grito mais duas ou três vezes para ser ouvido por sobre os brados e lamentos. Meulon finalmente se virou e viu o que estava acontecendo. Com um avanço combinado da parede de escudos e o apoio de mais homens, inclusive Perinne e Talpin, conseguiram empurrar os atacantes, forçando-os a escalar a parede para não serem perseguidos pelos defensores. Vinte deles já tinham morrido, e o mesmo número jazia ferido. Nenhum grito de raiva ou agonia rasgava o ar; somente o ruído repetido de quedas e golpes de espada contra escudos e metal.

Meulon e Gaillard contiveram o avanço, mas quando a parede de escudos se

virou, Saquet viu um corredor aberto, o que lhe permitiu avançar com um grupo de homens para lançar-se contra Blackstone. Como um aríete, ele colidiu com o inglês, fazendo-o recuar. Blackstone usou a força do ataque e girou o corpo, momentos antes de Saquet aplicar um golpe de espada, de baixo para cima. Não havia como negar a força do homem, entretanto Blackstone ainda não podia acreditar que era um garoto o líder do bando de assassinos. A dúvida não o impediu de mirar a espada no pescoço exposto do menino, mas o touro já havia passado, e a Espada do Lobo rasgou somente o ar.

Não houve momento algum para que os lutadores se firmassem ou encontrassem uma posição sólida, pois reagiam por instinto, e colidiram mais uma vez. Saquet pressionou o escudo contra o de Blackstone, e bateu no elmo dele com a base da espada. O golpe foi tão forte, que o inglês teve a sensação de ter sido atingido por uma maça. Saquet, aprendiz de um assassino desde os 5 anos de idade, tivera a vida toda permeada pelo horror. A maneira brutal com a qual uma fera morria era ocorrência diária para ele, e do mesmo modo que Blackstone fora ensinado a cortar e carregar pedra, Saquet fora instruído na arte de matar. Um golpe de martelo para atordoar uma vaca e conter seu pânico ao sentir o cheiro de outros animais morrendo tornou-se um teste pessoal de força. Com o tempo, o menino foi ficando tão forte, que, diziam, podia atordoar um animal com as próprias mãos antes de usar a faca. A aparência gentil do menino disfarçava o assassino de nascença e criação.

Blackstone sentiu aquele poder brutal, conseguiu erguer o elmo, ouviu e sentiu os golpes e pensou que seus joelhos fossem ceder. Lançou-se contra Saquet, esmagando músculos e fibras, e rugiu um palavrão de guerra capaz de acordar os mortos. Repetidas vezes, bateu no escudo inabalável do bretão, sentindo os ombros crescendo em força a cada novo golpe. Saquet aceitava a punição, mas Blackstone reparava que os ataques surtiam efeito. Ninguém, até então, equiparara-se em força ao Punho de Ferro. Blackstone usava o braço torto para conseguir um ângulo ideal de ataque. Fora-lhe ensinado como se mover mais rapidamente, jamais permitindo que o inimigo ganhasse vantagem por ele estar sempre no mesmo lugar. Ele trocou a posição dos pés, levou o direito um pouco para trás, depois inclinou o ombro e o escudo, para lançar seu peso à frente, como se tentasse quebrar uma porta. A força do golpe surpreendeu Saquet, que foi atingido no elmo. Ele cambaleou para trás, chocado, como indicava a expressão no rosto. Com os pés mal posicionados, apesar de ser mais alto e pesado, começou a cair quando o outro avançou novamente, golpeando com uma raiva que levava Blackstone para dentro do coração de um oponente e o destruía. Saquet resistiu, e pegou a Espada do Lobo com seu guarda-mão, com um inequívoco sorriso de triunfo no rosto jovem. Contudo, o instinto assassino e

o destemor não bastavam para superar a força e a habilidade de Blackstone. Ele atacara com propósito, forçando Saquet a aguentar o peso do avanço, dando-lhe a chance de chutar o oponente nas pernas. Quando elas cederam, e Saquet escancarou os olhos, chocado por ter caído, Blackstone lançou-se e meteu a espada na boca aberta do menino, mantendo-a ali com um pé no peito do assassino, o rosto imerso em sangue, até que os demônios que carregavam as almas dos homens para o outro mundo cessaram sua intervenção.

Acabou.

Assim que viram Saquet cair, os mercenários deram meia-volta e saíram correndo. William de Fossat e seus homens poderiam, então, dar cabo de Blackstone. Punho de Ferro jazia, morto, a boca aberta, cheia de sangue, e os intensos olhos azuis sem vida. Blackstone não parou para pensar na vitória. Alguns dos homens começaram a pular a muralha para perseguir os cerca de vinte mercenários que corriam na direção dos cavaleiros de Fossat.

– Deixe-os ir! – Blackstone gritou. – Fiquem em posição!

Meulon e Gaillard arrastaram soldados da muralha e os colocaram em posição.

– Fiquem aqui! – Meulon cuspiu para eles. – Fiquem em posição!

O suor corria pelos rostos dos homens, e Blackstone aproveitou a folga para tirar o elmo e limpar o rosto. Os soldados pendiam, respirando fundo, enquanto outros permaneceram imóveis. Os arqueiros estavam incólumes, como Guinot, mas ele devia ter lutado. Blackstone o notou quando viu a lâmina da espada suja de sangue.

– Meulon! – ele gritou. – Perdemos quantos homens?

– Quatro mortos, dois feridos – respondeu o outro. – Meu Deus. Não é nada. Defenda a casa de Deus e ele o protege com as mãos, hein, Mestre Thomas? Fomos abençoados.

– Por uma parede de pedra que vale por cinquenta homens – Blackstone respondeu. Os homens ergueram os rostos. Ele tinha razão. A muralha duramente construída lhes concedera vantagem. Gaillard pegou uma pedra que havia caído e a recolocou no lugar, depois outros seguiram seu exemplo. A parede de pedra salvara vidas.

– Olhe para a frente – disse Meulon quando viu os cavaleiros de Fossat começando a trotar na direção deles. Não seriam recebidos por flechas, e, se chegassem perto o bastante com suas montarias, alguns deles conseguiriam pular o muro. Se entrassem, e Fossat e seus homens eram experientes o bastante para isso, então os defensores teriam pouca chance de sobreviver. Haviam contido o ataque dos mercenários, mas, se um lorde normando e seus trinta cavaleiros entrassem, seria tão devastador quanto uma raposa no galinheiro.

– Escutem! – Blackstone disse. – Eles não poderão entrar com os cavalos se ficarmos firmes. Todos os homens para o muro. Agachem atrás dele, coloquem as lanças no chão e as pontas no alto. Vamos abrir as barrigas deles. O restante, dez passos atrás, comigo. Pegaremos os que passarem.

Os homens posicionaram-se. O caos acabava de começar.

Blackstone baixou a voz e foi andando entre eles.

– Preparem-se. Lanceiros à frente, parede de escudo atrás. Será estupidez da parte deles se tentarem. Mas alguns de seus nobres senhores não são famosos pela inteligência.

Um murmúrio percorreu o grupo misto de soldados.

Matthew Hampton disse:

– O que Sir Thomas quer dizer é que os cavalos são mais espertos!

Isso fez todos caírem no riso. Blackstone soube, então, que conseguiriam se defender.

– Certo. Fiquem em posição.

Os homens mais velhos e experientes guiavam os demais. A parede cumpriria sua função mais uma vez, mas um cavalo, ainda que tivesse a barriga aberta, derrubaria uma parede baixa de pedra. Todos sabiam disso, mas ninguém o dizia em voz alta.

Quando ficaram prontos, Blackstone vestiu o elmo e baixou a Espada do Lobo.

Seus olhos analisavam o cume distante, onde os mercenários e os homens de Fossat se encontraram.

E então aconteceu o inesperado.

Gritos ecoaram pela estrada conforme a encosta foi coberta subitamente por sangue. Fossat e seus soldados atropelaram e mataram os mercenários. Os cavalos relinchavam e escorregavam conforme alguns deles desmontavam, mas não fez diferença, não sofreram perdas ao cruzar aquele solo irregular, manchado de sangue tirado a espada.

Fossat livrou-se dos mercenários e guiou seu cavalo lentamente na direção de Blackstone e seus homens. Ele parou a quinze passos e ergueu o visor. A barba negra e os olhos de falcão destacaram-se de dentro do elmo como os de um caçador enjaulado.

– Bem, Blackstone. Que ótimo dia. Você está vivo e bem, pelo que vejo.

Blackstone pulou o muro, mas não chegou muito perto.

– Estou, sim, milorde. E você também.

– Um pouco. Meu traseiro congelou, minha espada precisa ser limpa e tenho um mandado para sua prisão e execução. E queria uma bebida.

O normando antagonista foi convidado para entrar no monastério. Ele ajeitou-se perante o fogo nos antigos aposentos do abade. Não haveria violência alguma entre ele e Blackstone.

– Não me admira que o rei apoie esse abade; ele vivia com muito conforto – disse, bebendo vinho quente e escolhendo pedaços de carne com a faca.

Blackstone pediu a Meulon e Gaillard que mantivessem todos em alerta para o caso de Fossat estar preparando uma cilada. Mas logo ficou claro que os soldados que defendiam o monastério eram compatriotas dos homens que acompanhavam o nobre. Comida e bebida lhes foi fornecida. Apesar do grupo misto de homens ter servido a seus próprios senhores, Meulon mantinha os olhos acesos e sentinelas posicionadas. Movia-se entre eles, vendo fogueiras sendo acesas e os conhecidos conversarem sobre a luta e sobre como Blackstone tomara Chaulion com poucas perdas. A reputação do inglês já estava sendo incrementada, visto que os guerreiros adornavam suas histórias com detalhes extravagantes sobre a habilidade de luta dele, dizendo que eles, em número baixo, mataram muitos em horas e mais horas de luta. Quanto mais gloriosas eram as histórias de Blackstone, mais glorioso era o papel exagerado de cada um nos fatos.

William de Fossat aceitou mais uma caneca de vinho quente.

– Vou te explicar o que se passa, Mestre Thomas. Quando você partiu, Jean de Harcourt enviou-me ao rei em nome dos lordes normandos. Somos um ducado autogovernado que sempre esteve nas mãos do filho do rei. E precisávamos de certa segurança, proteção, se preferir, agora que seu rei inglês hesitou em tomar a coroa francesa. Então Jean sugeriu que eu fosse até Paris e lhes contasse que um capitão independente inglês, você – disse Fossat, inclinando a cabeça para Blackstone –, pretendia tomar Chaulion e que eu, mais os soldados oferecidos por meus lordes normandos, cavalgaríamos para o sul para garantir seu fracasso. Tomaríamos você e arrancaríamos sua cabeça, para colocá-la na ponta de uma lança. – Ele deu um gole na bebida. – Isso foi o que eu prometi, não necessariamente o que faria. As circunstâncias mudam as intenções de um homem, como uma rocha diverge um curso de água. Saquet era a rocha.

Blackstone aguardava em silêncio, estudando o homem que humilhara no Castelo de Harcourt. Quem poderia ser mais adequado para prometer vingança ao rei?

– E essa ainda é a sua intenção? Você ajudou a matar os mercenários com os quais andara. Em que posição isso o coloca agora?

O inglês não podia negar a ansiedade que sentia, ainda imaginando que a chegada de Fossat fosse parte de um plano mais elaborado. Podia haver homens

na floresta esperando que eles baixassem a guarda, para cavalgar contra eles, visto que já estavam lá dentro.

William de Fossat era familiarizado com a conspiração e a honra, que se misturavam tão bem quanto leite azedo e vinho tinto. Os lordes normandos escutavam sua herança nórdica cantada para eles desde bebês. Toda uma vida ouvindo *La chanson de Roland*, poema épico de valor recontado nos dias de banquete, que celebrava a honra francesa, fazia parte de sua herança tanto quanto Rollo, o *viking*. E ali estava Fossat mais uma vez perante um pedreiro que se tornara cavaleiro. O mundo dava voltas, misteriosamente. O homem da cicatriz o fitou.

– Por que não matou Saquet antes de ele atacar?

Fossat não mostrou sinal de que fingia.

– Por que colocar meus homens em risco? O imbecil achava-se mais adequado para executar a tarefa de matar você. Então, deixei que tentasse. Assim que vi suas defesas, soube que venceriam. Mas, se por acaso ele o tivesse matado, eu continuaria de acordo com a vontade do rei. Sua vida ou sua morte me importa somente enquanto serve a algum propósito. Não sou Jean de Harcourt, Blackstone; não perderia o sono caso você morresse.

– Então você não é uma pessoa em quem se deve confiar – disse Blackstone.

– Pense nisso. Retorno ao rei com uma sacola de cabeças e digo-lhe que são seus homens, e que ajudei a matá-los. Infelizmente, você tinha mais homens do que imaginávamos e aquele bruto do Saquet não entendia nada de tática, era apenas um camponês descontrolado. Os mercenários dele fugiram ou morreram, deixando para mim e minhas bravas tropas enfrentar você em batalha. Foi impossível tirá-lo de Chaulion, e nos retiramos com honra, tendo matado trinta ou mais de vocês – ele deu um gole no vinho –, dependendo de quantas cabeças eu levar de volta. E o maldoso do filho do rei, o Duque da Normandia, me devolverá algumas das minhas terras que ele confiscou porque provei minha lealdade ao pai dele, o maldoso rei. Todos sairemos dessa história com nossas vidas e terras ilesas.

Era uma boa ideia, e o plano de Jean de Harcourt dera aos lordes normandos proteção, visto que Sir Godfrey havia sido desonrado.

– E o que acontece comigo e com meus homens? Seu rei mandará outra força contra mim?

– O rei não se preocupará com a perda de algumas cidadezinhas tão distantes de Paris, agora que eu já tentei… e falhei. Há questões maiores para resolver, ou seja, outro peão terá caído nesse jogo de guerra, mas você será o mestre daquilo que tomou.

– Eu tomei por Edward – disse Blackstone –, não para mim mesmo.

– E ele ficará sabendo. Você não é nenhum bobo, Thomas. Com o tempo, terá controle sobre esta área; há mais cidadezinhas para tomar, e arrancar delas homens que causam problemas a todos nós. Terá bastante dinheiro, os lordes normandos se certificarão disso, pelo menos para começar, para manter o pagamento de seus soldados, mas então você tomará uma parcela das plantações e do gado e cavalgará e fará pilhagem.

– Então nosso assunto está encerrado, milorde.

Blackstone levantou-se – mais um ato que mostrou ao normando que, embora o inglês estivesse perante um superior, aquele era seu território e ele faria o que quisesse.

Os olhos negros de Fossat brilharam; um brilho superior de autoridade. Ele baixou a caneca de metal e limpou o excesso dos lábios cercados de pelos.

– Pense nisso. Seus homens são pagos por senhores normandos, então você é um homem de armas sob nosso serviço. Tem alguma mensagem para aqueles que o apoiam em segredo?

– Nossas ações aqui são a única mensagem.

Fossat vestiu as luvas e virou-se para sair. Dera poucos passos quando as palavras de Blackstone o pararam.

– Tem uma coisa: não preciso mais do dinheiro deles. Tenho terras e suprimentos. – Ele esperou que Fossat assimilasse as palavras que denotavam sua independência. – E um celeiro cheio de tesouros.

Fossat assentiu.

– Então não é mais um homem de armas pago por nós, mas um cavaleiro independente… Sir Thomas.

Blackstone sabia que havia ainda uma questão que precisava abordar.

– E quanto a você e eu, milorde?

O normando não desviou o olhar.

– Você me derrotou em combate. Meu orgulho foi ferido; ainda está. E se você não tivesse sido impedido por Jean, essa loucura dentro de você teria me matado. Nesse sentido, estou em dívida com você.

– Não está, não, milorde. Se havia dívida, foi paga pelo papel que executara ao matar os mercenários. Ainda que não o tenha feito por mim.

– Um gesto gracioso indica boas maneiras, Sir Thomas. Será possível que esteja querendo participar de um jantar de luxo?

– Você disse, certa vez, que luto como um cão raivoso.

– E luta mesmo.

– Então não acho provável que a cortesia possa acalmar um vira-lata tão selvagem, concorda?

Fossat sorriu.

– Creio que sim. Viemos de mundos diferentes, Blackstone, mas quero que saiba que tem meu respeito como cavaleiro, e que eu cavalgaria com você contra um inimigo em comum. Mas, se nos encontrarmos em lados opostos, vou matá-lo quando você menos esperar.

Os corpos foram reunidos e deitados sobre a neve, para serem guardados até a primavera, quando o solo se amaciaria e eles poderiam ser enterrados. Os homens de Fossat cortaram as cabeças e as colocaram em sacos. Deixaram os cavalos e as armas de Saquet para Blackstone. Os homens que se conheciam por terem servido ao mesmo senhor normando se despediram e ficaram vendo os cavaleiros passarem pelos mercenários enforcados para desaparecer numa trilha da floresta.

Enquanto os homens de Fossat executavam a nefasta tarefa, Blackstone reunira seus homens e lhes oferecera a chance de retornarem para seus próprios mestres. Era a oportunidade de deixarem o inglês e voltarem a seus pelotões e à proteção do senhor ao qual serviam. A negociação durou poucos instantes. Os homens se entreolharam, alguns deram de ombros, outros trocaram comentários. Foi Talpin, um dos construtores da muralha, quem deu um passo adiante.

– Você nos arranjou um forte aqui e outro em Chaulion, Sir Thomas, e temos comida na barriga e dinheiro no bolso. Acho que podemos aumentar mais ainda esse muro, deixá-lo mais forte, então acho que vou ficar e ver se podemos fazer isso.

– Sim, e ele vai precisar de mim para garantir que faça tudo direito – disse Perinne.

Um murmúrio de aprovação correu pelos sobreviventes.

Meulon disse:

– Ficaremos com você enquanto precisar de nós, Sir Thomas.

Blackstone virou-se para Matthew Hampton, que estava junto dos arqueiros que não haviam sido levados à enfermaria.

– Está me pedindo para lutar ao lado dos franceses – disse Hampton, e fitou os outros. – Eu e os outros não gostamos muito deles. Os gascões, nós conhecemos, são parecidos – ele disse, baixando o arco –, mas esse bando de normandos parece gostar de você, e isso basta para nós.

Capítulo vinte e seis

Passaram-se duas semanas no monastério e os homens debilitados haviam se recuperado. Planejou-se demolir os edifícios mais inúteis, e o prior, Irmão Marcus, concordou. O monastério ganharia mais uma parede defensiva e um contingente rotativo de quatro homens que temiam a Deus e que recebiam as orações oferecidas pelos monges. Blackstone e seus homens honrariam as regras monásticas de São Benedito, como eram chamadas: ninguém portaria armas dentro do monastério, e seria construído um conjugado onde os homens viveriam. Eles comeriam com os irmãos leigos, e, se problemas lhes batessem à porta ou o pedágio lhes fosse recusado, então o sino do monastério soaria e homens de Chaulion cavalgariam até o local, para ajudá-los. Era um enclave fechado entre homens que, meses antes, não imaginavam que poderiam não somente coexistir, mas inclusive lutar lado a lado.

O Prior Marcus enviaria irmãos escolhidos até os aldeões locais para avisar que Saquet, o assassino, estava morto, derrubado por Sir Thomas Blackstone, e que não seriam mais atacados. Chaulion e o monastério foram tomados em nome do Rei Edward da Inglaterra, e nenhum mensageiro ou inglês que o servia devia sofrer. Como retribuição do dízimo, que alimentaria os homens de Blackstone, teriam a mesma proteção oferecida ao monastério. Quando chegasse a primavera, fariam também um mercado em Chaulion, a cada vez, onde ocorreriam vendas e permutas, com uma taxa de dois por cento retida de qualquer comerciante vindo de longe. Crimes seriam punidos por Sir Thomas e seus capitães. O enforcamento dos patifes coincidiria com o dia do mercado, como advertência para os demais e entretenimento para o povo. Não se mataria animais dentro de Chaulion e nenhum curso de água da cidade ou do monastério seria usado para tirar lama, lavar carcaças ou despejar dejetos. Seria um recomeço.

Blackstone cavalgou, seguido por seus soldados, para Chaulion. Era hora de

ver se a população havia honrado a palavra dele. Os portões estavam fechados quando chegaram.

– Vocês aí dentro! – Meulon berrou. – Abram os portões!

Uma dúzia de rostos apareceu na muralha, lanças e espadas foram mostradas para evidenciar que estavam armados. Era um bom sinal, e os homens sabiam que Blackstone era o novo mestre da cidade, do monastério e das vilas circundantes. Em questão de instantes, Blackstone foi identificado. Ouviram-se gritos lá dentro, e os portões foram abertos. A delegação que oferecera os filhos como reféns correu para cumprimentar o homem que os livrara de Saquet e seus assassinos.

A intenção agora era garantir que a cidade continuasse em suas mãos.

As semanas passavam-se rapidamente, e chegaram notícias de que o Rei da França fracassara em juntar um exército para desafiar o cerco de Edward a Calais, reforçando, assim, a crença de muitos nobres de que Philip era força vencida e que os Estados Gerais, aqueles que comandavam os gastos do governo, estavam expressando seu desapontamento mais abertamente ao monarca, insistindo que ele não pressionara os ingleses com força suficiente. Instalou-se uma taxa sobre a lenha na Normandia, mas a inquietação alcançou até o Ducado da Borgonha, onde o cunhado do rei foi desafiado por rebeldes a mando do rei inglês. Mais nobres, arruinados pela guerra, ofereciam seus serviços a Edward, aumentando ainda mais a dificuldade para que os coletores de receita franceses viajassem pelo interior para recolher as taxas dos pressionados ranques mais baixos da nobreza.

Em seu canto problemático do reinado, Blackstone supervisionava a construção de um novo dormitório e estábulos no monastério para abrigar seus guardas. Esses homens comiam no refeitório dos irmãos leigos, deixando os monges com sua privacidade, seus manuscritos e orações. Mas houvera uma notável alteração desde que o inglês tomara o controle. Duas vezes por semana o Irmão Marcus enviava os monges para os campos com os outros e, no final da estação, as plantações e os rebanhos haviam dobrado de valor. A área cultivada fora estendida, e o monastério começou a reivindicar terras sem uso e aumentar sua riqueza. No fim daquele primeiro verão, vendiam-se o queijo de bode e outros produtos, trocados no mercado de Chaulion, onde se distribuíam esmolas para os pobres. A cidade ficou conhecida como local de segurança e refúgio para aqueles que buscavam a proteção do inglês.

O feito de Thomas Blackstone era ainda mais digno de nota dados os poucos

homens que comandava, mas, conforme crescia a estabilidade de Chaulion e da área circundante, mais pessoas viajavam até ali para oferecer seus serviços. A maioria vinha do exército de Edward, tendo o cerco a Calais terminado e Edward mantido o caminho aberto para a França. Mas Blackstone aceitava poucos homens em sua companhia e usava seus capitães Guinot e Meulon para avaliar o valor dos recém-chegados, deixando-os tomar a decisão final de quem poderia juntar-se ao grupo de soldados, que haviam criado laços de confiança. A logística da comida e do pagamento determinava como ele podia sustentar seus soldados, que contavam, então, cerca de setenta, com somente quinze arqueiros ingleses, liderados por Matthew Hampton; a maioria vinda do batalhão de reserva de Edward, onde seus serviços não eram mais necessários. Enquanto convalescera no Castelo de Harcourt, após Crécy, Blackstone aprendera a ter paciência, por isso sua ousadia passara a ser temperada pela precaução, agora que estendia seu território. Ele evitava qualquer cerco que pudesse minar sua força enxuta.

– Quantos guerreiros a cidade pode sustentar? – ele perguntara aos capitães.

– Cem, facilmente – disse Guinot.

– Há novos quartéis para eles. Alguns arranjaram mulheres, vão se reproduzir como coelhos – disse Meulon.

Blackstone abriu o mapa que Jean de Harcourt lhe dera.

– Não quero muitos homens em lugar nenhum que controlemos. Cinquenta, no máximo. Pode-se defender um local com menos. Outros virão, agora que a guerra acabou, e haverá aqueles que nos desafiarão. Soldados sem guerra são como uma matilha de lobos. Quero ir mais para o sul, pegar o que for possível e trazer quem quer que esteja do nosso lado.

O inglês andava de um lado a outro no quarto que tomara para si na casa do mercador, contendo uma cama simples e uma mesa para os mapas e para comer. Sabia que, até o momento, tinham contado com a sorte. A incerteza que o cutucava quanto a como cumpriria sua promessa aos que lhe ofereceram proteção jamais o abandonava. Os homens contavam com ele para garantir bem-estar e recompensas. E, desde que ele rejeitara o salário dos lordes normandos, vinham avançando para áreas cada vez mais distantes da segurança de Chaulion. O nome e a reputação de Blackstone espalhavam-se, mas os cofres esvaziavam-se, visto que a lealdade francesa fora fraturada pela guerra, gerando novos bandos de mercenários que rasgariam o coração de uma área que não tivesse proteção.

– Conseguimos fazer muito este ano, mas precisamos garantir provisões para o inverno – Blackstone disse-lhes. – Comece a escolher homens que os demais respeitem e deem-lhes responsabilidade no comando. Precisamos contar com os

homens que temos. – Ele deu um tapinha no mapa, que mostrava diversas casas de campo e aldeias menores. – Escolham esses lugares que se espalham num raio de poucos quilômetros das cidades cercadas por muros. Ao tomá-las, impedimos aqueles que comandam as cidades de usar as estradas e movimentar-se pelo território. Tomem e controlem.

Durante os primeiros meses, os soldados de Blackstone foram além de Chaulion, ignorando cidades muradas, concentrando-se nas casas fortes menores, cujas defesas eram superadas com facilidade e depois incrementadas para que poucos homens pudessem defender o local. A estratégia de escolher essas casas e aldeias facilmente dominável garantia que as tropas menores da nobreza baixa tivessem seus movimentos dificultados, bem como seu acesso ao alimento, uma vez que os aldeões eram trazidos para a proteção do cavaleiro inglês. Duas dessas cidades, menores que Chaulion, com muros velhos, arruinados, oferecendo pouca proteção, caíram no início do outono. Seus homens mal puderam cruzar cinco quilômetros antes de serem atacados e dominados pelos soldados de Blackstone. Foi esse plano lento e deliberado, executado com ataques surpresa, e a habilidade de mudar de tática com rapidez que pegaram os franceses em momento de fraqueza, por tantas vezes. Apesar dos números reduzidos – os grupos de batedores não costumavam passar de uma dúzia de homens –, acostumaram-se a atacar rotas de comércio e comerciantes, e Blackstone cavalgava e lutava ao lado de seus homens, até que as cidades e aldeias ao sul foram tomadas. Ele comparava essa capacidade de atacar o inimigo em diferentes pontos com a de infligir múltiplos ferimentos em um adversário mais forte. Cedo ou tarde, o sangrar o enfraqueceria, fazendo-o cair de joelhos. As incursões de Blackstone logo tornaram-se o fio de seda que conectava todos esses lugares, alimentando-se de carne francesa. Foi um início de campanha ousado, mas os homens começavam a se cansar e logo seria a hora de proteger o que tinham.

– Não podemos lutar durante o inverno – disse Meulon. – Ficaremos exaustos.

– Meus homens lutarão enquanto eu lutar, Meulon. Eu como o que eles comem. Não tenho privilégio algum – disse Blackstone, mas soube, ao falar, que a acidez do tom de voz devia-se ao cansaço.

Meulon não se retraiu. Fora enviado por Harcourt para ser o braço direito do inglês, e estivera ao lado dele em todos os ataques.

– Não somos você, Mestre Thomas. Perdemos homens, alguns ainda estão feridos. Longe demais, rápido demais, e poderemos perder parte do que ganhamos.

Blackstone fitou Guinot, que deu de ombros.

– Ele tem razão. Estamos seguros, temos comida. Seria uma retribuição ao esforço dos homens. E os cavalos estão sendo punidos ainda mais do que os homens.

Blackstone sabia que podia cobrar mais de homens e cavalos, mas sabia também que estava correndo o risco de abandonar a própria estratégia de tomar e defender. Antes que tomasse uma decisão, um mensageiro do Castelo de Harcourt foi anunciado, e um dos soldados de Harcourt guiou-o até o quarto. Ele curvou a cabeça para Blackstone, e cumprimentou Meulon, que fora seu comandante. O mensageiro havia, obviamente, cavalgado sem descanso. As roupas estavam molhadas e sujas de lama, e ele tinha a expressão desolada de alguém que não dormia havia dias.

– Sirvo ao Lord de Harcourt – disse ele.

– Sabemos disso, seu idiota – Meulon o castigou. – O que quer?

– Tenho uma mensagem para Sir Thomas – disse o rapaz.

– Então entregue e vá comer algo na cozinha – disse Meulon, sentindo uma pontada de desespero comprimir-lhe a voz ao ser lembrado de quão lentos no raciocínio eram alguns dos soldados.

– Não está escrita, foi dada a mim por Lorde de Harcourt, com ordens para falar apenas a Sir Thomas.

– E você se lembra das palavras do senhor, Bascard? – perguntou Meulon, lembrando-se do nome do rapaz.

– Lembro. Fui ordenado que repetisse muitas vezes antes de ser enviado.

– Sim, bem, fico surpreso que ele não pendurou um quadro no seu pescoço para ajudar a lembrar – disse Meulon, saindo do quarto junto de Guinot.

Blackstone pensara muito pouco em Harcourt porque o tempo passara tão rápido. Quando dormia, sonhava que estava deitado junto de Christiana, e a excitação o acordava para a fria realidade do chão ou cama na qual ele dormia sozinho. Alguns de seus homens haviam arranjado mulheres, outros usufruíam das prostitutas da cidade, mas Blackstone ocupava-se em guerrear.

– Dê-me a mensagem, e receberá alimento e abrigo até seu retorno.

O homem ficou rígido, olhando diretamente para a frente, para que seus olhos não encontrassem os de um superior, e começou a recitar as palavras que lhe foram ditadas.

– Sua ausência durante todos esses meses causou preocupação, e conforme este ano aproxima-se do fim, meu senhor nota que você não fez esforço algum quanto à outra questão.

– Que outra questão? – Blackstone perguntou.

O homem pareceu perplexo; não esperava que sua fala fosse questionada.

– Não sei, Sir Thomas. Mas meu senhor ordena que você repare na

negligência proposital de suas obrigações. – O homem engoliu em seco, visivelmente nervoso. – Foi isso que ele disse.

Blackstone não fazia ideia do que significava a mensagem. Defendia o território em nome de seu senhor, Edward, e estendera o espaço estável entre os barões normandos e aqueles que poderiam lhes ameaçar. Meses longos e difíceis de cavalgada forjaram uma pequena companhia de homens que lutavam como se tivessem o dobro de elementos. Quais outras obrigações? E então ficou claro o que ele negligenciara. Christiana.

– O que meu senhor Harcourt ordena que eu faça?

– Que retorne até que a questão seja resolvida.

Com um aperto doentio no estômago, Blackstone percebeu que o mestre estava puxando a coleira de seu cão. Após meses de liberdade, esta seria restringida. E, apesar da lembrança súbita de seu desejo por Christiana e da boa vontade de Harcourt, ele não pôde deixar de ficar aborrecido. Seria afastado de seus homens. Estava habituado a eles tanto quanto o fora aos arqueiros ingleses com os quais servira. E não queria perder um laço tão próximo novamente. Poderia ele desafiar Harcourt? Por que não? Era independente, tinha provado seu valor. Mas a honra e uma promessa feita à esposa de que retornaria tinham de ser respeitadas.

Ele deu instruções a Guinot e Meulon para fazerem o que sugeriram e dessem descanso aos homens. Depois, no dia seguinte, retornou ao Castelo de Harcourt.

A muralha imponente do castelo erguia-se à sua frente, e ao cruzar a ponte de madeira, lembranças de um tempo perdido invadiram sua mente.

Jean de Harcourt admirou o homem diante de si. Os cabelos selvagens estavam emplastados como os pelos de cachorro que persegue a presa por entre espinheiro e cerca viva, e o rosto magro e barbado havia sido malhado pelo clima, a pele esticada nas maçãs do rosto estendia a cicatriz como se fosse corda de arco. Ele já tinha visto essa expressão sombria nos olhos dos guerreiros; uma expressão de cansaço constante, de estar sempre alerta. Ele deu um passo adiante e abraçou Blackstone.

– Thomas, é bom ver você após tanto tampo. Estou satisfeito por estar bem e não ter sido ferido.

Blackstone sentiu um conforto familiar dentro dos muros do castelo. Em certo sentido, era como voltar para casa; entretanto, havia também a sensação de que estavam aprisionando a parte dele que queria cavalgar livremente pelo

campo e atacar os inimigos.

– Tive sorte, senhor. Como está sua relação com o rei Philip? Está tudo correndo como você esperava?

– Sim, graças a você. – Ele serviu vinho, enquanto Blackstone, inquieto, foi até a janela. – Fossat voltou com evidência suficiente para convencer o rei de que estávamos caçando você em nome dele. Se houvesse qualquer suspeita de que os lordes normandos haviam sido coniventes com seu sucesso nas cidades ao sul, a dúvida foi rapidamente apagada da mente do rei quando as cabeças decepadas foram tombadas das sacolas, com grande cerimônia, por nosso amigo William. O chanceler do rei vomitou por causa da putrefação em que se encontravam, mas Philip foi logo ver se seu rosto marcado estava entre as cabeças que rolaram pelo pátio. William de Fossat recuperou algumas das terras dele, embora o filho do rei tenha ficado chateado, mas os políticos dele e Fossat sabem como extrair o melhor rendimento de uma plantação bem-feita.

– Então seu plano deu certo, embora você não tenha me avisado sobre ele, senhor. Pensei que íamos ter uma batalha final quando ele apareceu.

– Melhor não avisar aonde vai colocar seu cavaleiro no tabuleiro de xadrez – disse Harcourt, entregando uma taça de vinho ao outro, que engoliu tudo, enquanto o nobre deu um golinho delicado. – Mandei rezarem por você, Thomas. Mas o que aconteceu entre você e William ficou conhecido e usei isso, visto que ele era o único de nós no qual o rei acreditaria.

– Então arriscou a minha vida. Ele teria me matado se precisasse.

– Não, eu sabia que não o mataria porque estava em dívida com você.

– Dívida que foi paga.

– Escute, Thomas, o que aconteceu em Chaulion com Saquet e Fossat ganhou tempo para nós.

– Pode ser, mas eu não o entendo. Ele disse que lutaria ao meu lado por uma causa em comum, mas, se nos enfrentássemos no campo de batalha, ele me mataria. E isso pode ser feito com flecha mais facilmente do que com espada.

Harcourt pôs a mão no ombro do amigo.

– William escolherá o caminho que for melhor para ele. Trate-o como trataria um cão raivoso acorrentado. Não chegue perto demais e não deixe que estique demais a corrente. Ele é forte o bastante para rompê-la.

Blackstone havia sido preso à teia dos lordes normandos e, embora sua amizade com Jean o segurasse, ambos sabiam que ele já havia se libertado desse envolvimento.

– Agora, Thomas… há outras questões que precisam ser atendidas.

Blackstone sentiu outro tipo de trepidação, diferente dos breves momentos de medo que o dominavam antes da batalha. Teria que encarar Christiana após

meses de ausência.

– Onde ela está? – ele perguntou.

– No quarto dela. Sabe que está aqui.

– Está bem?

– Sim. Ela e Blanche ficam juntas todos os dias. Está feliz aqui. Mas sente sua falta, embora jamais reclame. Era hora de você voltar, Thomas. Faz muito tempo.

– Eu tinha trabalho a fazer. Garantimos um corredor que dá a Edward a oportunidade de atacar pelo coração da França, caso precise.

– E ele sabe disso. Temos nossa maneira de falar ao rei inglês o que ele precisa saber. Você recusou nosso pagamento, Thomas. Nosso dinheiro não é bom o bastante?

– Eu queria ser independente e impedir que você e os outros fossem associados a mim, mas, a não ser que eu encontre alguém para capturar e fazer refém ou tenha sorte com outro ataque, então terei de retornar com meu potinho de esmolas. Tenho o bastante apenas para mais um inverno.

– Você nunca será visto como pedinte por ninguém nesta casa, nem pelos meus associados. Vimos você varrendo o interior como uma tempestade raivosa. Jamais poderíamos ter agido com tamanho ímpeto.

Blackstone permitiu que o calor do elogio o acalmasse.

– Tenho bons homens. Todos eles. Diga aos barões que escolheram muito bem quando os enviaram. E eu deveria estar lá com eles.

– Todo homem tem mais de uma obrigação, Thomas. Christiana esteve sob nossa guarda, mas você não pode abandonar sua esposa e a criança.

As palavras de Harcourt o tomaram de surpresa.

– Criança? Já?

O lorde normando encarou o homem que ensinara a lutar, o garoto que saiu como mercenário e retornou como líder experiente.

– Santo Deus, Thomas, você não sabe contar os meses?

Blackstone ficou estupefato, tentando recontar quantas investidas e ataques fizera. Os meses passavam em paralelo às conquistas. Quantos homens viviam e morriam, e quando, isso era o calendário dele.

– Oito?

– Dez, quase onze.

– Uma criança – ele sussurrou consigo. – O que devo fazer agora? – ele perguntou, como um tolo. E então: – Que tipo de criança?

– Bem, não há sinais de chifres nem cascos, então deve ser do tipo enviado pelos anjos. Devia ir vê-lo.

Era um menino.

Christiana estava diferente. O rosto suavizara, e havia um calor na pele, como um rubor; ela parecia, de algum modo, mais jovem, infantil, ele pensou ao vê-la. O corpo tocava mais o tecido macio do vestido, e os seios, ele notou, estavam maiores. O sabor do desejo por ela pegou-lhe no fundo da garganta.

Quando Blackstone entrou no quarto, Christiana estava soprando uma cordinha na qual foram amarradas dez ou mais fios de material colorido que balançava acima de um pequeno embrulho deitado num berço. Ela sussurrava um ninar calmante que teria aquietado o mais selvagem dos corações. Não o dele, que bateu mais forte assim que a viu. Christiana virou-se, quando ele se mexeu, e uma expressão súbita de alarme deu lugar à surpresa e à alegria quando ela correu e saltou sobre ele, cobrindo os lábios dele com aqueles beijos de sabor inequívoco. A moça sussurrou o nome do marido uma dezena de vezes, depois pôs os pés no chão, fitando-o, segurando o rosto nas mãozinhas, tracejando a cicatriz com o dedo.

– Thomas, meu amado esposo. Senti tanto a sua falta e rezei todos os dias para que voltasse são. – Ela pegou-o pela mão. – Venha, venha ver seu filho.

Christiana ergueu a criança, que dormia, do berço e a entregou para ele. Blackstone segurou-a, sem jeito, um pouco distante do corpo. Suas manzorras pareciam pás de juntar grão comparadas ao pequeno embrulho.

– Parece um pãozinho – ele disse, estranhando. Blackstone trouxe a criança perto do rosto e a cheirou. Era um cheiro delicado que ele nunca tinha sentido.

– Acabo de dar de mamar – ela disse, tirando o menino dos braços do pai. Christiana beijou o bebê na testa. Blackstone achou que era como uma menina com um gatinho novo.

– Tem uma ama de leite aqui? – ele perguntou, por nunca ter visto criadas no castelo.

– Eu o alimento. Tenho leite suficiente para todas as crianças da Normandia – ela disse, sem falsa modéstia, com um olhar endiabrado.

– Como vamos chamá-lo? – Blackstone perguntou, imaginando a criança sugando o seio da mãe, deitada nos braços dela, recebendo carinho no rosto e uma canção de ninar. E quis ser essa criança.

– Henry, para honrar seu pai, Guyon, para honrar o meu, e Jean, em homenagem ao padrinho.

Blackstone reparou que jamais soubera o nome do pai dela. E aprendê-lo tornou as circunstâncias da morte dele ainda mais dolorosas do que eram antes. Christiana viu a sombra que se formou no rosto dele.

– Fiz errado ao escolher esses?

Blackstone logo se recuperou.

– Não, é perfeito. Henry Guyon Jean Blackstone. É só que é comprido – ele

mentiu, cobrindo-se. – Espero que eu me lembre de tudo.

Blackstone quebrou a expressão de dúvida da esposa com um sorriso, curvou-se para a menina que se tornara sua esposa e mãe de seu filho e a beijou. Depois foi até o bebê.

– Você está sujo – ela disse, repreendendo com a mão no peito dele. – Está fedendo a suor de cavalo e couro seboso. – Depois lhe beijou os lábios suavemente e sussurrou: – Melhor tomarmos um banho.

Os dias seguintes foram tranquilos. Faziam amor com frequência, e a tensão de comandar os homens e cuidar de seu bem-estar deu lugar a noites lânguidas após as vésperas, quando ela retornava das orações e satisfazia o desejo de um pelo outro, tendo, depois, que passar ainda mais tempo rezando por perdão pelos pensamentos e atos lascivos. Blackstone não se preocupava com isso, e pedia que ela não rezasse por ele ou teria de passar a noite toda na capela.

As horas do dia passavam lentamente; soldados pediam licença para abordá-lo e perguntar sobre os companheiros que agora serviam com ele, para saber quem sobrevivera e quem não. Ele dormia na cama de plumas de Christiana com ela nos braços, mas, na maioria das noites, depois que seus corpos unidos se separavam para dormir, ele sentia uma fisgada nos músculos das costas, mais acostumados com uma cama dura com colchão de palha, e ela acordava e encontrava o marido enrolado no tapete com a capa por cima do corpo nu. O modo como vivia em Chaulion confundira a lembrança dele de quão quieta e simples a vida podia ser entre os muros do castelo. Marcel continuava servindo à sua senhora como criado e, Blackstone suspeitava, como informante, mas mostrava habilidade particular com o bebê, e costumava ser enviado por Blanche para trazer mãe e filho para os aposentos dela. Christiana não parecia pensar duas vezes quando Marcel baixava-se sobre o carpete onde Henry ficava deitado, choramingando, agitando bracinhos e perninhas, como um peixe na praia, e pegava a criança nos braços, envolvendo-a num xale. Criado, mãe e filho pareciam uma família entre si, quando Blackstone observava a tranquilidade com a qual seu filho era aninhado. O rapaz ainda não havia calculado quanta ternura poderia ser aplicada a um corpo que sentia como se fosse uma galinha desossada. O fato de sua semente ter crescido e virado aquela criança birrenta era ainda causa de espanto. Parte dele vivia em outra criatura, assim como ele fora gerado de seu pai. Um arrependimento o pegou desprevenido: ele não seria capaz de transmitir sua habilidade com o arco, como o pai lhe fizera. Mas, ele disse a si mesmo, não fazia sentido ficar todo sentimental por causa da criança.

Se ela passasse do primeiro ano, teria sorte, do segundo, mais ainda, se fosse além disso teria chance. Arianrhod veio aos lábios dele, e ele fechou os olhos e fez uma oração silenciosa para as duas mulheres místicas – a deusa celta e a Virgem Maria, Mãe de todas as crianças – e pediu que o bebê vivesse para que pudesse partilhar de sua vida.

– Ei! Ei! – Jean de Harcourt gritou ao ver um de seus falcões disparando pelo céu, perseguindo um pombo com seus minutos contados. Estava enamorado dos novos falcões, com poleiros espalhados por quase todo cômodo do castelo, exceto o quarto do casal, o único local em que a proibição de Blanche era inviolável. Harcourt fazia carinho e mimava os bichos, murmurando como a uma criança aos joelhos; uma visão incomum. A estação de caça havia acabado, mas ele queria que Blackstone saísse com ele a cavalo para ver a beleza de seus pássaros. Blackstone sempre sentira o que só podia descrever como ressentimento quando era menino e via Lord Marldon caçando com seus falcões. Era um esporte de nobres, mortes fáceis conseguidas com pouco esforço, tão diferentes das habilidades que ele e o irmão aprendiam. Se eles não conseguiam caçar coelhos nem derrubar pássaros com um estilingue, podiam ficar sem sentir gosto de carne por semanas, e usar o estilingue juntava olhos e braço, treino perfeito para o arco e flecha. O mesmo sentimento surgiu novamente quando ele estava convalescendo no castelo e viu Harcourt sair a cavalo com seus pássaros. Naquele dia, entretanto, quando o pássaro encapuzado sobre a luva do mestre recebeu visão da presa e foi solto, o inglês pensou outra coisa: ele era como aquele pássaro – treinado, preso e enviado à caça.

Estava aliviado por cavalgar sem a companhia de mulheres, pois, após ter sido abastecido por Christiana e Blanche com informações sobre os eventos dos meses passados, estava cansado de tanta conversa. Durante sua ausência, a família fora visitada por outros lordes e houve banquetes que traziam consigo toda a fofoca dos presentes. Os chamados de Harcourt ofereciam escape bem-vindo das mulheres, que haviam começado a falar novamente sobre as dores demoradas do parto que Christiana enfrentara.

Quando Blackstone e Harcourt retornaram, os pássaros foram guardados pelo falcoeiro, e o conde guiou seu amigo até a biblioteca, onde se aqueceram perto da lareira, cachorros aos pés, com um mapa sob os dedos. Jean de Harcourt e os outros lordes normandos usufruíam de relativa segurança no centro de seu território, ainda que a guerra entre as forças francesas e as anglo-gascoa no sul continuasse, apesar do tratado feito entre os dois reis em Calais, enquanto ao

oeste o conflito prosseguia sem parar, já que capitães independentes, a maioria leal a Edward, lutavam e aumentavam o poder do lado oposto na guerra civil que esgotava recursos e homens com sua violência incansável contra os duques da Bretanha.

– Edward tem pouco interesse no oeste – Harcourt explicou, tracejando o mapa. – Os portes são dele, mas o Recife Ushant é traiçoeiro, e a Bretanha não oferece porto conveniente para entrar na França, então ele continua apoiando simplesmente para impedir que os franceses vão ao sul, até suas terras em Bordeaux. Se eles se fixassem ali, tomariam as rotas de comércio para a Inglaterra e tornariam a defesa da Gasconha mais difícil e cara do que já está. Ambos os reis manobram por posições. Ambos juntam recursos para pagar a outros para possuírem território em seu nome.

Blackstone apontou os postos avançados que havia tomado no interior.

– Essas são minhas cidades e vilas. Estou vulnerável aqui e aqui – ele admitiu, passando o dedo a leste e depois a oeste, na Bretanha. – Mas os que domino, sejam casas fortes, sejam aldeias, estão defendidas e dentro de distância fácil de alcançar caso peçamos reforços.

– Mas você não tem homens suficientes, Thomas. Deve estar preparado para admitir aqueles de mau caráter entre seus ranques. As prisões estão sendo esvaziadas, soldados a pé e cavaleiros vagueiam aos bandos, tomando tudo que podem.

– Não quero escória. Os que eu tenho não caberiam numa taverna meio decente, mas as prostitutas gostam deles e eles pagam pelo que tomam. Além disso, o dinheiro se esvai rapidamente. Talvez eu deva ir até Edward e pedir.

Harcourt deixou o mapa enrolar-se.

– O custo de manter as tropas em Calais coloca restrições nos cofres dele. Aceite os que oferecem seus serviços e deixe-os viver de *patis*. É assim que esses homens vivem.

Blackstone conhecia mais de como viviam esses soldados de fortuna do que de Harcourt. *Patis* não era nada além de dinheiro de proteção – um contrato entre mercenários e cidades e vilas circundantes para pegar o que quisessem, quando quisessem, contanto que não atacassem os aldeões. O problema era que isso dava a esses homens independência e permitia que vivessem segundo suas próprias regras. Para Blackstone, deixar que grupos inteiros de homens fizessem isso implicaria não ter controle algum sobre eles. Seu *patis* era garantido pelo seu próprio braço e espada.

– Se eu fizer isso, serão precisos poucos incidentes para que os locais insurjam-se e ataquem meus homens. Tenho um núcleo de soldados que serve a mim e aos que dei autoridade. Só posso fazer o que faço com os que já tenho.

Nunca foi intenção sua que eu cavalgasse à frente de um exército. Pequenos grupos de nós em pontos estratégicos valem mais para mim do que centenas tendo que forragear o interior em busca de comida.

Harcourt sabia que era perigoso ser ambicioso demais. Sir Godfrey calculara mal a habilidade do Rei da Inglaterra de financiar a guerra longe de casa. Blackstone tinha razão, era melhor ter controle sobre uma área menor, porém vital, do que ganhar território maior e arriscar perder tudo. Mas ele achava que sabia como Blackstone podia atacar os lordes normandos e arrancar dinheiro francês suficiente para comprar o tipo de homem que queria.

– Falaremos mais sobre isso depois – ele disse, querendo pensar um pouco mais. – Você fica para o Natal, Thomas. Os outros lordes estarão aqui.

O Natal era algo de que o rapaz tinha pavor. O rodamoinho de vestidos coloridos e joias avivaria as paredes geladas e traria alegria e risos a uma casa que havia cuidado dele. Ele seria sempre grato a Harcourt, isso era certeza, mas ter que enfrentar outro Natal era como uma punição.

– Senhor, não posso deixar meus homens sozinhos por tanto tempo. Retornarei com Christiana e meu filho e aproveitaremos ao máximo por lá. Não foi por isso que me convocou, para cumprir minha obrigação para com a minha família?

Harcourt concordou.

– Como deve todo homem, Thomas. Mas não deixe essas responsabilidades afetarem seus empreendimentos. Deixe Christiana ficar com o menino até que ele tenha idade para ser pajem. Eu o aceitarei quando chegar a hora; quando for capaz de ler e escrever e limpar o próprio rabo. Mas você entende como isso coloca mais peso sobre você?

– Tenho que sustentá-los, naturalmente.

– E se você morrer?

– Então eles ficam com o que eu tenho.

– E o que você tem são pedaços de terra espalhados com modestas plantações e camponeses ignorantes que se entregarão como prostitutas para o próximo homem com uma espada que puder protegê-los. Seu filho precisa de uma herança; se você tiver mais filhos, uma menina, quem sabe, então precisará de um dote. A pobreza não cabe a gente como nós, Thomas. Você não é aristocrata, mas tem melhor compreensão do que a maioria do que é a sobrevivência. Deus não o poupou em Crécy para que continuasse sendo um simples arqueiro; ele lhe tomou isso e deu algo maior.

– Ele tomou meu braço de arqueiro e o irmão de quem eu cuidava.

– E em troca trouxe-o aqui e lhe deu raiva e ambição. Para um maldito assassino, você até que tem senso de honra. E ouso dizer que isso veio de seu pai

e seu suserano, mas você cruzou uma linha, Thomas.

O segredo obscuro relativo ao pai de Christiana foi como um ladrão nas sombras ameaçando-o com uma faca na garganta. Ele foi servir mais vinho para disfarçar, caso a culpa ficasse aparente.

– Como assim, milorde? – perguntou, erguendo a taça, fitando Harcourt por sobre a borda.

– Aqueles que viajam pelas estradas, funileiros e monges, mercadores e batedores, todos têm histórias para contar. E seu nome já está famoso. Seu caminho é estranho, Thomas Blackstone. – Harcourt esticou as pernas perto do fogo e afagou a orelha de um dos cachorros. – É mais complicado do que pensei. Você queima e mata, mas não permite que mulheres sejam estupradas ou que crianças sejam assassinadas. Não tem berço e zombou de nossa noção de cavalheirismo. Entretanto, você a exerce.

Deixaram o Castelo de Harcourt com provisão extra e uma sacola de moedas de prata, oferecidas por Harcourt como dote para Christiana. Promessas de uma reunião prévia entre Blanche e Christiana foram feitas, lágrimas de mulher foram derramadas, e o padre de Harcourt foi convocado para dar-lhes sua bênção, para que fizessem boa viagem para casa. O manto protetor de Deus foi incrementado por mais dez homens, que deveriam seguir a certa distância e depois retornar quando a carga estivesse chegando a Chaulion.

– Devíamos ter ficado, Thomas – disse Christiana. – É Natal, e teria sido minha última chance de ver todo mundo. – Blackstone fitou a esposa. Ela parecia feliz, mas quem é que entendia as mulheres? Christiana não fazia careta, isso era um bom sinal, nem fez beicinho, em autopiedade, o que era melhor ainda. – Sei que não gosta de dançar, e talvez tenha certa inveja dos lordes que falam versos bonitos, mas faz bem para a alma, como uma oração dita em humildade – ela prosseguiu, aparentemente sem nem tomar fôlego. – E o clima vai nos pegar, tenho certeza, e minha capa ficará encharcada. Queria que o clima se decidisse. Chuva ou neve. Nada está como deveria. Você sabia que perderam toda a colheita no outono, no sul? Choveu tanto. Passarão fome.

Ele sabia. Era o motivo pelo qual Harcourt lhe contara seu plano. O conflito crescia quanto mais ao sul se descia. Capitães rivais do mesmo lado lutavam por cidades e castelos, e os soldados do rei francês travavam batalhas recorrentes de cidadela a cidadela numa guerra de atrito contínuo. Harcourt sabia que as casas de moeda regionais estavam seguras na cidade de St. Aubin e uma grande soma

de dinheiro estava sendo acumulada, muito provavelmente para pagar as tropas francesas. Se Blackstone e seus homens pudessem encontrar um jeito de passar pelas facções combatentes e tomar as casas de moeda ou pegar o dinheiro em trânsito, aplicariam um golpe pesado contra a habilidade do rei francês de fazer o pagamento das tropas do sul. Que jeito melhor de servir ao próprio rei senão dificultar a vida do inimigo e garantir o tão necessário dinheiro para os próprios homens? Era um plano regado a riscos, mas que Blackstone pretendia considerar de todo modo.

Christiana ainda não estava preparada para libertá-lo de sua bronca gentil.

– E Henry estava seguro em Harcourt. Seguro e aquecido. Marcel era maravilhoso. Um braço direito. Não, Blanche era meu braço direito; ele era como o meu braço esquerdo. Sentirei falta deles.

O inglês aprendera a ser paciente durante seu tempo em Harcourt e sabia que estava pedindo demais da esposa. Ele permaneceu em silêncio, vendo aqueles lábios que o incitavam tanto quando ela falava como quando ela o beijava. Então, virou o cavalo. Christiana nem notou. O monólogo continuou por mais algumas passadas e só então ela percebeu que Blackstone não estava mais ao lado dela.

Ele olhou para trás, para onde a escolta os observava, algumas centenas de metros deles. Os soldados haviam parado também para ver o que ele ia fazer.

– O bebê está bem? – ela disse, subitamente preocupada.

Henry estava aninhado no berço, amarrado num dos lados da sela de um cavalo menor que carregava a mala de roupas de Christiana do outro lado. O bebê não fazia barulho, e Blackstone supôs que o gingado da marcha do cavalo era melhor que uma cadeira de balanço. Seu olhar vagueava, assimilando o campo irregular.

– Quando a tomei daqueles boêmios na floresta e quase nos afogamos, você estava mal-humorada, como um cachorro chato de camponês; e quando cuidou de mim foi corajosa e altruísta e subjugou o próprio sofrimento. Mas, desde quando passou a ficar com Blanche, é como a maré subindo no rio. A água escura cobre tudo o que havia antes. Foi o que aconteceu com você. Tornou-se uma mulher caseira mergulhada em fofoca frívola e roupas finas.

Christiana fez uma careta em protesto.

– Thomas, eu passei…

– Christiana, ainda não terminei de falar – ele disse com firmeza, sem raiva na voz. – Gostaria de poder oferecer-lhe mais. Não posso. E nosso futuro é incerto. Você terá tudo o que é meu, mas é a esposa de um soldado, não uma senhora da nobreza. Haverá dificuldades e perigos para todos nós. Não terá companhias requintadas, e no máximo a esposa de um mercador para ajudar com

a criança, se precisar. Haverá semanas em que estarei longe. Meu coração e minha cama são seus, mas tudo mais demanda minha atenção. Aceite essa vida ou volte e fique com Blanche. Ela a aceitará com alegria. Visitarei de vez em quando. Você terá o menino até os 7 anos, depois ele será meu. Deve escolher o que quer da vida. E rogo para que me escolha.

Blackstone entregou à esposa as rédeas do cavalinho, depois se adiantou com sua montaria. Estava correndo risco, mas não tinha opção. Cabia à moça resolver se o seguiria. E, se o fizesse, daria as costas aos confortos oferecidos a ela em Harcourt, trocando-os por um futuro incerto.

No início da primavera, Christiana já havia se livrado do desespero relativo ao estado da casa que Blackstone tomara como lar. Ele habitava um quarto, ignorando o estado deplorável dos demais, ocupados antes por Saquet e seus homens. Ela pediu para Blackstone, que obedeceu, que mandasse vários aldeões e suas esposas remover todos os traços de sujeira e esfregar a casa com vinagre de canto a canto. E assim que as chaminés foram limpas, e a lareira, acesa, ela vasculhou a região em busca de alecrim e outras ervas para queimar e adocicar a atmosfera fétida de homens sujos e cachorros e as nojeiras que deixaram para trás. Junco fresco bastaria para os cômodos que ela visitava com menor frequência, mas para todos os outros ela insistiu que fossem deitados tapetes de tecido. Mulher alguma poderia roçar suas saias sobre pisos soltos sem que fossem devidamente aplainados ao longo de meses. Blackstone notara, divertindo-se sozinho, que a influência de Blanche de Harcourt era a culpada. Christiana era senhora da própria casa, embora não colocasse uma distância ressentida entre ela e os aldeões. O fato de ser filha de um cavaleiro francês empobrecido dava-lhe vantagem ao dirigir-se a eles, artesões ou operários, lavadeiras ou costureiras, com uma dignidade simples que demandava respeito. Irmão Simon partilhava seus conhecimentos das ervas, e ela espalhava absinto e citronela, esmagados junto à camomila, ao redor da casa para controlar as infestações. Servos eram entrevistados e colocados a trabalhar, assim como um feitor para supervisioná-los. Ao homem foi dada a responsabilidade pelas contas da residência, e, como membro do conselho da cidade, ele apresentou a Blackstone as despesas e necessidades para o sustento da cidade e da população ao longo do ano que começava. Em poucos meses, Christiana havia criado uma casa e organizado uma pequena força de trabalho para sustentá-la e aos jardins e hortas. Quando Blackstone retornou de uma expedição de reconhecimento para pensar num modo de tomar a casa de moeda do rei Philip, encontrou uma casa

que podia não ter muitas tapeçarias e ornamentos, mas era, mesmo assim, um local de calor e conforto digno do homem que tomara a cidade e lhe garantira sua proteção.

Durante as semanas seguintes, o inglês elaborou seu plano. A casa de moeda ficava num pequeno castelo no cume de uma escarpa, acima de morros que se erguiam aos sessenta metros de altura. A estrada que levava ao portão principal era protegida por uma pequena tropa de cerca de cinquenta homens, o que não permitia um ataque direto, e colocava um cerco totalmente fora de questão. Antes de a força de Blackstone poder alcançar o objetivo, seria preciso atacar o núcleo das facções combatentes, ataque que teria de ser suave e cuidadosamente executado. Ambos os lados precisavam ver sua incursão no território como ameaça direta. Durante o reconhecimento, ele subornara um pastor para mostrar-lhe trilhas enfiadas nos morros, pelas quais seus homens pudessem abordar o castelo, por baixo da parede mais vulnerável, e onde poderiam escalar os morros. Assim que tivessem ultrapassado o muro, os arqueiros, escondidos nas florestas arredores, atacariam os guardas da estrada, fazendo-os entrar. Matthew Hampton defenderia a estrada, e os homens de Blackstone, o forte. O inimigo, preso entre duas forças hostis dentro das paredes interiores e exteriores, ficaria preso, incapaz de avançar e de recuar. Blackstone mostrou o plano a Meulon e Guinot, que, quando recuperados, foram colocados a cargo de Chaulion. Eles dividiriam as tropas no início de julho, assim que o clima abrandasse e os pastos crescessem. Nessa época, os cavalos teriam recobrado a força, terminado o inverno. Chaulion e as demais localidades tomadas em nome de Blackstone trariam o trigo plantado no inverno, e ele queria estar de volta para garantir que o alimento fosse estocado com segurança e protegido de quaisquer batedores. Parecia ser um bom plano.

Até que, um dia, o monastério soou o sino avisando que estava em perigo.

Capítulo vinte e sete

Prior Marcus encontrou uma família de viajantes no cruzamento. Pareciam exaustos. O homem e a esposa traziam suas posses nas costas e cinco filhos, de idades entre 3 e 7 anos, Blackstone estimara, sentados entre os pés descalços, sujos, dos pais, ceando a sopa contida num pote de madeira. Talpin comandava a tropa, e veio segurar o estribo da montaria de Blackstone, enquanto este e a meia dúzia de homens que vieram com ele desmontaram.

– São o quinto grupo esta manhã, Mestre Thomas. Vieram pela estrada, do sul. Não pensamos nada, inicialmente, mas agora esses coitados nos disseram que há outra horda vindo logo atrás. Alguma coisa está acontecendo. Irmão Marcus não nos diz nada.

Blackstone assentiu, analisando as encostas, mas não viu sinal de mais ninguém.

– Mantenha os portões fechados, Talpin. Não importa o que o Prior Marcus quer; siga as minhas ordens.

Blackstone foi até a família, que correu para ficar em pé, curvando-se para ele.

– Sir Thomas, essas pessoas viajaram do sul, onde existe uma peste. Muitos morreram, eles dizem que centenas, talvez milhares – explicou o Prior Marcus.

O camponês não parecia capaz de contar nem os dedos das mãos, mas, se vira ou não muitos corpos, não fazia diferença.

– Já alimentou outros hoje? – Blackstone perguntou.

– Estavam todos muito necessitados. Claro que sim.

– Quem os abordou?

– Não entendi – Irmão Marcus respondeu, perplexo com a pergunta.

– Você os atendeu? Alimentou-os?

– Eu e o Irmão Robert. Por quê?

– Algum pareceu estar doente? Febre, muita sede?

– Não. Saíram antes da praga. Ela chegou pelos portos. Dizem que, em Bordeaux, os corpos são queimados em grandes covas, e em Narbona estão culpando os judeus e os enforcando. O papa emitiu um decreto para impedir, mas o terror domina as pessoas.

Blackstone sabia quão virulenta era a praga.

– Meus homens e eu estávamos cavalgando a sul algumas semanas atrás, ouvimos falar de uma peste varrendo o vale do Ródano, a partir de Marselha, mas não pensei que viria até nós.

– Deus prevalecerá – disse o prior.

– Deus nos abandonou tanto quanto alguns de seus irmãos de ordem. O papa pode estar ainda em Avinhão, mas os cardeais fugiram. Tranque as portas. Fiquem lá dentro. Não ajudem ninguém – Blackstone disse, e deu as costas a Talpin e a guarda. O prior pegou-o pelo braço.

– Não ajudar? Não podemos deixar essas pessoas passarem fome. Olhe para eles. Não têm nada. A maioria não come há dias.

Blackstone acenou para que Talpin se aproximasse. E respondeu ao prior:

– Se você tiver sorte, esses refugiados não trouxeram a praga com eles. Você e o Irmão Robert serão mantidos na vacaria por dois ou três dias. Se não sucumbirem, poderão voltar para dentro do monastério.

O prior ficou boquiaberto. Blackstone não sabia se por conta da ideia de ter sido contaminado ou pelo fato de ter que ficar no fedor da vacaria. Não importava.

– Você entende, Irmão Marcus, que essa peste chegará sobre nós mais rápida que o vento, e muito provavelmente trazida por ele. Ouvi falar de como as pessoas morreram. Procure caroços nas suas axilas e virilha. Os sinais levam dois dias para aparecer. Sugiro que reze como jamais rezou. Por sua vida.

Talpin ficou esperando.

– Você tocou ou chegou perto dos viajantes hoje?

– Mantivemos à distância de uma lança.

– Continue assim. Vamos bloquear a estrada.

Talpin demonstrou um pouco de medo no olhar.

– Praga?

Blackstone nem precisou responder.

– E vai nos deixar aqui fora? Sozinhos? – perguntou o comandante.

– O risco que correrão, também eu correrei – Blackstone respondeu, depois disse a Talpin o que queria que fizesse.

O pai de Blackstone lhe mostrara, certa vez, uma vaca doente com uma peste que matara os animais de três das vilas locais. Os bichos infectados foram isolados e deixados para se recuperar ou morrer. O mesmo valia para as pessoas. No fim do dia, uma barricada de paliçada grossa, tirada dos jardins, foi usada, junto com madeira de árvores tombadas, galhos e troncos, para cortar a estrada que levava do monastério a Chaulion, e depois a ponte foi fechada. Dois dos arqueiros ingleses foram acrescentados à guarda do monastério, com ordens para derrubar qualquer um que tentasse ultrapassar o bloqueio, antes mesmo que se aproximasse à distância de uma lança. Em Chaulion, o medo passou por todos que ouviram falar do assassino invisível que procurava por eles. Muitos pensaram que Deus enviara seu anjo negro, para cobrar os pecados atuais e passados.

Blackstone enviou um monge piedoso a Chaulion, onde foi construída uma capela num bloco de um antigo estábulo.

– Limparemos a sujeira para você – disse Blackstone. – Aqueles que desejarem rezar podem ficar no pátio. Estará frio e úmido, mas não há nada mais que possamos fazer.

O jovem monge tinha calos nas mãos e o rosto maltratado pelo tempo. Tinha familiaridade com o trabalho duro, tendo chegado tarde ao monastério.

– O estábulo é adequado, Mestre Thomas, não acha? E o amor de Deus aliviará o desconforto deles no pátio.

Uma onda de orações devotas tomava conta do local toda vez que o monastério anunciava as horas de rezar, de dia e de noite. Blackstone ficou grato por isso. Mantinha a mente das pessoas focadas e diminuía o pânico. Ele deu ordens estritas para que os portões de Chaulion permanecessem fechados até que a praga passasse por eles. De início, ele achou que haveria pânico, mas escutaram o que ele tinha a dizer e o conselho dera seu apoio. Tinham dois poços bons na cidade e comida suficiente para muitas semanas. Se alguém passasse mal, seria levado para uma casa especialmente escolhida e mantido em isolamento.

– O que podemos fazer para proteger Henry? – Christiana perguntou.

– Irmão Simon me disse para manter o ar perfumado. Use todas as ervas que tiver. Ele disse que devemos queimar junípero e beber xarope de maçã, pode fazer isso?

Ela fez que sim e se aninhou nos braços do marido.

– Nosso filho pode ser levado por Deus – ela sussurrou no peito dele.

Ele mal pôde disfarçar a irritação em sua voz.

– Isso é trabalho de Deus? Castigar os pobres, que já têm tão pouco? Não é Deus, é a natureza. Como uma peste que castiga o gado. Deus não guarda rancor

de uma pobre vaca. Está além da nossa compreensão. Não podemos fazer nada além de esperar.

– Fazer nada? É isso que espera de mim? Queimar incenso e beber suco de maçã? Há médicos em Paris, muitos deles judeus. Eles saberão o que fazer – ela disse, erguendo a voz, exasperada.

Blackstone fechou uma janela.

– Christiana, quando essa peste alcançar Paris, matará pobres e nobres igualmente, mais rápido do que uma horda de bárbaros. Fique em casa e no jardim, e mantenha os criados em seus aposentos, longe de você e da criança.

– E onde você ficará?

– Em todo lugar – ele disse –, e haverá dias em que não poderei entrar aqui. Não ousaria arriscar trazer a peste para dentro, então ficarei fora para ter certeza de que estou livre dela.

– Vai sair? – perguntou, descrente.

– Os aldeões precisam ser avisados – ele disse. – Meus homens precisam de garantias.

Christiana foi para cima dele com raiva, como uma loba protegendo a cria.

– Não, Thomas! Não permitirei! Você é o pai do menino! Eles são camponeses que vivem e morrem na própria sujeira dia sim, dia não. Sua responsabilidade encontra-se aqui, conosco, nos protegendo!

Ela limpou as lágrimas de raiva, e Blackstone não tentou acalmá-la. Viu que Christiana deixara que o medo tomasse conta. E entendia isso; vira-o em homens que cederam sob a virulência esmagadora. Era um inimigo tão poderoso quanto um soldado enlouquecido brandindo um machado de guerra. E ver alguém que se ama sucumbir ao pânico era pouco diferente de vê-lo sendo varrido pela maré. Ele a pegou pelos pulsos e deixou que se debatesse, acalmando-a com a voz, trazendo-a de volta do pânico e da raiva.

– Christiana… Christiana… calma… escute… escute… respire fundo… e me escute.

Ela parou de se debater, incapaz de ir para qualquer lado por causa da força dele. Blackstone beijou as lágrimas, depois a soltou, tomando seu rosto nas mãos.

– Sou o protetor dessas pessoas. É meu dever, tanto para com eles quanto para com vocês. Eles têm de ser avisados, do contrário sou tão inútil quanto o homem que dominava esta cidade antes de mim. Essas pessoas cuidarão de você enquanto eu estiver fora. Verão uma jovem mãe que está igualmente assustada, mas que tem força e coloca confiança em sua fé. Seja essa mulher, Christiana, não somente por mim, mas pelo povo e por seu filho.

Ela relaxou o corpo e se afastou dele.

– Blanche me pediu para ser forte quando o trouxeram para o castelo. Eu vomitei quando vi seus ferimentos, mas coloquei as mãos neles e os limpei. Eu cuidei de você. Isso é diferente.

Ele não disse mais nada e foi pegar a capa e a algibeira.

– Ficarei olhando pelas muralhas – ela disse, gentil, arrependida do surto de raiva. – Deus o proteja, Thomas. E a todos nós.

A experiência dizia a Blackstone que Deus costumava estar ocupado com outras coisas.

Os aldeões dividiam a responsabilidade por sua própria segurança, e Guinot assegurou que a guarda da muralha da cidade fosse reforçada por homens locais. À primeira luz, Blackstone saiu com mais quatro homens, incluindo Meulon e Gaillard. E, embora ele quisesse levar consigo dois arqueiros para ataque a distância, não quis correr o risco de perdê-los para a peste. Arqueiros ingleses com meia sacola de flechas valiam uma dúzia de cavaleiros, um recurso muito precioso. Quando Talpin e o guarda do bloqueio do monastério viram que Blackstone estava preparado para sair, foram fortificados contra o medo que se assentava pesadamente no peito deles, e que logo subiria às suas mentes, onde lhes cegaria a razão. Abandonar seus postos seria como correr para dentro de uma floresta assombrada à noite, onde os fantasmas dos mortos os pegariam. Um dos arqueiros, um homem conhecido como Waterford, viu os cavaleiros desaparecerem no horizonte e pôs-se a alisar o arco, em todo o comprimento, com um tecido oleoso, num carinho longo e calmante. O cavaleiro da cicatriz podia assustar até mesmo a Satanás, foi o que o homem disse a Talpin e os outros, e se a peste o visse vindo, voltaria para de onde viera. E quem entre eles discordaria disso? A reputação de Blackstone e sua aparência temerosa eram tudo o que se mantinha entre eles e a semente do diabo. Matthew Hampton fez uma pirueta com uma flecha na ponta dos dedos e ajustou uma pluma de ganso que escapara da posição ideal.

– Sim – disse ele baixinho –, mas estou contente por ele não ter me levado lá para fora com ele.

As primeiras duas vilas ainda eram refúgios seguros, e Blackstone instruiu os aldeões sobre como bloquear as vias. Paliçadas, galhos cortados e estacas afiadas seriam aviso suficiente para qualquer refugiado itinerante. Não era possível

oferecer ajuda a ninguém que não fosse da comunidade. Deviam matar os animais que ainda viviam e racionar os estoques de milho e peixe. Talvez, Blackstone torcia, a praga já tivesse passado por eles. Pequenas vilas costumavam ser mais seguras do que cidades grandes quando as doenças se espalhavam. Menos pessoas implicava menor chance de contato.

Muitos quilômetros à frente, trilhas de lenhadores levaram-nos aonde cinco famílias de cerca de trinta pessoas viviam. Nenhum deles vira viajantes na estrada. Muito provavelmente, seu isolamento os havia salvado até o momento. Assim que Blackstone informou-lhes do que poderia aproximar-se pela trilha esburacada que levava a sua pequena aldeia, o terror foi acionado como se uma tocha de fogo tivesse sido jogada dentro de seus casebres de telhado de junco. Meulon conteve, com o cavalo, um homem que tentou fugir. Blackstone gritou suas ordens. Se corressem para a floresta, morreriam. Deviam ficar e manter estranhos e aldeões de outras vilas fora, e assim teriam chance de viver. Nada de comércio, nada de trocas. Se a esposa de um dos homens ou a família dela vivesse em outra vila, não poderia haver contato. Ele fez os aldeões cortarem vime e fazerem cercas altas para bloquear as trilhas que levavam à aldeia, nas quais penduraram corvos mortos como aviso a qualquer um que pensasse em se aproximar. Os que adoecessem e morressem deveriam ser queimados em suas casas.

– E quando saberemos se a praga passou? – perguntou um dos lenhadores.

– Quando eu retornar para contar – Blackstone respondeu.

– Senhor, se o senhor for tomado, como saberemos? – o homem insistiu.

– Se eu morrer, outro virá. E se ninguém vier, então não fará diferença.

Antes de chegarem à vila seguinte, Blackstone parou.

– Gaillard, desmonte – disse, descendo da sela. Gaillard ficou perplexo, mas obedeceu. Blackstone entregou-lhe as rédeas do cavalo. – Tenho o melhor cavalo. Pegue-o e vá até Lord de Harcourt e avise da praga. Conte-lhe o que estamos fazendo aqui, diga-lhe que bloqueie a estrada que leva a seus vilarejos e impeça os habitantes do castelo de sair. Cavalgue rápido e não pare por nada. Fique em espaço aberto o máximo que puder. Se alguém entrar no seu caminho, mate. Não importa se for padre ou monge, ou um nobre fugindo para salvar a vida. Não hesite. Lord de Harcourt e sua família devem ser avisados. Fique lá e sirva-o até que tudo isso acabe. Entendeu?

– Sim, Sir Thomas – Gaillard respondeu, tendo o fardo da responsabilidade pela segurança de Harcourt colocado totalmente sobre seus ombros.

– Confio em você, Gaillard.

– Deus o abençoe, Mestre Thomas; nenhum homem me tratou tão bem quanto você. E Deus abençoe vocês, meus amigos – disse Gaillard.

A expressão de aflição de Gaillard incitou Meulon a falar.

– Você serve a Sir Thomas, Gaillard, e fez bom trabalho para ele tê-lo escolhido. Cuspa no demônio, e, quando ele piscar, deixe-o comendo poeira.

Os homens riram, aliviando a tensão.

– Com um cavalo como este, ele não vai chegar nem perto – respondeu Gaillard, mais confiante.

– Cavalgue sem parar e dê-lhe água. Mande minhas saudações ao conde. Diga-lhe que lidarei com as questões que discutimos assim que esse mal passar. Ele compreenderá. – Blackstone pegou o cantil do cavalo de Gaillard e amarrou-o na sela do outro. – Não pare, não aceite comida nem abrigo.

Ele se afastou e abriu caminho para que o outro saísse com o cavalo.

– E nada de putas também! – um dos homens gritou para ele. Gaillard ergueu a mão, mostrando que escutara. Os homens riram. Gaillard se sairia bem; tinha força para lutar contra dois homens de uma vez, mas inteligência para saber quando fugir.

Meulon fitou Blackstone; foi por isso que o homem fora o escolhido.

Cavalgando novamente pela rota principal, que fluía como um rio de lama entre as vilas e a cidade, a comitiva viu os primeiros sinais de morte no caminho. Quatro corpos jaziam a não mais de trezentos passos um do outro. Eram camponeses sabe-se lá de onde, e Blackstone torceu para não serem os que haviam passado pelo monastério. Ficou em dúvida, porque ele e os homens estavam a mais de meio dia de cavalgada de lá, e os que ele vira no monastério já deviam estar exaustos. Teriam alcançado a floresta e parado por lá até que voltasse a pouca força que tinham.

– Me dê – ele disse a Meulon, estendendo o braço para a lança dele. Ele desmontou e cutucou o cadáver de bruços, que era de um homem. A morte era recente, a carne e os membros cederam à pressão, mas havia uma rigidez que indicava uma morte agonizante. As mãos do homem estavam unidas. Blackstone imaginou se era porque a alma dele fora arrastada com dificuldade para fora do corpo. Ele virou o cadáver. Um rosto grotesco o fitou de volta. Quando a cabeça pendeu, mostrou uma língua preta inchada pendurada na boca aberta. Os olhos, tingidos de sangue, estavam fixos de horror. O fedor pegou o fundo da garganta de Blackstone, e ele cobriu o rosto com o braço torto.

– Sir Thomas! Não o toque! – Meulon gritou, afastado junto aos outros homens e suas montarias.

Blackstone encostou a ponta da lança na camisa do homem e abriu o material puído. Os braços estavam semiabertos, e quando a camisa cedeu o inglês viu as ínguas nas axilas do morto. Algumas eram pequenas como frutinhos; outras, do tamanho de uma laranja, e haviam estourado, soltando uma meleca preta que fedia como nada que Blackstone já cheirara na vida. Até mesmo os restos humanos no campo de batalha eram menos ofensivos.

Ele jogou a cabeça para trás, como se golpeado, e, após alguns passos, caiu de joelhos e vomitou até que os músculos do estômago deram um nó. Não havia prece rezada nem pelo mais santo dos homens capaz de salvar alguém daquele maligno inimigo.

Quando chegou rapidamente ao outro corpo, sabia que não precisava ver se tinham sofrido o mesmo destino; seu propósito era tentar identificar algum dos tombados e definir de qual vila tinham saído.

Ele virou o corpo de um homem grande com a lança e viu um rosto similar a uma gárgula de igreja. *Talvez a expressão de horror nos cadáveres fosse a marca do demônio*, pensou ele.

– Ela se espalha rápido – ele disse ao se aproximar de seu cavalo. – Não pegou as vilas ao leste. Está indo para o norte.

– Tem certeza? – perguntou Meulon.

– Essas pessoas estavam indo para Chaulion e o monastério.

– Queriam receber orações dos monges.

– Isso não tem nada a ver com redenção, Meulon.

Esporearam os cavalos, deixando para trás o cadáver supurado do grande homem barbado que carregava não apenas a marca do anjo negro mas também a flor de lis com que Blackstone o marcara meses antes.

A vila de Christophe-la-Campagne não havia aprendido as lições da punição de Blackstone após matarem o mensageiro inglês e espancarem William Harness. Fizeram como ele esperava e o entregaram a Saquet, mas ainda nutriam ódio pelo cavaleiro inglês. E, quando a peste atacou, viraram-se uns contra os outros como um lobo enlouquecido mordendo a própria perna.

– Ela chegou primeiro aqui – disse Blackstone, parado em frente à vila, à procura de movimento entre as casas. – Chegou e entrou como um inimigo pelo portão de trás. Não estavam buscando orações de um monge, Meulon, queriam me atacar de volta. Queriam entrar em nossas muralhas antes que a praga mostrasse toda a sua força em seus corpos.

Os homens fizeram o sinal da cruz.

– Santo Jesus Cristo na cruz! Isso é ódio, Sir Thomas – disse um deles.

Meulon olhou de cima a baixo na estrada enlameada.

– Essa é a via principal para quase todos nestas partes. Se um peregrino cruzar esse limiar, estará morto dentro de uma semana e infectará os outros.

Os homens continuaram aflitos; alguns olhavam para trás, como se espíritos malignos fossem descer das copas das árvores. Viam animais soltos nos campos; a vacaria estava vazia. Somente uma ou duas casas soltava fumaça pela chaminé. Nenhum cão latia, nenhum bebê chorava.

– Muitos deles ficarão deitados onde caíram – Blackstone comentou com os homens. – Javalis selvagens e carniceiros vão se alimentar deles, e a doença vai se espalhar. Façam uma fogueira, façam tochas. Vamos até lá queimar tudo.

Blackstone e seus homens rasgaram tiras de suas camisas para cobrir as bocas e os narizes, e cavalgaram lentamente para dentro da taciturna vila. Ele e Meulon carregavam as tochas em chamas, enquanto os outros dois homens agiam como guardas, com as lanças preparadas. Em cada casa de lama e vime pela qual passavam, gritavam, perguntando se havia alguém vivo, mas estavam todas no escuro. O cheiro de dejetos de humanos e animais erguia-se para cumprimentá-los, misturando-se com o fedor da putrefação dos corpos espalhados que jaziam na trilha enlameada. Foi como se um golpe súbito e silencioso do céu os tivesse matado onde estavam. Na verdade, alguns haviam tentado arrastar-se para seus casebres, mas sucumbiram no espaço entre eles, ou jaziam trespassados nas portas; outros simplesmente estavam largados na rua. As casas dos aldeões mais ricos tinham enquadres de madeira e janelas cobertas com oleado, mas o privilégio não lhes concedera proteção alguma, e lá dentro as famílias jaziam num grotesco abraço.

Conforme os homens seguiram seu caminho vila adentro, contaram catorze casas, algumas com telhados de junco, outras não passavam de abrigos com peles de animais como cobertura. Devia haver cerca de setenta pessoas morando ali. Chiqueiros quebrados e penas de galinha espalhadas perto de galinheiros abertos indicavam predadores e animais soltos por, pelo menos, uma semana.

Meulon subitamente apontou:

– Ali!

Um grupo de homens, mulheres e crianças estava sentado junto na outra ponta da vila. Acompanhavam com muito receio a chegada dos cavaleiros.

– Fale com eles – Blackstone disse a Meulon. – Descubra quantos sobreviveram.

Blackstone ficou para trás, enquanto Meulon avançou cautelosamente e

falou com os aldeões acovardados.

– Uns vinte entraram na floresta – ele relatou. – Outros foram enterrados numa cova na clareira. Não sabem o que fazer, então ficaram ali. Não têm comida, mas água, sim.

Blackstone virou-se e cortou fora uma pele de cabra esticada no varal, depois pegou o pulso do cadáver cuidadosamente pela roupa e o trouxe para cima da pele. Ele disse ao lanceiro:

– Derrube algumas daquelas coberturas e use – disse, levando o cadáver até o limiar de uma choupana. Os homens hesitaram, mas vendo como Blackstone juntava os mortos, logo foram ajudar. – Faça-os ajudar! – Blackstone ordenou, apontando para os aldeões. – Na ponta da lança, se preciso.

Meulon trouxe um corpo para cima de uma pele de vaca cortada de um dos telhados.

– Não podemos fazer isso em toda vila pela qual passarmos. O risco é grande demais.

– Eu sei – Blackstone admitiu, compreendendo que a tarefa se mostraria difícil demais –, mas este lugar representa perigo para os outros, e se houver mais sobreviventes então lhes daremos uma chance. Não há como saber quão longe e quão rápido essa praga viajou. Queimaremos tudo. Se alguma dessas pessoas sobreviver, poderá reconstruir o que tinha.

Ao fim do dia, haviam reunido trinta e sete corpos de homens, mulheres e crianças, e os colocado dentro de uma das casas. Puxaram os telhados de junco das outras casas e os usaram para cobri-los. Blackstone limpou o suor do rosto, e teve medo ao pensar que o sal que sentiu nos lábios pudesse conter a doença. Meulon abordou-o assim que o último dos corpos foi coberto.

– Os aldeões pedem permissão para falar com você, Sir Thomas.

Blackstone olhou para onde estavam, cabeças baixas, chapéus removidos por respeito. Ele olhou Meulon com expressão de dúvida, mas o soldado apenas deu de ombros. Ele acenou para que se aproximassem os homens e as mulheres relutantes, que, ao contrário das crianças, que fitavam a cicatriz com medo, mantinham os olhos baixos.

Um dos homens cutucou outro, urgindo-o a falar. O relutante orador deu mais um passo adiante:

– Senhor, sofremos muito nesta vila. Não houve padre algum aqui por anos, e nenhum monge do monastério de Chaulion aventurou-se até aqui.

– Não posso fazer nada quanto a isso – Blackstone retrucou, lembrando-se da brutalidade dos aldeões.

– Senhor – o homem continuou –, imploramos para que fale por aqueles que morreram. Sem um padre, sem um monge, somente um homem de posição como

o senhor poderia saber as palavras para abençoar as almas deles e testemunhar os pecados.

Blackstone não compreendia o que lhe era pedido. Meulon ergueu as sobrancelhas.

– Eles querem que você faça uma oração para os mortos e os confesse. Estão com medo de morrer sem confessar.

Blackstone puxou Meulon de canto e falou baixo, quase sussurrando:

– Não sou confessor nem padre. Por que estão me pedindo isso? Fui eu quem enforcou e marcou pessoas por aqui.

– Já ouvi isso acontecer. Melhor se confessar até mesmo com um homem comum do que morrer com o fardo. Você será o salvador deles, Sir Thomas – ele respondeu. E ousou acrescentar: – Para variar, não?

Os soldados voltaram para seus cavalos. Já Blackstone sentou-se num banco de ordenhar e escutou cada confissão daqueles que se ajoelharam na lama à sua frente. E depois que jogaram as tochas nas casas, ele recitou uma oração de criança pelos mortos, procurando lembrar-se do que ouvira do padre de sua vila.

Naquela noite, a pouco mais de um quilômetro da vila, Blackstone e seus homens sentaram-se nus, envolvidos pelas capas, secando ao calor da fogueira as roupas que haviam lavado no rio. À distância, a noite brilhou acima das chamas da pira de fogo, que soltavam fagulhas das almas que partiam para um negro céu.

Capítulo vinte e oito

A comitiva passou dias cavalgando por quilômetros de campos desertos. Corpos jaziam espalhados por gramados e estradas, grupos de viajantes eram encontrados mortos em torno de uma fogueira. Algumas das vilas de Blackstone iam bem, e ele instruía os habitantes sobre como deviam se proteger; outras eram terrenos baldios assombrados, e foram queimadas. A jornada rendia comida e gado abandonado, e em troca de suprimento, mais duas casas fortes cederam a Blackstone sem a necessidade de utilizar a espada. Cavaleiros empobrecidos juraram lealdade e defenderiam suas terras em nome de Blackstone. Todo dia, quando montavam acampamento, ele fazia os homens tirarem a roupa e mostrarem-se livres de ínguas e erupções, e fazia o mesmo para que todos soubessem que ninguém fora infectado. Assim que retornaram a Chaulion, os exaustos homens tinham duas carroças trazidas por cavalos, carregadas de sacos de grãos, barris de carne defumada, peixe em conserva, e galinhas enjauladas. Chegaram ao cruzamento com uma procissão de cabras e vacas. Blackstone não permitira que trouxessem porcos, e mataram os que encontraram nas vilas infectadas. Ele chamou Perinne até a ponte e ordenou que os homens ficassem para trás enquanto eles seguiam caminho para os portões de Chaulion. Quando chegou lá, chamou Guinot e ordenou que pegasse suprimentos e animais. Ele e seus homens desmontaram e amarraram os cavalos. Soldados e habitantes juntavam-se nas muralhas.

– Guinot! Coloque comida e bebida aqui fora. E vinagre! Ficaremos por aqui por alguns dias – disse Blackstone, apontando para uma área a cem passos dali.

O gascão latiu suas ordens, e as instruções do chefe foram transmitidas. Meulon e os dois homens já estavam fazendo uma fogueira quando Blackstone se aproximou da muralha, de onde Guinot pendia.

– Tem notícias de alguém? Mensageiros? – Blackstone perguntou.

– Ninguém. Palavra nenhuma de lugar nenhum. Nem peregrinos, nem

viajantes. O mundo todo morreu?

– Quase isso. Agradeça a Deus pelas muralhas.

– Sim, fico muito feliz por elas, mas andei revezando a guarda do monastério com mais frequência do que você mandou porque os homens estão ficando malucos. Se essa situação perdurar por mais tempo, teremos brigas aqui dentro. Até algumas das putas andam reclamando!

– Reclamando ou gemendo?

Guinot riu.

– Sim, certo, posso cuidar disso, mas precisamos tirar esses homens daqui.

Blackstone sabia como era ficar aprisionado entre muralhas.

– Tudo bem. Farei alguma coisa. Arranje roupas limpas para nós. Essas continuam com o cheiro, não importa quantas vezes lavemos. Minha esposa e filho?

– Muito bem. Não temos praga aqui dentro, mas a comida chegou em boa hora.

Guinot afastou-se e foi cuidar do que o cavaleiro pedira. Christiana apareceu subitamente, inclinou-se e procurou pelo marido.

– Está bem?

Ele sorriu.

– Fomos abençoados. Você rezou por nós.

Ele viu a esposa fazer que sim, sorrindo, e viu as lágrimas que ela logo limpou do rosto.

– Dia e noite. Guinot manteve a disciplina. Tudo correu como você pediu.

Ele quis dizer-lhe quanto a desejara. Como o medo do que sentira fora da segurança dos muros a trouxera ainda mais perto do coração dele. Havia tanto a dizer, mas as paredes estavam cheias de gente. Ele assentiu e voltou para onde Meulon e os outros já começavam a tirar as roupas e jogá-las no fogo. O vento frio fez tremer as árvores, mas os homens nus o ignoraram.

Meulon parecia grande como um urso ao tirar o restante das roupas e pô-las nas chamas. Quatro aldeões cruzaram os portões trazendo baldes e os deixaram a trinta metros do grupo. Blackstone pegou dois, outro correu e pegou os que faltavam. Quando Blackstone terminou de se despir, os quatro estavam em plena visão dos habitantes da cidade. Nenhum deles parecia disposto a começar a esfregação com o líquido adstringente.

– Cristo, isso vai arder no meu rabo! – um deles disse.

– Pelo menos seu cocô vai sair mais cheiroso – o outro retrucou.

Blackstone curvou-se e jogou água sobre o corpo, depois passou os dedos pelos cabelos encharcados. Tossiu quando o vinagre ardeu seus lábios.

Meulon esforçou-se para não fazer careta.

– Parece que estão fincando agulhas no meu pinto.

Uma voz veio da muralha, trazida pelo vento.

– Ei, Meulon! Limpe essa sua arma! As putas precisam dela para se livrar dos piolhos!

Uma onda de risos perpassou a muralha.

Matthew Hampton acrescentou sua própria zombaria.

– É tão grande que dá para usar como alvo. Balance, Meulon, assim posso usar para praticar tiro ao alvo!

O riso aumentou, e Blackstone riu junto.

– Estamos em casa e estamos vivos. Que bom, não? – ele disse a Meulon e sua cara fechada, mas o homem finalmente cedeu às brincadeiras e abriu um sorriso no rosto grande e barbudo.

– Que bom – ele concordou, depois deu as costas aos espectadores da muralha, inclinou-se e deu um tapa no bumbum.

Praga nenhuma atravessou as paredes de Chaulion nem do monastério.

Passaram-se semanas, depois meses, e Blackstone permitiu que os habitantes e os monges começassem, sob controle estrito, a retornar lentamente a suas vidas normais. Os monges puderam voltar para seus campos sob guarda de cavaleiros de Talpin e Perinne. Os poucos viajantes que passavam pelo cruzamento eram mantidos sob a mira das lanças e repelidos. Não encontrariam santuário ao norte da estrada e ninguém se importava se eles sobreviveriam ou tombariam ao longo do caminho. Algumas cidades e vilas nem ficaram sabendo da praga. Seu isolamento era como uma capa protetora contra o mundo exterior. Os lordes normandos ficaram tão vulneráveis quanto qualquer camponês, mas as paredes de seus castelos salvaram a maioria, embora os conflitos no sul, entre os fortes do território de Philip e os defendidos pelos senescais do rei inglês tenham ocorrido esporadicamente apesar da peste. Gaillard chegara a Harcourt sem incidentes e, próximo ao fim do ano, o barão enviou cavaleiros com cartas para seus aliados. Os mensageiros entenderam que não era para entrarem em nenhum forte e que as cartas deviam ser deixadas a plenas vistas em troca de comida e água para cavaleiro e montaria. Então uma resposta poderia ser escrita e enviada de volta do mesmo modo. Foi esse método de mensagem que permitiu que as cidades e os lordes que as controlavam ficassem sabendo dos eventos. Uma das primeiras cartas chegou meses depois de Blackstone retornar a Chaulion. Nenhum nome aparecia nela, caso o mensageiro fosse interceptado. Era simplesmente uma carta com novidades sobre o estado das cidades normandas.

– Milhares morreram em Rouen e Paris. As cidades ficaram sem espaço para enterro – ele disse a Christiana.

– Mas ainda estão seguros? Jean, Blanche e as crianças?

– Sim. Outros não. A irmã do rei Edward morreu a caminho de casar-se com o príncipe de Castile.

Christiana colocou a mão na boca, chocada.

– Devemos rezar por ela, Thomas. E você, por seu rei.

– Orações não o ajudarão. Esse casamento teria garantido a Edward uma aliança com o reino espanhol. A praga tomou mais do que uma princesa; deve ter tirado também a paz. – Seus olhos seguiram pela escrita rabiscada e, quando ele entendeu o significado, continuou: – O rei Philip está tentando erguer outro exército, mas agora não há impostos suficientes. Muitos morreram. E… minha cabeça continua a prêmio. – Ele entregou a carta para a esposa. – Blanche escreveu para você.

Ela demorou a baixar os olhos para a carta, ainda que estivesse ansiosa para saber de Blanche de Harcourt.

– Caçarão você?

Ele acenou para a carta.

– Está escrito aí. Se me capturarem, recuperam território e cidades. Sou uma ameaça. Então parece que a ideia de Jean deu certo.

– Não foi Lord de Harcourt quem sugeriu que você arriscasse tudo. Foi você. Blanche me contou.

– De que eu valeria sem meu braço de atirar? Não há por que se preocupar. Está segura aqui. Qualquer um teria muita dificuldade de passar pelo monastério, o que dirá por estas muralhas.

Ele sabia, em seu coração, que qualquer inimigo determinado com um contingente expressivo poderia esmagar tudo a caminho de Chaulion, mas era improvável, dada a assolação da praga. Ele se perguntava o que mais podia fazer.

O tempo era medido apenas pelo soar dos sinos do monastério. Dia cedia lugar à noite, depois fazia dia de novo, e os meses se passavam. Era como se fossem náufragos numa ilha distante, lembrados apenas pelo mensageiro ocasional. Blackstone mudara a aparência de Chaulion, colocando cada homem e mulher da cidade para trabalhar. A ociosidade gerava medo, e sob a liderança de Guinot eles fizeram conforme ordenado, porque até o momento era ele quem reconheciam como mestre. Não apenas trabalhavam nos campos sob o olho cauteloso e a proteção dos soldados, mas foram usados para cavar uma cova ampla em torno da cidade. A terra removida compôs um aterro protetor de vários metros de altura. O próprio Blackstone foi quem fez a fundação de pedra para uma ponte estreita, que os carpinteiros da cidade construíram, ampla o suficiente

para passar uma carroça. E assim se acrescentou proteção à que seria a cidade-chave na defesa do território dele. Os corpos secos dos mercenários decapitados foram enterrados, e na época em que Henry Blackstone já havia começado a andar e puxar toalhas de mesa e adornos das mesas em casa, o inglês havia divergido o curso do pequeno rio que fluía em torno de Chaulion. Era um fosso estreito, mas deteria ataques por escalada e a cidade fortificada poderia ser defendida por uma tropa pequena com a ajuda dos habitantes. Blackstone não permitia que seus homens descansassem. Soldados acostumados apenas a defender território não tinham utilidade alguma para ele numa expedição, e ele repreendera deliberadamente Guinot e Meulon, um esquema para incitar a competitividade entre os homens. Os dois comandantes treinaram os soldados no combate de lança e na parede de escudo, defesa e ataque; batera neles com maça e espada e selecionaram os mais fracos envergonhando-os, até que pedissem para serem dispensados da vigília e pudessem voltar ao grupo de lutadores. Blackstone não poupava ninguém dos rigores do treinamento, nem a si mesmo.

Certa manhã, antes do amanhecer, Blackstone já estava em pé quando ouviu o sino de monastério soar as matinas. Era mais um dia que prometia um vento amargo, e o rapaz se sentiu grato por ter enviado a tempo soldados para a floresta para proteger os moradores enquanto estes carregavam carroças com árvores tombadas. Eles haviam cortado troncos frescos, mas era a madeira seca que forneceria o calor de que precisavam. Foi estocada madeira de castanheiros nas vacarias e nos celeiros, mas esta seria inútil a não ser que fosse guardada por duas ou três estações. Ele dera ordens para que procurassem freixo, que queimava bem estando seco ou úmido – o carvalho também. Mas naquela manhã o sino foi tocado com uma urgência diferente, e o inglês levou alguns minutos para perceber que não era um chamado para oração, mas a convocação dos guardas para irem ao monastério.

Meulon já tinha arrancado os homens de suas camas e mandado os meninos dos estábulos selarem os cavalos. No momento em que saíram pelo portão, o sino cessou sua demanda. Quando fizeram a curva na estrada, colocando o monastério no campo de visão dos cavaleiros, ele recomeçou, porém num ritmo diferente, o das matinas. Ao se aproximarem, perceberam que nenhuma ameaça esperava por eles, apenas uma figura desgrenhada a cavalo, vestida de túnica, aparentemente incapaz de manter-se firme na sela. Outro cavalo preso por uma ligação nas rédeas carregava escudo e espada de cavaleiro. Embora Blackstone

não pudesse enxergar o brasão, não precisou. Sabia quem era.

– Deixe os homens tomarem café da manhã aqui, Meulon – ele disse, fitando a figura pendente.

Talpin adiantou-se, enquanto os homens desmontavam.

– Ele pediu para ver você, e só você. Disse que o conhece e que não sairia enquanto você não chegasse. Não sei dizer se está doente, com a peste, ou não, mas nós o avisamos. Fiz um dos arqueiros apontar uma flecha nele – disse Talpin, parecendo preocupado.

– Você fez tudo conforme eu ordenei. Não oferecemos favores a ninguém nestes tempos – disse Blackstone, e caminhou por entre os homens que montavam guarda na muralha. Ele foi até a ponte. O cavalo não se movera, e a cabeça do cavaleiro pendia sobre o peito dele, tomada pela exaustão.

– Guillaume – Blackstone chamou. Sua voz fez o cavalo mudar de posição, e o menino ergueu a cabeça.

Como um homem sendo tirado do sono na escuridão, Guillaume Bourdin olhou com incerteza para a figura que parou do outro lado da ponte.

– Sir Thomas? É você?

– Estou aqui.

– Perdoe-me. Não tive escolha senão vir até você – ele disse, com uma voz que exalava cansaço.

– Tudo bem, rapaz. – Ele se virou e falou com Talpin. – Traga uma cesta de comida e bebida. Comida quente com pão e vinho quente. Diga ao Irmão Simon que coloque uma poção na bebida, algo para ajudar o menino, diga-lhe o que viu. – Ele olhou para o céu. Estava prestes a chover ou nevar, e qualquer um daria cabo do pajem de Henry Livay caso ele não fosse abrigado. – E quero lona e cordas.

O vento estava de cortar, mas o menino não mostrava sinal algum de senti-lo. Blackstone sabia que isso indicava um estado além da exaustão. Ele chamou a atenção de Guillaume, que balançava sobre a sela.

– Guillaume! Escute, rapaz! Está me ouvindo?

Mais uma vez, ele ergueu a cabeça.

– Preciso dormir, milorde. Preciso.

– Não vai dormir. O frio vai matá-lo, a não ser que coma primeiro. Obedeça a mim ou morrerá! E você não veio até aqui para morrer à minha porta. Diga-me o que aconteceu. Vamos! Fale comigo, rapaz.

– Lord Livay está morto. E sua casa toda. Servos e escudeiro. Todos eles.

– Como? A peste?

A cabeça do menino tombou mais uma vez.

– Guillaume! – Blackstone berrou, querendo desesperadamente aproximar-se

do menino.

O chamado dele fez o menino erguer a cabeça.

– Peste. Sim. Ele deixou entrar um mercador… deu abrigo… em dias… estavam todos mortos. Eu trouxe o escudo e a espada dele para que não fossem roubados.

Talpin voltou correndo com uma cesta contendo um potinho de cerâmica rodeado por pão e um pedaço grande de queijo envolvido em tecido. Outros dois homens vieram logo atrás com lona dobrada e cordas. Blackstone pegou a comida e apontou para um monte de pedras.

– Façam um abrigo ali. Amarrem firme, prendam com madeira e pedra e tragam palha do estábulo.

Ele foi para perto dos cavalos. Os animais, que também pareciam não se alimentar há dias, não recuaram com a proximidade dele. Blackstone analisou o rosto do menino. O vento e a poeira sujaram seu rosto, mas não havia sinal de bolhas. Isso não significava que o garoto não estava infectado. Ele deitou ao chão o cesto de comida.

– Guillaume, desça e coma. Depois entre naquele abrigo, onde poderá dormir. Entendeu?

O menino fez que sim e, como um velho, lentamente baixou-se ao chão. As pernas tremeram e cederam. Blackstone deu um passo à frente por instinto, mas conteve-se.

– Tem algum sinal de ínguas vermelhas? Teve febre ou sede?

Guillaume fez que não e agachou.

– Meu mestre morreu aterrorizado, Sir Thomas, contorcendo-se como um animal ferido… a esposa também… foi o mercador quem… trouxe… a doença… e o aviso… então eu vim avisar você… – disse o menino, a voz entrecortada, quase sussurrando.

O menino está morrendo, pensou Blackstone. Seu corpo esvaziara como uma bola de futebol furada, no que parecia ter sido um último suspiro. Ele deu a volta no corpo de Guillaume e afastou os cavalos, depois entregou as rédeas para um dos homens. Pegou a lança dele e girou-a para usar o lado cego para virar o corpo do menino. Se ele tivesse feito todo aquele trajeto para avisar o cavaleiro sobre a peste, então se sacrificara à toa. O menino se contraiu. Ainda havia vida presa em seu corpo, um espírito relutante, recusando-se a morrer. Ele o cutucou mais uma vez e, quando o menino se mexeu, tirou a capa e deitou-a por cima dele.

Guillaume olhou para o inglês.

– Perdoe-me, Sir Thomas, caí no sono.

– E eu pensei que tivesse morrido. Minha capa vai mantê-lo aquecido, e

mandarei trazerem cobertores para a palha. Agora faça o que eu disse e coma. Depois pode dormir. Estarei ali, atrás daquele muro.

– Não, Sir Thomas, eu preciso dizer uma coisa…

– Mais tarde – Blackstone ordenou, e esperou para ter certeza de que o menino colocaria comida na boca, independentemente de quão debilmente o faria.

Ele retornou até a muralha do monastério, onde Meulon esperava.

– Ele foi beijado pelo demônio?

– Não vi sinal algum. Esperaremos alguns dias. Temos dois homens de Livay aqui, não?

– Um morreu no verão passado, quando o trapalhão caiu do cavalo. O outro é Talpin.

– Sim. Eu me lembro. Diga-lhe que o senhor e mestre dele morreu.

– Esqueceu-se, Sir Thomas, de que meses se tornam anos? Você tem sido o senhor e mestre dele há mais tempo do que pode imaginar. Mas eu contarei. E não se preocupe com o garoto lá fora. Se ele não tiver a praga, sobreviverá. Parece-me que ele ficou na sela por mais de uma semana. Aposto que é durão, o pilantrinha.

– Ele é um pajem que um dia será escudeiro. Lembre-se disso, Meulon – disse Blackstone.

O capitão baixou o rosto e curvou a cabeça, sentido pela indiscrição.

Blackstone sorriu, estendeu a mão e tocou o homem no ombro.

– Você anda sério demais, Meulon! Tem razão; o pilantrinha é durão. Estava pronto para me matar, certa vez.

Guillaume Bourdin sobrevivera à batalha de Blanchetaque e depois ajudara seu mestre a chegar à segurança do castelo de Noyelles, onde encontraram o arqueiro inglês. Depois que o novo mestre, Henri Livay, morrera em agonia, ele forçou seu jovem corpo a cruzar o terreno vazio e hostil com pouca noção de onde ficava a pequena cidade de Chaulion. Um frade mendicante que encontrara numa trilha sabia do monastério e mandou o menino seguir na direção certa, mas encontrar qualquer local habitado naquele terreno desconhecido era coisa de sorte e da habilidade do cavalo de encontrar água. Onde havia um rio ou curso de água, havia pessoas vivendo, e se não estivessem aflitas, poderiam informar-lhe sobre os monges de Chaulion.

Blackstone ficou no muro todo dia, esperando que o menino morresse, mas no terceiro dia ele estava em pé. E, assim que o céu clareou, ele fez uma fogueira

e ocupou-se secando os cobertores úmidos, e no quarto dia foi lavar-se no rio e chamar Blackstone. Quando este chegou a trinta passos dele, o menino retirou a túnica e a camisa e ergueu os braços. Não havia bolhas.

– Fui trancado no celeiro – ele contou quando se sentaram no refeitório do monastério para tomar café da manhã, refeição tolerada pelos monges e pelos irmãos leigos antes do jantar do meio-dia e na qual Blackstone insistia, tendo comido toda manhã desde que começara a trabalhar na pedreira, quando ainda era criança. Ele esperou Guillaume comer a última fatia de maçã e engolir a xícara de leite de cabra morno.

– Eu tinha falado fora da minha vez e fui jogado ao chão pelo meu escudeiro.

– O que fez para merecer a punição?

– Estava servindo à mesa de meu mestre, e o mercador disse a Lord Livay que um senhor normando prometera recompensa por sua cabeça por você ser conhecido como um assassino cruel de mulheres e crianças – Guillaume contou. – Não pude me conter e gritei que era tudo mentira.

– Um ato tolo. Corajoso, mas tolo. Ele podia tê-lo açoitado.

– Como sabe, Sir Thomas, Lord Livay era um cavaleiro bondoso, e me poupou disso.

– E o celeiro salvou sua vida – disse Blackstone, satisfeito com a bravura do menino, por tê-lo encontrado e avisado sobre o normando que o caçava. Fazia dois anos que vira Guillaume deixar o Castelo de Harcourt junto de Henry Livay, e o menino tinha ficado mais alto e largo, embora ainda com braços desengonçados e pernas de criança.

– Sei sobre a recompensa. Conde de Harcourt e William de Fossat fingiram que estavam me caçando. Isso faz muito tempo.

Blackstone levantou-se da mesa, e Guillaume logo ficou em pé.

– Sir Thomas, não foi William de Fossat quem foi comissionado para caçá-lo; foi o Conde Louis de Vitry. Ele recebeu um bom pagamento da casa da moeda e do exército. Prometeu que tomaria de volta as cidades defendidas pelos gascões e pelos ingleses. Já fez isso com alguns lugares ao sul. Havia um plano para tomar St. Aubin, onde o rei mantém sua casa da moeda, mas a peste o fez mudar de alvo. Não sei para onde.

Blackstone sentiu uma pontada de aflição. Foi Jean de Harcourt quem sugerira que ele atacasse as moedas do rei. Teria essa informação sido plantada por Vitry ou Harcourt abandonara-o e passara sua lealdade ao rei francês? Pelo visto, a praga ou a deusa celta o havia salvado.

– O que mais você sabe? – ele perguntou ao menino que devia ter servido como braço direito de Livay como um falcão de olhar aguçado, que não deixava

passar nada.

Guillaume balançou a cabeça.

– Não tenho certeza do que ouvi, mas há outros lordes franceses com ele e alguém em Calais que trairá seu rei e abrirá os portões.

A informação teria pouco significado para um pajem como Guillaume. Calais seria apenas mais uma cidade para ser tomada dos ingleses, parte do tabuleiro de guerra, mas para Blackstone era mais vital do que saber que sua cabeça estava a prêmio. Os meses da praga haviam se passado, e ela devia estar cruzando o mar até Londres. Que momento mais oportuno para atacar Edward! Um ataque duplo no sul, onde os aliados ingleses discutiam entre si a ponto de entrar em conflito, enquanto a Inglaterra quase caía de joelhos por causa da peste. O capitão de Calais teria soldados insuficientes para proteger a rota para a França se Vitry e os outros conseguissem ultrapassar os muros.

Blackstone reuniu todas as suas forças. O descanso de inverno acabara, a ociosidade da paz fora banida.

Guillaume Bourdin implorou para servir, mas a ideia de ter um pajem atendendo-o era um salto grande demais para Blackstone. Além disso, ele disse a si mesmo, ele não poderia completar o treinamento do garoto até a idade em que poderia virar escudeiro. Assim que a luta terminasse, ele seria enviado a um nobre para completar o aprendizado.

– Com quantos anos está agora? – ele perguntou ao menino.

– Treze, Sir Thomas, quase catorze, e tenho proficiência na espada e em outras armas, e sei ler latim e conheço versos.

– Então ficará aqui e fará companhia para a minha esposa e meu filho, e quando eu retornar, discutiremos o seu futuro.

O menino insistira:

– Você precisará de alguém que segure seu cavalo enquanto lutar e lhe traga comida e água.

– Posso cuidar de mim mesmo, Guillaume. Você fica. Não há como saber como será a batalha, e eu já lutei nas ruas de uma cidade. – Ele ergueu a mão para impedir mais argumentação. – Prometo, quando isso acabar, que procurarei conselho sobre o que fazer com você.

– Milorde – Guillaume disse, curvando a cabeça e ajoelhando-se. – Eu imploro! Dê-me sua palavra de que permitirá que eu o sirva quando retornar. Não desejo nenhum outro mestre.

– Que coisa, garoto! Não estou aqui para discutir com você! – Blackstone

disse, irritado com a insistência.

– Peço desculpas, Sir Thomas. Mas, se eu não puder servi-lo, então pedirei permissão para deixar Chaulion e encontrar meu próprio caminho no mundo.

O menino manteve a cabeça curva, sabendo que, se Blackstone batesse nele, seria merecido.

O inglês o xingou. O tempo era curto. Mas o maldito do menino conseguiu o que queria.

Deixando Guinot como capitão de Chaulion, ele liderou os homens para a estrada do norte, na direção de Calais. Quando Christiana despediu-se dele com um abraço, não lhe contou que sua barriga começava a crescer com mais uma criança.

Capítulo vinte e nove

Foi uma longa e fria viagem ao norte. A comitiva parou no monastério e recebeu a bênção do Prior Marcus. Era um misto de ingleses, normandos e gascões; um bando de homens que teriam lutado uns contra os outros em outras épocas, e poderiam ainda fazer isso. Blackstone os reunira na praça da cidade. Meulon, Guinot, Matthew Hampton, Waterford, Perinne, Talpin – todos eles. Sabia o nome de cada um. Falou com eles, oferecendo-lhes a chance de ficar em Chaulion. Não esperava que os normandos lutassem contra seus compatriotas, nem que os gascões adentrassem território francês onde, caso capturados, seriam mortos sem hesitação. O mesmo destino esperava os normandos. A retaliação de um rei francês não teria clemência por nenhum deles.

– Somos normandos – Meulon disse. – Nossos senhores dão sua lealdade àqueles que escolhem, e você escolheu nos liderar. Isso basta para mim.

Ele deu meia-volta, fitando os homens, que ficaram todos ali, sem argumentar. Duques e condes e reis nasciam na nobreza e cresciam bebendo o leite da discórdia. Ambiciosos, malditos egoístas, a maioria deles. Um guerreiro podia cair sob os cascos de seus cavalos de guerra e sua família passaria fome. Blackstone era diferente. Era um camponês e merecera o direito de liderá-los.

Matthew Hampton disse, de onde estava, na frente dos arqueiros:

– Se sua cabeça acabar na ponta de uma estaca, então a minha estará fincada ao lado; assim, posso manter um olho em você, como sempre.

Isso causou riso e alegria.

– Sim – gritou Waterford –, eu sempre quis saber como é ser alto!

– Eu posso meter minha lança no seu rabo e levantá-lo agora mesmo! – Talpin brincou.

– Mije neles – um dos normandos gritou em inglês.

Hampton sorriu.

– Ele está aprendendo muito bem, nosso amigo francês. Vamos, Thomas,

vamos para cima deles, é uma boa cavalgada até Calais.

Os homens ovacionaram, ansiosos por deixar os muros do castelo e testar sua força. Haveria cintos de prata e moeda para serem arrancados dos franceses mortos.

Blackstone tinha a lealdade de que precisava.

– Você precisa levar Gaillard – Meulon disse-lhe. – O terreno é pantanoso em torno de Calais. Ele nasceu e cresceu por ali. Se for ocorrer batalha, ele conhece os caminhos e as trilhas em solo firme.

A dúvida pairou sobre os pensamentos de Blackstone. Devia correr o risco de voltar até Harcourt? Ainda havia a questão do plano do conde de conquistar a casa da moeda. Como um caso sério de disenteria, a desconfiança agarrou-se no estômago dele.

Blackstone guiou os homens até o castelo aparecer no horizonte, depois ele e Meulon cavalgaram sozinhos e chamaram as sentinelas. Os portões logo se abriram, e Jean de Harcourt saiu vestindo armadura completa com vinte ou mais dos seus soldados. Por um instante, a mão de Blackstone pousou na Espada do Lobo, mas Meulon virou-se para ele.

– Sir Thomas, eu servi a Lord de Harcourt por muitos anos, e sei que ele jamais o machucaria. Seria um insulto sacar a espada para ele.

Blackstone deixou sua mão pousar na sela, enquanto Jean de Harcourt se aproximava.

– Então aqui está você de novo, Thomas. De volta à minha porta.

– Quanto tempo, Jean.

– É Natal de novo, Thomas. Sempre vejo você no Natal! É tão complicado assim me visitar no verão? Ou você é meu presente de Natal? Sua cabeça está a prêmio, e é um bom dinheiro que darão a quem entregá-lo.

– Estou à sua mercê, milorde – Blackstone respondeu a um sorridente Harcourt.

– Bem, não posso ser visto recebendo você até que o rei Edward ajuste algumas questões. Você sabia que a trégua foi rompida e que Geoffrey de Charny e Louis de Vitry planejam atacar Calais? E há alguns nomes importantes da França cavalgando com eles.

A reputação de Charny era uma das maiores da França. Seu cavalheirismo e sua coragem eram lendários, e, se ele liderava, Blackstone sabia que outros grandes cavaleiros o seguiriam.

– Ouvi falar do acordo firmado entre o Conde de Vitry e o rei. Se Calais cair,

então tudo estará perdido. Ela é a chave para os planos de Edward para a França – Blackstone respondeu.

Harcourt sorriu.

– De fato, é sim. Por acaso está se envolvendo com política? Pensei que essas coisas não lhe interessassem.

– Não dou a mínima para intrigas e conspirações. Sirvo a meu rei e aos interesses *dele*. Mas não sei quantos dos barões passaram para o lado do rei Philip. Henri Livay está morto, tomado pela praga, mas eles tentaram comprar o apoio dele. Quem mais além de Vitry mudou de lado?

– Ninguém que eu saiba.

– Fossat?

– William tem sua própria lei. Não sei dizer. Acho que ele já está em Calais jurando aliança, mas a quem, não sei. Se Louis de Vitry tomar a cidadela, terá retomado a rota para a França, e as recompensas serão grandiosas. Quem sabe dizer o que Lord de Fossat aceitará se tentado a vender sua lealdade ao rei? Vitry odeia você, Thomas, mas Fossat… não sei… Os dois se beneficiariam com sua morte. Você humilhou ambos. Que melhor local para retomar o orgulho do que o campo de batalha?

– E você, Jean? De que lado está? – Blackstone perguntou, sem tirar os olhos dos do outro.

Não houve sinal algum de desonestidade quando ele respondeu.

– Com Edward, quando chegar a hora certa.

Blackstone assentiu. A resposta foi boa o bastante, e a que ele esperava.

– Preciso de Gaillard.

Harcourt hesitou, sem entender por um instante, depois atinou para o valor do soldado.

– Claro.

Sem virar-se na sela, ele ordenou que Gaillard fosse trazido do castelo.

– Christiana está bem? E Henry?

– Sim. Ela aprecia suas cartas e sente falta de você e Lady Blanche.

Harcourt fitou-o por um instante como se fosse falar a um irmão, e mal pôde conter o arrependimento na voz.

– E nós de vocês, Thomas. Há afeição por vocês dois em minha casa. – O momento passou rapidamente. – Meulon – disse ele –, tem fios brancos na sua barba. Sir Thomas o envelheceu tanto assim?

– E muito mais, milorde – respondeu o outro.

Harcourt riu.

– Está aprendendo a responder como ele! Sim, posso imaginar, mas honrou-me com sua lealdade para com ele. Foi meu melhor capitão.

Meulon ergueu o queixo num inequívoco surto de orgulho perante o elogio.

Gaillard saiu do castelo, a cavalo, e aguardou, distante, por respeito.

Harcourt fez seu cavalo avançar.

– Thomas, vejo que sua espada está sem aquela bainha cara que eu lhe dei, então, obviamente, você está pronto para lutar com qualquer um que tente impedi-lo. Nesse caso, devo escoltá-lo e a seus homens de minhas terras, garantindo-lhes passagem segura, caso outros tentem impedi-lo, embora você entenda, não o estou ajudando. Como estão em maior número, foi concordado entre nós de forma honrada que você não saqueará nem pilhará. Concordará com isso em prol da formalidade, para que eu não seja obrigado a mentir para os oficiais do rei quando for questionado.

– Claro. Tem minha palavra.

– Então vamos cavalgar juntos o máximo que pudermos, assim irei lhe mostrar o melhor caminho e o mais seguro para Calais.

Harcourt acompanhou os homens ao norte, além de Rouen, adentrando Ponthieu e o Castelo de Noyelles, e então se despediu. A estrada à frente mobilizaria muitas lembranças, ele disse a Blackstone. Era um local que o inglês também não tinha desejo algum de revisitar.

A comitiva circundou as florestas além de Crécy, onde os restos chamuscados do moinho permaneciam como testamento das vidas queimadas dos milhares enterrados nos campos abaixo. Matthew Hampton lançou um olhar para Blackstone. Aquela tinha sido a última grande batalha que travaram, e o local onde tantos de seus amigos jaziam mortos sob o solo ondulante. Os olhos de Blackstone demoraram-se no local quando eles passaram. Ele viu a expressão soturna de Hampton e acenou com a cabeça. O passado para sempre os assombraria, e tal sensação confirmava que estavam vivos. Os fantasmas sempre os acompanhariam, não importava para quão longe viajavam.

No quinto dia, pararam no cume e viram os pântanos que cercavam Calais. As ruas podiam ser vistas claramente, deitadas de modo organizado dentro da cidade murada, e a cidadela, com seu forte e seus muros, sentava-se confortavelmente no canto noroeste, de frente para a passagem cujo porto Edward havia bloqueado com sucesso, três anos antes, pondo à fome os milhares de habitantes. Assim que Calais caiu em sua posse, o rei inglês trouxe centenas de mercadores ingleses para ocupar a cidade, que foi fortificada com altas paredes duplas cercadas por um fosso e um dique comprido, fortificado, que podia ser inundado, não muito distinto daquele que Blackstone construíra em

Chaulion. Não havia sinal de Louis de Vitry nem de Geoffrey de Charny nem de seus exércitos. Era a primeira vez que Blackstone via Calais e enfim compreendia por que seu rei a cercara por tanto tempo; um ataque direto seria impossível. Além de ser morta de fome, colocar um traidor dentro dos muros seria o único jeito de tomá-la. Blackstone estudou as areias vacilantes e os pântanos. Concediam poucas alternativas de abordagem para um exército, e ele raciocinou que Vitry e os outros se alinhariam nos bancos de areia úmida entre o portão do castelo e o mar. Uma vez que a ponte levadiça fosse ao chão e a grade fosse erguida, entrariam na cidade e começariam a matança.

– Você vai entrar numa parte da Inglaterra, agora, Meulon – Blackstone disse, apontando para a cidade.

– Que o bom Jesus nos salve, então. Ouvi dizer que a comida é péssima.

A comitiva entrou e se deparou com o dobro de homens de armas defendendo as paredes interiores. John de Beauchamp, Capitão de Calais, atuara na divisão do príncipe em Crécy e conhecia Thomas Blackstone, mas sua precaução foi compreensível quando permitiu um bando de cavaleiros armados adentrar a cidade. O rei Edward e o Príncipe de Gales haviam deixado secretamente a Inglaterra e estavam na cidadela.

– Então meu príncipe e meu senhor suserano confirmarão minha história. Vim defender Calais – Blackstone disse ao homem, e repetiu os nomes das cidades e casas fortes que tomara no sul em benefício dos homens que permaneciam com as armas em punho.

– Coloque seus homens lá – Blackstone foi ordenado. – E espere.

– Sabe quem o traiu?

– Sabemos, e isso não lhe diz respeito, Sir Thomas. Contarei ao rei que está aqui. Todos os homens terão lugar quando os franceses vierem.

Blackstone levou seus homens para um terreno úmido, de costas à parede interna, e os cavalos foram levados por outros ao estábulo. Não lhes ofereceram comida, e ninguém pediu. Quanto a Blackstone, não havia por que mostrar necessidade de conforto. Os homens estenderam seus cobertores e valeram-se da carne e peixe salgados que carregavam consigo.

– Como nos velhos tempos – Matthew Hampton disse ao cortar um naco de carne e comê-lo.

– E tão úmido quanto sempre – Blackstone respondeu.

Hampton baixou a voz, para que Meulon e os outros normandos não ouvissem.

– Bom poder matar franceses de novo, Thomas – disse ele, sabendo que Blackstone muito provavelmente aceitaria tal intimidade. – Mas se ficarmos presos aqui, não vamos conseguir muita pilhagem.

Blackstone mastigava sua própria comida.

– Não se preocupe com isso, Matthew. Apenas mantenha a corda do seu arco seca. Haverá muita matança para todos nós.

Hampton sorriu, dentes sujos de carne, e deu um tapinha no gorro de couro. Era ali que ficava a corda de seu arco, e ficaria até que os franceses entrassem em seu raio de alcance.

Dentro de poucas horas, começou um surto de atividade quando os portões internos foram abertos e uma comitiva de cavaleiros e homens de armas veio na direção de Blackstone e seus soldados. O homem que os liderava, vestindo armadura completa, tinha a mesma idade que o inglês e era quase da mesma altura, e usava os cabelos compridos divididos ao meio. Ao contrário da última vez em que vira o príncipe, este tinha barba rala. Era um guerreiro como o pai. Quantos suseranos haviam navegado em segredo durante a noite para ajudar uma cidade-chave como Calais, que estava sob ameaça? *Ele podia ter ficado em casa, como Philip*, Blackstone pensou consigo ao ajoelhar-se rapidamente, seguido pelos outros.

– Sua chegada é como a dos espíritos da floresta, Thomas, mas muito mais ameaçadores do que a das criaturas da superstição e do pesadelo. Levante-se.

O Príncipe de Gales analisou criticamente o bando de homens à sua frente.

– Para defender o bom nome de nosso senhor e a segurança de sua cidade, meu príncipe – Blackstone respondeu.

– E de seu príncipe. Você veio defender a mim, espero? Parece fazer isso muito bem – ele disse e deu um passo adiante para fitar com mais cautela os traços arruinados do arqueiro.

Blackstone encarou o homem que o havia honrado em Crécy, mas desviou o olhar por medo de parecer impertinente.

– Milorde, você não precisa de ajuda nesse sentido. Suas habilidades de luta estão famosas.

– Como as suas, Thomas. Ouvimos dizer que as mães dizem aos filhos que, se não se comportarem, o demônio do rosto marcado virá pegá-los à noite e levá-los para o purgatório. Deus misericordioso, Thomas, não esperávamos que vivesse após Crécy. Talvez você tenha *mesmo* voltado dos mortos para aterrorizar a todos nós.

Ele riu, e sua comitiva relaxou visivelmente.

– Tem tão poucos de vocês. Quantos? Sessenta, setenta homens? Um bando escasso, Thomas, pelo que vejo.

– Não importa a quantidade, senhor; mas, sim, como lutam.

– Boa resposta. Você me satisfaz. Se a memória me vale, sua mente é tão rápida quanto sua impertinência. Então, meu cavaleiro, você veio até aqui sem saber que já estávamos escondidos por detrás das muralhas. Aceitamos sua lealdade e ousadia com gratidão. – Ele fez uma pausa e olhou de soslaio para os homens de Blackstone, que tinham aparência um pouco melhor do que a de salteadores. – Você não tem cores, não tem brasão. A não ser que seja parte da conspiração e tenha encontrado um modo de explorar nossa confiança e entrar sorrateiramente.

Não houve hesitação na resposta de Blackstone.

– Se fosse esse o caso, meu príncipe, você e aqueles homens já estariam mortos.

Alguns dos membros da comitiva retraíram-se visivelmente. O príncipe também pareceu aturdido por um instante, quando os olhos do arqueiro ousaram cruzar com os de seu senhor.

– Sim, acreditamos que seria esse o caso – disse ele. O rapaz estendeu a mão. – Vejo que ainda carrega a espada.

A mão de Blackstone foi até o punho da espada, e, quando ele sacou a lâmina do anel de metal que a guardava, alguns dos homens atrás do príncipe sacaram as suas, mas o filho do rei fez um pequeno gesto que os conteve.

– Conhecemos esse homem. Ajoelhamo-nos junto dele na lama, em Crécy. Muitos de vocês não estavam conosco nesse dia, mas compartilhamos um momento que somente será esquecido quando a morte nos levar. Não é mesmo, Thomas? – Ele fez uma pausa e pegou a espada que lhe fora oferecida, segurando-a pelo cabo. O príncipe sentiu o peso e o equilíbrio. – É como suspeitávamos, Thomas. Perfeita como pode ser uma espada. Quando estava ferido, você se ateve a ela como um moribundo se atém à vida.

O príncipe virou a espada e estendeu-a à frente, segurando-a como um crucifixo.

– Você foi o instrumento de Deus para salvar nossa vida. Pode dar-nos esta espada?

– Tudo pertence ao meu senhor suserano – Blackstone respondeu.

– Não somos seu rei, Thomas. Pode dar a *mim* a sua espada?

– Com alegria – disse Blackstone, sem hesitar, e torceu para que o surto de apreensão que sentia ao perder a Espada do Lobo não aparecesse no rosto.

O Príncipe de Gales manteve o crucifixo à frente. E então, após um instante, disse:

– Na verdade, acho que ela serviria melhor nas suas mãos, Sir Thomas. Tome-a.

Blackstone pegou a lâmina acima da mão do príncipe. Era um gesto de lealdade silenciosa.

O príncipe Edward soltou a arma e deu um passo para trás.

– Muito bem. Lembre-se das ordens do rei. Os líderes de seu exército precisam ser pegos com vida. O resgate e a vergonha pela derrota partilharão da cama do rei francês. Queremos explorar isso. Então, escolha sua posição.

– Onde o inimigo atacará primeiro?

– Aqui. Entre essas paredes. Por esses portões. E então perseguiremos e derrotaremos o inimigo, para que Philip não ouse tentar de novo.

– Então é aqui que lutaremos.

O jovem príncipe estudou o outro por um momento e então, num gesto raro, colocou a mão no ombro dele.

– Thomas, não poderá desafiar a morte para sempre.

Dias depois, Blackstone descobriu que o traidor era um mercenário italiano, Aimerac de Pavia, que era mestre de galera do rei Edward. Ele traíra o rei por dinheiro e depois traíra os franceses por uma passagem segura. Antes do amanhecer, na manhã seguinte, Blackstone estava imerso nas trevas frias entre as sombras projetadas pelas duas muralhas. Disseram-lhe que o exército francês viera durante a noite e esperava pela ordem para lutar no trecho de areia além das paredes do castelo e do mar – exatamente onde Blackstone pensara que ficariam. Conforme a luz acinzentada aproximou o dia, os que estavam nos acampamentos viram o que parecia ser cerca de quatro mil soldados de infantaria, mais mil e quinhentos homens de armas, que se preparavam para começar o ataque.

Blackstone estava a cinco passos de seu pelotão, e a três passos dele estava Meulon, preparado, com escudo e espada. As paredes eram estreitas e permitiam que somente vinte homens ficassem ali, lado a lado. Os poucos arqueiros ingleses de Blackstone assumiram as fileiras da retaguarda, com bastante espaço para usar seus arcos. O inglês e seus homens estavam longe demais da torre do portão para identificar a figura escura que se adiantou, mas logo o som da ponte levadiça sendo abaixada foi ouvido, ao mesmo tempo em que ergueram a grade.

Blackstone virou-se para encarar seus homens.

– Não façam barulho. Mandarão batedores primeiro. Não são eles que queremos.

Minutos depois, figuras indistintas de homens armados correram sob a grade e rapidamente checaram os dois lados, para certificar-se de que não havia uma

emboscada. Em meio à neblina cinza, Blackstone e seus soldados aguardavam. O grupo de batedores acenou para que outros entrassem. O inglês olhou para cima quando escutou o vento chegando do mar e ondulando a bandeira real francesa, erguida acima da torre. Duas outras bandeiras foram içadas. Uma, Blackstone não conhecia; a outra era a de Louis de Vitry.

Blackstone e seus homens ergueram seus escudos lisos.

Passos ecoaram como trovões sobre a ponte levadiça, armaduras tilintaram conforme os homens correram, lado a lado, para ser os primeiros a atacar o núcleo de Calais e suas tropas desavisadas. Blackstone ergueu sua arma, e ouviu o ruído de espada e lança conforme os homens atrás de si se preparavam para o ataque. Mais de cem homens entraram sob a torre do portão e então, pouco antes de a grade cair, prendendo-os dentro, e uma fanfarra súbita de trombetas anunciar o ataque, os homens de armas franceses viram a escuridão correr para cima deles. Eram Blackstone e seus homens avançando em silêncio contra eles. Duas saraivadas de flechas dos flancos de trás voaram sobre as cabeças dos homens e derrubaram os soldados da retaguarda, dando aos outros pouca chance de recuar ou formar defesa. Metal colidiu com metal, e então a bruma de medo e sede de matar tornou-se um rugido que os homens de Blackstone soltaram de súbito – um som ainda mais aterrador do que o do ataque silencioso – e ecoou entre as duas paredes altas, que prendiam as unidades francesas. Blackstone esmagou e rasgou, abrindo caminho na ponta da falange; a lança de Meulon passou de raspão pelo rosto dele ao fincar-se no elmo aberto de um francês à direita. A figura pesada de Gaillard forçou seu caminho avante, mergulhando a lança num homem que caía, cujo corpo pesado puxou a lança consigo. Gaillard não tentou reaver a arma, mas sacou a espada para atacar outros. Blackstone colidiu com um homem de armas francês, virou-se, juntou nele e rodopiou, chutou e derrubou o homem, depois meteu a Espada do Lobo no espaço entre a armadura e a coxa e tropicou para a frente, enquanto homens contorciam-se, sendo estripados e despachados pelos soldados que vinham logo atrás.

Gaillard caíra. Um cavaleiro metera-lhe uma maça na traseira do elmo, defendendo-se de um possível contra-ataque com o escudo. A figura imensa de Meulon forçou sua lança por baixo, e, quando Blackstone viu sangue jorrando subitamente, estendeu o braço torto e agarrou Gaillard pelo ombro. O homem aturdido rolou para o lado, e uma espada, de súbito, mergulhou dentre o combate sólido e fincou o homem no ombro. A malha absorveu boa parte do impacto, mas ele sangrou. Blackstone, que estava quase agachado, ergueu-se e gingou o escudo para cima, afastando a espada do inimigo, expondo-lhe o peito. Então, como se Meulon e ele fossem um, como uma quimera gerada para a guerra, Meulon baixou a arma e fincou-a nas vísceras do soldado. Depois foram em

frente: golpeando, cortando e fincando, lado a lado. Invencíveis. Gaillard ficou de joelhos e foi varrido pelos outros.

Espectros sem rosto surgiram em meio às paredes de pedra cinza brandindo machados e espadas ao tentar conter o avanço de Blackstone, mas seus lanceiros atacaram também, enquanto os arqueiros de Hampton, a distância, enviaram outra chuva de flechas contra os franceses. O inglês angulou seu ataque, pegando aqueles que estavam presos de costas para a grade, sem ter aonde ir, com a única opção de ficar de cócoras. Os portões internos foram abertos, e tropas lideradas pelo Capitão de Calais avançaram em ritmo constante.

– Esperem! – Blackstone gritou, impedindo que seus homens avançassem e matassem os homens que se rendiam. Já haviam matado mais de trinta elementos do inimigo e assassinar os demais não faria muita diferença sobre o ataque fracassado. Além disso, ele queria seus homens ainda fortes, pois não havia sinal de Louis de Vitry entre os primeiros atacantes. Os homens suados e ensanguentados tomaram fivelas e espadas dos oponentes. A pilhagem era sua recompensa. Alguns dos rendidos foram golpeados para conter os palavrões. Estavam furiosos por terem sido rendidos por homens que nem brasão vestiam. Trombetas e tambores soaram distantes, anunciando um ataque. Blackstone passou por entre os soldados que pilhavam e foi até John de Beauchamp.

– Onde está o rei? – ele inquiriu, sabendo que não havia mais o que fazer entre os muros. A grade gemeu, subindo, enquanto Beauchamp latiu sua resposta e os cavalos deixaram as paredes internas, ganhando a ponte levadiça.

– Está atacando no portão sul e o príncipe, no norte! – Beauchamp gritou, e foi levado junto dos cavaleiros que avançavam.

– Sir Thomas! – Meulon gritou ao ver Blackstone agarrar o estribo de um dos cavalos em correria e arrancar da sela seu cavaleiro. O homem caiu de costas com tudo, mas rolou para evitar os cascos que por ali passavam. O inglês subiu na sela e foi levado portões adentro pelo enxame de cavaleiros.

Além da cidadela, Blackstone viu muitos dos franceses recuando sob a investida violenta do rei inglês. Devia haver mais de duzentos arqueiros ingleses junto do rei, Blackstone pensou, tendo visto um grupo grande de franceses tombar sob uma súbita nuvem negra. Ele analisou as linhas francesas em busca da bandeira de Louis de Vitry, mas o caos da batalha obscurecia tudo. E ainda não tivera sinal de William de Fossat. Estaria ele perdendo tempo esperando atacar quando o clamor da batalha dava-lhe essa chance?

Mais adiante do pântano, no banco de areia, cavalos galopavam a todo vapor, enquanto franceses mantinham seus postos, enfrentando bravamente o ataque do Príncipe de Gales. Seria um milagre conseguirem defender-se. Mas onde estaria Vitry? Onde? Nenhum pelotão trazia a bandeira dele, então

Blackstone guiou seu cavalo à frente, pelo centro, enquanto os demais dividiram-se para os lados.

De repente, ele foi subitamente lançado para a frente. Flechas de besta fincaram-se no cavalo, atingindo seus órgãos vitais, o que o fez ser arremessado adiante. Blackstone caiu no piso úmido, e o cavalo rolou por cima dele. Imagens de Sir Gilbert Killbere ficando preso sob seu cavalo em Crécy passaram pela mente do inglês. *Não me deixe morrer desse jeito!*, gritou uma voz dentro da cabeça dele. Estava preso. A perna esquerda. Chutando e empurrando com a perna livre, começou a se libertar. Estava no centro do furacão, onde reinava uma quietude sobrenatural. Foi preciso apenas um segundo para ele perceber que tinha lama e turfa entre o elmo e as orelhas, e era isso que abafara o som da batalha.

Ele arrancou o elmo e balançou a cabeça, afastando os cabelos enlameados dos olhos. Um punhado de franceses o viram cair e corriam na direção dele, acompanhados por um cavaleiro montado, a dez passos deles, jogando nacos de lama no ar com o trote veloz do cavalo. Com a espada erguida e o visor aberto, foi impossível não reconhecer a cara de falcão de William de Fossat. Blackstone livrou a perna do animal caído e, com menos de vinte passos para que os homens o alcançassem, conseguiu ficar em pé e preparou a Espada do Lobo para atacar.

Fossat baixou o braço direito e deixou sua espada varrer tudo pela frente, rasgando cabeças e pescoços expostos.

Meulon gritou com os homens para que entrassem no castelo e seguissem Blackstone. Matthew Hampton correu de trás do grupo e alcançou o outro, que era muito maior e dava passadas duas vezes mais longas.

– Ele caiu! Vocês viram? – ele arquejou. Um pouco mais devagar, Meulon correu por uma das amplas passagens onde o piso encharcado era coberto por calçamento. Estavam ainda longe demais para usar os arcos. Meulon parecia apostar corrida com Gaillard, ambos correndo em meio aos soldados, que eram pressionados pelos dois lados. Os ingleses viravam-se, pensando que eles eram franceses atacando por trás, mas Hampton pegou uma flâmula do chão e forçou pernas e pulmões para alcançar os lanceiros.

– São Jorge! Por Edward e a Inglaterra! – ele gritou o mais alto que os pulmões sofridos permitiram.

Bastou isso para que as tropas inglesas se virassem e voltassem a lutar, abrindo caminho para o estandarte de Charny.

O avanço foi contido por um grupo de franceses que surgiu do lado direito.

Meulon afastou Hampton da mira de uma lança fincada entre os dois. A espada de Gaillard rasgou o lanceiro na garganta, e Talpin e Perinne rapidamente formaram uma parede defensiva com outros ao lado deles e de Meulon. A fileira que formaram permitiu-lhes avançar passo a passo. Arquejando e xingando, com dificuldade, alguns caindo ou tropeçando no solo irregular, a força bruta os fez avançar até que todos os franceses jaziam feridos e mortos, sob seus pés.

– Lá está ele! – Gaillard gritou, quando os guerreiros abriram caminho para que vissem o cavaleiro avançando na direção do inglês.

Blackstone estava sem escudo, então pegou uma lança quebrada. O nó do sangue segurava a Espada do Lobo, e o cavalo estava a segundos de atropelá-lo. Ele ouviu Fossat grunhir enquanto sua espada seccionou ossos e carne dos atacantes. Dois caíram e um terceiro não teve chance sob as ferraduras de aço do cavalo de guerra. Ele não pretendia matar o inglês, no fim das contas.

– Mexa-se, homem! Mexa-se! – ele gritou, girando o cavalo. Blackstone defendeu um golpe de espada com a lança quebrada e derrotou os oponentes. – Louis está lá! Lá! – gritou Fossat, apontando a espada. – Vem pegar você!

Blackstone tinha a boca seca e mal conseguiu cuspir o sangue acumulado dentro dela. O rapaz levara um golpe no rosto em algum momento, mas não se lembrava quando. Ele foi na direção da companhia que o atacou e a meia dúzia de cavaleiros que acompanhavam Louis de Vitry e sua bandeira.

– Sir Thomas! – berrou uma voz atrás dele. Ele virou-se. Matthew Hampton e Meulon, junto de Gaillard, Talpin e Perinne, lideravam os outros como uma horda de bárbaros, os olhos escancarados nos rostos sujos de lama e sangue, as barbas melecadas com cuspe e muco.

– Vitry! – ele gritou com os inimigos, partindo para um ataque solo. Esquivando-se dos corpos, correu para o terreno mais seco à sua esquerda, pensando que a calçada o permitira chegar mais rápido do que o terreno lodoso, forçando os homens de Vitry a mudar de direção. Metade deles ainda estaria correndo à frente e, ao virarem-se para voltar, o grupo do meio estaria mais perto de Blackstone. E era com eles que cavalgava Louis de Vitry.

William de Fossat aproximou seu cavalo do homem que corria.

– Pegue! – ele gritou, largando seu escudo, trocando a espada de braço, permitindo que Blackstone segurasse o estribo com a mão esquerda e mantivesse o braço da espada livre. O cavalo não poderia manter o trote reto por muito tempo, mas logo Blackstone estava fora do chão. Homem e cavalo foram impulsionados para dentro da massa de homens, enquanto uma chuva de flechas

caiu entre eles. Matthew Hampton interrompera o avanço dos arqueiros, e Meulon e os demais os envolveram na proteção dos escudos. Voltaram a avançar quando viram soldados franceses derrubando Fossat. O cavalo, fincado por uma lança, relinchava, entortando os olhos em agonia ao cair no chão. Blackstone esquivou-se dos cascos, e viu Fossat honrar sua palavra, lutando contra o inimigo em comum ao lado dele. Vitry gritou algo, mas Blackstone não pôde ouvir com toda aquela balbúrdia. As bandeiras viraram, ondulavam atrás dos dois cavaleiros. Os soldados de Blackstone urraram de dor. Estavam sendo derrubados ao avançar para perto do mestre. Waterford morreu com um golpe de lança, Talpin foi espancado com maça e machado até a morte por dois franceses. Blackstone pôde apenas assistir a seu construtor ceder sob a selvageria dos inimigos. Então, como que por milagre, eles continuaram a avançar.

Blackstone mantivera seu posto. Ele pegou um escudo largado e chegou perto de Fossat. Nenhum olhou para outro. As hordas pareciam crescer, em vez de rarear, mesmo com as perdas essenciais que haviam causado entre os homens de Vitry.

– Abaixe, Thomas! Abaixe! Abaixe! – uma voz gritou subitamente de trás do ombro do inglês. Era Hampton, disparando à frente. Blackstone virou-se e viu quatro soldados de Vitry mirando com seus besteiros. Tarde demais, Blackstone ergueu o escudo; Matthew Hampton correra na frente dele e levara duas das flechas no peito. Uma terceira atravessou o escudo do inglês e fincou-lhe na lateral. Aquilo ardeu como ácido na pele e no músculo. Ele puxou o ar, testou a sustentação. Dava para ficar em pé? Mover-se? Atacar? Três passos, depois cinco. A dor martelava em sua mente, porém incentivava-o, incitava-lhe a força. Fossat jazia na lama, imóvel, derramando sangue sobre a armadura.

Trombetas soaram em algum lugar por perto. Os homens do príncipe fechavam o cerco. Louis de Vitry havia prometido que mataria o homem que o humilhara. Suas terras foram-lhe devolvidas, uma recompensa seria ganha. E ele, entre todos os lordes normandos, teria mais poder e controle do que todos. Mas, quando ele avançou com seu cavalo para cima do inglês ferido, já sabia que a batalha estava perdida. Restava-lhe apenas a infâmia. Escolhera o lado errado e vendera-se a um rei francês que jamais conseguiria vencer. Havia apenas uma satisfação possível para o amargo conde: matar Thomas Blackstone.

Uma onda de choque perpassou as tropas francesas. O rei inglês os prendera, e seu filho derrubava-os, cortando-lhes os pés, e o ataque de Blackstone bem no centro do exército minara-lhes a força. Subitamente, os oponentes hesitaram, e os que restavam saíram correndo. Blackstone viu a expressão de abandono de Louis de Vitry ao gritar para os homens que ficassem. Medo e desespero taparam os ouvidos dos soldados para seu rogo. Entre milhares, o conde deve ter se

sentido totalmente sozinho. Ele esporeou o cavalo. Blackstone não pôde esquivar-se, incapaz de mover-se rápido o bastante. Meulon deu várias passadas e fincou a lança bem no peito do animal, que dobrou as pernas. Vitry segurou-se na sela, mas foi arremessado. Quase três quilos de armadura dificultaram que ficasse em pé. A espada dele, como a de Blackstone, vinha presa ao pulso. O inglês quase pôde sentir o sufocamento dentro do elmo do conde, cuja visão era limitada pela fenda estreita. Ele esperou, vendo Vitry ficar de joelhos, depois em pé, cambalear, encontrar o equilíbrio, abrir o elmo e respirar. Sem hesitação, o nobre avançou com tamanha ferocidade, que derrubou Blackstone. Ele viu Gaillard dar um passo adiante para ajudar, mas gritou para ele ficar. Vitry podia ser tomado como refém pelo príncipe, vendido de volta a Philip ou enviado ao rei francês, humilhado. Uma vitória perfeita para os ingleses, que esfregariam sal nos ferimentos do rei Philip por muitos anos.

Se Blackstone não matasse Vitry primeiro.

Eles colidiram. A cabeça sem proteção do inglês o colocava em desvantagem. O conde gingou, mudando agilmente de direção, e deu um golpe de quebrar dentes em Blackstone com o punho da espada. O inglês cuspiu sangue, bloqueou, defendeu e sentiu a força ser drenada junto do sangue que escorria pela perna. A flecha continuava fincada em seu corpo, dificultando os movimentos com a espada. Antes de morrer, Blackstone não queria nada além de um balde inteiro de água. Para mergulhar. Para não morrer de sede.

Louis de Vitry possuía os sentidos atentos de um homem treinado no combate mano a mano, e o arqueiro camponês, que fora honrado e tratado como igual pela grande e nobre família Harcourt, era uma mancha na honra normanda. Equívoco que ele pretendia corrigir. Blackstone não passava de um guerreiro de força bruta que cambaleava, a cabeça pendendo no peito, os cabelos caídos sobre o rosto, desesperado por água, ombros cedendo sob o fardo do ferimento. Ele ficou de joelhos. E caiu! Conde Louis de Vitry juntou as duas mãos no punho da espada e ergueu a lâmina.

A luta terminaria basicamente como uma execução.

Blackstone ergueu a cabeça, e Vitry viu os olhos dele fitando-o por entre os cabelos encharcados de sangue. Ele desceu a espada, mas foi tarde demais. Blackstone virara a Espada do Lobo e, como fizera quando matou o javali selvagem, desferiu um golpe para cima, por baixo da armadura do conde, perfurando coração e pulmões.

Louis de Vitry caiu, estatelou-se, só que dessa vez Blackstone rolou para o lado e deixou o corpo dele cair de cara no solo encharcado. O pouco de ar que restava no corpo fez borbulhar sangue sobre a grama pisoteada.

Capítulo trinta

Cirurgiões-barbeiros cortavam, costuravam e suturavam os feridos. A Blackstone, parecia que mais sangue fluía por ação das mãos dele do que dos ferimentos causados pelo inimigo. Pegaram tesouras e cortaram a flecha logo abaixo das empenagens. Ele queria que o enfermeiro do monastério, Irmão Simon, estivesse ali com eles. Seu cuidado para com os doentes e feridos era capaz de manter um homem neste mundo em vez de empurrá-lo doloridamente para o outro. O cirurgião-barbeiro usou uma colher para arrancar a flecha e preparou o ferro para cauterizar.

– Deixe correr o sangue – Blackstone insistiu. Outra lição do velho monge era deixar o sangue fluir e levar consigo qualquer impureza antes de selar o ferimento. Finalmente, colocaram a agulha de arame, com o ilhós laçado com tripa, no machucado. Gaillard trouxe o saco que estivera pendurado na sela de seu cavalo e passou para o inglês o jarrinho de cerâmica, selado com cera de abelha, preparado pelo velho monge. A pomada tinha cor de limão e era muito perfumada, o que já dava uma sensação de cura. Blackstone passou-a no ferimento e certificou-se de que os outros fizessem o mesmo. Ele e seus homens passaram duas semanas na cidade, sendo atendidos e alimentados. Apesar dos ferimentos, enterraram seus mortos eles mesmos, não ligando para os estranhos que deitavam corpos nas valas.

Matthew Hampton colocara-se entre Blackstone e os besteiros, e agora jazia sob a terra. Orações foram feitas e bênçãos dadas, e então o inglês voltou para os seus. Estavam todos muito bem, mas a perda de dois arqueiros causava muito sofrimento a Blackstone. Ele sabia, no entanto, que com o tempo haveria mais.

– Talpin era um bom soldado – Meulon disse, cuidando de um ferimento no braço. – Contudo, antes ele do que eu, é assim que prefiro pensar. Acho que você irritou o príncipe inglês, no entanto, Mestre Thomas. Ele estava querendo manter os líderes franceses vivos.

– Nem pensei nele naquela hora.

Blackstone perdera quinze de seus setenta e cinco homens, e uma dúzia estava ferida, inclusive ele. Era hora de rezar e dar graças, e ele ajoelhou junto de sua companhia perante as tumbas dos mortos. Havia um local sombrio em seu coração para aqueles que morriam ao seu lado nos campos de batalha da França, e ele sabia que a lembrança o acompanharia para sempre.

Embora ficassem na cidade, o inglês e seus soldados eram mantidos perto dos estábulos e dos quartéis das tropas. O senescal de Calais ordenara que Beauchamp mantivesse guerreiros bem longe dos mercados e pousadas. Uma batalha vencida além das muralhas poderia facilmente ser perdida dentro delas. Ouro e ferrarias ofereciam mais tentação do que as prostitutas de taverna.

Pela terceira semana após a batalha, o rapaz pôde cavalgar sem sangrar. Era hora de voltar para casa. Ele partilhou uma refeição quente com os homens, que ganharam pão fresco por seus esforços. Pelo menos o rei e o príncipe alimentavam bem seus soldados.

Gaillard sugou o caldo do pão. O galo em sua cabeça havia crescido e se tornado um hematoma feio que doía quando ele colocava o elmo. Algumas semanas deixando os piolhos escaparem não fariam mal algum – era o que todos diziam.

– Ouvi dizer que o italiano, como é mesmo o nome? O que fez o trato, foi pago. Um dos guardas disse ter ouvido que ele fora de férias a Roma, que era ano do Jubileu. Se tivesse dinheiro para tostar assim, eu viajaria por Avinhão e iria ver o papa também.

– Gaillard, o papa engasgaria com sua comida requintada caso visse você. Teria que tirar um ano de férias só para ouvir suas confissões – disse Perinne, aliviando a tensão do grupo.

Conseguiram fazer pilhagem, mas não o bastante para que a luta tivesse valido a pena, embora isso fizesse pouca diferença para a maioria deles, visto que logo estariam em casa, onde as expedições garantiam pagamento modesto, embora aceitável, sob o comando de Blackstone.

Ele se levantou e limpou as mãos na jaqueta de couro. Sentia o próprio fedor e desejava muito tomar banho, prometendo para si mesmo que o faria assim que encontrasse o primeiro curso de água fresca.

– Partiremos amanhã, após as matinas – ele disse e foi até onde estava William de Fossat, descansando em ambiente mais digno de um barão normando que decidira passar para o lado dos ingleses. Levara a quarta flechada de besta naqueles momentos cruciais, quando Hampton morreu e Blackstone foi ferido. Ela perfurara a armadura e fincara-se no ombro do homem. Sua pele estava muito pálida, sob a barba escura, porque os cirurgiões drenaram-lhe mais sangue

do que o próprio ferimento.

– Açougueiros. É isso que vocês ingleses são. Pedi um cirurgião francês e me vem um inglês que gagueja o meu idioma e peida enquanto me sutura – disse ele.

– Ouvi dizer que foi assim porque você manteve uma faca na garganta dele caso ele quisesse arrancar seu braço.

William de Fossat grunhiu, indiferente.

– O que vai fazer agora? Edward não pode garantir sua proteção aqui. Retornará à Inglaterra? – Blackstone perguntou.

– Não. Você não soube? Encontrei uma viúva rica com terras que precisam de governo. E acho que ela tem alguma conexão com um maldito, há muito esquecido, da família real. Ele nos deixará em paz e, além disso, ouvi dizer que está doente. Morrerá antes que eu me entregue aos vermes. Isso se seus açougueiros ingleses não acabarem comigo antes.

– Eu vim agradecer.

– Não seja bobo, Blackstone. Não fiz o que fiz por você. Louis de Vitry nos traiu. Se eu o tivesse confrontado, ele teria se rendido a mim. Precisava morrer. – O homem sorriu. – Você foi… conveniente. Foi você quem zombou de nosso código de cavalheirismo, Thomas, mas continua sendo regra. Renda-se apenas a um homem de posição equivalente.

– Que não é o meu caso.

– Que definitivamente não é o seu caso. E ele queria muito matá-lo. Você humilhou um lorde normando. Santo Deus! Achou que ele fosse esquecer?

– Não – disse Blackstone. – Mas duvidei de você. Só por um momento. Mas duvidei.

– Achou que eu fosse matá-lo.

– Sim. Você teve a oportunidade perfeita aquela hora. E agora estou em dívida.

– Eu dei minha palavra de que ficaria ao seu lado contra um inimigo comum – Fossat disse baixinho, somando peso à sua sinceridade.

– Uma promessa pode ser quebrada.

– Depende de para quem ela é feita.

John de Beauchamp cavalgava à frente de uma companhia de lanceiros, cujos números eram o dobro da de Blackstone. Eles pararam onde este e os seus estavam reunidos.

– Algum problema? – Meulon perguntou ao ver os homens em formação de

escolta.

Antes que Blackstone pudesse responder, o Capitão de Calais fez-se conhecer.

– Sir Thomas Blackstone, você e seus homens são requisitados na praça do mercado. Fui enviado para escoltá-los até lá.

– Por ordem de quem? – o inglês perguntou, sabendo que seus homens receavam os ingleses.

– Seu príncipe.

Meulon murmurou algo muito baixo.

– Desobedecer um príncipe é questão de enforcamento. Talvez eles já estejam com a forca construída na praça.

– Por que eu matei Vitry?

– Como vou saber? Ele é seu príncipe.

Os soldados marcharam ao redor de Blackstone e seus soldados. Não foram ordenados que deixassem as armas, mas o modo como eram escoltados gerava suspeita. Eles entraram na praça do mercado e a encontraram lotada de tropas que mantinham a população nas margens, boquiaberta perante a reunião de nobres e suas bandeiras de tecidos finos. O Príncipe de Gales, resplandecente em armadura e sobretudo imaculado, conversava com sua comitiva. Parecia que ele e sua casa estavam preparando-se para partir para a Inglaterra. John de Beauchamp conteve os homens.

– Sir Thomas, pode me acompanhar? – ele ordenou, e foi em direção ao príncipe, que falava com o senescal e outros oficiais do estado que controlavam Calais.

Blackstone esperou, respeitosamente, dois passos atrás de Beauchamp, que aguardou até que um dos oficiais o abordasse. O Príncipe de Gales ergueu o rosto e acenou, então o oficial gesticulou para que os outros dois se aproximassem. Quando chegaram mais perto, Blackstone e Beauchamp ficaram de joelhos, depois em pé.

O Capitão de Calais afastou-se, deixando o inglês sozinho com o sóbrio príncipe.

– Partiremos quando a maré subir, Thomas. De volta à Inglaterra. Nosso rei já navegou.

Blackstone não sabia dizer por que fora convocado. Pensamentos corriam por sua mente. Seria punido? Certamente, o príncipe não queria que ele retornasse à Inglaterra e abandonasse seu território, esposa e filho.

– Você defende cidades em nome do rei, Thomas. Virá um dia em que não precisaremos mais delas.

– São suas para comandar, meu príncipe.

Príncipe Edward franziu o cenho, ligeiramente irritado.

– Você precisa sempre matar de imediato, Thomas? O Conde Louis de Vitry era um normando que poderíamos ter usado em nosso favor.

Blackstone ficou em silêncio. Responder seria como cutucar um vespeiro de recriminações.

O herdeiro do trono da Inglaterra deixou a irritação passar.

– O que está feito, está feito – disse, e prosseguiu. – Sua ação abriu caminho bem no centro do inimigo. Foi… útil… para nós. Por acaso o camponês arqueiro tornou-se um militar tático além de um cavaleiro?

– Eu faço o que julgo ser o melhor, meu príncipe – disse Blackstone, vendo Edward fazer um gesto quase imperceptível e um aceno de cabeça para alguém específico, que bastou para que um cavaleiro de armadura completa e um escudeiro da periferia da praça pegassem o estribo de um cavalo e o trouxesse para eles.

– Então se certifique de continuar assim – disse o príncipe, e prosseguiu, indicando que não esperava resposta. – Você sabia que demos a lã para Calais, que nossos aliados flamengos ao norte encontram-se quase à distância de um aceno? Seus teares zumbem com o comércio da lã proveniente de nossas ovelhas. Não faz diferença se sabe ou não, Thomas, mas havia importância política e estratégica em defender esta cidade.

Blackstone viu que o cavaleiro e o escudeiro que se aproximavam vestiam o uniforme real, então independentemente de o que estivesse engatado naquele cavalo, pertencia à casa do príncipe.

– E nós a defendemos. E você teria estado sozinho, defendendo-a por nós, caso não soubéssemos do plano para abrir os portões. Sua ação merece ser honrada. E Thomas, isso está virando um hábito!

A repreensão pareceu genuína, então Blackstone curvou a cabeça.

– É brincadeira. Pelo amor de Deus, Thomas, não somos nenhum ogro, sou seu príncipe e eu e nosso rei valorizamos você. Por acaso cortaram seu humor inglês em Crécy junto com seu rosto? – disse ele, e com outro gesto do pulso o cavaleiro respondeu, tirando algo da lateral do cavalo. Ele ergueu um sobretudo liso, tingido de vermelho-sangue. O contorno de um escudo fora bordado no peito esquerdo, e dentro havia a imagem bordada da Espada do Lobo, punho destacado acima do guarda-mão curvo. Segurando a espada havia um punho protegido por luva. Blackstone lembrou-se do momento em que cruzara o olhar do príncipe quando ambos admiravam a lâmina, antes da batalha.

– Se quiser ser conhecido por algo além desse seu rosto, então precisa de um brasão. Nosso rei julgou esse apropriado – ele disse, e ordenou ao escudeiro que entregasse.

– São o suficiente para vestir seus rufiões, e mais para os que, sem dúvida, procurarão você. E cinco mil libras por ano sairão do tesouro para sustentar seus esforços.

A honra surpreendera e envergonhara Blackstone, e ele gaguejou o agradecimento:

– Você é generoso demais, senhor.

– Sim. Eu sei. Mas honrá-lo beneficia a nós também. Banhamo-nos no calor de seu nome e seu sucesso. Só gostaria que fosse mais cheiroso – ele disse e sorriu.

Impaciente, olhou para o escudeiro, que fuçava em algo pendurado na lateral do cavalo. O cavaleiro logo assumiu a tarefa e desatou um escudo. O príncipe deu um passo adiante e o tomou do soldado. Mostrando a Blackstone o escudo, o mesmo brasão de espada e punho apareceu.

– Eu mesmo escolhi o tema. Você estava perto da morte naquela noite, e entretanto não soltava a espada. O rei, nosso pai, disse que você era um desafiador da morte.

Blackstone viu as palavras escritas sob o punho: *Défiant à la Mort.*

Ele pegou o escudo das mãos do príncipe Edward.

– Thomas, vá para casa e fique vivo. Precisaremos de você novamente. Agora vá mostrar a seus homens o seu brasão.

Blackstone enfiou o braço torto no escudo e ergueu-o para seus homens.

Eles o viram e rugiram, satisfeitos.

– Thomas – o príncipe chamou, e disse algumas palavras finais apesar da ovação ensurdecedora à qual a multidão resolvera aderir.

Blackstone reuniu-se a seus homens quando a comitiva do príncipe deixou a cidade. Em questão de uma hora, usando o novo brasão, foram eles que cruzaram a ponte levadiça. A expressão solene no rosto marcado de Blackstone incitou Meulon a perguntar:

– Fomos honrados, Sir Thomas. Não sofra pelos homens que perdemos. Eles nos admiram e partilham de nosso orgulho. Estão aquém do sofrimento, e nossa hora também há de chegar. Isso é tão ruim assim?

Blackstone ficou um pouco em silêncio conforme o grupo se afastava da cidadela.

– Seu príncipe castigou-o por ter matado Vitry? Foi isso que aconteceu?

– A morte de Vitry foi um pequeno inconveniente para ele. E sofreremos pelos homens à nossa maneira. Não, o que o príncipe me disse foi que o rei

Philip e seu filho John, Duque da Normandia, brigaram. Alguns dos lordes normandos ficarão do lado dele e, independentemente de qual será o mais forte, vão querer vingar-se daqueles de nós que ficaram aqui e lutaram.

Atrás da comitiva, as velas empurraram o navio do príncipe em direção à Inglaterra, enquanto Blackstone incitou seu cavalo à frente para cavalgar para casa.

Notas históricas

Quando o rei Edward III invadiu a França – país duas vezes maior, muito mais rico e mais populoso –, ela era a força militar que liderava no oeste. O exército de Edward, homens de famílias pobres assim como membros da nobreza, tinham a oportunidade de garantir riqueza e *status* por meio da pilhagem e dos saques – caso sobrevivessem à selvageria da batalha. Mas o que aconteceu com esses grandes homens quando depois que as grandes batalhas foram travadas e eles foram dispensados do serviço? Suas habilidades foram intensamente requisitadas por aqueles que não possuíam exércitos – mais notavelmente, as cidades-estados italianas. Antes de chegar aos pagantes italianos, tiveram que se mostrar dignos na guerrilha, e foi o que levou esses homens endurecidos ao dia do contrato o que eu quis explorar, e descobri como um garoto humilde de uma vila inglesa pôde se tornar um Mestre da Guerra. Descobri que muitos capitães independentes que lutaram como mercenários acabavam sendo considerados cavaleiros pelos próprios comparsas. Mas havia alguns homens de posição inferior que eram honrados por conta de sua bravura, que pareciam ter talento natural para a guerra. Então coloquei Thomas Blackstone na jornada que lhe garantiria tal honra.

Arqueiros ingleses e galeses dominaram as batalhas maiores do rei Edward no século XIV. Rapazes treinados nos alvos de suas vilas, um exército único, treinado para servir na guerra, que não podia ser equiparado por nenhum outro monarca europeu. Um desses rapazes era Thomas Blackstone, que superaria seu medo de matar e o terror perante o avanço pesado da cavalaria na batalha, e cuja coragem criaria uma oportunidade de reconhecimento que ia além da recompensa usual do saque.

Para começar meu relacionamento com esse violento período, peguei minha cópia gasta de *A distant mirror*, de Barbara W. Tuchman. A brutalidade da época e, em especial, a selvageria apavorante dos mercenários tornava difícil encontrar

quaisquer traços redentores em Blackstone. Nesse tempo, havia o desejo muito grande de se comportar de modo cavalheiresco, principalmente entre os nobres, mas a palavra de honra de um cavaleiro, para um camponês, de nada valia. Os esforços do cavaleiro eram um fantasma insistente de dias antigos, mais notavelmente das lendas arturianas e *The song of Roland*, poema heroico de meados do século XII que celebrava os feitos de Carlos Magno. As demandas básicas da luta e as necessidades da guerra em geral varriam qualquer lampejo de compaixão. Apesar de guerrear para conquistar riqueza e honra, portando o ideal do comportamento cavalheiresco, prisioneiros eram massacrados, igrejas, pilhadas, e mulheres, estupradas.

Mas muitas das classes de cavaleiros e nobres eram compostas por literatos com domínio da poesia e da cortesia, então talvez houvesse *sim* uma fenda em suas armaduras. Havia momentos em que maneiras gentis e corteses ganhavam o dia – principalmente com as mulheres. Um mercenário francês, Andrew Belmont, apaixonou-se enquanto servia na Itália e impediu a destruição da cidade onde sua amada morava.

A sociedade moderna não tem como compreender as privações e a cultura de um exército contemporâneo em guerra, então a experiência daqueles que lutaram num conflito medieval pode ser apenas imaginada por nós. Eram tempos cruéis e selvagens. Crianças exerciam trabalho pesado desde os 7 anos. Os filhos dos artesãos podiam tornar-se aprendizes se houvesse dinheiro para pagar ao mestre cujas habilidades viriam a adquirir. Um menino nascido na nobreza era enviado a outra família e treinado como pajem desde os 9 anos de idade, e depois, na pré-adolescência, serviria a um cavaleiro como seu escudeiro, quando praticava a arte da espada. Homens de armas, metidos dentro de trinta a quarenta quilos de armadura, conseguiam lutar por horas a fio no combate corpo a corpo, o que pode parecer sobre-humano para nós atualmente, mas a capacidade medieval de absorver e engolir dor parece ter sido extraordinária. Um cavaleiro podia ter o elmo e o nariz perfurados por uma flecha de besta, que permanecia ali, fincada em seu rosto, e mesmo assim continuava a lutar, sentindo um leve “desconforto” quando um golpe acertava a flecha presa em sua cabeça. A força e a resistência do homem medieval parecem impossíveis de replicar nos dias de hoje. Há relatos de cavaleiros, vestidos com armadura completa, que podiam dar piruetas, correr e pular para a sela de um cavalo de guerra.

Muitos dos eventos em *Mestre da guerra* ocorreram de verdade. Conhecemos poucos dos homens comuns que lutaram durante essa invasão, mas dois arqueiros de que se tem registro, Henry Torpoleye e Richard West, tombaram durante a batalha nas ruas de Caen. Poucos incidentes de resistência de camponeses locais contra os invasores ingleses e galeses pesadamente

armados foram registrados, mas um evento ocorreu na vila de Cormalain, quando tropas inglesas abrigaram-se num celeiro. Nessa noite, os locais bloquearam a entrada e deitaram fogo na construção. As tropas foram sufocadas e morreram – evento que usei e que resultou (na história) na execução do jovem John Nightingale.

O filho do rei Edward, príncipe Edward de Woodstock, lutou aos 16 anos na vanguarda, na Batalha de Crécy. Tinha comandantes experientes ao lado, mas sua juventude, como para muitos dos homens nas fileiras, não representou impedimento algum à defesa agressiva de sua posição. Mais tarde, o menino ficaria conhecido como o Príncipe Negro, mas a alcunha só foi aparecer muitos séculos depois dos acontecimentos deste livro. As duas batalhas decisivas travadas contra os franceses, que deram prestígio aos ingleses, mais riqueza e território, foram as de Crécy e Poitier. Os arqueiros ingleses e galeses infligiram, sem dúvida, uma derrota muito maior sobre a nobreza francesa em Crécy do que em Azincourt, quase setenta anos depois. O campo de morte da Batalha de Crécy indica que o núcleo da cavalaria francesa enfrentou uma terrível tempestade de flechas que caíram a dezesseis mil por minuto – quase trezentas por segundo.

As mulheres da nobreza medieval tinham papéis claramente definidos a exercer, mas houve mulheres dignas de nota que suportaram o fardo de serem as cabeças de suas casas após terem os maridos mortos na guerra. Uma dessas mulheres fortes foi Blanche de Ponthieu, nobre de nascença, casada com Jean V, Conde de Harcourt. Os Harcourt jogavam um jogo perigoso. A família dividira-se entre os que apoiavam o rei francês e os que não. Registros históricos alegam que, após se recuperar dos ferimentos sofridos em Crécy, Jean envolveu-se num plano para matar, ou, pelo menos, substituir o rei.

O resultado dessa conspiração representa um divisor de águas para Thomas Blackstone no segundo livro da série, *The savage prince*.

Assim como o próprio Castelo d'Harcourt – para usar a forma francesa – tem um papel quase essencial em *Mestre da guerra*, coloco aqui um *link* com fotos que tirei durante minha viagem de pesquisa: <http://ven.so/masterofwarphotos>.

Romancistas históricos, em particular, dependem de muitos acadêmicos bondosos cuja pesquisa diligente e conhecimento permitem ao autor localizar seus personagens num cenário mais vívido do que seria possível do contrário. Adquiri (ou, como um mercenário, saqueei) muitos artigos históricos para este romance, mas retornei frequentemente para um trabalho bem informado e brilhante que cobre a Guerra dos Cem Anos, o *Trial by battle*, de Jonathan Sumption, e o volume que o acompanha, *Trial by fire*. É um trabalho de grande apelo e informação, e talvez o relato mais abrangente da guerra. *The road to*

Crécy, um livro mais recente, escrito por Marilyn Livingstone e Morgen Witzel, é uma leitura excelente e uma valorosa fonte de informação. Os autores listam mais nomes daqueles que lutaram na invasão, e o livro descreve as experiências diárias vividas pelo exército de Edward, desde a comida até a logística do armamento. A narrativa oferece um relato vívido e próximo do que aconteceu desde a pré-invasão até a Batalha de Crécy. Meu primeiro contato com o brilho e a coragem do rei Edward III ocorreu com *The perfect king*, de Ian Mortimer. O autor oferece um retrato maravilhoso de um dos maiores fundadores da Inglaterra. Há questões controversas, embora fascinantes, discutidas no livro dele, que não entraram no escopo da pesquisa feita para *Mestre da guerra*.

Para as armas pessoais de combate, e principalmente para determinar a origem da Espada do Lobo, voltei-me para Ewart Oakeshott e dois de seus livros: *A knight and his weapons* e, mais particularmente, *The sword in the age of chivalry* (edição revista). Para compreender a arma mais letal do campo de batalha – o arco de guerra usado pelos arqueiros ingleses e galeses –, havia muitos artigos disponíveis, mas o livro *Longbow – A social and military history*, do ator e escritor Robert Hardy, é provavelmente o trabalho definitivo sobre o assunto.

Procedimentos cirúrgicos medievais foram tirados de diversos artigos, sobretudo dos *Anais* da Royall College of Surgeons of England. A Grande Peste que acabou conhecida como a Peste Negra representa um estudo fascinante em si mesma, e posso recomendar aos leitores interessados ou pesquisadores que adquiram uma cópia de *The Black Death*, de Philip Ziegler.

Sempre que desviei do ponto de vista de algum especialista, foi por escolha, para poder contar a história do jeito que queria ou, às vezes, porque os próprios especialistas oferecem explicações divergentes sobre os eventos ocorridos.

David Gilman
Devonshire
2013

#Novo Século nas redes sociais

Conheça - www.novoseculo.com.br/

Leia - www.novoseculo.com.br/blog

Curta - /NovoSeculoEditora

Siga - @novoseculo

Assista - /EditoraNovoSeculo